Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Cruz e Sousa:

Artigos, textos, documentos, artigos, notas e poesias sobre

Organização e digitalização: Iraci Borszcz e Elisa Camillo
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

1 ÍNDICE DE DOCUMENTOS POR NÚMEROS.....

2 CÓPIAS DIGITALIZADAS .....

2.1 DOCUMENTOS RELACIONADOS A CRUZ E SOUSA .....

01 – Convite lançamento do livro Vozes Veladas: peças em 2 atos de Eglê Malheiros. 14 de dez. de 1995
02 – Cruz e Sousa. I Shakespeare. Museu / Arquivo da Poesia Manuscrita
03 – Gravuras / retratos de Cruz e Sousa
04 – Folder da semana Cruz e Sousa. 18 a 22 de maio de 1998. – LLV-CCE-UFSC
05 – Folder's do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura
06 – Convite – Painel Cruz e Sousa e Desterro de seu tempo – 20 de maio de 1998. IHG/SC
07 – Folder – Peça Vozes Veladas – 25/08/94
08 - Programação do centenário de morte de Cruz e Sousa, proposta da Comissão Estadual do Centenário.
09 – Centenário de Morte de Cruz e Sousa 1898-1998 – Ante-projeto de Realização.....

3 Índice por autor.....

4 ÌNDICE POR ANO .....

1 ÍNDICE DE DOCUMENTOS POR NÚMEROS

01a	MERTEN, Luiz Carlos. Um simbolista para o ano 2000. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.
01b	RABELLO, Ivone. A voz poética que desafina o coro. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.
01c	SILVA, Beatriz Coelho. Para família poesia não é prioridade. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.
01d	MOURA JR., João. Herdeiro de um céu vazio sem respostas. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2. D7.
02	NAME, Daniela. Drama simbolista. **O Globo**, 19 de mar. de 1998. Capa, Segundo Caderno
03	STEGEMAN, Carlos. Revelações do poeta simbolista. **Jornal do Brasil,** 01 de dez. de 1990. P.9
04	GOMES, Osmar. A cruz no nome e a noite. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. Capa - Anexo
04a	CRUZ e Sousa: Poeta de canto próprio, de amor a vida. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. C-7 Especial.
05	LIMA, Jeferson. Vida e morte sob o signo da miséria. **A Notícia,** 24 de nov. de 1997. Anexo
06	DAMIÃO, Carlos. Há cem anos, morria Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Cultura, p.15
07	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Sousa tem ambiguidades. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo.
08	GOMES, Osmar. Nenhum ensaio inscrito ao Prêmio Cruz e Souza. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo
09	Cruz e Sousa: Filho de escravos que se tornou o maior poeta catarinense. **A Notícia**, 15 de jan. de 1998. Especial, C-7,
10	DAMIÃO, Carlos, Cruz e Sousa, lembrança de um poeta de vanguarda. **O Estado,** Florianópolis, 21 e 22 de mar. de 1998. Magazine/Poesia
11	PIZA, Daniel. As ambivalências de Cruz e Sousa. **Gazeta Mercantil,** 14-15 mar. de 1998. Caderno da Gazeta Mercantil, p. 7, Cultura.
12	BACK, Sylvio. A luz preta. **Folha de São Paulo**. 15 DE MAR. DE 1998. Mais!/Poesia, P.11
13	ASCHER, Nelson. Tristeza do infinito. **Folha de São Paulo**, 15 de mar. de 1998. Mais!/Poesia, p.5
14	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **ANCapital,** Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades/Ricardinho Machado, p.5
15	CRUZ e Sousa. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. Encarte Especial
16	CRUZ e Sousa. [Encarte Especial sobre o Prêmio Cruz e Sousa, 1981].
17	CRUZ e Sousa revisitado. **Ô Catarina,** Florianópolis, set./out. 1997.
17a	MUZART, Zahidé Lupinacci. Um poeta do século XX. . **Ô Catarina,** Florianópolis, set./out. 1997. p.9.
18	CRUZ e Sousa. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998
18a	SECCHIN, Antônio Carlos. A Cruz do corpo em Cruz e Sousa. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.4
18b	MALHEIROS, Eglê. Lugar de poesia. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6.
18c	TELES, Gilberto Mendonça. Do polichinelo ao Arlequim: de Cruz e Sousa a Mário da Andrade. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.8.
18d	MUZART, Zahidé Lupinacci. O moleque, um pasquim do século XIX. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.14.
18e	ALVES, Uelinton Farias. Cruz e Sousa e a negritude. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.16.
18f	RAMOS, Claudio da Costa. Um negro, um catarinense. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr.

	1998. p.17. Boletim da Comissão Estadual do Centenário de Morte do Cruz e Sousa, n.4.
19	SOUZA, Silveira. Os sonetos da Noite. **Ô Catarina**, n.30, Florianópolis, jul./ago 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.5
20	MUZART, Zahidé Lupinacci. Resgates de Cruz e Sousa. **Ô Catarina,** n. 31, set/out. 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.7.
21	100 anos sem o poeta negro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Especial
22	O CENTENÁRIO do poeta transgressor. **Diário Catarinense**, memória, p. 4
22a	RAMOS, Sérgio da Costa. Cem anos de Escuridão: Cruz, o acrobata da dor. **Diário Catarinense**, memória, p. 4.
23	CRUZ e Sousa: 90 anos sem o gigante do simbolismo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de mar, de 1988. Número Especial.
24	REZENDE, Dorva. Homenagens ao poeta que marcou a história. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.
24a	REZENDE, Dorva. Blues e glória de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.
25	CRUZ e Sousa. Encarte da Academia de Comércio de Santa Catarina. 24 de dez. de 1961.
26	ESPECIAL Cruz e Sousa. **Boi de Mamão**. 1980. Encarte Especial
27	GRUPO DE PESQUISA TEATRO NOVO DAC/UFSC. Vozes Veladas: Cruz e Sousa, uma voz viva de Eglê Malheiros. Ficha técnica e programa da peça.
28	CENTENÁRIO de Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.
28a	D'EÇA. Othon. Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.
28b	CORREA, Nereu. Presença de Cruz e Souza. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.
28c	MIGUEL, Salim. O Fim. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.3
28d	MIGUEL, Salim. O pretinho da antiga Desterro. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.
29	CRUZ e Sousa teria hoje 137 anos. **O Estado**, 24 de nov. de 1998. Cultura
30	MUZART, Shaidé. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva**, n. 366, 13 de jun. de 1996.
31	SANTA Catarina promove romance com Prêmio Cruz e Souza. **Jornal de Brasília**, 6 de jun. de 1982. Jornal de Domingo.
32	COSTA, Cristiane. Surpresas de Cruz e Sousa. **Jornal do Brasil,** 13 de jan. de 1996.
33	CRUZ e Sousa: o louco da mortal loucura faz aniversário. **A Notícia**, 24 de nov. de 1998. Anexo
34	GRUPO de teatro relê vida e obra de Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.
35	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Cultura, p. 12.
36	CRUZ e Sousa. **Diário Catarinense,** Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Variedades, p. 7
37	A INTELECTUALIDADE rejeita o passado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 3 de set. de 1994. Diário de Cultura.
38	CRUZ e Sousa: peça inédita é mais uma homenagem a escritor. **A Notícia**, 16 de ago. de 1994. Variedades, p.29.
39	MENEZES, Cacau. Para Escolher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.
40	ÁLBUM de família. **O Cruzeiro**, 5 de nov. de 1995. Arquivos implacáveis de João Conde.
41	PRÊMIO. Diá**rio Catarinense**, Florianópolis, 5 de mar. de 1995. Visor
42	VOZES veladas. **O Estado**, 13 de dez. de 1995.

43	VOZES veladas. **O Estado**, 13 de dez. de 1995. Roteiro.
44	CRUZ e Sousa. **Diário Catarinense**, 14 de dez. de 1995. Variedades
45	EGLÊ Malheiros estreia a peça “Vozes Veladas”. **AN Capital**, 14 de dez. de 1995. Geral
46	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, 14 de dez. de 1995.
47	TIBURCIO Freitas
47a	ALVORDA da indústria
47b	SOUSA, Cruz. Cabellos e olhos. **A Fé:** órgão da Associação Irmão Joaquim. Florianópolis, 1908.
48	BARBOSA, Lydio. Cruz e Sousa, **Novidade,** 22 mar. [1905]
49	SOUZA, Cruz e. Na Romaria da Trindade. **Regeneração**, n. 122. 7 de jun. de 1887.
50	SOUZA, Cruz e. A Vida nas praias.
51	SOUZA, Cruz e. Entre Cypréstes (no dia de finados)
52	SOUZA, Cruz. A Saleta de floricultura.
53	GONZAGA, Sergius. O simbolismo brasileiro e a obra de Cruz e Sousa. **Zero Hora**, 05 de nov. de 1997.
54	GOMES, Osmar. Cruz e Sousa homenageado em todo Brasil. **AN Capital**, 31 de out. de 1997.
55	CEM anos sem Cruz e Sousa. **Fronte Cultural,** n. 02, abr. 1998.
56	TEIXEIRA, Ivan. Para uma leitura de Broquéis. 03 pag.
57	MACEDO, Dimas. Inéditos de Cruz e Souza. 02 pag.
58	CASTRO, Sílvio. **Cruz e Souza, poesia e centenário**. Rio de Janeiro: Associação Bras. Do Congresso Pela Liberdade da Cultura, 1961.
59	SOARES, Iaponan, CARDOZO, Flávio José, MUZART, Zahidé L. **Cruz e Sousa**. Florianópolis: FCC, 1991. (Escritores Catarinenses, n.3)
60	DOSSIÊ Cruz e Sousa: 100 anos. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, mar. de 1998.
60a	TEIXEIRA, Ivan. Metafísica do exílio. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.46-53, mar. de 1998.
60b	MIGUEL, Salim. O filho do Desterro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.54-55, mar. de 1998.
60c	RUFINONI, Simone Rossinetti. O Satã negro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.56-59, mar. de 1998.
60d	MUZART, Zahidé Lupinacci. Cruz e Sousa e a crítica. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.60-63, mar. de 1998.
61	IVO, Ledo. Sobre Cruz e Sousa. Conferência pronunciada no dia 14 de maio de 1998 na solenidade promovida pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o centenário de morte de Cruz e Sousa.

2 CÓPIAS DIGITALIZADAS

01 MERTEN, Luiz Carlos. Um simbolista para o ano 2000º. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.

01

O ESTADO DE S. PAULO

CULTURA

DOMINGO, 30 DE ABRIL DE 2000 - Nº 1018 - ANO 19

UM SIMBOLISTA PARA O ANO 2000

Cruz e Sousa revive neste fim de milênio, que faz enfim justiça a um dos mais extraordinários poetas não só do Brasil, mas de toda a língua portuguesa. Artífice desse culto é o cineasta Sylvio Back que já lançou no Rio e se prepara para lançar em São Paulo (dia 12) o belo 'Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro', resgatando esse personagem singular das letras do País

01b RABELLO, Ivone. A voz poética que desafina o coro. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.
01c SILVA, Beatriz Coelho. Para família poesia não é prioridade. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.

CRUZ E SOUSA

A voz poética que desafinava o coro

Incompreendido em seu tempo, escritor ousou desafiar a literatura que seguia padrões de inteligibilidade e decoro na tarefa da representação de nossa nacionalidade

IVONE DARÉ RABELLO
Especial

Reprodução

Maria Ceiça e Kadu Karneiro em cena do filme de Sylvio Back, sobre o artista que responde ao belo ornamental e harmônico da lírica brasileira com uma poética ímpar

Composta por temas sublimes em tom elevado e vocabulário rebuscado, a obra de Cruz e Sousa parece bastante afastada da sensibilidade contemporânea. As causas para o relativo desconhecimento de *Missal*, *Broquéis*, *Faróis*, *Evocações* e *Últimos Sonetos*, porém, não se limitam à pátina que recobriu sua linguagem, hoje mais obscurecida pelas marcas do tempo, ou à presumida distância histórica que nos separa dos fins do século 19.

Além disso, o principal fundamento de sua dificuldade consiste no fato de a obra alinhar-se a certa tradição da lírica moderna que ata o caráter enigmático da significação ao encantamento das sonoridades e do ritmo. Quase programaticamente, essa poesia deseja comunicar-se antes mesmo de ser compreendida, como dirá T.S. Eliot.

Enfrentados os vários obstáculos que muitos textos de Cruz e Sousa nos trazem, a força da obra surpreende, não apenas porque nos move a buscar significações que julgávamos restritas ao imaginário do passado ou porque reencontramos nela procedimentos modernos, como as deformações oníricas de imagens. Surpreende-nos por sua estranha atualidade. Guiado pela voz lírica do passado, que o relembra insistentemente daquilo que se esconde sob nossa modernidade de fachada, o leitor é trazido de volta a si mesmo e à sua história.

Exclusão – A obra, produzida nos decênios finais do século 19, desafinava do coro que exaltava a literatura segundo padrões de inteligibilidade, decoro e, sob certo ângulo, utilidade, na tarefa da representação de nossa nacionalidade. Nos tempos de República Nova, Cruz e Sousa ousou afrontar cânones e a resposta foi a recusa à sua dissonância. As imagens em associações analógicas, o desfile virtuosístico de sonoridades, a figuração de uma subjetividade atormentada pelo ideal da transcendência e pela recusa do público não encontraram ressonância efetiva. E, de certa forma, a história da recepção à sua obra confirma a exclusão que marcou a vida de João da Cruz e edificou suas vozes poéticas.

Incompreendidos em seu tempo, embora nunca abandonados de todo, os poemas e poemas em prosa de Cruz e Sousa sofreram diferentes inflexões de leitura, cuja tônica inicial, exterior à obra, acentuava a tragédia do artista. Apenas nos anos 40, principalmente com os estudos de Roger Bastide, a qualidade dos versos e sua grandeza única ganharam relativo reconhecimento, restrito ao ambiente acadêmico. Enquanto isso, para camadas mais amplas do público, Cruz e Sousa passava ao largo e se marcava apenas como o poeta negro e sofrido iniciador do simbolismo no Brasil. Recentemente, a obra tem recebido atenção da crítica, que a redescobre segundo critérios contemporâneos, e ressoa na sensibilidade de novos leitores.

Sem dúvida, hoje se pode incluir compreensivamente o conjunto desigual da obra de Cruz e Sousa e entender como nela se gravam as vicissitudes, históricas e pessoais, das condições em que foi produzida. A tentativa do poema em prosa empreendida em 1885, com *Tropos e Fantasia* (em co-autoria com Virgílio Várzea), e em 1893, com *Missal*, assinala a grandeza da ousadia e a dificuldade de inovar, sobretudo num gênero complexo cujo princípio duplo, de liberdade e de rigor, pretende formalizar na prosa o ritmo lírico da vida cosmopolita. A proposição, porém, não se realiza a não ser como imitação, e temos quase sempre páginas entediantes, ainda que patéticas.

SUA OBRA SURPREENDE PELA ESTRANHA ATUALIDADE

Mas, mesmo raros, surgem instantes de fulguração, como em *Umbra*, breve narrativa em que o sujeito contempla a escavação da Terra e entrevê alucinadamente os movimentos de vingança da natureza violada. Também nos versos, experimentados desde a primeira juventude, a busca do novo se mescla a procedimentos não totalmente decantados, como se pode ler em *Broquéis*. Neste livro, porém, já há resultados fecundos. O deliberado trabalho com a linguagem que quer diluir-se em musicalidade, bem como as imagens sem referência imediata constituem o centro de uma poética que dá representação a dilemas agudos. Ansiando o transcendente, figurado nos espaços etéreos, a voz lírica também trama a representação da tortura de não poder alcançá-los. Insurgindo-se contra o "torvo crocitar do mundo", a subjetividade deseja a Arte, vitória contra a morte, a contingência, a rejeição histórica. Nas tensões pode-se entrever um pêndulo infernal, entre ideal e queda, que, nesse sentido, aproxima Cruz e Sousa de Baudelaire. Em ambos, o lamento orgulhoso de ser proscrito por aqueles que o sujeito lírico despreza.

Escolhas radicais – A recepção dominantemente negativa a *Missal* e *Broquéis* produziu novas e mais radicais escolhas para aquele que talvez tivesse acreditado ser possível a carreira aberta ao talento, mesmo se destoasse das normas, e não apenas literárias. Até sua morte, Cruz e Sousa, idolatrado por pequeno grupo e negado pelos setores hegemônicos, produziu muito. É desse tempo sua obra mais significativa e mais afinada com nossos próprios impasses. Em *Faróis*, *Últimos Sonetos* (poemas), *Evocações* (poemas em prosa) e em poemas inacabados, editados anos após a morte do poeta, em meio a muitas irregularidades ainda ressoa com grandeza a poesia que volta as costas para a mera expressão dos sentimentos ou para a ourivesaria dos assuntos irrelevantes que grassavam no parnasianismo.

Munido com os instrumentos da alta cultura, que compreendia a seu modo, Cruz e Sousa responde ao belo ornamental e harmônico da lírica brasileira com uma poética ímpar em que conteúdos inquietos sedimentam-se na forma acabada. Sonhos do ideal e pesadelos de um mundo sinistro. Em *Luar de Lágrimas*, de *Faróis*, os dois movimentos do pêndulo se organizam num único poema: ao encontro paradisíaco sucede o terrível despertar em um mundo desértico. As imagens rigorosamente construídas deformam a realidade histórico-social que as fez nascer até torná-las irreconhecíveis e iluminam a voz que dá forma a anseios e horrores.

Com procedimentos técnicos inusitados no cenário cultural brasileiro do século 19, a obra fere a miragem do país moderno. Formaliza conflitos irresolvidos, na dinâmica social que exclui os indesejáveis, e nos símbolos de poetas e bêbados, negros e bárbaros, velhos e pobres faz desfilar a escória dos miseráveis. Aponta a reconciliação simbólica, nas imagens de sonhos em que "portas de ouro (...) se vão abrindo" (de *Supremo Verbo*), mas paralisa-se diante da terrível realidade de um mundo grotesco governado pela "sombra de Iago" que, rediviva, emerge do fundo das águas mortas e toma céus e terras (de *Pressago*). Na poética que sonha o inefável e encontra o nefasto, as imagens cifradas, em espiral sinistra, repõem o mundo histórico hostil e a subjetividade tornada estranha a si mesma.

Talvez seja essa grandeza que torna possível redescobrir Cruz e Sousa. No espelho do sujeito dilacerado, cujo repouso só pode se dar na forma obscura, é preciso buscar as forças históricas que, ali fixadas, certamente não desapareceram com a morte do poeta em 1898.

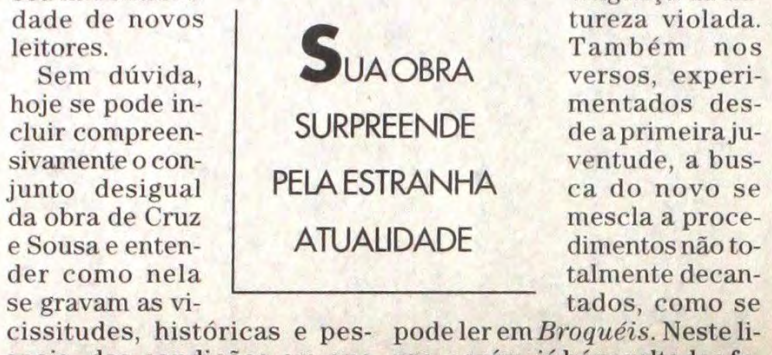
■ *Ivone Daré Rabello é professora doutora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP, autora de 'A Caminho do Encontro (estudo sobre 'Contos Novos', de Mário de Andrade) e 'Entre o Inefável e o Infando', sobre a lírica de Cruz e Sousa, ainda no prelo*

Para família, poesia não é prioridade

A luta pela sobrevivência é mais urgente para os 60 descendentes do poeta

BEATRIZ COELHO SILVA

Fábio Motta/AE



Dina, a bisneta que sobrevive com três salários mínimos

RIO – Os descendentes de João da Cruz e Sousa herdaram do poeta apenas o desencanto. São cerca de 60 pessoas, entre bisnetos, tetranetos e os filhos destes, ainda na primeira infância, que vivem espalhados por subúrbios da classe média baixa carioca, lutando para sobreviver no dia a dia. Dos quatro filhos de Cruz e Sousa, só o caçula, também chamado João, tem descendentes. Ele foi pai aos 15 anos e morreu aos 16. O órfão, Sílvio, casou-se com Erci, teve seis filhos, cinco mulheres e um homem, e morreu nos anos 50. Erci também morreu em 1998, aos 77 anos.

A atual matriarca da família Cruz e Sousa é Dina Tereza, bisneta mais velha do poeta, que vive numa casa pobre em Realengo, na zona este da cidade, com a sobrinha Emilene. Dina recebe uma pensão de três salários mínimos (R$ 408,00, sem os descontos) do governo de Santa Catarina e distribui entre os irmãos. "Quando chove, a vala aí em frente enche e a gente tem de correr para a casa de vizinhos", conta Dina Tereza. "Minha mãe construiu essa casa, mas morreu de desgosto por causa da falta de reconhecimento do avô de papai."

'NÃO SOBROU NADA PARA NÓS'

Até Sílvio, o pai de Dina, nenhum dos integrantes da família Cruz e Sousa conseguiu criar os filhos. O poeta morreu em 1889, quando o seu filho mais velho, Raul, tinha 4 anos e João, o mais novo, nem sequer era nascido. João também só viveu até o filho, Sílvio, pai de Dina Tereza, ter um ano e, depois disso, o menino foi criado por padrinhos ricos. "Meu pai era um homem reservado, triste, que tinha consciência do valor da obra do meu bisavô, mas sofria por não tê-lo conhecido e por ser criado por estranhos", lembra-se Dina. "Meus irmãos até desistiram de lutar por alguma coisa, pois já se entusiasmaram muito e não conseguiram nada."

Dos 60 descendentes, poucos ligam para a poesia porque a sobrevivência é mais urgente. "Eu até já gostei de fazer meus versos, mas há coisas mais prementes que preciso resolver", justifica Emilene, de 24 anos, desempregada e sem dinheiro para fazer o sonhado curso de informática que lhe daria chances no mercado de trabalho. "Geralmente, as pessoas tiram proveito de Cruz e Sousa, mas não fica nada para nós, que vivemos com essa pensão de Santa Catarina porque não temos mais nada."

Elas dizem, por exemplo, que nem sequer foram convidadas para a estréia do filme de Sílvio Bach, *O Poeta do Desterro*, e que nunca receberam um centavo pelas reedições das obras de Cruz e Sousa. "Dizem que já caíram no domínio público, mas os descendentes de gente importante, como Machado de Assis e outros escritores, na certa recebem os direitos", reclama Emilene, sem saber que, mais de cem anos após a morte do autor, a família não tem mais nenhum direito sobre a obra.

"Como temos esse sobrenome famoso, muita gente pensa que somos ricos, mas se fosse assim, nós não moraríamos nessa casa tão pobre e minha tia não precisaria enfrentar fila em hospital público."

No entanto, a família é unida. Os três salários mínimos da pensão dada nos anos 80 pelo então governador de Santa Catarina, Espiridião Amim, são distribuídos igualmente entre os seis irmãos ou para os mais necessitados. Quando podem, eles se reúnem, mas nunca foi possível juntar todo mundo. A maioria trabalha no mercado informal, sem carteira assinada e todos têm um sonho comum. "A gente vive dizendo e torcendo para conseguir algum dinheiro de nosso bisavô e aí vamos fazer uma grande festa, reunindo todo mundo", conclui Dina Tereza.

Escritos passaram por várias mãos até chegar a fundação

Casa de Ruy Barbosa abriga correspondência com intelectuais de sua época

RIO – O acervo deixado por João da Cruz e Sousa está guardado, em sua maior parte, na Fundação Casa de Ruy Barbosa, que tem ainda os arquivos pessoais de cerca de 70 escritores e literatos brasileiros, entre eles Pedro Nava e Vinícius de Morais. Mas há documentos que se perderam e cuja existência é posta em dúvida por quem estuda a obra do poeta. Um deles é Uelinton Farias Alves, que foi consultor do filme *O Poeta do Desterro*, e já publicou um livro sobre ele, tendo uma biografia pronta para o prelo.

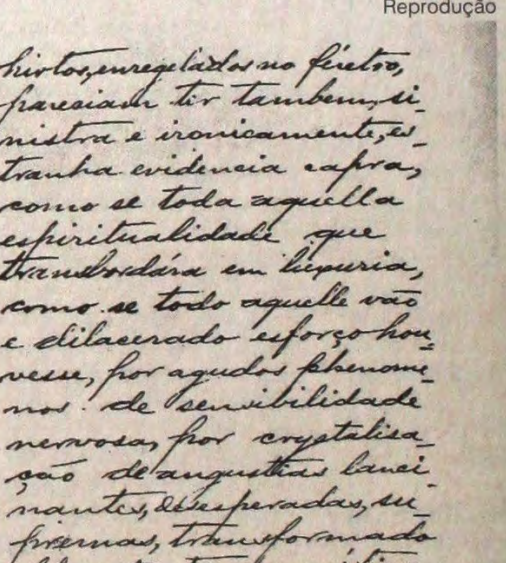
Cruz e Sousa escreveu muito, publicou pouco e trocou intensa correspondência com amigos, muitos dos quais o ajudavam até financeiramente. Por causa de sua vida atribulada, nem sempre pôde guardar tudo, embora soubesse seu lugar dentro da poesia brasileira. Quando ele morreu, em 1898, seus manuscritos foram guardados por Nestor Vítor, seu amigo e testamenteiro. Sua mulher, Gavita, sofria de problemas mentais e seus filhos eram pequenos. Desde então, os papéis passaram por várias mãos até serem entregues à fundação por Andrade Murici.

HERDEIROS FALAM DE BAÚ PERDIDO COM TRABALHOS

O arquivo já está catalogado e, apesar de pequeno, é esclarecedor. Nele estão cartas apaixonadas a Gavita, a correspondência com outros intelectuais da época, na qual ficam claros os reveses profissionais e artísticos do poeta (nunca devidamente reconhecido no meio literário do fim do século passado) e os manuscritos de alguns poemas importantes, como *Marche aux Flambeaux*. Os papéis estão organizados, mas ainda não foram duplicados para facilitar seu manuseio.

No entanto, seus descendentes sempre falam de um baú contendo outros documentos, que teria se perdido. Uelinton de Faria Alves, que conviveu bastante com Erci, viúva do único neto de Cruz e Sousa, Sílvio Cruz e Sousa, diz que ela sempre falava desses originais, mas nunca os mostrou. "Ela dizia que estavam num apartamento em Niterói e sempre me prometia levar lá", conta o pesquisador. "Só que ela morreu, ninguém sabe do apartamento e não há nenhum documento a respeito desse baú, que pode até não ter existido."

Reprodução



Manuscrito do poeta, tema de filme e de biografia, que escreveu muito e publicou pouco, por causa de sua vida atribulada, e continua mais comentado do que lido

Dina Tereza, bisneta de Cruz e Sousa, conta que guardava alguns papéis dele, mas numa das muitas enchentes que sua casa sofreu eles foram destruídos. Ela não sabe precisar quantos e quais eram esses documentos e tinha esperança de vendê-los a algum colecionador para resolver as necessidades imediatas dos muitos descendentes do poeta.

Até o centenário da morte de Cruz e Sousa havia poucas edições de seus livros e a mais conhecida era uma antologia de sonetos da coleção Nossos Clássicos, da Editora Agir. Depois disso, a editora Papalivro, de Santa Catarina, passou a publicar seus textos e estudos sobre sua obra e a Ediouro lançou *Broquéis* e *Faróis* na coleção Textos Poéticos e a Aguilhar publicou sua obra completa. No entanto, o grande poeta simbolista brasileiro continua mais falado do que lido. (**B.C.S.**)

01d MOURA JR., João. Herdeiro de um céu vazio sem respostas. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2. D7.

CRUZ E SOUSA

Herdeiro de um céu vazio e sem respostas

Embora fartamente publicada, falta uma análise de fôlego sobre o conjunto de sua obra

JOÃO MOURA JR.
Especial para o Estado

O centenário da publicação de *Missal* e *Broquéis*, os livros que introduziram o simbolismo no Brasil em 1893, seguido do centenário da morte do poeta, ocorrida em 1898, levaram estudiosos de Cruz e Sousa a desenterrar praticamente tudo o que o chamado Cisne Negro escreveu. A edição da Nova Aguilar da *Obra Completa* (1995), que retoma a edição de 1961 preparada por Andrade Muricy, mas acrescida de inúmeros textos pelo novo organizador, Alexei Bueno, é de fato uma das mais completas que existem de autor brasileiro. Ela acrescenta à edição de 1961 os vários inéditos em livro publicados ao longo das três edições da *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, de Raymundo Magalhães Júnior, até hoje a melhor biografia do poeta, e textos exumados por pesquisadores catarinenses como Iaponan Soares e Zahidé Lupinacci Muzart ou o carioca Ubiratan Machado.

Zelo – Pode-se discordar às vezes do zelo excessivo de Alexei Bueno, que o levou, por exemplo, a colocar reticências no final do segundo verso da quadra inicial de *Meu Filho*, de *Faróis*, destacando o adjunto adverbial do restante da oração:

Ah! quanto sentimento! ah! quanto sentimento!

Sob a guarda piedosa e muda das Esferas

Dorme, calmo, embalado pela voz do vento,

Frágil e pequenino e tenro como as heras.

Mas tais alterações, quando existem, vêm sempre consignadas em notas, e desse modo cabe ao leitor, se quiser, restituir mentalmente a forma original. Afinal, devemos ao zelo do organizador a correção de um erro que prejudica a leitura de um dos mais belos poemas de Cruz e Sousa, também de *Faróis*. Tal erro se infiltrou na edição de 1961 e vem se reproduzindo inclusive nas edições recentes do poema, como na *Poesia Completa* (1993), organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, ou na antologia *Melhores Poemas de Cruz e Sousa* (1997), organizada por Flávio Aguiar. Trata-se da inversão do primeiro e terceiro versos da segunda quadra de *Olhos do Sonho*:

Nunca tais olhos divisei acaso

Com meus olhos mortais, alucinados...

Nunca da terra neste leito raso

Outros olhos eu vi transfigurados.

Que é essa a leitura correta pode hoje ser facilmente comprovado graças à edição fac-similar de *Faróis* (1998), de responsabilidade de Ivan Teixeira. E esta é apenas uma das que reproduzem em fac-símile as primeiras edições de livros de Cruz e Sousa. Existem edições fac-similares de Julieta dos Santos (1990), obra escrita em parceria com Virgílio Várzea e Santos Lostada; de *Tropos e Fantasias* (1994), dobradinha com Virgílio Várzea; de *Broquéis* (1994) e de *Evocações* (1986). Ou seja, de todos os livros de Cruz e Sousa, publicados em vida ou postumamente, à exceção de *Missal* e *Últimos Sonetos*. Este tem, no entanto, desde 1988, uma excelente edição crítica preparada por Adriano da Gama Kury. Somem-se a isso os recém-publicados *Dispersos – Poesia e Prosa* (1998), escritos da fase catarinense do poeta garimpados por Iaponan Soares e Zilma Gesser Nunes, e se terá um corpus textual de fazer inveja à maioria dos autores brasileiros.

Comemorações – Já anteriormente às comemorações dos dois centenários, Iaponan Soares, em *Ao Redor de Cruz e Sousa* (1988), divulgou novas achegas biográficas, o que, juntamente com os textos desconhecidos vindos à luz nos últimos anos, torna necessária uma biografia atualizada do poeta, que venha a substituir o trabalho meritório de Magalhães Júnior. Quanto aos estudos da obra propriamente dita, ainda ficamos a aguardar a análise de fôlego que abarque o conjunto da sua produção.

As monografias em forma de livro sobre ele posteriores ao pioneiro *Cruz e Sousa* de Nestor Vítor, de 1899 – tirante o volume bem ruinzinho de Paulo Leminski surgido originalmente na coleção *Encanto Radical*, da Editora Brasiliense, e hoje incorporado ao póstumo *Vida* –, se resumem a duas obras dignas de nota, datando ambas de 50 anos mais ou menos: *À Margem do Estilo de Cruz e Sousa*, de Antônio de Pádua, opúsculo publicado em 1946, na gestão de Gustavo Capanema, pelo Serviço de Documentação do então Ministério da Educação e Saúde, e *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*, de Abelardo F. Montenegro, publicado em 1954 em Fortaleza, em edição do autor.

O levantamento estilístico efetuado por Antônio de Pádua foi incluído na íntegra na antologia *Cruz e Sousa* (1979), organizada por Afrânio Coutinho, que reúne praticamente tudo o que de bom e de nem tão bom se escreveu sobre o poeta, exceção feita aos capítulos de histórias da literatura. Fica de fora, por ter saído posteriormente (1997), o melhor ensaio recente, *A Noite de Cruz e Sousa*, de Davi Arrigucci Jr., que faz parte do volume *Outros Achados e Perdidos*.

Importância do olhar – Nesse ensaio, o crítico retoma a questão levantada por Roger Bastide da importância do olhar na obra do Cisne Negro e, a partir da análise detalhada de um único poema, o já citado *Olhos do Sonho*, mostra o quanto a poética da sugestão característica do simbolismo foi utilizada por ele não para se esquivar de uma realidade que veio se impôr de maneira bem palpável ao longo de uma vida repleta de atribulações, mas sim para adentrá-la pela exploração de um certo estranhamento do mundo que assume feições bem modernas. Um dos "casos" mais intrigantes da poesia brasileira, é sem dúvida paradoxal que não exista até hoje nenhum estudo mais amplo e problematizador de sua obra. Salvo engano, o ensaio citado de Davi Arrigucci Jr., e nisso está outro de seus méritos, é o primeiro a ler detidamente um de seus poemas.

Filho de uma ex-escrava e de um escravo que seria alforriado às vésperas da Guerra do Paraguai, João da Cruz e Sousa, que nasceu em 24 de novembro de 1861 na pacata ilha de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, chegou a ter uma infância tranqüila na chácara do dono de seu pai, o coronel Guilherme Xavier de Sousa, de quem adquiriu o sobrenome, como ocorria com freqüência. Com a morte deste e de sua mulher, que lhe ensinou as primeiras letras, tiveram início ainda na adolescência as dificuldades do futuro poeta, que os anos só fariam acentuar. Vivendo o período de transição em que se deu a abolição da escravatura e a proclamação da República, conheceu o preconceito racial ainda em Desterro, tendo militado e escrito poemas abolicionistas.

Depois de uma tentativa fracassada de viver no Rio de Janeiro em 1888-89, voltaria definitivamente à já então capital federal pouco mais de um ano após a proclamação da República, em dezembro de 1890, em pleno Encilhamento, período de grande inflação provocada pela triplicação da moeda em circulação e pela especulação desenfreada na Bolsa, cujos efeitos se farão sentir até a morte do poeta, em 19 de março de 1898, em Sítio, Minas Gerais, para onde fôra na busca infrutífera de um clima melhor para sua tuberculose.

Essa, em grandes traços, a biografia de Cruz e Sousa. Antes mesmo de travar conhecimento com a obra de Baudelaire, que introduziu o simbolismo na França (as *Flores do Mal* são de 1857), ele já desfilava pela provinciana Desterro o ar adandinado que conservaria sempre, mesmo nos períodos de maior penúria. Nisso também se assemelharia a seu futuro mestre, que andava pelas ruas de Paris com as calças "indecentes" de casimira que havia mandado fazer sob medida já gastas e os sapatos furados.

ELE CONHECEU O PRECONCEITO RACIAL

Um de seus amigos à época, Araújo Figueiredo, assim descreve o poeta: "Trajando um fato muito unido ao corpo, de cor clara e salpicos azuis e amarelos, eilo com uma rosa à lapela e a sua indispensável bengala de junco, dependurada à curva do braço esquerdo." Foi provavelmente enfatiotado desse jeito que conquistou o coração daquela que viria a ser a sua primeira noiva, Pêdra Antióquia da Silva, a quem dedicaria o poema Amor, jamais incluído em livro. A versalhada começava assim:

Amor, meu anjo, é sagrada chama

Que o peito inflama na voraz paixão.

Amo-te muito eu t'o juro ainda

Deidade linda que não tem senão.

Virgem formosa d'encantos bela,

Gentil donzela, meu amor é teu.

Vou consagrar-te mil afetos tantos

Puros e santos qual também Romeu!

As rimas entre o final de um decassílabo e o primeiro hemistíquio do seguinte, que os franceses chamam de batelées porque sugerem o vaivém compassado do remo, não escondem, antes acentuam os lugares comuns. A crítica é unânime em reconhecer o enorme salto dado – antes se deveria falar em evolução gradual, pois há uma melhora visível de livro para livro –, à custa de muito trabalho, do primeiro para o último Cruz e Sousa, sobretudo o dos póstumos *Faróis* e *Últimos Sonetos*, indistintos quanto à qualidade, embora bastante diversos entre si, inclusive formalmente (o primeiro contendo os grandes poemas longos, e o segundo inteiramente vazado na forma fixa, tão cara aos parnasianos, que lhe dá o título). Essas obras foram produzidas num período de agruras materiais como arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil e de intensa, e por isso mesmo espantosa, atividade intelectual.

Avesso às rodas literárias, antimundano por natureza, o poeta, já casado com sua companheira do resto da vida, Gavita – que passará, durante o casamento, por um período de loucura –, preferia se refugiar no lar, esse lar pintado com as cores idealizadas de uma tranqüila felicidade burguesa em alguns dos *Últimos Sonetos*.

Anticlericalismo – As obras publicadas por Cruz e Sousa até *Broquéis – Missal* inclusive – são de baixa qualidade. Julieta dos Santos (1883), a poliantéia escrita com os amigos Virgílio Várzea e Santos Lostada, é composta de poemas em homenagem à atriz mirim gaúcha em cuja companhia teatral o poeta viajou o país como secretário e ponto. O livro seguinte, *Tropos e Fantasias* (1885), em colaboração com Virgílio Várzea, é constituído de poemas em prosa, gênero inaugurado entre nós com as canções sem metro, de Raul Pompéia, que começaram a aparecer no *Jornal do Comércio*, de São Paulo, dois anos antes. Seu texto mais interessante talvez seja *O Padre*, em que o poeta desanca um padre escravocrata que vende "a Cristo como um quilo de carne verde no mercado".

Tanto o anticlericalismo quanto a imagem denotam a fonte naturalista em que bebia então Cruz e Sousa. Como é sabido, na França o realismo na prosa como que fora levado à exacerbação no naturalismo, enquanto que a um e outro correspondiam o parnasianismo em poesia. A essa profusão de ismos veio se juntar o decadentismo – ou decadismo, como então se dizia –, que tinha pontos em comum com o naturalismo e que era, de acordo com P. Martino, "a manifestação primeira do espírito simbolista". À época em que saía *Tropos e Fantasias*, o parnasiano Sully Prudohmme, que, em 1900, viria a um só tempo a inaugurar o Nobel de Literatura e a sua ampla cota de escritores medíocres, já começava a ser olhado de esguelha pelos simbolistas, que logo indigitariam o seu "pipi filosófico incolor".

Esses vários estilos, derivados de concepções diversas da literatura, que não apenas se sucediam no tempo mas eram muitas vezes contemporâneos, se acham presentes de uma forma ou de outra até no Cruz e Sousa propriamente simbolista, isto é, de *Missal* e *Broquéis* em diante. A busca do evanescente, da imagem obscura, da musicalidade, do neologismo ou do vocábulo precioso, típica do simbolismo, se mistura a temas românticos e decadentistas (o decadentismo podendo por sua vez ser visto como a exacerbação do lado patológico do romantismo) como o satanismo ou aquilo que Mario Praz chamou de "a beleza da Medusa", a atração exercida pelo monstruoso, o putrefato ou o simplesmente doentio.

Satã, o grande excluído, a quem é dedicado um dos poemas de *Broquéis*, dá as mãos à *Tuberculosa* do mesmo livro, reaparição da *Tísica* de *Missal*, avatar de uma linhagem de moribundas que vem dos românticos e passa por poetas como os portugueses Cesário Verde e Antonio Nobre, para ficarmos em autores sabidamente lidos por Cruz e Sousa. Quanto ao lado parnasiano, já diversas vezes acentuado, pode ser visto na sua preocupação com a forma e na preferência pelo soneto, que, à exceção dos poemas longos de *Faróis* e de uns poucos poemas de *Broquéis*, domina a sua obra poética.

Sensualidade – A certos excluídos ou estigmatizados que percorrem a sua obra, como os já citados *Satã* e a *Tísica*, ou o *Bêbado* de *Missal*, que ressurgirá na *Canção do Bêbado* de *Faróis*, ou ainda a personagem de *O Sonho do Idiota*, de *Evocações*, seu último livro de poemas em prosa, pronto para o prelo quando da sua morte, vêm se juntar as personagens emblemáticas a um só tempo do melancólico, do gauche e do artista, como o palliaço triste do célebre soneto *Acrobata da Dor*, de *Broquéis*. "Típico mito do século 19", como o denominou o historiador da arte Francis Haskell, ele adquiriu uma espécie de solo real na França de meados dos Oitocentos quando, como demonstrou outro historiador da arte, T. J. Clark, logo após a Revolução de 1848, foi decretada uma lei restringindo as apresentações dos saltimbancos, considerados potencialmente subversivos. Sofridos e miseráveis, eles surgiriam em seguida na série de óleos e aquarelas pintados por Daumier, e, na literatura, fariam sua aparição em páginas como *O Velho Saltimbanco*, de Baudelaire.

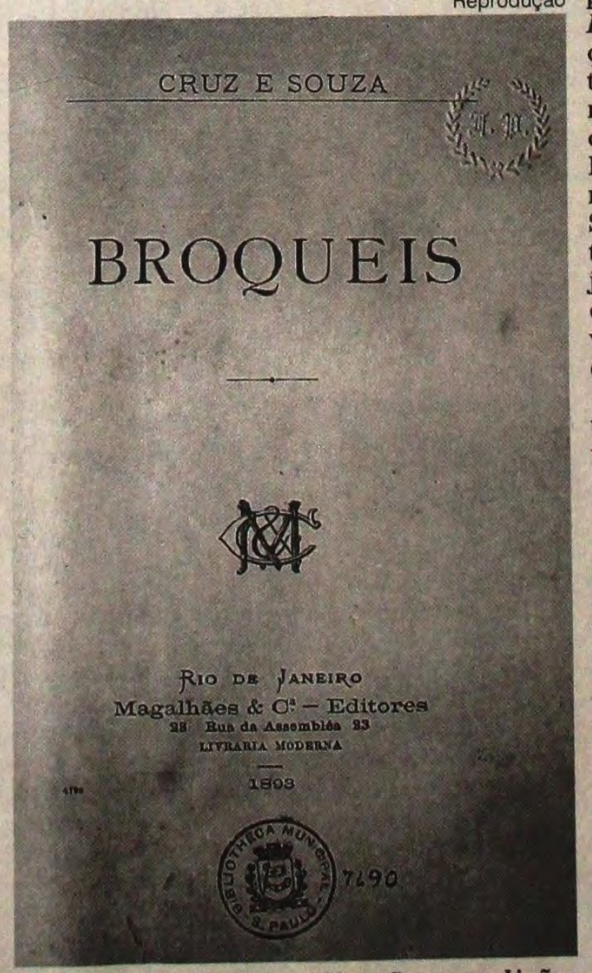
O interesse demonstrado por esses seres à parte, digamos assim, tem sem dúvida muito de auto-identificação, como deixa entrever o justamente famoso *O Emparedado*, texto dos mais reveladores do psiquismo do poeta, que fecha o póstumo *Evocações*. De Baudelaire, ou de certa leitura dele feita por alguns baudelairianos brasileiros do decênio de 1870 que, como mostrou Antonio Candido, acentuaram-lhe a componente erótica, talvez tenha derivado um dos traços característicos de Cruz e Sousa, a sensualidade, já assinalada desde Nestor Vítor. Outra característica, até certo ponto antitética a ela, é a melancolia, que levou o poeta, num dos *Últimos Sonetos*, a se dirigir ao tédio, na esteira do Gérard de Nerval de *El Desdichado*, como "o sol negro, o criador, o gêmeo/Velho irmão do meu sonho".

Essa melancolia o aproxima do pessimismo de um poeta seu contemporâneo, o parnasiano Raimundo Correia. Ambos herdeiros daquele céu pascaliano vazio e sem resposta, o "Céu estéril, absurdo, céu imoto" do poema *Sentimento Esquisito*, também de *Últimos Sonetos*, a Cruz e Sousa parece acenar com a redenção, no limiar da morte, uma certa mística da Alma, de que o Cristo, como afirma Carlos Dante de Moraes, está excluído. Uma idéia de salvação próxima da do budismo – invocado, aliás, em *Êxtase Búdico*, do mesmo livro –, segundo a qual, como escreve H. Oldenberg numa obra clássica sobre o Buda, "o homem se salva a si mesmo, uma fé sem Deus".

Reprodução

Reprodução

Reprodução



Capas de livros de Cruz e Sousa: centenário de morte estimulou publicações e reedições

02 NAME, Daniela. Drama simbolista. **O Globo**, 19 de mar. de 1998. Capa, Segundo Caderno

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1998

Cinema: *Fernanda Montenegro debate 'Central do Brasil' no GLOBO* • **3**

Teatro: *Festival leva a Curitiba a partir de hoje 58 espetáculos* • **10**

02

Márcia Foletto

ERCY (À ESQUERDA), Emilene (com livros e fotocópias dos poemas) e Dina Tereza Cruz e Sousa, herdeiras do poeta: dificuldades financeiras e vida precária na casa em Realengo

Drama simbolista

No centenário de morte de Cruz e Sousa, livro, peça e filme lembram sua vida trágica

Daniela Name

Há cem anos, apenas seis pessoas esperavam na Central do Brasil pelo trem que vinha de Minas Gerais. Num vagão de carga, dentro de um saco de estopa antes usado para embalar bacalhau, estava o corpo que seria enterrado no Cemitério do Caju. O poeta catarinense Cruz e Sousa — mais tarde comparado ao francês Mallarmé e considerado o maior dos simbolistas brasileiros — morrera aos 36 anos no dia 19 de março de 1898, de tuberculose, pobre e sem reconhecimento.

Em Florianópolis, o centenário de morte do autor de "Faróis" e "Broquéis" é lembrado com palestras e a peça "Vozes veladas", de Eglê Malheiros. O poeta também será homenageado por um CD com composições de Edino Krieger, o filme "Cruz e Sousa — O poeta do Desterro", de Sylvio Back, e a edição em fac-símile de "Faróis", organizada pelo ensaísta Ivan Teixeira.

— É impressionante como Cruz e Sousa conseguiu ter uma obra magnífica, tendo uma vida absolutamente trágica — acredita Eglê Malheiros, que na peça "Vozes veladas" narra o sofrimento do poeta negro com o preconceito racial e a luta contra a doença. — O que também choca é que a tragédia acompanhou seus herdeiros.

Em Realengo, Zona Oeste do Rio, a rotina de três herdeiras parece confirmar o que diz Eglê. Dona Ercy Cruz e Sousa, viúva de Silvio, neto do poeta, vive com a filha Dina Tereza e a neta Emilene numa casa de três cômodos e quintal.

O piso é um desafio ao equilíbrio: a casa é constantemente invadida pela chuva, que levou a terra embaixo dos tacos, deixando todos soltos. Nas paredes e no teto, lençóis escondem os buracos feitos pela enxurrada.

Mas o maior estrago aconteceu em 1988, quando uma enchente levou parte da memória da família: manuscritos e edições raras de Cruz e Sousa.

— Não deu para salvar nada — lamenta Emilene, de 22 anos, que hoje, por precaução, guarda os livros e fotocópias com poemas de Cruz e Sousa numa mala em cima do armário. *Continua na página 2*

DRAMA SIMBOLISTA • *Continuação da página 1*

Herdeiras dizem que racismo continua o mesmo

Na casa humilde na Zona Oeste do Rio, família do poeta sobrevive com uma pensão paga pelo Governo de Santa Catarina

Na sala, o rádio transmite um programa evangélico que fala de salvação. A estante, suspensa por tijolos para ser salva da chuva, não tem nenhum livro de Cruz e Sousa. A vida e a obra do poeta catarinense são nebulosas para as suas herdeiras.

— Nunca tinha lido nada dele até entrar no ginásio — conta a trineta Emilene. — Um dia tomei coragem e perguntei a um professor se podia me emprestar um livro de Cruz e Sousa. Fiquei assustada em ver como ele era angustiado. E tive a sensação de que já tinha sofrido com aquele preconceito e aquela pobreza.

Bisneta sofre ao ler os versos angustiados do antepassado

A tia da menina, Dina Tereza, conta que teve a mesma sensação ao ler os versos do bisavô.

— Uma vez me convidaram para participar de uma homenagem a ele e me pediram para ler um dos poemas em voz alta. Passei mal com aquela angústia toda e fui embora correndo — lembra ela, que trabalhou como empregada doméstica e hoje sonha em aplainar o quintal da casa em Realengo, totalmente destruído pela chuva, para poder aumentar a criação de patos e galinhas e plantar uma horta.

Se soubesse da angústia que sufocou a bisneta, Cruz e Sousa talvez comemorasse. Não por sadismo, mas por ver seus versos surtindo o efeito exato que ele imaginara. Filho de um pedreiro com uma ex-escrava, João Cruz e Sousa nasceu em 1861 em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. Estudou com dificuldade, mas aos 18 anos já publicava os primeiros versos em jornais. Em 1893, publicou "Broquéis", obra que é considerada a inauguração do simbolismo no Brasil.

Arquivo

CRUZ E SOUSA: preconceito racial barrava poeta nos bares de Santa Catarina

Mas os versos do livro de estréia ainda eram muito próximos do formalismo parnasiano. Vai ser "Faróis" (1900), livro representativo de sua segunda fase, que transformará o poeta negro no nome mais representativo do simbolismo nacional. Sua originalidade consistia em unir o pessimismo e a angústia típicas do simbolismo à temática abolicionista e a um cenário absolutamente nacional. E o poeta criava em condições adversas: o preconceito racial barrava negros nos bares de Santa Catarina, pontos de encontro dos poetas. Foi o mesmo preconceito que abortou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.

Mulher e filho do poeta morreram tuberculosos

Dona Ercy, viúva do neto do poeta, conta que o destino trágico perseguiria a mulher de Cruz e Sousa, Gavita, e o quarto filho, João, que também morreram tuberculosos. João era pai de Silvio, marido de dona Ercy que também morreu novo, aos 35 anos. Ex-cantora de teatro de revista, a matriarca dos herdeiros do poeta conta que a única renda da família vem do reconhecimento tardio do talento do poeta: o governo de Santa Catarina paga uma pensão para os descendentes.

— Graças a Deus o dinheiro existe, mas a gente vive muito no aperto — reclama.

A dificuldade financeira impede Emilene de sonhar com a carreira universitária. Ela terminou o Segundo Grau há dois anos, mas desistiu de fazer vestibular para Música ou Direito.

— Passar para uma faculdade pública é difícil e, mesmo se eu conseguisse, não teríamos dinheiro para manter passagens, lanches e livros — lamenta ela. ■

A palavra do negro que não conhecia o seu devido lugar

Sylvio Back filma a vida de Cruz e Sousa

Hugo Sukman

• Segundo o cineasta Sylvio Back, o poeta Cruz e Sousa é vítima no Brasil de "uma torpe mitologia".

— Negros e brancos o consideram, até hoje, um preto de alma branca — afirma o cineasta que, em um mês, começa a filmar em Florianópolis o docudrama "Cruz e Sousa — O poeta do Desterro", que estreará ainda este ano na TV Cultura. — Na verdade, ele era um preto que não conhecia o seu devido lugar. Filho de escravos alforriados, teve educação européia, era bonito, culto e conseguiu escapar do lugar reservado aos negros. Apesar de ele usar terminologias da cultura dita branca, ele nunca deixou de ser um poeta negro, o maior poeta negro da língua portuguesa.

Mesmo sendo um profundo conhecedor da obra de seu conterrâneo, Back garante que não vai teorizar.

— O filme vai acontecer numa vertente típica do docudrama: tem um misto de documentário, informações, com imagens de ficção que pretendem rastrear a poesia dele — diz Back. — Como o Cruz e Sousa teve uma vida que beirou o melodrama, quero desdramatizar a história e ficar exclusivamente na poesia. Quero que o espectador se espante e pergunte: "Quem é esse cara, quem é esse emparedado, até hoje não reconhecido nem pelos negros brasileiros? Quem é esse homem que, sendo um dos maiores poetas brasileiros, foi ostensivamente recusado pela Academia Brasileira de Letras nascente?

O filme tem o potencial polêmico de outros trabalhos seus, como "Rádio auriverde" (o Brasil na Segunda Guerra) e "Yndio do Brasil" (questão indígena). O diretor não escolheu o ator que viverá Cruz e Sousa, mas a mulher do poeta será Maria Ceiça.

— Preciso de um ator negro muito especial — diz.

03 STEGEMAN, Carlos. Revelações do poeta simbolista. **Jornal do Brasil,** 01 de dez. de 1990. P.9

03

Revelações do poeta simbolista

Poemas desconhecidos do simbolista Cruz e Souza serão publicados

CARLOS STEGEMAN

FLORIANÓPOLIS — Guardados numa caixa de papelão, desordenados e parcialmente deteriorados, centenas de sonetos, cartas e textos avulsos do poeta negro catarinense Cruz e Souza, maior expoente brasileiro do estilo simbolista, começam a ser recuperados para uma edição sobre o autor e dois de seus contemporâneos. Os originais, todos inéditos, estavam em poder de Isabel de Araújo Figueiredo, de 79 anos, filha de Araujo Figueiredo, que foi um dos maiores amigos e companheiro de poesias de Cruz e Souza e faleceu em 1927. Entregue ao jornalista e escritor carioca Uélinton Farias Alves, há quatro semanas, os originais serão organizados e identificados para a publicação de um livro pela Editora Papa-Livro, desta capital.

"O material tem grande valor histórico, pois representa o período inicial da obra de Cruz e Souza", explica Uélinton Farias, que há mais de dez anos estuda o trabalho do poeta catarinense e tem uma edição recente sobre o tema — *Reencontro Cruz e Souza* (Editora Papa-Livro). "Estes sonetos e textos de Cruz e Souza são de uma época em que o poeta ainda não tinha visão literária definida, são ensaios, mas já com traços de simbolismo", lembra Uélinton, acrescentando que no Desterro (antigo nome de Florianópolis), Cruz e Souza ainda era tímido, ele só soltou-se na metrópole, quando foi para o Rio de Janeiro". No Rio, Cruz e Souza escreveria *Broquéis*, considerado o maior expoente do simbolismo poético.

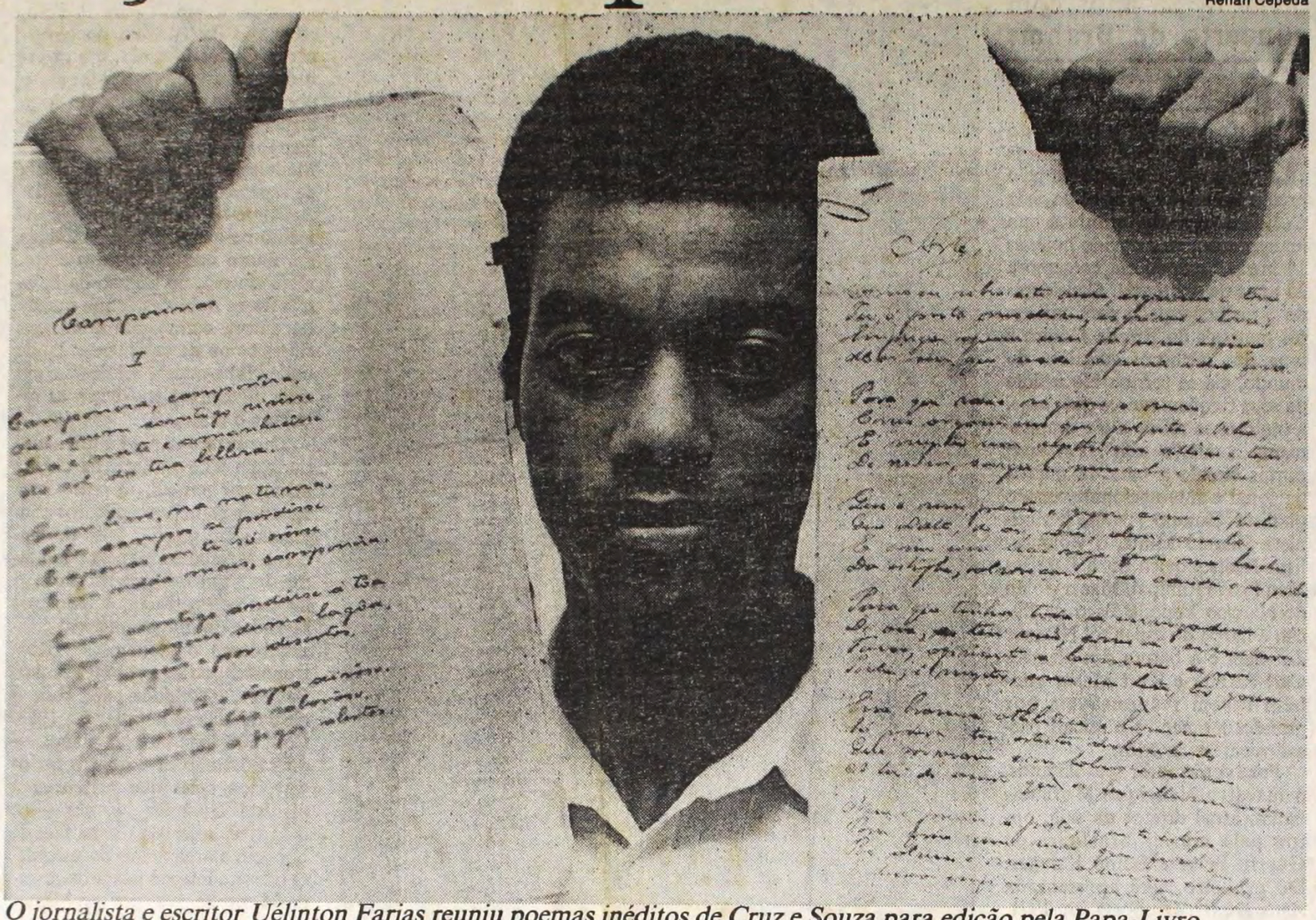
Cruz e Souza e Araújo Figueiredo eram amigos fiéis na juventude, e a poesia era o seu mais forte ponto de união. Ao lado de onde mora até hoje a filha Isabel, era a casa de Juvêncio de Araújo Figueiredo, muito conhecido pela sua vocação mediúnica e por suas curas espirituais. Monarquista, sofreu inúmeras perseguições após a Proclamação da República, fugindo diversas vezes como mulher ou mendigo. Alguns de seus amigos, como o juiz Joaquim Lopes de Oliveira, foram fuzilados pelo coronel Moreira César, a mando do presidente Floriano Peixoto. Com Cruz e Souza a amizade não tinha limites, segundo relato de Uélinton Farias.

Araújo Figueiredo não teve o prestígio 'pós-morte' de Cruz e Souza, e o jornalista carioca espera agora resgatar sua importância literária. "Meu pai foi esquecido, não lhe deram o valor merecido", queixa-se Isabel, que estende sua mágoa inclusive ao falecido governador catarinense, Pedro Ivo Campos, sobrinho neto de Araújo. "Nunca entreguei este material ao governo devido à ingratidão que tiveram com meu pai", completa. Chamado de *príncipe dos poetas catarinenses*, publicou dois livros em vida, *Madrigais...*(1888) e *Ascetérios* (1904), e deixou outros quatro inéditos.

Falecido em 1927, com 57 anos, Araújo Figueiredo trabalhou em diversos jornais de Florianópolis e colaborou com outros do Rio, entre eles *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias* e *Folha Popular*, apesar de ter cursado somente o primário. Influenciado por seu amigo, também foi abolicionista e militou num jornal desta linha, em Santa Catarina. No material que deixou, constam sonetos, cartas e textos avulsos de Cruz e Souza, e parte da obra inédita de Araújo Figueiredo, *No caminho do destino*, além de correspondências trocadas entre os dois, e cartas psicografadas, supostamente de Cruz e Souza para Araújo. *No caminho do destino*, segundo Uélinton, "procura fazer um resgate da memória perdida no tempo, e Araújo não fala só de si, mas rebusca sua vida literária no tempo de convivência poética com o colega negro."

De Cruz e Souza, o espólio que Isabel Figueiredo tinha revela parte considerável de livros que, de acordo com o jornalista, "ele prometeu publicar na juventude e que os biógrafos consideravam perdidos". São *Cirrus e nimbus* (versos), *Baladas e canções campesinas* (poemas e sonetos), *Notas modernas* (poemas) e *Coleiros e gaturanos* (poemas). Com exceção de *Notas modernas*, os restantes foram publicados em jornais da época. Ao todo, são mais de 100 textos inéditos de Cruz e Souza, muitos incompletos, explica Uélinton Farias Alves.

Renan Cepeda



O jornalista e escritor Uélinton Farias reuniu poemas inéditos de Cruz e Souza para edição pela Papa-Livro

Reprodução

O amigo Araújo Figueiredo

Florianópolis — Olivio Lamas

Isabel de Araújo Figueiredo

Reprodução

O simbolista Cruz e Souza

Metáforas e símbolos de um movimento

PARA os poetas simbolistas, esse fenômeno misterioso e inexplicável que é a vida, só podia ser representado de forma vaga, imprecisa, obscura. O mundo real se diluía na paisagem interior de que se falava numa linguagem ornada e com palavras escolhidas pela sonoridade, ritmo e colorido. "Em lugar da expressão direta, o Simbolismo usava processos indiretos, associações de idéias, representadas por feixes de metáfora e símbolos", analisou Leonídio Ribeiro, em *A literatura no Brasil*. O movimento simbolista chegou ao Brasil, na última década do século passado. Veio diretamente da França, onde se instalara em 1886 com o manifesto de Moréas e com a cumplicidade dos poetas Verlaine, Rimbaud e Mallarmé. Em 1891, a *Folha Popular* publicou um manifesto convocando os principais cultores dessas novas idéias estéticas. Mas o marco definitivo do Simbolismo brasileiro foram os versos de *Broquéis* do poeta Cruz e Sousa, que se rebelavam contra a sintaxe tradicional portuguesa (em Portugal, o movimento eclodira a partir de 1890) e coroavam as conquistas estilísticas da poesia francesa.

No Brasil, a índole idealista do Simbolismo colocou seus seguidores debaixo do fogo cruzado e da hostilidade da ideologia positivista e realista, dominantes no país desde 1870. O prestígio do Parnasianismo era tanto que marginalizou os simbolistas, chamados pejorativamente por seus opositores de nefebilatas — aquele que anda nas nuvens e que despreza os processos simples. Mas isso não impediu que essa poesia que procurava escapar da realidade, isolando-se entre as paredes do ego e das impressões íntimas tivesse seus seguidores. O movimento simbolista não só deu origem aos *penumbrismo* e *dandismo* como inspirou geração de poetas posteriores. (*Cleusa Maria*)

Poema inédito

Cantiga da miséria

Que fundas trevas pesadas
Por esta noite sombria...
Que mágoas pelas estradas,
Virgem Maria!

Que tristes cousas soturnas,
Que noite, igual ao meu dia,
Que atroz lamento nas furnas,
Virgem Maria!

Que longas ansiedades
E que profunda agonia,
Que amarguradas saudades,
Virgem Maria!

Que sombras, que pesadelos
De tumba sinistra e fria,
Que suor nos meus cabelos,
Virgem Maria!

Que angustiosa e comprida
A luta que me asfixia,
Que negra vida sem vida,
Virgem Maria!

Cirrus e nimbus, 1885

04 GOMES, Osmar. A cruz no nome e a noite. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. Capa - Anexo

HIRIO SEGUROS
A GARANTIA DE UM BOM SEGURO
Fone/Fax:425-2620

A cruz no nome e a noite na epiderme

Filho de escravos, Cruz e Sousa enfrentou a miséria, o preconceito e a crítica, que o chamava de "negrinho mau rimador" e que não alcançaria o sucesso porque "tinha a cruz no nome e a noite na epiderme". Mas ele conseguiu ser o principal escritor do simbolismo brasileiro

Há 100 anos morria o catarinense Cruz e Sousa

TELEFOTO AE/MÁRCIA FULETO

LEITO FINAL
Detalhe do túmulo de Cruz e Sousa no Rio de Janeiro

REPRODUÇÃO

HOMENAGEM A CRUZ E SOUSA
Obra de Tércio da Gama, da série "Ilha dos Meus Amores", em exposição no Espaço Cultural Fernando Beck/Badesc, em Florianópolis

OSMAR GOMES

Florianópolis — Um paradoxo marca o centenário de morte do poeta catarinense Cruz e Sousa (1861-1898), lembrado hoje em todo o País. Se por um lado a poética do artífice dos versos musicais interessa cada vez mais aos especialistas em literatura universal e seus poemas são traduzidos para o francês e chinês, por exemplo, por outro o povo da cidade onde nasceu parece dar as costas para seu passado trágico e glorioso. Nem mesmo os moradores da rua "Cruz de Souza", grafada erroneamente pela Prefeitura de Florianópolis, conhecem a história do homem que trouxe às letras nacionais o estilo simbolista com o livro "Broquéis", em 1893, um ano antes da República floriana ser instalada com os princípios de ordem e progresso na cabeça.

Embora a cidade homenageie o poeta com uma rua no morro, uma avenida no lado continental da Capital, um busto na praça 15 de Novembro e nome do palácio centenário que foi sede do governo do Estado, hoje começa uma batalha maior para os intelectuais catarinenses. Será realizada na Academia Catarinense de Letras, às 19 horas, uma sessão solene que dá início a vasta programação a ser cumprida durante o ano inteiro. O maior objetivo é entoar o nome Cruz e Sousa em todas as notas para todas as direções.

O poeta enterrado no cemitério do Caju, Rio de Janeiro, após morrer tuberculoso em Sítio, Minas Gerais, será lembrado em eventos programados por diversos espaços culturais do Brasil. Também foram planejadas por algumas secretarias de Cultura reedições de obras e críticas referentes a sua poesia, de acordo com o presidente da Comissão Estadual do Centenário de Cruz e Sousa, o escritor Iaponan Soares. Hoje, no Senado, também acontece uma sessão solene.

LANÇAMENTOS

Alguns exemplos de livros programados são "Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista Brasileiro", do cearense Abelardo Montenegro; "Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul", do gaúcho E. Rodrigues Till; "Fretana", que conta a história da geração de poetas conterrâneos de Cruz e Sousa, escrito por Carlos de Fernandes; além de uma pesquisa do maranhense Jomar Moraes a respeito da importância do poeta no Norte e Nordeste do País.

Mas nem tudo saiu conforme o combinado. Desde o ano passado estava previsto para hoje um recital de piano acompanhado por leitura dramática de poemas, no teatro Ademir Rosa (Centro Integrado de Cultura). Foram convidados o ator Paulo Autran e o pianista Arthur Moreira Lima. O projeto morreu na praia.

Um fato diminui o impacto da frustração, no entanto. Cruz e Sousa, influenciado marcadamente por Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe (a quem dedicou epígrafes no livro "Faróis", publicado postumamente), também não conseguiu realizar todos seus planos. A professora de Literatura especialista em sua obra, Zahidé Muzart, por exemplo, observa que "Cambiantes", um dos livros anunciados pelo até então poeta romântico no jornal "O Moleque", ficou guardado para sempre apenas na memória dele.

Em homenagem a Cruz e Sousa, o jornal **A Notícia** publica hoje um caderno especial de 12 páginas, resultado de ampla pesquisa de uma equipe de jornalistas, realizada desde setembro do ano passado.

♦ **Leia mais sobre Cruz e Sousa na página C-3**

Algo incomum com Cruz e Sousa

ALCIDES BUSS

Auri-verde Desterro,
alvi-negra ilusão:
cem anos entre nós
se vão!

Negro, tu. Branco, eu.
Crivado de marfins
e loiras sentinelas;
serafins clonando,
de mazelas trespassado.

Eu e tu, avesso
e desavesso. Sina, cisma.
Ocaso. Acaso
— mas a única alma
ferida de sonhar,
exaurida nos lampejos,
esta alma refazendo-se...

Cem anos ali e agora
aqui, a arca dos sentidos
entreaberta, paixões servis
e o suspiro da manhã.

Rarefeito na página
teimosa, a ti me dou
na dor desfeita. E
na lâmina vindoura
que aflora, recobras
um riso, ora teu, ora meu.

Os mímicos em cena
soletram no corpo
palavras complacentes
— que tudo que se diga
carece ainda de certezas
e silêncios.

COM ESTE ANÚNCIO VOCÊ LIMPA O OUVIDO, ESCOVA OS DENTES E DORME MELHOR.

Cotonete Johnson & Johnson Caixa c/75 unid. R$ 1,21
Protector Johnson Leve c/12 unid. R$ 1,46
Creme Dental Sorriso Branco 90g R$ 0,83

Agora com mais uma loja em Joinville, no Bairro Vila Nova.

DROGARIA Catarinense

✓Reuniões
✓Coquetéis
✓Seminários

Consulte o depto. de eventos.

HOTEL TANNENHOF

04a CRUZ e Sousa: Poeta de canto próprio, de amor a vida. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. C-7 Especial.

Cruz e Sousa

Poeta de canto próprio, de amor à vida

Na passagem dos cem anos da morte de Cruz e Sousa, neste dia 19 de março, transcrevemos texto publicado no jornal "O Estado de S. Paulo", no último sábado, de autoria de Ivan Teixeira, professor-doutor no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e também organizador da edição em fac-símile de "Faróis".

Sob o título "Cruz e Sousa criou canto próprio, que remete à vida", o crítico paulista analisa, sob o prisma da atualidade, a produção poética do que é considerado o maior catarinense de todos os tempos.

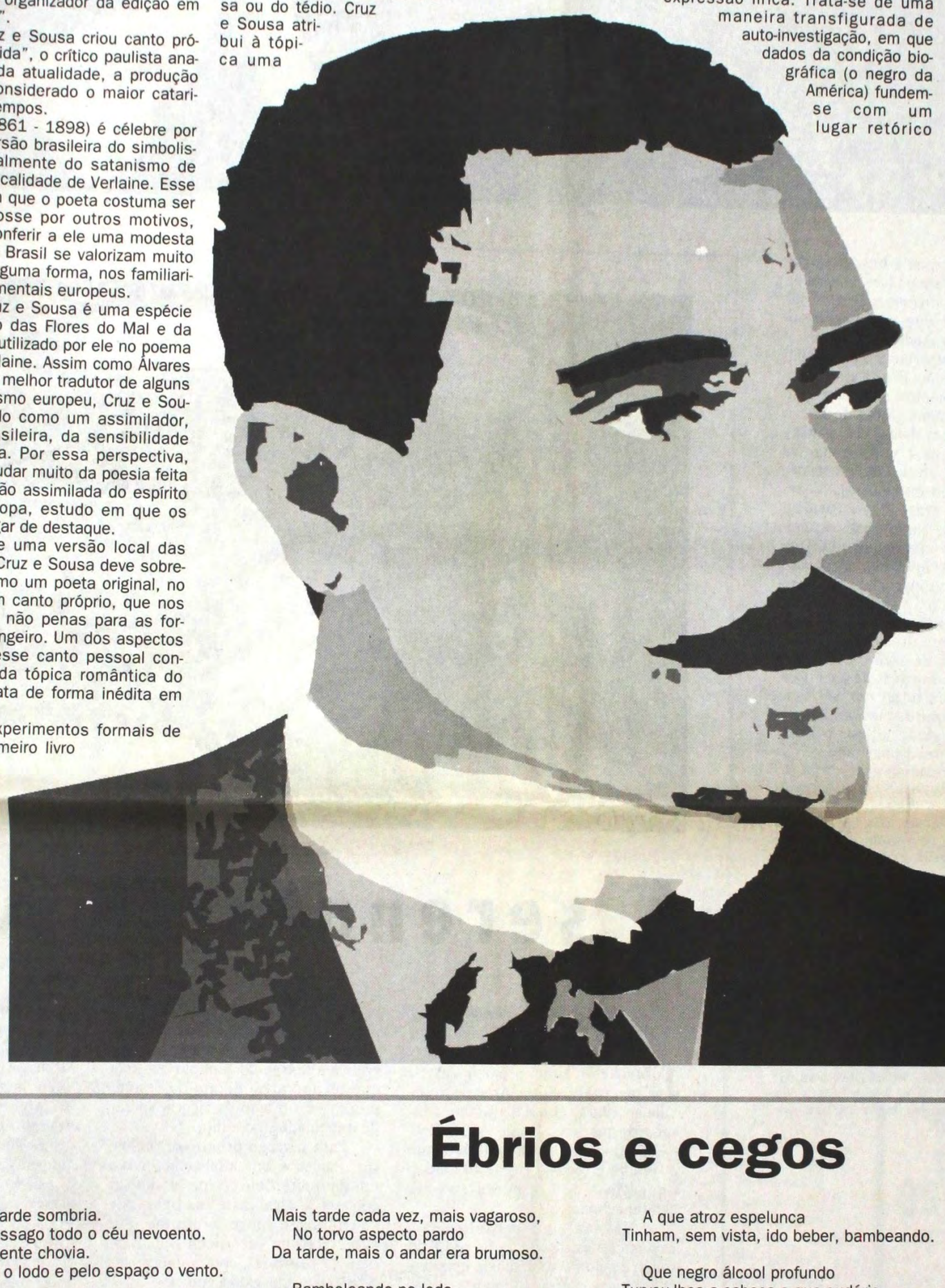
"Cruz e Sousa (1861 - 1898) é célebre por haver criado uma versão brasileira do simbolismo francês, especialmente do satanismo de Baudelaire e da musicalidade de Verlaine. Esse é o lugar-comum com que o poeta costuma ser apresentado. Não fosse por outros motivos, este bastaria para conferir a ele uma modesta imortalidade, pois no Brasil se valorizam muito os artistas que, de alguma forma, nos familiarizam com os hábitos mentais europeus.

Nesse sentido, Cruz e Sousa é uma espécie de tradutor intrínseco das Flores do Mal e da melopéia – vocábulo utilizado por ele no poema Monja Negra – de Verlaine. Assim como Álvares de Azevedo é o nosso melhor tradutor de alguns aspectos do Romantismo europeu, Cruz e Sousa pode ser entendido como um assimilador, com suposta voz brasileira, da sensibilidade decadentista francesa. Por essa perspectiva, talvez se pudesse estudar muito da poesia feita no Brasil como tradução assimilada do espírito e das formas da Europa, estudo em que os modernistas teriam lugar de destaque.

Mas, para além de uma versão local das novidades européias, Cruz e Sousa deve sobretudo ser apreciado como um poeta original, no sentido de inventar um canto próprio, que nos remete para a vida, e não penas para as formas literárias do estrangeiro. Um dos aspectos mais interessantes desse canto pessoal consiste na apropriação da tópica romântica do sofrimento, que ele trata de forma inédita em nossa tradição lírica.

Alquimista – Os experimentos formais de Broquéis (1893), o primeiro livro simbolista brasileiro, possuem um encanto especial, e é provável que o poeta tenha recuperado a força verbal desse seu primeiro livro. Mas é em Faróis (1900) que a tópica do sofrimento assume a condição de motivo central, embora seja retomada, já sem a mesma intensidade, nos Últimos Sonetos (1905). Num dos poemas em prosa de Evocações (1898), o autor define o poeta como um "alquimista da dor", imagem que fundamenta sua insistência na investigação do motivo do sofrimento.

Os românticos identificavam a dor como decorrência da solidão amorosa ou do tédio. Cruz e Sousa atribui à tópica uma dimensão metafísica, rigorosamente nova no discurso lírico brasileiro. Em que consiste a metafísica de Cruz e Sousa? Consiste principalmente em atribuir densidade existencial ao tema da dor, abordado como forma visceral de expressão lírica. Trata-se de uma maneira transfigurada de auto-investigação, em que dados da condição biográfica (o negro da América) fundem-se com um lugar retórico consagrado pela vanguarda européia de então (o artista como um decaído).



Assim, partindo da condição pessoal, o poeta atribuiu naturalidade à tópica do poeta maldito, que vê na dor uma espécie de sublimação ou instrumento para a contemplação de verdades essenciais, encarnadas nas estrelas e nos desvãos misteriosos da luz e da noite. Uma das melhores expressões da metafísica do sofrimento em Cruz e Sousa acha-se em Luar de Lágrimas (Faróis). Nesse poema, a persona lírica, dotada de impulso volátil, viaja aos espaços intermináveis do paraíso em busca dos entes queridos que perdera.

Depois de contemplar a luz e os querubins, só encontra dor e angústia naqueles que supunha banhados pela graça. Aí, como em Monja Negra, o poeta compõe um discurso em que o ser se converte numa espécie de feixe de ondas abstratas de padecimento e limitação, efeito obtido graças ao acúmulo de imagens sonoras e cromáticas, associadas à enumeração exaustiva de prismas variados da mesma impressão.

Trata-se de uma concepção algo surrealista do discurso poético, em que as formas objetivas do mundo exterior cedem lugar à projeção dos fantasmas deformantes da poderosa imaginação verbal do poeta. Outra soberba manifestação da metafísica do sofrimento encontra-se em Meu Filho (Faróis), poema que assume a forma de uma espécie de cantiga (desencantada) de ninar: enquanto o filho dorme, o pai antevê em sussurro noturno o futuro de desenganos e privações da criança: "Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono, a dor, a eterna dor, agitando o seu cetro!".

Se os pressupostos do presente texto estiverem corretos, a leitura desses poemas e de outros, sobretudo os de Faróis e Últimos Sonetos, talvez forneça a hipótese de uma nova categoria na poesia de Cruz e Sousa, a da dimensão metafísica, entendida, em síntese, como uma elevada concentração de significado poético na investigação existencial do indivíduo. Do ponto de vista exterior, essa perspectiva atribui ao poeta um lugar privilegiado na literatura brasileira, realçando uma vez mais a importância do negro na formação dos valores brasileiros.

Mulatos, esses são quase maioria em nossa expressão literária, de Machado de Assis e Lima Barreto a Mário de Andrade. Negro puro, só Cruz e Sousa. Ainda segundo um prisma extrínseco ao valor de sua poesia, talvez o sofrido poeta pudesse servir de estímulo e conforto aos ativistas negros, que poderiam, com dignidade e justiça, realçar nele a importância e a força (não apenas física) de sua etnia na formação intelectual do País".

Ébrios e cegos

Fim de tarde sombria.
Torvo e pressago todo o céu nevoento.
Densamente chovia.
Na estrada o lodo e pelo espaço o vento.

Monótonos gemidos
Do vento, mornos, lânguidos, sensíveis:
Plangentes ais perdidos
De solitários seres invisíveis...

Dois secretos mendigos
Vinham, bambos, os dois, de braço dado,
Como estranhos amigos
Que se houvessem nos tempos encontrado.

Parecia que a bruma
Crepuscular os envolvia, absortos
Numa visão, nalguma
Visão fatal de vivos ou de mortos.

E de ambos o andar lasso
Tinha talvez algum sonambulismo,
Como através do espaço
Duas sombras volteando num abismo.

Era tateante, vago
De ambos o andar, aquele andar tateante
De ondulação de lago,
Tardo, arrastado, trêmulo, oscilante.

E tardo, lento, tardo,
Mais tarde cada vez, mais vagaroso,
No torvo aspecto pardo
Da tarde, mais o andar era brumoso.

Bamboleando no lodo,
Como que juntos resvalando aéreos,
Todo o mistério, todo
Se desvendava desses dois mistérios:

Ambos ébrios e cegos,
No caos da embriaguez e da cegueira,
Vinham cruzando pegos
De braço dado, a sua vida inteira.

Ninguém diria, entanto,
O sentimento trágico, tremendo,
A convulsão de pranto
Que aquelas almas iam turvescendo.

Ninguém sabia, certos,
Quantos os desesperos mais agudos
Dos mendigos desertos,
Ébrios e cegos, caminhando mudos.

Ninguém lembrava as ânsias
Daqueles dois estados meio gêmeos,
Presos nas inconstâncias
De sofrimentos quase que boêmios.

Ninguém diria nunca,
Ébrios e cegos, todos dois tateando,
A que atroz espelunca
Tinham, sem vista, ido beber, bambeando.

Que negro álcool profundo
Turvou-lhes a cabeça e que sudário
Mais pesado que o mundo
Pôs-lhes nos olhos tal horror mortuário.

E em tudo, em tudo aquilo,
Naqueles sentimentos tão estranhos,
De tamanho sigilo,
Como esses entes vis eram tamanhos!

Que tão fundas cavernas,
Aquelas duas dores enjaularam,
Miseráveis e eternas
Nos horríveis destinos que as geraram.

Que medonho mar largo,
Sem lei, sem rumo, sem visão, sem norte,
Que absurdo tédio amargo
De almas que apostam duelar com a morte!

Nas suas naturezas,
Entre si tão opostas, tão diversas,
Monstruosas grandezas
Medravam, já unidas, já dispersas.

Onde a noite acabava
Da cegueira feral de atros espasmos,
A embriaguez começava
Rasgada de ridículos sarcasmos.

E bêbadas, sem vista,
Na mais que trovejante tempestade,
Caminhando à conquista
Do desdém das esmolas sem piedade,

Lá iam, juntas, bambas,
– acorrentadas convulsões atrozes –,
Ambas as vidas, ambas
Já meio alucinadas e ferozes.

E entre a chuva e entre a lama
E soluços e lágrimas secretas,
Presas na mesma trama,
Turvas, flutuavam, trêmulas, inquietas.

Mas ah! torpe matéria!
Se as atritassem, como pedras brutas,
Que chispas de miséria
Romperiam de tais almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,
Tão terrível, tão trágica, tão triste,
Os sentidos subleva,
Cava outro horror, fora do horror que existe.

Pois no sinistro sonho
Da embriaguez e da cegueira enorme,
Erguia-se, medonho,
Da loucura o fantasma desconforme.

Cruz e Sousa

PROJETO CULTURA VIVA
PRESERVANDO OS VALORES CULTURAIS DE NOSSA GENTE.

05 LIMA, Jeferson. Vida e morte sob o signo da miséria. **A Notícia,** 24 de nov. de 1997. Anexo

Vida e morte sob o signo da miséria

Calendário marca hoje aniversário de Cruz e Sousa, o maior poeta simbolista da língua portuguesa

JEFERSON LIMA

Hoje é aniversário do nascimento de João da Cruz e Sousa. Cruz & Sousa, assim como ficou conhecido no mundo o maior poeta simbolista da língua portuguesa. O negro João era de uma inteligência e sensibilidade indescritíveis. Nasceu na pobreza, filho de escravos, e morreu mais pobre ainda. Sua maior riqueza foi uma poética revolucionária que sensibilizou os modernistas do começo do século.

Cruz nasceu em 24 de novembro de 1861 quando a capital era Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. Filho da crioula liberta Carolina Eva da Conceição e do pedreiro e escravo Guilherme de Souza, mais tarde também alforriado pelo coronel Guilherme Xavier de Souza, Cruz teve um único irmão, Norberto. Juntos freqüentaram o Ateneu Provincial. Sobre Norberto pouco ou quase nada se sabe. Segundo o escritor Iaponan Soares, o destino seguido por Norberto é um mistério.

A própria vida de Cruz foi desdobrada sob o signo da miséria, da doença e da morte prematura. Gavita Rosa Gonçalves, grande paixão de Cruz, com quem se casou em novembro de 1893, morreu louca. Com ela teve quatro filhos, Raul, Guilherme, Rinaldo e João. Gavita ainda amamentava o segundo filho, em março de 1896, quando veio a demência, escreve o crítico de literatura, Lauro Junkes. Em 1897, nasceu o terceiro filho. O poeta sentiu-se tuberculoso e assistiu a morte de dois filhos, enquanto lutava desesperadamente contra a doença e a pobreza.

Em 1898, sem conseguir mais trabalhar, foi aconselhado pelo médico a procurar um lugar mais saudável para morar, mas não resiste à tuberculose e morre em 19 de março de 1898, em Sítio, Minas Gerais. No mesmo ano, morre o terceiro filho e nasce seu filho póstumo, João da Cruz e Sousa Júnior. João é então o único descendente de Cruz, mas morre em 1915, aos 17 anos. Entretanto deixa grávida Francelina, da qual nasce Sílvio Cruz e Sousa, neto do poeta que dá origem a toda sua descendência. Erci, 75 anos, mulher do falecido Sílvio, vive hoje em Realengo, no Rio de Janeiro, com dois filhos, seis bisnetos, e mais de 30 tataranetos. Ela mora numa casa modesta e recebe desde 1950 uma pensão do Estado de Santa Catarina.

AYRTON CRUZ

Dôr e asco d'essa salsugem de raça entre as salsugens das outras raças. Dôr e asco d'essa raça da noite, nocturnamente amortalhada, d'onde eu vim atravéz do mysterio da cellula, longinquamente, jogado para a vida na inconsciencia geradora do óvulo, comó um segredo ou uma reliquia de barbaros escondida n'uma furna ou n'um subterraneo, entre florestas virgens, nas margens de um rio funesto...

Dôr e asco d'esse apodrecido e lethal paúl de raça que deu-me este luxurioso orgão nasal que respira com anciedade todos os aromas profundos e secretos para perpetual-os atravéz da mucose; estes olhos penetradores e lânguidos que com tanta volupia e magoa olham e assignalam as amarguras do mundo; estas mãos longas que mourejam tanto e tão rudemente; este orgão vocal atravéz do qual somnambula e nebulosamente gemem e tremem veladas saudades e aspirações já mortas, soluçantes emoções e reminiscencias maternas; este coração e este cerebro, duas serpentes convulsas e insaciaveis que me mordem, que me devoram com os seus tantalismos.

Dôr e asco d'essa esdruxula, absurda turba bruta que além, sob a tarde, uivava, desprezivelmente ridicula, na infrene mascarada, com os

Poesia nasce fraca, com romantismo

As primeiras letras de Cruz e Sousa foram publicadas em jornal. Esse fato não é tão desconhecido. Mas não se comenta — e isso não desvaloriza o rico legado souseano deixado aos olhos da raça humana — que a sua veia literária nasceu romântica, na década de 80 do século passado, sem força. "Era uma poesia fraca, apesar das suas idéias fulgurantes. Ele trabalhou muito depois. A metáfora de 'Acrobata da Dor', por exemplo, foi publicada em editorial pela primeira vez e bem mais tarde tornou-se um poema. Percebe-se como o poema foi trabalhado ao longo de sua vida", comenta a pesquisadora Zahidé Muzart.

O romantismo de Cruz e Sousa está explícito no jornal "Colombo", fundado em 1881 por ele — tinha apenas 20 anos — e o amigo Virgílio Várzea. No folhetim (rodapés dos jornais) "Margarida" de "O Colombo" aparece sua narrativa mais romântica, de acordo com Zahidé. "Apenas três números do 'Colombo' são encontrados atualmente na Biblioteca Nacional." No "Tribuna Popular", Cruz e Sousa engajou-se na luta abolicionista, acrescenta a professora de letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

De dezembro de 1884 a dezembro de 1885, Cruz e Sousa esteve no "O Moleque, com periodicidade semanal, onde permaneceu mais tempo e fazia de tudo. "Durante seis meses foi redator-chefe, escrevia poemas, editoriais, humor, crítica literária... Ele era quase tudo no jornal", lembra Zahidé, que organiza uma reprodução *fac-similar* do único exemplar existente de "O Moleque" guardado pela Biblioteca Pública do Estado. O trabalho será editado pela Letras Contemporâneas.

Como todo poeta, em início de aventura pela corda bamba da literatura, Cruz e Sousa também sonhou com publicações que nunca se tornaram realidade, outro fato pouco comentado. Caso do livro "Cambiantes", anunciado em "O Moleque", mas preso para sempre apenas na memória do poeta. Em vida, ele publicou apenas três livros: "Missal", "Broquéis" e "Tropos e Fantasia".

(Osmar Gomes)

Jornal prepara projeto especial

A Notícia prepara um projeto especial para marcar os 100 anos de morte do poeta simbolista Cruz e Sousa. Uma equipe já realiza pesquisas e entrevistas, que serão publicadas no dia 19 de março de 1998. Desde o dia 31 de outubro, o **ANcapital** tem publicado, nas sextas-feiras, meia página semanal. A partir de hoje a edição do assunto estende-se para o caderno Anexo, onde será editada uma página quinzenal.

Morte noticiada com duas semanas de atraso em Florianópolis

"Era um preto. Foi, no entanto, um intelectual digno e puro, tanto quanto pode ser puro e digno um espírito na arte." O texto do jornal "O País", do Rio de Janeiro, por ocasião da morte de Cruz e Sousa, revela o preconceito da época e, ao mesmo tempo, o reconhecimento que o poeta catarinense obteve ainda em vida, embora tenha acabado seus dias miseravelmente.

Para o jornal carioca, Cruz e Sousa "pertencia à raça dos lutadores, desses que vêm rompendo caminho através de metralhas, porque o que trazem para dizer ao mundo ainda não está dito, porque o que aspiram ainda não está feito, porque o que sentem é sentimento virgem, não é sentimento que já fosse sentido."

Em Florianópolis, a notícia da morte de Cruz e Sousa chegou com surpreendente atraso. Apenas no dia 30 de março, com quase duas semanas de atraso, o jornal "República" trouxe a informação. "Na estação do Sítio, Estado de Minas, faleceu a 19 do corrente o distinto poeta João da Cruz e Sousa. Autor do 'Missal' e dos 'Broquéis', esse nosso ilustre conterrâneo possuía uma dessas cerebrações extraordinárias que facilmente dão acesso a proeminente lugar entre os cultores das letras. O ilustre poeta deixou três livros inéditos, outras tantas atestações de uma mentalidade extraordinária", relatou o único diário da capital catarinense à época.

Nos últimos dias de vida de Cruz e Sousa, e antes que a notícia da morte chegasse à cidade, o "República" organizou uma campanha de doações ao "aplaudido burilador". Logo no primeiro dia, arrecadou-se a significativa quantia de 84 réis. Entre os colaboradores, alguns nomes conhecidos, como José Boiteux, Pedro Demoro e Francisco Tolentino. No dia seguinte, o governador Hercílio Luz doou 20 réis.

(Maurício Oliveira)

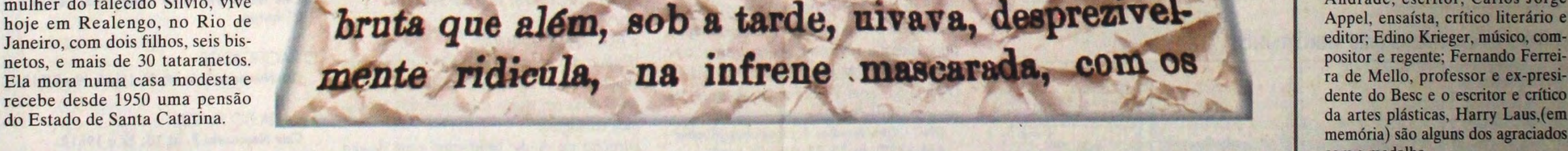
Personalidades recebem medalha

Dez personalidades recebem hoje do governo do Estado a Medalha do Mérito Cultural "Cruz e Sousa", concedida pela primeira vez. A homenagem celebra o aniversário de nascimento do poeta. A solenidade de entrega está prevista para às 20 horas, no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC). A escolha dos homenageados foi feita, em votação secreta, por maioria de dois terços, pelo Conselho Estadual de Cultura.

Alejandro Ahmed, bailarino do Grupo Cena 11; Almiro Caldeira de Andrade, escritor; Carlos Jorge Appel, ensaísta, crítico literário e editor; Edino Krieger, músico, compositor e regente; Fernando Ferreira de Mello, professor e ex-presidente do Besc e o escritor e crítico da artes plásticas, Harry Laus,(em memória) são alguns dos agraciados com a medalha.

O poeta, ficcionista e pintor Rodrigo de Haro; o antropólogo, autor e co-autor de livros, Sílvio Coelho dos Santos; o cineasta, escritor e poeta Sylvio Carlos Bach e o empresário e patrocinador de ações culturais Wander Weege são os demais homenageados.

O decreto 4.892, de 17 de outubro de 1994, determina que autores de obras literárias, artísticas, educacionais ou científicas relativas ao Estado de Santa Catarina, "e reconhecidas como de real valor", assim como pessoas que tenham contribuído por outros meios de modo eficaz para o enriquecimento ou a defesa do patrimônio artístico e cultural do Estado, receberão a Medalha do Mérito.



06 DAMIÃO, Carlos. Há cem anos, morria Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Cultura, p.15

Há cem anos, morria Cruz e Sousa

Poeta catarinense foi o mais importante simbolista brasileiro e morreu de tuberculose

Carlos Damião

"Muitas vezes ele escrevera, em prosa e verso, sobre a doença que o consumia. Escrevera na época em que não estava ainda sob as garras da tuberculose, mas nem por se tratar, então, de simples idealizações, jamais se iludira com a implacabilidade da 'doença amarga, que soturnamente devora os pulmões'. No 'Missal', havia este pedaço de diálogo sobre a 'lânguida Loura': – 'Está tísica. O médico diz que não durará muito. – Tísica! Tão moça e tão bela! E que ar festivo tinha ela. Como cantava! E tudo isso agora vai acabar, morrer...'"

O trecho acima está no livro "Poesia e Vida de Cruz e Sousa", escrito pelo crítico R. Magalhães Jr. e lançado em 1973 (conforme matéria, de autoria de Aldo Granjeiro, publicada em **O Estado**, em 5 de outubro daquele ano). Magalhães foi um dos mais importantes biógrafos do poeta catarinense, nascido em 1861 e morto em 19 de março de 1898. Hoje, portanto, fazem exatos 100 anos que Cruz e Sousa morreu. Uma série de homenagens programadas para esta quinta-feira estão resumidas em box publicado nesta página.

Cruz e Sousa desapareceu no abandono, numa localidade chamada Sítio, em Minas Gerais. Segundo Magalhães Júnior, o maior poeta simbolista brasileiro se refugiara num lugar em que as noites "eram glaciais. Não raro, no inverno, caíam abundantes geadas, e o termômetro, uma vez, acusara graus abaixo de zero. A mudança de temperatura, do Rio quente, esbraseado, opressivo, para a serra terrivelmente fria, em vez de fazer bem ao poeta, apenas abreviou o seu fim. No corpo devastado pela tuberculose irrompia, violenta, a pneumonia. No seu delírio, Cruz e Sousa apontava a Gavita (sua mulher) a parede branca do hotel – onde se hospedara – exclamando: '– Ali, vai... É um enterro, não vês? Ali vai... Estão levando um caixão... É um caixão preto enorme... É o meu enterro! É a mim que eles estão levando... Não! Não! Não deixes Gavita, não deixes!

– Não é nada... nada. Não há enterro algum... Acalma-te... Estás delirando...

– Ali vai! Ali vai!"

O delírio era o início do fim. Uma hora antes, fazendo um esforço quase sobre-humano, escrevera uma carta à sogra, mal podendo sustentar a pena entre os dedos caquéticos. Gavita, em desespero, vê a vida esvair-se aos poucos do seu companheiro de pobreza e e infortúnio, aquele lhe fecundara o ventre quatro vezes e de quem guardava, dentro de si, um filho ainda por nascer. Filho seria mais uma daquelas pobres 'crianças negras, desamparadas, sobre o caos, à toa, pequeninas e tristes criaturas, flores tenebrosas que caminham por desertos vagos, sob o aguilhão de todas as torturas, uma sede atroz de todos os afagos'...

Um telegrama expedido do sítio comunica a Nestor Vitor e outros dos amigos mais íntimos do poeta a brutal notícia de sua morte a 19 de março, e avisa que o corpo chegará na manhã seguinte à Central do Brasil. À falta de algo mais adequado, vem o cadáver num simples vagão destinado ao transporte de animais, um horse-box, engatado no trem mineiro à passagem deste por Sítio. Apenas cinco pessoas estão na estação da Central, no Rio para receber os despojos mortais de Cruz e Sousa: Nestor Vitor, Maurízio Jubim, Tibúrcio de Freitas, Saturnino Meireles e Carlos Dias Fernandes. Uma câmara ardente é improvisada, na secretaria da administração da estrada de ferro. É daí que sairá o enterro, três a quatro horas depois, parao Cemitério de São Francisco Xavier".

Esse relato dos dias finais do poeta catarinense sintetiza, de forma emocionante, tudo quanto passou João da Cruz e Sousa, no seu curto tempo de vida (37 anos): sofrimento, sofrimento, sofrimento. As glórias, como a história comprova, foram poucas em vida. Foi reconhecido pelos mais sensíveis, mas perseguido e desprezado pelos preconceituosos, aqueles que nunca aceitaram o fato de que o maior simbolista do Brasil fosse um negro, nascido no Sul do país, de "temperamento retraído e esquivo, além de adepto de uma arte onde a realidade só se reflete indiretamente, através de símbolos opacos".

Miséria – João da Cruz e Sousa nasceu em 24 de novembro de 1861, em Desterro (atual Florianópolis), filho de Guilherme da Cruz e de Carolina Eva da Conceição. Duas criaturas anônimas – ele, mestre-pedreiro –, que viviam sob a condição de escravos do coronel Guilherme Xavier de Sousa. O militar e sua mulher, Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, tomaram para si os cuidados de criação do pequeno João – ela ensinou-lhe a ler e escrever.

Entre 13 e 15 anos de idade, João foi aluno do sábio alemão Fritz Müller, que vivia em Santa Catarina, com quem aprendeu muito sobre literatura européia.

Cruz e Sousa desenvolveu seu talento na então Desterro, entre parceiros como Virgílio Várzea, Horácio de Carvalho, Santos Lostada. Com os intelectuais da época, fez um jornal ("O Moleque") e publicou seus versos na imprensa local. Foi também ligado ao teatro, chegando a excursionar pelo Brasil. Em 1890, instalou-se no Rio de Janeiro, onde viveria até a morte.

Teve cinco livros publicados durante a vida e três póstumos (inclusive "Últimos Sonetos", cujos manuscritos foram encontrados em Paris, em 1905).

SEIOS

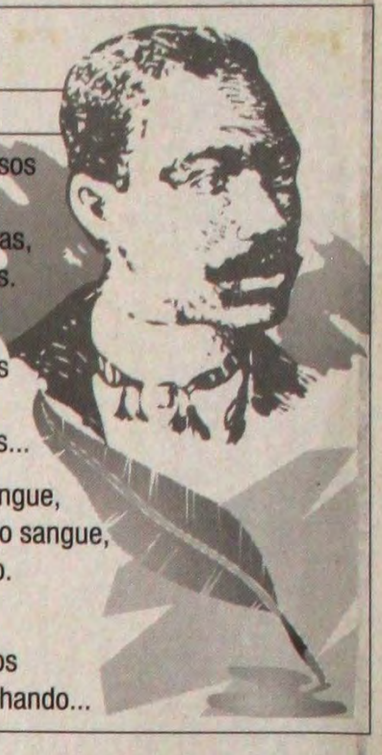
IV

Magnólias tropicais, frutos cheirosos
das árvores do Mal fascinadoras,
das negras mancenilhas tentadoras,
dos vagos narcotismos venenosos.

Oásis brancos e miraculosos
das frementes volúpias pecadoras
nas paragens fatais, aterradoras
do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,
da aurora de ouro do esplendor do sangue,
a alma de sensações tantalizando.

Ó seios virginais, tálamos vivos,
onde do amor nos êxtases lascivos
velhos faunos febris dormem sonhando...



Mestre de uma nova escola: simbolismo

A professora Sônia Brayner, em seu "A Poesia no Brasil – Das origens até 1920" – destaca que "depois de sua morte (Cruz e Sousa) o movimento simbolista ganha reconhecimento público e sua figura ocupará o lugar merecido de primeira grandeza. (...) Quando se sente atraído pelo ideal artístico simbolista, leva ainda o culto formal em aliança com o pessimismo materialista".

Toda a obra de Cruz e Sousa será marcada pelos símbolos, por uma ligação densa, psicológica, com a marginalidade. Quem já teve oportunidade de ler com atenção qualquer um de seus poemas, há de ter sentido uma relativa morbidez, uma atração inesgotável pelo terreno do desconhecido, da loucura.

Mas o que foi o simbolismo para a literatura? Veja-se o que diz o professor Júlio Castañon:

" O simbolismo implica a um só tempo uma visão de mundo e uma postura literária. A realidade histórica – *fin de siècle* na França – em que o movimento emerge é encarada pelos seus poetas como um isntante de decadência dos valores espirituais, esmagados pelo cientificismo. Nessa situação, a poesia simbolista procura dar a perceber realidades que não participam do mundo positivo. sua meta é a da exploração do mundo interior, com suas emoções ambíguas e suas sensações dificilmente definíveis, em busca dos valores superiores que dão acesso às significações do universo. À razão, opõe-se, então, a intuição. O verso se abre a inovações, rompendo a herança estratificada que a revolução romântica praticamente deixou intocada; a multiplicidade de interpretações do símbolo se cacompanha de uma busca de musicalidade, com a vaga ductilidade da melodia, ; a seleção vocabular também dá a ver essa fluidez, assim como revela a busca de correspondências, dentro de uma concepção totalizante do universo".

Esquecimento é pior do que a injustiça

É muito difícil "criticar" Cruz e Sousa cem anos após sua morte. Se é que alguém pode "criticar", no sentido estrito, um poeta como ele. Embora sua linguagem simbolista possa ser rechaçada pelos jovens da atualidade, não há como negar que Cruz e Sousa foi e é um dos mais expressivos escritores da língua portuguesa, injustiçado em vida, perseguido, desprezado.

É difícil ler seus textos. É preciso conhecer razoavelmente a história da literatura mundial e brasileira, para poder compreender o que ele escreveu. É preciso, também, entender o contexto histórico, o problema da escravidão, da cor da pele, da rejeição social, da pobreza (miséria, mesmo). Sem adotar esses pressupostos fica complicado implorar às pessoas da era da internet que "adorem" Cruz e Sousa, que saboreiem seus poemas, sua prosa elegante e indignada.

Talvez por isso, injustamente, a obra do poeta simbolista esteja relegada a estudos acadêmicos (muitos deles excessivamente técnicos), sem que se atente para a beleza pura e simples de seus versos. Quase tudo o que se escreve sobre ele, hoje, complica ainda mais a compreensão do que o poeta criou em vida. Assim, fica difícil, mesmo, ensinar Cruz e Sousa aos pequeninos do primeiro grau ou aos adolescentes do segundo. Alguns ouviram falar, por obrigação, imposição curricular. Outros, nunca ouviram – e associam o nome a uma fábrica de cigarros ou simplesmente ao Palácio que apropriou seu nome (antigo Palácio Rosado). Até nome de rua é complicado: o poeta dá nome a uma via que corta o Morro da Cruz, em Florianópolis. É o suficiente, para quem projetou Santa Catarina internacionalmente?

O "aprendizado" de Cruz e Sousa deve começar, sem dúvida, pela leitura descompromissada. Uma primeira leitura vai passar uma impressão grandiosa do que o poeta escreveu. Depois, é preciso recorrer a notas (que geralmene acompanham as edições modernas, como a de "Últimos Sonetos") ou a estudos críticos mais simples, que não transformam a obra do poeta em objeto de dissecação técnica e científica.

É claro que é preciso disposição para aprender e "viajar" no que ele escreveu, respeitando-se, sempre, o estilo de época, a linguagem e o contexto histórico em que viveu. Sem complicar demais, Cruz e Sousa é relativamente fácil de ler. Complicando, torna-se enfadonho e insuportável, ainda mais rejeitado do que em sua época.

Destaque-se, em sua obra, afinal, o erotismo forte e marcante que ele imprime a alguns de seus trabalhos. Há versos incomparáveis na língua portuguesa – que talvez só Carlos Drummond de Andrade (respeitados tempo, distância e estilos) conseguiu. Leia um desses poemas eróticos nesta página. E boa viagem. **(C.D.)**

Homenagens do estado ao centenário

Eventos de hoje:

• Exposição Cem Anos Sem Cruz – Acervo do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)
• Descerramento de placa em homenagem a Cruz e Sousa
• Lançamento nacional de selo postal em memória ao poeta
• Sessão solene da Academia Catarinense de Letras
• Lançamento da edição facsimilar de "Faróis", de Cruz e Sousa, em co-edição com Atelier Editorial
• Lançamento da edição especial do jornal Ô Catarina!
• Lançamento do livro "Arrastão", de Almiro Caldeira, pela FCC Edições

Todos os eventos acontecem a partir das 19 horas, na Galeria do Centro Integrado de Cultura (CIC) e na sede da Academia Catarinense de Letras (também no CIC).

No Arquivo Público do Estado (Avenida Mauro Ramos, 1264), também acontece exposição de documentos e fotos relativos ao centenário de morte do poeta.

No Palácio Cruz e Sousa (17 horas) lançamento do livro "Cruz e Sousa: Além do Horizonte da Poesia", de Sérgio Mibielli.

Livro busca o público infantil

A editora Papa-Livro está lançando o livro "Cruz e Sousa – Além do Horizonte da Poesia", de Sérgio Mibielli, dedicado aos jovens de 9 a 14 anos.

Trata-se de uma introdução à vida do autor, sem preocupação extremada com sua obra. Há poucos versos de Cruz e Sousa e os poucos escolhidos são os mais fáceis. Ali está a história triste de um negrinho, filho de escravos, que é criado pela família de um marechal, é alfabetizado e se transforma num dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos.

Serve para que as crianças tenham um acesso "mínimo" à vida do poeta, podendo, a partir da leitura dessa biografia, conhecer em profundidade a poesia de Cruz e Sousa.

O livro tem belas ilustrações, produzidas pelo próprio Mibielli.

Vem pra Festa!

PROGRAMAÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE FLORIANÓPOLIS

19/03	18h	Farra do Bolo	Mercado Público	SETUR
20/03	20h	Orq. Sinfônica da Petrobrás	Largo da Catedral	Fund. Franklin Cascaes
20/03	20h30	Taça Cidade Fpolis Futsal	Ginásio Colégio Catarinense	Fund. Munic. Esportes
20/03	21h	Show Fpolis Ilha do Meu Coração	CIC	Fund. Franklin Cascaes
21/03	10h	Concurso Gastronômico da Ilha	Largo da Alfândega	SETUR
22e23/03	09h	Festival da Pandorga	Aterro Baia Sul	SETUR
25/03	20h30	Entrega do Troféu Manezinho	Lira Tenis Club	SETUR
28/03	18h	12h de Pesca de Fpolis	Beira Mar Norte	Fund. Munic. Esportes

Realização:
FLORIANÓPOLIS CAPITAL DA GENTE
Apoio:
O ESTADO AS NOTÍCIAS DO SEU MUNDO
sbt Santa Catarina TV O ESTADO
maccaia

07 GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Sousa tem ambiguidades. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo.

◆ **ENTREVISTA** / ANTONIO CARLOS SECCHIN

Obra de Cruz e Sousa tem ambigüidades

ROSANE LIMA

Secchin crê no simbolismo como conexão fundamental da melhor tradição da poesia brasileira entre o romantismo e o modernismo

Crítico aponta novo enfoque sobre a poesia do simbolista

OSMAR GOMES

Cruz e Sousa viveu, em sua poesia, a ânsia da transcendência em choque com a volúpia do corpo. Palavras do crítico literário e professor doutor em literatura brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antonio Carlos Secchin, convidado pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina para abrir oficialmente, no dia 26 passado, o Ano Cruz e Sousa, marco do centenário de morte do poeta nascido em Desterro — hoje Florianópolis. "Cruz e Sousa — o desterro do corpo" foi o provocante título da palestra, em que Secchin trouxe à tona a "nostalgia do corpo" presente na obra sousea-na. "Falta corpo em Cruz e Sousa, sobra espírito, mas este não ao corpo pode ser interpretado com um sim implícito", destacou, com exemplos de várias passagens poéticas citadas nas 13 páginas do texto que será editado em forma de fascículo.

Em entrevista exclusiva ao jornal ***A Notícia****, ele lembrou que o simbolismo, estilo predominante na poética de Cruz e Sousa, sempre leva à abstração, ausência da carne, puro espírito. "Onde está o corpo, em que medida este corpo exilado, desterrado, não é uma nostalgia, um fascínio pelo próprio corpo?" Secchin mesmo estimula uma resposta: "No caso de Cruz e Sousa, há uma relação muito ambígua entre corpo, matéria e prazer. Aparentemente há um repúdio da materialidade e ao meu ver essa recusa está escondendo o fascínio por este corpo."*

Secchin avisa aos oponentes de sua nova versão: "Não quero descaracterizar o simbolismo e nem dizer que não era poeta abstrato, mas quero mostrar os canais laterais, fluxos que apresentam essa matéria, corpo e prazer. Muitas vezes as pessoas só querem apenas o que já sabem, a abstração, por exemplo.

A Notícia — Qual a importância de Cruz e Sousa na literatura brasileira?

Antonio Carlos Secchin — É fenomenal, não só em relação ao simbolismo, onde ele se pontifica, sem dúvida, mas também no contexto geral de toda a poesia brasileira. No que se refere a esse processo literário brasileiro, depois do romantismo, com o surgimento do parnasianismo pareceria não haver outro caminho a não ser a vocação realista, fotográfica, muito eufórica da versão parnasiana da realidade. Essa voz subterrânea do simbolismo, magnificamente representada por Cruz e Sousa, a rigor se mostrou um caminho muito mais importante para a poesia do século 20 do que propriamente aquela visão risonha, muito satisfeita. Eu acredito que o simbolismo é essa conexão fundamental para a constituição da melhor tradição da poesia brasileira a partir do romantismo e chegando no modernismo.

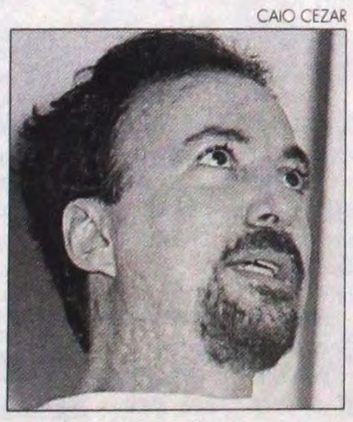
AN — O simbolismo, portanto, influencia diretamente os modernistas?

ACS — A sucessão qualitativa da poesia brasileira, depois do romantismo, passa pelo simbolismo. Mesmo que os modernistas não tenham reconhecido a importância da poesia dos simbolistas, que foram uma espécie de antecessores à própria revelia dos modernistas, que não quiseram ou não puderam reconhecer essa dívida para com os simbolistas.

AN — Charles Baudelaire, simbolista, foi precursor da poesia modernidade. Cruz e Sousa, no Brasil, também pode ser apontado como um pré-modernista?

ACS — Creio que poucos discordam que Baudelaire está em uma escala ocidental, nele se origina toda a poesia moderna do Ocidente, até mesmo em seus desdobramentos contraditórios, em Baudelaire você vai encontrar sementes que florescem tanto no parnasianismo quanto no simbolismo. Eu diria que Baudelaire é o pai de todos, potencialmente. No caso de Cruz e Sousa, evidentemente eu me refiro a uma importância fundamental em nível de poesia brasileira. Não porque ele não tivesse condições de influir em outras literaturas, mas porque escreveu em português seu alcance foi menor.

CAIO CEZAR



AN — Para os modernistas, Cruz e Sousa não representou muito?

ACS — Não representou quase nada. Pior para os modernistas, porque eles teriam aprendido muito, teriam evitado vários equívocos em sua poesia se tivessem ouvido melhor as lições da poesia de Cruz e Sousa. O simbolismo era um movimento que não incomodava muito aos modernistas, porque eles não tinham a hegemonia do poder literário, cultural e político dentro da arte. O inimigo a abater era o parnasianismo. Portanto, os modernistas perderam muito tempo demolindo certas estátuas que já estavam ocas ao invés de ouvirem melhor as lições que seriam benéficas daquele simbolismo vivo. Há uma tendência de confundir o modernismo com uma de suas versões, talvez a mais publicitária, que é a versão paulista. A máquina de promoção feita em torno desse movimento, que é importantíssimo mas não é único, praticamente reduziu os outros ou tornou sinônimo de modernismo e Semana de 22, modernismo e Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Há outras correntes, como a que podemos denonimar de neosimbolista, representada por Tasso da Silveira, Murilo Araújo e principalmente Cecília Meireles, escritores que de modo algum ficaram surdos à música do simbolismo e à herança da poesia de Cruz e Sousa e de outros poetas da mesma época. Cecília Meireles ficou produzindo uma obra da maior qualidade muito mais vinculada a uma tradição de Cruz e Sousa do que à ruptura da Semana da Arte de 22.

AN — Podemos afirmar que esses escritores citados foram influenciados por Cruz e Sousa?

ACS — De alguma maneira eles continuaram uma corrente que a gente pode chamar de mais espiritualista, mística, que tem até alguns desdobramentos em termos de catolicismo. Certamente eram poetas que cultivavam Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimarães, os outros simplesmente ignoraram; mas não tinham o poder de divulgação, essa mídia, esse *lobby* todo, como o Oswald de Andrade, que era um anúncio eterno de si mesmo e não deixava de fazer tudo que fosse possível para aparecer. Quase todos os críticos reafirmam o posto de Cruz e Sousa: o de maior escritor simbolista. Alguns querem mais: querem-no precursor da moderna poesia no País, pela influência exercida em Augusto dos Anjos e em decorrência de afinidades entre o poeta catarinense e certos aspectos da poética de Mário de Andrade. Eu talvez queira menos, isto é, que não se veja em Cruz e Sousa o simbolista ou o prenunciador do modernismo e sim um autor menos monolítico no trono do simbolismo e aberto a tensões e contradições que, fazendo-o menos simbolista, nem por isso o fazem menor poeta. O grande artista sempre relativiza os dogmas do estilo em que se inscreve; cabe aos menores acreditar demais em tudo aquilo. A convicção extremada é o primeiro passo do fanatismo, tão funesto na arte quanto em outros domínios.

AN — Esse período do Cruz e Sousa é bastante conturbado, ninguém consegue definir claramente quem era romântico, parnasiano, simbolista... O próprio Cruz e Sousa demonstra isso em suas poesias?

ACS — É muito difícil realmente definir. O pior do Cruz e Sousa, inclusive, são suas primeiríssimas produções, em que ele se mostra um mal imitador de Castro Alves. Ideologicamente Cruz e Sousa foi ativista da abolição, mas ele teve a extrema sabedoria de não incluir esses poemas mais diretamente ligados à questão escravagista na sua obra porque — não sou o primeiro a dizer isso — eram poemas quase panfletários, com fins estratégicos de comover, acordar a sensibilidade pública para o escândalo que era a escravidão no Brasil. Muito pouco tinha a ver com a poesia. Ele fez um serviço à causa social quando publicou aqueles poemas. E fez um serviço à poesia quando não as publicou em seu livro. Em certo fundo técnico tem domínio parnasiano em Cruz e Sousa, uma influência que persistiu em toda a sua obra. Esse domínio parnasiano foi avassalador no Brasil, a partir da importação de modelos de técnica franceses e até é muito admirável que alguns poetas tenham conseguido dizer não à ditadura parnasiana e tenham utilizado certos instrumentos dela a serviço de uma outra visão da realidade, que é a visão simbolista. Cruz e Sousa mantém certos procedimentos parnasianos, como muitos outros poetas simbolistas. Pode ser visto em Guerra Duval, um poeta hoje quase completamente desconhecido, foi quem publicou o primeiro livro da poesia brasileira em versos livres, em Bruxelas, Bélgica, em meados de 1900, chamado "Palavras que o Vento Leva", uma obra rara distribuída apenas entre amigos. Ele sistematicamente utiliza o verso livre, mas mantém a forma do soneto.

CAIO CEZAR

AN — O simbolismo foi o mais relâmpago de todos os movimentos?

ACS — Eu diria que foi um relâmpago que explodiu em vários lugares ao mesmo tempo. Não foi um trovão que durou muito mas ficou apenas em uma cidade. Teve uma duração muito pequena porque, isso é um fato bastante curioso, é o único movimento literário que precisou conviver com seu inimigo simultaneamente. Todos os outros movimentos liquidavam seus inimigos e tornavam-se hegemônicos. Houve momento em que arcadismo (ou neoclassicismo) e romantismo duelaram, o romantismo entrou em cena e seu estilo se desenvolve plenamente a partir de uma hegemonia quase sem obstáculos. Na época do simbolismo, havia convivência de forças antagônicas. Como era simultâneos, os inimigos trocavam armas. Aspectos de uma determinada poética acabavam, mesmo sem querer, sendo absorvidos por outra. Além de trocar armas, eles trocavam soldados também.

AN — E Cruz e Sousa foi um soldado de vários movimentos?

ACS — No início da sua carreira, ele tem poemas parnasianos. Até o fim da vida foi um soldado parnasiano a partir de "Broquéis", mas foi um general simbolista. Tinha no seu armamento munição parnasiana, só desaparecida quase completamente em "Últimos Sonetos".

AN — Cruz e Sousa não foi reconhecido durante sua vida?

ACS — A partir de 1905, falamos em "Broquéis", um livro mais ou menos, e dos ótimos "Faróis" e "Últimos Sonetos". Quando Cruz e Sousa morre, em 1898, os historiadores e poetas só podiam falar de Cruz e Sousa através de "Broquéis", porque os outros dois são publicações póstumas. Eu acho até espantoso, portanto, pela série de irregularidades apresentada em "Broquéis", terem reverenciado, falado bem ou mal de um poeta que publicou apenas um livro. Passa a ser uma referência divina para o seu grupo pequeno, no Rio de Janeiro, como para seus inimigos. Se fosse um poeta de todo desprezível, os parnasianos não se preocupariam tanto em parodiá-lo. Você veja só, com um livro menos forte ele provocou uma celeuma, esteve na ordem do dia.

AN — Por ser negro, isso influenciou em seu reconhecimento?

ACS — Há mitos do preto, pobre e não reconhecido. Cruz e Sousa foi gênio e pobre, isso sim, mas em momento algum não foi reconhecido por ser preto e nem foi elogiado porque era preto. Explicitamente a cor não foi o centro das atenções.

AN — Cruz e Sousa no Brasil é estudado da forma desejada ou faltam publicações?

ACS — Há boas edições sobre Cruz e Sousa no Brasil. Em 1923 temos uma do seu amigo dedicadíssimo Nestor Vítor. Nos anos 40 houve uma em São Paulo de Fernando Góes. Depois uma primeira edição de Andrade Murici e uma segunda em 1961. No centenário de "Broquéis", tivemos uma ótima edição da professora Zahidé Muzart. Eu diria que não é só Cruz e Sousa que deveria ser mais estudado, mas toda a poesia brasileira, que está em segundo plano porque a predominância no gosto popular é o romance.

Passagens

"... Muitos dos procedimentos elencados na poesia dispersa serão retomados em 'Broquéis'. O mais ostensivo, do ângulo que nos interessa, é o da satanização do desejo, metonimicamente identificado com o corpo da mulher. "Lésbia", "Múmia" e "Dança do Ventre" são demonstrações cabais do fenômeno. Do primeiro: "Lésbia nervosa, fascinante e doente,/Cruel e demoníaca serpente/Das flamejantes atrações do gozo..."

"...Alguns poemas, sem renunciar ao erotismo, procuram explicá-lo não pelo caldeirão do inferno, mas pela caldeira dos trópicos. É o caso de 'Afra', com sua 'Carne explosiva em pólvoras e fúria' e de 'Tulipa real': 'Deslumbramento de luxúria e gozo,/Vem dessa carne o travo aciduloso/De um fruto aberto aos tropicais mormaços."

"... Ao corpo fragmentado em 'Broquéis' sucede o corpo dilacerador em 'Faróis', sem que, aliás, a fragmentação deixe de comparecer no novo livro, num subgrupo de poemas que inclui 'Boca', 'Seios' e 'Pés'. O poeta, é verdade, não desceu ao inventário microscopista de outro escritor catarinense, Luís Delfino, que retalhou em 22 partes a anatomia feminina, chegando a cinzelar sonetos especificamente destinados ao cotovelo e aos supercílios..."

"... Igualmente rara torna-se a configuração eufórica do erotismo, conforme se lê no soneto 'Corpo': 'E as águias da paixão, brancas, radiantes,/Voam, revoam, de asas palpitantes,/No esplendor do teu corpo arrebatadas!"

"... Na sua obra, vimos, portanto, que o asilo no espírito foi incapaz de promover o exílio do corpo. Corpos de mulheres imaginárias, ou de sua inesquecível esposa Gavita. Corpos textuais, seus versos — também tecidos de volúpias e minúcias..."

◆ Trechos da palestra "Cruz e Sousa — o desterro do corpo", de Antônio Carlos Secchin

08 GOMES, Osmar. Nenhum ensaio inscrito ao Prêmio Cruz e Souza. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo

Nenhum ensaio inscrito ao Prêmio Cruz e Sousa

08

Três concursos literários promovidos pela Fundação Catarinense de Cultura foram adiados em função do pequeno número de trabalhos inscritos

OSMAR GOMES

Florianópolis — De 28 de agosto (data de lançamento oficial dos concursos literários da Fundação Catarinense de Cultura) até ontem não houve sequer uma inscrição à categoria especial Ensaio sobre o poeta simbolista catarinense Cruz e Sousa, cujo prêmio é de R$ 10 mil e inclui a publicação do trabalho. O prêmio literário Cruz e Sousa apresenta baixo número de inscritos nas categorias romance (apenas 82), contos (79) e poesia (98). Por esse motivo, a FCC resolveu adiar o prazo, que seria encerrado em 28 do mês passado. Agora os interessados podem se inscrever até 28 de fevereiro.

A mesma situação forçou a prorrogação do prazo, para a mesma data, do prêmio nacional de dramaturgia Álvaro de Carvalho. Até ontem estavam inscritas 62 obras adultas e 39 infantis. Para se ter uma idéia, em 1995 foram analisadas 180 peças. Total superior ao do concurso promovido pela Funarte (Fundação Nacional de Artes), do Ministério da Cultura.

Único de âmbito estadual, o concurso de monografias Oswaldo Rodrigues Cabral teve prazo dilatado em apenas um mês; os candidatos devem enviar seus trabalhos até o próximo dia 28.

Em anos anteriores, a participação no Prêmio Cruz e Sousa de Literatura foi bem maior. Na estréia, em 1995, houve 1.200 inscritos. No ano passado, foram totalizados 750. O diretor de Artes da FCC, Charles Narloch, argumenta que o atraso de seis meses nas edições dos trabalhos premiados em 1995 não demonstra que haja desinteresse pelo concurso. "E não se justifica mantermos concursos com prêmios tão bons e um baixo número de inscritos, por isso resolvemos adiar os prazos". No lançamento dos concursos, de acordo com Narloch, foram remetidos regulamentos a organismos artísticos-culturais de todo País e espalhados no Brasil inteiro 5 mil cartazes de divulgação.

Os trabalhos vencedores em 1995 foram publicados após um polêmico atraso de seis meses, com tiragem de 1.500 exemplares para cada obra. "Distribuímos gratuitamente em bibliotecas do Estado e principais bibliotecas do País. O autor tem direito a 30 exemplares. Podem ser vendidos também. Existe interesse de livrarias catarinenses pelos livros e uma de Curitiba quer comercializar o romance 'Cebola', do paranaense Manuel Carlos Karam. Elogiaram bastante, na imprensa do Paraná, nosso trabalho editorial. Chegaram a publicar que Karam finalmente encontrou uma editora", comenta Narloch.

As edições das obras premiadas em 1996 serão lançadas até o final deste ano, assegura Narloch. A verba necessária para promover os concursos de 1997, premiações e novas publicações está garantida também. São R$ 150 mil financiados pelo governo do Estado e investidos em todo o processo, incluindo pagamento de 24 críticos literários, passagens aéreas, hospedagem, alimentação, premiação (R$ 80 mil) e processo editorial. Como resultado dos concursos, são produzidos dez livros anualmente.

Neste final de ano a FCC publica ainda 12 livros indicados pela Comissão Catarinense do Livro e mais um de fotografia contemplado pelo Edital Cultura Viva. Está em discussão quais as cinco edições sobre Cruz e Sousa serão aprovadas para homenagear o centenário de morte do poeta. As inscrições são gratuitas e podem participar escritores de todo o País. Os originais, com quatro cópias, devem ser enviados à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), av. Irineu Bornhausen, 5600, Agronômica, Florianópolis, onde os regulamentos estão disponíveis. Contatos pelo telefone (048) 234-9848.

09 Cruz e Sousa: Filho de escravos que se tornou o maior poeta catarinense. **A Notícia**, 15 de jan. de 1998. Especial, C-7,

09

CRUZ E SOUSA

Filho de escravos que se tornou o maior poeta catarinense

No ano do centenário de sua morte, que se registra no próximo dia 19 de março, Memória Catarina inicia as publicações de 1998 prestando homenagem e reconhecimento ao maior poeta catarinense de todos os tempos: João da Cruz e Sousa, nascido em Desterro, no dia 24 de novembro de 1861 e morto a 19 de março de 1898.

O texto abaixo é de autoria do professor Celestino Sachet, autor de numerosos estudos sobre a literatura catarinense, inclusive uma obra clássica – "A Literatura de Santa Catarina" – publicada pela Editora Lunardelli, em 1979, da qual se extrai o perfil de Cruz e Sousa a seguir transcrito:

"João da Cruz e Sousa (Desterro, 24 de novembro de 1861 – Sítio, Minas Gerais, 19 de março de 1898) era filho do casal de escravos Guilherme da Cruz e de Carolina Eva da Conceição que tinham como senhor o Coronel Guilherme Xavier de Souza.

Em 1865, o futuro Marechal, tendo-se juntado às tropas que foram lutar contra o Paraguai, alforriou todos os seus escravos. Mas, estes, apesar de libertos, permaneceram com a família do militar, pois ali recebiam tratamento humano e decente.

Nascendo em um lar de casal sem filhos, o menino João mereceu os desvelos da senhora Clarinda Fagundes Xavier de Souza. A 24 de março de 1862, foi batizado pelo Arcipreste Paiva, na matriz de Nossa Senhora do Desterro.

Crescendo sob os cuidados de d. Clarinda, com ela aprendeu as primeiras letras. Aos 8 anos, foi encaminhado para a escola da professora Camila e, em 1873, ao Ateneu Provincial, o mesmo estabelecimento onde lecionava o sábio Fritz Müller.

Terminado o curso de Humanidades, em 1887, Cruz e Sousa foi indicado professor do Ateneu. Não persistiu na carreira. Do magistério passou para o balcão, empregando-se, como caixeiro, numa casa comercial da cidade de Desterro, mas também por pouco tempo.

No Ateneu, aproximara-se de Virgílio Várzea e Oscar Rosas e, agora, fazia amizade com Juvêncio Araújo de Figueiredo e Santos Lostada. Esse grupo movimentou o jornalismo e o meio literário da Província. Desde 1879 que o nome destes jovens aparecia nos jornais locais, assinando prosa e verso. As poesias de Cruz e Sousa, nesse ano, estão em "O Artista". Depois no "A Regeneração", órgão do Partido Liberal, e no "Jornal do Comércio", ligado ao Partido Conservador. Em 1881, o grupo lança o jornalzinho "Colombo", com Cruz e Sousa como seu redator principal.

PRECONCEITO

O jovem poeta se destacava. Recitava seus versos e os de outros poetas, inclusive Dante e Petrarca, no teatro, nas festas populares e nas serenatas. Entretanto, o ambiente provinciano reagia aos sucessos do moço preto. A inteligência do filho de ex-escravos provocava inveja.

Araújo de Figueiredo registrou: "Abstêmio e morigerado, o Cruz tinha a recomendá-lo o rigor da sua conduta". Entretanto, era difícil superar o preconceito. Para a situação constrangedora, Cruz e Sousa encontrou uma saída, quando, em 1883, esteve no Desterro a Companhia Teatral da menina prodígio Julieta Santos. Desfalcado do "ponto", o diretor da companhia, Moreira de Vasconcellos, buscou um substituto. Culto e bem falante, Cruz e Sousa aceita o emprego, que lhe permite afastar-se do Desterro e conhecer o Brasil. No teatro, atua como "ponto" e como declamador. Assim, viaja do Rio Grande do Sul para São Paulo. Do palco, aproveita para pregar o Abolicionismo. Em 1885, na Bahia, é convidado para proferir uma conferência no auditório do "Jornal da Tarde", em favor dos escravos. Obtém grande sucesso. Percorre as províncias de Pernambuco, Ceará, Pará e Maranhão. Em São Luiz, Cruz e Sousa entra em contato com o grupo literário local. Ali, sob a influência do ambiente intelectual, resolve fazer imprimir uma coleção de sonetos no livro que se intitularia Cambiantes. A obra não chegou a ser concluída e o poeta deixou a capital maranhense com algumas folhas impressas do que seria o seu primeiro livro.

Após a excursão pelo Norte, a Companhia Dramática é dissolvida.

Em abril de 1885, Cruz e Sousa volta para Santa Catarina e assume o cargo de redator do semanário recém-fundado "O Moleque", um jornalzinho irreverente e agressivo. Em julho, dá-se a estréia em livro. Com Virgílio Várzea lança "Tropos e Fantasias", onde cada um assina seis trabalhos, alguns de cunho abolicionista.

Apesar de redator-chefe de "O Moleque", Cruz e Sousa continua sofrendo as pressões do preconceito. Jamais é convidado para solenidades e festas onde a imprensa comparece. Repelido pelo meio, fecha o jornal e procura emprego no Rio Grande do Sul, onde nada consegue. Em 1887 volta à Ilha e, um mês após a Abolição, decide ir para a Corte.

No Rio de Janeiro, recebe o amparo de Oscar Rosas, faz amizade com José do Patrocínio, Luiz Delfino e Gama Rosa. Entretanto, não obtém vaga em nenhum jornal. Após oito meses de miséria, volta à cidade do Desterro, dedicando-se, quase que exclusivamente, aos livros. A esse tempo adere ao Simbolismo, escola literária que começa a ser reconhecida no Brasil. Produz versos intensamente, aprimorando o seu talento.

Ascensão inicia no Rio de Janeiro

Os amigos do tempo do Ateneu e do "Colombo" agora estão quase todos no Rio. Os últimos a deixarem a Província são Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo. Através do seu parceiro de "Tropos e Fantasias", Cruz e Sousa consegue lugar de redator na "Cidade do Rio". Com a proposta de minguada remuneração, o poeta mais uma vez deixa a cidade natal. Desta feita para sempre. Em janeiro de 1891, desembarca na Capital da República. Fica alguns meses no jornal de José do Patrocínio, de onde é despedido, passando a dividir a miséria em um quarto de pensão com o seu conterrâneo Araújo Figueiredo.

Com Oscar Rosas na redação do "Novidades", pode ver publicados alguns trabalhos neste jornal e na "Revista Ilustrada". Ainda em 1891, trabalha para a "Folha Popular" e na "Gazeta de Notícias".

O poeta começa a viver um período de ascensão na sua sofrida existência. Em torno dele reuniam-se outros jovens que iriam deixar nome. Emiliano Perneta, Oscar Rosas, Bernardino Lopes, Gonzaga Duque, Virgílio Várzea, formavam o que se chamou o "Grupo dos Novos". Como em todos os tempos, também no final do século, os "Modernos" abriram guerra aos "Velhos". Através da "Revista Ilustrada" não poupam nem mesmo Machado de Assis e outros nomes de projeção como Carlos de Laet e Coelho Neto e mais todos aqueles que estivessem engajados na "velha guarda".

A reação, entretanto, vem à altura. Em março de 1893 Cruz e Sousa tem editado o seu livro "Missal", um volume de prosa que não impressiona a crítica dominante, contrária aos "Novos". Em agosto, aparece "Broquéis". O volume, contendo 54 poesias, teve melhor sorte. Os jornais registraram esse aparecimento com elogios à obra e ao autor. Assim, 1893 ficou na história literária como o ano da revelação de Cruz e Sousa.

Pouco se sabe se o poeta foi ou não bem-sucedido financeiramente com esses lançamentos. Porém, é ainda em 1893, a 9 de novembro, que se realiza seu casamento com Gavita Rosa Gonçalves, jovem preta criada em casa do Juiz Antonio Monteiro de Azevedo, um ferrenho abolicionista.

O casamento transtornaria sua vida. A responsabilidade de manter o lar levou-o a trabalhar como praticante da Estrada de Ferro Central do Brasil. Um emprego modesto. Nem mesmo a promoção ao cargo de arquivista, em 1894, remediaria a situação. Nasce o primeiro filho e a esposa passa a sofrer crises de loucura. Os dias de miséria estão prestes a voltar. No emprego é humilhado pelos chefes. Nos jornais e nas revistas não encontra mais espaço para as suas produções.

O movimento Simbolista não é reconhecido naquela época de fastígio do Parnasianismo, onde despontam Olavo Bilac e Raimundo Correa.

No ano de 1896, é fundada a Academia Brasileira de Letras e o poeta catarinense, apesar da sua farta produção literária, não é convidado para o sodalício. O seu mais completo biógrafo, até aqui, Raimundo Magalhães Júnior, explica este lapso, na obra "Poesia e Vida de Cruz e Sousa": "Mais de meio século depois de fundada a Academia Brasileira de Letras, a ausência de Cruz e Sousa parece mais do que inexplicável, injustificável e mesmo absurda. Mas é preciso reconhecer que duas razões a explicam, até certo ponto a justificam. Por um lado a guerra literária era cada vez mais acesa e, por outro lado, o próprio temperamento de Cruz e Sousa. Temperamento de luta, acirrador do dissídio".

O poeta sofre atribulações no lar e na vida artística.

Em fins de 1897, está tuberculoso. Sem os recursos indispensáveis ao tratamento, vai definhando. Os amigos sentem-lhe o drama e tentam obter dinheiro para que possa deixar o Rio e repousar. Listas angariando auxílio correm as redações dos jornais. Ele deseja regressar à terra natal, mas o seu estado de saúde já não permite uma viagem tão longa pelo mar. Junto à direção da Central do Brasil consegue passagem para a estação de Sítio, no Estado de Minas Gerais, onde os hotéis aceitavam doentes em tratamento. Vai em companhia de Gavita, já grávida do seu quarto filho. Era 15 de março de 1898. A 19 morre o poeta. Seu corpo transladado para o Rio, foi sepultado a 20, no cemitério de São Francisco Xavier.

PROJETO CULTURA VIVA

PRESERVANDO OS VALORES CULTURAIS DE NOSSA GENTE.

10 DAMIÃO, Carlos, Cruz e Sousa, lembrança de um poeta de vanguarda.
O Estado, Florianópolis, 21 e 22 de mar. de 1998. Magazine/Poesia

Poesia

Cruz e Sousa, lembrança de um poeta de vanguarda

O intelectual negro catarinense morreu há 100 anos, no interior de Minas Gerais. Mas deixou um legado dos mais importantes para a cultura brasileira. Conheça um pouco mais de suas obras.

Carlos Damião

A semana que se encerra foi especialmente importante para todos os que têm amor à cultura. Santa Catarina reverenciou a memória de João da Cruz e Sousa, o maior poeta simbolista brasileiro, um dos precursores da modernidade literária no país. Cruz e Sousa morreu em 19 de março de 1898, na localidade de Sítio, interior de Minas Gerais. Ele viajara para a estação mineira com o objetivo de cuidar da tuberculose - uma enfermidade gravíssima, naquela época com tratamento muito difícil.

Os catarinenses renderam diversas ho-menagens ao poeta durante esta semana, como forma de compensar o relativo esquecimento a que foi relegado o brilhante intelectual negro, nascido em 1861, na pequena Desterro. Cruz e Sousa foi um injustiçado em vida, por causa da cor de sua pele. Morreu no abandono, acompanhado apenas pela mulher, Gavita. Foi enterrado no Rio de Janeiro, numa cerimônia simples, a que compareceram apenas cinco de seus fiéis amigos. Não merecia esse destino, mas o que se poderia fazer no Brasil daquele tempo - ainda marcado pelo ferro em brasa da escravidão? Quando o poeta morreu, o país completava dez anos de abolição da escravatura - mas Cruz e Sousa, como todos os negros, continuava sofrendo com a discriminação. Onde já se viu um intelectual negro? Que ousadia para aqueles tristes tempos...

Mas apesar de todos os entraves da rea-lidade, o poeta catarinense prosseguiu em sua jornada. Deixando Desterro em 1890, foi se estabelecer no Rio de Janeiro, onde, julgava, seria menos importunado por causa de sua cor. De certa forma, tinha razão. Até emprego conseguiu - o de arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Foi no Rio de Janeiro que Cruz e Sousa deu impulso à sua obra. Se não tivesse se mudado para a capital federal, teria sido reconhecido pela crítica da época? Talvez não.

O fato é que em 1893 publicou seu "Missal" (prosa) e "Broquéis", causando uma verdadeira revolução nas letras nacionais. Um negro, da província, introduziria no Brasil o simbolismo, um estilo literário de transição, dificílimo e extremamente erudito. Foi um baque.

Reconhecer a força deste catarinense, símbolo maior da batalha literária, é dizer sim ao seu talento, à sua criatividade, a tudo quanto ele nos legou, em termos de qualidade artística. Cruz e Sousa merece ser mencionado exaustivamente em nossas escolas, pelos professores, para que as novas gerações tenham um mínimo de conhecimento de sua importância como poeta e rebelde.

Afinal, que outro símbolo cultural catarinense pode ser comparado ao homem que criou "Broquéis", "Missal" e "Faróis"?

Homenageá-lo é sabê-lo grandioso, supremo, glorioso enquanto artista. Mas é preciso, sobretudo, compreendê-lo e torná-lo cada vez mais conhecido. Talvez por isso a Coperve da UFSC tenha incluído, entre as obras fundamentais para seus vestibulares, até o ano 2001, os textos do poeta catarinense.

Para não esquecer Cruz e Sousa, aqui vão alguns de seus poemas, selecionados conforme critérios pessoais deste repórter - mas indiscutivemente inscritos entre os mais importantes do notável intelectual negro. Note-se a presença marcante do jogo de símbolos (daí, simbolismo, de uma maneira simplificada) e do latente erotismo que permeia toda a sua obra.

É preciso dizer mais. Mas é sobretudo necessário conhecer mais, apreciar mais e jamais esquecer a importância desse poeta.

Cruz e Souza (à direita) com Virgílio Várzea e Horácio de Carvalho

Bibliografia de Cruz e Sousa

Julieta dos Santos (em colaboração com Virgílio Várzea e Santos Lostada). Desterro, Tip. Comercial, 1883.
Tropos e Fantasias (em colaboração com Virgílio Várzea). Desterro. Tip. da Regeneração, 1885
Missal. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893
Broquéis. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia, 1893
Evocações, Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1898
Faróis, Rio de Janeiro, Tip. do Instituto Profissional, 1900
Últimos Sonetos, Paris, Aillaud & cia., 1905

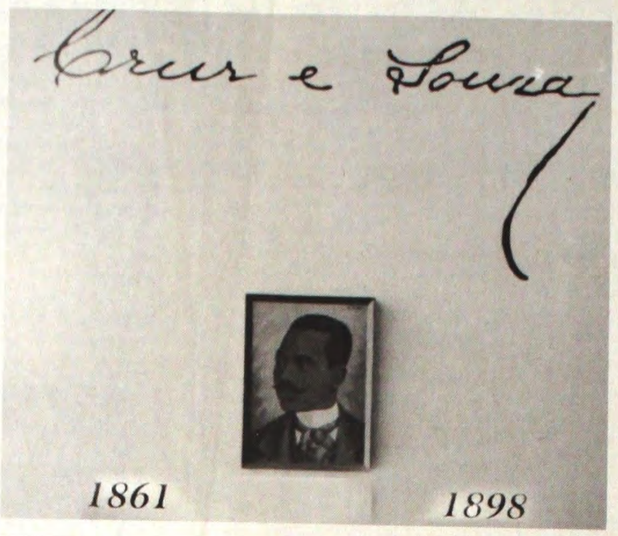
Dilacerações

Ó carnes que eu amei sangrentamente,
ó volúpias letais e dolorosas,
essências de heliotropos e de rosas
de essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente
do Sonho e das Estrelas fabulosas,
carnes acerbas e maravilhosas,
tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zelos,
através dos profundos pesadelos
que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,
em lágrimas, em prantos, em lamentos,
em ais, em luto, em convulsões, em dores...



Rosa negra

Nervosa Flor, carnívora, suprema,
flor dos sonhos da Morte, Flor sombria,
nos labirintos da tu'alma fria
deixa que eu sofra, me debata e gema.

Do Dante o atroz, o tenebroso lema
do Inferno à porta em trágica ironia,
eu vejo, com terrível agonia,
sobre o teu coração, torvo problema.

Flor do delírio, flor do sangue estuoso
que explode, porejando, caudaloso,
das volúpias da carne nos gemidos.

Rosa negra da treva, Flor do nada,
dá-me essa boca acídula, rasgada,
que vale mais que os corações proibidos!

Manhã d'estio

O Azul hoje amanheceu numa melodiosa canção, duma consoladora carícia veludosa de arminho, duma doce e suavíssima frescura de maçã rosada, – brunido, reluzente, como um raro bronze florentino finíssimo, vivamente cheirando a violetas, a jasmins e rosas machucadas.

Na cristalina sonoridade do côncavo páramo aberto há uma etérea música que passa em fios sutilíssimos de luz e de aroma pela sua transparência diamantina e velada, como um líquido radioso e fragrante através duma primorosa safira.

E o canto de um pássaro, que além atravessa o céu, é mais brando, é mais terno, então, mais harmonioso e sereno, prende, emociona e arrebata mais porque vai cheio desta ambiente fluidez matinal, desta vaporosa e delicada tonalidade aérea, deste fino sentimento amoroso do impoluto noivado dos elementos naturais animados, destes, enfim, deliciosos tons alegres que dão um rico sabor à terra, uma vibração luminosa aos aspectos e um mais meigo encanto imaculado aos frutos que pendem das árvores e às flores que coloram, dulcificam tudo com a graça, a inefável candidez de sorrisos.

Os arvoredos recortam nitidamente no ar as suas ramagens intensas, cujo verde orvalhado cintila, e as palmeiras, que mais de perto avisto, altas, sobrepujando os outros arvoredos, como a afirmação soberana do poder germinativo, aprumam-se firmes, desdobrando no alto as suas verdejantes plumas que tremeluzem nas aflantes aragens.

Na pradaria florida os gorjeios crescem, trinados festivalmente cortam o espaço, vôos, rumores d'asas, claros e argentinos ruídos frescos de rios, chiantes carros dormentes de lavouras tomando o vermelho e risonho atalho murmuroso dos campos relvosos, entre a implorativa plangência mugidora dos tardos bois melancólicos; movimentos agrícolas de enxadas, de sachos e arados, todos os instrumentos e aparelhos rurais, cavando, mondando, preparando a terra para as culturas, avigorando-a e adubando-a, dando-lhe a larga força nutriente aos germes para que ela opere e produza, farte infinitamente a todos de sazonadas colheitas.

E toda essa orquestração da Natureza e do trabalho, todas essas impetuosas, palpitantes correntes da Vida, enchem o ar de alvoroço, de alarido, duma religiosa bênção panteísta e dum cântico enlevador que desce consolativamente sobre as cousas – como se toda a seiva, vegetal e humana, estivesse na gestação poderosa, na fecunda elaboração de mundos virgens e novos.

Nós, Artistas, que dissipamos toda a nossa mais bela e opulenta porção de glóbulos rubros para arrancar à Natureza a sua latente verdade; que nos embevecemos na contemplação, no misticismo do céu; que de tudo ansiamos pelas recônditas, encantadas origens; que tanta vez nos mergulhamos no azedume e na inclemente maresia do tédio, achando a vida gasta, acabada, falazes e mentidos os seus lentejoulados, fascinantes enlevos, trememos de comoção, ficamos extasiados quando essas perspectivas se nos antolham assim d'esplendor, trazendo ainda à nossa desvirilizada e já quase decadente estrutura moral um pouco de alento, heroísmo e força, de sagrada virtude de pensamento e gloriosa envergadura espiritual para a luta, hauridos a plenos sorvos nos abundantes mananciais da luz, na soberba caudal imensa da Natureza fecunda e generosa.

Porque só a Natureza, germinalmente só ela, nos sabe dar à alma e ao corpo esta nobre saúde, estas estóicas atitudes épicas; porque só ela nos comunica os seus emotivos impressionismos, nos penetra os seus evangélicos, pensativos silêncios e recolhimentos alpestres, tão empiricamente transvasados do neblinoso luar dos Sonhos e tão relicariamente votados ao culto como os santuários; só é dela que vem a crença robusta que nos põe no peito como que afiadas lâminas de espada para destruirmos bizarros as mil venenosas cabeças da formidável serpente da Dúvida; só ela nos veste dessa flamente irradiação de aurora da qual emergimos vitoriosos, no fluido ouro resplandecente da apoteose da Vida; e só ela, enfim, nos lava do Mal, nos purifica como a salitrosa salsugem do Mar glauco nas salutares e matinais travessias d'alacridade picante, quando se volta das ondas numa eflorescência pagã de Tritão marinho, no luminoso frescor primaveral e sonoro dum viçoso ramo silvestre ruflante de revoadas de coleiros e gaturamos cantando.

Um clarim, uma trompa de caça que por aqui vibrasse, como numa pastoral da Idade Média, nesta formosa manhã perfumada, apanharia, tomaria destes murmúrios todos, pelo fenômeno acústico da recepção e transladação dos sons, como em placas fonográficas, todos os profundos e vagos ecos e os levaria então para longe – derramando-os, espalhando-os em cada placidez sedentária de sítio, em cada remanso bonançoso de campo, fazendo renascer a brava cultura ingênita das terras, palpitar o rijo pulmão d'aço do movimento incessante, pulsar, latejar vinculativamente as artérias da fecundidade e circular em todo o sangue oxigenado, ardoroso e produtivo que gera e fortalece tudo o que não é mais do que o Sol eletricamente entranhado nas mais profundas raízes de tudo.

Missal.
Obra completa, ed. Aguilar, 1961.

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões álacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

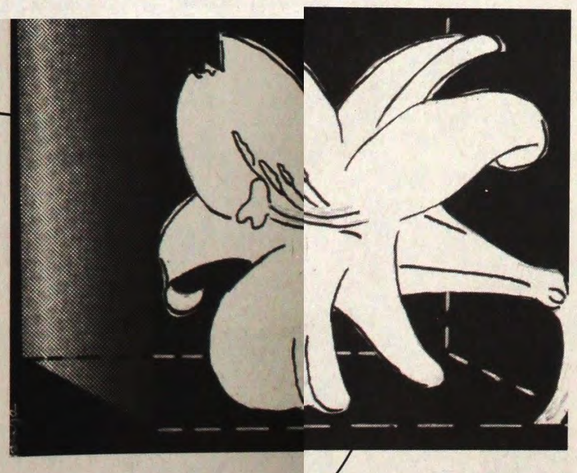
Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sangüinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.



Sentimentos carnais

Sentimentos carnais, esses que agitam
todo o teu ser e o tornam convulsivo...
Sentimentos indômitos que gritam
na febre intensa de um desejo altivo.

Ânsias mortais, angústias que palpitam,
vãs dilacerações de um sonho esquivo,
perdido, errante, pelos céus, que fitam
do alto, nas almas, o tormento vivo.

Vãs dilacerações de um Sonho estranho,
errante, como ovelhas de um rebanho,
na noite de hóstias de astros constelada...

Errante, errante, ao turbilhão dos ventos,
sentimentos carnais, vãos sentimentos
de chama pelos tempos apagada...

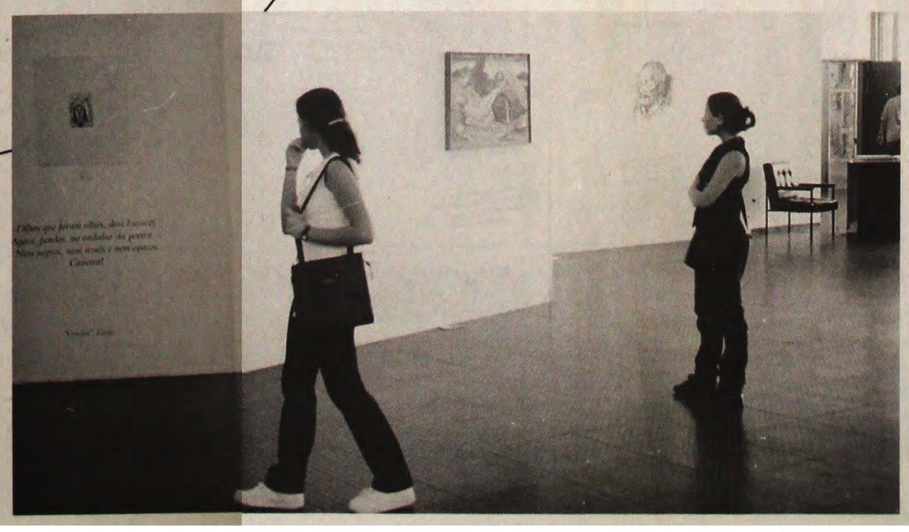
Tulipa real

Carne opulenta, majestosa, fina,
do sol gerada nos febris carinhos,
há músicas, há cânticos, há vinhos
na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina
do teu corpo de límpidos arminhos
tem a frescura virginal dos linhos
e da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,
vem dessa carne o travo aciduloso
de um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclínios...
E os reis dormem bizarros e sangüíneos
na seda branca e pulcra dos teus braços.



11 PIZA, Daniel. As ambivalências de Cruz e Sousa. **Gazeta Mercantil,** 14-15 mar. de 1998. Caderno da Gazeta Mercantil, p. 7, Cultura.

NEGROS

As ambivalências de Cruz e Sousa

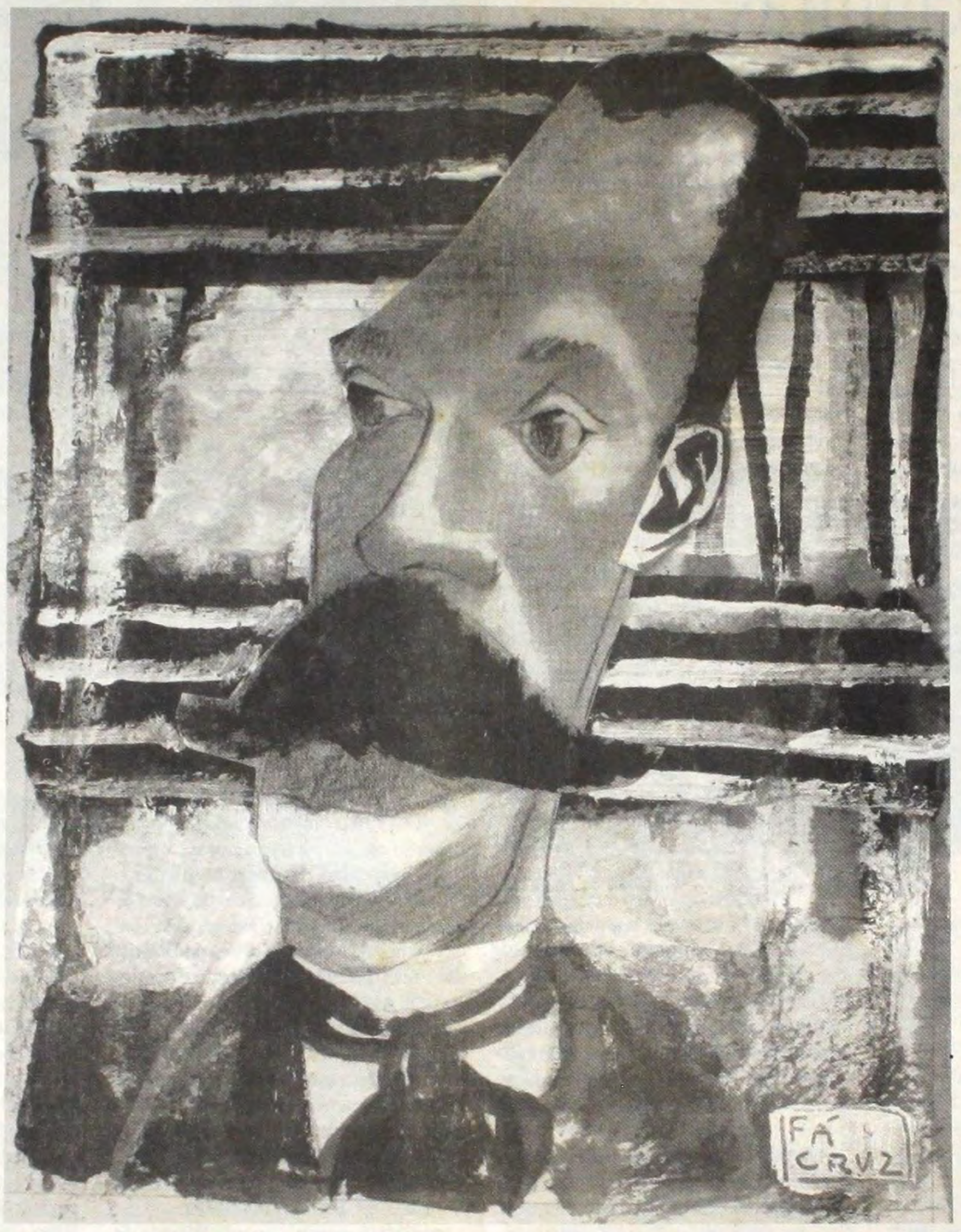
Centenário de morte do poeta negro chama atenção para o humor e o vigor de sua deturpada obra pós-romântica

Daniel Piza
de São Paulo

O centenário de morte do poeta brasileiro João da Cruz e Sousa (1861-1898), a ser celebrado em 18 de março, poderia sugerir devaneios críticos em torno da morbidez cultivada pelos artistas daquela geração. Há diversas referências à morte na obra de Cruz e Sousa, e sua biografia – poeta negro nascido em Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis, na loira Santa Catarina), filho de escravos, casado com mulher branca que enlouquece, morto aos 37 anos – já deu margem a muita associação grosseira. Mas é preciso ler, ler muito Cruz e Sousa para perceber que sua poesia é de afirmação, especialmente em seus melhores momentos, e escapa ao tom de lamento que querem lhe impingir. Ao contrário do outro grande poeta pós-romântico brasileiro, Augusto dos Anjos (1884-1914), Cruz e Sousa não se consuma na decadência, não se aproxima da neurastenia. Mas o que tanto brancos como negros esperam de um autor com sua história não é isso. Eles querem porque querem ver em sua estética uma ética de defesa, uma tradução de suas "condições", uma vitimização recheada de crítica social.

Acontece que Cruz e Sousa é um poeta muito bom para que sua obra se encaixe nesses reducionismos. Como a de Augusto dos Anjos, ela é dotada de uma virtude que os críticos e acadêmicos tendem a considerar secundária: o humor. Lendo o que escrevem sobre ambos, no entanto, imaginamos dois paranóicos de olhos vermelhos, entregues à dissolução emocional, incapazes de ironia ou autoironia, a não ser como excentricidades que só fazem reforçar sua condição de malditos, de desesperados. Até mesmo o poeta Paulo Leminski, no divertido "Cruz e Sousa" que escreveu para a coleção Encanto Radical da editora Brasiliense, decidiu classificá-lo de expressionista, de compositor de blues, de poeta negro que é perturbado pela alma branca que lhe tentam impor e, portanto, adota recursos sutis *para protestar contra tal imposição. Daí a ênfase que Leminski, seguidor-* diluidor do concretismo apesar de toda sua criatividade, dá aos trocadilhos e anagramas que encontra em Cruz e Sousa, além de tratar sua musicalidade como forma de obscurecer os sentidos e implodir a retórica. Bem, isso é melhor do que a crítica convencional tem escrito sobre o poeta dos "Broquéis", dizendo-o mero simbolista de talento.

Mas não é bem assim. Cruz e Sousa só pode ser chamado de simbolista na acepção dada por Edmund Wilson à palavra em "Castelo de Axel". O ideal, porém, é chamá-lo de pós-romântico, termo menos limitador. Cruz e Sousa parte dos recursos consagrados pelo romantismo, como as metáforas feitas de anteposições imagéticas, e lhes acrescenta ou os subverte com aliterações e reticências em excesso, extravagâncias vocabulares e imprecisões semânticas, que criam um clima ainda mais sugestivo, estranho. Quando lemos Baudelaire ou Castro Alves, por exemplo, sentimos um ritmo ainda "redondo", um diálogo mais respeitoso com a tradição, com seu equilíbrio e regularidade; mas, quando lemos Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Cruz e Sousa ou Augusto dos Anjos, percebemos arestas, vaguezas e distorções, um ritmo mais sincopado, um registro mais oscilante, que aponta para as descontinuidades do modernismo no futuro breve. Nesse elenco, Cruz e Sousa parece mais próximo de Verlaine, mas Verlaine é doce; e não chega a ser como Mallarmé, cujas inversões sintáticas e arcabouço idealista possuem uma complexidade estética única. De Rimbaud ele está mais distante, porque o fragmentário em Rimbaud já ultrapassa o espírito da época com uma força sintética, elíptica, que o tempo tem confirmado. Cruz e Sousa está em algum ponto entre a melodia de Verlaine e a afetação de Mallarmé, mesclada a *um humor que Augusto dos Anjos exploraria mais intensamente.*



Derivações

Logo, a idéia comum de simbolismo – "vozes aveludadas, veludosas vozes", etc. – não serve para entender Cruz e Sousa, seus ritmos "trêmulos e indecisos", sua forma peculiar de tristeza, sua vontade de "bendizer o Inferno". Cruz e Sousa – cuja obra completa recebeu em 1995 um volume da bela coleção de clássicos da Nova Aguilar – é um dos maiores exemplos nacionais do comentário brilhante de Robert Hughes sobre Georgia O'Keeffe em "American Visions", de que pode existir grande arte derivativa, sim, ao contrário do que dizem eurocêntricos e antropofágicos. Partindo de suas influências francesas, Cruz e Sousa criou uma poesia que ganha sabor nos detalhes próprios, específicos. Aquilo que apontam como maldição na poesia do autor é, para os leitores, uma bênção. Nos grandes artistas, defeitos ou virtudes ao fim se tornam características que, para além da moral, são componentes de um todo – o qual pode ser bem-sucedido ou não, mas não deve ser avaliado senão pelas partes.

Assim, é uma sorte nossa que o filho do pedreiro negro Guilherme da Cruz tenha caído nas graças de outro Guilherme, o marechal branco Xavier de Sousa, e dessa circunstância tenha surgido o poeta Cruz e Sousa, não Cruz ou Sousa, nem Cruz mas Sousa. Tal qual outros grandes escritores brasileiros de origem humilde – os mulatos Machado de Assis e Lima Barreto –, Cruz e Sousa teve a chance de apreender a tradição e a modernidade criadas pela cultura européia ocidental e de criar ele mesmo sua colaboração pessoal a essa tradição e modernidade. Em verdade, a poesia de Cruz e Sousa nada tem de difícil, de incompreensível, e sua admiração maior por Baudelaire talvez o tenha mantido com o pé no chão fértil da oralidade e da transparência. Suas imagens podem ser nebulosas, mas nunca são obscuras ou opacas; sabemos exatamente quando ele está optando por determinados adjetivos mais por seu valor sonoro do que por seu sentido imediato, sem permitir que eles predominem sobre o significado geral, ao qual se somam. E suas construções em ordem indireta também aparecem sob controle; não são tortuosas, nem se estendem em períodos longos. O vocabulário é acessível justamente para acentuar os estranhamentos: "Da aurora alegre undiflavando as bandas/ Do adamascado e rúbido oriente".

O repertório francês veio muito a calhar para as intenções de Cruz e Sousa. Os contornos indefinidos e as sonoridades bizarras servem para que ele equacione sua própria existência, sem se bastar nela como mérito inicial ou final. Sua vida entre os negros e os brancos, entre o pobre e o rico, entre o simples e o erudito, criou sem dúvida uma identidade turva, isto é, adequada ao estilo pós-romântico. Tanto que no poema "O eterno sonho", por exemplo, ele põe a mulher a lhe dizer: "Ah, bem conheço o teu afeto triste.../ E se em minha alma o mesmo não existe,/ É que tens essa cor e é que eu sou branca". Ou seja, ele propõe uma poesia que é ao mesmo tempo afetuosa e triste, um "sol pagão", cantado por "violões que choram" – uma poesia híbrida, indefinida, como seu autor. Mas ele não se considera um produto mecânico de seu meio, de sua "condição", como se diz hoje. Vê bastante humor e prazer nela: "Ó profundo contraste incomparável/ Eterna lei, ciclópica ironia...".

Contraponto

Não à toa uma das palavras que mais utiliza é "Transfiguração". Toda sua poesia parte de uma mesma matriz de imagens em contraponto, transmitidas em termos tanto abstratos como em concretos: de um lado, "desejo", "soturno", "lúbrico", "emoção", "agonia", "mortalha", "gangrena", "negro", "bronze", "sangue", etc.; do outro, "casta", "virgem", "branca", "luz", "rosas", "fibras", "norma", "alva", "pura", "monjas", etc. É aí, na cópula de um e outro, de vigor masculino e delicadeza feminina, que o poeta pare sua poesia. Em suas frequentes alusões sexuais, a "fúria plebéia" busca o "gozo ideal" e disso brota a arte – a transfiguração. "Busca palavras límpidas e castas,/ novas e raras, de clarões radiosos", diz ele, e "Busca também palavras velhas, busca,/ Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário/ E então verás que cada qual corusca/ Com dobrado fulgor extraordinário". É por isso que ele tem a ousadia de usar recursos até mesmo parnasianos para produzir sua fusão. Percebe a ironia de um mundo explicado de forma dualista – vida e morte, homem e mulher, preto e branco, sujo e limpo – que encarna em si mesmo, mas que crê "fecundo" justamente por conter "mágoa". Para citar seu poema mais famoso, "O assinalado", é a negra algema de amargura que rebenta em estrelas de ternura.

A poesia de Cruz e Sousa é a realização da ambivalência. Esta é traduzida em seus aspectos existenciais, sociais, filosóficos e artísticos, e quem a limitar a apenas um ou dois deles estará diminuindo o autor, que foi funcionário da Central do Brasil, balconista, caixeiro e ponto de circo e que foi idolatrado em vida, muito mais do que maldito. Seus admiradores acendiam uma vela diante de sua foto, depois de sua morte. Quem o pinta como *uma vítima febril de seu tempo estará furando o olho desse ciclope,* negro que "ri de modo triste", que dança soluçando à beira do abismo a observar "luares liriais". ■

12 BACK, Sylvio. A luz preta. **Folha de São Paulo**. 15 DE MAR. DE 1998. Mais!/Poesia, P.11

POESIA

A luz preta

SYLVIO BACK
especial para a Folha

O poeta João da Cruz e Sousa é um estigma literalmente escuso da literatura brasileira. Por ser uma exceção provocante na então sociedade escravocrata do século 19, sua soberba negritude acabou por matá-lo aos 37 anos. Sua "igualdade" era demais.

O preto no branco, preto-e-branco. Desde o início ele soube, como se uma película de nitrato fora, que seria "incendiado". E não "incensado" — simbólico expediente comum na alvorada do cinema (que lhe foi vizinha), quando as salas eram perfumadas durante a exibição de filmes místicos. Como o personagem de "Le Petit Soldat", de Godard, Cruz e Sousa tentava abarcar a tela, entrar na cena, assumir a visibilidade de ilusão. Inutilmente. Sua ambição e obra ficaram na penumbra do "mainstream" da poesia do seu tempo. A exemplo do então "bizarro" cinematógrafo, o "Assinalado" ("A Terra é sempre a tua negra algema...") sobreviveu à madrastice dos contemporâneos. Antes que vitimá-lo, a posteridade reservou-lhe o portal da glória.

Fragmentariamente biografado, sua trajetória em Nossa Senhora do Desterro (nome original de Florianópolis, SC) —do nascimento em 1861 ao Rio de Janeiro entre 1890 e 1898—, assemelha-se a um filme velado. Sobram vácuos e contornos anímicos que mais confundem do que decifram. Mesmo que se queira desideologizar o personagem, desenraizá-lo d'África ou "despaisá-lo" do Sul, aproximar-se dele por meio de sua órfica e lunar poesia será sempre uma metáfora sobre a tragédia que é ser negro no Brasil —em todos os tempos.

Essas reflexões vêm a propósito do filme "Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro", em cujo roteiro invisto não "apenas" no mote "quem é", mas "o que é" João da Cruz e Sousa, filho de escravos, poeta, "ponto" de teatro, jornalista, amanuense. Um negro de "alma branca" —segundo o torpe perfil que a lenda chancelou? Um preto apaixonado por loiras germânicas, flertando com um vocabulário de corte nórdico, valquiriano, e cuja poesia tem induzido críticos a disfarçadamente até "nazificá-lo" avant la lettre (ao ponto de, como Roger Bastide, contar os fonemas que "trairiam" sua etnia)? Ou "o negro que não conhecia seu lugar", um "preto estrangeiro" (na expressão do amigo e testamenteiro Nestor Vítor)? Então um negro culto e abusado, sempre elegante e galante, na busca por uma auto-arianização como atalho para ascender, fugir da casta (talvez espelhando-se no seu igual-desigual Machado de Assis —um "mulato à inglesa", como se dizia numa época em que ninguém queria ser negro ou cafuso)? Ou o pânico letal do crioulo gênio, crente que basta o talento para ser reconhecido —sem desconfiar que para além do racismo mais vil germina o cancro da inveja.

Nem a desgraça pública e a morte prematura de Cruz e Sousa redimiram os seus algozes das redações, dos suplementos literários, das editoras, da repartição, das rodinhas e tertúlias literárias. Nem o negro bem-sucedido José do Patrocínio, de olho na história ao pagar seu enterro, inconscientemente sobre o caixão deitou em forma de coroa o alívio e o escárnio de toda uma geração. A pessoalmente ciclópica obra de Cruz e Sousa, única em toda a língua portuguesa, é a maior vingança.

Estes os virtuais quadros do futuro "movie" sobre Cruz e Sousa —a contrapelo da perversa mitologia— aguardando por vida a 24 quadros por segundo:

Cruz e Sousa é o vagão de gado, o cadáver tísico, batom de sangue fresco nos lábios —ao colo grávido da amada Gavita, a "preta doida" do Encantado.

Cruz e Sousa é o andor que alegre carrega as paixões pela atrizinha branca Julieta dos Santos e pela adolescente Pedra Antióquia, negra "deidade linda" —sua noiva-donzela por oito anos.

Cruz e Sousa é o tantã da musa atávica, "vozes veladas, veludosas vozes/ Volúpias dos violões.../ ... Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

Cruz e Sousa é a sombra chinesa que passa incógnita pela sofisticada rua do Ouvidor, empobrecido, adoecido e tão "enegrecido" quanto todos os exilados pela cor.

Cruz e Sousa é o próprio rio "amargamente sepulcral, lutuoso, amargamente rio" —nele suicidando-se em sonhos de grandeza literária e nobreza social.

Cruz e Sousa é a fome de Gavita e dos filhos, "indigência terrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada...", que ele inerme assiste de um palco mambembe.

Cruz e Sousa é a solitária vela acesa no altar —encimado com sua última foto—, onde os parcos e fiéis simbolistas lhe "rezam" os poemas em uníssono.

Cruz e Sousa é o excitado Eros ("Carnais, sejam carnais tantos desejos...") a banhar-se nas areias desérticas da lagoa da Conceição no Desterro.

Cruz e Sousa é o voyeur impertinente da vaziez provinciana que o expele, como depois a Corte o tritura.

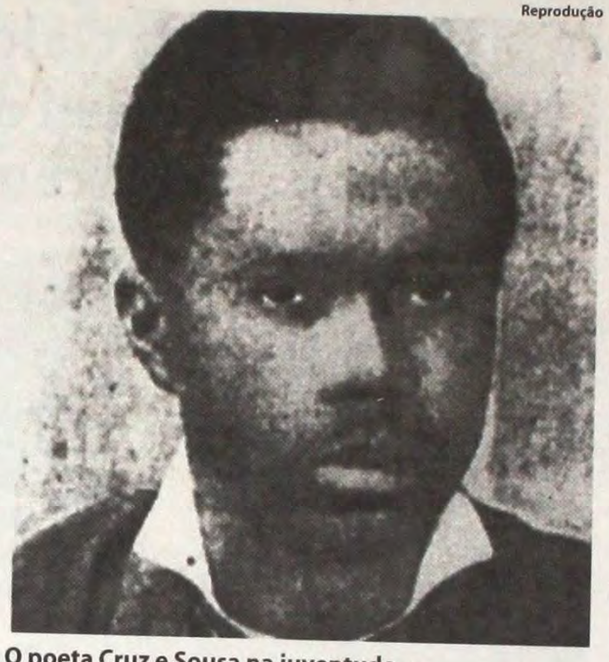
Cruz e Sousa é a abolição das senzalas, das tribunas e guerrilhas literárias: " (Escravocratas) eu quero castrar-vos como um touro —ouvindo-vos urrar!".

Cruz e Sousa é o "emparedado" —a atroz rejeição e desqualificação inclusive entre os seus, para quem sempre foi "branco demais".

Cruz e Sousa é a efígie do olhar ebúrneo no túmulo do cemitério São Francisco Xavier do Rio de Janeiro, testemunhando a própria ressurreição.

Cruz e Sousa é "a luz preta" que enche a brancura telúrica da tela.

Reprodução



O poeta Cruz e Sousa na juventude

Sylvio Back é cineasta e poeta. Prepara atualmente as filmagens de um "docudrama" de longa-metragem sobre Cruz e Sousa.

13 ASCHER, Nelson. Tristeza do infinito. **Folha de São Paulo**, 15 de mar. de 1998. Mais!/Poesia, p.5

POESIA

Há cem anos morria o autor de "Broquéis", um dos maiores poetas negros da literatura

CRUZ E SOUSA

Tristeza do infinito

NELSON ASCHER
da Equipe de Articulistas

Em 19 de março de 1898, dia seguinte ao de sua chegada à Estação de Sítio, Minas Gerais, para onde seguira em busca de tratamento para a doença que se declarara três meses antes, o poeta catarinense João da Cruz Sousa morreu de tuberculose. Filho de um escravo alforriado quando seu senhor, o marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, partira para a Guerra do Paraguai, o poeta, nascido em 24 de novembro de 1861, foi educado pela família do senhor e é dela também que tomou seu nome. Sua educação, para os padrões da época, pode ser chamada de aristocrática e os amigos lembram-se dele como um verdadeiro dândi. Ele estudou os clássicos, línguas estrangeiras e teve como professor um naturalista alemão que se correspondia com Darwin: Fritz Müller. Nos anos seguintes, a cor revelou-se grande empecilho para sua vida profissional, mas ajudou de certa forma a chamar a atenção da crítica e dos leitores para sua carreira literária —que começou oficialmente com a dupla publicação, em 1893, dos poemas de "Broquéis" e da prosa poética de "Missal". Devido a esses dois livros, 1893 é consensualmente considerado o ano inaugural do simbolismo no Brasil. Outros pontos em que há certo consenso são os traços gerais que definem o movimento e a avaliação da obra do catarinense como um de seus ápices neste país.

Embora, em meados do século 19, Baudelaire (ou Nerval etc.) não estivesse pensando exatamente em criar um movimento, as discussões posteriores em torno de seus poemas, de sua estética e da obra dos continuadores tornaram o que viria a se chamar simbolismo um movimento dotado de uma doutrina tão ou mais influente no curto prazo do que sua própria poesia e, por isso mesmo, muito mais semelhante nesse aspecto aos "ismos" do século seguinte do que a tudo que surgira antes. Define-se geralmente o simbolismo como uma revolta contra o racionalismo progressista, otimista e cientificista do século passado, uma revolta cujo objetivo, dando continuidade aos extremos do romantismo, era tornar a linguagem menos precisa e lógica, mais sugestiva e musical por meio do ciframento, da ambiguidade e de associações inesperadas ou inexplicáveis, para que ela pudesse aproximar-se daquilo que a razão seria incapaz de perceber, atingindo assim algum tipo de transcendência. Associa-se a tudo isto a atração pelo esotérico e o culto da "arte pela arte" que transformaria poesia, pintura e música numa religião e seus praticantes em sacerdotes (o acréscimo brasileiro estava no combate aos ditames do parnasianismo).

O único problema é que essa definição está longe de circunscrever a obras dos seis representantes máximos do simbolismo francês: Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Laforgue, Corbière e Mallarmé.

Pode parecer estranho, mas Cruz e Sousa está mais próximo deste ideário do que os seis poetas acima, se bem que seus poemas tampouco se limitem a isso. Ele começou a escrever numa veia entre parnasiana e condoreira e é nessa combinação estilística que, no começo de sua carreira, compôs poemas abolicionistas, ou melhor, antiescravagistas. Um exemplo notável, diferente em tudo do lirismo que o tornaria célebre, leva o título de "Escravocratas":

"Oh! Trânsfugas do bem que sob /o
manto régio
manhosos, agachados —bem
/como um crocodilo,
viveis sensualmente à *luz* dum
/privilégio
na *pose* bestial dum cágado
/tranquilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as
/setas
ardentes do olhar —formando
/uma vergasta
dos raios mil do sol, das iras dos
/poetas,
e vibro-vos à espinha
/—enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso,
/extraordinário
da branca consciência—o rútilo
/sacrário
no tímpano do ouvido —audaz
/me não soar.

Eu quero em rude verso altivo
/adamastórico,
vermelho, colossal, d'estrépito,
/gongórico,
castrar-vos como um touro
/—ouvindo-vos urrar!".

Quem esteja familiarizado com o Cruz e Sousa de "Antífona", o poema-manifesto que encabeça "Broquéis", mal reconhecerá o autor num soneto como este (não datado em sua "Obra Completa", mas possivelmente escrito poucos anos antes da Abolição). Alguns elementos que mais tarde se tornariam centrais aparecem aqui, mas não passam de detalhes secundários: uma expressão como "rútilo sacrário" ou a sequência de adjetivos na última estrofe. Ainda assim, sua poesia oficialmente simbolista é vaga, etérea, abstrata, delicada, enquanto este poema é objetivo, direto, rude e contundente. Aquela é quase sempre despida de humor; a sátira deste beira o grotesco. A sintaxe ali é simples, singela e composta de frases curtas; aqui, se bem que não chegue ao "gongórico", ela é rebuscada, complexa e turva, com a enunciação da segunda quadra invadindo brutalmente o primeiro terceto. Não conheço juízo de valor ou critério de julgamento segundo o qual "Escravocratas" não pudesse ser considerado um de nossos mais enérgicos poemas políticos. E, no entanto, não figura, que eu saiba, em nenhuma antologia posterior à sua redescoberta.

É sobretudo ao próprio autor que isto se deve, pois, como se vê nos volumes de 1893, ele acabou optando por um estilo, ou melhor, uma poética tão diferente quanto possível daquela do soneto em questão. É difícil dizer o que o teria movido mais: a leitura da poesia simbolista francesa ou sua doutrina. Em todo caso, ele deixou de lado o que já sabia fazer bem em prol de algo que lhe cabia aprender. Não raro parece que o que Cruz e Sousa adotou foi menos uma estética do que um mecanismo que lhe permitia escrever poema após poema num fluxo surpreendente. Este fluxo tem, sem dúvida, qualidades: sua escolha lexical, normalmente estreita, é sempre apropriada, suas imagens são coerentes e, dentro de seu sistema, bem construídas, seu fraseado é elegante e equilibrado, sua dicção é a de um mestre, a versificação límpida e musical combina com suas rimas corretas.

Em seus bons momentos, o poeta pode competir tranquilamente com Cesário Verde: "A peregrina carnação das formas/ —o sensual e límpido contorno,/ tinham esse *quê* de avérnico e de morno,/ davam a Zola as mais corretas normas!..." ("Dormindo"), ou "E tens as nuances raras/ dos bons prazeres servidos/ nos rostos enlourecidos/ das parisienses preclaras" ("Lirial"); com Augusto dos Anjos: "Aplica o ouvido à correnteza fria/ dos golfões da matéria/ e recorda de que lama sombria/ é composta a miséria" ("Recorda"), ou "...e viva essência/ dos fantasmas noctívagos da cova" ("Flores da Lua"), ou "Vala comum de corpos que apodrecem,/ esverdeada gangrena, cobrindo vastidões que fosforecem/ sobre a esfera terrena" ("Tédio", em que, mais adiante, "sinistras sereias" é superior ao poeta de "Eu"), ou "Riso de ateu e riso de budista/ gelado no Nirvana impenitente" ("Rebelado"); com o Manuel Bandeira de "Carnaval": "De ironias o momo picaresco/ abre-lhe a boca e uns dentes de ferrugem,/ verdes gengivas de ácida salsugem/ mostra e parece um Sátiro dantesco" ("Majestade Caída"), ou "Canção do Bêbado"; com o Vinicius de Morais de "Receita de Mulher": "Para haver mais requinte e haver mais viva,/ doce beleza e original carícia,/ deu-lhe uns toques ligeiros de ave esquiva/ e uma auréola secreta de malícia" ("A Flor do Diabo", em que o poeta chega a imagens como "nas lagoas letíficas, sidéreas,/ o cadáver da lua vai boiando").

E, de quando em quando, Cruz e Sousa alcança apogeus exemplares: "Jamais há de ela Ter a cor saudável/ para que a carne do seu corpo goze,/ que o que tinha esse corpo de inefável/ cristalizou-se na tuberculose" ("Tuberculosa"); "Ó carnes que eu amei sangrentamente" ("Dilacerações"); "Rio do esquecimento tenebroso,/ amargamente frio,/ amargamente sepulcral, lutuoso/ amargamente rio!" ("Esquecimento"); "Certo neblinamento de saudade" ("Ressurreição"); "Um luar de perdões desabotoa" ("Enlevo"); "És velada, quebradiça/ como teu nome é velado./ Certa flor curiosa viça/ no teu corpo edenizado" ("Inês"); "Tristeza de não sei donde/ de não sei quando nem como.../ flor mortal, que dentro esconde/ sementes de um mago pomo" ("Tristeza do Infinito").

Não há, porém, como deixar de observar que essas condensações de inspiração e de engenho estão espalhadas em poemas cujo restante é substancialmente menos realizado. Grande parte de sua produção compõe-se de sonetos decassilábicos, mas estes tendem a se confundir uns com os outros em decorrência da repetição insistente de imagens, de palavras, de fórmulas mesmo. A falta de foco e a irresolução programática de seus poemas transforma-os frequentemente num todo indiferenciado em que a descoberta de pontos luminosos é a recompensa da persistência paciente do leitor.

Deste modo, são os poemas longos que servem ao poeta como uma espécie de rede para capturar o que ele podia oferecer de melhor e, dentre estes, destacam-se as litanias escritas em versos mais curtos como as redondilhas. Talvez, ao abandonar seu estilo juvenil por uma idéia daquilo que seria o simbolismo, Cruz e Sousa não tenha afinal chegado ao simbolismo propriamente dito (se são os seis poetas franceses mencionados que melhor o representam), mas a algo diferente, e um poeta cujos paralelos com o autor de "Broquéis" mereceriam ser analisados é o inglês Dante Gabriel Rossetti, fundador, em 1848, do pré-rafaelismo, um movimento poético e pictórico tardo-romântico que está para o romantismo original de Blake, Wordsworth ou Keats assim como o rococó está para o barroco.

Pouquíssimos poetas brasileiros foram tão bem estudados quanto o catarinense. Desde seus partidários e defensores, como Nestor Vítor, Sílvio Romero, Andrade Muricy ou Roger Bastide, até nossos principais historiadores literários, como Manuel Bandeira, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Otto Maria Carpeaux, Massaud Moisés, Alfredo Bosi e Luciana Stegagno Picchio, passando por opositores que mudaram depois de idéia, como José Veríssimo, os críticos dedicaram-lhe uma atenção sincera e o analisaram com sensibilidade, nem por isso deixando de expor seus senões. Nada mais justo, porque, além de ter seu lugar garantido entre os melhores do Brasil oitocentista não só com sua poesia, mas também com sua prosa poética, Cruz e Sousa foi sem dúvida (se descontarmos as origens remotas, quase lendárias, de Aleksandr Serguêievitch Púchkin) o mais importante poeta negro a escrever fora da África antes dos caribenhos Aimée Cesaire, Kamau Brathwaite, Derek Walcott e do americano Amiri Baraka.

Folha Imagem

O poeta João da Cruz e Sousa, que nasceu em 24 de novembro de 1861 e morreu em 19 de março de 1898

EVENTO

A Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, de Santa Catarina, vai realizar uma série de eventos em torno da obra do poeta, que nasceu em 1861 na então Desterro, hoje Florianópolis.

Os eventos começam no próximo dia 19 com uma sessão solene no Senado Federal e prosseguem até novembro, quando ocorrerá o lançamento de um CD-ROM e de uma edição bilíngue (português/francês) dos sonetos do escritor, traduzidos por Anasthasie Ajuona Angoran.

Em maio, ocorrerá na Universidade Federal de Santa Catarina um seminário nacional sobre o poeta. Em agosto, haverá a abertura da exposição "Leitura Visual da Poética de Cruz e Sousa", no Museu de Arte de Santa Catarina. Em setembro, será apresentada a peça "Vozes Veladas", de Eglê Malheiros, no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis.

Mais informações sobre os eventos podem ser obtidas na Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa (av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600, CEP 88025-202, Florianópolis, tel. 048/234-9848).

Obras de Cruz e Sousa

"Obra Completa de Cruz e Sousa" - Ed. Nova Aguilar (r. Dona Mariana, 205, casa 1, CEP 22280-020, RJ, tel. 021/537-8275). 900 págs. R$ 59,00.

"Missal" e "Broquéis" - Ed. Martins Fontes (r. Conselheiro Ramalho, 330, CEP 01325-000, SP, tel. 011/239-3677). 204 págs. R$ 12,50.

"Dispersos - Poesia e Prosa" - Ed. da Unesp (av. Rio Branco, 1.210, CEP 01206-904, SP, tel. 011/223-7088). 160 págs. R$ 16,00.

"Poesia Completa" - FFC Edições e Fundação Banco do Brasil (Fundação Catarinense de Cultura, av. Rio Branco, 387, 6º andar, CEP 88015-201, Florianópolis, SC). 432 págs.

14 GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **ANCapital,** Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades/Ricardinho Machado, p.5

Obra de Cruz e Sousa inspira arte teatral

CAIO CEZAR 22/11/95

Peça escrita por Eglê Malheiros deve ser encenada no centenário de morte

Escritores de SC discutem obra do poeta, que ganha leitura dramática

OSMAR GOMES

"É tão estranho/os bons morrem cedo...". Letra do poeta e compositor Renato Russo, que morreu em decorrência da Aids há pouco mais de um ano, serve para identificar também o triste fim de Cruz e Sousa aos 36 anos, no dia 19 de março de 1898, em Juiz de Fora, Minas Gerais, vítima de tuberculose. A série de homenagens para lembrar o centenário da morte, tão importante foi sua passagem pela vida registrada em livros, inicia neste mês.

Hoje, às 18 horas, na Academia Catarinense de Letras, atores do Pesquisa Teatro Novo (Universidade Federal de Santa Catarina) farão leitura dramática de alguns poemas, entre os quais "Supremo Verbo" e "Visionário". Já às 10h30, no Centro Integrado de Cultura (CIC), dentro da programação do 2º Encontro do Escritor Catarinense, acontece o simpósio "Um Poeta Brasileiro no Final do Século: Cruz e Sousa e a Modernidade", com a participação de Walter Carlos Costa, Miguel Sanches Neto e Fábio Brüggemann. A coordenação é de Zahidé Lupinacci Muzart.

No dia 26 deste mês, às 18h30, haverá sessão solene no plenário, iniciativa tomada pela deputada Ideli Salvatti (PT), que representa o Legislativo na Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, constituída por uma dezena de entidades culturais.

Estarão na sessão solene da Assembléia Legislativa autoridades e um especialista em Cruz e Sousa, o estudioso Antônio Carlos Cechin, editor da revista "Poesia Sempre". O evento vai inaugurar o cronograma de atividades, a ser desenvolvido até dia 19 de março do próximo ano.

POESIA

Sobre uma mesa de bar estão vinho, fotocópias de poemas, livros abertos e canetas. Esses elementos cênicos formam a ambientação para a leitura dramática dos poemas "Supremo Verbo", "Triunfo Supremo", "Sorriso Interior", "Ódio Sagrado", "Luz da Natureza", "Visionários", "Um ser" e "O Assinalado", seleção da doutora em lingüística Leonor Scliar-Cabral, presidenta da seção catarinense da União dos Escritores Brasileiros (UBE).

Trechos de "Litania dos Pobres" foram incluídos pela diretora do grupo e atriz Carmen Fossari, que divide o vinho e os poemas com Luciano Martins e com o chileno Cristian Otirrep. O autor convidado pertence à Sociedade de Escritores do Chile e em sua performance mostrará poemas do seu livro "Sexto Paso de Poetra" e da obra "Prefácio e Canto Primero de Altazor", de outro escritor seu conterrâneo, Vicente Huidobro.

A leitura de Cruz e Sousa, nascido em Desterro (hoje Florianópolis) no dia 24 de novembro de 1861, é uma celebração da palavra, de acordo com Carmen Fossari e Luciano Martins. Durante 30 minutos os atores vão mostrar a profundidade da poética souseana. "Eu acho que Cruz e Sousa é mais importante na França do que no Brasil, infelizmente não é reconhecido nem lido em nosso País. Eu mesma não conheço a obra completa, mas sei que através de seus poemas a palavra perpetua, transcende, há sempre uma relação da plenitude. Cruz e Sousa é importante na medida em que chama a atenção para valores humanos tão essenciais, necessários a este tempo em que tudo é imediatista", argumenta a diretora teatral.

Dinâmica, forte e perene são qualidades atribuídas à obra de Cruz e Sousa pela diretora de teatro, que particularmente se emociona muito com um trecho de "Litania dos Pobres": "...Que por entre os estertores, sois uns belos sonhadores...".

O Pesquisa Teatro Novo, conforme Fossari, fez a primeira leitura dramática de uma peça inédita sobre vida e obra do poeta simbolista mais importante da língua portuguesa. "Vozes Veladas", de Eglê Malheiros, agora pode ser montada pelo grupo universitário. "Queremos fazer uma estréia nacional da peça", comenta.

HONRAS NO SENADO

Além de uma sessão solene no Senado, agendada para 19 de março de 1998, também foi instituído o Prêmio Cruz e Sousa, através do projeto de resolução nº 126 de 1997. É destinado, conforme o artigo 1º, a autores com trabalhos alusivos à comemoração do centenário. Será formado um conselho para apreciar os projetos, com representação de cinco membros e presidente do Congresso Nacional. Interessados deverão enviar suas propostas até dia 19 de março. O prêmio será conferido em sessão do Congresso Nacional especialmente convocada até junho do próximo ano.

ESTE ENCARTE É PARTE INTEGRANTE DE A NOTÍCIA

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

FLORIANÓPOLIS • 19 • MARÇO • 1998

Cruz e Sousa

Maldito dos versos musicais

Cruz e Sousa atravessou a vida num silêncio escuro. Errante, trêmulo, triste e vaporoso, o negro e sublime poeta nascido na Desterro de 1861 suportou o peito dilacerado com a convicção da glória.

O Cisne Negro não se amedrontou diante de austeras portas lacradas. Maldito pela grandeza e pelo elixir ardente de versos capazes de arrebatar paixões até a atualidade, quando se completam os cem anos de morte.

De pranto e luar, sangue e sensualidade, lágrimas e terra construiu uma obra de estímulo às paixões indefiníveis. Mestre do Simbolismo no Brasil, aliou genialidade a um meticuloso rigor. Celebrado só depois de morto, o Poeta de Desterro foi um homem apaixonado, autor de versos transcendentais que ganharam o mundo.

Ele via a perfeição como celeste ciência, mas não saboreou a imortal conquista. Antes de morrer tuberculoso em Minas Gerais, em 19 de março de 1898, o poeta ensinou a alma palpitante, a fibra e sobretudo que "era preciso ter asas e ter garras".

1861

NASCIMENTO DO POETA EM 24 DE NOVEMBRO, NOSSA SENHORA DO DESTERRO, ATUAL FLORIANÓPOLIS. FILHO DO ESCRAVO MESTRE-PEDREIRO GUILHERME E DA ESCRAVA LIBERTA, CAROLINA EVA DA CONCEIÇÃO, NEGROS PUROS.

1869

INGRESSO NA ESCOLA PÚBLICA, DEPOIS DE RECEBER AS PRIMEIRAS LETRAS DE DONA CLARINDA FAGUNDES DE SOUZA, MULHER DO MARECHAL GHILHERME XAVIER DE SOUSA, EM CUJA CASA O POETA FOI CRIADO.

1871

MATRÍCULA NO ATENEU PROVIDENCIAL CATARINENSE, ONDE LECIONAVA O ALEMÃO FRITZ MÜLLER. CRUZ E SOUSA ESTUDOU COM DISTINÇÃO GREGO, LATIM, INGLÊS, FRANCÊS, PORTUGUÊS, MATEMÁTICA E CIÊNCIAS NATURAIS.

1881

FUNDAÇÃO, COM VIRGÍLIO VÁRZEA E SANTOS LOSTADA, DO JORNAL LITERÁRIO "COLOMBO". VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL, DE NAVIO, ACOMPANHADO A COMPANHIA DRAMÁTICA JULIETA DOS SANTOS, COMO PONTO TEATRAL.

Moderno antes de ser eterno

Seguidor da vanguarda francesa, Cruz e Sousa cria o Simbolismo no Brasil e revela-se um homem engajado com as lutas do seu tempo

Forças adormecidas de angústia e sonho sustentam a vida e a obra de Cruz e Sousa, autor de versos incompreendidos porque inovadores e inseridos na trilha da vanguarda francesa da época. O Cisne ou Poeta Negro, como alguns o chamavam, ao mesmo tempo em que produzia uma poética que o colocou ao lado de Mallarmé, Rimbaud e Verlaine, também desafiou o mundo com sua escrita contundente. "Não lhe bastou ser poeta, foi um jornalista engajado com as lutas de seu tempo", situa o poeta paranaense Paulo Leminski em uma biografia publicada em 1983.

Negro numa sociedade escravocrata, Cruz e Sousa fez militância contra a escravatura. Pesquisadora do assunto, a professora-doutora Zahidé Lupinacci Muzart, do departamento de letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lembra que nos anos 80 do século 19, Cruz e Souza e seu grupo discutiam as questões cadentes de seu tempo e lutavam fundando jornais, folhas, semanários alternativos...

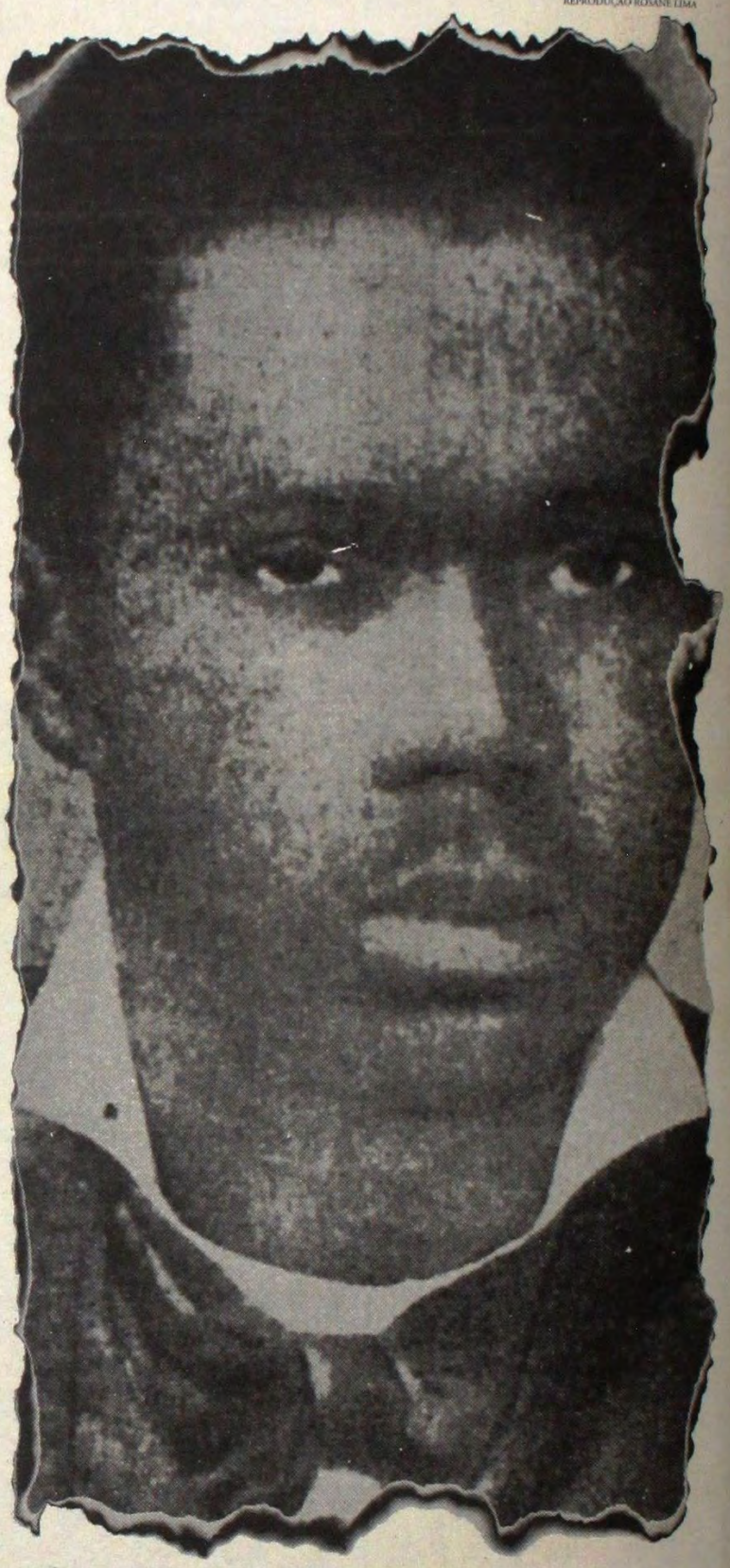
Ele não se fechou a sete chaves numa torre de marfim, não abraçando a causa abolicionista, confome equivoca-se o crítico Fernando Góes, em estudo introdutório para uma nova edição da obra completa do poeta, em 1943. "Não foi indiferente à causa, muito pelo contrário", salienta o estudioso Iaponan Soares, dono do acervo mais completo sobre Cruz e Sousa no Brasil.

Em 1961, quando preparou outra edição de obras completas de Cruz e Sousa, Andrade Muricy, em comemoração ao aniversário de nascimeto, "fez importante coleta de dispersos, entre eles algumas páginas abolicionistas, duas das quais publicadas em livros, mas poucos conhecidas: "O Padre" e "Crianças Negras", além de outros. Quando passou pela Bahia, em 1885, o poeta participou do movimento abolicionista local, proferindo palestra. Seus escritos sobre o tema só muito mais tarde chegaram ao conhecimento da crítica.

A comprovação mais evidente da militância no movimento pela libertação dos escravos é sua participação na sociedade carnavalesca "Diabo a Quatro", que, em 1887, desencadeia campanha pelo abolicionismo, com plena cobertura da imprensa. Um dos textos mais inteligentes contra o escravagismo, escrito no jornal "A Regeneração" e intitulado "O Abolicionismo", é contuntende e articulado. "Não se liberta o escravo por pose, por chiquismo, para que pareça a gente brasileira elegante e graciosa antes as nações disciplinadas e cultas", dispara Cruz e Sousa.

O poeta ainda publicou em inúmeros outros jornais brasileiros, especialmente em Florianópolis e no Rio de Janeiro, para onde mudou-se definitivamente em 1890. Trabalhava por um magro salário.

REPRODUÇÃO ROSANE LIMA



Luta contra as injustiças sociais

Cruz e Sousa praticou essencialmente um jornalismo cultural que era também crítico. Depois de "O Colombo", publica regularmente na "Tribuna Popular". "Como este jornal desapareceu da Biblioteca Pública, pode-se ainda estudar Cruz e Sousa como jornalista na coleção do semanário 'O Moleque', que ele dirigiu por seis meses", acrescenta Zahidé, lembrando que o poeta "não tinha medo das palavras e usava-as com vigor contra as injustiças sociais".

"O Moleque", publicado durante um ano (1884 a 85), era um periódico de formato pequeno, ilustrado litograficamente. Com humor, sátiras e caricaturas, criticava os costume e a política. Com passagem em inúmeros outros jornais da crítica brasileira, R. Magalhães Júnior, seu biógrafo mais apurado, destaca os pseudônimos do poeta na imprensa brasileira: Felisberto, Filósofo Alegre, Coriolano Scévola, Habitué, Zé K. e Trac.

Iaponan lembra outros, Heráclito, Zat e Zot e afirma que na imprensa catarinense, Cruz usou ainda outros pseudônimos. Em "O Moleque", Zat, Zot, Zut. Com relação ao pseudônimo Zé K., Magalhães Júnior vai mais longe e revela o anagrama do Z de Cruz e da conjunção que o liga a Sousa, sendo K a transposição para essa consoante do som de C + A, isto é, da primeira e da última letra de seu nome literário.

Cruz e Sousa já era moderno, antes de ser eterno. (JL)

ANespecial

Edição especial de **ANcapital** nos 100 anos da morte de Cruz e Sousa

Redação, administração e publicidade: rua Leoberto Leal, 4 Centro CEP 88.015-080 fone/fax: (048) 224-7788 e 224-2638 E-mail: ancapital@an.com.br

Editora chefe do ANcapital/ Adriana Ferronatto

Edição e projeto editorial / Nêri Pedroso

Pesquisas e textos / Jeferson Lima, Maurício de Oliveira e Osmar Gomes

Fotografia / Rosane Lima

Arte / Frank e Ayrton Cruz

Diagramação, paginação, scanner e tratamento de imagem / Ayrton Cruz

Agradecimento / Iaponan Soares

1884

NOVA VIAGEM AO NORTE DO PAÍS. ACLAMAÇÕES ABOLICIONISTA AO POETA NA BAHIA. EM 1885 PUBLICA O LIVRO DE POEMAS EM PROSA "TROPOS E FANTASIAS" EM PARCERIA COM VIRGÍLIO VÁRZEA. DIRIGE O JORNAL "O MOLEQUE".

1888

NO RIO, ENTRA EM CONTATO COM LUÍS DELFINO, B. LOPES E NESTOR VÍTOR. ESTE TORNAR-SE MAIS TARDE GRANDE AMIGO, ADMIRADOR E EDITOR DO POETA. LEITURAS DE EDGAR ALLAN POE E DE ALGUNS SIMBOLISTAS EUROPEUS.

1888

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA. DURANTE ESTADA NO RIO, APRESENTA A JOSÉ DO PATROCÍNIO UM LIVRO DE VERSOS CHAMADO "CAMBIANTES", QUE NÃO CHEGOU A SER PUBLICADO. O LIVRO CONTINHA POEMAS ABOLICIONISTAS.

1890

MUDA-SE DEFINITIVAMENTE PARA A CAPITAL FEDERAL, ONDE TRABALHA COMO NOTICIARISTA DA REVISTA "A CIDADE DO RIO DE JANEIRO". LEITURA DE MALLARMÉ. COLABORA NA "REVISTA ILUSTRADA" E NO JORNAL "NOVIDADES".

Único neto de Cruz e Sousa morreu doente e decepcionado

Descendentes vivem ainda com dificuldades no Rio de Janeiro, onde o poeta está enterrado

Ercy Cruz e Sousa, 75 anos, matriarca da família, vive no Realengo, no Rio de Janeiro. Ela foi casada com Sílvio, único neto de Cruz e Sousa, que morreu em 1955. Durante sua vida ele foi marinheiro, mas também trabalhou como eletricista e vendia peixe para sustentar a família. Quando morreu, Ercy tinha 32 anos e ficou com seis filhos para criar. Nunca mais casou. "Para que, meu filho?", indaga ela.

A matriarca, que está bastante doente, perdeu as contas do número de descendentes do poeta. Na última contagem feita por ela, havia 36 netos, 20 bisnetos e outra quantidade de tataranetos. Há outros que estão fora das contas de Ercy, que mora com a filha Dina Tereza Cruz e Sousa, 58 anos e com a neta Emilena, 22 anos. As três moram numa casa modesta, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, com piso de madeira e paredes de alvenaria. Emilene é o primo Anderson são até onde se sabe os únicos descendentes do simbolista Cruz e Sousa que chegaram a ensaiar algumas letras, mas desistiram da carreira de escritores. A justificativa de Emilene para não ter persisitido na profissão foi porque não queria passar pelo mesmo sofrimento de seu tataravó-poeta.

PENSÃO DO GOVERNO

Ercy, a filha e a neta sobrevivem de uma pensão do governo do Estado de Santa Catarina, paga desde a década de 50 sob determinação do então governo Irineu Bornhausen. Apesar de não ser descendente direta de Cruz e Sousa, Ercy também tem sangue de artista nas veias. Até hoje ela amarga a frustação de não ter acompanhado uma excursão para a Alemanha. Era cantora de música afro e cantava em peças teatrais. Um empresário ligou para seu vizinho, convidando-a para a excursão, mas o recado não chegou aos seus ouvidos. Era uma época em que ela trabalhava de lavadeira durante o dia. À noite fazia o papel de uma cantora dos Palmares. O sonho de tornar-se uma estrela e reverter o quadro de miséria ficou sepultado no tempo. (JL)

MÁRCIA FOLETTO

Mausoléu de Cruz e Sousa, no Rio de Janeiro, só recebe flores em datas alusivas ao poeta

Família enfrenta signo da fatalidade

Sílvio morreu muito doente. Ercy diz que o motivo de sua morte foi decepção com a vida. Lia muito jornal, andava pelas ruas para dissipar sua dor. Recomendava sempre que os filhos não abandonassem a escola. "Sem estudo vocês não serão nada", dizia. Poucos da família estudaram. Uma das descendentes de Cruz estudou um pouco. "Quase formou-se professora", comenta ela.

Sílvio é filho de João da Cruz e Sousa, quarto e último filho de Cruz, que nasce postumamente em 1898. Os outros três filhos morrem antes de atingir a adolescência. O próprio João Filho morre antes dos 20 anos. Mas deixa Francelina Maria da Conceição grávida. Ela também enfrenta o signo da fatalidade de Cruz e Sousa. Morre atropelada num desfile de Carnaval. Sílvio perdeu a mãe ainda muito jovem e é criado por Alexia Mancebo, uma paulista com uma boa situação financeira que vivia no Rio e tinha o maior carinho pelo garoto. Ela criou e educou o neto de Cruz.

BAÚ

Até março de 1988, Dina guardou com carinho um baú herdado do pai que guardava manuscritos e roupas do poeta. Todo cuidado não preservou o baú de uma enchente que o destruiu. Entre os valiosos papéis, havia muitas correspondências que se perderam para sempre. Havia também poemas avulsos e fotografias. Da pequena casa de dois cômodos, que abrigava bisnetos e trinetos do poeta, pouca coisa sobrou. A enxurrada levou móveis e muitas roupas dos quartos e salas, deixando rachaduras e buracos na parede.

MAUSOLÉU

Dina já esqueceu a última vez que freqüentou o túmulo do avô. Brincando ela diz que o túmulo é limpo e recebe flores somente quando se comemora alguma data alusiva ao poeta. Segundo Manoel Gomes, autor do livro do "Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa", o mausoléu definitivo do poeta foi inaugurado em 5 de agosto de 1943. Foi construído pelo governador Nereu Ramos, no cemitério São Francisco Xavier, segundo projeto do escultor Hildegardo Leão Veloso. Na solenidade de inauguração, informa Manoel, o embaixador Edmundo da Luz Pinto e o poeta Tasso da Silveira discursaram enaltecendo a obra do poeta. (JL)

O governo e o povo catarinense se unem na homenagem a Cruz e Sousa.

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

1891

NO DIA 18 DE SETEMBRO, À PORTA DE UM CEMITÉRIO DE SUBÚRBIO, CRUZ E SOUSA CONHECE GAVITA ROSA GONÇALVES, SEU GRANDE AMOR. GAVITA É UMA COSTUREIRA NEGRA QUE SE CRIARA EM CASA DE UM MÉDICO DE POSSES.

1893

PUBLICAÇÃO DE "MISSAL", PROSA, EM FEVEREIRO, E "BROQUÉIS", POEMAS, AGOSTO, PELA MAGALHÃES E COMPANHIA. EM DEZEMBRO CASA-SE COM GAVITA E É NOMEADO PRATICANTE DE ARQUIVISTA NA CENTRAL DO BRASIL.

1891

O NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO MARCA O COMEÇO DAS GRANDES DIFICULDADES FINANCEIRAS. FINDA O MANDADO DE FLORIANO PEIXOTO. EM NOVEMBRO TOMA POSSE O PRIMEIRO PRESIDENTE CIVIL, PRUDENTE DE MORAES.

1896

MORTE DO PAI EM SANTA CATARINA, COM CERCA DE 90 ANOS. LOUCURA DA MULHER, NO RIO. EM MEIO A EXTREMAS DIFICULDADES, COMPÕE OS POEMAS DE "FARÓIS" E A PROSA POÉTICA DE EVOCAÇÕES.

Ilustre desconhecido

ROSANE LIMA

Maioria dos moradores de Florianópolis desconhece quem foi Cruz e Sousa e placa de rua com o nome do poeta no Centro de Florianópolis comete equívoco

Um grupo de estudantes do Instituto Estadual de Educação (IEE), Centro de Florianópolis, conversa animadamente num intervalo entre as aulas. Eles estão na 8ª série e, questionados sobre Cruz e Sousa, têm reações diferentes. Um responde brincando, a outra sorri envergonhada e quem leva a questão a sério se limita a dizer que "foi um poeta", sem maiores informações sobre as obras ou outros dados biográficos.

Trata-se de uma realidade: Cruz e Sousa é um ilustre desconhecido para a maioria dos habitantes da cidade em que ele nasceu. Boa parte da culpa cabe às escolas. Na avaliação da escritora Eglê Malheiros, o problema é mais amplo — "a poesia está inteiramente ausente da escola", constata. Para ela, "o centenário da morte de Cruz e Sousa é uma grande oportunidade para começar a transformar essa realidade, com um autor local que abordou temas universais".

Eglê organizou uma seleção paradidática sobre Cruz e Sousa, que deve ser impressa ainda no primeiro semestre com tiragem de 5 mil exemplares. Além de abordar a biografia e a obra do poeta, o livro traz um roteiro de leitura dirigido aos professores. "É uma contribuição à tarefa de chamar a atenção dos jovens para a poesia", avalia a escritora.

No ano do centenário da morte de Cruz e Sousa, esperava-se que o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) abordasse o assunto com destaque. Mas, ao contrário, o concurso mal tocou no nome de um dos mais importantes poetas brasileiros. Ele foi citado em duas questões da prova de língua portuguesa e literatura brasileira, mas em ambas não passou de um mero "figurante".

Apesar do pouco destaque para Cruz e Sousa, as duas citações na mesma prova já representaram um avanço. Nos dez anos anteriores, o poeta catarinense havia sido lembrado em apenas quatro ocasiões — 1997, 93, 91 e 89. (MO)

ROSANE LIMA

Maria Urgentina, moradora da rua no alto do morro, lembra do tempo das "pombocas"

Exemplo de indiferença

O maior poeta catarinense é conhecido como "Cruz de Sousa" por quase todos os moradores de uma rua na Agronômica, em Florianópolis. Tal equívoco se origina de uma placa colocada pela Prefeitura há décadas e nunca corrigida. Assim, o que deveria ser uma homenagem virou um exemplo de indiferença à história da cidade.

Moradora da rua Cruz e Sousa desde que nasceu, há 50 anos, Rosemari Cañola se surpreendeu ao saber o nome correto do poeta. "Sempre escrevi e falei como está na placa", explica. Marlene dos Santos, 40 anos, que também nunca morou em outro lugar, se interessou pelo simbolista quando um dos filhos preparava um trabalho escolar. "Foi uma pena ele ter morrido tão novo", diz.

Quando Rosemari e Marlene eram crianças, a rua tinha poucas casas e muitas áreas verdes. "A gente brincava de pegar no meio do mato e não havia malinagem. Todo mundo se conhecia. Hoje circula muita droga por aqui", conta Rosemari.

BELA VISTA DO MAR

A rua Cruz e Sousa começa nos fundos do almoxarifado da Secretaria de Saúde, nas proximidades do Shopping Beiramar, e segue em direção ao morro da Cruz. De tão íngreme, a subida também é conhecida como "morro do Céu". Nos primeiros quarteirões, há casas de classe média. Na parte alta, os moradores são mais pobres — em compensação, têm uma bela vista do mar por detrás da avenida Beira-mar Norte.

Rosemari lembra que os moradores se reuniam ao redor de uma grande pedra, que não existe mais, para acompanhar de um ponto-de-vista privilegiado os jogos do Avaí no "pasto de bode". O campo de futebol foi substituído pelo shopping e dezenas de prédios surgiram nas redondezas.

As luzes da cidade encantam Maria Urgentina da Costa, 76 anos, que mora na parte mais alta da rua. Há 50 anos, as noites no local eram uma escuridão só, timidamente combatida com lamparinas a querosene apelidadas de "pombocas". Cozinheira e lavadeira, Maria passou a vida subindo e descendo a rua Cruz e Sousa. Teve dez filhos, dos quais seis estão vivos.

Theodoro dos Santos, 76 anos, nasceu no alto do morro e de lá nunca saiu. Quando ele era criança, a família tinha apenas um vizinho e a rua não seguia até o morro da Cruz, como hoje. Pedreiro aposentado, solteiro, morando sozinho, Theodoro decidiu que não vai mais usar sapatos. "O único lugar em que não me deixaram entrar descalço foi o shopping. Mas, também, o que eu vou fazer lá? Só fui porque disseram que o leite estava barato", conta, resignado. (MO)

A poesia de Cruz e Sousa orgulha Santa Catarina.

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

1896

"EVOCAÇÕES" SÓ É PUBLICADO APÓS SUA MORTE. FUNDAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, DA QUAL MACHADO DE ASSIS SERIA O PRIMEIRO PRESIDENTE E PARA A QUAL O NOME DE CRUZ NEM SERIA COGITADO.

1897

A TUBERCULOSE ATACA CRUZ E SOUSA NO FINAL DO ANO. EM MEIO À DOENÇA, À POBREZA E AO DESAMPARO SOCIAL, O POETA COMPÕE "ÚLTIMOS SONETOS", PUBLICADOS EM 1905, EM PARIS, PELO AMIGO NESTOR VÍTOR.

1898

A IDÉIA DA MORTE ASSOMBRA O POETA, CONTAMINANDO OS SEUS ÚLTIMOS POEMAS. EM 15 DE MARÇO, EM BUSCA DE SAÚDE, PARTE COM GAVITA GRÁVIDA PARA SÍTIO, EM MINAS. OS TRÊS FILHOS FICAM NO RIO.

1898

TRÊS DIAS APÓS A CHEGADA, O POETA MORRE, EM 19 DE MARÇO. ANTES DE PARTIR PARA SÍTIO, O POETA ENTREGA A NESTOR VÍTOR OS ORIGINAIS DE TRÊS LIVROS: "EVOCAÇÕES", "FARÓIS" E "ÚLTIMOS SONETOS".

Na poesia do mundo

Fenômeno simbolista alcança reconhecimento. Poemas são traduzidos e publicados em diversos países. Recentemente foram editados na China

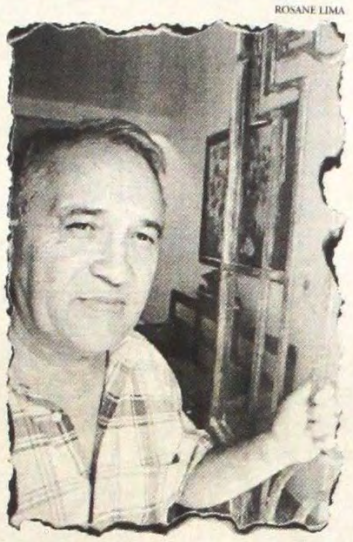
Cruz e Sousa já foi traduzido e publicado em pelo menos em oito idiomas. A internacionalização da poética começou logo depois de sua morte. A primeira manifestação sobre a grandeza do trabalho foi publicada na revista "El Mercúrio de América". Trata-se de uma conferência proferida em 1899 em Buenos Aires, na Argentina, pelo poeta boliviano Ricardo Jaimes Freyre.

O estudioso brasileiro Andrade Muricy, na apresentação de "Obras Completas", escreve que, em 1899, em Buenos Aires, líderes do Modernismo hispano-americano interessavam-se vivamente pelas "Evocações" de Cruz. "Ruben Dario, tão pessoal, por sua vez foi contagiado. Alguns de seus poemas mostram o cunho indisfarçado do vocabulário e da temática Cruz e Sousa", escreve Muricy. Ainda na América, o peruano Ventura Garcia Calderon comparou Cruz a Baudelaire "sem que o mundo soubesse sobre o poeta, porque escrevia em português".

TRÍADE

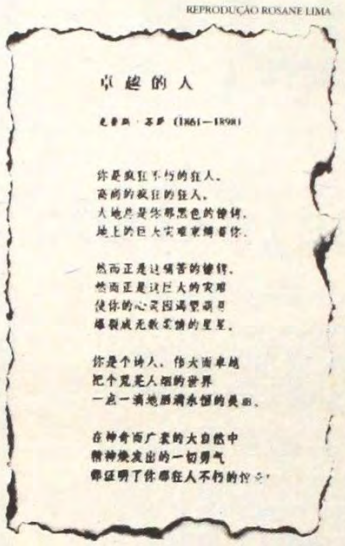
Na história da poesia do Ocidente, o ensaio do sociólogo e crítico francês Roger Bastide define e situa o poeta de Desterro, incluindo-o na tríade composta ainda por Mallarmé e Stefan George. Em recente estudo publicado pela Biblioteca Folha, Tasso da Silveira lamenta que no Brasil "é preciso que o estrangeiro nos venha dizer, surpreso, que em nós encontrou algo de surpreendente e admirável. Sem o que não acreditaremos nunca".

ROSANE LIMA



Iaponan Soares, dono do maior acervo sobre o poeta

REPRODUÇÃO ROSANE LIMA



卓越的人

(1861—1898)

你是疯狂不羁的狂人。
高傲的疯狂的狂人。
大地总是你那黑色的锦衣，
地上的巨大灾难常常缠着你。

然而正是这痛苦的锦衣，
然而正是这巨大的灾难
使你的心灵因渴望而
爆裂成无数灿烂的星星。

你是个诗人，伟大而卓越
把个晃无人烟的世界
一点一滴地照耀永恒的美丽。

在神奇而广袤的大自然中
倾神灵发出的一切勇气
都证明了你那在人不行的忙

Chineses publicam dois poemas de Cruz e Sousa

REPRODUÇÃO ROSANE LIMA

Poeta Alceu Wamosy, seguidor do Cisne Negro

Para Iaponan Soares, pesquisador especializado na poesia e vida cruzsouseana, Cruz e Sousa é a metáfora empreendedora do homem catarinense. Além de ter exercido fortes influências no exterior, deixou marcas irrefutáveis na poesia brasileira, marcando a produção de Augusto dos Anjos, Carlos de Fernandes e do catarinense Ernani Rosas, que chegou a publicar "Rictos da Cruz", em alusão ao Poeta Negro.

No Rio Grande do Sul, o poeta Alceu Wamosy teve em Cruz e Sousa seu maior ídolo, estimulando também ensaios da crítica gaúcha.

Na última semana, o senador Esperidião Amin, um apaixonado pelo poeta catarinense descobriu via Ministério de Relações Exteriores um livro da "Antologia da Poesia Brasileira" publicada em Pequim, na China, em 1994. Com seleção de poemas de Antônio Carlos Secchin e tradução de Zhao Deming, o livro destaca os poemas "O Assinalado" e "Cárcere das Almas".

Em Chapecó (SC), berço da confraria do esperanto no Brasil, foi publicada uma edição bilíngüe dos "Sonetos da Noite", com seleção de Silveira de Souza e xilogravuras de Hugo Mund Júnior.

Na língua espanhola há publicações em pelo menos três países. Uruguai, Argentina, Peru e Espanha. No Uruguai foi editado "La Poesia de Cruz e Sousa", em 1950, do Instituto de Cultura Uruguaio-brasileiro com estudos de alguns poemas. No Peru há uma antologia com 26 poemas do simbolistas brasileiro. O livro, com tradução de Javier Sologueren, foi publicado em Lima pelo Centro de Estudios Brasileños. Em Buenos Aires foi publicada, em 1922, a "Antologia de Poetas Líricos Brasileiros", com os poemas La Hija de Mis sueños e Domus Aurea, traduzidos por Francisco Soto y Calvo.

MAIOR ACERVO

Nem Iaponan Soares, que reúne o maior acervo sobre a obra de Cruz e Sousa, possui todos os poemas do poeta publicados no exterior. Não há nada, por exemplo, de publicações em inglês, "embora seguramente ele tenha sido traduzido e editado na língua americana". Soares também tem conhecimento de publicações na Alemanha e na Romênia. Na Itália, o poeta catarinense foi publicado pela editora Casa Editrice Maia-Siena, no livro "Un Secolo Di Poesia Brasiliana", com traduções de Mercedes Valle e Enzio Volture. Na França, entre outras publicações, foi editado o "Poèmes du Brésil", em 1985. Com traduções de Bernard Lorraine, Cruz e Sousa aparece com o poema "Âme Blessée".

Na França há outras publicações. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), há também 15 poemas traduzidos para o francês pela estudante africana da Costa do Marfim, Anasthasie Adjoua Angoran, que podem ser publicados ainda este ano pela Editora da UFSC, embora a tendência seja a publicação dos 26 poemas editados em Lima, em 1989, com tradução de Javier Sologuren. (JL)

Homenagear Cruz e Sousa é preservar os valores culturais da nossa gente.

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

Acrobata da dor

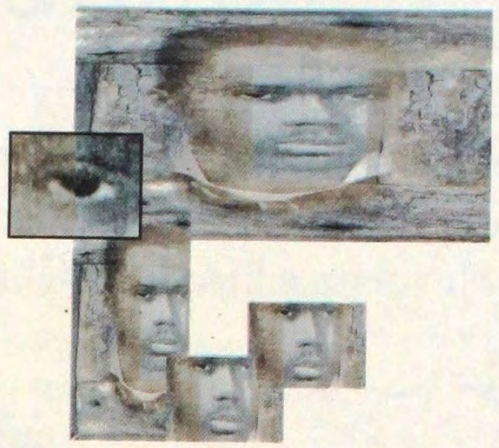
Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta *clown*, varado
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(DE "BROQUÉIS")



O Assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

(DE "ÚLTIMOS SONETOS")

Grande Amor

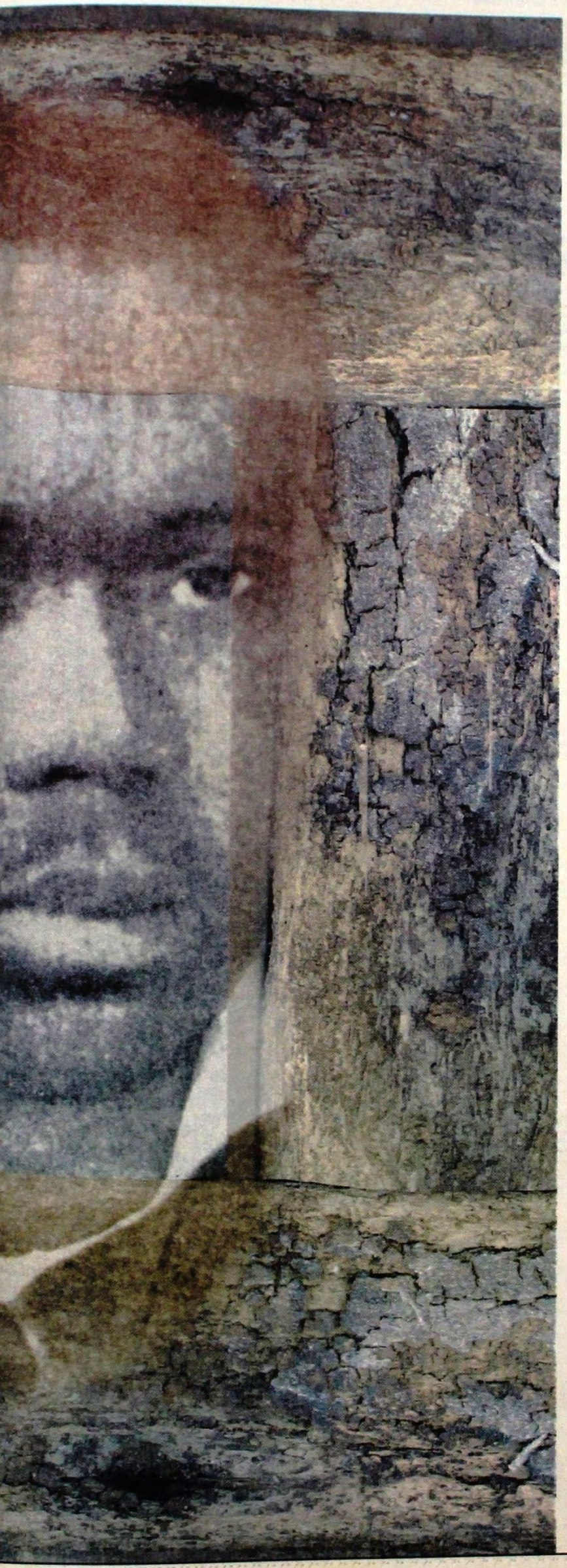
Grande amor, grande amor, grande mistério
Que as nossas almas trêmulas enlaça...
Céu que nos beija, céu que nos abraça
Num abismo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo etéreo
E bálsamo dos bálsamos da graça,
Chama secreta que nas almas passa
E deixa nelas um clarão sidéreo.

Cântico de anjos e de arcanjos vagos
Junto às águas sonâmbulas de lagos,
Sob as claras estrelas desprendido...

Selo perpétuo, puro peregrino
Que prende as almas num igual destino,
Num beijo fecundado num gemido.

(DE "ÚLTIMOS SONETOS")



Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádicas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos,
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.

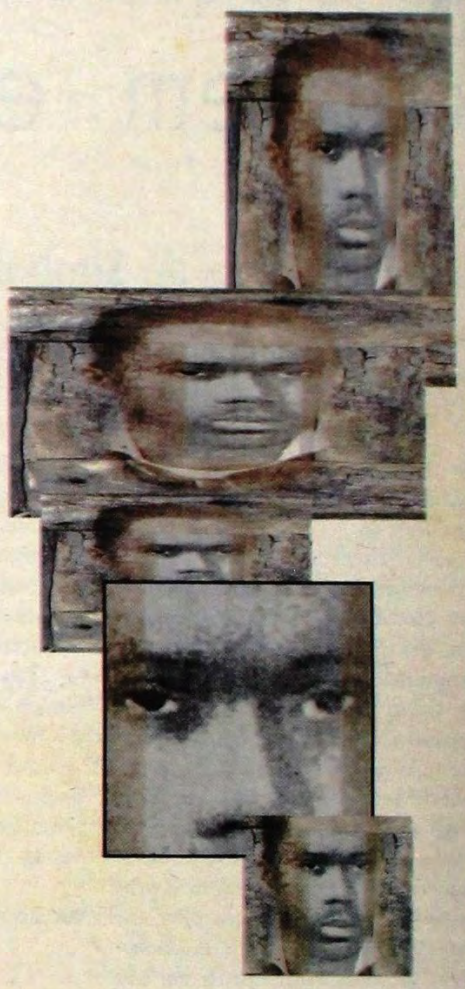
Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

(DE "BROQUÉIS")



Boca

III

Boca viçosa, de perfume a lírio,
Da límpida frescura da nevada,
Boca de pompa grega, purpureada,
Da majestade de um damasco assírio.

Boca para deleites e delírio
Da volúpia carnal e alucinada,
Boca de Arcanjo, tentadora e arqueada,
Tentando Arranjos na amplidão do Empírio.

Boca de Ofélia morta sobre o lago,
Dentre a auréola de luz do sonho vago
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha boca virginal, cheirosa,
Boca de mirra e incensos, milagrosa
Nos filtros e nos tóxicos secretos...

(DE "FARÓIS")

Eglê Malheiros

"CRUZ E SOUSA É A EXPRESSÃO ARTÍSTICA E EMOCIONAL DE UMA DETERMINADA CONJUNTURA, QUE, SOB MUITOS ASPECTOS, PERMANECE ATÉ HOJE. SEU GRITO E SUA MENSAGEM AINDA ESTÃO SILENCIADOS EM VOLUMES ESCASSOS E ENVERGONHADOS, QUE NEM AOS QUE SABEM LER ALCANÇAM." **Escritora**

Araújo Figueiredo

"SEUS GRANDES OLHOS NEGROS EM FUNDO DE OPALA GUARDAVAM DOÇURAS INEFÁVEIS, MAS POSSUÍAM QUASE SEMPRE CERTO AR DE TRISTEZA. ERAM UM MISTO DE SOMBRA, DE SOL E DE LUAR." **Amigo e poeta**

Paulo Leminski

"SEU FUTURO IMEDIATO AFIGURA-SE UM TRIUNFO. A SEGUIR, AS REAÇÕES DO MEIO ÀQUELE NEGRO QUE COMEÇAVA NUM PASSO TÃO BOM. SEUS POEMAS COMEÇAM A SER OBJETO DE CRÍTICAS, DE ABERTO RACISMO. EM ALGUMAS, CRUZ CHEGA A SER CHAMADO DE 'NEGRINHO MAU RIMADOR'." **Poeta**

Lauro Junkes

"EM 'FARÓIS' E SOBRETUDO EM 'ÚLTIMOS SONETOS' A POESIA TORNA-SE CADA VEZ MAIS DRAMÁTICA, TRANSPARECENDO O SENSO TRÁGICO DA EXISTÊNCIA. SUA COSMOVISÃO PASSA A EXPLORAR AS ANTÍTESES..." **Crítico de literatura**

Desafio contra a ordem e o progresso

Desbravadores do Simbolismo empunhavam a lança contra a sociedade positivista e pregavam o mundo sensorial. O movimento nasceu do desconforto de alguns espíritos

O Simbolismo é de origem francesa. As primeiras flores nasceram nos anos 80 e 90 do século passado. Charles Baudelaire (1821-67), em "Flores do Mal", mais precisamente em suas *Correspondances*, torna-se um dos desbravadores do estilo que empunhava a lança contra a sociedade positivista e pregava o mundo sensorial, subjetivo, litúrgico, absoluto, longe de ser um esquema da poesia burocrata dos parnasianos. Arthur Rimbaud (1854-91), outro importante francês simbolista, desafiou os princípios da ordem e progresso em voga com uma frase em que exprime a que veio o Simbolismo: "O poeta é um vidente por um longo, imenso e irracional desregramento de todos os sentidos".

Baudelaire, Rimbaud, Stephane Mallarmé (1842-1867) e Paul Verlaine (1844-1889) formaram os paradigmas do Simbolismo, observa a doutora em letras Lígia Cademartori, autora do livro "Períodos Literários" (Editora Ática). "A partir desses poetas, a poesia ocidental vive um momento em que a objetividade cede lugar à evocação sugestiva e musical. Há na poesia um clima de mistério. A única certeza é de que o mundo não revela o que, efetivamente, é. As grandes experiências estão na proporção direta do desvendamento do mistério. A palavra presta-se a isso, sendo capaz de estabelecer relações e criar correspondências entre o abstrato e o concreto."

No Brasil, o Simbolismo é inaugurado em 1893 com a publicação dos livros de Cruz e Sousa (1861-98) "Missal", em prosa, e "Broquéis", poesias. Além do catarinense, outro poeta destacado é Alphonsus de Guimarães (1870-1921).

PAIXÃO E SONHO

Os simbolistas aparecem logo após uma segunda fase da revolução industrial estabelecer como princípios ideológicos o cientificismo, o determinismo, o realismo impessoal, de acordo com o crítico literário Alfredo Bosi, em seus estudos publicados em "História Concisa da Literatura".

Contrários à idéia predominante do objetivismo dos positivistas, que encaravam o fato acima do sujeito, o Simbolismo busca a apreensão direta de valores transcendentais, como o bem, o belo, o verdadeiro, o sagrado, de acordo com Bosi. "... As suas armas vão ser as da paixão e do sonho, forças incônscias que a arte deveria suscitar magicamente."

O intelectual e artista catarinense Rodrigo de Haro ressalta que o Simbolismo nasce diante do desconforto de alguns espíritos frente à frieza da civilização industrial. "Os simbolistas tiveram a audácia reacionária de se opor ao que entusiasmava 90% da cultura da época. É como se hoje você negasse tudo que está aí, essa tecnologia de ponta, todo esse mundo maravilhoso que se abre seria lixo. Eles se voltaram para o mundo imaginário, fantástico, fabuloso, tentando exorcizar o mundo da civilização industrial, que dominava."

Passado mais de um século, a crítica literária oficial brasileira tenta reduzir o Simbolismo porque ele não tinha origem nacional, de acordo com Rodrigo. "E o que são as origens nacionais? Considero que reduzem o Simbolismo porque ele foi uma linha estética que valorizava elementos malditos. Exaltava elementos noturnos, proibidos, ocultos, procurava a noite, queria desestabilizar a tranqüilidade áurea do mundo do Olavo Bilac (poeta paranasiano). Era o mundo da inquietação, do tormento da alma." **(OG)**

ROSANE LIMA

Para o Governo do Estado, cultura é prioridade

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

Roger Bastide

"É EM PRINCÍPIO, A EXPERIÊNCIA DE UMA SEPARAÇÃO, DE UMA ESPÉCIE DE FEBRE DE NERVOS, DE UMA HIPERESTESIA QUE O ISOLA DOS HOMENS, NUM COMO 'EXÍLIO DE CONCENTRAÇÃO'. É, EM SEGUIDA, UMA METAMORFOSE DA SAUDADE BRASILEIRA,..." **Sociólogo francês**

Iaponan Soares

"POUCOS POETAS BRASILEIROS APRESENTAM UMA CARREIRA LITERARIA COMO CRUZ E SOUSA. INDECISA NO PRIMEIRO MOMENTO, FOI GRADATIVAMENTE SE IMPONDO PELO TRABALHO DE ALGUNS POUCOS E HOJE CONSTITUI UM MARCO DEFINITIVO DA POESIA BRASILEIRA." **Pesquisador**

Zahidé L. Muzart

"HÁ POETAS QUE SÃO FESTEJADOS, MUITO FALADOS — POUCO LIDOS. NÃO HÁ CATARINENSE QUE NÃO CONHEÇA CRUZ E SOUSA, QUE NÃO SAIBA QUE ERA NEGRO, FILHO DE ESCRAVOS. DESTACAM-SE OS PROBLEMAS DO POETA, CITAM-SE OPINIÕES JÁ CRISTALIZADAS DE CERTOS CRÍTICOS. MAS A SUA OBRA É BEM POUCO LIDA." **Professora na UFSC**

Ivan Teixeira

"INSENSÍVEL À HIPÓTESE DE HAVER UM GRANDE ARTISTA, A CRÍTICA DO PERÍODO (SOBRETUDO JOSÉ VERÍSSIMO E ARARIPE JÚNIOR) NÃO SOUBE APRECIAR O POETA, LIMITANDO-SE A DEESTIMULAR SUA CARREIRA." **Estudioso, professor**

Um quê de romântico, um quê de parnasiano

Simbolistas mantinham acentuado gosto pelo vocabulário litúrgico e religioso, imprimindo em seus textos misticismo e espiritualidade ausentes no Romantismo

O crítico literário Alfredo Bosi lembra que os românticos haviam expressado o inconformismo e o desgosto pelas soluções racionalistas e mecânicas, um comportamento típico da burguesia industrial em ascensão na França e Inglaterra. Os simbolistas, situa Bosi, recusaram, assim como os românticos, limitar a arte ao objeto ou simplesmente à técnica de produzi-la. "Queriam ir além e tocar, com poesia, um fundo comum que sustentaria os fenômenos, seja ele chamado Natureza, Absoluto, Deus, Nada." ("História Concisa da Literatura")

Ainda que se aproximem dos românticos também pela linguagem subjetivista, os simbolistas mantinham acentuado gosto pelo vocabulário litúrgico e religioso, imprimindo nos textos misticismo e espiritualidade ausentes no Romantismo, lembra o estudioso Douglas Tufano, na página 172 de "Estudos da Literatura Brasileira" (Editora Moderna).

Os paranasianos foram os principais inimigos dos simbolistas. Explica Tufano, no entanto, que os parnasianos queriam a palavra exata ou o termo que melhor descrevesse um objeto, enquanto os simbolistas alcançavam esse mesmo objetivo estético quando se pautavam para elaborar versos musicais. "O poema, emocional e ardente, era como o coração diluído nas estrofes", argumenta. O paranasiano comparava o poeta a um ourives, conforme Tufano, e o simbolista o aproxima de um músico. "Valia na escrita o poder de evocar sentimentos e emoções, mas não com o sentimentalismo choroso e superficial dos românticos e sim com os profundos anseios que atormentam o espírito sensível do poeta."

Bosi argumenta também porque os simbolistas não se sobrepuseram aos paranasianos. "Porque o Parnasianismo era o estilo das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões habituadas a conceber a poesia como 'linguagem ornada', conforme os padrões consagrados que garantiam o bom gosto da imitação", ironiza.

Em "Estilos de Época na Literatura", o teórico Proença Filho lembra que os simbolistas brasileiros encontraram um ambiente nada favorável. "Era a hora e a vez dos paranasianos. A oposição chegou a ser hostil", destaca.

Doutor em literatura e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antonio Carlos Secchin observa que o Simbolismo foi o único movimento que precisou conviver simultaneamente com seus inimigos. "Todos os outros liquidavam seus opositores e se tornavam hegemônicos. Na época do Simbolismo, havia convivência de forças antagônicas."

O próprio Cruz e Sousa, conforme Secchin, apresenta poemas parnasianos no começo da carreira e também se exibe a princípio como um mero e pobre imitador da poética romântica de Castro Alves. "A partir de 'Broquéis', o poeta se torna um general simbolista, embora tenha mantido em seu armamento munição parnasiana, que só desaparece definitivamente em 'Últimos Sonetos'."

Os resultados formais dos simbolistas foram ouvidos mais tarde pelas vanguardas do século 20. Mallarmé, na França, influenciou Paul Valéry, de acordo com Bosi, para quem do Simbolismo "restou um modo de entender e fazer poesia". No Brasil, alguns modernistas também escutaram o canto do Cisne Negro. Cecília Meirelles, observa Secchin, evoca em sua poesia modernista os sons da poética souseana, embora a maioria da sua geração tenha dado as costas ao Simbolismo. Cecília é considerada neosimbolista. (OG)

ROSANE LIMA

O Governo resgata a memória de Cruz e Sousa com o projeto Cultura Viva

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

Nelson Tangerini

"É HORA DE CRUZ E SOUSA OCUPAR O LUGAR DE DESTAQUE QUE MERECE. PRECISAMOS ACABAR COM ESTA HISTÓRIA DE QUE O POETA TINHA VERGONHA DE SER NEGRO. LOGO ELE, QUE FOI ABOLICIONISTA, QUE LUTOU PELA CAUSA NEGRA." **Jornalista e professor**

Austregésilo de Athayde

"FOI NO RIO DE JANEIRO QUE CRUZ E SOUSA GANHOU RENOME NACIONAL, VENCENDO PRECONCEITOS RACISTAS E OBSESSÕES SOCIAIS QUE AS GERAÇÕES SEGUINTES REPUDIARAM E SUAS OBRAS PÓSTUMAS ATESTAM PRECISAMENTE A SOLIDEZ E PERENIDADE DO SEU TALENTO." **Escritor**

Vítor Viana

"NUM MEIO LITERÁRIO QUE SE ABURGUESAVA, QUE SE TORNAVA EXCESSIVAMENTE PROSAICO, CRUZ E SOUSA NO BRASIL, COMO OS SIMBOLISTAS DA FRANÇA, ARREBENTOU COMO UMA NOVA EXPRESSÃO, FAZENDO VOLTAR A POESIA ÀS FONTES PURAS DA EMOÇÃO." **Crítico**

Ronald de Carvalho

"ELE INTRODUZIU EM NOSSAS LETRAS AQUELE HORROR DA FORMA CONCRETA, DE QUE JÁ O GRANDE GOETHE SE LASTIMAVA NO FIM DO SÉCULO 18. E TAL SERVIÇO, EM VERDADE, NÃO É PEQUENO, EM UM PAÍS ONDE A POESIA FLUE MAIS DA PONTA DOS DEDOS QUE DO CORAÇÃO." **Crítico**

Exílio do corpo

Antônio Carlos Secchin defende a presença da carne e volúpia nos misteriosos esconderijos souseanos

Especialista em literatura brasileira, o doutor Antônio Carlos Secchin, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, veio a Florianópolis em novembro do ano passado, a convite da Assembléia Legislativa, para marcar a abertura do centenário da morte de Cruz e Sousa com uma palestra. Surpreendeu com uma análise do erotismo presente nos poemas souseanos, comumente associados ao transcendentalismo e espiritualismo, duas fortes características do estilo Simbolista. Em "Cruz e Sousa — o Desterro do Corpo", Secchin afirma e confirma com uma série de versos citados em sua tese que o poeta ia além da pura abstração, ausência de carne ou puro espírito. Revela: "Falta corpo em Cruz e Sousa, sobra espírito, mas este não explícito ao corpo pode ser interpretado como um sim implícito."

Secchin transcende à crítica cristalizada e pergunta: "Onde está o corpo, em que medida este corpo exilado, desterrado, não é uma nostalgia, um fascínio pelo próprio corpo?" Ele próprio estimula uma resposta ao argumentar que há, no caso Cruz e Sousa, uma relação muito ambígua entre corpo, matéria e prazer. "Aparentemente há um repúdio à materialidade e ao meu ver essa recusa está escondendo o fascínio por este corpo."

Ele avisa aos oponentes de sua nova versão que não pretende descaracterizar o Simbolismo e nem dizer que o poeta nascido em Desterro não tenha sido abstrato. "Quero mostrar os canais laterais, os fluxos que apresentam essa matéria, corpo e prazer. Muitas vezes as pessoas só querem apenas o que já sabem, a abstração, por exemplo."

VOZ SUBTERRÂNEA

A importância de Cruz e Sousa para a literatura brasileira, segundo ele, é fenomenal. "A voz subterrânea do Simbolismo de Cruz e Sousa, especialmente, representou a rigor um caminho mais importante para a poesia do século 20 do que a risonha e muito satisfeita visão dos parnasianos. O Simbolismo, acredito, tornou-se conexão para o Modernismo."

Mesmo que os modernistas não tenham reconhecido, os simbolistas à revelia foram seus antecessores, na opinião de Secchin. "Os modernistas não puderam ou não quiseram reconhecer essa dívida", ressalta. Cruz e Sousa não significou quase nada para grande parte dos modernistas. "Pior para eles, porque teriam aprendido muito e teriam evitado equívocos em suas poesias se tivessem ouvido as lições da poesia de Cruz e Sousa. O Simbolismo era um movimento que não incomodava muito aos modernistas porque não tinha a hegemonia do poder literário, cultural e político. O inimigo a abater era o Parnasianismo. Portanto, os modernistas perderam muito tempo demolindo estátuas que já estavam ocas."

Outra corrente modernista, porém, representadas por Tasso da Silveira, Murilo Araújo e principalmente Cecília Meirelles, é considerada neosimbolista, segundo o doutor em literatura brasileira. "De modo algum estes escritores ficaram surdos à música do Simbolismo e cegos à herança da poesia de Cruz e Sousa. Meirelles ficou produzindo uma obra da maior qualidade muito mais vinculada a uma tradição de Cruz e Sousa do que à ruptura com o Parnasianismo proposta pela Semana da Arte de 22." **(OG)**

ROSANE LIMA

Secchin: "O Simbolismo tornou-se conexão para o Modernismo"

Referência divina para pequeno grupo

Apesar da dívida dos modernistas, para Secchin Cruz e Sousa é um poeta reconhecido no Brasil. "Quando ele morre, os historiadores e poetas só podiam falar dele através de 'Broquéis', porque os outros dois livros de poesia são publicações póstumas. Eu acho até espantoso, portanto, pela série de irregularidades apresentadas em 'Broquéis', terem reverenciado, falado bem ou mal de um poeta que havia um publicado apenas um livro de poesias. Passou a ser uma referência divina para o seu grupo pequeno, no Rio de Janeiro, assim como para seus inimigos. Se fosse um poeta desprezível, os paranasianos não teriam procurado parodiá-lo. Veja só, com um livro menos forte ele conseguiu provocar uma celeuma na ordem do dia."

EM SEGUNDO PLANO

Para Secchin há boas edições sobre a poética souseana no Brasil. "Temos uma edição de 1923 do amigo dedicadíssimo de Cruz e Sousa, o Nestor Vítor. Nos anos 40, em São Paulo, foi publicada uma outra de Fernando Góes. Depois vieram uma primeira edição de Andrade Muricy e uma segunda em 1961. No centenário de 'Broquéis', recebemos uma ótima edição da professora Zahidé Muzart (Universidade Federal de Santa Catarina). Mas eu diria que no Brasil não somente Cruz e Sousa deveria ser mais estudado, mas toda a poesia brasileira, que sempre está em segundo plano porque a predominância do gosto popular é o romance." **(OG)**

"Cem anos sem Cruz"
Visite a exposição na Galeria do CIC em Florianópolis de 19 de março à 19 de Abril.

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

Antonio Hohlfeldt

"...AO SE FUNDAR A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EM 1896, CRUZ E SOUSA NÃO É LEMBRADO PARA A PRIMEIRA FORMAÇÃO DO INSTITUTO. O QUE SE CONSIDERA, ATÉ HOJE, COMO ENORME INJUSTIÇA A SEU TALENTO." **Crítico de literatura**

Nestor Vítor

"CRUZ E SOUSA É UM PRECURSOR TRÊS VEZES: PRECURSOR DE SUA RAÇA, PRECURSOR DE UMA NOVA ORIENTAÇÃO NO MUNDO DO ESPÍRITO, PRECURSOR DE UMA PARTE DO NOVO CONTINENTE, POIS QUE SÓ AGORA ELE ESTÁ QUERENDO DIZER AO QUE VEM." **Amigo pessoal e escritor**

João Pinto da Silva

"NINGUÉM SOUBE TRANSMITIR, COMO ELE, EM MEIA DÚZIA DE PALAVRAS, AQUELA 'QUANTIDADE DE ESPÍRITO SUGESTIVO, QUALQUER COISA COMO UMA CORRENTE SUBTERRÂNEA DE PENSAMENTO, NÃO VISÍVEL, INDEFINIDA', DE QUE FALA O SOMBRIO EDGAR POE." **Crítico**

Sílvio Romero

"NADA DE 'POSE'. OUTRA QUALIDADE DA ARTE DE CRUZ E SOUSA É O PODER EVOCATIVO DE MUITAS DE SUAS POESIAS. ELE NÃO DESCREVE, NEM NARRA." **Crítico**

Lado elegante e sincero do poeta desterrado

Autor de biografia insólita expõe o mundo da inquietação, o tormento da alma de Cruz e Sousa, "um desses homens para quem a burrice era pecado imperdoável"

ROSANE LIMA

Poeta Rodrigo de Haro lê Cruz e Sousa em homenagem na Assembléia Legislativa

Rodrigo de Haro também preparou sua homenagem a Cruz e Sousa neste centenário de morte. Está prestes a concluir uma tarefa nada simples. Resgata, com um texto em que mistura realidade e ficção, detalhes do homem e da obra. Avisa desde já quais são os sinos de seu *tombeau*, um estilo literário de origem francesa utilizado nas homenagens póstumas: "Antes de ser negro, ele foi líder de uma escola que se opunha ao progresso proposto pela civilização industrial".

"No túmulo de Cruz e Sousa", título do livro, não é uma lamentação. "É um buquê, um levantamento de temas", explica. No momento Rodrigo dedica-se a uma seqüência onde analisa datas e a aproximação de Cruz e Sousa com o que aconteceu na sua época. "Ser um simbolista, naquela época, era tomar um caminho de uma contestação muito forte. Até hoje a crítica literária oficial brasileira fica um tanto preocupada com o Simbolismo, tenta reduzi-lo porque não tinha origem nacional (e o que são as origens nacionais?), como se os parnasianos tivessem. É que o Simbolismo é uma linha estética que valoriza elementos malditos, sacrílegos, noturnos, proibidos, ocultos, procurava a noite, queria desestabilizar a tranqüilidade áurea do mundo do Olavo Bilac (poeta paranasiano)."

Cruz e Sousa, como simbolista, busca também o mundo da inquietação, do tormento da alma, conforme as leituras de Rodrigo. "Até hoje, ao ler e refletir sobre estrofes de Cruz e Sousa, você passa por esse *frisson*. Uma leitura sistemática da obra, com atenção ao lado mais pertubador no plano existencial, é muito útil. Ele sempre mistura muito, em 'Missal' por exemplo, o erotismo e o litúrgico. Você vai penetrando aqueles missais e vão se levantando formas, evocações de lascívia. Ele era um obcecado. Cruz e Sousa fala de freiras loucas, de Lesbos e tudo isso tem sido evitado. Não exista ainda quem tenha encarado frontalmente as preocupações mais violentas de Cruz e Sousa. Eu imagino os tremores de terra provocados naquela época pelas poesias dele publicadas nos jornais."

O livro-homenagem é dividido em várias seqüências, crônicas. Rodrigo entra em algumas linhas. Permite-se a lembranças dele e de amigos, como Pedro Garcia e Iaponan Soares, sobre o que viveram nos ano 50. "Em nossas andanças noturnas em um lugar que ainda era a ilha de Cruz e Sousa, com uma paisagem dramática, longe de ser uma cidade acanhada como falam alguns historiadores tomados pelo sentimento de inferioridade, mas uma cidade autenticamente barroca, misteriosa, singular, mantínhamos o sentimento da presença do poeta. Entre o vapor da fumaça do bar, das borboletas noturnas, dos marinheiros, intelectuais, pessoas comuns, sentia-se a presença de Cruz e Sousa, que era um personagem da cidade", argumenta.

Certa noite, quando todos estavam mais ou menos bêbados — esse espisódio pertence ao livro — imaginaram que Cruz e Sousa tinha acabado de sentar-se em uma mesa ao fundo do bar em que estavam. "É claro que isso ficava entre a brincadeira e o sério. Depois ele saía e a nós íamos até a mesa e tinha alguma coisa escrita. Imaginávamos que fosse um soneto. Isso tudo fazia com que ele estivesse vivo", frisa.

Outro fragmento para evocar a dimensão da presença do poeta nos anos 50 aborda uma irreverente saudação ao poeta. O busto de Cruz e Sousa — hoje instalado na praça 15 de Novembro — ficava no antigo largo do quiosque e por não ser fixo acabava passando de mão em mão. "Este busto passeava à noite. Era uma das graças esotéricas dos rapazes passear de carro, exibindo o busto de bronze. Saíam em procissão. Muitas vezes, eu também vi, o monumento amanhecia coberto de flores, velas. Ele foi retirado do local por uma elucubração arbitrária e foi colocado no jardim em frente ao Palácio Cruz e Sousa."

NÓS DA GRAVATA

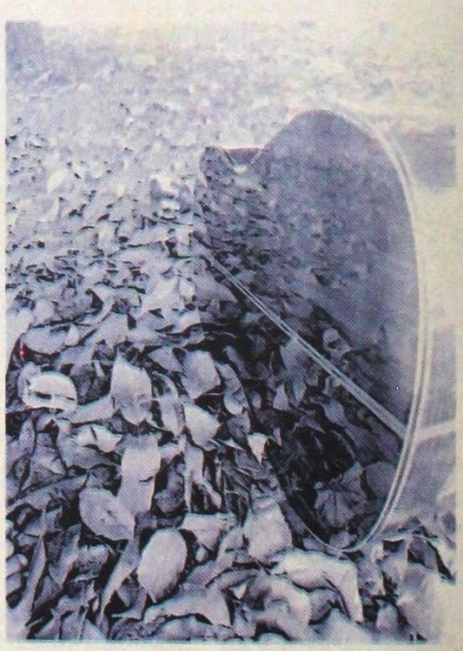
Em outra seqüência, Rodrigo resgata a passagem de Cruz e Sousa pelo teatro. Abre o texto com a frase "Sete negros conduzem...". "Quero descrever, com isso, o que era o teatro brasileiro daquela época. Segundo depoimentos de viajantes, era um teatro predominantemente negro. Por sinal, a arte brasileira, sobretudo no Império, era predominante afro. O mundo de maior liberdade é o teatro e passou a ser evidentemente uma atração para o elemento africano. Cruz e Sousa, como ponto (encarregado de lembrar textos) de uma companhia, não esteve só. Oficialmente ele foi ponto só, mas ele aparecia em cena para declamar poemas."

Há outro trecho que fala dos nós das gravatas. Rodrigo argumenta que essa pequena história dos costumes — como se andava, falava, vestia-se — se perde facilmente. "E é aí que está a vida exatamente, porque é o lado mais revelador das pessoas e eu tento puxar Cruz e Sousa desta forma. O que me aborrece muito é a cristalização da imagem de Cruz e Sousa como negrinho sofredor. É uma maneira de mantê-lo atrelado à posição de submisso, logo ele que foi um homem extremamente elegante, altivo, rápido e sarcástico. Mesmo que ariano (raça considerada superior pelo nazista Adolf Hitler) fosse, dificilmente ele seria tolerado pela mediocridade porque tinha um espírito muito crítico. Cruz e Sousa era desses homens para quem a burrice e a mediocridade são pecados imperdoáveis."

Rodrigo chega a perguntar-se qual seria o nó de gravata preferido pelo poeta. Fez um levantamento. Descobre que o nó chamado rossini só era desfeito com uma tesourada. Cruz e Sousa, de acordo com a biografia, gastava tudo que ganhava, como professor de francês e inglês, com roupas e objetos do aparato pessoal.

Antes que interpretem mal sua idéia das gravatas e elegância, o poeta contemporâneo antecipa sua defesa: "Não quero minimizar, com isso, a tragédia de Cruz e Sousa, é evidente que ela existiu. Na medida em que ele caiu, foi mais trágico do que se ele fosse um coitadinho acostumado com o sofrimento, adaptado a uma inferioridade. Claro que vou passo a passo, fazendo até um final mais terrível. Houve uma evidente discriminação racial, mas houve também a discriminação contra o que ocorre com qualquer homem ambicioso e consciente de seu próprio valor. Ainda é e será assim por muito tempo em Florianópolis. Cruz e Sousa foi vítima de inveja no Desterro (Florianópolis) do século passado." **(OG)**

Violões que falam



EXTRAIR A IMAGEM POÉTICA DOS VERSOS DE CRUZ E SOUSA FOI O CAMINHO PERCORRIDO PELA FOTÓGRAFA ROSANE LIMA, QUE UMA VEZ DESAFIADA MERGULHOU NO POEMA "VIOLÕES QUE CHORAM...", CRIADO EM JANEIRO DE 1897. A INQUIETUDE E DILACERANTE MUSICALIDADE DOS VERSOS CONDUZEM O IMAGINÁRIO. "O QUE O POETA ENFRENTOU NO SEU TEMPO, REVIVE-SE AINDA HOJE EM CENAS COTIDIANAS DE DOR, LAMENTO E SOFRIMENTO", DEFINE A PROFISSIONAL QUE SE APROXIMA DO UNIVERSO SOMBRIO E SOLITÁRIO DE CRUZ E SOUSA EM IMAGENS TÃO POÉTICAS QUANTO A CONSTRUÇÃO CRUZSOUSEANA. NESTE BREVE ENSAIO SOBRESSAEM OS SONHOS FATIGADOS, A MELANCOLIA DO ANJO, A MISÉRIA HUMANA, OS VIOLÕES QUE FALAM.

Cruz e Sousa

16

Cabelos

Cabelos! Quantas sensações ao vê-los!
Cabelos negros, do esplendor sombrio
Por onde corre o fluído vago e frio
Dos brumosos e longos pesadelos...
Sonhos, mistérios, ansiedades, zelos,
Tudo que lembra as convulsões de um rio
Passa na noite cálida, no estio
Da noite tropical dos teus cabelos.
Passa através dos teus cabelos quentes,
Pela chama dos beijos inclementes,
Das dolências fatais, da nostalgia...
Auréola negra, majestosa , ondeada,
Alma da treva, densa e perfumada,
Lânguida Noite da melancolia!

(CRUZ E SOUSA)

Iniciativa imortal

De tudo que se disse do concurso Cruz e Sousa, um prêmio marca com a particularidade do reconhecimento nacional, esta iniciativa: A Academia Brasileira de Letras confere ao governador Jorge Konder Bornhausen a medalha Machado de Assis. (Página 7).

Os grandes vencedores.

Quem são, o que disseram, os ganhadores do concurso Cruz e Sousa? As palavras e as poesias nas páginas centrais.

A história de um concurso

Quando as portas do Teatro Alvaro de Carvalho se fechavam, na sexta-feira, dia 12, após entrega do prêmio do maior concurso de poesia dos últimos tempos, começava a ser preparada a segunda edição do Cruz e Sousa que será lançada em fevereiro de 1982 (Página 6).

Depoimentos.

Fotos

Athayde: grande serviço para a cultura do Brasil

O presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Austregésilo de Athayde, na sua mensagem enviada por ocasião da entrega dos prêmios referentes ao Concurso Cruz e Sousa destacou ''o grande serviço que começa a ser prestado por Santa Catarina à cultura brasileira''.

Ele foi representado na solenidade de entrega, realizada no dia 12 de junho, no Teatro Álvaro de Carvalho, diante da presença de dezenas de autoridades e intelectuais vindos de todo o Brasil, pelo acadêmico Herberto Salles. Na oportunidade, ressaltou ''o significado cultural da iniciativa'' e incentivou a continuidade de iniciativas dessa natureza.

A solenidade foi aberta com a apresentação do Hino de Santa Catarina, pela Associação Coral de Florianópolis. O mesmo local cantou outros três músicas realçando as belezas e características da Ilha de Santa Catarina. Destacaram-se ''Rancho de Amor à Ilha'' e ''Canoa do Mar''. A primeira fala de ''um pedacinho de terra perdido no mar. Jamais a natureza reuniu tanta beleza...''. Nessas músicas são lembradas a Ponte Hercílio Luz, a figueira da Praça XV, Morro da Cruz, Lagoa da Conceição e Itaguaçu.

Herberto Salles, antes de começar a entregar os prêmios aos ganhadores, elogiou o Coral de Florianópolis. Observou que gostou muito: ''essas três músicas me deixaram muito feliz''. Herberto é ex-cronista de música popular.

Logo a seguir fez a entrega dos prêmios, pela seguinte ordem: Osmar Pisani (primeiro colocado em Santa Catarina); Yone Giannetti Fonseca (2° lugar a nível nacional); e Ruy Espinheira Filho (1° lugar). Ao entregar o prêmio ao primeiro lugar, disse: ''por acaso um baiano''. Após risos dos presentes, concluiu: ''por acaso também meu amigo fraterno''.

Jorge: "vencemos mais uma etapa de uma grande jornada

O Governador Jorge Konder Bornhausen deixou claro que o Concurso Cruz e Sousa, agora, não está terminando. Ao contrário, está começando. Frisou que o Concurso Cruz e Sousa (homenagem ao maior poeta simbolista brasileiro de todos os tempos) ''mostrou o que somos, o que sabemos e o que podemos fazer pelo Brasil'', principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento.

Assinalou durante a solenidade de entrega, que a presença das forças vivas da intelectualidade brasileira ''vem coroar de êxito o que aqui idealizamos''. Recordando o número de trabalhos que concorreram no maior concurso literário da história brasileira — 2.300 —, Bornhausen pediu desculpas à Comissão Julgadora, ''pelo excesso de trabalho que lhes damos''. A verdade é que ''não esperávamos tanto sucesso'' — esclareceu.

Comentando as origens do concurso, o governador explicou: ''Santa Catarina possuia uma capacidade inexplorada que precisava mostrar a todos, tinha que dizer o que podia fazer para ajudar no desenvolvimento da Pátria''. Significa, em síntese, ''o início da luta pela integração e a busca de uma identidade; e o melhor caminho, o mais autêntico e eficaz, para essa conquista, não podia ser outro que não o da cultura''.

Hoje, disse Bornhausen, ''a vida triste de Cruz e Sousa é lembrada com alegria''. Isto é, ''hoje lhe temos toda a solidariedade e agradecimento; prestamos uma homenagem maior àquele que deixou marcada a sua presença na Pátria''.

Depois do Concurso Cruz e Sousa, segundo o governador, ''o Estado de Santa Catarina se sente mais integrado, identificado com os Estados irmãos da Confederação''. Concluiu que ''os filhos desta terra acabam de vencer mais uma etapa de uma grande jornada''.

Barbosa Lessa: o encontro com as massas populares

Barbosa Lessa, secretário de Cultura do Rio Grande do Sul e escritor, aproveitando sua experiência literária, sublinhou que, atualmente, há uma dificuldade de encontro entre as camadas populares com os poetas. Para ele, na hora em que ocorrer este encontro, ''o poema será aplaudido''. E disse porque: ''o poema é universal''.

Referindo-se ainda ao poema ''Canção de Dezembro'', de Rui Espinheira, lido na solenidade de entrega dos prêmios, Barbosa Lessa observou: ''qualquer pessoa que tenha um pouco de sensibilidade, independente de seu grau de cultura, se comunica fabulosamente''.

Observou ainda que, apesar dos frequentes concursos promovidos pelo governo, ''curiosamente há uma resposta mínima''. Reconheceu que esta evidência foi quebrada pelo Concurso Cruz e Sousa.

Barbosa Lessa vê uma grande vantagem nesses concursos: ''a desmetropolização da cultura''. Isso, porque, hoje, a cultura continua centralizada em São Paulo e Rio de Janeiro.

Trevisan adverte: poesia precisa descapitalizar-se

O poeta Armindo Trevisan, falando em nome da Comissão Julgadora, advertiu que, para aliciar leitores, a poesia terá que descapitalizar-se. Fez ver ser necessário rejeitar ''a sua tendência de ensimesmar-se'', concluindo que ''o poeta deve compreender que, sem um mínimo de intervenção pessoal, os sentimentos não se infiltram, sem um mínimo de forma, não se transmitem, sem um mínimo de conteúdo, não comovem''.

Frisou que ''a quantidade de obras, inscritas no concurso, respaldava-se na qualidade dos textos, razão pela qual foi dificílimo escolher as melhores. Haverá, todavia, melhores?''

Enfatizou que num concurso desse gênero não se deve falar em vencedores e vencidos: ''a poesia sai sempre vencedora onde existe espaço para ela, principalmente num mundo caracterizado pelo excesso de barreiras psicológicas e sociológicas à expressão de nossos sentimentos mais profundos''.

—Vivemos numa era, em algum sentido, a poética, ou até, anti-poética. Será isto razão para desanimarmos? Não cabe, justamente aos poetas, a tarefa de salvaguardar esse mínimo de criatividade de linguagem, uma espécie de salário mínimo de nossa liberdade de expressão? Constitui a poesia uma garantia de que, no âmago da linguagem coletiva, permanecem os germes de novas linguagens. Só novas linguagens podem acompanhar a evolução histórica dos povos e culturas, propiciando-lhes um acréscimo de consciência de si.

Por conseguinte, continua Trevisan, o poeta, sem julgar-se um privilegiado, ou um criador singular, tem o direito de julgar-se um operário da expressão social, a ganhar sua vida como os outros''.

Alertou que é preciso também refletir sobre os motivos do desapreço do público em relação à poesia. ''Com o intuito de preparar o caminho a semelhantes reflexões, ensaio esta breve autocrítica poética, válida, em primeiro lugar, para mim''.

—Começa a autocrítica da poesia pela rejeição de sua tendência a ensimesmar-se. Continua pela admissão de sua pequena carga emocional. Não bastam imagens prenhes de significados; devem estes aproximar-se das impurezas do cotidiano. Cumpre reconhecer que nem só de metáforas vive a poesia, mas também de um mínimo de dores e alegrias.

Alertou que para aliciar leitores, a poesia ''precisa descapitalizar-se''. Ou melhor: ''ela voltará a ser coletiva e anônima na hora em que o poeta compreender que, sem um mínimo de intervenção pessoal, os sentimentos não se infiltram sem um mínimo de forma, não se transmitem; sem um mínimo de conteúdo, não comovem''.

—Explique-se, aos futuros leitores, que a poesia necessita de verificação. Semelhante verificação não deve ocorrer a nível de intelecto, mas a nível de sensibilidade. Existencialmente.

E mais: ''não existe poema enquanto não for testado por alguém que não o poeta. Um poema é simplesmente uma tentativa de co-autoria. O poeta coloca o leitor numa situação peculiar: a de ser ele quem decide da leitura (o que não acontece com as demais leituras).

Um poema, noutras palavras, ''só tem autor na medida em que o leitor toma o lugar do poeta. Não importa que o destino do poema, pretendido pelo poeta, não seja atingido; um poema atinge seu fim quando o leitor constata que os sismógrafos oscilaram, e que alguma coisa já não é a mesma dentro do mundo'.

Edla: autor deve investir na sua obra, acreditar...

Edla Van Steen, jornalista e escritora, de São Paulo, foi uma das muitas personalidades presentes na entrega do Prêmio Cruz e Sousa. Para ela, ''é muito importante o autor investir na sua própria obra, isto é, independente do autor''. Ela fez esta constatação ao acabar de fazer um livro de entrevistas: ''Viver e Escrever''.

Segundo ela, ''a experiência me mostrou que todos os autores, ou quase todos, pagaram a primeira edição do seu livro''. Aproveitei para desmascarar uma idéia hoje difundida na sociedade: ''há um falso critério profissional de que a gente deva ser editado pelo editor; a gente tem que acreditar, sobretudo, no próprio texto e não tendo editor, a gente edita''. E completou: ''Faço dívidas. Vou vender minha alma, mas vou mostrar o meu trabalho. Isso é uma consciência menos de mercado e mais de posição''.

Ela deu um exemplo: ''Vinícius de Moraes estava querendo editar um livro e não tinha dinheiro. Então quatro amigos — Manuel Bandeira, Clóvis Graciano, Otávio de Faria e outro, pagaram a edição para Vinícius, porque ele não conseguiu editar na época, e ele não tinha dinheiro porque estava voltando dos estudos''. Com isso, deixou claro, que não pretendeu dizer que não é bom que as editoras editem. Quis mostrar apenas que ''é também importante que o autor tente vencer os caminhos bloqueados, acreditando na sua própria obra''.

MERCADO

Segundo Edla Van Steen, o mercado da poesia é difícil no mundo todo. A conclusão foi conseguida a partir de contatos mantidos com poetas de diferentes países. Nos Estados Unidos, por exemplo, os poetas fazem pequenas edições em xerox e leituras nas universidades. A única vantagem é que, ao contrário do que ocorre no Brasil, lá fora o poeta é subvencionado para escrever.

Disse que a poesia ''continua sendo o mais nobre caminho da literatura''. Entretanto, a divulgação está difícil, porque as editoras enfrentam problemas de venda no mercado. De qualquer forma, deu um consolo: ''O poeta quando escreve, não está visando à edição. Está apenas poetando''.

Cruz e Sousa na Imprensa

Reproduzir o que a imprensa nacional escreveu sobre o concurso Cruz e Sousa é impossível. A menos que algum editor se dispusesse a elaborar uma obra especialmente com esta finalidade. Foram notícias, comentários e artigos publicados em jornais de todo o Brasil. Aqui, então, apenas um pequeno registro:

"Cruz e Souza", festa para a poesia brasileira

LUIZ CARLOS CAVERSAN
Enviado especial

Uma verdadeira festa, modesta mas significativa para a poesia nacional, foi o que aconteceu ontem na cidade de Florianópolis, quando o governador do Estado de Santa Catarina, Jorge Konder Bornhausen, fez a entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso de Poesia — "Prêmio Cruz e Souza" — em solenidade realizada no Teatro Álvaro de Carvalho. O clima era sobretudo de entusiasmo, tanto por parte dos promotores e vencedores do concurso, quanto dos inúmeros escritores presentes, convidados de diversos Estados para prestigiar o acontecimento. Em solenidade bem simples, a entrega dos prêmios em dinheiro foi efetivada pelo escritor e acadêmico Herberto Salles, representando o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde. O primeiro premiado foi o baiano Ruy Espinheira Filho (500 mil cruzeiros) e em segundo lugar a mineira, radicada em São Paulo, Yone Giannetti Fonseca (250 mil). Com terceiro lugar, o catarinense, Osmar Pisani.

A solenidade foi aberta com a apresentação da Associação Coral de Santa Catarina, que interpretou o Hino do Estado, três composições de autores locais, evocando os valores e as tradições da terra. A seguir, falou Herberto Salles em nome da ABL, saudando os vencedores e a iniciativa do governo do Estado, procedendo depois à entrega dos cheques correspondentes a cada um.

O primeiro a receber o prêmio foi Osmar Pisani, vencedor com o livro "As Paredes do Mundo"; a seguir, Yone Fonseca, autora de "Mulher", que lembrou a importância do prêmio, não só com relação a seus aspectos culturais, mas também sociais, na medida em que "se constitui um estímulo para que se expressem a perplexidade diante de um mundo tão conturbado, através da criação artística". Ruy Espinheira foi o último a receber seu prêmio. O autor de "As Sombras Luminosas" lembrou que o prêmio é uma grande oportunidade àqueles que, principalmente através da poesia, não têm condições de chegar ao grande público. E ressaltou como "ironia do destino" o fato de o prêmio ter como patrono exatamente Cruz e Souza, poeta simbolista catarinense que, por sua condição de negro e pela época em que viveu, foi "injustiçado e mesmo esmagado em sua arte, para ser reconhecido muito depois".

Antes da entrega do prêmio, falou aos presentes o gaúcho Armindo Trevisan, em nome da comissão julgadora, que foi composta por Adonias Filho, Fausto Cunha, Ferreira Gullar e Marcos Konder Reis. Para ele, a quantidade de trabalhos inscritos, mais de 2.300, respalda a qualidade dos mesmos. Ressaltou, todavia, que a escolha foi difícil e que, na verdade, não houve vencedores e vencidos, "quem ganhou mesmo foi a poesia nacional, o poeta como um operário da expressão cultural".

Para encerrar a solenidade, o governador Bornhausen afirmou que a iniciativa do prêmio procura abrir novas perspectivas "ainda mais válidas, num tempo em que os problemas materiais absorvem todas as atenções". Segundo disse, procurou-se também relembrar com alegria e solidariedade a memória de Cruz e Souza, que teve "vida penosa e triste".

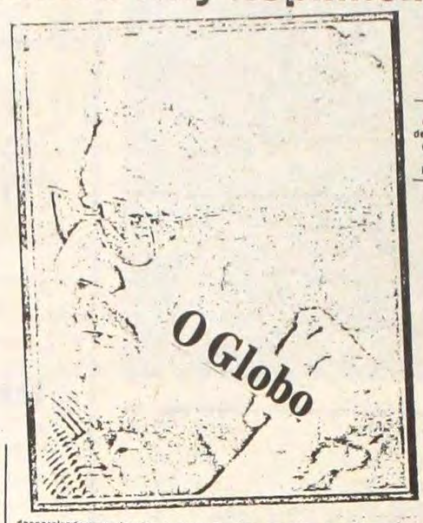
Raimundo Magalhães Júnior, Josué Montello, Péricles Prade, Sábato Magaldi, Fernando Sabino, Édila Van Steen, Lindolf Bell e Pinheiro Neto (estes dois catarinenses) encontravam-se entre os escritores presentes. Pinheiro Neto, presidente da Associação Catarinense de Escritores, lembrou que o concurso, considerado um estímulo [illegible] Florianópolis, em outubro p[illegible] Bell, por sua vez, acredita [illegible]urso, no momento em que ac[illegible] deve ser louvado como verdadeira [illegible] para a literatura nacional.

Armindo Trevisan, membro do júri e representando o mesmo na solenidade, acentuou que os trabalhos apresentados refletiram fielmente a realidade brasileira de hoje. "Refletiram, na verdade, a situação política, social, religiosa e existencial de hoje, com características típicas de nossos dias. Os estilos abrangeram desde a poesia de cordel até a linguagem dos meios de comunicação de massa. E deve-se ressaltar a presença marcante de mulheres em trabalhos que refletem bem o estágio da emancipação feminina."

Os livros de Ruy Espinheira Filho, Yone Gianetti Fonseca e Osmar Pisani serão editados e distribuídos nacionalmente pela Fundação Cultural do Estado de Santa Catarina, que também fará a reedição das poesias completas de Cruz e Souza.

O Estado de S. Paulo

O conhecimento do homem é a tarefa da poesia, para o premiado Ruy Espinheira



Ruy [illegible] um prêmio de Cr$ 500 mil, com o livro "Sombras luminosas"

SALVADOR (O GLOBO) — Escolhido entre 2.300 inscritos, o escritor baiano Ruy Alberto D'Assis Espinheira Filho, 36 anos, recebeu o maior prêmio brasileiro de poesia, o "Cruz e Souza", no valor total de Cr$ 1 milhão, instituído pelo Governo de Santa Catarina. Ruy foi premiado com "As sombras luminosas", que escreveu sob o pseudônimo de Lúcio Umbra e, consagrado em sua arte, para ser reconhecido muito depois".

Antes da entrega do prêmio, falou aos presentes o gaúcho Armindo Trevisan, em nome da comissão julgadora, que foi composta por Adonias Filho, Fausto Cunha, Ferreira Gullar e Marcos Konder Reis. Para ele, a quantidade de trabalhos inscritos, mais de 2.300, respalda a qualidade dos mesmos. Ressaltou, todavia, que a escolha foi difícil e que, na verdade, não houve vencedores e vencidos, "quem ganhou mesmo foi a poesia nacional, o poeta como um operário da expressão cultural".

Para encerrar a solenidade, o governador Bornhausen afirmou que a iniciativa do prêmio procura abrir novas perspectivas "ainda mais válidas, num tempo em que os problemas materiais absorvem todas as atenções". Segundo disse, procurou-se também relembrar com alegria e solidariedade a memória de Cruz e Souza, que teve "vida penosa e triste".

Raimundo Magalhães Júnior, Josué Montello, Péricles Prade, Sábato Magaldi, Fernando Sabino, Édila Van Steen, Lindolf Bell e Pinheiro Neto (estes dois catarinenses) encontravam-se entre os escritores presentes. Pinheiro Neto, presidente da Associação Catarinense de Escritores, lembrou que o concurso, considerado um estímulo [illegible] Florianópolis, em outubro p[illegible] Bell, por sua vez, acredita [illegible]urso, no momento em que ac[illegible] deve ser louvado como verdadeira [illegible] para a literatura nacional.

Armindo Trevisan, membro do júri e representando o mesmo na solenidade, acentuou que os trabalhos apresentados refletiram fielmente a realidade brasileira de hoje. "Refletiram, na verdade, a situação política, social, religiosa e existencial de hoje, com características típicas de nossos dias. Os estilos abrangeram desde a poesia de cordel até a linguagem dos meios de comunicação de massa. E deve-se ressaltar a presença marcante de mulheres em trabalhos que refletem bem o estágio da emancipação feminina."

Os livros de Ruy Espinheira Filho, Yone Gianetti Fonseca e Osmar Pisani serão editados e distribuídos nacionalmente pela Fundação Cultural do Estado de Santa Catarina, que também fará a reedição das poesias completas de Cruz e Souza.

O Globo

Ruy Espinheira Filho: uma abordagem poética em novo livro de ficção.

Tribuna da Bahia

POESIA MILIONÁRIA

Autores recebem o Cruz e Sousa e já têm edição garantida

FLORIANÓPOLIS — Em solenidade realizada no Teatro Álvaro de Carvalho, a Fundação Catarinense de Cultura entregou ontem os prêmios aos vencedores do Concurso Nacional de Poesia Cruz e Sousa, Ruy Espinheira Filho, Yone Giannetti Fonseca e Osmar Pisani. Em conjunto, os três ganhadores receberam Cr$ 1 milhão, além de uma efígie do poeta Cruz e Sousa. Ao principal vencedor, Espinheira, será garantida, pela própria Fundação, a primeira edição do livro escolhido pelo júri.

Ruy Espinheira Filho, baiano, residente em Salvador, onde ensina e faz Jornalismo, é um escritor experimentado. Já publicou cinco livros, de gêneros diversos — o mais recente dos quais, Vento no Tamarindeiro, Lucros e contos, está saindo esta semana no Rio. O prêmio de Espinheira — primeiro lugar para autores de todo o país, com As Sombras Luminosas — é de Cr$ 500 mil.

Segundo lugar, categoria nacional, a mineira Yone Giannetti Fonseca disse — ainda em São Paulo, quando foi informada do resultado do concurso por um repórter do JORNAL DO BRASIL — que não esperava essa classificação. Gostaria, entretanto, que seu livro, Mulher, um longo poema de 52 páginas, fosse publicado. O que, aliás, já está garantido, pois a Universidade Federal de Santa Catarina quer fazer a edição.

Yone lançou seu primeiro livro — A Fala e a Forma — em 1963, edição do Centro de Estudos Mineiros da UFMG, a mesma em que se graduou em Letras Neolatinas. O volume foi prefaciado por Cassiano Ricardo. "Não é" — observava Cassiano — "uma poesia fácil de ser aceita; é uma poesia que exige novas glândulas líricas". O segundo livro de Yone apareceu em 1975, pela Editora Quíron-Práxis, agora com prefácio de Mario Chamie. Intitulava-se Rosa Dialética.

Yone descende, por parte de pai, de uma família italiana que habitava uma cidadezinha próxima de Pisa. Pelo lado materno, de portugueses: os Esteves. Seu pai, Américo René Giannetti, foi Secretário da Agricultura de Minas, no Governo Milton Campos. Mais tarde, elegeu-se prefeito de Belo Horizonte e morreu no cargo. Implantou a primeira indústria de alumínio do país, a Eletroquímica Brasileira, que após a II Guerra Mundial vendeu a um grupo canadense. Casada, mãe de três filhos e já com netos, Yone vive em São Paulo, onde se formou em Psicologia e especializou-se em Psicanálise.

O poema Mulher foi escrito aos poucos. "Ia escrevendo e guardando. Quando soube do concurso apenas alinhavei a forma, pois o conteúdo tinha unicidade". O livro trata dos problemas da mulher no mundo atual e os versos por vezes são secos como os de João Cabral de Melo Neto: "Lá vai um homem/Com sua sombra/Com um estranho/Em suas entranhas/Seus embaraços/Entre seus passos/Com sua chama/Em seus braços/Com seu avesso/Perfil e frente".

Ruy Espinheira Fi[illegible]

Yone Giannetti Fonseca

Osmar Pisani

Osmar Pisani, residente em Florianópolis e autor de vários livros já publicados, recebeu o prêmio para melhor concorrente catarinense (Cr$ 250 mil) com a coletânea As Paredes do Mundo, que deverá ser editado pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado. Pisani se diz um homem angustiado, e confessa que a sua poesia reflete, "em grande parte, a angústia pela loucura do mundo".

— O meu livro pretende ser um fluxo poético, a reinvenção de uma epopéia do nosso tempo. Venho trabalhando nele há longo tempo. Na verdade, foi em 1968 que [illegible] começou a percorrer a [illegible] a imaginação. Mas só [illegible]no passado, quando fiz [illegible]a viagem às minhas origens, Itália e Grécia, ele nasceu de verdade.

Pisani ainda acredita que a obra literária realmente importante ainda é "produto da solidão ou resultado de um imenso caos onde a memória ao mesmo tempo fragmenta e reordena o mundo". Diante desse constante movimento de expansão e retração, a única saída é mergulhar fundo, de maneira impetuosa, na reflexão. Ele acha, ainda, que o nosso tempo comporta perfeitamente a dimensão épica da poesia, pois "o que é pequeno está morrendo" e estamos em vésperas de feitos tão grandes quanto a colonização do espaço cósmico.

— Sou múltiplo e paradoxal — diz Pisani no capítulo das suas admirações e influências. — Além de Mallarmé, Rilke, Lautréamont e o grego Odysseus Elitys, gosto de Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade. Como gosto de alguns bons catarinenses, que vivem aqui ou fora daqui: C. Ronald, Rodrigo de Haro, Lindolfo Bell, Alcides Buss, Pinheiro Neto, Carlos Damião, Marcos Konder, Péricles Prade e Maura de Sena Pereira.

Jornal do Brasil

Cultura

Os prêmios de no valor de Cr$ 1,0 milhão distribuídos pelo Governo de Santa Catarina aos três vencedores de um concurso nacional de poesia — o Prêmio Cruz e Souza — foram considerados pela intelectualidade brasileira como a mais importante contribuição oficial no sentido de estimular novos valores da poesia e da produção literária nacional. Os vencedores: Rui Espinheira Filho (baiano, primeiro lugar, ganhou Cr$ [illegible] mil), Ione Gianetty Fon[illegible]eira-paulista, segundo l[illegible] Cr$ 250 mil) e o catarin[illegible] Pisani (com terceiro lug[illegible]m ganhou Cr$ 250 mil). A[illegible]ndo Trevisan, que, como membro da comissão julgadora falou na cerimônia de entrega dos prêmios, encareceu ao governador Jorge Bornhausen a continuidade do concurso que teve dois mil candidatos. O governador, num discurso muito elogiado, falou que a cultura será a via usada para a integração do seu estado.

Ele ficou particularmente satisfeito com os resultados da promoção, bem assim como o seu secretário de Comunicação, Jair Hamms, articulador do programa, e os secretários de Cultura e Educação e o presidente do Centro Cultural de Florianópolis.

Zero Hora

PRÊMIO CRUZ E SOUZA

Poesia: espécie de salário mínimo da liberdade de criação

Em plena tarde da última terça-feira, às 15 horas, o Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, estava praticamente tomado por convidados, estudantes de Letras e público em geral para o ato formal de entrega dos prêmios do 1 Concurso Literário Cruz e Souza, neste ano dedicado à poesia.

Aberta a solenidade com a participação da Associação Coral de Florianópolis, sob a regência da maestrina Rute Gebler, e composta a mesa diretiva dos trabalhos, com o Governador Jorge Konder Bornhausen, o vice-governador Córdova, o diretor do Instituto Nacional do Livro, Herberto Salles, acadêmicos Raymundo Magalhães Jr., especialista em Cruz e Souza, e José Montello, além do presidente da Assembléia Legislativa, deputado Vilson Furlan, e representando [illegible] os mil cruzeiros, co[illegible]de vencedor do certa[illegible]e o conjunto reuni[illegible] título de "As Sombras [illegible]osas".

A FUNÇ[illegible] POESIA

Armindo Tre[illegible] falando em nome da Comissão Julgadora, destacou a dificuldade de se [illegible] a escolha diante da [illegible] se quantidade e qualidade dos concorrentes, indagando-se em seguida se, em questão de arte, poder-se-ia falar em melhores: "na verdade, num concurso deste gênero não se deve falar em vencedores e vencidos: a poesia sai sempre vencedora onde existe espaço para ela, principalmente num mundo caracterizado pelo excesso de barreiras psicológicas e sociológicas à expressão de nossos sentimentos mais [illegible]fundos".

de improviso, fez primeiro uma rememoração de sua campanha pré-eleitoral, das decisões que o levaram ao apoio de uma iniciativa de tal monta, fazendo com que "a explosão das capacidades catarinenses possam colocar-se extralimites de suas fronteiras". Para Jorge Konder Bornhausen, "o caminho mais rápido é o que lida com uma vela que fica marcada isto é, a cultura, fator fundamental de integração do estado, e deste com a nação".

Jorge Konder Bornhausen lembrou que alguns julgaram exagerada a idéia de premiar com tais valores a poetas, mas, enfatizou o governador, "não confiamos na capacidade de seus idealizadores, e [illegible]mo não estamos [illegible] preocup[illegible] [illegible] truções material, decidimos

Correio do Povo

BIP

"Cruz e Sousa" vai para a Bahia

Saiu o resultado do "Prêmio Cruz e Sousa", lançado em 1980 pelo Governo de Santa Catarina em homenagem ao maior poeta do estado. O baiano Ruy Alberto D'Assis Espinheira Filho foi o vencedor do concurso com a obra *As sombras luminosas*, ficando Yone Giannetti Fonseca, de Minas Gerais, em segundo lugar (*A mulher*). Coube a Osmar Pisani o prêmio de melhor autor catarinense, com o trabalho *As paredes do mundo*.

A entrega dos prêmios no valor total de Cr$ 1 milhão — inicialmente prevista para a primeira quinzena de abril — será feita neste mês. Na ocasião, o patrocinador do concurso vai lançar um volume das poesias completas de Cruz e Sousa. Segundo a Fundação Catarinense de Cultura, o atraso na divulgação do resultado decorreu da quantidade (mais de dois mil) e do excelente nível dos trabalhos inscritos — o que dificultou a decisão dos jurados.

Quem são os vencedores

Yone Giannetti Fonseca, segundo lugar no concurso, é natural de Belo Horizonte, sendo radicada em São Paulo. Ela é bacharel em Línguas Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Até o momento, publicou duas obras: A Fala e a Forma (poesia), em 1963; e Rosa Dialética, em 1975.

Yone diz como nasceu "Mulher": ia escrevendo e guardando...

Para Yone Giannetti Fonseca, "o Concurso Cruz e Sousa teve importância muito grande, não só cultural, mas também social", traduzindo-se, em outras palavras, "numa contribuição fundamental para a arte e criatividade".

Yone, depois de manifestar a sua surpresa pelo lugar que obteve no concurso, disse como fez o poema "Mulher": "ia escrevendo e guardando. Quando soube do concurso, apenas alinhavei a forma, pois o conteúdo tinha unicidade".

Ela não esperava essa classificação. Entretanto, segundo revelou, antes de saber do resultado, gostaria que "Mulher" (um poema de 52 páginas) fosse publicado. A Universidade Federal de Santa Catarina deverá fazer a edição.

Para ela, em termos de literatura, "o fundamental não é o contexto e sim o homem". Afirma que considera a radicalização nociva à arte, acrescentando que "vanguarda enquanto é uma pesquisa de novas formas de expressão, ela tem uma missão muito importante dentro da arte. Agora, quando radicaliza que é a única dona da verdade, ela perde muito do seu sentido".

O seu trabalho premiado, em resumo, trata dos problemas da mulher no mundo atual e os versos por vezes são secos como os de João Cabral de Melo Neto: "lá vai um homem / Com sua sombra / Com um estranho / Em suas entranhas / Seus embaraços / Entre seus passos / Com sua chama / Em seus braços / Com seu avesso / Perfil e frente".

Conheço o Cheiro do Homem...

Conheço o cheiro do homem
que me quer.
E é como cheira o corpo
de um cigano.
Sei do seu jeito de olhar
como um relâmpago.
E é como um jeito urgente
de chegar.

Conheço a boca que procura
a boca.
A sedução (ou o sonho?)
entre as coxas.
E é como enquanto um canto
se faz canto.
E é como um cais do porto
no oceano.

Conheço o gosto do homem
quando me ama.
Conheço-me mulher amada,
amando.
E um corpo só, não dois,
na mesma chama,
E mais durante e depois,
depois.

(Yone Giannety Fonseca)

Pisani considera a arte como definição da vida

Osmar Pisani nasceu no município de Gaspar, sendo radicado na Capital. Tem 36 anos. O seu primeiro livro de poesias é: O Delta e o Sonho, publicado em 1964. Participou da antologia de contistas nacionais Círculo 17, em 1974; e da antologia "Assim Escrevem os Catarinenses", em 1976; o seu último livro é "As Raízes do Vento", que foi editado em 1976. Atualmente, tem uma coluna de crítica de artes no jornal "O Estado".

Para Osmar Pisani, "ser poeta é perceber a mais profunda expressão da poesia em sua natureza inicial", isto é, "o poema deve ser uma obra de arte, e a arte a definição da própria vida".

Pisani afirma ser um homem angustiado e confessa que a sua poesia reflete, em grande parte, "a angústia pela loucura do mundo".

Explica, contudo, que "existe uma infinidade de poetas fazendo poemas das maneiras mais diferentes". Neste sentido, observa que "uns se aproximam do povo, mas é muito difícil porque jamais alguém atingiu o povo porque a poesia não vem do povo".

Quanto a sua poesia, faz a seguinte interpretação: "O toque lírico, a linha da infância, a consciência de um estado de verdadeira percepção dos conflitos humanos são formas de comprometimento com o mundo. Agora, o caminho é uma rede e um veículo de poder com o tênue linhe da travessia. A palavra navega num território ainda difícil e pouco readquire sua força no processo de amar e desamar. O outro bebe à sombra da paciência e é possível desencadear as ruas da história. O antigo não esquece o futuro nem o reencontro no vídeo, nem a cibernética que impulsiona este ritmo ausente de raízes. Somos outros. No fundo, procuro reanimar os companheiros sutis na plataforma de sonhos, estes que estão aí, entre o espaço do olho, no instantâneo de abrir e fechar. Contra o descompasso e a fuga consentânea de mãos emparedadas, a serena perspectiva dos destinos do homem. No entanto, a claque ainda mantém as cores do medo na cintura das máscaras.

— "As Paredes do Mundo" pretende ser um denso fluxo poético na reinvenção de uma epopéia de meu tempo. Inclusive, estou dando continuidade ao poema, ainda mantendo uma linha de luminosa percepção ou obscura visão de uma matéria que vem sendo longamente trabalhada.

Pisani revela que foi em 1968 que "o poema começa a percorrer a minha imaginação". Mas só no ano passado, prossegue Pisani, "quando fiz uma viagem às minhas origens — Itália e Grécia — ele nasceu de verdade".

O poema de Pisani, conforme ele diz, "procura uma dimensão épica". Ou seja: "ele é uma busca total e permanente da poesia". Quando Pisani se refere à poesia, ele a vê diferente: "Um mistério como sempre foi desde o início. Ainda acredito que a grande obra é produto da solidão ou o resultado de um imenso caos onde a memória reordena e fragmenta o mundo, isto é, o mundo se expande e se contrai no trágico universo de indagações do poeta como um fato inetivável". Ele percebe uma única saída nesta dialética: "O mergulho impetuoso, medido ou desesperado na reflexão do fenômeno poético".

Acrescenta que acha que "está morrendo o que é pequeno e o grande sentido épico renasce hoje no mundo, assim como o espaço cósmico a ser colonizado". E conclui: "Ser poeta é perceber a mais profunda expressão da poesia em sua natureza inicial. Para mim, o poema deve ser uma obra de arte, e a arte a definição da própria vida".

Pisani afirma que, no Brasil, a grande renovação da linguagem em termos estéticos e criativos é ainda Guimarães Rosa. Outro aspecto levantado pelo poeta diz respeito à "criação". Segundo ele, "a criação é quase impossível". Pois, "há níveis de criatividade; acho que o fator criativo, depende unicamente da imaginação".

E
Agora,
Compassiva,
a
Noite,....

E agora, compassiva, a noite
silencia este pássaro do tempo,
não será o céu nem a abstenção
de seres na cidade
que irá comover tua maldade.

Voltas ao homem pela nudez
da trajetória e não há lágrima
na pele fraca da verdade
nem o modelo da execução
no percurso do corpo.

Mas a mutação continua
e como a noite não distingue
o limite da fraqueza
cresce a renúncia de sonhos antigos.

(Osmar Pisani)

Ruy: vida do escritor é difícil e árdua...

Ruy Espinheira Filho, primeiro colocado no concurso, tem 39 anos. Além de escrever na imprensa de Salvador, leciona na Escola de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal da Bahia. Já publicou as seguintes obras: Héboro (poesia), em 1974; Só o Último Sol de Fevereiro (crônicas), em 1975; Julgado do Vento (poesia), em 1979; e A Sombra e o Rio (novela), em 1980.

Ruy Espinheira Filho, após elogiar a iniciativa de Santa Catarina, explicou que o escritor continua tendo uma vida árdua e difícil, ou seja, "tem que trabalhar na produção literária e, ao mesmo tempo, trabalhar para ganhar o pão".

Essa opinião, ele reforçou adiante: "editar poesia é difícil em qualquer lugar do mundo". Mostrou que não é só isso: "houve uma fase na poesia brasileira de radicalismo muito grande; as chamadas vanguardas que, muitas vezes, eram extremamente reacionárias. As vanguardas fechavam de tal maneira que esqueciam que poesia é, sobretudo, emoção, reflexão, e, talvez, a forma literária que mais toca o íntimo do ser humano".

O poeta que há 13 anos publica crônicas na imprensa diária da capital baiana, destacou também a importância, para ele, do prêmio recebido:

—"Para mim, um prêmio dado dessa maneira, por uma comissão que trabalhou com tanta seriedade, é muito importante, e serviu para divulgar o trabalho que venho fazendo. O governo catarinense está prestando, com isso, um serviço muito bom, num país em que se gasta mais com inaugurações do que com a execução dos projetos, tanto com mordomias e tão pouco com cultura". No momento em que recebeu o prêmio, bastante emocionado, disse: "Logo Cruz e Sousa, uma vida socialmente esmagada, vai iluminar a vida de um poetinha da Bahia".

Sempre demonstrando simplicidade e, acima de tudo, humildade, Ruy Espinheira Filho acha que a maior liberação decorrente do processo de abertura pouco influi na atividade literária, "pois eram poucos os livros censurados".

Revela que "muitos dos livros que estavam prontos, mas não poderiam sair, antes da abertura, estão saindo agora. E muita gente que dizia não publicar nada porque a censura não deixava, também está sem mostrar nada, agora. A abertura serviu para demonstrar que essas pessoas não tinham nada para dizer".

Para Ruy Espinheira Filho, "Carlos Drummond de Andrade é o maior poeta vivo do mundo". Acrescentou que "Drummond, Camões e Fernando Pessoa são os maiores expoentes da Língua Portuguesa em todos os tempos".

Ruy tem grandes esperanças, no que tange à poesia brasileira, na década de 80, principalmente pelo fato de as chamadas vanguardas terem se esgotado. No seu entender, "as vanguardas prejudicaram bastante, porque, em vez de fazer o homem autor refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, partiram para a pregação de princípios de escolas literárias".

—Os vanguardas foram, frequentemente, reacionários e, na verdade, quase nada apresentaram de literatura. Fizeram muita teoria literária e pouca literatura.

Ainda quando esteve em Florianópolis recebendo o prêmio fez uma advertência: "precisamos fazer menos movimento literário e mais literatura".

Igualmente dá um conselho aos novos escritores: "Espero que o pessoal que hoje estuda literatura, no Brasil, repudie esses cárceres que são as escolas literárias, e procure fazer um trabalho livre dessas peias. Procure fazer uma literatura que seja uma busca de conhecimento do ser humano e do ambiente em que vive".

Do Amor

Todo amor está perdido
ao nascer.
Em vão nossos corpos
nos absorvem, em vão
nos lançamos aos nossos
abismos recíprocos:
o amor

aí não está.

Em nós ecoa o seu chamado
e nos submete. Mas apenas
chamado: ao fim
há outro chamado
e outro
e outro

e na origem do outro
que sempre vem depois
(e portanto nunca chega)
está o amor,
o que é o mesmo que não estar.

Nisto meditas,
neste crepúsculo que desce
e que não é crepúsculo: é o que
está em ti;
o que quer amar e mesmo pensa
que ama;
e mesmo ama,
só que sempre outra coisa:
não bebe a água,
mas a sombra (que cintila) da água.

Nisto pensas,
olhando as andorinhas
mortas há vinte anos e que voam
ao pôr-do-sol.
Nisto mergulhas
(doce é o som e a frescura
dessa sombra que marulha)

e te deixas levar
para o que está perdido desde a sua origem,
para o que não há e no entanto
é o que mantém à superfície
amorosamente
os teus destroços.

(Ruy Espinheira Filho)

Concurso continua no ano que vem

O Concurso Cruz e Sousa voltará a ser realizado em 1982. O Governo do Estado, que instituiu o Concurso no ano passado, o classificou como sendo um "acontecimento verdadeiramente marcante entre a intelectualidade brasileira, não só pela premiação inédita, mas também por ter mobilizado milhares de poetas, que se viram incentivados no exercício de sua arte".

BALANÇO

Foram inscritos 90 mil poemas e participaram poetas de todas as partes do Brasil, inclusive alguns brasileiros atualmente morando no estrangeiro (Portugal, Finlândia, Bélgica, Portugal, França, Estados Unidos, Finlândia e Bélgica). Concorreram 2.300 trabalhos. E a premiação alcançou a 1 milhão de cruzeiros.

De acordo com a Fundação Catarinense de Cultura, foram remetidos à Comissão Julgadora, formada pelos escritores Fausto Cunha, Armindo Trevisan, Ferreira Gullar, Marcos Konder Reis e Adonias Filho, uma tonelada de poemas multiplicados em 600 mil cópias xerografadas, o equivalente a 20 milhões de linhas.

PREMIAÇAO

O primeiro lugar coube a Ruy Espinheira Filho, da Bahia, autor da obra "As Sombras Luminosas". Ele recebeu um prêmio de 500 mil cruzeiros. O segundo lugar ficou com Yone Giannetti Fonseca, de São Paulo . Ela participou com a obra "Mulher" e recebeu 250 mil cruzeiros. O prêmio especial (Santa Catarina) ficou com o poeta Osmar Pisani. Pela sua obra "As Paredes do Mundo" ganhou também 250 mil cruzeiros.

O aval dos imortais

O Concurso Nacional de Poesia Cruz e Sousa revelou-se o mais alto sucesso nacional da poesia. Segundo muitos críticos, marcou o renascimento da poesia brasileira. O número de inscritos, não só do Brasil, como também do exterior, confirmaram toda a expectativa. O espetáculo da entrega do prêmio, confirmou o brilhantismo do concurso: estiveram reunidos as mais expressivas figuras literárias do país.

Porém, a iniciativa do governo do Estado foi imortalizada com o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, que acaba de conceder a Bornhausen, a medalha Machado de Assis.

Aqui estão, na íntegra, os textos do telegrama e carta do presidente da Academia, Austragésilo de Athayde:

ECT TELEGRAMA ECONOMIA DE TEMPO E DINHEIRO

17885 Y SCFN
21102 D RJTO
16/1820T
ZCZC FRR02251 16 1810
RJANEIRO/RJ

TELEGRAMA
GOVERNADOR JORGE BORNHAUSEN
PALACIO CRUZ E SOUSA PRACA XV DE NOVEMBRO S/N
FLORIANOPOLIS/SC(88000)

TENHO HONRA COMUNICAR VOSSENHORIA ACADEMIA BRASILEIRA LETRAS SESSAO DEZESSEIS CORRENTE APROVOU UNANIMENTE OURTORGA MEDALHA MACHADO ASSIS VOSSENCIA, RECONHECIMENTO SERVICOS PRESTADOS CULTURA BRASILEIRA. AFETUOSO APRACO
AUSTREGESILO DE ATHAYDE

COL S/N

PALÁCIO DO GOVERNO
CASA CIVIL
Protocolo Nº 6213
Data 17.06.81

ECT FONEGRAMA DITE PELO TELEFONE O SEU TELEGRAMA

ECT TELEFON FONEGR.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 1981

Exmo. Sr.
Jorge Konder Bornhausen
M.D. Governador do Estado de Santa Catarina

A Academia Brasileira de Letras, representado pelos seus ilustres membros Josué Montello, R. Magalhães Júnior e Herberto Sales associa-se, na solenidade da entrega do Prêmio de Poesia Cruz e Sousa, ao nobre sentimento que levou o Governo do Estado de Santa Catarina a homenagear o seu grande poeta, dando seu nome a uma láurea que esperamos venha constituir-se numa bela tradição cultura nacional

Cruz e Sousa marca na história literária do Brasil uma fase de alta expressão e nenhum outro o excedeu na pureza e autenticidade da escola simbolista de que foi o chefe do mais lidimo merecimento.

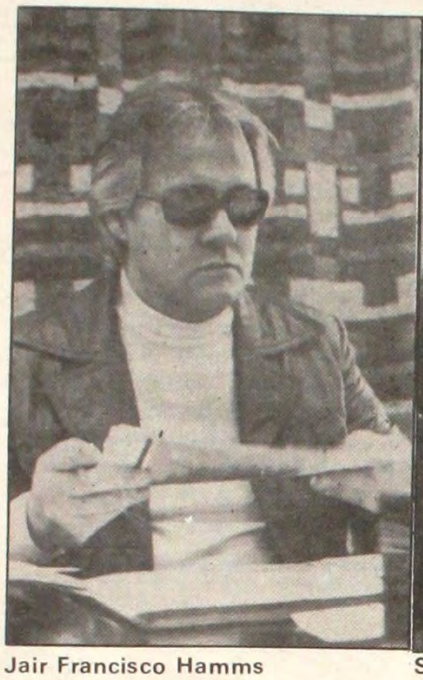
A instituição do prêmio de literatura pelo governo do Estado de Santa Catarina é uma prova de que os dirigentes brasileiros da atualidade não se alheiam ao sentido da grandeza que a arte confere às nações, tornando-as admiradas e prestigiosas pela perenidade do seu destino.

Aceite, Senhor Governador, as congratulações que os nossos ilustres companheiros da Academia vão levar-lhe com os aplausos pessoais que lhe endereço pelo grande serviço que começa a prestar à cultura do Brasil.

Com toda a consideração, sou de V. Exa. patrício e admirador.

Austregésilo de Athayde
Presidente

Comissão Organizadora.



Jair Francisco Hamms

Salim Miguel

Flávio José Cardozo

Paulo Gouvêa da Costa

João Nicolau de Carvalho

A maratona dos bastidores

Há cerca de um ano e meio, durante o lançamento de um livro na Assembléia Legislativa, os escritores Salim Miguel, Jair Hamms e Flávio José Cardoso conversavam sobre a necessidade de divulgar mais amplamente as coisas da cultura catarinense e ao mesmo tempo oferecer uma oportunidade maior àqueles que fazem literatura no Estado.

Discutiam a importância de levar para além das fronteiras catarinenses, o trabalho do intelectual e ainda voltar as atenções da intelectualidade brasileira para o que se faz nesta direção no Estado Barriga Verde.

E nesta oportunidade, pela primeira vez, veio a lembrança de homenagear "aquele que foi seguramente o maior poeta de Santa Catarina, um dos três ou quatro melhores poetas do Brasil e um dos 10 melhores poetas do mundo, segundo a crítica nacional e internacional".

Neste momento estava nascendo o maior concurso nacional de poesia. A conversa da noite se estendeu, entendendo os interlocutores que então o ideal seria lançar o concurso com o nome do poeta catarinense, como premiação para um catarinense e mais um prêmio para primeiro e segundo colocados nacionalmente.

IDENTIDADE CATARINENSE

Paralelamente, o governador Jorge Bornhausen entendia que o Estado estava necessitando de um processo de integração. E quando recebeu a idéia do concurso, entregou a responsabilidade, através de um documento, a três secretários de Estado, Cultura, Esporte e Turismo, Comunicação Social e Planejamento, para que ficassem responsáveis pela missão de integrar o Estado através da cultura ,e ao mesmo tempo, divulgar o Estado pelo mesmo caminho, para o resto do pais.

Daí, o secretário Julio César indicou o responsável desta área em sua pasta, o João Nicolau de Carvalho, o secretário Ingo Zadrozny — responsável pelos recursos — escolheu seu adjunto, Paulo Gouvea da Costa, mais o secretário das Comunicações Sociais, Jair Hamms, que compunham então a comissão responsável pelo programa de "Identidade Catarinense".

Esta comissão, num primeiro momento, deflagrou um concurso de monografias sobre Santa Catarina, destinada especificamente ao público universitário brasileiro.

Depois deste passo, começou então a preocupação com o concurso Cruz e Sousa. A comissão então precisava ser ampliada, e com esta preocupação outros componentes foram guindados. Pessoas há muito ligadas à literatura catarinense: Flavio José Cardoso, Murilo Pirajá Martins e Salim Miguel.

Com todos os organizadores a postos, iniciaram-se as reuniões que se seguiram por alguns meses consecutivos e sempre com a preocupação constante da objetividade. "Eramos até sintéticos", definiu um deles. Ao todo, cerca de 60 horas, aproximadamente, junto na mesma mesa os organizadores do concurso Cruz e Sousa.

Destes encontros, restava uma preocupação no sentido de escolher uma comissão julgadora, sobre a qual não pudessem recair qualquer taxa de suspeitas. Então surgiram: Adonias Filho, Armindo Trevisan, Ferreira Gullar, Fausto Cunha e um catarinense, conforme previa o próprio regulamento, Marcos Konder Reis.

Acertando os detalhes, faltavam então o lançamento e a divulgação do concurso. E no dia oito de outubro, no Rio de Janeiro começava a tomar os contornos nacionais a idéia nascida na noite do lançamento de um livro na Assembléia Legislativa.

Mas, optar pela antiga Capital Federal, teve sua razão: "Este Estado continua sendo a maior caixa de ressonância cultural do país". Depois chegou a vez de Florianópolis, Brasília, Porto Alegre e duas Capitais do Nordeste. Bahia por ser um centro cultural de tradição e João Pessoa, onde o governador Tarcisio Buriti ficou encantado com a iniciativa e disse ter muita vontade de lançar um concurso também nesta direção.

MILHÕES DE EXEMPLARES

Foi um trabalho difícil, mas sem dúvida com um saldo bastante positivo, um balanço como "supereávite". A comissão guarda uma coleção com recortes de jornais e revistas, todos alusivos ao concurso, de onde se extrai, que no mínimo 600 vezes a imprensa falou do Cruz e Sousa; que cerca de 80 jornais trataram do assuntos nas Capitais brasileiras, e mais a metade deste número no interior do país.

Para calcular melhor, todos estes recortes permitem a edição de um jornal de cerca de 100 páginas com uma circulação de milhões de exemplares, ou seja, uma divulgação extraordinária do Estado de Santa Catarina e de Cruz e Sousa, como jamais outra promoção estadual teve.

Para tanto, basta observar que o poeta Cruz e Sousa, passou a ser procurado como nunca. E neste sentido já está sendo programado o lançamento das obras completas com ilustrações de 16 artistas plásticos catarinenses, além do escritor Raimundo Magalhães Júnior, uma das maiores autoridades sobre Cruz e Sousa, que vai lançar mais uma edição do seu livro a vida e a obra de Cruz e Sousa.

Mas, a comissão organizadora arquiva ainda outras gratas revelações. A poeta Yone Giannetti Fonseca, disse que estava cansada e abandonando a poesia. "E este concurso me animou ao lançamento de mais dois livros que tenho pronto".

Entretanto, não foram só de bons momentos que a comissão viveu. Enfrentaram, inclusive, críticas ao concurso, além das dificuldades naturais que surgiram, a principal delas, com relação ao tempo, tendo em vista que os membros eram pessoas muito ocupadas que tratavam de um lado do concurso e por outro tinham suas responsabilidades profissionais, como o emprego.

As críticas, porém, foram respondidas no balanço final da maratona. Quanto ao fato do concurso ter sido lançado inicialmente no Rio de Janeiro e não em Florianópolis, contestou as preocupações. E sobre a não participação de Raimundo Magalhães Júnior na comissão julgadora, por ser ele o maior especialista na vida e na obra de Cruz e Sousa, não fazia o menor sentido pois a comissão iria julgar a poesia e não a obra de Cruz e Sousa. Então, qualquer pessoa poderia julgar as poesias sem conhecer Cruz e Sousa, ou até mesmo não gostando da sua obra.

Até no último momento houve tensão. A poucas horas do Teatro Alvaro de Carvalho abrir suas portas, o grande ganhador do concurso, Rui Espinheira, ainda não havia chegado, coisa que só aconteceu às duas horas da tarde. E por fim ainda a preocupação de pouca gente comparecer a entrega dos prêmios. Mas, tudo foi superado, e com muita alegria, a partir do encerramento da solenidade, o Segundo Concurso Nacional de Poesias Cruz e Sousa começou a ser trabalhado, e já tem data de lançamento: fevereiro de 1982.

Fotos de Rivaldo Souza

Registro fotográfico

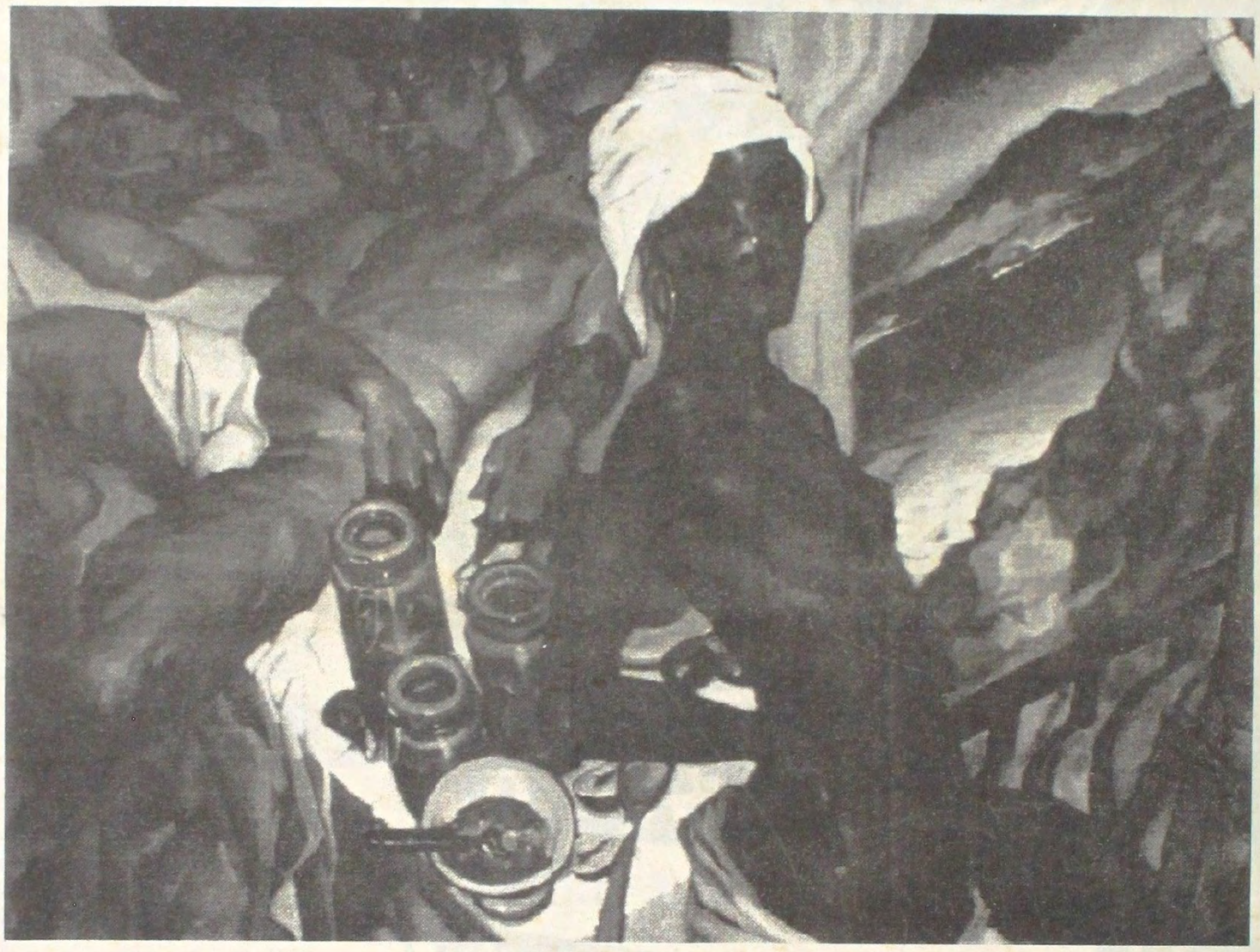
Estes são alguns dos momentos registrados durante a concorrida e brilhante festa quando foi entregue os prêmios aos grandes vencedores do Concurso Nacional de Poesias, Cruz e Sousa.

Ô Catarina!
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Florianópolis - Setembro/Outubro'97 - Nº 25

17

IMPRESSO

CRUZ E SOUSA



revisitado

Ô Catarina! antecipa o que está sendo preparado para assinalar o centenário de morte do poeta simbolista catarinense

17a MUZART, Zahidé Lupinacci. Um poeta do século XX. . **Ô Catarina,** Florianópolis, set./out. 1997. p.9.

centenário

CRUZ E SOUSA

Breve vida de um gênio das letras

Dele disse Virgílio Várzea no início do século, tratar-se de "um crioulo de compleixão magra e estatura meã.(...) Nos seus olhos, grandes e bonitos, havia um forte brilho intelectual e uma vaga expressão de tristeza e humildade." Contemporâneos, no convívio e nas letras, Várzea e Cruz e Sousa tratavam, cada um ao seu modo, de destacar-se no caminho que escolheram para seguir. A literatura pareceria naquele período do século passado uma opção não muito feliz para um negro, afortunadamente nascido é verdade, mas injustamente tratado por muito tempo entre os seus pares da época.

João da Cruz e Sousa nasceu em Desterro - hoje Florianópolis - em 24 de novembro de 1861. Os pais, Guilherme e Carolina, eram escravos alforriados do marechal Guilherme Xavier de Sousa, detentor do crédito de ter permitido ao poeta o contato com as letras. Aos oito anos foi ao marechal que Cruz e Sousa leu seus primeiros versos. Pela circunstância de ter a seu favor um militar respeitado, chega ao Ateneu Provincial, de onde sai professor particular e jornalista. Até 1893, atua como redator e editor em publicações como "Colombo" e "Tribuna Popular", além de ser colaborador dos principais jornais do Rio de Janeiro.

Na capital Federal, para onde se transferiu definitivamente em 1890, casa-se e publica "Missal" e "Broquéis". Os anos passados no Rio lhe reservam alegrias, como o nascimento dos filhos, mas sobretudo servem para confirmar seu desabafo, presente em carta a Virgílio Várzea: "quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! Para quê? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades..." Sua vida literária, postumamente reconhecida, foi de uma genialidade inconteste. Sua vida particular, de uma tal forma trágica que durou breves 37 anos.

Tuberculoso em 1897, consegue concluir "Evocações" e "Faróis", mas não consegue vê-los publicados. O primeiro se publica no final de 1898, mesmo ano da morte do poeta, em Minas Gerais. O segundo seria editado dois anos depois. A sucessão de fatos posteriores à sua morte seguem a linha sofrida de sua obra. Em 1901 morre Gavita, sua esposa; antes dela já haviam morrido dois filhos, imediatamente após a morte da mãe, morre o terceiro. João, o quarto filho do casal, morreria em 1915. Toda a família padeceu do mesmo mal, a tuberculose.

Com certeza a definição de vida e obra de João da Cruz e Sousa está em um dos escritos de Osvaldo Rodrigues Cabral, quando se refere à incompreensão, à injustiça, à dor que perseguiram o poeta em vida: "Já era poeta, antes de ser desgraçado - mas muito maior se tornou, depois de sublimado pelo sofrimento".

POESIA E PROSA DE CRUZ E SOUSA

Julieta dos Santos (em colaboração com Virgílio Várzea e Santos Lostada), Desterro. Tip. Comercial, 1883.

Tropos e fantasias (em colaboração com Virgílio Várzea). Desterro, Tip. da Regeneração, 1885.

Missal. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.

Broquéis. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.

Evocações. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1898 (com fac-símile da assinatura, um retrato de C. e S., por Maurício Jubim, e outro de C. e S., morto do mesmo autor).

Faróis. Rio de Janeiro, Tip. do Instituto Profissional, 1900 (com uma "Nota" de Nestor Vítor).

Obras Completas.I - Poesias: Broquéis, Faróis, Últimos sonetos. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil 1923 (com introdução e anotações de Nestor Vítor um fac-símile de autógrafo e um desenho de Maurício Jubim). *II - Prosa: Missal. Evocações*. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924 (com fac-símile de autógrafo e retrato de C. e S. reproduzido de fotografia).

Obras. Tomo *I - Versos: Broquéis, Faróis, Últimos sonetos, Poemas avulsos*. São Paulo, Edições Cultura, 1943 (com uma "Síntese Bibliográfica e uma "Introdução" de Fernando Góes). Tomo II - Prosa: Missal, Evocações. São Paulo, Edições Cultura, 1943.

Poesias Completas. Rio de Janeiro, Editora Zelio Valverde, 1944 (com Introdução de Tasso da Silveira).

Obras Poéticas. I - Broquéis e Faróis. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com Prefácil, Bibliografia e Fontes para estudo, por Andrade Mauricy). *II - Últimos sonetos/Inéditos e Dispersos*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com "Nota" de Andrade Mauricy).

Sonetos da noite. Sêleção de Silveira de Souza. Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 1958 (com xilogravuras de Hugo Mund Jr.).

Obra Completa. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1961 (Organização geral, Introdução, Notas, Cronologias e Bibliografias por Andrade Mauricy).

Poemas escolhidos. São Paulo, Editora Cultrix, 1961 (com Apresentação de Massaud Moisés).

Poemas. Lima, Peru, Centro de Estudios Brasileños, 1980 (con Presentación de Carlos Germán Belli e traducción de Javier Sologuren).

Poesia completa. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1981 (com Introdução de Maria Helena Camargo Régis).

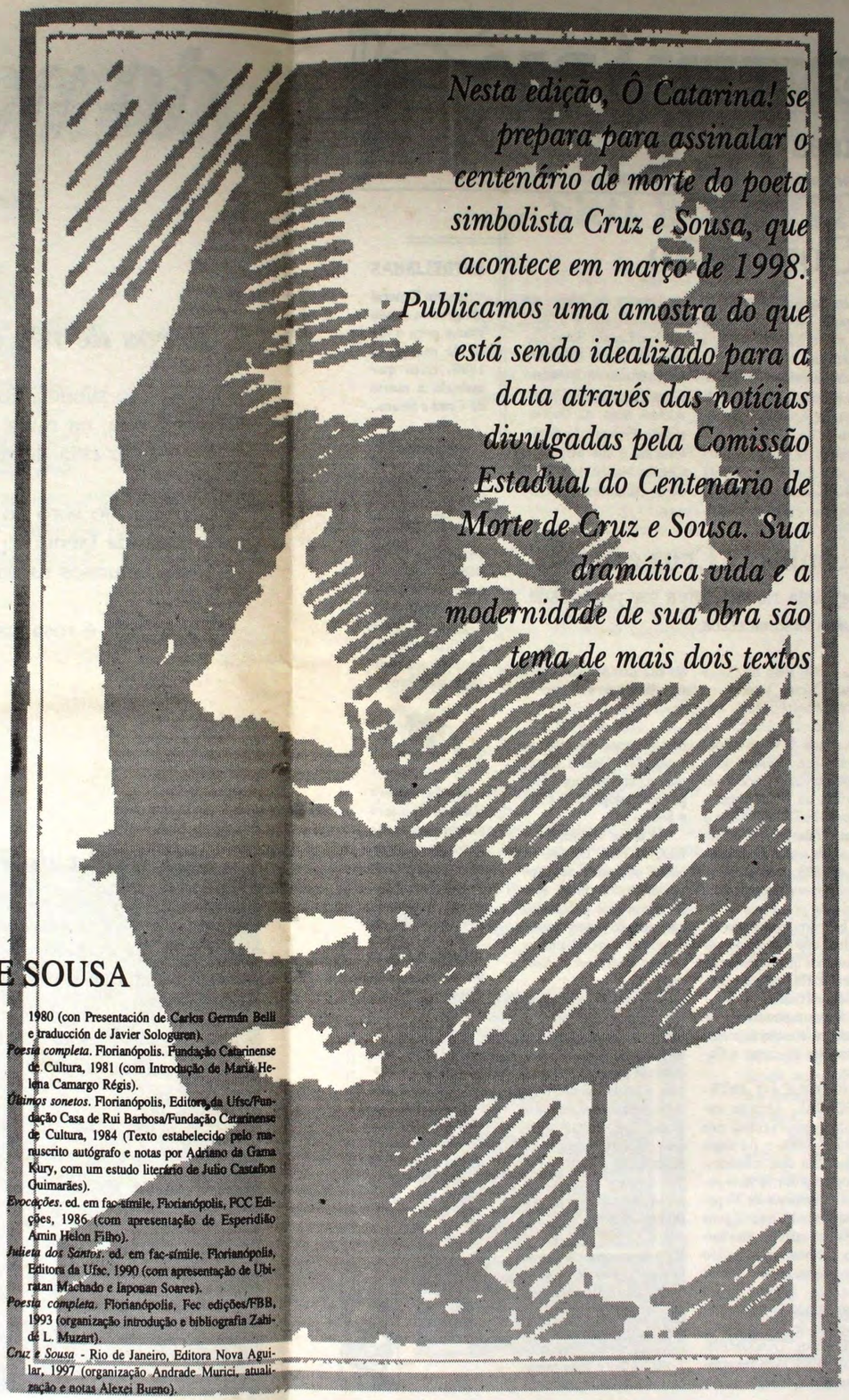
Últimos sonetos. Florianópolis, Editora da Ufsc/Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Catarinense de Cultura, 1984 (Texto estabelecido pelo manuscrito autógrafo e notas por Adriano da Gama Kury, com um estudo literário de Julio Castañon Guimarães).

Evocações. ed. em fac-símile, Florianópolis, FCC Edições, 1986 (com apresentação de Esperidião Amin Helou Filho).

Julieta dos Santos. ed. em fac-símile. Florianópolis, Editora da Ufsc, 1990 (com apresentação de Ubiratan Machado e Iaponan Soares).

Poesia completa. Florianópolis, Fec edições/FBB, 1993 (organização introdução e bibliografia Zahidé L. Muzart).

Cruz e Sousa - Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997 (organização Andrade Murici, atualização e notas Alexei Bueno).



Nesta edição, Ô Catarina! se prepara para assinalar o centenário de morte do poeta simbolista Cruz e Sousa, que acontece em março de 1998. Publicamos uma amostra do que está sendo idealizado para a data através das notícias divulgadas pela Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa. Sua dramática vida e a modernidade de sua obra são tema de mais dois textos

Um poeta do século XX

Zahidé Lupinacci Muzart

Foi Mário de Andrade o primeiro a associar a poesia de Cruz e Sousa às vanguardas européias, aos vários "ismos" tal como o dadaísmo, vendo nele um precursor desta corrente. Essas idéias de Mário vêm sob a forma de notas marginais no livro de Cruz e Sousa, *Obras Completas. Poesias I. Broquéis - Pharoes - Ultimos Sonetos*. (com introdução e anotações de Nestor Victor. Edição do Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, s/d. (1923)). A marginália de Mário foi selecionada e analisada por Nites Therezinha Feres em sua tese, *Leituras em Francês de Mário de Andrade*, defendida em 1966, na USP, com a orientação de Antonio Candido. As anotações de Mário eram manuscritas e datadas no próprio volume das poesias do poeta catarinense. Vou reproduzir algumas dessas anotações que mais revelam, talvez, de seu autor, o poeta modernista, do que do próprio simbolista.

Cruz e Sousa, sem intenção de fazer espírito, muito mais que perturbado por simbolismo, é um verdadeiro precursor do dadaísmo. Atingindo o impresionismo mais destrutivo, por meio de sucessões de idéias que se ligam não mais por meio de inteligência, mas muito mais por associações muitas vezes totalmente subconscientes e pessoais. A rima é um meio construtor definitivo dos seus poemas. As idéias nascem das rimas e daí muitas vezes um imprevisto delicioso, desconcertante, eminentemente lírico, mas eminentemente impressionista e destrutivo também.

Além dessa explicação mais longa, há pequenos e incisivos comentários ao lado dos poemas que mais o impressionaram. Por exemplo, ao lado do poema *Violões que choram*, ele escreve *Inegavelmente, uma obra prima, o Bateau Ivre* (referência ao famoso poema de Rimbaud) *da literatura brasileira*. Ao final de *Pressago, Do mais legítimo dadaísmo. É como a minha página "trágica", onde acumulei sem concatenação de idéias, idéias sinistras*. E assim, ainda faz observações sobre o poema *Esquecimento* (Rio do esquecimento tenebroso,/ amargamente frio,/ amargamente sepulcral, lutuoso,/ amargamente rio!) um dos momentos mais altos da poesia de Cruz e Sousa na minha opinião, *Ressurreição, Piedosa, Olhos, Os Monges*. E outras ainda, não transcritas pela autora da tese por não se referirem ao tema tratado por ela.

Foi-me solicitado pelo *O Catarina*, um artigo de cunho geral, uma espécie de apresentação da poesia de Cruz e Sousa. Mas como tal texto, o leitor pode encontrar em qualquer manual de história da literatura brasileira, escolhi registrar as importantes e inteligentes notas de Mário de Andrade, descobertas por Nites Feres e pouco (ou quase nunca) comentadas até hoje. O que ele chama de dadaísmo fundamentaria muitas das inquietações e estranhamentos sentidos pelo leitor atual de Cruz e Sousa. São tais estranhamentos que, desde 1993, ano do centenário de *Broquéis e Missal*, instigaram alguns ensaístas a escrever sobre a "modernidade" do poeta simbolista. O primeiro foi Gilberto Mendonça Teles, *Ondula, ondeia, curioso e belo*, artigo publicado na revista Travessia n. 26 e muito aprofundado em *Do polichinelo ao arlequim*, no livro *A Escrituração da escrita*, Vozes, 1996. Neste último texto, Gilberto analisa magistralmente a influência de Cruz e Sousa em Mário de Andrade, referindo-se ao poema *Marche aux flambeaux*, salientando a sátira ao burguês e todo um sentido de carnavalização que anteciparia de muito *as preocupações de Manuel Bandeira com carnaval e bebedeira, toda uma situação de desvairismo*. Para Gilberto, o poema *Marche aux flambeaux*, só publicado em *O livro derradeiro*, recolha de dispersos, por Andrade Muricy, *é o cordão umbilical que liga o simbolismo à linguagem irônica e humorística dos primeiros tempos modernistas*.

Outro analista que estudou a modernidade de Cruz e Sousa foi o Prof. Ivan Teixeira na introdução à edição fac-similar de *Broquéis*, publicada pela Edusp, em 1994, lindíssima edição com capa dura em papel reciclado, de raro gosto. O texto de Ivan faz também minuciosa análise das diferenças entre *Broquéis* e a poesia de sua época, afirmando que Cruz e Sousa, com este livro *é o verdadeiro inventor do verso harmônico na literatura brasileira, verso teorizado e proposto por Mário de Andrade no Prefácio Interessantíssimo (1922)*. Desse modo, a aproximação entre Mário de Andrade e Cruz e Sousa, segundo Ivan Teixeira, *não enfatiza tanto o alcance das inovações de Broquéis quanto relativiza o alcance das inovações de Paulicéia Desvairada, que é efetivamente um livro de concepção conservadora, sem acrescentar muita coisa de essencial às conquistas do Simbolismo*.

Entre os vários estudos sobre Cruz e Sousa, salientam-se aqueles que lançam espécies de balizas e que fazem, ao mesmo tempo, avançar o conhecimento do poeta, abrindo assim o caminho para os leitores. Além dos sérios estudos de Nestor Victor, Roger Bastide, Andrade Muricy e dos que mencionei acima, salienta-se um estudo de feição despretensiosa do poeta Paulo Lemisnki, publicado na coleção *Encanto Radical* da Brasiliense nos idos de 1983. Um texto inteligentíssimo e instigante, é um dos melhores que já se escreveu sobre tudo o que de novo trouxe o poeta simbolista para a poesia brasileira. É também um dos textos que demonstram porque Cruz e Sousa foi mais um poeta do século XX, antecipando por suas iluminações e tendência ao expressionismo toda uma poesia posterior. Um verdadeiro profeta, sem o saber. Ou saberia??

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART- *Doutora em Letras e professora aposentada da UFSC. Atualmente, coordena pesquisa CNPq, integrada por professores de outras universidades. Permanece orientado dissertações de Mestrado em Letras, UFSC. Dirige o Núcleo de Pesquisa e Documentação, na Biblioteca Universitária*

FOLHA DO CENTENÁRIO

Cruz e Sousa 1898 - 1998

INFORMATIVO DA COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA

Embora o esquecimento vão dissolva
Tudo sempre no mundo,
Verso! que ao menos o meu seu ser se envolva
No teu amor profundo![1]

Prestar homenagens ao poeta morto há cem anos pode soar como um dever para alguns; formalidade, para outros, ou um preito de reconheci ento e admiração para muitos que estudam e apreciam a beleza da grandiosa obra poética construída por Cruz e Sousa. Mas o que verdadeiramente está se buscando na celebração do próximo ano é muito mais do que festejar uma efeméride. A Comissão Estadual, ora constituída, pretende que o Brasil inteiro passe a conhecer a beleza e o significado da poesia e da prosa deste catarinense que não obteve em vida a ressonância e o valor dos quais era merecedor. Assim pensando, a Comissão Estadual do Centenário de morte de Cruz e Sousa tem como objetivo primordial a execução de um programa que venha difundir a obra de Cruz e Sousa entre todos os brasileiros, pelas mais diferentes formas e meios de educação, cultura e comunicação.

Este será, sem dúvida, o mais rico tributo que se poderá prestar ao poeta.

1 - Último verso do poema *Esquecimento*, do livro Faróis, RJ, 1900.

A Comissão

O governador Paulo Afonso Vieira assinou ato de nomeação dos integrantes da Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, criada por decreto governamental assinado no dia 5 de agosto. São os seguintes os nomes que compõem a Comissão, representando diversas instituições culturais: Iaponan Soares de Araújo - eleito presidente -, Salim Miguel e Lygia Roussenq Neves, do Conselho Estadual de Cultura; Paschoal Apóstolo Pítsica, da Academia Catarinense de Letras; Nair Creuza Marquezini, da Acafe; Lélia Pereira da Silva Nunes, da Fundação Franklin Cascaes; Osvaldo Ferreira de Melo, do Instituto Histórico e Geográfico; Leonor Scliar Cabral, da União Brasileira de Escritores/SC; Mário César Moraes, da Udesc; Alcides Buss, da Universidade Federal de Santa Catarina e Ida Stigger e Charles Narloch, da Fundação Catarinense de Cultura.

Mapa do Tesouro

Antologia será fonte para estudantes

EGLÊ MALHEIROS

O dia 19 de março de 1998 marca o Centenário de Morte de Cruz e Sousa. A data constitui uma oportunidade de se renovar a apresentação do grande Poeta ao público, pois apesar da grandeza de sua obra ela ainda não tem, salvo junto a um grupo restrito e fiel, o reconhecimento que merece.

Por entender que a melhor maneira de homenagear o artista é fazer com que suas palavras cheguem a seu povo, a Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa se propõe, entre outras atividades, publicar uma Antologia de seus trabalhos. Será como que a indicação do tesouro que constituem sua poesia e sua prosa, uma apresentação de Cruz e Sousa para a juventude.

Nascido aqui em Florianópolis este homem, negro e poeta, superou os preconceitos e, consciente de seu valor, cantou para o seu tempo, para o nosso tempo e o porvir, pois, através de sua dor, suas inquietações e alegrias, traduziu os sentimentos humanos universais.

A antologia será uma edição paradidática, a ser distribuída para todas as escolas e bibliotecas do Estado.

Eglê Malheiros é escritora e poeta. Autora, entre outras obras, da peça teatral Vozes Veladas, sobre Cruz e Sousa.

Para melhor conhecer Cruz e Sousa

Casa de Rui Barbosa guarda rico acervo a ser pesquisado

ELIANE VASCONCELLOS

A nota à *Obra completa*[1] de Cruz e Sousa explica que se trata de uma edição na qual se incluiu tudo. O certo, porém, é que há material importante para o estudo de sua poesia e biografia que aí não se encontra. Só temos acesso a esses documentos examinando os manuscritos, a correspondência e outros papéis do poeta. Tendo consciência disto, Andrade Murici, em 1978, legou ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa seu arquivo e biblioteca. E é justamente nele que vamos encontrar a documentação do Poeta Negro.

Ele não forma precisamente um arquivo, mas para facilitar a classificação dividimo-lo em séries.

CORRESPONDÊNCIA - Abrange a pessoal, além da familiar e a de terceiros. A correspondência passiva é formada por cartas de 34 signatários, alguns deles ligados à vida literária. Destacamos nesta série a vasta correspondência de Virgílio Várzea (18 cartas), de Oscar Rosas (14), de Araújo Figueiredo (20), além de Gama Rosa e Nestor Vítor.

A correspondência ativa é reduzida. Limita-se a uma carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa e nove a Nestor Vítor. Sobressai a carta de 27 de dezembro de 1897, onde Cruz e Sousa fala de seu estado de saúde e a de 17 de março de 1898, documento escrito por outra pessoa, mas assinado pelo poeta.

Na correspondência familiar, que é pequena, salientamos quatro cartas do poeta a Gavita, no período de noivado.

A correspondência de terceiros é essencialmente composta de cartas a Gavita.

PRODUÇÃO INTELECTUAL: Abrange trabalhos produzidos por Cruz e Sousa e foi organizada em duas subséries: poesia e prosa. A série poesia é composta de 36 poemas, sendo que alguns possuem mais de uma versão. Temos ainda acesso aos originais de *Últimos Sonetos*. A série prosa compreende 18 textos e os originais de *Evocações*.

Entre os DOCUMENTOS PESSOAIS ressaltamos apenas a segunda via de sua certidão de batismo, datada de 4 de agosto de 1958.

A série DIVERSOS complementa algumas informações. Damos destaque ao apontamento biográfico, autógrafo de Cruz e Sousa.

Há ainda a coleção de RECORTES DE JORNAIS coligidos por Andrade Murici. Entre eles 24 são artigos publicados em vida do autor. Sendo de maior importância as críticas a *Missal e Broquéis*.

Apesar da documentação ser pequena, temos a certeza de que aquele que se propuser estudá-la encontrará material não só para o estabelecimento de texto, como também para desenvolver trabalhos na área da crítica genética, assim como dados novos que venham a elucidar o pensamento crítico do poeta catarinense.

Eliane Vasconcellos é doutora em Literatura Brasileira e Chefe do Arquivo - Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

1 - SOUSA Cruz e. Obras completas. Rio de Janeiro, Aguilar 1961

ENTRELINHAS

Senado Federal já agendou sessão solene para o dia 19 de março de 1998, data que assinala a morte de Cruz e Sousa.

Comissão Estadual apóia o projeto do documentário-ficção **Cruz e Sousa, o poeta de Desterro**, do catarinense Sylvio Back. Integrantes da Comissão estão colaborando com o cineasta para viabilizar recursos destinados à realização do filme.

Ainda sobre Cine-TV: está sendo sugerida também a emissão de cópias em vídeo do filme Alva Paixão**, de Maria Emília de Azevedo, para exibição em escolas de Santa Catarina.**

A Fundação Catarinense de Cultura já encaminhou ao Minc projeto para realização da exposição de artes plásticas **Leitura Visual da Poética de Cruz e Sousa**, a ser inaugurada no Masc no dia 19 de março de 1998.

Livros do Prêmio Cruz e Sousa são autografados na ABL

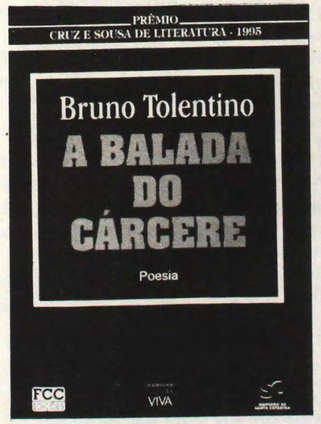
Os livros vencedores do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura de 1995 foram lançados na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, no final do mês de agosto, com noite de autógrafos e a presença do Governador Paulo Afonso Vieira. Da FCC estiveram presentes o Diretor-Geral Paulo Arenhart juntamente com o Diretor de Artes Charles Narloch e a Gerente de Letras Ida Stigger.

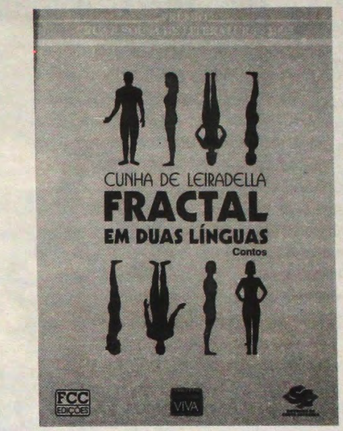
Na mesma ocasião foram lançados os dois prêmios nacionais promovidos pela FCC: Prêmio Cruz e Sousa de Literatura edição 97 e o III Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho

POESIA - *A Balada do Cárcere*, de Bruno Tolentino, venceu o concurso na categoria poesia. Sobre ele, escreve o poeta Ferreira Gullar: "...*A Balada do Cárcere* é um poema que acrescenta à literatura brasileira. Não porque subverta as formas ou pretenda ser o recomeço - ou o fim - da poesia, e sim porque o poeta nele consegue dar novo sentido às questões permanentes da ventura humana valendo-se do domínio de seu instrumento fundamental, a linguagem".

Nesse livro de poemas, Bruno Tolentino - considerado um dos melhores poetas brasileiros e um dos autores de destaque no meio literário europeu - é lúdico e irreverente em seus mais de 40 poemas divididos em três partes intituladas: o numeropata (fala do narrador); os delírios na cela (fala o Minotauro); e finale o narrador epiloga.

Professor nas universidades de Bristol e Essex, Tolentino transferiu-se mais tarde para Oxford sucedendo o poeta W.H.Auden na direção da Oxford Poetry Now. Tem publicado outros dois livros de poesias: Le vral le vain, de 1971, em francês, e About the hunt, de 1979, em inglês.





CONTO - Cunha de Leiradella ganhou o prêmio com o livro *Fractal em duas Línguas*, com 16 contos impactantes, polêmicos, instigantes. Esses são alguns dos adjetivos usados por Ignácio de Loyola Brandão para definir a obra que considera uma descoberta em concursos de literatura. "A literatura mostra. E é isto o que Cunha faz. Quando todos perguntam o que está havendo com a literatura brasileira que não 'revela' nenhum livro de choque, nos chega este autor sem contemplações, sem rodeios, dotado de incrível senso de humor...Poucas vezes, ao julgar um concurso, tive tanta tranqüilidade no voto. A cada conto renovava o prazer da leitura... Um livro cruel, engraçado, provocador...".

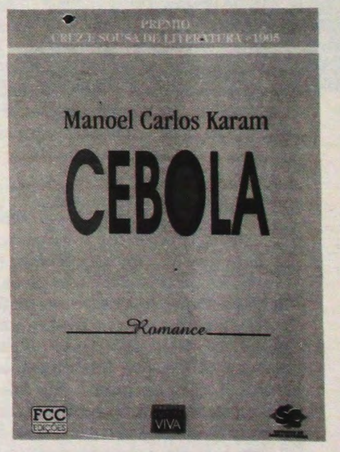
Em 104 páginas, o autor retrata uma realidade cruel, mostra um outro lado de uma sociedade que finge, que camufla suas piores intenções. Cada conto é um soco na cara como diz Loyola Brandão.

Leiradella é contista, romancista e dramaturgo. Ganhou diversos prêmios entre eles o Prêmio Plural (Cidade do México) com o livro de contos *O homem que já sabia* e *Inúteis como os mortos*, em 1987 e 1991, e com o romance *O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior* recebeu o Prêmio Fernando Chináglia, em 1981.

ROMANCE - O livro, aos poucos, vai se descascando diante do leitor até chegar ao núcleo, como uma *Cebola*, título do romance vencedor escrito por Manoel Carlos Karam. O escritor Carlos Nejar, que participou do júri, considera o texto de Karam "originalíssimo". Escreve ele: "É um texto muito poético e inteligente. No sentido originário: o de ver dentro das coisas, desdobrando-as, com a coragem de abrí-las e ver. Ver alucinadamente".

Com este livro, o escritor catarinense nascido em Rio do Sul acena uma nova perspectiva à ficção contemporânea. Nejar assinala o interessante uso de contos como flagrantes visionários. "Irônicos alguns, mágicos outros. O livro circula pela retina da linguagem e se completa entre elos de perdido paraíso...", escreve sobre *Cebola*.

Fontes murmurantes (1985) e *O impostor no baile de máscaras* (1992) são outros dois títulos publicados por Karam.



16/Ô Catarina!

Seios

Magnólias tropicais, frutos cheirosos
Das árvores do Mal fascinadoras,
Das negras mancenilhas tentadoras,
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oásis brancos e miraculosos
Das frementes volúpias pecadoras
Nas paragens fatais, aterradoras
Do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,
Da aurora de ouro do esplendor do sangue,
A alma de sensações tantalizando

Ó seios virginais, tálamos vivos
Onde do amor nos êxtases lascivos
Velhos faunos febris dormem sonhando...

Luiz e Laura.

18

Ô Catarina!

IMPRESSO

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Florianópolis - Março/Abril'98 - Nº 28

E D I T O R I A L

Uma edição especial. Assim **Ô Catarina!** *se apresenta aos seus leitores no mês de março/abril. Monotemático, trata do grande poeta catarinense Cruz e Sousa, que está completando cem anos de morte no dia 19 de março. Santa Catarina enaltece seu intelectual negro nascido no século passado com muitas homenagens pela passagem do centenário de morte. Mas não apenas o estado assinala a data como outros se movimentam em torno do assunto. Edição de livros e reedições feitas pela Fundação Catarinense de Cultura, sessão Solene no Senado Federal, painéis, conferências, lançamento do selo Cruz e Sousa são algumas das programações previstas para homenagear o poeta simbolista que colocou o pé na modernidade segundo artigo do poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles.*

Esse é um dos artigos que você poderá ler nessa edição especial de **Ô Catarina!**, *que traz ainda a poesia preferida de intelectuais catarinenses e artigos que mostram as faces de Cruz e Sousa: o lado jornalista, o erotismo em sua obra e a questão da negritude. Eglê Malheiros escreve sobre a seleção paradidática do livro "Poemas de Cruz e Sousa", que será lançado e distribuido às escolas. A cronologia da vida do poeta é apresentada nas páginas centrais juntamente com fotografias e a relação de obras de e sobre Cruz e Sousa. Parte desse material foi pesquisado pelo escritor Iaponan Soares - presidente da Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa -, que está organizando a "Fotobiografia de Cruz e Sousa", uma edição caprichada que prevê ainda a gravação de um CD com poesias do poeta lidas por um ator nacional.*

Textos sempre inusitados e poéticos são a forma do artista Rodrigo de Haro nos revelar esse importante poeta brasileiro admirador e influenciado por Shakespeare, segundo a estudiosa Zahidé Lupinacci Muzart. "A verdadeira poesia nacional começou com Cruz e Sousa e Alphonsus...", ousou escrever Otto Maria Carpeaux, em "A literatura brasileira vista por um europeu". Até hoje o texto de Cruz e Sousa conserva uma força candente e viva.

Paulo Arenhart
Diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura

RODRIGO DE HARO, S/ TÍT., DESENHO, 1998

Ô Catarina!
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Governador do Estado
Paulo Afonso Vieira
Vice-Governador
José Augusto Hülse
Diretor-Geral da Fundação Catarinense de Cultura
Paulo Roberto Arenhart
Diretor de Artes
Charles Narloch
Gerente de Letras
Ida Stigger

Ô Catarina! é uma publicação da Fundação Catarinense de Cultura, criada pela Lei nº 8.564 de 15/04/92 e publicada no Diário Oficial nº 14.427 de 23/04/92.

Conselho Editorial: Charles Narloch e Maria das Graças Silva Prudêncio. **Editora e jornalista responsável:** Ida Stigger - Reg. Prof. 5942/DRT-RS. **Sub-editora:** Simone Bobsin. **Colaboraram nesta edição: Rodrigo de Haro, Cleber Teixeira, Antônio Carlos Secchin, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Vinícius Alves, Gilberto Mendonça Teles, Alcides Buss, Zhaidé Lupinacci Muzart e Uelinton Farias Alves.**

"Folha do Centenário": Colaca Grangeiro

Projeto Gráfico, Editoração e Fotolitos: Estúdio 4 Editora Gráfica - Fone: (048) 222-7222. **Impressão:** IOESC.

Prezados Leitores: Para enviar cartas para o jornal **Ô Catarina!** escreva para a Fundação Catarinense de Cultura - Av. Irineu Bornhausen, 5.600 - 88025-202 - Florianópolis - SC - Brasil. Fone: (048) 333-0848 ramal 206 / fax 333-1850.

RODRIGO DE HARO - Desenhista, pintor, poeta e contista nascido em Paris. Vive em Florianópolis. Ainda jovem, integrou os movimentos do Grupo Sul e GAPF (Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis).

Os desenhos desta edição são de Rodrigo de Haro

Nesta edição especial do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, Ô Catarina! publica algumas poesias sugeridas por intelectuais catarinenses.

"Escolhi 'Consolo Amargo' como poderia ter escolhido 'Vida Obscura' ou 'Violões que Choram' entre tantos poemas admiráveis foi 'Consolo Amargo' o que me tocou mais fundo hoje."

Cleber Teixeira - editor da Noa Noa

Poesia

Consolo Amargo

Mortos e mortos, tudo vai passando,
Tudo pelos abismos se sumindo...
Enquanto sobre a Terra ficam rindo
Uns, e já outros, pálidos, chorando...

Todos vão trêmulos finalizando,
Para os gelados túmulos partindo,
Descendo ao tremedal eterno, infindo,
Mortos e mortos, num sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,
Pulverulentamente nebuloso
Como num sonho, num fatal letargo...

Mas há quem chora os mortos, entretanto,
O Esquecimento vem e enxuga o pranto,
E é esse apenas o consolo amargo!

18a SECCHIN, Antônio Carlos. A Cruz do corpo em Cruz e Sousa. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.4

A Cruz do Corpo em Cruz e Sousa

Antonio Carlos Secchin

A problemática do corpo foi, sem dúvida, um tormento para o espírito de Cruz e Sousa. Numa primeira leitura, o corpo - fonte de prazer - parece constituir-se em alvo de nítido repúdio por parte do poeta. Sub-repticiamente, no entanto, sua poesia deixa aflorar um indisfarçável fascínio por aquilo que declara combater. Assim em "Faróis":num raro momento de ironia, Cruz e Sousa arquiteta um duelo-diálogo entre Deus e o Diabo, em "Spleen dos deuses". Na derradeira réplica, Satã afirma: Se és Deus e já de mim tens triunfado,/Para lavar o Mal do Inferno e a bava,/Dá-me o tédio senil do céu fechado..."(p.121). Entenda-se, é claro, um céu pacificado, sem as convulsões do desejo: por isso tedioso, senil, fechado. Igualmente rara torna-se a configuração eufórica do erotismo, conforme se lê no soneto "Corpo": "E as águias da paixão, brancas, radiantes,/Voam, revoam, de asas palpitantes,/No esplendor do teu corpo arrebatadas!"(p.125). Na maior parte dos casos, o erotismo é maléfico, e tangencia o território da morte:

Quem teu aroma de mulher aspira
Fica entre ânsias de túmulo fechado...
Sente vertigens de vulcão, delira
E morre, sutilmente envenenado.
("Flor perigosa",p.131)

A radicalização dessa perspectiva, em "Faróis", leva a uma série de textos acerca da doença, da agonia, da morte, e da carga de repulsa ou atração que esses estágios podem provocar no ser humano. Em "Caveira":

Boca de dentes límpidos e finos,
De curva leve, original, ligeira,
Que é feito dos teus risos cristalinos?!
Caveira! Caveira!! Caveira!!! (p.86)

e em "Inexorável":

O teu nariz de asa redonda,
De linhas límpidas, sutis,
Oh! há de ser na lama hedionda
O teu nariz de asa redonda
Comido pelos vermes vis?! (p.101)

não é difícil rastrear uma linhagem e uma linguagem que desaguarão em Augusto dos Anjos - a declaração de uma morte sem futuro, aliada à volúpia da nadificação. O poeta parece comprazer-se com o espetáculo da decadência, com a destinação irrecorrível da lama humana. No soneto "Enclausurada", depois de consignar que "Teu corpo tinha a embriaguez dos vícios", arremata, com certa crueldade: "Por onde eternamente enclausuraste/Aquela ideal delicadez de haste,/De esbelta e fina ateniense antiga?!"(p.96-7). O aniquilamento, porém, é insuficiente para obstar o fluxo do desejo: ele se infiltra mesmo em espaços que aparentemente lhe são interditos, como a dizer que seu império ultrapassa toda fronteira, inclusive a da vida. É o que se lê em "Piedosa", onde se antegoza a morte da amada:

E sinto logo esse supremo e sábio
Travo da dor, se morta te antevejo,
Essa macabra contração de lábio
Que morde e tantaliza o meu desejo. (p.110)

Um passo além e eis-nos na atmosfera fetichista e necrófila de "Pés": "Pés que bocas febris e apaixonadas/Purificaram, quentes, inflamadas,/Com o beijo dos adeuses soluçantes."(p.125)

E como todas essas questões se cruzam no derradeiro - e mais espiritualizado - livro de Cruz e Sousa, os "Últimos sonetos"? Seguindo a trilha das obras pregressas, Cruz e Sousa convoca o desejo para tentar exorcizá-lo - e acaba por admitir-lhe uma irresistível atração; basta citarmos "Vinho negro":

O vinho negro do imortal pecado
Envenenou nossas humanas veias
Como fascinação de atras sereias
De um inferno sinistro e perfumado. (p.169)

ou "Demônios":

É um grito infernal de atroz luxúria,
Dor de danados, dor do Caos que almeja
A toda alma serena que viceja,
Só fúria, fúria, fúria, fúria, fúria!(p.180)

A veemência acintosa da condenação se transmuda em suave discurso quando o poeta se alça das profundezas e se põe a galgar o Empíreo, consolando e acolhendo os espíritos eleitos. É de salientar, todavia, que ainda na celeste esfera os signos do corpo, tão estigmatizados, se farão presentes, conforme já ocorrera nos livros anteriores. No poema "Livre!" a alma, desencarnada, pode enfim gozar "Fecundas e arcangélicas preguiças"(p.158), acedendo àquilo que possivelmente se condenaria no corpo: a preguiça. Noutro texto, o "Coração confiante" se embebeda "no celeste vinho/ da luz"(p.164), apartado que está do demoníaco vinho da adega...Em "Asas abertas", o poeta assegura: "Mas na minh'alma encontrarás o Vinho"(p.173). Pelos exemplos, percebemos que todo o espaço etéreo é permeado de signos evocadores de um prazer material, recalcado na manifestação terrena e recuperado no plano cósmico.

A própria noção de transcendência - eixo do livro, segundo a maioria dos críticos - sofre alguns abalos, discretamente disseminados em poemas que se contrapõem à euforia salvacionista do conjunto. É o caso de "Ironia de lágrimas", "Consolo amargo" e "A morte", onde ao fenômeno da extinção Cruz e Sousa não acrescentou a mínima esperança de resgate. É o caso de "Só", que estampa uma solidão humana irredutivelmente vedada à compreensão do Outro. Em "Triunfo supremo", lê-se uma apologia da capacidade humana, tecida em meio a uma série de provações e mortificações de caráter profano. Nenhum bálsamo compensatório, nenhum degrau do paraíso é prometido ao poeta, que "entre raios, pedradas e metralhas/Ficou gemendo mas ficou sonhando!"(p.194)

Na sua obra, vimos, portanto, que o asilo no espírito foi incapaz de promover o exílio do corpo. Corpos de mulheres imaginárias, ou de sua inesquecível esposa Gavita. Corpos textuais, seus versos - também tecidos de volúpias e minúcias.

Este texto é fragmento da conferência que abriu em Florianópolis, no dia 26 de novembro de 1997, as comemorações oficiais do centenário de morte de Cruz e Sousa. Todos os versos citados foram extraídos de "Poesia completa", intr. e org. de Zahidé Muzart, 12ª ed., Florianópolis: FFC/FBB, 1993, e estão seguidos do número da página em que se encontram.

***ANTONIO CARLOS SECCHIN** - Professor titular de literatura brasileira da UFRJ, poeta e crítico literário. Autor de "João Cabral: a poesia do menos" (Duas Cidades, 1985) e de "Poesia e desordem" (Topbooks, 1996).*

"Talvez não só eu tenha escolhido este que é não só um dos poemas mais conhecidos deste negro-azul, como também um dos mais belos e lúcidos (lúcidos?) que marcam a vida em preto & branco do poeta desterense e de todos aqueles que, desde sempre, se envolvem com palavras. Verdade suprema: não existe poesia sem loucura. Cruz credo! Credo em cruz! and blues & sousa."

Vinícius Alves - poeta e editor da Bernúncia

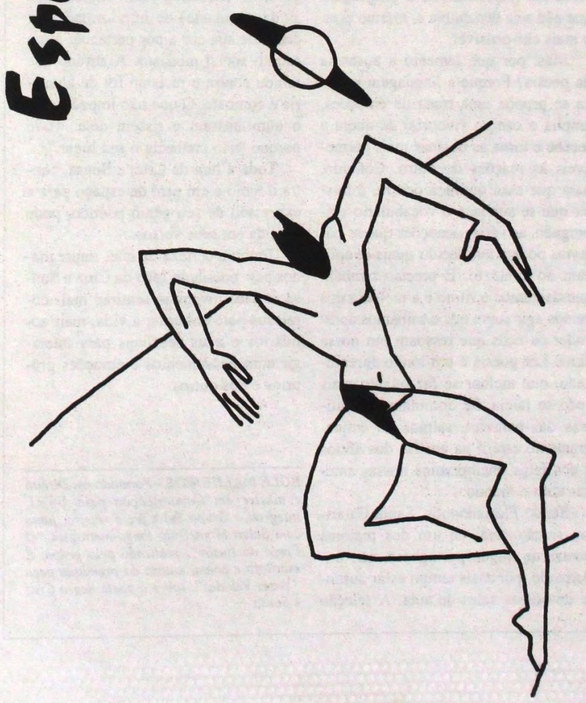
O Assinalado

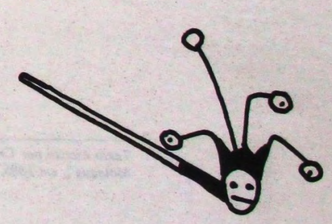
Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!





18b MALHEIROS, Eglê. Lugar de poesia. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6.

Do poeta

O poeta vos péde pouco,
muito pouco.
Atirai em leilão os livros que
elle tráz, arrematai-os todos,
pônde em kermesse os vossos
corações, enchei aquellas
mãos calósas e dignas, dos
mais symphaticos e sonóros
nikeis e tudo será feito.
Deixai um momento o
sarcasmo, a satyra, e o
egoismo; lembrai-vos que a
humanidade está sujeita ás
mesmas leis etérnas e
immutaveis.
Amanhã, será por vós, talvêz,
que passarà a desolação da
vida.
Amanhã, talvêz, os caminhos
do vosso bem estar,
tilintantes de alegria,
inundaddos e sol,
relampagueados de jubilos,
estejão tristes, bem tristes...
d'uma tristesa funda e
pungitiva.
Deveis pezar os clarões da
vossa felicidade, pelas
sombras das mágoas alheias.
O poeta vos péde pouco,
muito pouco.

Cruz e Souza.

Texto escrito por Cruz e Sousa no jornal "O Moleque", em 1885, do qual era redator.

Lugar de Poesia

Eglê Malheiros

A poesia é, de modo geral, a grande ausente da escola. Essa ausência provoca deficiências no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

Como, por sua vez, os "versos" nem sempre estejam ausentes, a perda é ainda maior. Há certos livros preparados para as escolas, com quadras ditas patrióticas e rimas para festejar datas e dias (da mãe, do professor, da árvore, etc,etc) que, em lugar de sensibilizar os jovens, contribuem para torná-los impermeáveis à linguagem que não seja denotativa e, mesmo essa, o mais chã possível.

Mas, por que lamento a ausência da poesia? Porque a linguagem poética se propõe uma troca de emoções, amplia o campo vivencial de quem a recebe e torna as pessoas mais permeáveis às reações do outro. Contudo, para que essa química ocorra, é mister que se conheça o vocabulário empregado, as várias acepções que as palavras podem ter, decidir quais se aplicam ao contexto. É preciso também que deixemos o ritmo e a melodia dos versos agir sobre nós e saibamos apreender os ecos que ressoam em nossa alma. Ler poesia é um longo aprendizado, que melhor se faz quanto mais cedo se inicia. Se dominamos a sutileza das palavras, saímos do enquadramento estéril na análise dos afetos e dos fatos, melhoramos nossas antenas com o mundo.

Sendo Florianópolis, Santa Catarina, rincão natal de um dos maiores poetas da língua portuguesa, não poderia ele, por mais tempo estar ausente de nossas salas de aula. A seleção por mim feita, para o Livro "Poemas de Cruz e Sousa", edição da Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, visou aproximá-lo de nossos jovens, apresentando-lhes poemas e trechos de prosa poética, capazes de interessá-los e motivá-los. Feita a aproximação, muitos se tornarão leitores perenes e sempre gratificados do Poeta.

A par da magnitude artística de sua obra, Cruz e Sousa é também figura exemplar. Põe por terra qualquer argumento caquético (mas infelizmente ainda circulante) de inferioridade por causa de sua cor e por pertencer a um estrato social modesto. A atitude que tomou contra o racismo foi de altaneria e combate. O que não impediu que o humilhassem e rissem dele. Tudo porque "não conhecia o seu lugar."

Toda a luta de Cruz e Sousa, contra o meio e em prol de espaço para a expressão de seu gênio poético, pode ser lida em seus versos.

Tenho a certeza de que, impregnados pela poesia de João da Cruz e Sousa, nossos jovens se sentirão mais corajosos para enfrentar a vida, mais solidários e mais sensíveis para interagir com pensamentos e emoções próprios e dos outros.

***EGLÊ MALHEIROS** - Formada em Direito e mestre em Comunicação pela UFRJ. Integrou o Grupo Sul e fez o roteiro, junto com Salim Miguel, do longa-metragem "O Preço da Ilusão", realizado pelo grupo. É escritora e poeta, autora da premiada peça "Vozes Veladas", sobre o poeta negro Cruz e Sousa.*

"É muito difícil selecionar só um poema de Cruz e Sousa. Se Vinícius Alves não tivesse chegado antes, eu escolheria 'O Assinalado' que li em Biguaçú, aos 10 ou 12 anos, e sempre releio com a mesma emoção. Centrado no tempo e na memória, na recuperação do distante e nebuloso passado, opto, então, por 'Recorda'."

Salim Miguel - escritor e jornalista

Recorda!

Quando a onda dos desejos inquietantes,
Que do peito transborda,
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,
Recorda-te, recorda...

Revive dessa música já finda
Que nas estrelas dorme.
Volta-te ao mundo sedutor ainda
Da ilusão multiforme!

Volta, recorda eternamente, volta
Aos faróis da Esperança,
Do Sonho estranho as grandes asas solta
À celeste Bonança.

Recorda mágoas, lágrimas e risos
E soluços e anseios...
Revive dos nevoeiros indecisos
E dos vãos devaneios.

Revive! Goza! Desolado, embora,
Sorrindo e soluçando,
Erguendo os véus de já passada aurora,
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu íntimo recato
Numa estrela perdida
E cada coração intemerato
Tem na estrela uma vida.

Aplica o ouvido à correnteza fria
Dos golfões da matéria
E recorda de que lama sombria
É composta a miséria.

Recorda! Sonha! Nas estrelas erra,
Beduíno do Espaço
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo
E recordando parte
E hás de entender os claros céus, sentindo
Que andas a recordar-te.

Bate à porta dos Astros solitários
Dos eternos Fulgores,
Em busca desses mortos visionários,
Almas de sonhadores.

Ah! volta à infância dos primeiros beijos,
Dos momentos sidéreos,
Volta à sede dos últimos desejos,
Dos primeiros mistérios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,
Volta à essência dos anos,
Volta aos espectros tristemente vivos,
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, flóridos oásis,
Volta aos hinos profundos,
Volta às eflorescências dos Lilazes,
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silêncio d'alma
Todo o teu ser dolente,
Para tranqüilo, com ternura e calma,
Recordar docemente...

Na Sombra então e no Silêncio denso,
Como em mágicas plagas,
Faz acender o alampadário imenso
Das recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa
Nesse augusto Quebranto
E nem da Terra a mais ligeira cousa
Te desperte do Encanto.

Para o Amor, para a Dor e para o Sonho
Nas Esferas transborda...
E entre um soluço e um segredo risonho
Recorda-te, recorda...

8/Ô Catarina!

Do polichinelo ao arlequim

De Cruz e Sousa a Mário de Andrade

Gilberto Mendonça Teles

É em nome da primitividade que Mário concebe a teoria de um verso novo, assintático, e apoiado na enumeração, onde a palavra se reduz a si mesma, objetivando-se em palavra-coisa e dando ao verso (e ao poema) um aspecto de descontinuidade, de imagem do caos no início da criação.

O processo estilístico da enumeração fraciona o universo, transformando a idéia da unidade universal em pequenas unidades descontínuas, assim como o verso construído nominalmente, isto é, através da enumeração de palavras, transmite a sensação de outros esquemas rítmicos, de outro tipo de musicalidade que suscita mais a imaginação do leitor.

Obsessivo em Cruz e Sousa, o recurso se propagou durante o pré-modernismo, aparecendo na obra de Augusto dos Anjos, no último livro de Olavo Bilac e na formação do pensamento literário de Manuel Bandeira e de Mário de Andrade, inspirando neste a sua mais importante teoria sobre o verso, no "Prefácio interessantíssimo", de dezembro de 1921, escrito um ano depois de haver feito a sua *Paulicéia desvairada*, publicada em 1922. E, mais tarde, já sob o gosto do surrealismo, vai influenciar a poesia de Jorge de Lima, como mostra Ledo Ivo, para quem "todo o Invenção de Orfeu é uma exaustiva e majestosa enumeração caótica".[1]

Mas antes, no calor da preparação para a Semana de Arte Moderna, Mário escreveu a série de sete artigos sobre "Os mestres do passado", em 1921. Num deles examina a *Tarde*, de Bilac, dizendo que o último livro do poeta parnasiano está cheio de enumerações. "Muitos sonetos inteirinhos nada mais eram do que enumerações fastidiosas". Depois comenta que "é assombroso que o espírito lúcido de Bilac não tenha descoberto a monotonia, o fastio, nascente dessa cadência literária".

O assombroso para a crítica de hoje é perceber que Mário agiu assim por puro preconceito, fingindo não ter atentado para a eficácia do procedimento estilístico que está bastante presente na *Paulicéia desvairada*, tanto no "Prefácio interessantíssimo" como nos poemas, e que continuou nos outros livros e de que ele chega a abusar em *Macunaíma*.

Em *Paulicéia desvairada* há versos assim: "(Maçonariamente)/ - Alcantilações!... Ladeiras sem conto!...." ("A escalada"), "A cainçalha... A Bolsa... As jogatinas..." ("Rua de São Bento"), "Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!..." ("Tietê"), "Os barões lampeões! os condes Joões! os duques zurros!" ("Ode ao burguês"), "Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!" (idem), "rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos..." ("Paisagem n.4") e "As rosas... As borboletas... Os orvalhos" ("As enfibraturas do Ipiranga"), além de outros. Em *Losango cáqui* (1926) os exemplos aparecem verticalmente, como no poema inicial:

...Muitos dias de exercícios militares...
Previsões tenebrosas...
Revoluções futuras...
Perspectivas de escravo cáqui, pardacento, fardacento...

e em inúmeros outros poemas.

Em *Macunaíma* basta citar a série de sinônimos sobre o dinheiro no capítulo V ("Piaimã"), onde se lê que os três irmãos, "entrando nas terras do igarapé Tietê", descobriram que

a moeda tradicional não era mais cacau, em vez chamava arame contos contecos mil réis borós tostão duzentorréis quinhentorréis, cinqüenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobras xenxéns caraminguás selos bicos-de-coruja massuni boiada calcáreo gimbra siridó bicha e pataracos.

O expediente da enumeração agradou logo a Mario de Andrade, que o conheceu por volta de 1917, quando preparava o seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, publicado com o pseudônimo de Mário Sobral. Nesse livro já há versos assim, dentre vários outros:

tiritir, sibilar, zinir miúdo de balas (...)
bramidos, golpes, ais, suspiros, estertores... (...)
insultos, cóleras, apodos (todos em "Exaltação da paz")
o menor, o mais triste, o mais mesquinho ("Guilherme")
Brilhou a luz. Cantou a fé. Riu o trabalho ("Devastação")
e treme, e foge, e tomba e se espadaça (idem)
pálida, imóvel, trágica e divina (idem).

Nem é preciso mostrar que os três últimos versos carregam em si as marcas estilísticas de Bilac, em cuja obra, principalmente em *Tarde*, ele tomou consciência tanto da enumeração como da repetição. Viu-as inicialmente como "defeitos", dentro portanto da filosofia lingüística dominante a partir da polêmica de Rui Barbosa, em 1902, quando um gramatiquismo ortodoxo e tradicionalesco impôs a idéia de que a repetição do vocábulo empobrecia o estilo e que a sua riqueza estava na sinonímia, aspecto que o senador baiano brandia pavoneando na sua famosa página sobre o chicote.

Mário de Andrade formou o seu espírito literário na leitura de Bilac e não ficou imune à ortodoxia gramatical, tanto que, no momento em que descobriu os novos valores da linguagem, vai fazer dessa matéria uma das linhas mais fortes de sua personalidade de renovador, prometendo e deixando quase pronta a sua **Gramatiquinha** da fala brasileira, hoje reconstituída graças aos esforços de Edith Pimentel Pinto, da Universidade de São Paulo.

A passagem da visão tradicional para a moderna se dá entre agosto e dezembro de 1921, quando Mário toma contato com os poetas futuristas e dadaístas e com os novos teóricos da revista "L'esprit nouveau". Tanto é verdade que na série "Os mestres do passado", começada em agosto de 1921, ele ainda critica Bilac, vendo a enumeração como um defeito. Depois de citar o verso "Em cinza, em crepe, em fumo, em sonho, em noite, em nada!", escreve: "É uma enumeração". E, logo a seguir, se lembra de Cruz e Sousa, assinalando que

O admirável e esquecido Cruz e Sousa, poeta genuíno, visionário, usava de quando em quando encher os decassílabos com longas palavras, três ou duas

Melancolias e melancolias,
Embora ansiosamente, amargamente,

o que dava a seus versos um ritmo largo e embalador dum extraordinário efeito.

Bilac usava com freqüência do mesmo processo nos decassílabos de *Tarde*.

Aliás encontro uma influência do poeta negro nos versos de *Tarde*. Ser-me-ia talvez um tanto difícil explicá-lo... Por isso não afirmo. Sinto.

A sua intuição poética dava-lhe uma visão sintética do recurso usado por Cruz e Sousa e Bilac. Ele percebia algo de novo, mas estava ainda sob a ideologia do tradicional, a qual via erro na repetição e na enumeração. Mário diz ter notado a enumeração num recital de Bilac comprovada quando viu os versos publicados em revista. Então escreve:

Com a publicação em revistas dos versos de Olavo, compreendi o processo e... até roubei-o.

É o que se pode ler na página 292 do livro de Mário da Silva Brito.[2]

Na transcrição acima vêem-se, além do elogio a Cruz e Sousa, a percepção dos versos longos e a descoberta da influência do "poeta negro" no Bilac da *Tarde*, que ele diz não saber explicar, ainda que o "sinta". Mário possivelmente não se lembrava que em *Tarde* Bilac tinha um soneto sobre o poeta catarinense; trata-se do "Diamante negro", que transcrevemos na íntegra:

Ví-te uma vez, e estremici de medo...
Havia susto no ar, quando passavas:
Vida morta enterrada num segredo,
Letárgico vulcão de ignotas lavas.
Ias como quem vai para um degredo,
De invisíveis grilhões as mãos escravas,
A marcha dúbia, o olhar turvado e quedo
No roxo abismo das jolheiras cavas...

Aonde ias? aonde vais? Foge o teu vulto;
Mas fica o assombro do teu passo errante,
E fica o sopro desse inferno oculto,

O horrível fogo que contigo levas,
incompreendido mal, negro diamante,
Sol sinistro e abafado ardendo em trevas

Mas o que é realmente digno de nota é o que ficou interdito, o que ele pensou em dizer e acabou guardando para depois, embora o dissesse indiretamente através de uma falha técnica, um quase anacoduto paragrafal, se se pode falar assim. É que Mário tratava da enumeração e, por isto, se lembrou de Cruz e Sousa. Mas, em vez de dar exemplo de enumeração na obra do poeta, como era de esperar-se, prefere dar exemplo de versos com palavras longas, como que despistando o leitor... Parece que ele não desejava mostrar ostensivamente o que "sentia" ser um toque de modernidade para a sua teoria e para os seus versos, tal como estava encontrando nos futuristas italianos.

Por essa época, ele andava obcecado pela idéia da *simultaneità* de Soffici e de Palazzechi. A simultaneidade vai ser o *leitmotiv* de sua teoria poética no "Prefácio interessantíssimo" e na *Escrava que não é Isaura*, de 1925. A pintura cubista e, mais tarde, o cinema vão ser o lugar privilegiado da simultaneidade. A literatura teve de inventar truques retóricos para expressar duas ou três idéias de uma vez só. Ora, o princípio da simultaneidade provém da enumeração que, ao se fazer, proporciona a possibilidade da colisão das idéias ou das palavras, como era caro ao nosso Manuel Bandeira. Mário "sentia", pressentia o achado e começou a usá-lo no próprio ensaio, à medida que este se ia desenvolvendo, como se pode ler no trecho abaixo em que comenta, com ironia, o soneto "O cometa", de Bilac:

Reli. Tornei a ler. Creio mesmo que treli. Qual! não compreendia!

Que diabo! Olavo fizera simbolismo! ou coisa que o valha? Não podia ser! Reli. Qual! não entendia! Senti

que me pesava a minha alma parnasiana! Joguei-a fora. Eureca! Esplendor! Fecundação! As palavras brilhavam como vidas. As idéias palpitavam com profecias.

Mário acha que Bilac estava parecendo "il pazzo" (o louco) de Palazzechi, que também gostava de repetir e enumerar e, coincidentemente, era autor de um poema com o nome de "La cometa". Mas é da obra de Soffici que Mário vai retirar elementos caros à sua poesia, como a palavra arlequim, proveniente do Arlecchino, que Soffici publicou em 1914, com segunda edição em 1918; e como o conceito e a prática da simultaneidade, aprendida no livro Bif§zt 18, *Simultaneitá* e *Chimismi lirici*, publicado em 1915, com reedição em 1920. As datas apontam para o contexto temporal em que o autor de *Macunaíma* formava a sua visão da modernidade.

O expediente da enumeração agradou tanto a Mário de Andrade que a sua mais importante teoria poética, exposta no "Prefácio interessantíssimo", é fundada na enumeração. Com o seu conhecimento musical, Mário concebe a teoria que ele mesmo diz ser engenhosa, uma vez que se trata de um fenômeno poético, que ele "sentiu" mas só agora estava sabendo explicar. Lembre-se que a carta que antecede o "Prefácio interessantíssimo" está datada de 14 de dezembro de 1921, portanto cinco meses depois dos artigos sobre "Os mestres do passado". Eis as suas próprias palavras:

Ora, si em vez de unicamente usar versos
melódicos horizontais:
(...)
fizermos que se sigam palavras sem ligação
imediata entre si: estas palavras, pelo fato
mesmo de se não seguirem intelectual,
gramaticalmente, se sobrepõem uma às outras,
para a nossa sensação, formando, não mais
melodias, mas harmonias.
Explico milhor:
Harmonia: combinação de sons simultâneos.
Exemplo:
Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas...
Povoar!...[3]

E comenta: "Estas palavras não se ligam. Não formam enumeração". É fácil perceber como Mário força uma distinção que não existe, porque o que ele denomina "harmonia poética" ou "polifonia poética", pensando sempre na simultaneidade, tem a sua base na enumeração. É claro que as noções de melodia e de harmonia, somadas às de arpejo, deram-lhe uma explicação científica, aliás muitíssimo bem arquitetada a partir da enumeração das palavras ou das frases. Só que ele não quis ver assim, talvez para cercar de privilégios a originalidade de sua teoria.

Vejamos agora algumas relações de Mário de Andrade com o simbolismo e especialmente com Cruz e Sousa, sabendo de antemão que em 1919 ele foi a Mariana conhecer o poeta Alphonsus de Guimaraens, tema do belo poema de Drummond, "A visita", escrito em 1976 e publicado em edição especial em 1979. Pena que Drummond não tenha se lembrado que Alphonsus também visitou Cruz e Sousa no Rio de Janeiro.

Já vimos, em "Os mestres do passado", como ele fala no "admirável e esquecido Cruz e Sousa, poeta genuíno". Isto em 1921. Dois anos depois, quando se publicou o volume *Obras completas de Cruz e Sousa*, edição sob os cuidados de Nestor Vítor, Mário leu-a imediatamente, fazendo várias anotações, entre as quais:

O poeta é escravo das associações - Tem moto lírico inicial (e termina) sob o impulso ondulado das rimas - Enumerações e Bilac - um verdadeiro precursor do dadaísmo - Atingindo o impressionismo mais destructivo, por meio de successões de ideais que se ligam não mais por meio de inteligência, mas muito mais por associações, muitas vezes totalmente subconscientes e pessoais - As idéias nascem das rimas e daí muitas vezes um imprevisto delicioso, desconcertante, eminentemente lírico, mas eminentemente impressionista e destructivo também - As enumerações de Bilac já embrionárias, ou antes subconscientes, vêm nos versos de Cruz e Sousa.[4]

Em 1924, numa carta a Manuel Bandeira, Mário confessa que exagerou na sua crítica (não se sabe a quê) e diz que foi "reacionário contra o simbolismo. Hoje não sou. Não sou mais modernista [e isto é de 1924!]. Mas sou moderno, como você. Hoje eu já posso dizer que sou também um descendente do simbolismo. O moderno evoluciona"[5]. Tempos depois, já agora em 1933, comenta uma carta do amigo, dizendo que "Só quando você me mostrou que o verso do preto Cruz e Sousa era besteira, é que realizei em mim que todas as vezes que eu chegava nesse verso, eu sovria um mal-estar". Não se sabe de que verso se trata, mas tudo leva a crer que Bandeira tenha apontado no *Carro da miséria*, de Mário, algum verso que lembrava o estilo de Cruz e Sousa. Vê-se, por aí, que Bandeira suprimiu essa crítica dos textos em que elogiou o poeta catarinense.

Por esta altura Mário já havia resolvido um pouco a sua luta entre o velho e o novo, patente na "Carta" com que se inicia o "Prefácio interessantíssimo", em que o Mário Novo escreve ao Mário Velho, isto é, ao homem de formação tradicional que vai estar sempre nos seus versos. Basta uma leitura atenta da *Paulicéia desvairada* para ver como o decassílabo se insinua entre os poemas futuristas ou dadaístas de versos livres ou de estruturas nominais. Eis alguns deles:

São Paulo comoção da minha vida... / Sentimentos em mim do asperamento / Sou um tupi tangendo um alaúde ? de pus e de mais pus de distinção... / parecem-me uns macacos, uns macacos. / Alguém agora t'os virá trazer, / nas mãos dum espanhol. Arlequinal!...

É inúmeros outros, além das chaves de ouro típica dos poemas parnasianos, como no verso que termina "paisagem nº 1": "como um gosto de lágrimas na boca..."

Daí por que escrevemos, em *Estudos da poesia brasileira*, que na *Paulicéia desvairada* não aparece o "arlequim", substantivo, e sim o "arlequinal", adjetivo, usado onze vezes no livro. E acrescentamos:

Em termos de nosso estudo, ainda que aspirasse à transformação total em arlequim, isto é, num ser capaz de assumir toda a essência da modernidade, Mário de Andrade na maior parte de sua poesia não conseguiu ir além da aparência arlequinal, não sendo, pois, radicalmente moderno, preferindo no fundo a modernidade que vinha alicerçada na tradição literária.[6]

A relação de Mário de Andrade com o simbolismo e com a poesia de Cruz e Sousa se deixa perceber nas citações que arrolamos. Há entretanto, algo mais sutil nessas relações e que ultrapassa a simples apropriação de recursos técnicos, como o da enumeração. Aqui talvez coubesse melhor o termo *influência*, no sentido de que a poesia de Cruz e Sousa impregnou o pensamento poético de Mário de Andrade. Um bom exemplo disso está na aproximação de dois poemas de Mário ("O rebanho" e "Ode ao burguês") e o último poema na obra de Cruz e Sousa ("Marche aux flambeaux").

Os dois poemas de Mário apresentam grandes semelhanças de concepção temática com o de Cruz e Sousa. Em "O rebanho" o verso "Oh! minhas alucinações!" abre e fecha o poema, e desliza por ele como a deixar claro que não é o autor e sim o eu lírico quem está dizendo todo aquele desvairismo... ideológico. Os deputados saem do Congresso paulista "de mãos dadas", quase numa procissão (ou como no poema "Os cortejos" em que os homens de São Paulo "parecem-me uns macacos, uns macacos"), quase numa marcha, com "chapéus altos" (expressão que se repete e que está no "Marche aux flambeaux" de Cruz e Sousa) e vão se transformar em animais, em cabra (Cruz e Sousa fala em "macabra"), com chifres e barbinha. Em "Ode ao burguês" (que se lê nas entrelinhas como "ódio ao burguês") os burgueses são postos "De mãos nas costas!" numa procissão, em marcha (aparece no texto) sob a regência do eu lírico e vão "Todos para central do meu rancor inebriante!" Fala-se em "Arlequinal!" este diz que

Eu insulto as aristocracias cautelosas
Os barões lampeões! os condes ..... os duques zurros!

Além do termo burguês aparecer várias vezes no poema de Cruz e Sousa, onde os burgueses se misturam com animais e vão num tropel insano, no poema de Mário notam-se o processo da repetição da palavra "ódio", o tema do burguês, a idéia da marcha, o tema de "Arlequinal" e a semelhança do verso "Os barões lampeões!', a não deixar dúvida de que a "Marche aux flambeaux" foi a fonte de "Ode ao burguês".

No grande (grande mesmo) poema de Cruz e Sousa, poema que, apesar da sua alegoria, não temos dúvidas em ver como um verdadeiro manifesto estético e político contra a sociedade brasileira do fim do século, nesse poema, repetimos, domina a sátira ao burguês, que é igualado aos animais numa grande marcha noturna, com archotes e em gritos e urros penetrando pela história... do Brasil. O humor, a sátira, a zombaria e os sarcasmos encontram expressão nos histriões, nos clowns, nos mascarados, nos truões, nos jograis e nos "anões de chapéu alto" que, com animais de todas as espécies (numa bela e horrível enumeração bestialógica), e "que no torvo cancã no cancã dos escândalos", passam numa "marche aux flambeaux" pelo universo a dentro":

E mastodontes vão de braço dado a sérios
burgueses que já são bem bons comendadores
e marqueses de truz, com ares de mistérios,
de lunetas gentis e aspectos sonhadores
dão o braço fidalgo e aíroso das nobrezas
aos ursos boreais, enquanto os conselheiros,
os condes, os barões, os duques e as altezas (grifo meu)
lá vão de braço dado aos lobos carniceiros.

Todo um sentido de carnavalização que antecipa de muito as preocupações de Manuel Bandeira com Menipo, carnaval e bebedeira; toda uma situação de desvairismo, bastante próxima da de Mário de Andrade, mas que só foi publicada em 1961, na edição de Aguilar. Mário portanto não conhecia o texto de Cruz e Sousa. Coincidências? Talvez iguais as que ele viu entre Bilac e Palazzechi. O certo é que "Marche aux flambeaux", visto de hoje, é mesmo o cordão umbilical que liga o simbolismo à linguagem irônica e humorística dos primeiros tempos modernistas.

Notas

1 Ledo Ivo. Poesia observada. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967, p. 76-92.
2 BRITO, Mário da Silva, História do modernismo brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. 292.
3 ANDRADE, Mário de. Poesias compleas. São Paulo: Martins, 1966.
4 Cf. PERES, Nites Therezinha. Leituras em francês de Mário de Andrade. São Paulo: L.E.B., 1969, p. 30-32. Devo estas indicações à professora Zahidé L. Muzart, da U.F. de Santa Catarina.
5 Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1958.
6 TELES, Gilberto Mendonça. Estudos de poesia brasileira. Coimbra: Almedina, 1985, p. 87.

***GILBERTO MENDONÇA TELES** - Poeta, crítico e professor de Literatura Brasileira na PUC-RJ*

CRONOLOGIA - 1861-1898

1861

Em 24 de novembro nasce na antiga Desterro, hoje Florianópolis, João da Cruz, filho do pedreiro Guilherme e da cozinheira escrava liberta Carolina Eva da Conceição. O pai foi alforriado quando Cruz tinha 4 anos.

FOTOS DO ACERVO DO MUSEU/ARQUIVO DA POESIA MANUSCRITA

Marechal Guilherme Xavier de Sousa

1862

Cruz e Sousa é batizado no dia 24 de março pelo padre filósofo Oliveira e Paiva.

1868

Quando o marechal Guilherme Xavier de Sousa, seu protetor, retorna da Guerra do Paraguai, ouve, surpreendido, saudação em versos da autoria do pequeno João da Cruz, que adotaria o seu sobrenome Sousa.

1870

Falece o marechal, legando aos pais de Cruz e Sousa uma quantia em dinheiro e parte do seu solar.

1872

Matricula-se junto com o irmão Norberto no Colégio da Conceição, sob a direção de Rozalina Villela Paes Leme.

1874

Também com o irmão Norberto, em junho Cruz e Sousa ganha bolsa para estudar no recém criado Ateneu Provincial Catarinense.

1876

No mês de dezembro, conclui o curso do Ateneu e começa a ministrar aulas particulares. Mais tarde abre um curso noturno para adultos, sem nenhum sucesso.

1879/80

Início da manifestação de seu talento. Seus primeiros versos são publicados nos jornais.

1881

Em 7 de maio inicia a publicação do jornal *Colombo*, fundado por ele e Virgílio Várzea, poeta, jornalista e escritor, amigo de juventude de Cruz e Sousa.

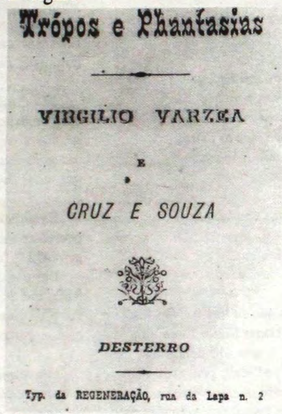
1882

Folha Popular é o segundo jornal fundado por Cruz e Sousa no ano seguinte juntamente com outros companheiros.

1883

A poliantéia *Julieta dos Santos* é publicada em janeiro desse ano juntamente com Virgílio Várzea e Santos Lostada. O livro é uma homenagem à atriz mirim de mesmo nome. Cruz e Sousa começa a trabalhar, como ponto, na companhia dramática de Moreira de Vasconcellos, onde viaja rumo ao Rio Grande do Sul. Ainda como ponto da mesma companhia, incursiona pelo Brasil.

Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense, de Henrique da Silva Fontes, obra de estudo sobre a criação poética de Cruz e Sousa, está prevista para ser lançada durante a passagem do centenário de morte do poeta.



Tropos e Phantasias

VIRGILIO VARZEA

E

CRUZ E SOUZA

DESTERRO

Typ. da REGENERAÇÃO, rua da Lapa n. 2

"Tropos e Fantasias", livro de prosa editado em 1885

1884

Faz novas viagens pelo Brasil. É recepcionado por uma comissão abolicionsta na Bahia, onde profere importante discurso em defesa do negro. Antes, ele tinha sido acusado de estar alheio ao abolicionismo porque não havia incluído nos seus livros as suas ardorosas páginas abolicionistas.

Cruz e Sousa, desenhado por Maurício Jubim

1885

Em 17 de maio retorna a Santa Catarina e assume a redação de *O Moleque*, onde exerce seu lado jornalista. No mês seguinte publica novamente com o escritor Virgílio Várzea o livro de prosa *Tropos e Fantasias*. Outra série de viagens, que vão até 1887, incluindo nova ida ao Rio de Janeiro, capital do Império.

1887

Trabalha na Central de Imigração.

1888

O decreto da Abolição é sancionado e Cruz e Sousa escreve "A Pátria Livre", soneto inédito sobre a Lei Áurea e o destino dos negros. Excursiona ao Rio Grande do Sul onde é muito festejado em Bagé. Passa oito meses no Rio de Janeiro não conseguindo colocação.

1890

No mês de dezembro, após algumas viagens pelo Brasil, decide instalar-se definitivamente no Rio de Janeiro, onde exerce intensa atividade intelectual, com colaboração em revistas e jornais.

1891

A mãe do poeta, Carolina, falece nesse ano, na cidade de Desterro. Colabora em *Folha Popular* e *O Tempo*.

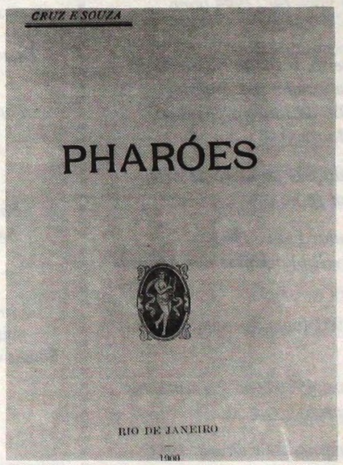
1893

Missal e Broquéis são lançados simultaneamente e abrem uma nova fase literária no Brasil. Em 1993, *Ô Catarina!* saiu com uma edição especial do centenário das duas publicações.

No dia 9 de novembro de 1893, Cruz e Sousa casa-se com Gavita Rosa Gonçalves e nesse mesmo ano é nomeado funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

1894

Promovido a arquivista. Corresponde-se com Gonzaga Duque, sugerindo a inclusão de idéias socialistas na *Revista Nova*.



CRUZ E SOUZA

PHARÓES

RIO DE JANEIRO

1900

"Faróis", livro de versos publicado em 1900

1896

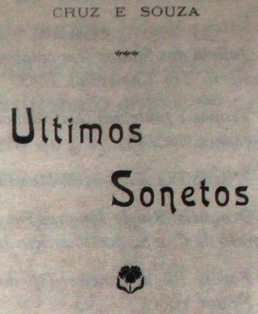
Nesse ano ocorre a morte do pai Guilherme.

1897

Evocações e *Faróis* é concluido nesse ano em meio a crise de tuberculose, que inicia em fevereiro. Ele entrega seu espólio literário a seu amigo Nestor Vítor.

1898

Em 19 de março morre, aos 36 anos, o maior poeta da poesia simbolista brasileiro, louvado por Roger Bastide, que traça vários paralelos entre Cruz e Sousa e Mallarmé. Ele morreu na estação de Sítio (hoje Antônio Carlos), Minas Gerais, para onde foi em busca de melhoras para a saúde, minada pela tuberculose. Nascimento de João, filho póstumo, a 30 de agosto. No final desse ano é publicado *Evocações*.



CRUZ E SOUZA

Ultimos Sonetos

AILLAUD & Cª

96, Boulevard du Montparnasse, 96

Lançado na França em 1905 "Últimos sonetos"

1900

Publicação de *Faróis*, livro de versos.

1901

Sua mulher, Gavita, morre dia 13 de setembro também vítima de tuberculose.

1905

Publicação de *Últimos Sonetos*, em Paris, França.

1913

Casamento de João da Cruz e Sousa, filho do poeta, com Francelina Maria da Conceição.

1914

Nascimento de Sílvio Cruz e Sousa, neto do poeta.

1923

Primeira edição da obra completa do poeta, por iniciativa de Nestor Vítor.

Vida e obra em livro inédito

Foram anos de dedicação, de trabalho apaixonado, de custos incalculáveis. Mas somente com essa obstinação seria viável a organização de uma fotobiografia de Cruz e Sousa. Quem vive com essa motivação é o escritor Iaponan Soares, coordenador da Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa. Ele está fazendo um levantamento inédito de um poeta nacional com ilustrações, fotos e imagens que darão origem ao livro *Fotobiografia de Cruz e Sousa*, sem data prevista para lançamento. A edição de aproximadamente 180 páginas necessita de patrocínio principalmente porque acompanhará um CD com poemas recitados por um ator nacional.

O material levantado por Soares soma quase 200 fotos, a maioria pouquíssimo conhecida do público, além de ilustrações e poemas de caráter biográfico. "O livro terá vasto material iconográfico sobre o poeta e as pessoas que viveram ao seu redor", explica o escritor.

Edições fotobiográficas ainda são pouco comum no Brasil. Carlos Drummond de Andrade e Manoel Bandeira são algumas tentativas. A razão para pouca bibliografia desse gênero é simples: "O recurso para a pesquisa é muito alto". Soares prefere não colocar na ponta do lápis o quanto gastou até o momento com viagens a Curitiba, reproduções e restauração de fotografias. "Você tem que ter muita paixão", diz esse obscecado escritor que não poupa esforços para conseguir a foto inédita, o documento de valor histórico, os poemas extraviados.

Aliás, poemas e prosas dispersas que Soares reuniu e irá lançar, no livro *Dispersos - Poesia & Prosa*, de Cruz e Sousa, editado pela EDUSP e Editora Giordano, de São Paulo. É uma edição crítica que tem a participação de Zilma Gersse Nunes e apresentação da doutora em Cruz e Sousa Ivone Daré Rabelo.

Relação de instituições de pesquisa para o estudo da obra de Cruz e Sousa

Santa Catarina

- Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina
- Biblioteca Central da UFSC, setor SC

Rio de Janeiro

- Biblioteca Nacional
- Museu/Arquivo Casa de Rui Barbosa

São Paulo

- Biblioteca Mário de Andrade

Rio Grande do Sul

- Hemeroteca da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul

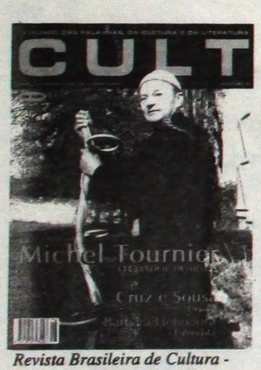
Poesia satânica traduz modernidade

Uma das edições de destaque que está prevista para ser lançada durante as homenagens ao centenário de morte do poeta simbolista é *Cruz e Sousa e Baudelaire - Satanismo Poético*, de Marie-Hélène Catherine Torres. A edição da UFSC traz um ponto em comum entre o poeta catarinense e o escritor francês: a poesia satânica. Além disso, em comum entre eles tem o fato de terem vivido na mesma época e terem contribuido para marcar o início da poesia moderna.

A modernidade nos dois poetas está exatamente no tratamento inédito dado ao tema satanismo e na forma como eles utilizavam os princípios satânicos como um recurso para a criação artística. A autora afirma que a figura de satã é representada de forma positiva, como símbolo do desejo e do prazer.

Marie-Hélène baseou seus estudos na tese de dissertação de mestrado defendida em 1995 na Universidade Federal. "Levar o leitor a uma descida ao inferno", é a proposta da autora nascida na França em 1963.

Dossiê Cruz e Sousa



Revista Brasileira de Cultura - Cult - , publicada em São Paulo, traz em sua 8ª edição um dossiê sobre Cruz e Sousa com textos dos escritores Salim Miguel e Zahidé Lupinc cci Muzart entre outros artigos que tratam do centenário de morte do poeta.

Obras

Julieta dos Santos *(em colaboração com Virgílio Várzea e Santos Lostada). Desterro. Tip. Comercial, 1883.*

Tropos e fantasias *(em colaboração com Vilrgílio Várzea). Desterro, Tip. da Regeneração, 1885.*

Missal*. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.*

Broquéis*. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1898 (com fac-símile da assinatura, um retrato de C. e S., por Maurício Jubim, e outro de C. e S. morto do mesmo autor).*

Faróis*. Rio de Janeiro, Tip. do Instituto Profissional, 1900 (com uma "Nota" de Nestor Vítor).*

Obras Completas*.I - Poesias:"Broquéis, Faróis, Últimos sonetos. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil 1923 (com introdução e anotações de Nestor Vítor um fac-símile de autógrafo e um desenho de Maurício Jubim). II - Prosa: Missal. Evocações. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924 (com fac-símile de autógrafo e retrato de C. e S. reproduzido de fotografia).*

Obras*. Tomo I - Versos: Broquéis, Faróis, Últimos sonetos, Poemas avulsos. São Paulo, Edições Cultura, 1943 (com uma "Síntese Bibliográfica e uma "Introdução" de Fernando Góes). Tomo II - Prosa: Missal, Evocações. São Paulo, Edições Cultura, 1943.*

Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Editora Zelio Valverde, 1944 (com Introdução de Tasso da Silveira).*

Obras Poéticas*. I - Broquéis e Faróis. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com Prefácil, Bibliografia e Fontes para estudo, por Andrade Mauricy).II - Últimos sonetos/Inéditos e Dispersos. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com "Nota" de Andrade Mauricy).*

Sonetos da noite*. Seleção de Silveira de Souza. Edilções do Livro de Arte, Florianópolis, 1958 (com xilogravuras de Hugo Mund Jr.).*

Obra Completa*. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1961 (Organização geral, Introdução, Notas, Cronologias e Bibliografias por Andrade Mauricy).*

Poemas escolhidos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1961 (com Apresentação de Massaud Moisés).*

Poemas*. Lima, Peru, Centro de Estudios Brasileños, 1980 (con Presentación de Carlos Germán Belli e traducción de Javier Sologuren).*

Poesia completa*. Florianópolis. Fundação Catarinernse de Cultura, 1981 (com Introdução de Maria Helena Camargo Régis).*

Últimos sonetos*. Florianópolis, Editora da Ufsc/Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Catarinense de Cultura, 1984 (Texto estabelecido pelo manuscrito autógrafo e notas por Adriano da Gama Kury, com um estudo literário de Julio Castallon Guimarães).*

Evocações*. ed. em fac-símile, Florianópolis, FCC Edições, 1986 (com apresentação de Esperidião Amin Helou Filho).*

Julieta dos Santos*, ed. em fac-símile. Florianópolis, Editora da Ufsc, 1990 (com apresentação de Ubiratan Machado e Iaponan Soares).*

Poesia completa*, Florianópolis, Fec edições/FBB, 1993 (organização introdução e bibliografia Zahidé L. Muzart).*

Cruz e Sousa *- Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997 (organização Andrade Murici, atualização e notas Alexei Bueno).*

Livros do centenário a serem editados e reeditados

Cruz e Sousa e Baudelaire - satanismo poético, Marie Hélèlne Torres

Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul**, Rodrigues Till (reedição)**

Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista Brasileiro, Abelardo Montenegro (reedição)

Poesia e Vida de Cruz e Sousa**, R. Magalhães Jr. (quarta edição)**

Faróis, Cruz e Sousa (edição fac-similar organizada por Ivan Teixeira)

Julieta dos Santos e o Meio Intelectual Desterrense**, Henrique da Silva Fontes**

Poemas de Cruz e Sousa, organização de Eglê Malheiros (edição paradidática)

Fotobiografia de Cruz e Sousa**, Iaponan Soares (organização)**

Dispersos - Poesia & Prosa, de Cruz e Sousa, edição crítica de Iaponan Soares e Zilma Gesser Nunes

Já lançado

"Os Melhores Poemas de Cruz e Sousa", *seleção de Flávio Aguiar, Global Editora, coleção dirigida por Edla Van Steen*

"Nesse momento eu fico com 'Só!' de "Últimos sonetos".
Ele vale por uma biografia de muitas páginas.
Consegue exprimir, a um só tempo, o doce prazer da criação literária com as amargas evidências do destino fustigando o homem e o cidadão.
Sob o impacto da leitura, fica-nos a impressão de que o poeta de alguma forma saiu vitorioso do difícil embate com a existência."

Alcides Buss - poeta e diretor da Editora da Ufsc

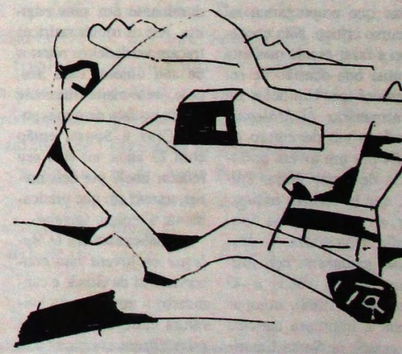
Só

Muito embora as estrelas do Infinito
Lá de cima me acenem carinhosas
E desça das esferas luminosas
A doce graça de um clarão bendito;

Embora o mar, como um revel proscrito,
Chame por mim nas vagas ondulosas
E o vento venha em cóleras medrosas
O meu destino proclamar num grito,

Neste mundo tão trágico, tamanho,
Como eu me sinto fundamente estranho
E o amor e tudo para mim avaro...

Ah! como eu sínto compungidamente,
Por entre tanto horror indiferente,
Um frio sepulcral de desamparo!



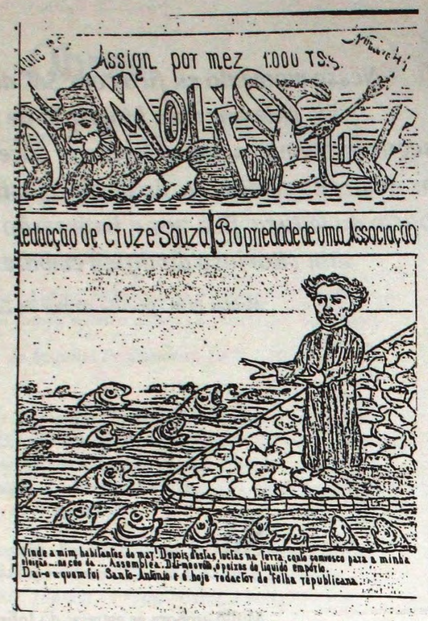
18d MUZART, Zahidé Lupinacci. O moleque, um pasquim do século XIX. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.14.

O Moleque, um pasquim do século XIX

Zahidé Lupinacci Muzart

A imprensa do século XIX privilegiou a caricatura como arma crítica, como crítica política e de costumes. As primeiras caricaturas surgem em 1837 com o jornalista Manuel de Araújo Porto Alegre. Na segunda metade do século, mais para o final, teremos uma época de grandes caricaturistas no Brasil, tais como Angelo Agostini (1843-1910); K. Lixto (1877-1957); Raul Pederneiras (1874-1953). O papel da caricatura na imprensa foi de rara importância não só no Rio de Janeiro como também nos jornais e revistas das províncias que também usaram deste recurso para criticar as mazelas do poder. Há uma quantidade enorme de periódicos que se valeram da força da caricatura para reforçar e confirmar idéias políticas. Também aqui, em Santa Catarina, houve alguns que empregaram tal recurso crítico. Não chegaram a fazer escola mas esta é uma boa ocasião de rememorá-los. Um deles foi o semanário *O Moleque*, fundado em dezembro de 1884 por um jovem português de nome Pedro Paiva, que se tornara impressor, ao comprar uma tipografia e litografia. *O Moleque*, juntamente com *Matraca* (1881-1883) e *O Mosquito* (1888), compunham a imprensa caricata do estado de Santa Catarina, no século XIX. Teve pequena duração e com a proverbial falta de dinheiro foi extinto um ano depois. Este jornalzinho apresentava quatro páginas das quais duas eram de caricaturas e desenhos. A primeira página estampava com capricho o título do periódico em letras muito grandes entrelaçadas, ou melhor abraçadas, ao desenho de um jovem adolescente vestido como um pagem medieval. *O Moleque* caracterizava-se por ser um órgão crítico, humorístico, noticioso e de leituras variadas, segundo seus redatores. Era de formato pequeno (37,5 cm X 26cm), ilustrado litograficamente e seu principal objetivo se concentrava na crítica da sociedade local, seus costumes e política, procurando sempre fazê-la pelo lado do humor, castigando pelo riso e empregando o recurso chistoso da caricatura que acabou por se tornar dominante em suas páginas. Até os triolés satíricos traçam verdadeiros retratos de seu objeto. Para nós, hoje, seu maior interesse reside no fato de que o poeta Cruz e Sousa, então com 23 anos, ter sido seu redator chefe por seis meses, tempo em que praticamente o redigiu sozinho.

Colaboraram em *O Moleque* os jovens não conservadores da cidade e candidatos a um lugar na literatura entre os quais Virgílio Várzea.



Capa do jornal "O Moleque", e editorial apresentando Cruz e Sousa como o novo redator

Desterro, 17 de Maio de 1885.

Cruz e Souza

Assume hoje a redacção do *Moléque* o fulgurante escriptor e elevadissimo poeta, cujo nome irradia á cima.

Para se avaliar do seu merito, é bastante dizer que a sua personalidade litteraria foi julgada, pelas principaes folhas do nosso paiz, a mais completa, artistica e superior que a provincia de Santa Catharina tem produzido até aqui.

Entretanto os leitores poderão julgal-o melhor, pelo correcto e salutar artigo que abaixo publicamos, e que foi escripto rapidamente, sobre os joelhos, na occasião em que chegava-nos do sul, a horrorosa e quasi absurda noticia da morte do Dumas brazileiro, a mais criteriosa e digna organisação de dramaturgo que possuiriamos em melhor futuro - Arthur Rocha.

É portanto, inundados de um orgulho heroico e extraordinario, que noticiamos a entrada do maravilhoso poeta das *Cambiantes* e dos *Cirrus e Nimbos*, para a nossa redacção.

O título *O Moleque* prestou-se a interpretações errôneas. Não teve relação com Cruz e Sousa e muito menos com o fato de o poeta ser negro, pois, na ocasião em que criaram o jornalzinho, não se encontrando ele na cidade de Desterro, não teve participação direta na escolha do título. Como já o disse seu biógrafo, Magalhães Júnior, o título não representou, de nenhuma maneira, um desafio ao preconceito de cor. Ao contrário "se inseriu no conceito corrente, na época, de personagem peralta, intrigante, veiculador de mexericos e indiscrições." (*Poesia e Vida de Cruz e Sousa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, p. 67.). Pensamos, no entanto ser mais apropriada a acepção de "próprio", de mensageiro, pois tem o jornal a função de levar as notícias rapidamente aos seus leitores e, no caso, com Cruz e Sousa, a de despertar a consciência dos leitores para as barreiras sociais sobretudo a dos preconceitos raciais.

O traço caricatural dominava no semanário *O Moleque* e os próprios textos escritos traziam esta marca. Veja-se, por exemplo, um triolé de Cruz e Sousa que faz uma jocosa caricatura de personagem de quem, hoje, desconhecemos o nome e as possíveis funções que exerceu por aqui!

Piruetas: ***Finou-se um tal inglês / gastrônomo e patife / que tanto de uma vez / comeu, comeu e esparramou-se em bife, / que um dia de jejum, / pela pança rotunda e quixotesca, / teve um parto... comum / um feto original... de carne fresca!***

Neste, não apenas o humor e a mordacidade são dominantes, como também vamos encontrar um tom surrealista *avant la lettre* na exploração do monstruoso e do ridículo. Ao triolé, o poeta atribui o poder da crítica, pois, como diz *Zot*, um dos possíveis pseudônimos de Cruz e Sousa no jornal: *Estoure como o champagne / o triolé — pule e salte / e como os gatos arranhe,/ (...) e a cara dos erros lanhe.../*

O cômico advém, principalmente, do ritmo rápido, das aliterações, das onomatopéias e jogos de palavras com os nomes das personagens a atingir. Os triolés satíricos de Cruz e Sousa lembram muito a caricatura não só pelo seu intuito crítico, como também pelo próprio desenho de traços rápidos, fortes e contundentes. O exagero do traço caracterizador como o nariz, por exemplo,o ventre proeminente, certos defeitos físicos da personagem retratada são assim exacerbados e marcados. "A caricatura achava-se em pleno vigor no Brasil, no alvorecer do último quartel do século", segundo Hermann Lima (*História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, v. 1, p.113). Daí que o triolé de Cruz e Sousa, integradíssimo na sua época, estabelece relações muito grandes com a produção cultural do final do século XIX. Segundo Oswald de Andrade, "o que caracteriza o riso é sempre o insólito, o bizarro, o anormal. Transponha-se isso para o terreno da crítica, da linguagem social e está aí a sátira. Nela o oprimido se sente justiçador." (A sátira na literatura brasileira. *Boletim Bibliográfico* [da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo]. São Paulo, v. VII, p.39-52, 1945.). Do mesmo modo, para Cruz e Sousa, em editorial de *O Moleque*, "a sátira é sempre a defesa individual ou social contra a opressão, o enfatuamento e as usurpações de qualquer espécie.". Encontra-se, subjacente ao uso de elementos do cômico, uma oposição à cultura séria, oficial, das classes dominantes, representada nos outros jornais — liberais ou conservadores. Cruz e Sousa, mesmo nos seus inícios, em Desterro, já apresentava, com alta consciência das próprias potencialidades, a revolta do oprimido que, mais tarde, explodiria em textos mais maduros como *O emparedado*.

***ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART** - Professora aposentada da UFSC. Pesquisadora do CNPq.*

O MOLÉQUE

Desterro, 12 de Outubro de 1885.

Abolicionismo

À escravatura, escrevia o "Correio Brasiliense" em Londres, é um mal para o individuo que a soffre e para o estado onde ella se admitte, lemos no *Brazil e a Inglaterra* ou o *Trafico dos Africanos*.

No intuito de esboroar, derruir a montanha negra da escravidão no Brazil, ergueram-se em toda a parte apostolos decididos, patriotas sinceros que pregam o avançamento da luz redemptora, isto è, a abolição completa.

O Ceará que foi o berço da litteratura por que deo Alencar, quiz tambem ser a cabeça libertadora da raça escrava deste paiz, e, á golpes de direito e a vergastadas de clarões, conseguio este Alleluia supremo:

Não ha mais escravo no Ceará.

Não obstante o desenvolvimento gradual, accessivo da grande ideia da democracia sociocrata que prepara os homens, fal-os cidadãos para o trabalho moderno, educado por uma philosophia mais Spenceriana, mais na rasão do seculo evolucionador, apparece a lei do Sr. Saraiva, desmentindo todo o brio patriotico, toda a dignidade civica da nação do Sr. Pedro Segundo.

Uma lei de fancaria, essa; uma lei que escravisa os escravos e documenta com a morte, a liberdade dos mais velhos.

Uma lei que faria rir o proprio Voltaire n'uma d'aquellas suas explosões tremendas de ironia phantastica e diabolica.

Entretanto, para organisar por assim diser, mais exacta e mais verdadeira a idiea abolicionista nesta terra de Oliveira Paiva, o "Moléque", que sempre alargou todos os seus sentimentos altruistas, pela causa da humanidade servil, que é a causa do futuro, começa a publicar hoje alguns fragmentos de uma brilhante conferencia Abolicionista do seu pujantissimo redactor, sobre esse assumpto, feita na sala da redacção da "Gazeta da Tarde" da Banhia.

Concluida que seja esta, publicará um discurso do mesmo, pronunciado no theatro S. João, por ocasião da libertação total do luminoso Ceará e assim, successivamente, o "Moleque" prestará o seu humanitario auxilio para movimentar de certa forma mais inteira, mais enthusiasta, a abolição entre nòs.

"Estamos em face de um acontecimento estupendo, cidadãos:

A abolição da escravatura no Brazil.

Neste momento, do alto desta tribuna, onde se tem derramado em ondas de inspiração, o verbo vigoroso e masculo de diversos outros oradores, eu vou tentar vibrar nas vossas almas cidadãos, no fundo de vossos corações, brasileiros, os grandes sentimentos emanados da abolição; eu vou appellar para vossas mães, para vossos filhos, para vossas esposas.

A abolição, a grande obra do progresso è uma torrente que se despenca; não ha mais pôr-lhe embaraços à sua carreira vertiginosa.

As consciencias compenetram-se dos seus altos deveres e caminham pela vereda da luz, pela vereda da Liberdade, igualdade e fraternidade, essa triologia enorme, pregada pelo philosopho do Christianismo e ampliada pelo author dos - Chatiments, - o velho Hugo.

Já è tempo cidadãos, de impuuharmos o archote incendiario das revoluções da ideia e lançarmos a luz onde houver treva, o riso onde houver pranto a abundancia onde houver fome.

Basta de gargalhadas!

Este seculo se tem rido muito e se o riso é um caustico para a dôr physica, é um veneno para a dôr moral e o séc'lo rise á porta da dor, ri-se como um Voltaire, ri-se como um Polichinello.

O riso, cidadãos, torna-se a sínthese de todos os tempos.

Mas, ha occasiões que se observam as palavras da escriptura:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

E então, o riso, esse riso secular que zombou da lagrima, levanta-se á favor della e por seu turno cancanêa, vinga-se tambem.

É ahi que desapparecem na noite da historia os Carlos I e Luiz XVI, as Maria Antonieta e Rainha Isabel, é ahi que desapparece o se'epiro, para dar logar á republica, a unica forma de governo compativel com a dignidade humana, na phrase de Assis Brasil, no seu bello livro - *Republica Federal*.

Cruz e Souza

18e ALVES, Uelinton Farias. Cruz e Sousa e a negritude. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.16.

Cruz e Sousa e a negritude

Uelinton Farias Alves

Quando Cruz e Sousa (1861-1898) deixou na redação da Gazeta da Tarde, do Rio de Janeiro, os originais do seu livro Cambiantes, para ser entregue a José do Patrocínio, ele tinha como certo que o livro agradaria o tribuno da Abolição e, naquele momento, um dos maiores jornalistas negros do país.

A iniciativa de Cruz e Sousa foi amplamente válida mas a sorte é que lhe foi em ingrata: Patrocínio, no curso de sua primeira viagem para a Europa, sequer teve tempo de manusear o livro, restando ao Autor de "Crianças negras" e "Consciência tranqüila", como única alternativa, aguardar o retorno do dono do jornal, na esperança de que, ao ler o livro de poemas, ele indicasse um editor ou patrocinasse a publicação da obra.

Este é apenas um dos pontos que se pode elucidar a respeito da atuação de Cruz e Sousa no processo abolicionista brasileiro. Pelas características da personalidade do poeta, julgamos que não deveria ser outra a sua postura, em face de sua grande consciência social e de sua predestinação para as causas do espírito.

É patético, nos dias de hoje, esse tema em Cruz e Sousa. Sobretudo depois das últimas descobertas de documentos sobre a sua militância,se pode assim dizer, pela causa dos infelizes. Filho de uma escrava forra, Carolina, e de um negro ainda escravo, Guilherme, e nascido a 24 de novembro de 1861, Cruz e Sousa cresceu vendo de perto a agonia da população negra, da qual fazia parte os seus pais, que como outros da raça eram igualmente submetidos aos mandos e desmandos das "sinhás" e "sinhozinhos" da Casa Grande.

Esta convivência diária, arranhada, lá e cá, pelo preconceito, pela instabilidae da vida, pela falta de perspectiva para o futuro, calou na consciência ainda jovem do poeta, aquele instinto de revolta silenciosa, que mais tarde, já no Rio de Janeiro, Nestor Vítor, seu melhor amigo, atribuiu como uma característica do caráter de homem difícil, desconfiado, pronto para o ataque e para a guerra. Seria, de certo modo, um fator do "homem apocalíptico", que lança fundas sobre seus adversários apenas com o poder do olhar e nas frases do tipo: - "detesto essa gente!"

As impressões psicológicas, que feriram a retina do poeta nessa época, estão expostas, em carne viva, em textos como "Consciência tranqüila", "O padre", "Emparedado", "Dor negra" e ainda em dois textos com títulos idênticos: "Abolicionismo", um deles até agora ausente da obra completa de Cruz e Sousa. Na poesia, destacam-se "Crianças negras", "Auréola equatorial", "Escravocratas", "Grito de guerra", "Titãs negros", "À pátria livre", entre tantos outros. Sem contar a série de correspondências, trocadas com abolicionistas, sobretudo no Desterro, onde a libertação de escravos é encarada como ponto de honra para o poeta catarinense.

Acrescenta-se a este feixe de obras, os textos de "História simples", não só pela sua coerência temática, e sentido estético e didático, mas também pela visão de mundo que os mesmos encerram.

É evidente que o resultado do trabalho desenvolvido por Cruz e Sousa em favor da abolição da escravatura, é reflexo do meio em que ele viveu. Pertencente a origem de homens que conheceram apenas o jugo e o eito como postos de acesso na vida, o poeta, diante das oportunidades que lhe caíram às mãos (cabe dizer, para melhor frisar, com o suor e o esforço do pai, "pobre jornaleiro"), soube aproveitar, como ninguém, e dimensionar estes conhecimentos em arte, poesia e protesto.

Desta cultura de situações contraditórias, onde ele se insere a um só tempo como elemento derrotado (vítima da discriminação por ser negro) e como elemento derrotador (participe do processo de libertação da raça negra), é que se forma a negritude do poeta. E, evidentemente, é a partir da transformação do seu espírito, posto que de frente às circunstancialidades de uma cidade ainda provinciana, de um homem educado à luz dos dogmas científicos do Velho Mundo, que o Autor dos "Broquéis" teceu suas armas, afiou seus discursos poéticos e pôs o seu escudo, broquel, com que então enfrentou, entre pedradas e metralhas, a vida e a morte.

UELINTON FARIAS ALVES *- jornalista, escritor e pesquisador. É autor dos livros O Abolicionista Cruz e Sousa (1987). Reencontro com Cruz e Souza (1990) e Solano Trindade.*

FOLHA DO CENTENÁRIO

Cruz e Sousa 1898 - 1998

INFORMATIVO DA COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA - Nº 4

Selo é homenagem nacional

A emissão especial de um selo comemorativo ao centenário de morte de Cruz e Sousa integra o programa do Centenário. No dia 19 de março a ECT fará o lançamento nacional do selo, em solenidade que terá lugar na Academia Catarinense de Letras. A emissão do selo atende à solicitação da comissão, que teve seu pedido respaldado por autoridades e políticos catarinenses.

Lançamentos de março

O mês do centenário reserva muitos lançamentos de obras de Cruz e Sousa:

· *Poesia e prosa dispersa* de Cruz e Sousa, organizado por Iaponan Soares e Zilma Gesser Nunes. Editora: UNESP e Editora Jordano (SP);

· *Os melhores poemas de Cruz e Sousa*, Flávio Aguiar, Editora Global (SP);

· Edição fac-símile de *O Moleque*, organização de Zahidé Muzart. Letras Contemporâneas, (SC).

Um negro, um catarinense

Sérgio da Costa Ramos

Daqui a pouco mais de um mês - exatos quarenta dias - a alma do maior poeta simbolista do Brasil completará cem anos de vôo etéreo, "fazendo as rondas das casas, gemente sentinela que a tudo desgrenha e gela, com o torvo rumor de suas asas..- exatamente como o "velho vento vagabundo".

Estamos a quarenta dias do centenário da morte de Cruz e Sousa, um Himalaia da poesia universal, de cujas alturas nosso poeta contemplava bardos contemporâneos como Baudelaire, Stephan George, Verlaine e Rimbaud.

Não sei se os catarinenses poderão ter a ventura de receber os restos mortais do poeta num digno *Memorial* a ser um dia cogitado pelas instituições públicas e privadas que hoje organizam o centenário da morte do autor de *Litania dos Pobres*. Era o mínimo que o negro merecia. Assenhorar-se do Palácio que hoje lhe reverencia o nome, mas cujos umbrais jamais ultrapassou em vida, pobre jornalista da *Tribuna Popular*, hostilizado pela elite da época.

Os maiores amigos de Cruz eram brancos e abolicionistas: Nestor Vitor, Virgílio Várzea, Horácio de Carvalho, Araújo Figueiredo, poetas e intelectuais como ele, ou como o humanista Artista Bithencourt, Manoel Joaquim da Silveira Bithencourt, sapateiro remendão - doce alma desterrense que alforriava escravos com a renda de suas meia-solas.

Outros brancos, influentes na época, como o senador e intelectual Alfredo D'Escragnole Taunay, esnobaram Cruz e Sousa de forma ignóbil e mesquinha. O acadêmico Taunay manteve o poeta na soleira de sua porta, sem um convite para entrar, quando Cruz lhe entregou, no Rio de Janeiro, uma carta de referência de amigos comuns da Ilha de Santa Catarina.

A medida do sofrimento do poeta negro pode ser penosamente pressentida nas linhas que escreveu ao amigo Virgílio Várzea, em 8 de janeiro de 1889. A carta, publicada pela primeira vez no Anuário Catarinense de 1955, parece ser a prima-irmã, em prosa, dos quatorze versos admiráveis do soneto *Vida Obscura*: *"Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,/ Ó ser humilde entre os humildes seres,/ Embriagado, tonto de prazeres,/ O mundo para ti foi negro e duro"*.A carta a Virgílio é uma bofetada no rosto dos preconceituosos, um desesperado pedido de socorro e ao mesmo tempo um libelo contra o mundo:

Adorado Virgílio: "Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez (...) Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida ? Procurar ser elemento entre o espirito humano ?! Para que ? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspido de todo o lar como um leproso sinistro! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível!"

Tudo o que o Brasil fizer pela redenção de seu poeta negro será pouco e será insignificante. Mais do que ninguém, nós , catarinenses, deveremos arrogar-nos a missão de empunhar, por todo o Brasil, a bandeira da regeneração da memória do gênio simbolista.

***SÉRGIO DA COSTA RAMOS** é jornalista e escritor de Florianópolis. Esta crônica foi publicada em sua seção do Diário Catarinense do dia 9 de fevereiro deste ano.*

Cruz e Sousa

Apontamentos de Iaponan Soares

Presidente da Comissão

Filho de escravos libertos, Cruz e Sousa nasceu em Desterro (hoje Florianópolis), a 24 de novembro de 1861 e faleceu em Sítio(MG), a 19 de março de 1898.

Cursou humanidades em sua terra natal, onde se iniciou no jornalismo e na literatura. Com Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho opôs-se aos românticos locais, resultando disso muita polêmica pela imprensa e algumas agressões. Por defender a estética realista, Cruz e Sousa e seus amigos passaram a ser chamados de grupo da *idéia nova* , expressão cunhada pelos adversários, com o propósito de ridicularizar seus conceitos de arte e literatura.

Em 1883 conheceu a pequenina atriz Julieta dos Santos e com ela seguiu em turnê pelo Brasil, na qualidade de *ponto* de sua companhia. No retorno, trouxe o livro de poemas *Cambiantes*, que, em São Luís do Maranhão, chegou a imprimir em parte.

Seu retorno a Desterro, pela última vez, se deu em 1889, com o propósito de conseguir algum meio de sobrevivência. Nada encontrou. Em fins de 1890 foi para o Rio de Janeiro, para novamente tentar trabalho. Lá, passou muitas dificuldades. Aparecia alguma colaboração na imprensa, mas sem maiores perspectivas. Dois anos depois, já casado, os amigos arranjaram para ele o emprego de arquivista na Central do Brasil.

Em 1893, o editor Domingos Magalhães imaginava fomentar algum escândalo publicando textos literários de um filho de ex-escravos e decide quase simultaneamente os livros de Cruz e Sousa *Missal e Broquéis*. As publicações acabaram não provocando a celeuma que o editor sonhava, mas *Broquéis* repercute extensamente. Com ele - diz Andrade Murici - "foi inaugurado no Brasil o Simbolismo e, conseqüentemente, o Impressionismo, em reação ao Parnasianismo e ao Naturalismo".

Tomado pela tuberculose e com a esposa esperando o quarto filho, em março de 1898 o poeta seguiu para Sítio (MG), em busca de clima mais ameno, capaz de lhe restituir a saúde. Chegou muito mal. Faleceu no dia seguinte.

Cruz e Sousa viu publicar apenas *Missal e Broquéis*. Saíram póstumos: *Evocações, Faróis e Últimos Sonetos*, editados por iniciativa dos amigos Nestor Vitor e Saturnino Meireles.

Sua obra completa foi reunida em 1924 e hoje se encontra em décima quarta edição, com mais de duzentos mil livros vendidos. Há edições de seus livros em espanhol e esperanto e antologia contendo seus poemas em francês, inglês e italiano.

Este texto consta do folder publicado pela ECT, em edição nacional, por ocasião da emissão especial do selo alusivo ao Centenário.

etc...

"Arrombaste , Laíla!,", nome da tela de Juarez Machado exposta no MASC, inspirada na crônica de mesmo título de Raul Caldas Filho

A Ilha retratada por Juarez Machado

O mês de março ficará marcado na memória dos catarinenses em 1998. Uma das razões são as comemorações em torno do centenário de morte do poeta Cruz e Sousa. A outra é a primeira exposição de Juarez Machado no MASC. O artista catarinense nascido em Joinville e que mora em Paris, desde 1986 traz a Florianópolis suas visões da Ilha através da mostra "Ilha do Sol". É uma homenagem a Ilha como ele mesmo escreveu: "Com grande honra, faço esta exposição em homenagem à "Ilha" pois, numa noite, bem longe daqui, tive um sonho".

Esse sonho a que se refere o artista é sobre o desprendimento de todas as amarras que ligavam a Ilha ao Continente. Temendo que esse seu sonho virasse realidade, Juarez Machado tratou logo de fazer uma exposição em Florianópolis e homenagear a cidade. Ele termina o texto dizendo: "Penso que o sonho foi um aviso, um alerta e antes que isto aconteça, inspirado na sua rica cultura, tentei pintar a magia da Ilha para bem guardar esse tesouro".

A exposição tem 33 telas em óleo sobre tela, 50 estudos na mesma técnica e mais 120 desenhos em crayon que refletem o universo mágico da Ilha de Santa Catarina. Acompanham a mostra dois livros, um em quatro cores que retrata a coleção exposta na MASC e outro com a reprodução dos esboços. Além disso, tem um CD com texto e imagens de toda a exposição.

Salão Nacional Victor Meirelles tem sua história registrada

O V Salão Nacional Victor Meirelles - uma das mostras de arte mais importantes do País - se despede mas deixa sua história registrada. Em março começa a circular o catálogo da exposição, que revela porque a mostra está sendo considerada a mais rigorosa comparada as de Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e Niterói. O Salão realizado em Florianópolis é o único que seleciona artistas com base na avaliação e observação ao vivo das obras após pré-seleção por meio de fotos.

O catálogo terá 80 páginas coloridas com reproduções de obras dos artistas selecionados, informações técnicas das peças expostas, currículo e endereço. Os exemplares serão vendidos por R$ 10,00 e os recursos serão revertidos à Associação Amigos do MASC. Além do catálogo, a história do Salão catarinense estará sendo contada através de uma página na Internet.

Bibliotecas recebem livros de Cruz e Sousa

As bibliotecas minicipais e estaduais do país terão seu acervo aumentado em quatro títulos sobre Cruz e Sousa. É que para assinalar a passagem do centenário de morte do poeta simbolista catarinense, a Fundação Catarinense de Cultura irá distribuir quatro livros às bibliotecas. São eles: *Poesia Completa*, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, editado durante as comemorações do centenário de *Broquéis*; *Reencontro com Cruz e Sousa*, do jornalista e escritor Uelinton Farias Alves, editado pela Papa-Livro; o fascículo Escritores Catarinenses - Cruz e Sousa e a reedição de *Faróis*.

Ainda Cruz e Sousa

Os livros vencedores do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura de 1996 estão em fase de finalização e serão entregues e distribuidos pela Fundação Catarinense de Cultura a partir de abril. São oito títulos:

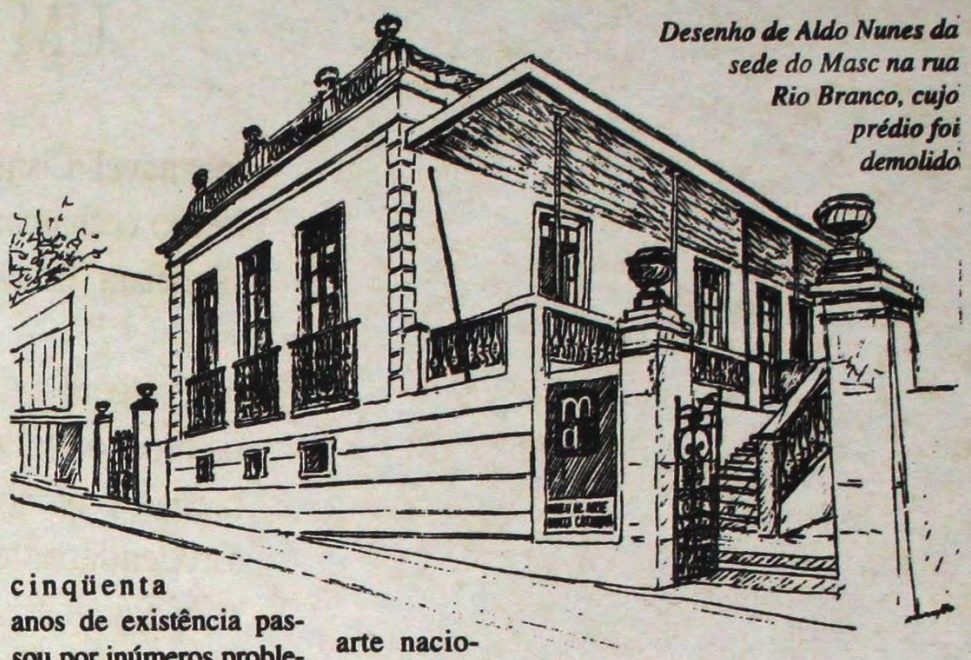
- ***Introdução à Arte de Ser Menino***, Paulo Venturelli, categoria infantil estadual
- ***Contos de Passagem***, Marco Antonio Arantes, categoria conto estadual
- ***Diário Estrangeiro***, Fernando Karl, categoria poesia estadual
- ***Sassafrás***, Vicente Ataíde, categoria romance estadual
- ***Contos***, Ricardo Rao, categoria contos nacional
- ***A Rosa Gótica*** - Nilto Maciel, categoria romance nacional
- ***A Lira da Lida***, Gabriel Nascente, categoria poesia nacional
- ***Oitavo ano***- Primeiro amor, Flávia Savary, categoria infantil nacional

"Poesia Completa", organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, é um dos títulos que será distribuído às bibliotecas

etc...

MASC

ousando há 49 anos



Desenho de Aldo Nunes da sede do Masc na rua Rio Branco, cujo prédio foi demolido

Foi por meio de um entre tantos arroubos de ousadia daqueles jovens intelectuais do Grupo Sul, no final da década de 40, que tudo começou. Contumazes nas atitudes de chocar, polemizar e transformar a pacata tranqüilidade de Florianópolis, Salim Miguel, Ody Fraga, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Hamilton Valente Ferreira, Martinho de Haro, entre outros, reuniam-se em torno do CAM - Círculo de Arte Moderna. A eles juntou-se o escritor carioca Marques Rebelo para promover, entre setembro e outubro de 1948, a Exposição de Arte Contemporânea que verdadeiramente sacudiu a cidade.

Da mostra falou-se bem e mal. "Onde já se viu utilizar o glorioso Grupo Escolar Dias Velho para expor estas besteiras", ou "onde fica a liberdade de criação, de formar para melhor transmitir, no resto do Brasil isto nem é mais novidade". E não era mesmo. Em 47, Chateaubriand havia fundado o MASP; em 48 Matarazzo inaugurava o MAM; no mesmo ano outro Museu de Arte Moderna, este no Rio, surgia. Por que, então, seriam os catarinenses privados de conhecer aquelas "besteiras" que outras partes do país já contemplavam?

Foi a partir da exposição trazida por Rebelo, e com o apoio institucional da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde, que nascia o Museu de Arte Moderna - atual MASC, Museu de Arte de Santa Catarina. Neste mês de março o Museu comemora gloriosos 49 anos e abriga, pela primeira vez, uma exposição de Juarez Machado, artista de Joinville radicado em Paris desde 1986.

Inicialmente instalado no pátio da Escola que abrigou a exposição polêmica, o MASC foi se construindo a partir das doações do próprio Marques Rebelo, do ex-governador do Estado Jorge Lacerda, de Flávio de Aquino, além de obras oferecidas pelos seus próprios autores, como José Maria e José Nery, Aldemir Martins e Santa Rosa. Eram no total 17 obras, das quais 13 permanecem no atual acervo.

Aos poucos o Museu parecia caminhar para a consolidação da idéia. Mas ao longo dos quase cinqüenta anos de existência passou por inúmeros problemas. Desde a ausência de uma sede própria - mudou de local seis vezes - até a precariedade na guarda do acervo. O recolhimento das obras a um depósito por medida de segurança e o desabafo de um casal de visitantes - "encontramos os quadros jogados pelo chão, entre garrafas de champagne. Incrível"- demonstram o quanto foi inconstante a trajetória do MASC.

Somente com a transferência para o prédio do Centro Integrado de Cultura, no início dos anos 80, o MASC passa a dispor de um espaço à altura das intenções que cercaram sua concepção, de acordo com o acervo que hoje abriga e, sobretudo, em respeito aos nomes que construíram a história da arte contemporânea em Santa Catarina.

Em 49 anos, o Museu acumulou um acervo de 1.233 obras que foram doadas e adquiridas. Essas telas, esculturas e instalações retratam a arte catarinense e uma significativa coleção da arte nacional da qual figuram nomes como Di Cavalcanti, Portinari, Volpi, Tarsila do Amaral, Pancetti, Scliar, Iberê Camargo, Tomie Othake, Marcelo Grassmann, Fayga Ostrower. Entre outros nomes, representam a arte catarinense Eduardo Dias, Martinho de Haro, Hassis, Eli Heil, Rodrigo de Haro, Vera Sabino e Suely Beduschi.

Destaques para 98

Todo esse acervo terá prioridade em 1998. Serão organizadas duas exposições que ocuparão os Espaços Victor Meirelles e Eduardo Dias. Uma oportunidade de se conhecer esse vasto acervo e ter acesso a obras de grandes nomes das artes local e nacioal.

Outro destaque para esse ano é o projeto Arte-Educação, que ganhará um espaço apropriado para receber as crianças. Alunos do Centro de Arte (Ceart) da Udesc, farão trabalho de monitoria durante as exposições realizadas no MASC. A primeira acontece na mostra "Ilha do Sol", de Juarez Machado.

"Retrato de Marina", de Pancetti

"Pescados", de Di Cavalcanti, integra o acervo do Museu

UM POETA

Inevitável. Cisne
Negro o chamaram, mal
silenciara. Estavam

livres agora para
os ritos todos, as homenagens
tardias, o piedoso
arrependimento. Descobriam
com algum atraso
num jornal da metrópole
o pequeno necrológio. A ilha
o perdera. Sim, afinal,

seu desaparecimento fôra uma perda.
Grande perda! - Corrigiam
aqueles que há bem pouco
o desprezavam,

o janota preto
filho de gente forra.

Fragmentos de versos ex-
cêntricos acorriam
à memória de todos.
Era preciso fazer alguma coisa.

Talvez um monumento.
- Sim! Um belo monumento!

Rodrigo de Haro

19 SOUZA, Silveira. Os sonetos da Noite. **Ô Catarina**, n.30, Florianópolis, jul./ago 1998. Folha do Centenário: Cruz e Sousa 1898-1998, n.5

FOLHA DO CENTENÁRIO

Cruz e Sousa 1898 - 1998

INFORMATIVO DA COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA - Nº 5

OS "SONETOS DA NOITE"

Silveira de Souza

O interesse de Iaponan Soares pela bibliografia da literatura catarinense e, em especial, pela vida e obra de Cruz e Sousa, me leva a escrever, por solicitação de *Ô Catarina,* esta lembrança a propósito do álbum *Sonetos da Noite*, primeiro resultado de uma idéia de Hugo Mund Júnior que ajudei a concretizar, a partir de 1958.

DESENHO DE HUGO MUND JUNIOR

Nessa época Mund se dedicava essencialmente à xilogravura. Cursava a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, era aluno de Osvaldo Goeldi e costumava passar as férias de fim-de-ano aqui na Ilha, onde também fazia parte do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (Gapf). A nossa amizade vinha de longe, desde os tempos de escola secundária e já havíamos editado *Oásis,* um "jornal" cultural de periodicidade irregular. Sem dúvida este fato contribuiu para que Mund me convidasse a fazer parte de uma editora *sui generis* para os padrões editoriais da época em Floripa: as *Edições do Livro de Arte*. Em tais edições, os textos seriam vinculados, até mesmo subordinados, a um projeto artístico.

É evidente que não tínhamos recursos para edições "luxuosas" e nem era esse o nosso propósito. Usando de recursos relativamente modestos, deveríamos fazer algo numa linha artesanal, sem perder a qualidade artística. O logotipo da editora, um livro e duas goivas cruzadas, sugeria também a utilização fundamental da xilogravura.

Ficou assentado que abriríamos a coleção fazendo uma homenagem a Cruz e Sousa, nosso grande poeta de Santa Catarina e expressão maior do Simbolismo no Brasil. Coube a mim a tarefa de selecionar os poemas. De acordo com a diretriz que acabou prevalecendo durante as discussões sobre o projeto, trabalhei no sentido de realizar antes um "álbum" do que um "livro" e então escolhi sete sonetos dentro de uma linha de "lirismo noturno" do Cisne Negro, tendo como Prólogo um belíssimo trecho em prosa extraído de *Missal.* Mund assumiu o projeto gráfico e criou as admiráveis xilogravuras. Os trezentos exemplares de *Sonetos da Noite* foram impressos numa gráfica de um senhor que era irmão do folclorista Doralécio Soares. Na impressão foram usados diretamente os tacos de madeira das gravuras, destruídos por Mund logo que concluída a edição.

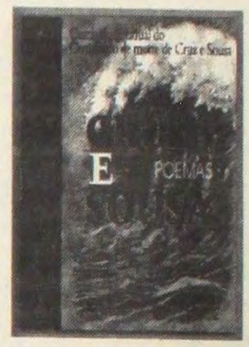
O álbum obteve êxito, ainda que num círculo limitado de leitores. O desembargador Henrique da Silva Fontes, escritor e pesquisador da cultura catarinense, entusiasmado, adquiriu vários exemplares, remetendo-os a amigos e conhecidos do Rio de Janeiro, entre eles Andrade Murici e Carlos Drummond de Andrade, que elogiaram o trabalho. Andrade Murici incluiu-o, mais tarde, na bibliografia de suas Obras Completas de Cruz e Sousa, Editora Aguillar. Diversos publicações cariocas da época reproduziram as gravuras de Mund, cujas únicas cópias se encontram hoje no acervo do Masc.

Em 1988, por iniciativa da professora Zuleika Mussi Lenzi, então Secretária de Cultura de SC, foi tirada uma segunda edição de *Sonetos da Noite*, pela FCC Edições, da Fundação Catarinense de Cultura, com tiragem de mil exemplares e fotolitos da edição original.

Com o sêlo das *Edições do Livro de Arte* foram ainda publicados *O Vigia* e a *Cidade*, contos de Silveira de Souza e *O País do Rosamor*, poemas de Maura de Senna Pereira, ambos impressos na gráfica do professor Antonio Gutierrez e todos ilustrados com xilogravuras de Hugo Mund Júnior.

***SILVEIRA DE SOUZA** - Escritor. Integrou o movimento literário e artístico conhecido como Grupo Sul. Foi um dos fundadores da editora Roteiro e ex-editor-chefe do mensário de arte Boi-de-Mamão. Colaborou com os jornais O Estado, Diário Catarinense e com o caderno de sábado do Correio do Povo. Integrante da Academia Catarinense de Letras.*

Cruz e Sousa nas escolas



Texto leve, de gostosa leitura vai revelar ao estudante catarinense o poeta simbolista Cruz e Sousa. Isso graças ao trabalho da escritora Eglê Malheiros que organizou a edição de "Cruz e Sousa Poemas", e da Comissão Estadual do Centenário de morte de Cruz e Sousa que viabilizou a publicação através da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal. Escolas de primeiro e segundo grau da rede estadual de ensino receberão o exemplar gratuitamente para ser trabalhado em sala de aula. Esse é o primeiro livro paradidático sobre o poeta catarinense. A escritora reuniu poemas, fez um breve roteiro de leitura além de incluir na edição a cronologia e a bibliografia de Cruz e Sousa e sobre ele.

Ensaio vencedor

"Entre o Inefável e o Infando", de Ivone Daré Rabello, foi o ensaio vencedor do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura 1997. O categoria Ensaio integra a premiação pela primeira vez por solicitação da Comissão Estadual do Centenário. O prêmio da FCC é de R$10 mil. Receberam menção honrosa: Yolanda Soares Tridapalli, Enedy Till e Simone Rossinetti Rufinoni. O júri foi composto por Eglê Malheiros, Antonio Carlos Secchin e Gilberto Mendonça Teles.

Reedição de livro clássico

Está em processo de editoração o livro "Cruz e Sousa e o movimento simbolista no Brasil", de Abelardo F. Montenegro. Trata-se de um clássico estudo sobre o poeta catarinense com textos analíticos e biográficos. O contato com pessoas próximas de Cruz e Sousa no final dos anos 30, em Florianópolis, possibilitou que o autor colhesse informações para o seu estudo. O lançamento está previsto para agosto e será uma co-edição da Universidade Federal do Ceará.

Inéditos de Cruz e Sousa

Um projeto antigo que saiu da gaveta e já está nas livrarias é "Desperso, poesia e prosa de Cruz e Sousa", organizado por Iaponan Soares e Zilma G. Nunes. Depois de vários anos de pesquisa, o escritor conseguiu reunir, em mais de 100 páginas, poemas e prosas de Cruz e Sousa que nunca haviam sido publicados em livros, por isso poderiam se perder. De tão raros, alguns até podem ser considerados inéditos. A maioria foi retirada de jornais de Florianópolis e de Itajaí. A edição é da EDUSP e editora Jordano, São Paulo.

Comissão lançará título esgotado

Outro livro que também está previsto para ser lançado até o final do ano é "Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul", de Enedy Till, exemplar esgotado há mais de 10 anos. A nova edição foi complementada com mais quatro capítulos. Esse é mais um título que será lançado por iniciativa da Comissão do Centenário de morte de Cruz e Sousa.

20 MUZART, Zahidé Lupinacci. Resgates de Cruz e Sousa. **Ô Catarina,** n. 31, set/out. 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.7.

FOLHA DO CENTENÁRIO

Cruz e Sousa 1898 - 1998

INFORMATIVO DA COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA - Nº 7

Resgates de Cruz e Souza

Zahidé Lupinacci Muzart

Estamos trabalhando na área de resgate de textos do século XIX há alguns anos, seja em nossas pesquisas pessoais, seja na sugestão de temas a dissertações de mestrado na UFSC. A pedido do Ô Catarina!, venho relatar aos leitores alguns caminhos na edição de Poesia Completa de Cruz e Sousa.

Para celebrar o centenário de publicação de Broquéis e Missal, a Fundação Catarinense de Cultura, na época dirigida por Iaponan Soares, pediu-me que organizasse a reedição da Poesia Completa, Livro que a mesma FCC tinha publicado em 1981 com magnífica introdução da Profª Dra. Maria Helena Camargo Régis. Ao aceitar essa tarefa, nem por sombras imaginava que o prazo dado poderia ser exíguo e que o trabalho se avolumaria por causa da recolha de esparsos e da revisão e comparação com as edições anteriores, sobretudo a de 1961, organizada por Andrade Muricy, em que nos baseamos.

Tendo estudado o seminário O moleque, aproveitei para acrescentar todos os poemas ali publicados sob pseudônimo e que, após análise, havíamos deduzido serem de Cruz e Sousa. Aproveitei, igualmente, para acrescentar o que vários pesquisadores tinham publicado dos esparsos do poeta em periódicos. Para isso, conseguimos em microfilmes, na Biblioteca Nacional, cópias dos jornais em que tais textos tinham sido publicados pela primeira vez para cotejá-los com as transcrições. Assim, transcrevemos poemas descobertos pelo estudioso americano Gerald Moser, pelo Prof. Henrique Fontes, pelo Prof. Guilhermino César, da UFRGS, por Ubiratan Machado, incansável descobridor de preciosidades, pelo bibliófilo e pesquisador Iaponan Soares e sobretudo por Magalhães Júnior que, na terceira edição do livro - marco na bibliografia do poeta - Poesia e vida de Cruz e Sousa, transcreveu uma quantidade apreciável de inéditos. De minha parte, além dos triolés de O Moleque, acrescentei também alguns sonetos.

Além da farta colheita de 89 composições do poeta, entre as quais importantes poemas para o estudo das leituras de Cruz e Sousa, tal como, por exemplo, o poema Decadentes, do acervo de Araújo Figueredo, publicado pela primeira vez em livro na nossa edição, aproveitamos a oportunidade para revisar alguns equívocos da edição do centenário, eliminando um poema que era de Santos Lostada e não de Cruz e Sousa, fato assinalado pelo próprio Muricy, e conservando as maiúsculas no início de todos os versos tal como havia sido feito na primeira edição de Broquéis, publicada em vida de Cruz e Sousa.

Além dos acréscimos de poemas, a edição introduz um novo índice e uma bibliografia. Esta é bastante completa, pois já dispúnhamos de cópia de todos os artigos do acervo do poeta depositado no Arquivo-Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa além de outros textos que fomos coletando paciente e constantemente. O índice, inspirado em Andrade Muricy, traz não só os títulos mas também os primeiros versos de cada poema.

Embora tais poemas sejam todos da juventude de Cruz e Sousa e, segundo alguns leitores, não devessem ser publicados para não "empanar-lhe a glória", julgamos importante com o resgate mostrar o longo caminho da criação do poeta desterrense em que vai transparecer o trabalho da arte: escrever, corrigir, reescrever, eliminar palavras, burilar... Ou melhor, demonstrar o que ele próprio preconizou em Arte: "Busca também palavras velhas, busca/ Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário/ E então verás que cada qual corusca,/ Com dobrado fulgor extraordinário." Assim, as "palavras velhas" da juvenília, vão adquirir sua verdadeira cor nos poemas da maturidade.

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART - Professora do curso De Pós-graduação em Literatura na UFSC. Dirige a Editora Mulheres.

Desenho de Elke Hering retirado da Revista "Continente Sul Sur".

Leitura obrigatória

A última revista *Continente Sul Sur* é especial. Numa bela edição temática sobre Cruz e Sousa, é possível deleitar-se com artigos inéditos de intelectuais reconhecidos nacionalmente. Eglê Malheiros abre a revista com uma apresentação intitulada "Os elos de uma cadeia", onde escreve que *Continente Sul Sur* é um dos pontos altos da celebração do Centenário de Morte de Cruz e Sousa pela qualidade das colaborações e divulgação nacional.

De Santa Catarina participam com textos inéditos o escritor Salim Miguel, Raul Antelo e Zahidé Lupinacci Muzart. Artur da Távola, Regina Zilberman, Paulo Seben, Ivone Daré Rabello e outros integram a edição, que traz reproduções de obras de artistas catarinenses que homenagearam Cruz e Sousa através dos pincéis.

Continente Sul Sur é uma revista em formato de livro editada pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, publica textos em português e espanhol de autores latino-americanos ou de outros países mas que trata de temas do nosso Continente. Sem dúvida, a de número oito é leitura obrigatória para quem quer conhecer o poeta catarinense. A edição traz ainda iconografia, cronologia e poesias em homenagem a Cruz e Sousa de autores como Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens Filho, Alcides Buss, Rodrigo de Haro e outros.

Informações sobre a revista pelo telefone: (051) 311-7299 e 311-7311.

Encontro na UFRJ

Professores da UFRJ ministram um curso, em dezembro, sobre Cruz e Sousa. Essa é uma maneira que a Universidade Federal do Rio de Janeiro encontrou para homenagear o poeta simbolista no centenário de sua morte. Também faz parte da programação uma mesa-redonda que terá a participação da doutora Ivone Daré Rabello. Coordenam o encontro os professores Wellington de Almeida Santos e Alqneno Bastos, ambos do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ.

Acervo pessoal

Estudioso de Cruz e Sousa, Rodrigues Till presta uma homenagem ao poeta catarinense realizando uma exposição com todo o seu acervo pessoal sobre o assunto. Till tem em sua biblioteca todas as edições originais de Cruz e Sousa com exceção de *Tropos e Fantasias*, obra rara que ninguém possui, e *Julieta dos Santos. Missal, Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos e Evocações* serão expostos juntamente com publicações sobre Cruz e Sousa e livros escritos por Till.

Desde 1962 esse intelectual gaúcho costuma realizar mostras sobre escritores. O poeta Alceu Wamosy já foi alvo de cinco exposições produzidas por ele. Esse ano, Till ainda terá publicado pelo Senado o livro *Cruz e Sousa Vítima de Equívocos e Fantasias*, uma edição do autor.

Encerramento do Ano Cruz e Sousa

A Comissão Estadual do Centenário de morte de Cruz e Sousa escolheu o mês de novembro, época do nascimento do poeta, para encerrar um ano de atividades intensas e manifestações em todo o País. Estão previstos para marcar a finalização das atividades correspondentes ao Ano Cruz e Sousa a entrega de medalhas à pessoas que tenham contribuído para a divulgação e para o estudo da obra do poeta simbolista. Em torno de 100 pessoas irão receber diploma, medalha e uma publicação especial com tiragem limitada de um poema. Além disso, ainda está programado o lançamento de uma moeda especial com a esfinge de Cruz e Sousa.

Durante o encerramento, a UBE-SC (União Brasileira de Escritores) se reúne para participar do evento e aproveita a data para tratar de assuntos relacionados com a entidade em Santa Catarina.

Lançamento de livros

● O livro *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*, de Abelardo F. Montenegro, está previsto para ser lançado no mês de outubro em Fortaleza durante a Feira do Livro. O clássico estudo sobre o poeta com textos analíticos e biográficos é uma co-edição da UFC (Universidade Federal do Ceará e FFC (Fundação Franklin Cascaes).

● *Cruz e Sousa em a Companhia Dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense*, de Henrique Fontes, será publicado também no mês de outubro. É uma obra inédita em livro e também leva o selo da FFC.

21 100 anos sem o poeta negro. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Especial

DIÁRIO CATARINENSE

Especial

QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1998

100 ANOS SEM O POETA NEGRO

Vão Arrebatamento

Partes um dia das t
Do teu ser singular, partes
De almas irmãs, cujo esp
Os celestes, divinas

Rasgas terras e céus, im
Dos perigos da vida
Queimar-te o sol que na i
E consóla-te a lua da

Andas por toda a parte, em to
A sedução das almas
Como [illegible] Terra lu

E a sorrir
Ah! Sempre em
Mas em vez d

Cru

Nós, adorada Santa, tu e eu somos, livres, escravizados apenas pelo amor. Bom é agora, neste caso, que eu te conte umas coisas bonitas sobre liberdade e sobre escravidão. Escuta. (À Santa)

Um poeta sonhador no plantão

João do Rio relata uma passagem anedótica ocorrida com Cruz e Sousa na redação do República

"Tu conheceste o Cruz e Sousa pessoalmente? Era um preto de cara pouco expressiva com umas roupas expressivas de manufatura barata já no fio. Pertencera àquela geração de idealistas nascida da misantropia do Dr. Gama Rosa, esse sujeito esquisito e sábio que, governando Santa Catarina, deu uma fornada de literatos ao Brasil. Era paupérrimo. Escrevia as páginas do Missal e as poesias dos Broquéis num quarto pouco asseado da avenida Rui Barbosa; imaginava brancura de lírios, requintes de forma, as voluptuosidades de banhos de leite, à luz vasquejante de um coto de vela - vivia com a fome a roer-lhe a entranha, em pleno esplendor suntuário da imaginação magnífica". (João do Rio, para o Correio Paulistano, de 5 de outubro de 1905)

COMPANHEIROS DE ARMAS: Cruz e Sousa (à direita) em pose com os amigos Virgílio Várzea e Horácio de Carvalho

O poeta Cruz e Sousa, quando ainda residia no Desterro, começou a utilizar, a partir de 1877, os jornais como meio de divulgação de seus trabalhos. Em outubro de 1879, antes de completar 18 anos, ele publicou *Soneto* no periódico *O Artista*, dirigido por Alexandre Margarida. No final de 1880, em outubro e novembro, respectivamente, saem no *A Regeneração* de Félix Siqueira os poemas *Poesia* (oferecido à diretoria da Sociedade Musical Guarani e recitado pelo autor no dia 17 de outubro, na estréia da mesma Sociedade) e *Saudação* (oferecido à Sociedade Fraternal Beneficiente, por conta de um espetáculo a favor das vítimas da inundação do Itajaí). Em 8 de dezembro daquele ano, o *Jornal do Commercio* de José da Silva Cascaes publica o poema *A Imprensa*, que ele havia oferecido também a outros jornais da Capital catarinense.

Em 1881, Cruz e Sousa e seu companheiro de infância Virgílio Várzea, junto com Santos Lostada, fundam o jornal literário semanal *O Colombo*, com uma edição em homenagem a Castro Alves, pelos 10 anos de sua morte. No ano seguinte, como redator da *Tribuna Popular*, participa da "Guerrilha catarinense", uma violenta polêmica literária pró e contra o Realismo. Em março de 1883, uma década antes dos *Broquéis*, são publicados em *O Rebate*, do Rio de Janeiro, os poemas *Supremo Anseio* e *Na Mazurka*. Nos anos seguintes, seus escritos ganham páginas de jornais de outros Estados, como os poemas *Escárnio Perfumado* e *Filetes*, publicados no *A Pacotilha*, de São Luís do Maranhão (20 e 21 de agosto de 1884), e *Metamorfose*, que saiu no *Diário de Belém* (1º de novembro de 1884).

Cruz e Sousa assume, em 1885, a direção de *O Moleque*, título dado ao jornal ilustrado do Desterro, onde ele publicou a maior parte de sua produção inicial, em desafio ao preconceito de cor (um ano antes, a sua nomeação ao cargo de promotor público de Laguna, pelo presidente da província e sociólogo Francisco Luís da Gama Rosa, fora impugnada pelos chefes políticos locais). E quando definitivamente se estabelece no Rio de Janeiro, ao final de 1890, passa a colaborar em periódicos como *Revista Ilustrada*, *Novidades*, *Folha Popular*, *O Tempo*, *Cidade do Rio* (de José do Patrocínio) e *República*, como conta abaixo o célebre cronista João do Rio em reportagem para o *Correio Paulistano*, por ocasião do lançamento dos *últimos Sonetos* do poeta catarinense, em 1905.

(..) Cruz e Sousa, acompanhado de meia dúzia de meninos tolos e de matóides em cueiros, atravessou incólume a blague do jornalismo.

A sua obra começa a ser lida e a ser comentada. Em breve, será integralmente admirada. *Violões que choram* é, entre as páginas de sensibilidade moderna, das mais empolgantes que tenho lido.

O jornalismo abre-lhe espaço por meio de cerradas colunas, e já se preparam nos léxicos os velhos adjetivos do Elogio. O jornalismo! Como é interessante o jornalismo! Cruz e Sousa, para publicar de graça os seus trabalhos, passava os dias inteiros nos jornais. Era tímido, e esperava à porta o redator-chefe. Um dia, fui encontrá-lo sentado na cadeira do continuo, na redação do *República*. Estava triste a sonhar... Como as necessidades apertassem, passou dessa cadeira de espera, à custa de empenho, para a de redator.

Os colegas tinham um medo doido de suas extravagâncias, o gerente bradava: - *seu* Cruz, nada de literatura!

Dois meses depois, resolveram fazê-lo estrear num plantão. O secretário, antes de sair, pediu encarecidamente - comedimento.

- Se houver um incêndio, Cruz, põe por título simplesmente incêndio e nada de descrições. Se for um grande incêndio, apenas grande incêndio.

O secretário saiu e rebentou, não sei mais em que lugar, um formidável fogaréu. Cruz pegou da pena e escreveu: Pavoroso incêndio.

No outro dia, era demitido. Por um erro tipográfico, a notícia saira com este título ultrafantástico: Vaporoso incêndio...

Estás a rir. Eu considero na anedota o seu lado profético. Os gregos e os romanos sempre viveram na ânsia dos mistérios que os pequenos fatos deixam entrever. Esse descuido de revisão explica integralmente o destino de Cruz de ser poeta, ser irreal, sentir o impalpável, viver entre os astros, ébrio de coisas que nós ignoramos. Foi assim que ele morreu, é assim que sua alma vive nos *Últimos Sonetos*.

Tu'alma lembra um mundo inacessível
Onde só astros e águias vão pairando
Onde se escuta, trágica, cantando
A sinfonia da Amplidão terrível!

Toda alma que não seja alta e sensível
Que asas não tenha para ir vibrando
Nessa Região secreta penetrando
Falece, morre, dum pavor indescritível!

É preciso ter asas e ter garras
Para atingir aos ruídos de fanfarras
Do mundo da tu'alma augusta e forte.

É preciso subir ígneas montanhas
E emudecer, entre visões estranhas
Num sentimento mais sutil que a Morte!

(Mundo Inacessível, dos Últimos Sonetos)

DIÁRIO CATARINENSE
Especial

CRUZ E SOUSA

EDIÇÃO, PESQUISA E TEXTOS..... Dorva Rezende
FOTOS E REPRODUÇÕES..... Roberto Scola
DIAGRAMAÇÃO..... Carlos Augusto Cunha da Silva
MONTAGEM..... André Mazzei Lisboa
ARTE..... André Luiz
SECRETARIA GRÁFICA..... Romi de Liz e Célio Klein

As crianças negras, vermes da matéria,/ Colhidas do suplício à estranha rede,/ Arranca-as do presídio da miséria/ E com teu sangue mata-lhes a sede! (Crianças Negras)

Campanha em prol da liberdade

Atuação abolicionista de Cruz

Na adolescência, João da Cruz e Sousa tomou conhecimento da poesia do baiano Castro Alves, em particular os poemas abolicionistas *Vozes d'África* (1868) e *Tragédia do mar - O navio negreiro* (1869). Em 1883, já com 22 anos, encontra o poeta e empresário Moreira de Vasconcelos, diretor da Companhia Dramática Julieta dos Santos, que disse ser Cruz e Sousa "muito odiado em sua terra, pelo fato de ser negro". Como ponto da Companhia, Cruz percorre o Brasil de Norte a Sul. A cada retorno ao Desterro, o acolhimento era mais hotil por parte de seus conterrâneos, dominados por todos os preconceitos duma sociedade escravista.

Em 1884, acontece um fato decisivo no que toca ao seu drama racial. O presidente da província de Santa Catarina, dr. Gama Rosa, como um liberal convicto e num desafio à opinião geral (foi um dos precursores da Sociologia no Brasil), nomeou o poeta negro promotor em Laguna. A reação, por parte dos políticos, foi categórica, e Cruz não pôde assumir o posto.

Se não era bem recebido em sua terra natal, Cruz e Sousa causava sensação em outras paragens. Na Bahia, foi homenageado pelos clubes abolicionista Libertadora Baiana e Luís Gama. O seu amigo Horácio de Carvalho relata que, ao assitir à conferência do poeta num teatro de Salvador, um espectador comoveu-se e ofereceu o dinheiro de que precisasse para ser alforriado. Sem guardar ressentimento, o poeta explicou que, de acordo com a sua certidão de batismo, nascera livre. O mesmo impacto Cruz e Sousa provocou em palestras no Recife e em Fortaleza.

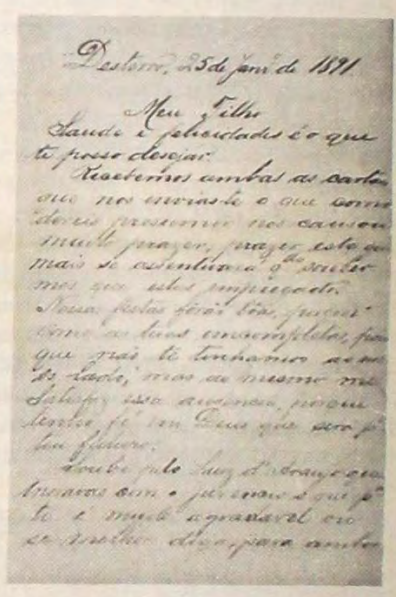
Santa Catarina contava, na época, com abolicionistas ativos. O chefe local do movimento era o coronel Germano Wendhausen, que tinha ainda entre seus pares o sapateiro Manoel Bittencourt (o Artista Bittencourt), Eliseu Guilherme e Antônio Justiniano Estêves Júnior. De volta ao Desterro, em 1885, Cruz e Sousa assumiu a direção de um jornal ilustrado, *O Moleque*, cujo título pareceu a muitos uma insuportável insolência.

A questão racial o perseguiria mesmo após a Abolição, já no Rio de Janeiro, quando os seus companheiros, segundo narrativa de Emiliano Perneta, anunciavam em voz alta o seu nome, para evitar-lhe vexames, ao com ele entrarem em cafés e confeitarias. "Entra, ó Cruz e Sousa! Entra, ó grande poeta!", bradavam, sob o olhar triste do negro catarinense, como quem pensasse: "Que grandes canalhas!"

Apesar de sua atuação abolicionista, até bem pouco tempo escrevia-se que Cruz e Sousa foi um negro branco, indiferente à sorte de sua raça. Humanitarista à Vitor Hugo, libertário ingênuo, como toda a juventude que viveu a propaganda abolicionista e republicana, Cruz e Sousa chegou a ser até um vago simpatizante do Socialismo (conforme se observa numa carta sua a Gonzaga Duque) e um entusiasta do Evolucionismo. Sua criação, baseada no instinto, foi iluminada mais por intuições geniais do que por convicções conscientes. Isso justifica o fato de não ter aproveitado em seus livros as peças de sentido abolicionista prático, geralmente de feição artística inferior, que valem como documentos.

Porém, em vários trabalhos significativos, a antiga condição servil é evocada como uma "velha chaga", secreto estigma da infâmia, sempre em tom soturno e sibilino. E essa chaga aparece no *Emparedado*, ciclópico texto de *Evocações*, em que ressalta o sentimento de humilhação. Entretanto, já na primeira edição das *Obras Completas*, foram incluídos textos como *O Velho Vento* e *Crianças Negras*, que além do seu mérito artístico, é um grito de desolação infinita e de ansiedade ao lembrar-se "Das crianças que vêm da negra noite,/ dum leite de venenos e de treva,/ dentre os dantescos círculos do açoite".

FILHO E MÃE: João da Cruz e Sousa à época em que escrevia textos clamando pelo fim da escravatura em jornais do Desterro. Abaixo, reprodução de uma carta da mãe Carolina, escrava alforriada, para o poeta no Rio



Desterro, 25 de jan de 1871

Meu Filho
Saude e felicidades é o que
te posso desejar.
Recebemos ambas as cartas
que nos enviaste e que como
sempre nos causou
muito prazer, prazer este que
mais se acentuou ao sabermos
que estavas empregado.
Sousa, estas tuas boas
como as tuas amabilidades, fazem
que mais te lembremos a nós
de todos, mas ao mesmo tempo
sabendo essa ausencia, procuramos
alentar-nos em Deus que nos
há de fazer

Carta à Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro

Desterro, 31 de maio de 1887.
Ilmos. Srs.

MENTOR: Castro Alves, motivo de inspiração

Cumpre-me responder ao ofício de Vv.Ss. que me foi dirigido em data de 20 deste mês. Agradecendo, sumamente penhorado, as amabilidades cavalheirosas e distinções que no aludido ofício me fazem, cabe-me a ocasião de cumprimentar, de saudar altamente, com um largo sopro de retumbante clarim de aplauso, a digna e prestimosíssima Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro, à qual Vv.Ss. estão agremiados, pela idéia grandiosa e simpática de promover a libertação dos cativos desta capital. A Sociedade Diabo a Quatro, que ri, que solta a gargalhada do bom humor que abre nos corações de todos, ao sol da idéia, a luminosa e resplandescente febre da alegria, nos curtos dias do seu curto mas pitoresco reinado de galhofa e de crítica - os dias de carnaval - definiu e ampliou ainda mais a alma franca e forte que costuma ter nas festas de Momo, dando a essa alma toda a amplidão serena da liberdade.

Eu faço significar, com toda a lealdade, o meu aplauso a essa estimável corporação, e ponho ao dispor da bela causa dos tristes, não só a minha insignificante e deslustrada pena, não só o meu pequenino préstimo intelectivo, mas todo o meu coração de patrício, que é, para estes casos, o fator absoluto, aberto como um estandarte de paz e democracia. A Sociedade Diabo a Quatro que tenha sempre como divisa de luta este princípio filosófico e político de um economista inglês: "Destruir para organizar". Deus guarde a Vv.Ss.

Cruz e Sousa.

Boca de dentes límpidos e finos,/ De curva leve, original, ligeira,/ Que é feito dos teus sorrisos cristalinos?!/ Caveira! Caveira!! Caveira!!! (Caveira)

Desconforto de uma nova estética

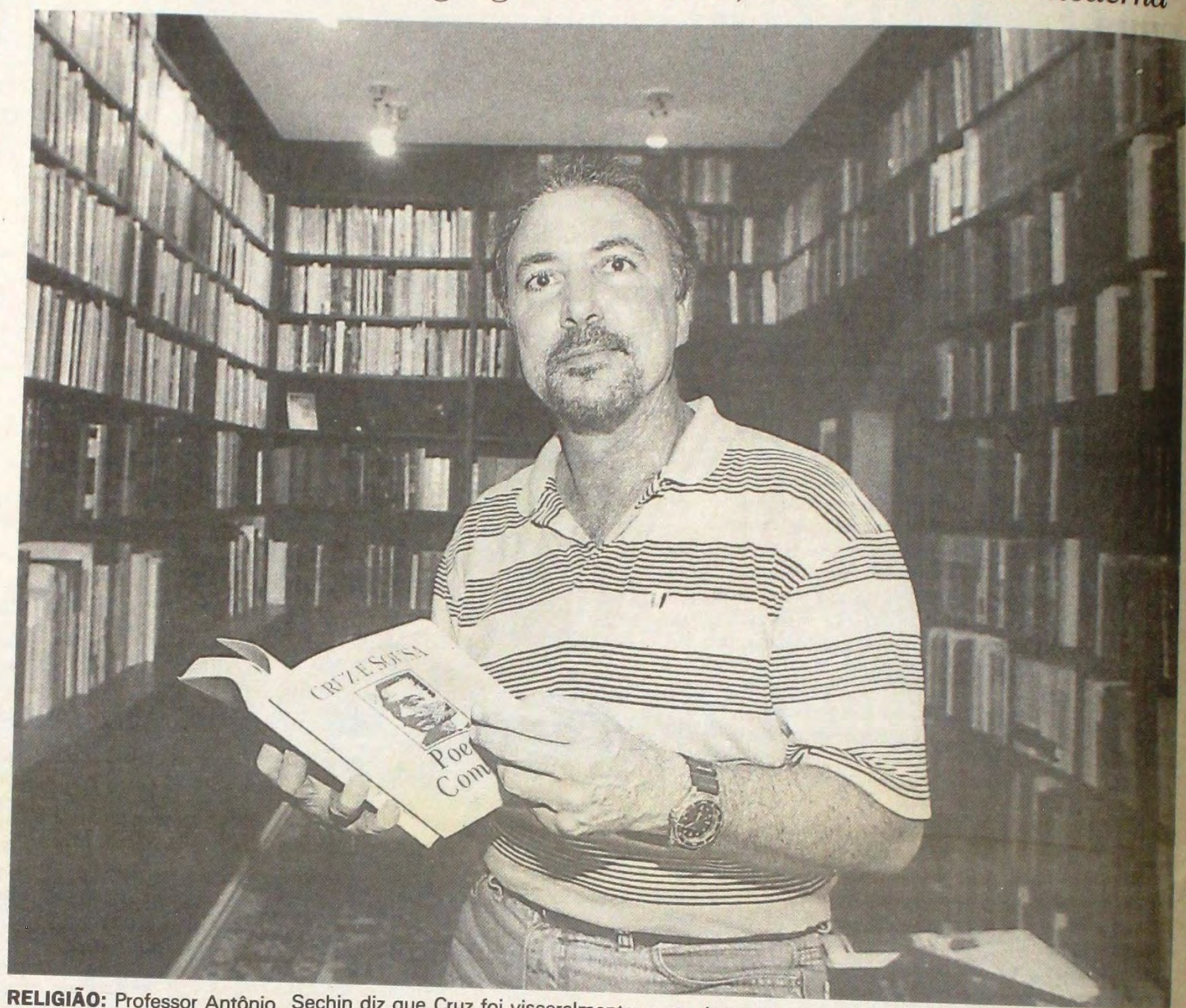
Na obra de Cruz e Sousa há uma inadequação da linguagem à realidade, base da literatura moderna

Que Cruz e Sousa foi uma exceção no panorama literário brasileiro do século 19, poucos ousam discordar. Mas, afinal, quem foi esse João? Qual o sentido e o significado de sua obra? A estas questões, ao longo destes 100 anos desde o seu falecimento, surgiram variadas interpretações. O professor Antônio Carlos Sechin, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj), prefere definir o poeta catarinense da maneira clássica, como um simbolista.

"Existe uma corrente que quer vê-lo como pré-modernista. Isso seria reduzir a complexidade da obra de Cruz e Sousa a alguma expressão do Modernismo. Como se ele precisasse ser alguma coisa a mais para valorizá-lo, como se ele fosse servidor de uma outra estética. Ele cumpriu plenamente a estética a que se propôs, não ficou devendo nada a outras", diz Sechin.

Segundo ele, todo o grande autor sempre dialoga com o moderno, com os contemporâneos. Na sua formação como poeta, ainda no Desterro, o catarinense foi um romântico, foi um realista e foi um parnasiano, ou pelo menos tentou sê-los. "Mas não podemos fingir que ele não foi um simbolista. Ele foi um simbolista e alguma coisa além", afirma Sechin, que define o Simbolismo como um estado de estranhamento com a realidade, em contraponto ao Parnasianismo, que era a euforia, a adequação da palavra à realidade. "Em Cruz e Sousa, há um desconforto, uma inadequação da linguagem à realidade. É um filão, um caminho que boa parte da poesia moderna trilhou. A base é a mesma, a solução é diferente", explica o professor.

De acordo com Sechin, o poeta catarinense procurava através de sua poesia o autoconhecimento. "Por meio do poeta Cruz e Sousa, ele buscava a legitimação social, o resgate e a dignificação do João, explorando o mundo da cor, da sexualidade, da miséria e do lugar social", declara. Sechin, no entanto, afirma que Cruz e Sousa não precisava do álibi de ser negro para ser poeta. "A questão do negro batia fundo no João, que a sentia na carne ou na falta de carne à mesa, o tragédia da pobreza. Quanto ao Cruz e Sousa, ele resolvia esse problema pela sua arte. Não há condicionamento histórico, racial ou político que determine a obra de Cruz e Sousa. Dezenas de pessoas passaram por isso - nasceram na escravidão e receberam educação clássica - e não produziram algo como ele", sustenta.



RELIGIÃO: Professor Antônio Sechin diz que Cruz foi visceralmente poeta, incapaz de produzir outra coisa que não poesia

AMBIÇÃO - Muitos estranham porque o criador do *Missal* e dos *Broquéis*, ambos lançados em 1893, tenha sido solenemente esquecido quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, por Machado de Assis, negro como ele, em 1896. "Eles eram de turmas diferentes. Machado de Assis, na época, era um escritor consagrado nacionalmente e cultuava uma amizade estreita com os parnasianos, como Olavo Bilac. E de certa forma encarava a turma dos simbolistas como apenas um grupo de jovens loucos. Cruz e Sousa era ambicioso, e buscava a sua ascensão como uma espécie de presidente de uma Academia imaginária, metafísica, composta por seus amigos fiéis e seguidores, à frente o paranaense Nestor Vítor, a quem devemos a perpetuação de sua obra", diz.

Antônio Carlos Sechin atribui as dificuldades que Cruz e Sousa enfrentou para sobreviver à sua própria condição de poeta. "Ele era visceralmente poeta, não conseguia produzir outra coisa que não poesia. Foi um funcionário medíocre da Estrada de Ferro Central do Brasil e suas tentativas no jornalismo nunca deram resultado. Cruz e Sousa praticava a religião do verbo e não da verba, e essa religião paga pouco e exige muito", define o professor.

Segundo Sechin, Cruz e Sousa estava à contracorrente da tendência materialista e cientificista que dominou o modo de percepção ocidental a partir de 1880, marcado pelo Realismo, Positivismo e Evolucionismo. Cruz e Sousa não entrava no circuito da época por sua obra ser considerada algo bizarra, uma excentricidade. "Mas o seu culto ao vocabulário mais refinado representa uma consciência mais elitista e superior da Arte e do artista, em um choque com o pragmatismo dos parnasianos e dos realistas. Talvez isso se explique porque o Simbolismo foi o único movimento literário que coexistiu em permanente briga com outro. O Simbolismo não tomou o trono por decrepitude do movimento ou do estilo que o precedeu", diz.

Sechin também afirma que, na produção literária do artista, não é possível dar a mesma importância à sua prosa do que merece a sua poesia. "A prosa de Cruz e Sousa é poesia diluída pela falta de rigor. É algo sem limites, sem parâmetros. Lemos a prosa pelo poeta que ele foi, mas enquanto a poesia dele suporta qualquer comparação com os maiores escritores do século 19, a sua prosa é uma diluição dos nomes que o influenciaram, Baudelaire sobretudo", explica.

55.045

Foi o aumento do número de consultas médicas realizadas nos Centros de Saúde do Município, mantidos os recursos humanos existentes. Um salto de qualidade que representou um aumento de 23% no atendimento à população.

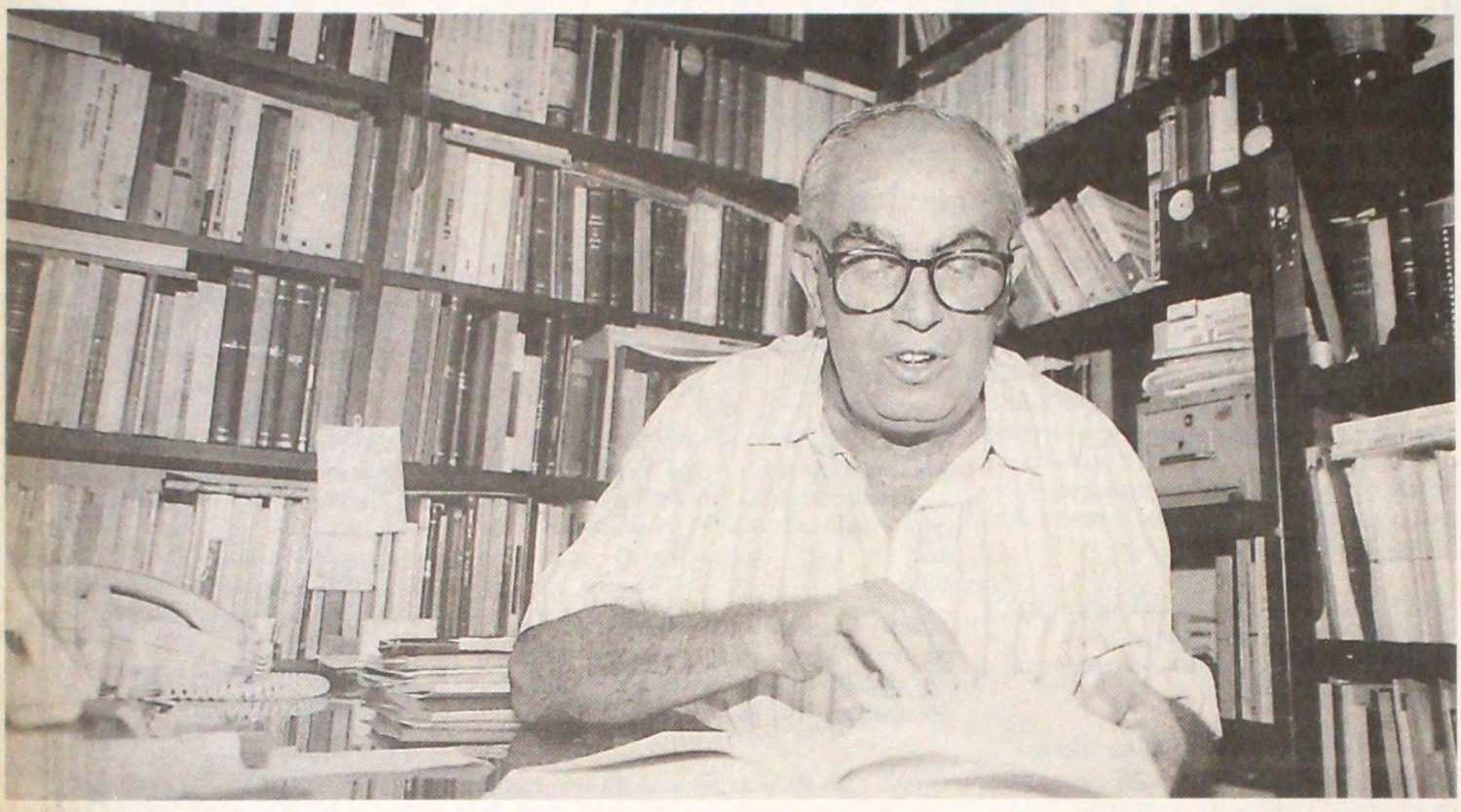
PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS 1 Anº
Trabalhando pela Capital, trabalhando pela Gente.

FLORIANÓPOLIS
CAPITAL DA GENTE

Um sol em sangue alastra, mancha prodigiosamente o luxuoso e largo damasco do Firmamento. Opulentos, riquíssimos esplendores de púrpuras luminosas dão uma glória sideral à tarde. (Angelus)

Transgressão da forma e da norma

Poeta transformou o rígido soneto parnasiano em um polichinelo, contorcendo-o como um boneco



PROVA: Gilberto Mendonça Telles (à esquerda) demonstra que Mário de Andrade chupou de Cruz e Sousa a tese do Prefácio Interessantíssimo, e que Olavo Bilac (acima) se desculpou tardiamente com o catarinense

Muito antes de Leônidas da Silva, o principal jogador brasileiro nas Copas de 1934 e 1938, pensar em calçar chuteiras, Olavo Bilac, o poeta parnasiano brasileiro por excelência, redimia-se com o soneto acima perante o negro catarinense. Cruz e Sousa, ao quebrar a unidade antiga do verso, havia criado algo de novo na literatura nacional. E a crítica, por ser retrógrada, por agir a partir do tempo passado, só foi reconhecer isto após a sua morte.

Morto Cruz, o ensaísta Silvio Romero escreve em 1900 que "nele acha-se o ponto culminante da lírica brasileira após 400 anos de existência". O professor e poeta Gilberto Mendonça Telles, da PUC do Rio de Janeiro, chama a atenção para uma coincidência de datas. "Cruz e Sousa e (Stéphane) Mallarmé morreram em 1898. Mallarmé foi chamado por Roland Barthes de 'o Hamlet da literatura ocidental', ou seja, querendo dizer que depois dele só restava o silêncio. Com Cruz e Sousa é o mesmo. Ele assimilou a poética parnasiana e, por força desua personalidade criadora, inventou uma linguagem, um ritmo, um significado diferente do que existia", afirma.

Para Telles, que faz distinção entre a obra em prosa e em verso do poeta, Cruz e Sousa não só produziu de uma maneira diferente da sua época, como foi o mais completo e um estudioso da poesia, ao pegar a métrica e infundir-lhe uma substância poética inovadora. "Cruz construía versos com palavras isoladas, com substantivos, em ritmo ternário, o que provocou um efeito corrosivo na poética daqueles anos. O que ele criou está na base da literatura moderna brasileira. Antes de morrer, em 1918, Bilac assimilou o seu estilo, descobriu a fraturação do universo, e como que se desculpando pelo que ele podia ter feito pelo Cruz e não fez, na época, escreveu o poema *Diamante Negro* em sua homenagem", diz o professor.

Segundo ele, Cruz e Sousa transformou o rígido soneto parnasiano em um polichinelo, quebrando-o e contorcendo-o como um boneco. Em seu ensaio de 1993, *Do Polichinelo ao Arlequim* (em *A Escrituração da Escrita - teoria e prática do texto literário*, Editora Vozes), Gilberto Mendonça Telles demonstra que Mário de Andrade em seu *Prefácio Interessantíssimo* adotou, embora sem dar crédito, a enumeração da poesia de Cruz e Sousa. "Mário começa o Modernismo chupando Cruz e Sousa. Mesmo que não admitam, a originalidade de Cruz foi incorporada pelos modernistas. A enumeração agradou tanto que se transformou no verso moderno, e isso foi criado por Cruz e Sousa", ressalta Mendonça Telles, acrescentando que restringir o poeta catarinense ao Simbolismo é sufocá-lo a um movimento é maior que sua época. "Ele é muito maior que seu tempo, e continua a emitir sinais poéticos ainda hoje, coisa que não acontece com outros poetas".

Em 1923, Mário de Andrade adquiriu o volume das *Obras Completas* de Cruz e Sousa, editado por Nestor Vítor, e fez várias anotações. Eis algumas delas: "O poeta é escravo das associações - Tem moto lírico inicial (e termina) sob o impulso ondulado das rimas - Enumerações e Bilac - um verdadeiro precursor do dadaísmo - Atingindo o impressionismo mais destrutivo, por meio de sucessões de ideais que se ligam não mais por meio de inteligência, mas muito mais por associações, muitas vezes totalmente subconscientes e pessoais - As idéias nascem das rimas e daí muitas vezes um imprevisto delicioso, desconcertante, eminentemente lírico, mas eminentemente impressionista e destrutivo também. - As enumerações de Bilac já embrionárias, ou antes subconscientes, vêm nos versos de Cruz e Sousa".

E numa carta a Manoel Bandeira, de 1924, Mário confessa ter sido "reacionário contra o simbolismo. Hoje não sou. Não sou mais modernista. Mas sou moderno, como você. Hoje eu já posso dizer que sou também um descendente do simbolismo. O moderno evoluciona". O professor Telles identifica o poema *Marche aux flambeaux*, do *Livro Derradeiro*, como o cordão umbilical que liga o simbolismo à linguagem irônica e humorística dos primeiros tempos modernistas. "Este grande (grande mesmo) poema de Cruz e Sousa, apesar de sua alegoria, de todo um sentido de carnavalização, não temos dúvidas em ver como um verdadeiro manifesto estético e político contra a sociedade brasileira do fim do século. nesse poema domina a sátira ao burguês, que é igualado aos animais numa grande marcha noturna, com archotes e gritos e urros penetrando na história...do Brasil".

E depois de vagar às sátiras de todos,
Na evidência da luz, numa perpétua aurora;
De caminhar ao sol, por tremedais, por lodos,
No tédio do sarcasmo, o tédio que a devora,
Essa marcha afinal penetrará aos urros,
Titânica, sinistra e bêbada, irrisória,
Num caos de pontapés, coices, vaias e murros,
Na eterna bacanal ridícula da História.

(octeto final de Marche aux Flambeaux)

TRIBUTO

Vi-te uma vez, e estremeci de medo...
Havia susto no ar, quando passavas:
Vida morta enterrada num segredo,
Letárgico vulcão de ignotas lavas.

Ias como quem vai para um degredo
De invisíveis grilhões as mãos escravas,
A marcha dúbia, o olhar turvado e quedo
No roxo abismo das olheiras cavas...

Aonde ias? aonde vais? Foge o teu vulto;
Mas fica o assombro do teu passo errante,
E fica o sopro desse inferno oculto,

O horrível fogo que contigo levas,
Incompreendido mal, negro diamante
Sol sinistro e abafado ardendo em trevas.

(Diamante Negro, de Olavo Bilac, 1919)

40
obras em andamento. São ruas sendo asfaltadas e drenadas, muros de contenção, recuperação e construção de canais.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
1 Ano
Trabalhando pela Capital, trabalhando pela Gente.

FLORIANÓPOLIS
CAPITAL DA GENTE

Cruz e Sousa

24/11/1861 - 19/03/1898 Cronologia - Vida e Obra

1861 - Nasce no Desterro, hoje Florianópolis, no dia 24 de novembro. Educado por dona Clarinda Fagundes de Sousa e seu marido, coronel, mais tarde marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, passou a viver, como filho de criação, no solar do casal. Filho de Guilherme, mestre pedreiro, escravo do marechal, que o herdou dos pais, e de Carolina Eva da Conceição, lavadeira, escrava liberta por ocasião de seu casamento, ambos negros puros, tendo recebido o nome do santo do dia, o grande místico são João da Cruz e, como sobrenome, o nome da família do senhor de seu pai, como era freqüente fazer. Batizado em 24 de março de 1862.

1865/1866 - Primeiras letras com a sua protetora dona Clarinda de Sousa.

1868 - Leitura, ao marechal Xavier de Sousa, dos primeiros versos.

IMAGEM: Cruz e Sousa aos 30 anos

1869 - Entra para a escola pública do "velho" Fagundes, irmão de dona Clarinda. Começa a recitar poesias suas, em salões, concertos e teatrinhos.

1870 - Falecimento do marechal Xavier de Sousa.

1871 - Matricula-se no Ateneu Provincial Catarinense.

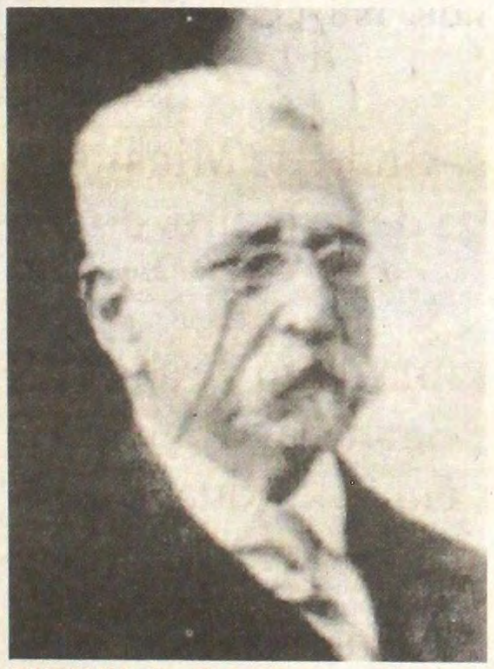
1874 - Em julho, começa a lecionar no Ateneu o eminente naturalista alemão Frtiz Müller (1822-1897), amigo e colaborador de Darwin e Haeckel.

1875 - No fim do ano, Cruz e Sousa deixa o Ateneu, que cursou durante cinco, estudando francês com João José de Rosas Ribeiro, pai do seu grande amigo Oscar Rosas; latim, inglês e grego com o orientalista padre Leite de Almeida, reitor do Instituto; matemática e ciências naturais com Fritz Müller; inglês com Anfilóquio Nunes Pires. "Distinguiu-se acima de todos os seus condiscípulos" (Virgílio Várzea).

1876 - Em outubro deixa o Ateneu o sábio Fritz Müller. Grandes elogios a Cruz e Sousa, e o seu caso apresentado como reforço de suas opiniões anti-racistas. "Este preto representa para mim mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante que vê no negro um ramo por toda parte (talvez; sob todos os aspectos) inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas próprias forças" (carta a Hermann Müller).

1877 - Ensina particularmente, preparando especialmente professores para o magistério público. Versos publicados nos jornais da província.

1881 - Funda, com Virgílio Várzea e Santos Lostada, o jornalzinho literário semanal *Colombo*. Primeira viagem de Cruz e Sousa, "percorrendo todo o Brasil - Norte a



PATRONO: Dr. Gama Rosa, sociólogo

Sul" (Virgílio Várzea), que durou dois anos, acompanhando a Companhia Dramática Julieta dos Santos, como ponto. Adesão à chamada Escola Nova, na realidade o Parnasianismo. Leituras de Baudelaire, Leconte de Lisle, Leopardi, Guerra Junqueiro, Antero de Quental, entre outros.

1882 - Começa a redigir a *Tribuna Popular*. Participa da "Guerrilha Catarinense", violenta polêmica literária pró e contra o Realismo.

1883 - Nomeado presidente da província o sociólogo dr. Francisco Luís da Gama Rosa. Cruz e Sousa regressa do Norte, onde realizou conferências abolicionistas em várias capitais; aproxima-se do presidente Gama Rosa. Publica o folheto *Julieta dos Santos*, escrito em colaboração com Virgílio Várzea e Santos Lostada.

1884 - Deixando o governo, Gama Rosa nomeia Cruz e Sousa promotor de Laguna. O ato foi impugnado pelos chefes políticos, e o poeta não tomou posse. Novamente no Norte. Artigos enviados da Bahia, de janeiro a abril. Homenagem, na Bahia, promovida pela *Gazeta da Tarde* e os clubes abolicionistas Libertadora Baiana e Luís Gama.

1885 - Aparece *Tropos e Fantasias*, em colaboração com Virgílio Várzea. Assume a direção do jornal ilustrado *O Moleque*, título dado em desafio ao preconceito de cor.

1886 - Excursão do Rio Grande do Sul. De volta, encontro com a pianista loura da Praia de Fora, que aparece em várias de suas poesias da época.

1887 - Trabalha na Central de Imigração. Oscar Rosas convida-o a ir ao Rio de Janeiro.

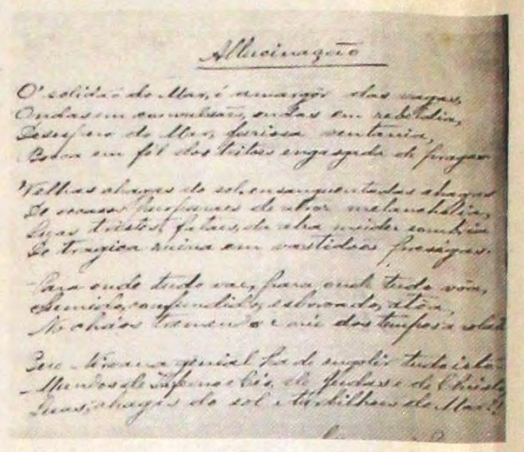
SIMBOLISMO: Capa interna de Missal

1888 - Em breve estada no Rio de Janeiro conhece Luís Delfino, seu muito admirado conterrâneo, B. Lopes e Nestor Vítor. Lê, transmitidas pelo dr. Gama Rosa, obras de Edgar Allan Poe, Huysmans, Sâr Péladan, Villiers de L'Isle Adam e outros.

1889 - Retorna ao Desterro em 17 de março, por não ter conseguido emprego no Rio. Leituras de Flaubert, Maupassant, os Goncourt, Alphonse Karr, Théophile Gautier, Gonçalves Crespo, Cesário Verde, Teófilo Dias, Delfino, Ezequiel Freire, B. Lopes. Duas poesias suas no *Novidades*, em janeiro, antes de sua volta a Santa Catarina. Entusiasmo de Raul Pompéia ouvindo Oscar Rosas ler *Asas Perdidas*, de Cruz e Sousa, no Teatro Lírico, num intervalo de *Aída*.

1890 - Ida definitiva para o Rio de Janeiro, provavelmente em novembro. Colabora na *Revista Ilustrada*, de Ângelo Agostini. Oscar Rosas lança o movimento "Norte - Sul", pela literatura sulina. Colaboração no *Novidades*, de que era secretário Oscar Rosas, em 27 de dezembro. Primeiro empre-

MANUSCRITOS



ALUCINAÇÃO

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,
Ondas em convulsões, ondas em rebeldia,
Desespero do Mar, furiosa ventania,
Boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensangüentadas chagas
De ocasos purpurais de atroz melancolia,
Luas tristes, fatais, da atra mudez sombria
De trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,
Sumido, confundido, esboroado, à toa,
No caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto -
- Mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,
Luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

PIEDADE

O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade
Ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano
Arrojar, através da imensidade,
Tábuas de salvação, de suavidade,
De consolo e de afeto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo
E os olhos fechar à dor do mundo,
Ficar inútil nos amargos trilhos.

É como se o meu ser compadecido
Não tivesse um soluço comovido
Para sentir e para amar meus filhos!

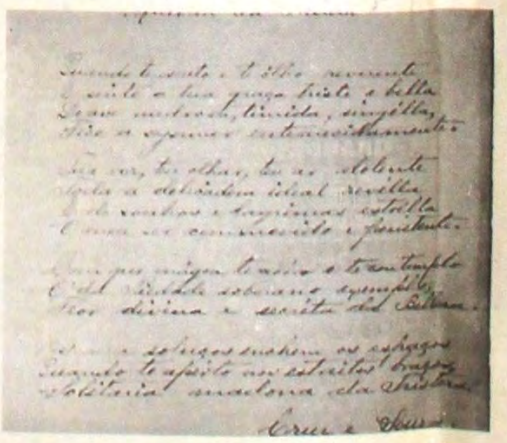
CONCILIAÇÃO

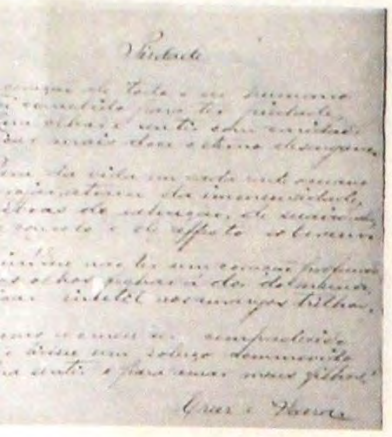
Se essa angústia de amar te crucifica,
Não és da Dor um simples fugitivo:
Ele marcou-te com o sinete vivo
Da sua estranha majestade rica.

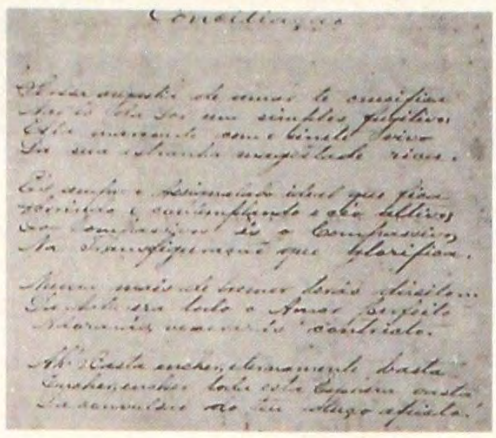
És sempre o Assinalado ideal que fica
Sorrindo e contemplando o céu altivo;
Dos Compassivos és o Compassivo,
Na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...
Da Natureza todo o Amor perfeito
Adorarás, venerarás contrito.

Ah! Basta encher, eternamente basta
Encher, encher toda esta Esfera vasta
Da convulsão do teu soluço aflito!







MADONA DA TRISTEZA
Quando de escuto e te olho reverente
E sinto a tua graça triste e bela
De ave medrosa, tímida, singela,
Fico a cismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente
Toda a delicadeza ideal revela
E de sonhos e lágrimas estrela
O meu ser comovido e penitente.

Com que mágoa de adoro e te contemplo,
Ó da Piedade soberano exemplo,
Flor divina e secreta da Beleza.

Os meus soluços enchem os espaços
Quando te aperto nos estreitos braços,
Solitária madona da Tristeza!

MUDEZ PERVERSA
Que mudez infernal teus lábios cerra
Que ficas vago, para mim olhando,
Na atitude da pedra, concentrando
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fel essa mudez encerra,
Tais demônios revéis a estão forjando,
Que antes te visse morto, desabando
Sobre o teu corpo grossas pás de terra.

Não te quisera nesse atroz e sumo
Mutismo horrível que não gera nada,
Que não diz nada, não tem fundo e rumo.

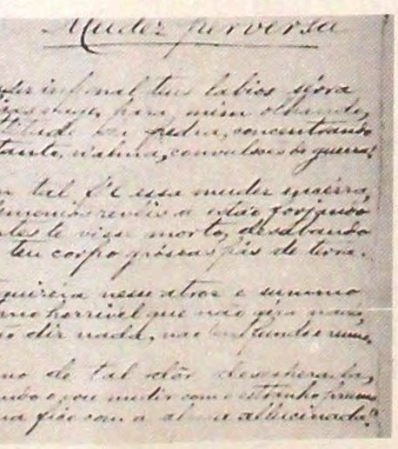
Mutismo de tal dor desesperada,
Que, quando o vou medir com o estranho prumo
Da alma, fico com a alma alucinada!

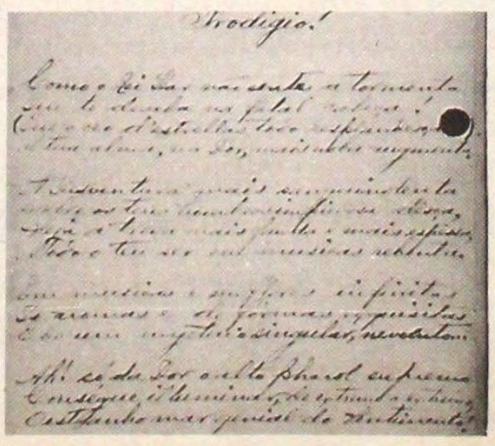
PRODÍGIO!
Como o Rei Lear não sentes a tormenta
Que te desaba na fatal cabeça!
(Que o céu d'estrelas todo resplandeça)
A tua alma, na Dor, mais nobre aumenta.

A Desventura mais sanguinolenta
Sobre os teus ombros impiedosa desça,
Seja a treva mais funda e mais espessa,
Todo o teu ser em músicas rebenta.

Em músicas e em flores infinitas
De aromas e de formas esquisitas
E de um mistério singular, nevoento...

Ah! só da Dor o alto farol supremo
Consegue iluminar, de extremo a extremo,
O estranho mar genial do Sentimento!





Que o pólen de ouro dos mais finos astros/ Fecunde e inflame a rima clara e ardente.../ Que brilhe a correção dos alabastros/ Sonoramente, luminosamente. (Antífona)

go no Rio de Janeiro, proporcionado por Emiliano Perneta.

1891 - Falecimento em agosto, no Desterro, de sua mãe Carolina. Artigos-manifestos do Simbolismo na *Folha Popular*, de que era secretário Emiliano Perneta. Colaborava também em *O Tempo*. Residia na rua do Lavradio, nº 17. Vê Gavita Rosa Gonçalves, também negra, pela primeira vez, em 18 de setembro.

1892 - Colabora na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio.

1893 - Publica, antes de 28 de fevereiro, *Missal* e, em 28 de agosto, *Broquéis*. Casa-se, em 9 de novembro, com Gavita, em plena Revolta da Armada. Nomeado praticante de arquivista da Central do Brasil, em dezembro.

1894 - Promovido a arquivista, com salário de 250 mil réis. Nasce, em 22 de fevereiro, o seu primeiro filho Raul.

1895 - Recebe a visita de Alphonsus de Guimaraens, que veio de Minas Gerais especialmente para vê-lo. Nascimento, em 22 de fevereiro, do filho Guilherme.

1896 - Morte de "mestre" Guilherme, seu pai, em 29 de agosto, com cerca de 90 anos. Em março, a loucura de Gavita (ver *Balada de Loucos*, de *Evocações*, e *Ressurreição*, de *Faróis*) a qual durou seis meses.

AMIGO: Oscar Rosas e Cruz, aos 26 anos

COMPADRE: O paranaense Nestor Vítor

1897 - Pronto para o prelo *Evocações*, que sairá postumamente. Residia na casa nº 48 da rua Teixeira Pinto (hoje Cruz e Sousa, 172), no Encantado. Em 24 de julho, nasce o terceiro filho Rinaldo.

1898 - Morre em 19 de março, de tuberculose, em Sítio, Minas Gerais, para onde partira três dias antes. O seu corpo chegou no dia seguinte ao Rio de Janeiro, num carro de transporte de carne. José do Patrocínio e Nestor Vítor encarregaram-se dos funerais. Foi enterrado no Cemitério de São Francisco Xavier. Aparece *Evocações*, em edição promovida por Saturnino de Meireles. Nasce o filho póstumo, João da Cruz e Sousa Júnior, no dia 30 de agosto.

1899 - Conferência sobre Cruz e Sousa e o Simbolismo brasileiro no Ateneu, em Buenos Aires, do poeta e diplomata boliviano Ricardo Jaimes Freyre, em 28 de agosto. Maeterlinck, em carta a Nestor Vítor, manifesta interesse de lançar o poeta negro na França. O encarregado da tradução dos textos, João Itiberê da Cunha, nunca concluiu o trabalho. Aparece *Cruz e Sousa*, de Nestor Vítor.

1900 - Lançado *Faróis*, em coletânea organizada por Nestor Vítor.

1901 - Morre Gavita, em 13 de setembro, de tuberculose. Dos seus filhos (Raul, Guilherme, Rinaldo e João), dois morreram antes dela e um imediatamente depois. João, o filho póstumo, sobreviveu.

1904 - Inauguração do novo túmulo, encimado por busto de autoria de Mauricio Jubim, em 15 de maio.

1905 - Lançamento em Paris, em edição dirigida por Nestor Vitor, dos *Últimos Sonetos*.

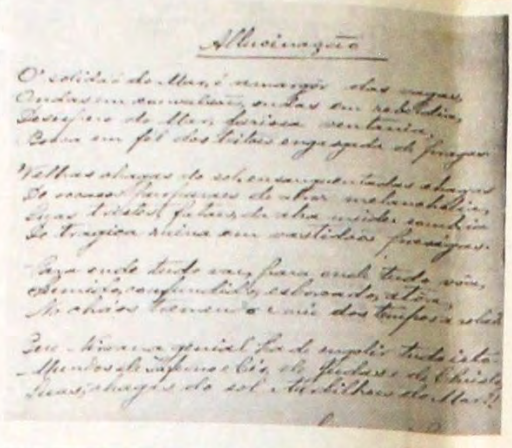
1915 - Morre João da Cruz e Sousa, último filho do poeta, em 15 de fevereiro, de tuberculose pulmonar, como seu pai, sua mãe e seus irmãos. Antes de morrer, ligara-se a Francelina Maria da Conceição, que lhe deu um filho, também póstumo, de nome Sílvio Cruz e Sousa, morrendo atropelada por um bonde dois anos depois. O único neto do poeta foi marinheiro e residiu no subúrbio carioca de Maria da Graça, deixou grande descendência e faleceu em 1955.

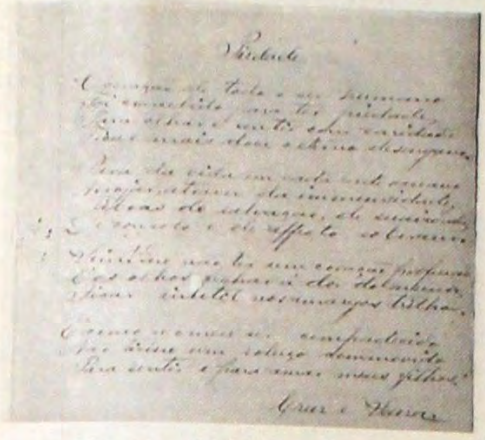
1923 - Em comemoração do 25º aniversário da morte do poeta, aparece a primeira edição de suas *Obras Completas*, organizada por Nestor Vitor. Erigido em Florianópolis, na atual Praça XV, um monumento a Cruz e Sousa, em 7 de abril.

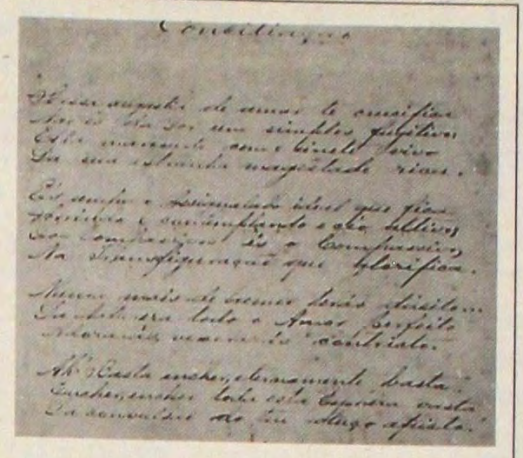
1943 - Destruído pelo tempo o busto de autoria de Maurício Jubim, Nereu Ramos promove a construção do mausoléu definitivo do poeta, cuja concepção e realização ficou a cargo do escultor Hildegardo Leão Veloso. Aparecem, no livro *A poesia afro-brasileira*, os importantes "Quatro estudos sobre Cruz e Sousa" de Roger Bastide.

1952 - Publicação do *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, de Andrade Murici, reunindo farto material do poeta.

1961 - Em comemoração ao centenário de nascimento, a editora Aguilar publica a *Obra Completa*, organizada por Andrade Murici (atualizada em 1995 por Alexei Bueno).







ALUCINAÇÃO
Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,
Ondas em convulsões, ondas em rebeldia,
Desespero do Mar, furiosa ventania,
Boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensangüentadas chagas
De ocasos purpurais de atroz melancolia,
Luas tristes, fatais, da atra mudez sombria
De trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,
Sumido, confundido, esboroado, à toa,
No caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto -
- Mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,
Luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

PIEDADE
O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade
Ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano
Arrojar, através da imensidade,
Tábuas de salvação, de suavidade,
De consolo e de afeto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo
E os olhos fechar à dor do mundo,
Ficar inútil nos amargos trilhos.

É como se o meu ser compadecido
Não tivesse um soluço comovido
Para sentir e para amar meus filhos!

CONCILIAÇÃO
Se essa angústia de amar te crucifica,
Não és da Dor um simples fugitivo:
Ele marcou-te com o sinete vivo
Da sua estranha majestade rica.

És sempre o Assinalado ideal que fica
Sorrindo e contemplando o céu altivo;
Dos Compassivos és o Compassivo,
Na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...
Da Natureza todo o Amor perfeito
Adorarás, venerarás contrito.

Ah! Basta encher, eternamente basta
Encher, encher toda esta Esfera vasta
Da convulsão do teu soluço aflito!

MADONA DA TRISTEZA
Quando de escuto e te olho reverente
E sinto a tua graça triste e bela
De ave medrosa, tímida, singela,
Fico a cismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente
Toda a delicadeza ideal revela
E de sonhos e lágrimas estrela
O meu ser comovido e penitente.

Com que mágoa de adoro e te contemplo,
Ó da Piedade soberano exemplo,
Flor divina e secreta da Beleza.

Os meus soluços enchem os espaços
Quando te aperto nos estreitos braços,
Solitária madona da Tristeza!

MUDEZ PERVERSA
Que mudez infernal teus lábios cerra
Que ficas vago, para mim olhando,
Na atitude da pedra, concentrando
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fel essa mudez encerra,
Tais demônios revéis a estão forjando,
Que antes te visse morto, desabando
Sobre o teu corpo grossas pás de terra.

Não te quisera nesse atroz e sumo
Mutismo horrível que não gera nada,
Que não diz nada, não tem fundo e rumo.

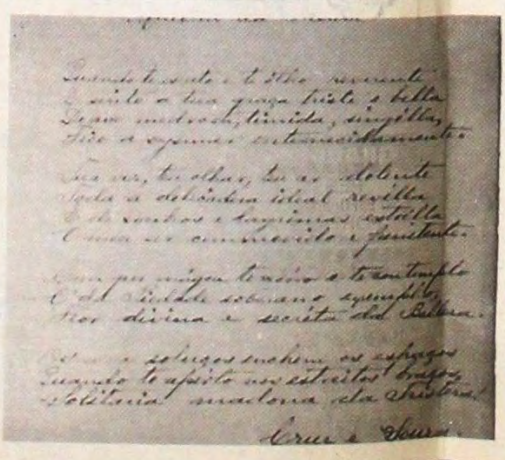
Mutismo de tal dor desesperada,
Que, quando o vou medir com o estranho prumo
Da alma, fico com a alma alucinada!

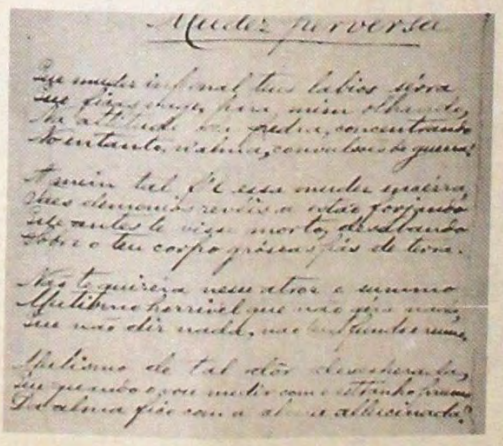
PRODÍGIO!
Como o Rei Lear não sentes a tormenta
Que te desaba na fatal cabeça!
(Que o céu d'estrelas todo resplandeça)
A tua alma, na Dor, mais nobre aumenta.

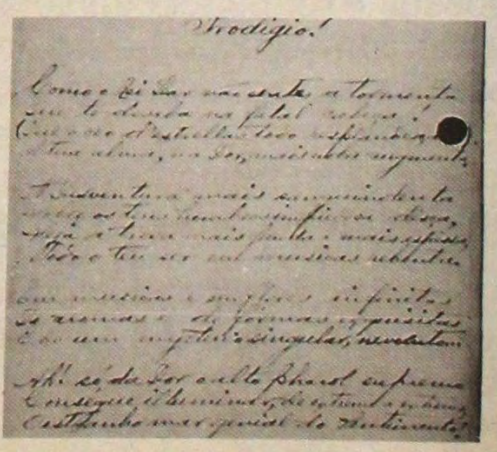
A Desventura mais sanguinolenta
Sobre os teus ombros impiedosa desça,
Seja a treva mais funda e mais espessa,
Todo o teu ser em músicas rebenta.

Em músicas e em flores infinitas
De aromas e de formas esquisitas
E de um mistério singular, nevoento...

Ah! só da Dor o alto farol supremo
Consegue iluminar, de extremo a extremo,
O estranho mar genial do Sentimento!







Eu não pertenço à velha árvore genealógica das intelectualidades medidas, dos produtos anêmicos dos meios lutulentos, espécies exóticas de altas e curiosas girafas verdes e spleenéticas de algum maravilhoso e babilônico jardim de lendas... (Emparedado)

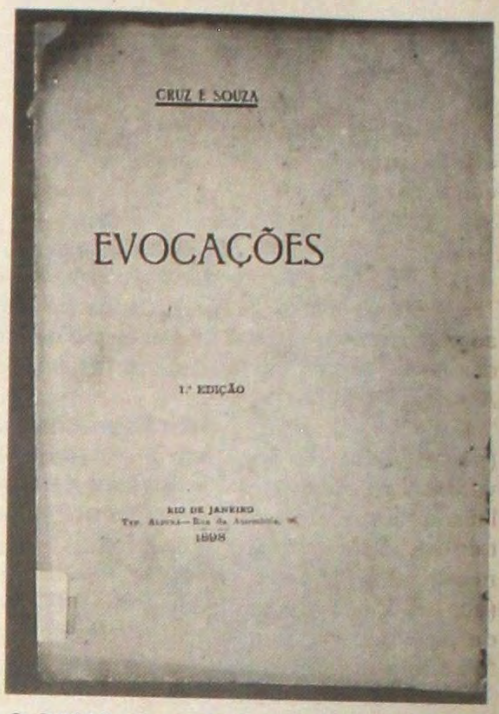
A balada do emparedado Cruz

No final do livro Evocações, o poeta justifica a sua Arte e põe o dedo na ferida da Convenção

SOMBRA: Desenho de Cruz e Sousa feito por Cecília Meireles

João da Cruz e Sousa sentia-se como que preso ao seu tempo, capturado pelo estigma da cor e do gênio incompreendido. Em seu monólogo confessional Emparedado, que fecha o livro Evocações, ele justifica essa impressão, imaginando-se cercado pelas paredes de Egoísmo e Preconceito, de Ciências e Críticas, de Despeitos e Impotências, e a de Imbecilidade e Ignorância.

Banto de origem, Cruz e Sousa era como os de sua nação um homem pacífico, tendo em seu sangue o banzo africano agravado pelo spleen de sua educação à européia, a sensação do tédio e da melancolia, do mal de viver, que Baudelaire lança com suas Flores do Mal, e que ele retoma, embora de uma maneira mais metafísica, mais descarnada, localizando este mal no seu espírito. E com o Emparedado, ele justifica a sua estética, discorrendo sobre política literária e arte, e sobre a sua condição de artista negro, estranho aos seus pares, estranho entre os de sua gente.



O GRITO: Capa de Evocações, de 1898

"Mas, foi apenas bastante todo esse movimento interior que pouco a pouco me abalava, foi apenas bastante que eu consagrasse a vida mais fecundada, mais ensangüentada que tenho, que desse todos os meus mais íntimos, mais recônditos carinhos, todo o meu amor ingênito, toda a legitimidade do meu sentir a essa translúcida Monja de luar e sol, a essa incoercível Aparição, bastou tão pouco para que logo se levantassem todas as paixões da terra, tumultuosas como florestas cerradas, proclamando por brutas, titânicas trombetas de bronze, o meu nefando Crime.

Foi bastante pairar mais alto, na obscuridade tranqüila, na consoladora e doce paragem das Idéias, acima das graves letras maiúsculas da Convenção, para alvoroçarem-se os Preceitos, irritarem-se as Regras, as Doutrinas, as Teorias, os Esquemas, os Dogmas, armados e ferozes, de cataduras hostis e severas."

"Surgido de bárbaros, tinha de domar outros mais bárbaros ainda, cujas plumagens de aborigine alacremente flutuavam através dos estilos."

"O temperamento entortava muito para olado da África: - era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para olado da Regra, até que o temperamento regulasse certo como um termômetro!"

"Assim é que eu via a Arte, abrangendo todas as faculdades, absorvendo todos os sentidos, vencendo-os, subjugando-os amplamente.

Era uma força oculta, impulsiva, que ganhara já a agudeza picante, acre, de um apetite estonteante e a fascinação infernal, tóxica, de um fugitivo e deslumbrador pecado...

Assim é que que a compreendia em toda a intimidade do meu ser, que eu sentia em toda a minha emoção, em toda a genuína expressão do meu Entendimento - e não uma espécie de iguaria agradável, saborosa, que se devesse dar ao público em doses e no grau e qualidade que ele exigisse, fosse esse público simplesmente um símbolo, um bonzo antigo, taciturno e cor de oca, uma expressão serôdia, o público A+B, cujo consenso a Convenção em letras maiúsculas decretara.

Afinal, em tese, todas as idéias em Arte poderiam ser antipáticas, sem preconcebimentos a agradar, o que não quereria dizer que fossem más.

No entanto, para que a Arte se revelasse própria, era essencial que o temperamento se desprendesse de tudo, abrisse vôos, não ficasse nem continuativo nem restrito, dentro de vários moldes consagrados, que tomaram já a significação representativa de *clichés* oficiais e antiquados."

"Muitos diziam-se rebelados, intransigentes - mais eu via claro as *ficelles* dessa rebeldia e dessa intransigência. Rebelados, porque tiveram fome uma hora apenas, as botas rotas um dia. Intransigentes, por despeito, porque não conseguiam galgar as fúteis, para eles gloriosas, posições que os outros galgavam...

Era uma politicazinha engenhosa de medíocres, de estreitos, de tacanhos, de perfeitos imbecilizados ou cínicos, que faziam da Arte um jogo capcioso, maneiroso, para arranjar relações e pretígio no meio, de jeito a não ofender, a não fazer corar o diletantismo das suas idéias. Rebeldias e intransigências em casa, sob o teto protetor, assim uma espécie de ateísmo acadêmico, muito demolidor e feroz, com ladainhas e amuletos em certa hora para livrar da trovoada e dos celestes castigos imponderáveis!"

"Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artísticos da palavra escrita.

Deus meu! por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável!

Mas, que importa tudo isso?! Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre?"

"Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada África, grotesca e triste, melancólica, gênese assombrada de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toa a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!"

"Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do Mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, acumulando pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça."

150
são as unidades
habitacionais em construção do projeto Bom-Abrigo.
PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
1 ANO
Trabalhando pela Capital, trabalhando pela Gente.
FLORIANÓPOLIS
CAPITAL DA GENTE

Mortos e mortos, tudo vai passando,/ Tudo pelos abismos se sumindo.../
Enquanto sobre a Terra ficam rindo/ Uns, e já outros, pálidos, chorando...
(Consolo Amargo)

A morte que chegou na estação

Oscar Rosas, um amigo do poeta, contou que Cruz e Gavita foram expulsos do hotel Amadeu

36 anos, 3 meses e 23 dias. Esta foi a duração da vida do poeta negro, uma curta e difícil vida, iniciada no Desterro em 24 de novembro de 1861. As facilidades, só as teve na infância, no solar patriarcal provinciano do 2º Império. Retirado do porão em que nasceu, foi educado dentro do padrão senhorial da época, luxuosamente vestido, e iniciado nos estudos pela própria sinhá-dona (Clarinda Fagundes de Sousa).

Tinha quatro anos quando o seu protetor, o coronel, depois marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, ao partir para a Guerra do Paraguai (na qual atuou com distinção, tendo Caxias lhe entregado o comando, em Assunção), libertou todos os seus escravos, entre eles "mestre" Guilherme, pedreiro de profissão, pai do poeta (novas pesquisas apontam que mestre Guilherme, na verdade, pertenia à família de Clarinda). A mãe Carolina, lavadeira, já casara alforriada. O primeiro contato dramático com a vida viria aos 9 anos, quando do falecimento do marechal Guilherme, e em seguida, da morte de Clarinda (em 1875, na pobreza). Tudo mudou de repente. Atarefada, sua mãe Carolina corria-o de casa. Ia então, para a Capitania do Porto, onde trabalhava o pai de seu amigo Virgílio Várzea, levando consigo uma lata de sardinhas e um pão, seu almoço e jantar.

Mas as maiores dificuldades enfrentaria já adulto, quando apesar de todo o seu conhecimento e preparo, veria-se condenado a subempregos pela condição de ser negro. No Rio, em seus últimos anos de vida, enquanto produzia as páginas mais importantes de sua magnífica obra, tinha de lutar contra a miséria, sempre a bater à sua porta, e a indiferença. Em carta a Virgílio Várzea, datada de 8 de janeiro de 1889, ele já antecipava o seu destino: "Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez... Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! Procurar ser elemento entre o espírito humano?! Para quê? Um triste negro, odiado pelas classes cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspido de todo lar como um leproso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível!"

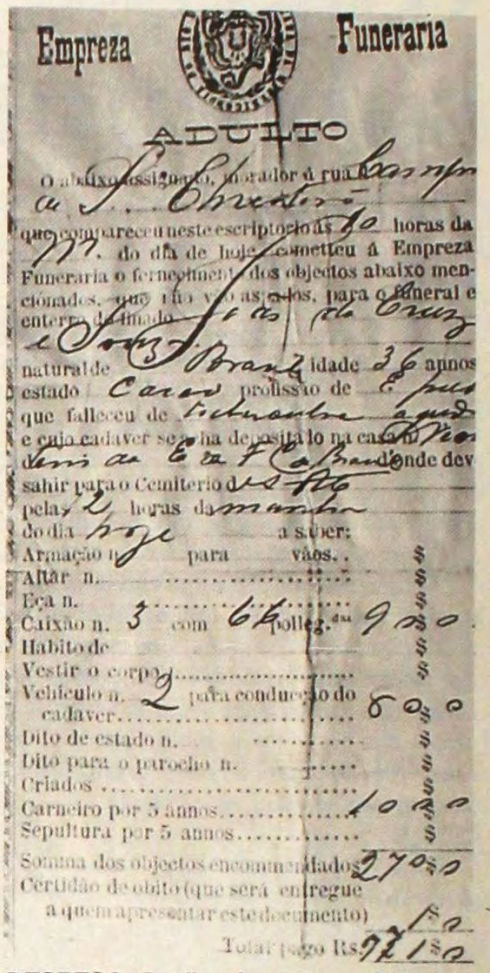
O recurso mais utilizado para garantir-lhe a subsistência, sua de sua família, era recorrer aos amigos. Foram inúmeras as cartas pedindo dinheiro aos seus companheiros. Em 19 de novembro de 1893 (ano em que lançou *Missal* e *Broquéis*), ele escreve pela segunda vez ao seu conterrâneo e poeta Luiz Delfino: "Uma vez que se não dignou responder-me, peço-lhe ainda, apelando para os seus generosos sentimentos de homem, que me sirva, já não direi com a quantia de 300 mil réis, como lhe pedi, mas ao menos com a metade ou mesmo 100 mil réis, pois é bem dolorosa a minha situação neste momento".

Ao sempre atencioso amigo Nestor Vítor, Cruz escreve em 27 de dezembro de 1897, contando sobre sua doença: "Não sei se estará realmente chegando o meu fim; - mas hoje pela manhã tive um síncope tão longa que supus ser a morte. No entanto, ainda não perdi nem perco de todo a coragem. Há 15 dias tenho tido uma febre doida, devido, certamente, ao dessaranjo intestinal em que ando. Mas o pior, meu velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada! Um horror! Minha mulher diz que eu sou um fantasma, que anda pela casa!".

Durante o mês de janeiro de 1898, com a gravidade da doença, Cruz teve que pedir licença de seu emprego como arquivista da Central do Brasil. E sem dinheiro, em fevereiro, teve que se mudar da sua casa para uma outra, na rua Malvino Reis, nº 50, também no Encantado. Em março, decide tentar uma melhora na sua saúde viajando para a estação de Sítio, localizada no município de Bias Fortes, em Minas Gerais, em um clima mais ameno, ficando no hotel Amadeu. Dois dias antes de morrer, escreve a Nestor Vítor pela última vez: "Meu caro Nestor, cheguei sem novidade a 16 deste por 7 horas e meia da manhã desse dia. Fiquei cansadíssimo da viagem. Nada tenho de importante mais a dizer-te. Os remédios tomo-os regularmente. Preciso com muita urgência de dinheiro. Isto aqui é muito agradável. Depois mandarei dizer tudo. Não te esqueças do dinheiro. Lembranças de Gavita. Teu. Cruz e Sousa".

No livro que deve publicar em breve, *Cruz e Sousa, uma trajetória de vida*, pela editora catarinense Papa Livros, o pesquisador Uelinton Farias Alves sustenta, com base em depoimento de Oscar Rosas, que Cruz e Sousa, por ter passado a noite de 18 para 19 de março cuspindo sangue, acabou expulso do hotel, tendo falecido na estação. Seu estado era deplorável, e na ocasião pesava pouco mais de 40 quilos.

LÁPIDE: Túmulo do poeta no cemitério São Francisco Xavier, no Caju. Abaixo, foto do marechal Guilherme, na Guerra do Paraguai

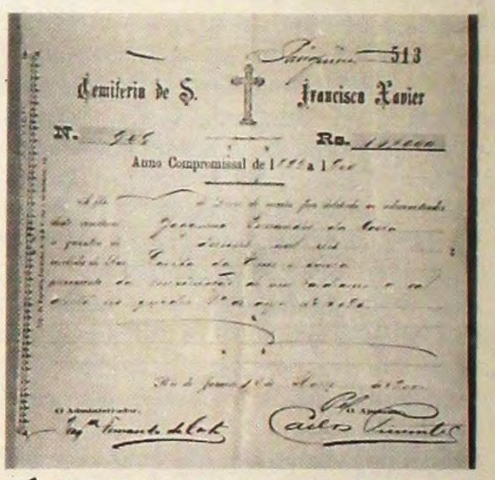

Empreza Funeraria

ADULTO

O abaixo assignado, morador á rua Bom Jesus ... Encantado - que comparece neste escriptorio ás 10 horas da tarde do dia de hoje, commetteu á Empreza Funeraria o fornecimento dos objectos abaixo mencionados, que hão de ir nos mesmos, para o funeral e enterro do finado ... Cruz ... Souza ... Branco ... idade 36 annos ... estado Casado ... profissão de ... Empregado ... que falleceu de ... Tuberculose aguda ... e cujo cadaver será hoje depositado na casa mortuaria ... Rua Senador Eusebio ... donde deve sahir para o Cemiterio ... pelas 2 horas da manhã do dia hoje a saber:

Armação n.	para	vãos.	$
Altar n.			$
Eça n.			$
Caixão n. 3	com 6½	polleg.as	9$000
Habito de			$
Vestir o corpo			$
Vehiculo n. 2	para conducção do cadaver		6$000
Dito de estado n.			$
Dito para o parocho n.			$
Criados			$
Carneiro por 5 annos			10$000
Sepultura por 5 annos			$
Somma dos objectos encommendados			27$000
Certidão de obito (que será entregue a quem apresentar este documento)			Fo
Total pago Rs			27$000

DESPESA: Recibo da empresa funerária


Cemiterio de S. Francisco Xavier

N. 345 Rs. 100$000

Anno Compromissal de 1898 a 1899

FÚNEBRE: Certidão do cemitério do Caju

NOTA

Jornal *O Paiz*, Rio, Domingo, 20 de março de 1898. Nota escrita por Nestor Vítor.

Cruz e Sousa

Faleceu ontem na estação do Sítio, Estado de Minas, o glorioso poeta cujo nome está aureolando lugubremente estas linhas. Era um preto. Foi, no entanto, um intelectual digno e puro, tanto quanto pode ser puro e ser digno um espírito na Arte.

Foi um humilde e foi um simples, sendo um intransigente e um altivo.

Sua maior força vinha da intensidade de seus sentimentos ao serviço de uma poderosa imaginação.

Pertencia à raça dos lutadores, desses que vêm rompendo caminho através de metralhas, porque o que trazem para dizer ao mundo ainda não está dito, porque o que aspiram ainda não está feito, porque o que sentem é sentimento virgem, não é sentimento que já fosse sentido.

(...) Sua obra, essa ainda está por definitivamente julgar-se. A morte veio tirá-lo do presente, veio transportá-lo para o futuro na pura subjetividade de seu ser. Doce poeta, nobre poeta, talvez assim, talvez com esse outro estejas muito melhor.

Destino e tragédia no sobrenome

Família hoje é numerosa no Rio

"Esse é o mal que vem dos Cruz e Sousa, o de penar a vida toda". A frase, misto de desabafo e de resignação, é de Dina Tereza da Cruz e Sousa, 58 anos, bisneta do poeta catarinense. Ela e a filha Maria cuidam da matriarca do ramo carioca da família, dona Herci da Cruz e Sousa, 76 anos, viúva de Sílvio, o filho póstumo de João Júnior, filho póstumo do poeta negro. As três moram numa pequena casa no bairro do Realengo, localizado em uma área militar à saída da cidade, e que a qualquer chuva mais intensa é inundada pelas águas.

"Ninguém tem um emprego decente para a gente se mudar. Todos moram aqui nas redondezas. Na enchente de 1988, nós perdemos os poucos móveis que tínhamos. O que temos hoje é tudo doação", conta a ainda lúcida dona Herci, que criou quase sozinha seis filhos (um homem e cinco mulheres) e a maior parte dos seus 32 netos (bisnetos são outros 27). Seu marido, Sílvio Cruz e Sousa, faleceu ainda jovem, aos 39 anos, de ataque cardíaco, em 1955.

Sílvio foi criado pelo casal Aleixa e Eurico Mancebo, o mesmo que criou o seu pai João (filho mais novo de Cruz), morto aos 17 anos vítima de tuberculose. A mãe de Sílvio, Francelina Maria da Conceição, morreu quando ele tinha apenas dois anos, atropelado por um bonde. Marinheiro, Sílvio pertenceu à guarnição do contra-torpedeiro Mato Grosso, mas acabou sendo expulso da Marinha no final da década de 30, por suspeita de ser comunista. Na verdade, o líder do PCB, Luís Carlos Prestes, foi visto uma vez visitando um "camarada" que, por acaso, era vizinho de Sílvio. Foi o que bastou para ele perder o posto.

Para sobreviver, Sílvio passou a fazer alguns biscates e vender peixe no mercado. "Ele fazia de tudo para sustentar os filhos. Antes de morrer, ele chegou a pegar a mais nova no colo", diz dona Herci, que depois dele se encarregou da manutenção da família. "Eu fazia doces, cocadas, acarajés, sou filha de baianos, e vendia no centro da cidade. Também cantei no teatro, e por causa de um telefonema, perdi a chance de cantar na Europa", revela.

Segundo ela, seu marido quase não falava sobre o fato de ser descendente do poeta Cruz e Sousa. "Ele recebeu uma criação severa, e só pedia aos filhos que estudassem, que respeitassem as pessoas, porque nós tínhamos um nome a ser preservado", diz dona Herci, contando que, mesmo após o casamento, Sílvio recebia uma mesada de Aleixa Mancebo para ajudar no sustento da família e, também, para ir ao teatro e ao cinema. "Ela sempre se preocupou com a educação dele".

Na metade da década de 80, dona Herci viu frustrada a possibilidade de deixar a pequena casa do Realengo para ir morar na residência em que o poeta Cruz e Sousa produziu a maior parte de sua obra, no bairro do Encantado (hoje rua Cruz e Sousa, nº 172). "O governo de Santa Catarina se ofereceu para comprar metade da casa, mas o governo do Rio não providenciou a papelada (tombamento) e a dona quadruplicou o preço e em seguida a demoliu. Nós ficamos sentadas do outro lado da calçada vendo a casa ir ao chão, sem poder fazer nada. Não sobrou nem a águia de pedra, que diziam que o poeta gostava tanto", lembra ela.

De acordo com dona Herci, além da pequena aposentadoria, seu único sustento é um dinheiro que recebe do governo de Santa Catarina, que mal cobre a sua despesa com remédios. "Agora, quando se está comemorando o centenário do poeta, bem que podiam lembrar que ele tem família, descendentes precisando de socorro", sentencia.

MATRIARCA: Dona Herci, hoje com 76 anos, viúva do marinheiro Sílvio (foto menor), pai de toda a descendência do poeta

LOGRADOURO: Placa indicando a rua Cruz e Sousa, onde o poeta morou, no Encantado

ÁGUIA: Pássaro de pedra da casa vizinha à de Cruz e Sousa, que ainda permanece intacta

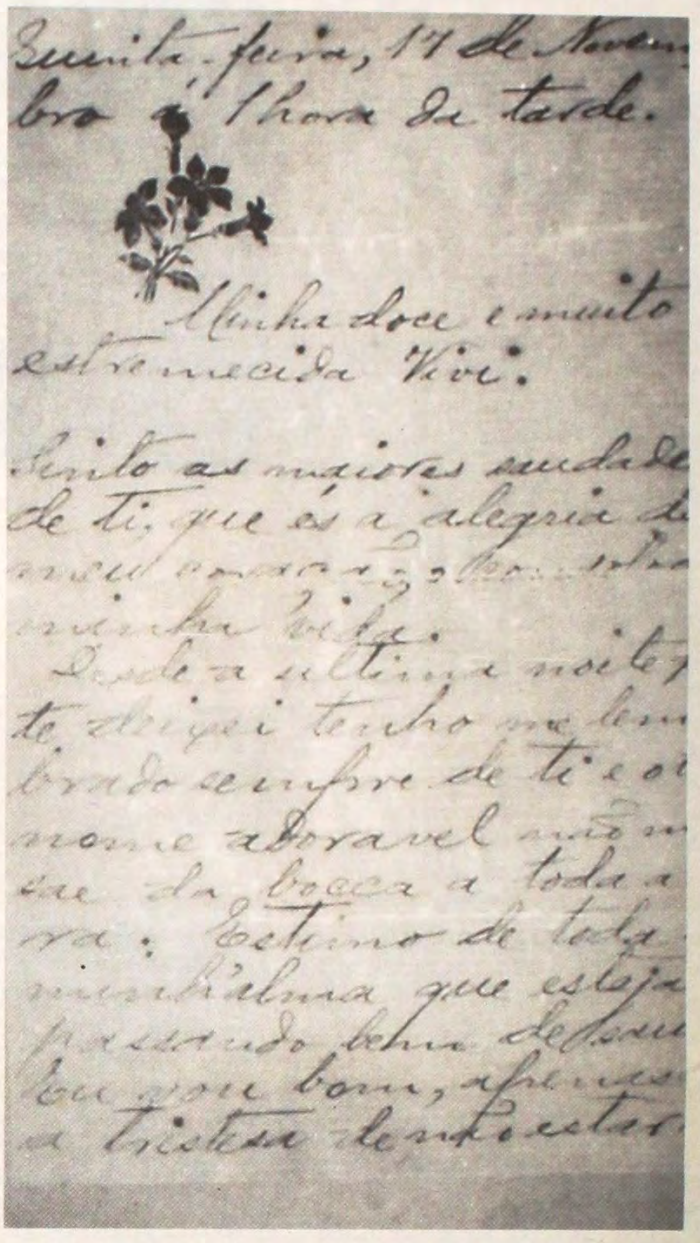
FILHO: João da Cruz e Sousa Jr., em 1911

Veio transfigurada e mais formosa/ Essa ingênua natureza,/ Mais ágil, mais delgada, mais nervosa,/ Das essências da Beleza.
(Ressurreição)

Os amores e a paixão do poeta

Cruz e Sousa amou muitas mulheres, mas devotou seu coração à esposa Gavita, a "Núbia"

MENDES



ALEGRIA: Carta de Cruz a Gavita, de 17 de novembro de 1892

Cruz e Sousa foi um homem de muitas paixões. Mas existiu somente uma verdadeira mulher em sua vida, a adorada esposa Gavita. Eles se conheceram em 18 de setembro de 1891, no cemitério do Catumbi, do qual foi testemunha do encontro João Várzea. Uma preta jovem e expressiva, a "Núbia" de *Faróis*, Gavita Rosa Gonçalves logo cativou o coração do poeta, que passou a dedicar-lhe numerosas e melosas cartas de amor (compiladas por Zahidé Lupinacci Muzart, no livro *Cartas de Cruz e Sousa*, da editora Letras Contemporâneas).

Como esta, datada de 31 de março de 1892: "Estar junto de ti, eu, que nunca dei o meu coração assim a ninguém, tão apaixonadamente, como te dei a ti, é para mim ser muito feliz. Quando estou a teu lado, Gavita, esqueço-me de tudo, das ingratidões, das maldades e só sinto que os teu olhos me fazem morrer de prazer". Ou esta, escrita na noite de um terça-feira, 20 de setembro do mesmo ano, quando já estavam noivos: "A todas as horas o meu pensamento voa para onde tu estás, vejo-te sempre, sempre e nunca me esqueço de ti em toda a parte onde estou. És a minha preocupação constante, o meu desejo mais forte, a minha alegria mais do coração. Amo-te, amo-te muito, com todo o meu sangue e com todo o meu orgulho e o meu desejo poderoso de unir-me a ti, viver nos teus braços, protegido pela tua bondade pura, pelas tuas graças que eu adoro, pelos teus olhos que eu beijo. No momento em que te escrevo sinto uma grande falta deti. Só, no meu quarto, eu só possuo, para consolar-me o teu retrato. Mas é muito pouco. Eu te queria a ti, em pessoa, para te apertar de abraços, pedindo a Deus para abençoar o nosso amor..."

O casamento aconteceria no dia 9 de novembro de 1893, após o lançamento da prosa de *Missal* e das poesias dos *Broquéis*, os livros que inauguraram o Simbolismo brasileiro. Em seguida, viriam os filhos, Raul, Guilherme, Rinaldo e João (este último nascido cinco meses após a morte de Cruz e Sousa). Mesmo durante a crise de loucura de Gavita, que durou seis meses em 1896, o poeta foi-lhe fiel, tendo escrito nesse período as obras-primas *Balada de Loucos*, que saiu em *Evocações*, e *Ressurreição*, publicado em *Faróis*.

Após a morte do poeta, coube a Gavita o papel de escrever aos amigos de Cruz pedindo-lhes dinheiro ou auxílio, como na carta resposta de Nestor Vítor, colocando-se à disposição para ajudar no tratamento do pequeno João Júnior, seu afilhado, acometido de variola. Gavita morreu em 13 de setembro de 1901, do mesmo mal que matou seu marido e mataria seus filhos, a tuberculose.

No Desterro, Cruz e Sousa cultivou algumas paixões, correspondidas ou não. Sabe-se que ele mantinha um interesse pela irmã mais nova de seu amigo Virgílio Várzea, Amélia. Em 1885, esteve noivo, parece, de uma preta chamada Pêdra Antióquia da Silva (noivado desfeito quando o poeta mudou-se para o Rio). Cruz também flertou com a atriz Julieta dos Santos, cuja Companhia Teatral acompanhou como ponto. Ao voltar de uma viagem ao Rio Grande do Sul, apaixonou-se pela "pianista loura da Praia de Fora". O pesquisador Uelinton Farias Alves, no entanto, duvida da existência dessa figura. "Por falar alemão e italiano, ele mantinha contatos com famílias de imigrantes. Mas não há nada que sustente esta história. Para mim, é mais uma das lendas em torno do Cruz", diz ele.

No entanto, o amigo Nestor Vítor, na sua comovida "Introdução" à edição das obras do poeta em 1923, escreveu que "Cruz e Sousa tivera outros amores, capazes de envaidecer qualquer homem de sua cor cuja dignidade íntima não o colocasse acima de tal sentimento só por questão de epiderme".

2.576

gestantes receberam kits do Programa Capital Criança e 2.743 recém-nascidos foram cadastrados e atendidos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS 1 Anº
Trabalhando pela Capital, trabalhando pela Gente.

FLORIANÓPOLIS
CAPITAL DA GENTE

Há um outro número que a Prefeitura Municipal de Florianópolis não poderia deixar de lembrar :

100

Homenagem da Capital da Gente
no centenário da morte
do poeta catarinense
Cruz e Sousa, filho de Florianópolis
e símbolo da nossa história.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

1 Anº

Trabalhando pela Capital, trabalhando pela Gente.

FLORIANÓPOLIS
CAPITAL DA GENTE

22 O CENTENÁRIO do poeta transgressor. **Diário Catarinense**, memória, p. 4

TUBARÃO E AVAÍ ABREM A DECISÃO DO TURNO

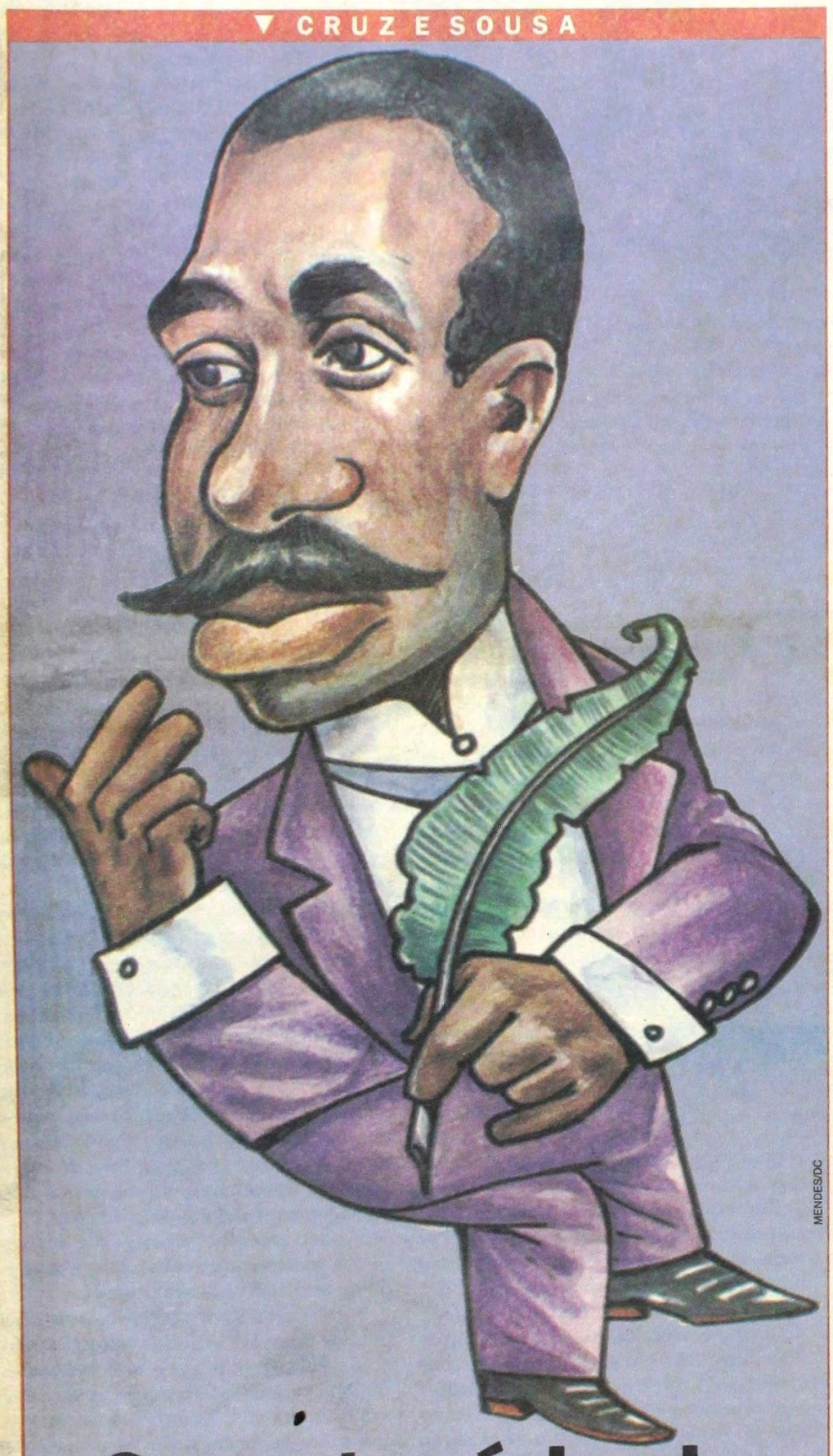
☐ PÁGINAS 54 e 55

DIÁRIO CATARINENSE

☐ANO XII☐N°4358☐SC☐QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1998 ☐R$ 1,00

22

▼ CRUZ E SOUSA



MENDES/DC

O centenário do poeta transgressor

☐ PÁGINA QUATRO E CADERNO ESPECIAL

FALTA LUZ EM MAIS DE 60 CIDADES DO ESTADO

Blecaute causado pelo desligamento de duas linhas de transmissão de energia atingiu Vale do Itajaí e o Norte

☐ PÁGINAS 26 e 27

JAKSSON ZANCO/DC/Joinville

CONTROLE: Central da Celesc registrou áreas de Joinville que ficaram sem energia

ÉTICA
Assembléia vota hoje seu código
▼
6

Quer ir pra Walt Disney World®?
O DC leva você!
LIGUE 1699

Origens
Capítulos da história de Florianópolis.

UMA NOVA FORD NA ILHA. AGUARDEM !

22a RAMOS, Sérgio da Costa. Cem anos de Escuridão: Cruz, o acrobata da dor. **Diário Catarinense**, memória, p. 4.

PÁGINA QUATRO

22

MEMÓRIA

Cem anos de escuridão. Cruz, o acrobata da dor

No centenário da morte de Cruz e Sousa, SC tenta resgatar a imagem de glória eterna do poeta negro

Sérgio da Costa Ramos
COLUNISTA DO DC

O biólogo-naturalista Fritz Muller, colaborador de Darwin, precursor da Ecologia, protestante e desafeto dos jesuítas do Liceu Catarinense, aceitara aquela cátedra no Desterro, vindo da Colônia Blumenau, só para ganhar alguns trocados e substituir professores mortos num surto de peste bubônica.

Resignado, o mestre não esperava obter, entre as parcas compensações daquele emprego, a surpreendente convivência com um pequeno negro, um de seus alunos mais inteligentes. Tão inteligente que Muller escreveu sobre ele ao irmão Hermann, em Hamburgo: "Entre os meus alunos deste ano (1874), o melhor, de longe, é um preto de puro sangue africano. Compreende com facilidade e tal ânsia de aprender como aqui nunca encontrei, e que é rara mesmo aí em nosso clima ameno. Esse preto representa para mim mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante, que vê no negro um ramo por toda a parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional. Conheço, entre pretos, uma quantidade de fisionomias nobres e expressivas, como dificilmente se encontraria entre caucasianos (...)"

Se o próprio colaborador de Darwin se declarava surpreso com as habilidades do negrinho, imagine-se o grau do preconceito vigente na Desterro daquela segunda metade do século XIX. A admiração de Muller, revelada em *O Sábio e a Floresta*, de Moacyr Werneck de Castro, deixa entrever que o aluno negro do naturalista era ninguém menos do que João da Cruz e Sousa, aos 13 anos.

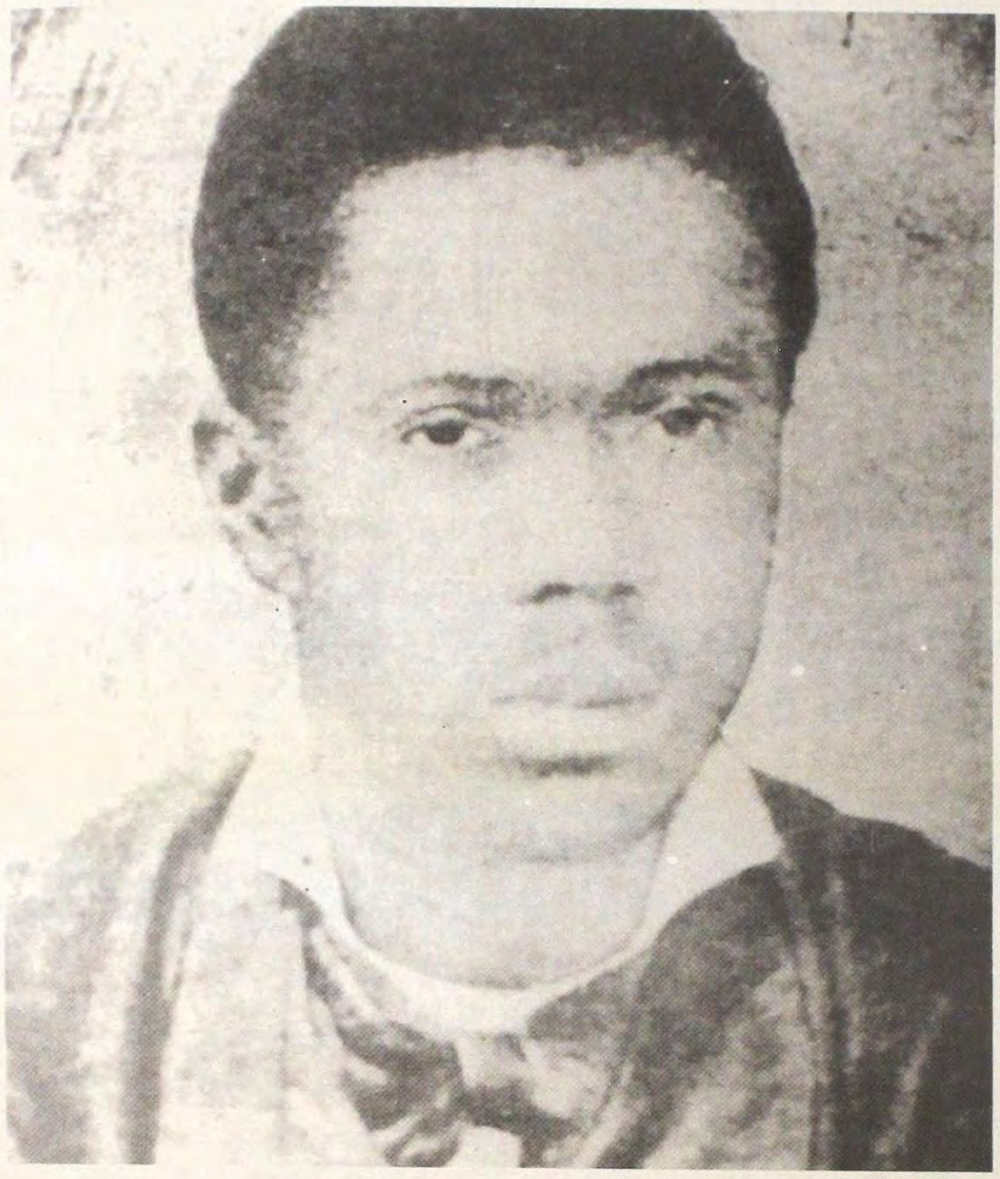
O caldo de cultura em que Cruz viria ao Mundo, em 1861, impregnava-se de tal preconceito racial que as teorias evolucionistas de Darwin soariam caricatas, servindo apenas para nivelar símios e negros. Que ambiente teria na província esse negro filho de escravos alforriados, que adotou o sobrenome do patrão, o Marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa? Um negro que, mais do que alfabetizado, ousava escrever, cometia versos? Um negro debruçado sobre a literatura européia, campo do conhecimento privativo dos intelectuais brancos? Quem haveria de apoiar um *intelectual* negro?

Antes de ser um "cidadão", Cruz e Sousa era um negro. Metido a jornalista. Impedido de ser promotor na Laguna, "para não provocar desassossegos sociais". Rompeu os cordões com a província, engajou-se a uma companhia teatral, viajou o país, o coração já pulsando pela causa abolicionista.

Voltou a Desterro para pedir aos amigos "cartas de recomendação", com as quais se apresentaria na Corte. Um dos "recomendados" foi o senador por Santa Catarina e romancista carioca Alfredo D'Escragnolle Taunay, um abolicionista não muito entusiasmado. Taunay recebeu o poeta negro no alpendre de sua casa, sequer o convidou a entrar. Cruz queixou-se em carta ao deputado estadual Germano Wendhausen, seu amigo: "O senador Taunay sequer me convidou a entrar, procedimento esse que me autoriza a não mais voltar à casa de tal senhor. Embora precise fazer carreira, não necessito, porém, ser maltratado."

Seu ordálio estava apenas começando. Foi esnobado no Rio por realistas e parnasianos, intelectuais como Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Medeiros e Albuquerque - e o já citado Taunay. Não conseguia um emprego decente para alimentar sua amada Gavita e os quatro filhos.

Missal, em prosa, e os versos marcantes como ferro em brasa de *Broquéis*, acenderam em 1893 na Capital da República a chama do talento e do gênio do simbolista brasileiro, que desde 1888 conhecia a obra dos europeus - Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, Stephan George. Com *Broquéis*, inspira respeito e deslumbramento, mas não um emprego digno. Continua discriminado como arquivista da Central do Brasil, subempregado com subsalário.



REPRODUÇÃO DC

IMORTAL: Cruz e Sousa aos 22 anos. Via crucis sem fim do maior herói literário de SC

Vivia da caridade dos amigos florianopolitanos, entre eles Virgílio Várzea - e da devotada solidariedade que lhe dedicava o crítico literário Nestor Vítor, responsável pelo resgate de sua obra, e pelo parco consolo material que sua família pôde experimentar, até que lhe sobreviessem desgraças sucessivas, na última década do século. Morrem-lhe os pais e dois filhos, a mulher enlouquece. A poesia de Cruz se equilibra no trapézio do sofrimento, como no soneto *O Acrobata da Dor*, em seus tercetos finais:

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Reteza os músculos, reteza!
Nessas macabras piruetas de aço...
E embora caias no chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço

Depois desses cem anos de escuridão, seu Estado natal e o Brasil continuam devendo ao sublime poeta uma redenção completa. Agora mesmo a memória dele estará ausente da Feira do Livro de Paris, em abril, sendo o Brasil o convidado especial e principal expositor. Inauguraria a França uma Feira semelhante no Brasil sem enaltecer a memória de um Baudelaire, um Verlaine, um Mallarmé, um Rimbaud? Foi o sociólogo e crítico francês Roger Bastide quem deu ao poeta catarinense estatura universal, enaltecendo-lhe a obra na Europa. Para o Brasil, ao que parece, Cruz ainda precisa escalar o próprio nome, *via-crucis* sem fim.

Santa Catarina deu a um palácio Art-Noveau o nome do seu maior herói literário - o que não é muito, mas é alguma coisa. Neste centenário o Estado começa a purgar um milésimo de sua secular indiferença, ainda sob o impacto da lembrança de um cadáver sem esquife, mortalha acomodada num vagão de cavalos. Foi assim que chegou ao Rio, a bordo desse trem-fantasma, o corpo do poeta falecido de tuberculose na estação mineira de Sítio, em 19 de março de 1898.

O poeta sempre teve luz própria. Sobreviveu à própria dor e ao ostracismo da morte. Sua obra é imortal e hoje são os seus pósteros, catarinenses e brasileiros, que inauguram um novo século para curar-se da dor de não ter dado a Cruz, o que de Cruz sempre foi: a glória eterna.

Veja caderno especial nesta edição

PROGRAMAÇÃO

HOJE

☐ Sessão solene no Senado. Proposição de Esperidião Amin. "Se a obra de Cruz e Sousa se transfigurou no tempo, devemos nós, seus admiradores, ajudar a propagá-la com todo nosso empenho", disse o senador

☐ **Recital de poemas de Cruz e Sousa no CIC**

☐ Palestra do escritor Carlos Nejar na Academia Catarinense

☐ **Exposição Homenagem a Cruz e Sousa, no Espaço Cultural da sala de Exposições do Arquivo Público de SC, às 14h30min**

☐ Exposição *Cem Anos Sem Cruz* no Museu de Arte de SC *

☐ **Lançamento nacional de Selo Po** *

☐ Sessão Solene na Academia Catarin *

☐ **Lançamento da edição fac-sim Faróis, de Cruz e Sousa, em co-ediç com o Ateliê Editorial ***

☐ Lançamento do livro Arrastão, de Almiro Caldeira, pela Fundação Catarinense de Cultura *

☐ **Descerramento da placa em homenagem ao poeta ***

☐ Lançamento do livro Cruz e Sousa - Além do Horizonte da Poesia, de Sérgio Mibielli *

* Eventos a partir das 19h no CIC, Florianópolis

23 CRUZ e Sousa: 90 anos sem o gigante do simbolismo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de mar, de 1988. Número Especial.

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

23

CRUZ E SOUSA
90 anos sem o gigante do simbolismo

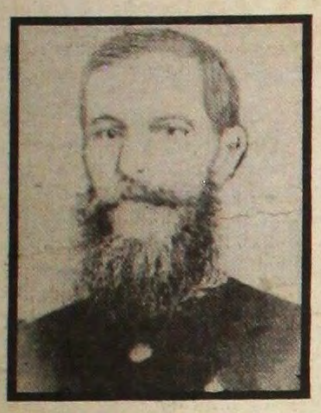
DC

ESPECIAL

DOMINGO, 20 DE MARÇO DE 1988

Especial

Cisne Negro voa da senzala ao palco



Os pais de Cruz e Sousa eram escravos do marechal Guilherme Xavier de Sousa e foram libertados quando ele foi para a Guerra do Paraguai. Dona Clara, esposa do militar, não teve filhos: cuidou da primeira educação do poeta

Padre Paiva batizou o poeta, que tinha grande estima por ele. O padre, além de jornalista e intelectual, foi político de grande atuação. Presidiu a Assembléia Provincial.

Cruz e Sousa nasceu em Desterro, atual Florianópolis, e morreu de tuberculose, aos 37 anos. Filho de escravos, teve ótima educação intelectual. Leu Baudelaire, Zola, Flaubert e outros. Renovador da poesia, foi um dos grandes poetas do simbolismo. Sua obra é marco da literatura brasileira. Em 1877, os pais já libertos - pedreiro e lavadeira -, exibia-se em palcos lendo poemas. Sua elegância no vestir, a pretensão intelectual e a cor causavam forte antipatia na província.

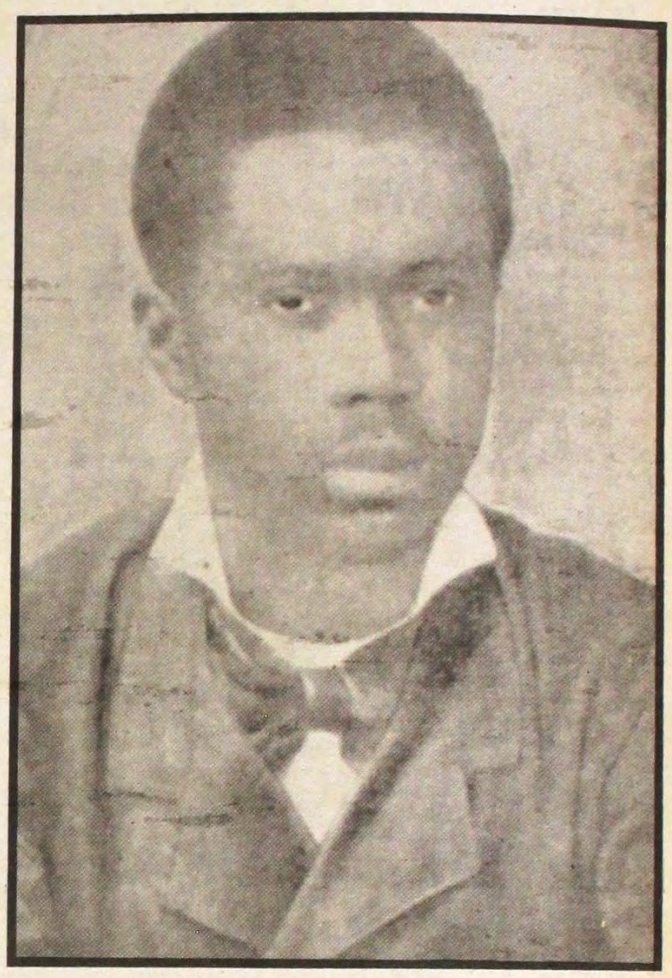
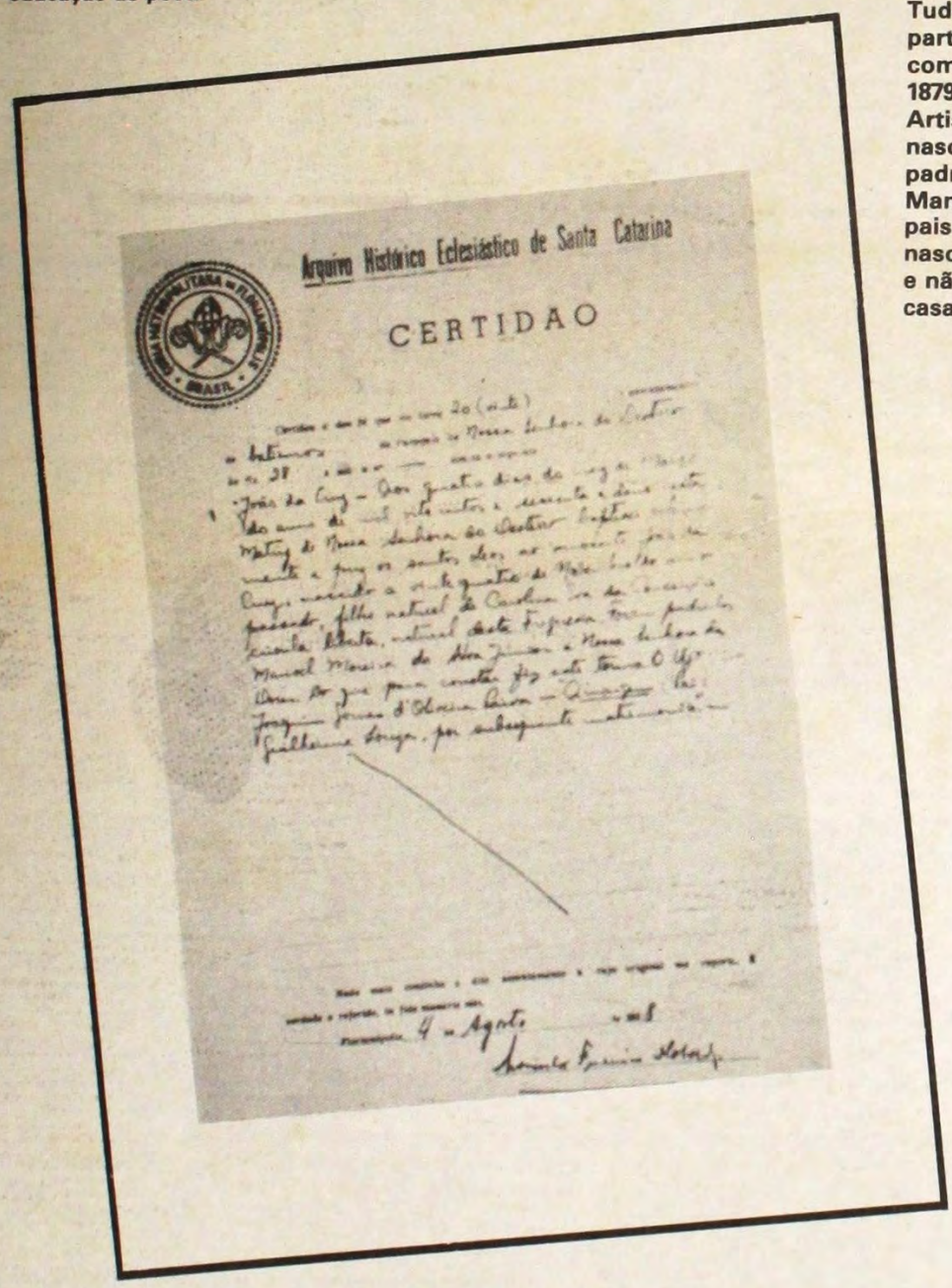
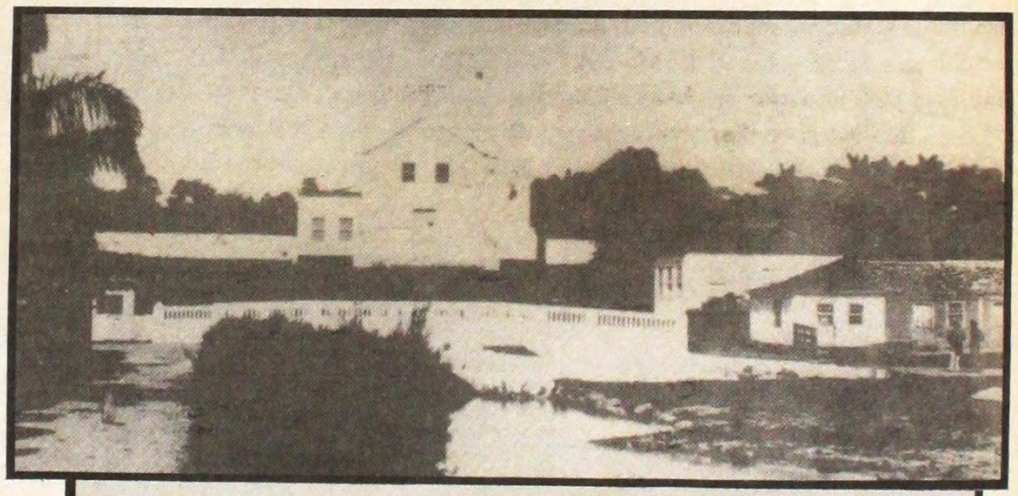


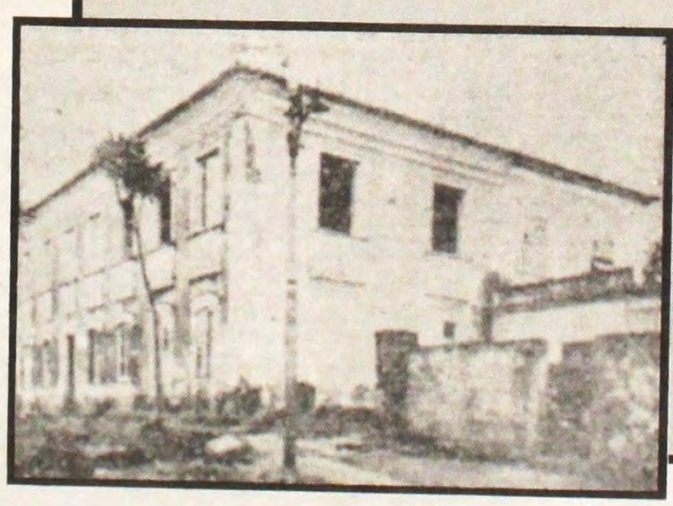
Foto aos 23 anos: um dândi. Tudo que ganhava com aulas particulares a partir 1877 gastava com a aparência. A partir de 1879 colabora no jornal O Artista. Na certidão de nascimento aparece como padrinho o político conservador Manoel Moreira da Silva. Os pais de Cruz e Sousa, quando nasceu, ainda não eram libertos e não tinham legalmente se casado.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

CERTIDAO





Ao lado, casa do marechal Guilherme, na antiga chácara de Espanha. Nela Cruz e Sousa passou a infância. Aí conheceu sua primeira noiva, uma vizinha, empregada de seu professor de inglês: Pedra Anphilóquia. O noivado durou 8 anos. Quando o marechal faleceu em 1870, deixou parte do imóvel para os pais do poeta. Na foto acima, na casa à esquerda da capela, no Largo São Sebastião, na praia de Fora, ele viveu até ir para o Rio Janeiro.

1861. Nasce Cruz e Sousa na cidade de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianóplis, capital da Província, atual Estado de Santa Catarina, no dia 24 de novembro.

1862. É batizado em 24 de março.

1865. Começa o estudo de primeiras letras com a esposa do senhor de seus pais, D. Clara Ângela (Clarinda).

1868. Quando do retorno da Guerra do Paraguai, o Marechal Guilherme Xavier de Sousa, seu protetor, ouve, surpreendido, saudação em versos da autoria do pequeno João da Cruz, que adotaria o seu sobrenome Sousa.

1869. Matricula-se na escola primária do "velho" Fagundes, irmão de D. Clarinda.

1870. Falece o marechal, legando aos seus pais uma quantia em dinheiro e parte do seu solar.

1871. Matricula-se no Ateneu Provincial Catarinense.

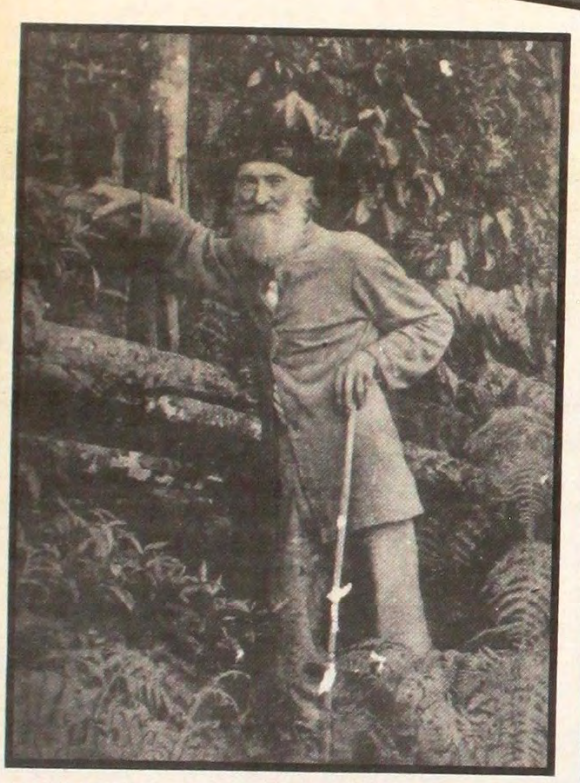
1875. Termina o curso do Ateneu e começa a lecionar particularmente nos lares, abrindo mais tarde curso noturno para adultos em sua casa.

1881. Funda, com Virgílio Várzea, o jornalzinho *Colombo*. Excursões por todo o país, como ponto de companhia teatral.

1884. Artigos enviados na Bahia de janeiro à junho. Cruz e Sousa, outrora acusado de estar alheio ao Abolicionismo, devido a não ter incluído nos seus livros as suas ardorosas páginas abolicionistas, pronunciou numerosas conferências de propaganda abolicionista, em todas as cidades por que passava, tendo recebido homenagens em Salvador, Bahia, de a *Gazeta da Tarde* e dos clubes "Libertadora Baiana" e "Luís Gama". Recebeu durante as suas viagens terríveis gravames provocados pela sua cor. Resta memória dos seguintes: 1. ao embarcar com a companhia, ocorreu tentativa de ser-lhe interdita a 1° classe e seu refeitório; 2. um passageiro inglês, que embarcava, quis entregar-lhe a bagagem, para que a transportasse;. A edição comemorativa do Centenário, em 1961 (Aguilar Edtª), trouxe a definitiva demonstração de que o Cisne Negro não foi um exclusivo esteticista, com a revelação das seguintes peças: "25 de Março", "Escravocratas", "Dilema", "Auréola Equatorial", sonetos; "Na Senzala", "Gri-

Especial

Rua João Pinto, na antiga Desterro em meados do século passado, num quadro de Victor Meirelles. Foi contemporâneo do poeta, mas não há registro de que se conheceram. A cidade sofria periódicos surtos de febre amarela. Um pouco mais abaixo ficava o Trapiche Municipal, ponto de desembarque de quem vinha do Continente para a Ilha. Mais tarde foi construído ali o Miramar - local preferido por boêmios e artistas. Luz de lampião e à noite os escravos conduziam em potes os dejetos das casas para atirar no mar. No início do século havia um bondinho de burros ou carros de cavalo. Homens usavam bengala e chapéu de feltro. Mulheres, espartilhos. Mais à frente ficava o Palácio do Governo, onde também aconteciam saraus e bailes.



Fritz Mueller, cientista e pesquisador alemão, deu aulas de matemática no Ateneu Provincial, mas antes do poeta ali estudar. Fritz colaborou com Darwin na comprovação da Teoria da Evolução das Espécies.

Julieta Escobar Rosas era filha de um militar paraguaio exilado na Ilha de Santa Catarina e casada com o poeta Oscar Rosas. Abrigaram e ajudaram Cruz e Sousa por meses quando ele foi morar no Rio.

João José de Rosas Ribeiro de Almeida foi professor de francês de Cruz e Sousa no Ateneu Provincial. A propósito, quando Cruz e Sousa entrou no Ateneu já entrou no 2º ano de francês, sinal de que já conhecia a língua.

Juvêncio Araújo Figueiredo, poeta amigo de Cruz e Sousa. Tornou-se médium popular, sendo sua casa em Coqueiros local de romarias. É parente do atual governador Pedro Ivo e um dia, ao acolher nos braços o infante Pedro Ivo, teria profetizado: "Essa criança um dia vai mandar em Santa Catarina"

to de Guerra", "Entre Luz e Sombra", "Sete de Setembro", poemas; "Dor Negra", "Consciência Tranquila", prosas, esta última digna dum grande trágico antigo. Já em *Tropos e Fantasias* havia "O Padre"; em *Faróis*, "Pandemonium", cujo tema é o estado servil em que estivera sua mãe. Ninguém escreveu mais furiosamente do que o Poeta Negro contra a condenação de sua raça.

1885. Publica, em colaboração com V. Várzea, *Tropos e Fantasias*.

1887. Trabalha na Central de Imigração.

1888. Excursão ao Rio Grande do Sul. Muito festejado em Bagé. Passa oito meses no Rio, não conseguindo colocação.

1890. Decide instalar-se definitivamente no Rio, no fim do ano.

1891. Falece sua mãe Carolina. Colabora em *Folha Popular* e *O Tempo*.

1892. Conhece Gavita, futura esposa. Colabora na *Cidade do Rio* e *Gazeta de Notícias*.

1893. Lança *Missal e Broquéis*: ano climático da vida do poeta e do movimento simbolista. Casa-se, em 9 de novembro, com Gavita Rosa Gonçalves. Nomeado Aprendiz de Arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil.

1894. Promovido a Arquivista, com 250$000 mensais. Carta a Gonzaga Duque, sugerindo inclusão de idéias socialistas na *Revista Nova*.

1896. Morte de Guilherme de Sousa, seu pai.

1897. Revela-se tuberculose fulminante em fevereiro. Termina *Evocações e Faróis*.

1898. Morte, em Sítio, Minas, a 19 de março. A 20, funerais, no Rio. Sai *Evocações* no fim do ano.

1900. Sai *Faróis*.

1901. Falece Gavita, a 13 de setembro.

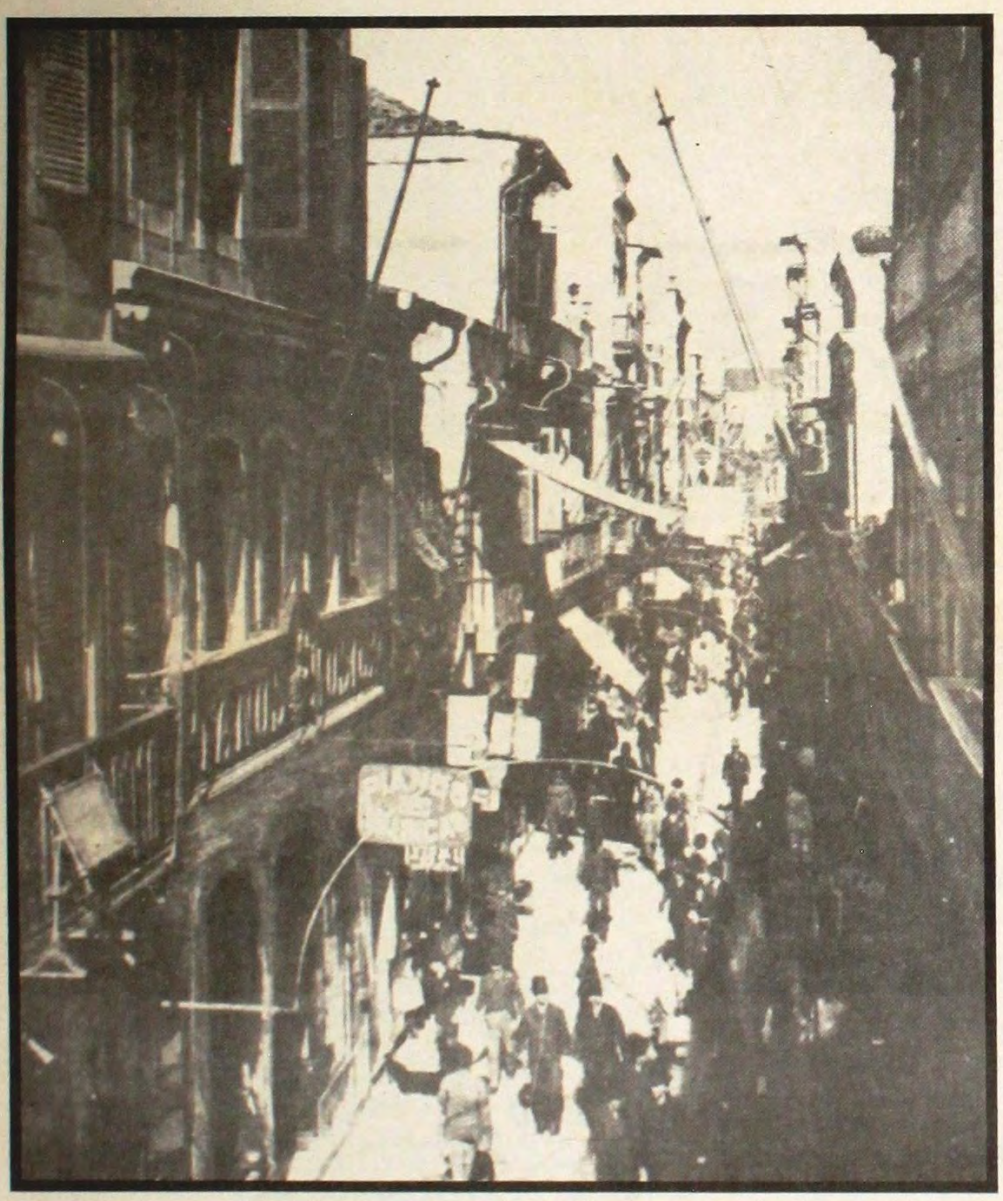
1905. Aparece, em Paris, *Últimos Sonetos*.

Especial

O poeta faz opção pela vida artística

Diante das dificuldades em permanecer na província onde enfrentava preconceitos - teria sido indicado pelo presidente de SC, Gama Rosa, promotor em Laguna e os mandatários locais não o aceitaram por causa da cor - Cruz e Sousa pensou em abandonar a terra natal. Trabalhou como ponto da Companhia Dramática Particular Julieta dos Santos. Percorreu todo Brasil com o grupo e conheceu o Rio. Ficou desejoso de tentar a vida ali. Lá morava o amigo Oscar Rosas que insistentemente o convidava: acolheria o poeta em sua casa e daria recursos para se manter até arranjar emprego. Oscar Rosas era bem conceituado no meio jornalístico da Corte. Conviviva com a nata literária. Gente como Raul Pompéia, Olavo Bilac e Coelho Netto. Finalmente em 1890 chegou ao Rio e trabalhou em alguns jornais. Três anos após consegue editar dois livros num mesmo ano: "Missal" (prosa) e "Broquéis" (poesia). Vivia o país dias agitados. Insurretos tramavam derrubar o governo do marechal Floriano Peixoto. SC foi a sede do governo dos adversários de Floriano, experiência drámatica que culminou com fuzilamento de cerca de 200 pessoas das mais ilustres famílias catarinenses. Nesse ano, com a situação já apaziguada, Cruz e Sousa casou com Gavita havendo desse casamento 4 filhos.

Horácio de Carvalho (à esq.), Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, em 1891, no Rio: amigos desde os tempos da província, Várzea já publicara seu livro Mares e Campos, obra que retrata a vida litorânea catarinense.



Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, local de livrarias, cafés e bares freqüentados por intelectuais no final do século passado. Cruz e Sousa costumava aí se encontrar com seus parceiros de letras onde, além de literatura, a política - a maioria defendia o abolicionismo e a república - era o outro tema do momento.

Atriz Julieta dos Santos. Estreou nos palcos do Desterro aos 6 anos e aos 9 anos correu todo país.

Com a troupe de Julieta dos Santos, Cruz e Sousa viajou o país todo, do Pará ao Rio Grande do Sul. Na Bahia participou da campanha abolicionista e numa manifestação, após discursar, uma pessoa se prontificou a comprar sua alforria como se ele ainda fosse escravo

"Cruz e Sousa era um negro de pequena estatura, com feições e organismo delicados, vibrando incessantemente ao sopro de infinitas agitações...A sua elocução era fácil e exaltada, em palavras ríspidas e sibilantes".

Dr. Gama Rosa (Sociologia e Estética, Rio de Janeiro, 1914).

"Era um homem de estatura medidana, mais frágil que fornido de corpo, com uma face típica de sua raça negra, na qual cintilavam dois pequenos olhos vivos, de olhar arguto profundo. A boca, de lábios regulares, sem prognatismo algum, dava a idéia de um guagiru sazonado, abrindo-se sob sedosos, fartos bigodes, que deixavam entrever dentes ótimos, pequeninos, de marfim puríssimo, ainda mais alvos pelo contraste da pele. Era um tímido, apesar de suas audácias estéticas, principalmente diante de pessoas que não conhecia".

Carlos D. Fernandes (Fretana, Rio de Janeiro, 1936).

"...rapaz miúdo, meio curvado, de feições meninerias e delicadas, uma face pensativa, esculpida em onix".

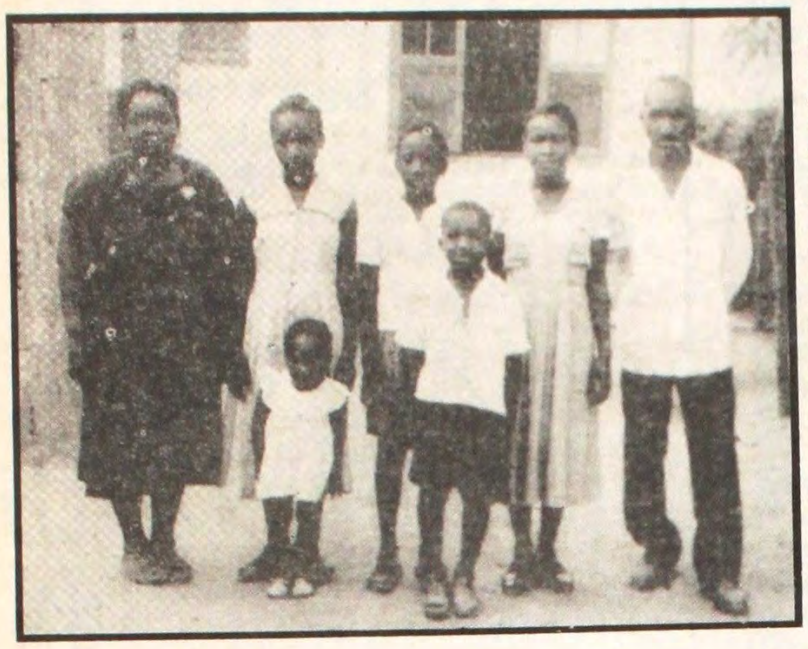
Constâncio Alves (Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 21-8-1913).

"Assim, de quando em quando, ele me parecia nervoso, todo trajeitos na figurinha franzina; o duro queixo rapado em arremesso carniceiro de destruir; a boca, sob bigode lanígero, em repuxado de ódio e aflição; largas narinas pálpitas no afilado mestiço (?!) do nariz; os olhinhos fulgurantes a queixar-se que fugira da Repartição porque o chefe, que era mulato, o perseguia e hostilizava".

Gonzaga Duque (A Careta, Rio de Janeiro, 30-1-1960)

"...tinha o rosto cheio e oval, de traços delicados e de um conjunto atraente, simpático. Nos seus olhos grandes e bonitos, havia um forte brilho intelectual e

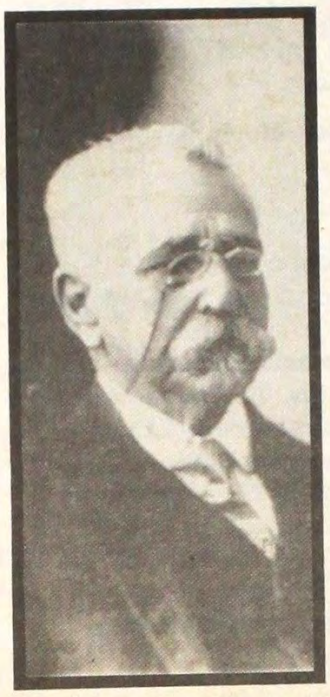
Especial



Nos extremos da foto, Sílvio Cruz e Sousa e a esposa, Erli, com os filhos, em Moça Bonita, no Rio, onde moravam em 1953. Sílvio é o único neto do poeta - que teve quatro filhos, mas apenas João deixou herdeiro, apesar de morrer jovem de tuberculose, a mesma doença que vitimou os irmãos ainda pequenos, o pai e a mãe.

Intelectuais simbolistas amigos de Cruz e Sousa. Da esquerda para a direita: Nestor Victor, José Henrique de Santa Rita, Emiliano Perneta e Silveira Neto. Eles eram vigorosos adeptos do abolicionismo e ardorosos republicanos.

Casa no bairro do Encantado, no RJ, na rua que leva o nome do poeta. No Rio conheceu a esposa Gavita. Casou em 1893. Ela enlouqueceu 3 anos após, por 6 meses, e inspirou Balada de Loucos.



Gama Rosa presidiu SC na década de 80. Introduziu o poeta nos simbolistas franceses, o que marcou profundamente sua vida intelectual.

Na foto ao alto, em 1898, o escritor Nestor Victor discursa diante do túmulo.

Abaixo, políticos, intelectuais e populares em romaria ao cemitério de São Francisco Xavier, em Caju, no Rio de Janeiro. Acometido de fulminante tuberculose, Cruz e Sousa estava em tratamento, em Sítio, a 15 km de Barbacena (MG) e faleceu em 19 de março, no Hotel Amadeu. A direção da Central do Brasil mandou transportar seu corpo para o Rio. Veio num vagão para transporte de animais e jogado como um simples fardo na estação, para consternação dos amigos que foram aguardá-lo. Seu estado de miserabilidade era grande nos últimos anos, mas graças aos amigos fiéis que lhe davam parte do salário, como era o caso de Saturnino de Meireles, ou Tibúrcio de Freitas, conseguia sobreviver. Seu quarto filho, João, nasceu após sua morte e com o falecimento de Gavita, foi criado pela família do magistrado carioca Monteiro de Azevedo. Atualmente o governo catarinense paga uma pensão aos descendentes do Cisne Negro, que vivem ainda no Rio de Janeiro.

uma vaga expressão de tristeza e humildade...De um talhe espiègle e elegante, Cruz, como os pais não precisassem de seu auxílio para viver, gastava tudo o que ganhava nas lições particulares que tinha, em trajes variados, finos e bem feitos, pelo que andava sempre muito asseado e bem vestido, despertando ainda, por esse lado, maiores odiosidades e invejas''

Virgílio Várzea (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10-3-1907)

''Era um negro pretíssimo, esguio, delicadíssimo de maneiras, solitário, austero de costumes, puro, casto, sem nenhum dos defeitos em geral emprestados ao africano, isto é, a denguice, a doçura excessiva de ânimo raiando pela passividade, a índole fácil e aberta, sensualidade imediata e grosseira''.

Gilberto Amado (A Dança sobre o Abismo, Rio de Janeiro, 1933)

''... Cruz e Sousa, meio corcunda, com uma estudada serenidade na face de ébano, a mover os olhos vivos, dizendo as coisas com uma loquocidade nervosa, truncando as frases, dizenda-as aos borbotões, grifando-as, comentando-as com a expressão inteligente de olhar, com a gesticulação vivaz e uns sorrisos amargos e baços...''

Frota Pessoa (Gazeta de Passos, Sul de Minas, 18-6 e 18-7-1899).

''Enquanto celebrava Cruz e Sousa, no meu canto ecoava a primeira, única e última vez que vi o autor dos ''Últimos Sonetos''. Detinha-se num consultório médico, já ôco de tísica, carcomido de injustiça ao lado da mulher, modesta criatura, resignada e meiga. Esquálido, escaveirado antes do esqueleto próximo, Cruz e Sousa esperava mudo e fatalizado a sentença dos clínicos...Hora cruel e obscura da qual um desconhecido hauriu a amargura''.

Escragnole Dória (in. Fellix Pacheco, Discurso de recepção, na Academia, seguido da resposta do Sr. Sousa Bandeira. Artigos e referências. Rio de Janeiro. 1913).

O mundo da literatura fala da obra do poeta

"...um homem houve que teria de ficar sendo o mais verdadeiro representante desse movimento no Brasil e o seu inaugurador verdadeiro: Cruz e Sousa, o Poeta Negro. Couberam-lhe todas as heranças do romantismo: o naturalismo, o cientificismo, o satanismo...Transfigurou-as todas. Coube-lhe também o culto parnasiano da forma. Apenas, em lugar de, com a perfeição da forma literária celebrar a beleza das formas objetivas, nela derramou o sangue do seu pensamento e do seu coração. E era um sangue de tal natureza que seus versos permanecem de ouro e astros."

Cecília Meireles, tese apresentada ao concurso da cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal, em 1929

"O confronto com Mallarmé deixa claro a diferença das duas experiências e a heterogeneidade completa dos dois simbolismos: Mallarmé continua comtemplativo, ao passo que o que domina Cruz e Sousa é a viagem e a subida, é o dinamismo do arremesso, e isso porque ele era brasileiro, do país da saudade, e de origem africana, de uma raça essencialmente sentimental. Eis porque, em vigor, há menos experiência em Mallarmé que visão platônica, que se preocupou principalmente com a tradução poética de sua visão, que fica sempre no terreno da pesquisa técnica, do trabalho voluntário e da arte, enquanto Cruz e Sousa, mais tormentado, vive a experiência simbólica, acha seus símbolos não por mecanismo da vontade, e sim na espontaneidade da busca."

Roger Bastide, A Poesia Brasileira, novembro de 1943

"O simbolismo brasileiro recebe só hoje a devida consideração, negligenciado como era sob o regime artificialmente prolongado do parnasianismo, que significou a retirada da poesia do mundo do colonialismo artificialmente prolongado. O 'modernismo', simbolismo inconsciente ao meu ver, possibilitou a transformação do simbolismo privado em poesia pública. Purificou o simbolismo muito artifical dos grandes poetas Cruz e Sousa e Alphonsus Guimarães

Otto Maria Carpeaux, Origens e Fins. Rio de Janeiro, 1943

"Discípulo de Baudelaire, se julgou ou foi julgado o negro brasileiro Cruz e Sousa, cuja exaltação dolorosa se atribui a resíduos da tristeza tropical da floresta africana. Compará-lo aos maiores simbolistas franceses parece exagero; mas é certo que alguns sonetos seus - 'Supremo Verbo', 'Caminho da Glória' - são das manifestações mais fulminantes e sinceras da poesia moderna"

Otto Maria Carpeaux, História da Literatura Ocidental, junho de 1964.

"A atitude de Cruz e Souza, na sua fase madura, quando atinge aquela serenidade em que, para falar como Eliot, a rosa e o fogo são uma unidade - nesta fase, a do terceiro período -, é que ele se revela como um dos grandes iniciadores da poesia brasileira, ao lado de Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos. Esta é a fase em que podemos ver também a sua maturidades espiritual condicionando sua perfeição técnico. Nesta fase, Cruz e Sousa substitui a musicalidade ostensivamente audível dos primeiros poemas...pela fina música subentendida dos 'Últimos Sonetos', nos quais o som exerce apenas a função de instrumento do significado."

Franklin de Oliveira, Correio da Manhã, 1957.

"Foi simbolista sem deixar de ser brasileiro. Não renunciou à sua brasilidade para entregar-se de corpo e alma a esquemas e dogmas que nos chegavam devidamente manipulados. Tampouco traiu o simbolismo. Fez o seu simbolismo...Cruz e Sousa instala no seio do simbolismo brasileiro estranha e operante máquina de sonoridades. Uma força como que wagneriana dilatava as possibilidades musicais do idioma e do verso"
Eduardo Portella, Anuário de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, 1961

"Dos sofrimentos físicos e morais de sua vida, do seu penoso esforço de ascensão na escala social, do seu sonho místico de uma arte que seria uma 'eucarística espiritualização', do fundo indômito do seu ser de 'emparedado' dentro de uma raça desprezada, tirou Cruz e Sousa os acentos patéticos que lhe garantem a perpetuidade de sua obra na literatura brasileira. Não há nesta gritos mais dilacerantes, suspiros mais profundos que os seus...O poeta estava enganado: por mais que se fossem acumulando as pedras, por mais alto que subissem as estranhas paredes, 'longas, negras, terríficas', ele não ficou emparedado dentro do seu sonho. O seu vulto, a sua voz subiram mais alto e continuam subindo e *Sorrindo a céus que vão se desvendando,/ A mundos que vão se multiplicando/ A portas de ouro que se vão abrindo!"*
Manuel Bandeira, Correio da Manhã, novembro de 1961

"Cruz e Sousa será, talvez, o único poeta do mundo que fez da cavilha não um recurso de simples correção material do verso, mas a própria substância da poesia. A maior parte, se não a totalidade, do seu extraordinário poder envolvente e estupefaciente vem daí: *"Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata,/ Cristos ideais, serenos, luminosos,/ ensanguentados Cristos dolorosos/ cuja cabeça a Dor e a Luz retrata"*.

Wilson Martins, O Estado de São Paulo, 1962.

SIDERA

Para as estrelas de cri
As ansias e os desejos
Galgando azues e side
De nuvens brancas a

Num cortejo de cantic
Os arcanjos, as cítaras
Passam, das vestes n
As asas de ouro finam

Dos etéreos turíbulos
Claro incenso aromal,
Ondas nevoentas de v

E as ansias e os desej
Vão com os arcanjos
Da eternidade que nos

SIDERAÇÕES

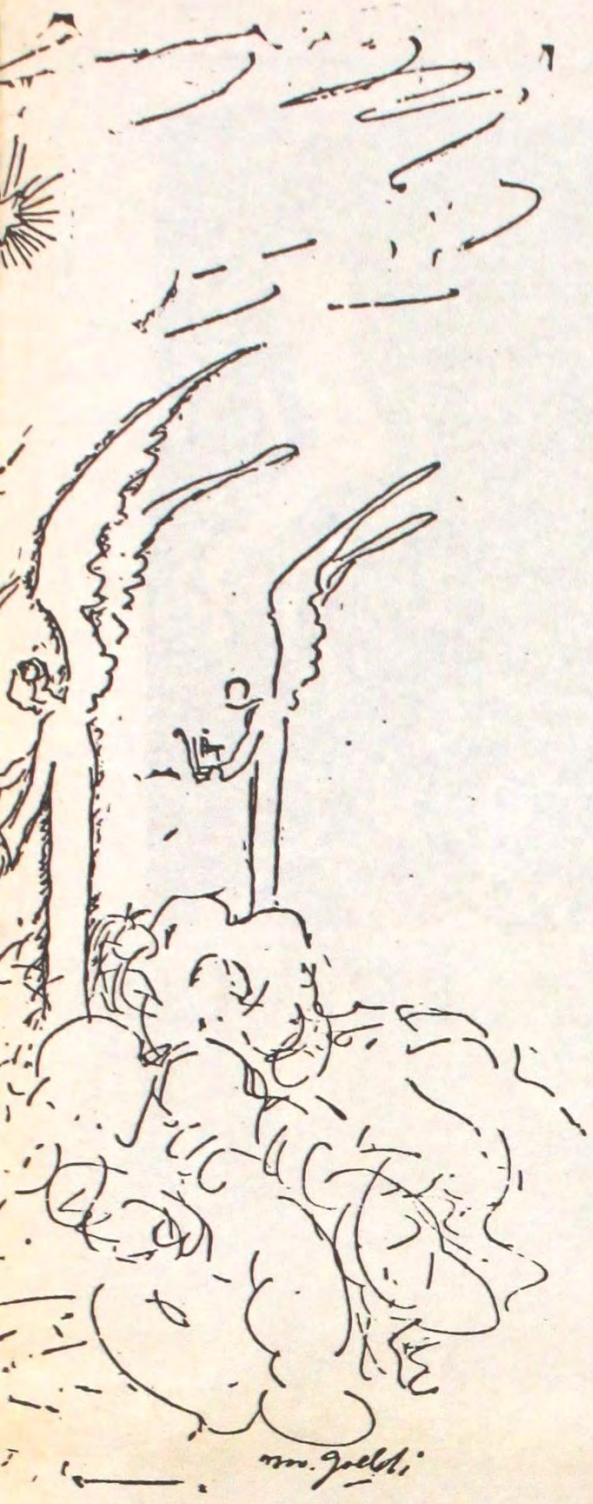
Cruz e Sousa

Para as estrelas de cristais gelados
As ansias e os desejos vão subindo,
Galgando azues e siderais noivados,
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de canticos alados
Os arcanjos, as cítaras ferindo,
Passam, das vestes nos troféus prateados.
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve
Claro incenso aromal, límpido e leve.
Ondas nevoentas de visões levanta...

E as ansias e os desejos infinitos
Vão com os arcanjos formulando ritos
Da eternidade que nos astros canta...



AÇÕES

Cruz e Sousa

e cristais gelados
sejos vão subindo,
siderais noivados,
s a amplidão vestindo...

nticos alados
aras ferindo,
s nos troféus prateados.
namente abrindo...

los de neve
nal, límpido e leve.
de visões levanta...

esejos infinitos
os formulando ritos
nos astros canta...

SONHADOR

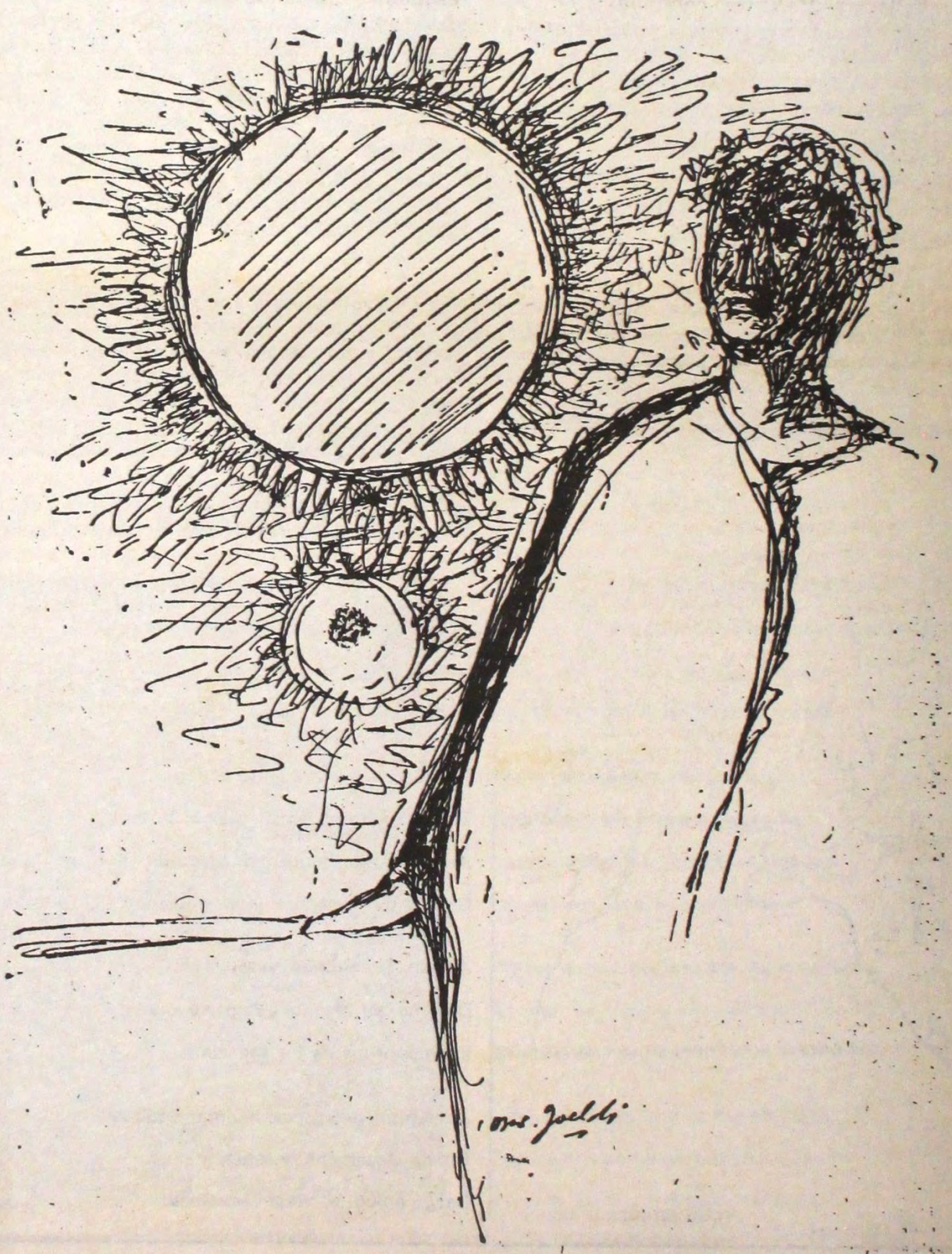
Cruz e Sousa

Por sóis, por belos sóis alviçareiros,
Nos troféus do teu sonho irás cantando,
As púrpuras romanas arrastando,
Engrinaldado de imortais loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,
Das idéias as lanças sopesando,
Verás a pouco e pouco desfilando
Todos os teus desejos condoreiros...

Imaculado, sobre o lodo imundo,
Há de subir, com as vivas castidades,
Das tuas glórias o clarão profundo.

Há de subir, além de eternidades,
Diante do torvo crocitar do mundo,
Para o branco sacrário das saudades!



Especial

SONETOS DA NOITE

Em 1958 foi editado em Florianópolis um livro em formato de álbum contendo sete poemas de Cruz e Sousa, selecionados pelo cronista e escritor Silveira de Sousa e com xilografias do gravurista Hugo Mund Jr. "Sonetos da Noite" teve tiragem de 300 exemplares e é uma verdadeira raridade bibliográfica.

PRÓLOGO

Cruz e Sousa

Esse luto, essa noite, essa treva é o que eu desejo. Treva deliciosa que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse no caos, que me eterifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante. Treva, sem fim, que seja o meu manto sem estrelas, que eu arraste indiferente e obscuro pelo mundo afora, arredado dos homens e das coisas, confundido no supremo movimento da natureza, como um ignorado braço de rio, que através de profundas selvas escuras vai sombria e misteriosamente morrer no mar.

ÊXTASE BÚDICO

Abrem-se os braços, Solidão profunda,
Reverência do céu, solenidade
Dos astros, tenebrosa majestade,
Ó planetária comunhão fecunda!

Óleo da noite sacrosanto, inunda
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,
As azúis florescências da saudade,
Graças das Graças imortais oriunda!

As estrelas cativas no teu seio
Dão-me um tocante e fugitivo enleio,
Embalam-me na luz consoladora!

Abrem-me os braços, Solidão radiante,
Funda, fenomenal e soluçante,
Larga e búdica Noite redentora!

DILACERAÇÕES

Ó carnes que eu amei sangrentamente,
Ó volúpias letais e dolorosas,
Essências de heliotrópios e de rosas
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,
Carnes acerbas e maravilhosas,

Tentadoras do sol intensamente...
Passai, dilaceradas pelos zelos,
Através dos profundos pesadelos
Que me apunhalam de mortais horrores...
Passai, passai, desfeitas em tormentos,
Em lágrimas, em prantos, em lamentos,
Em ais, em luto, em convulsões, em dores...

Especial

CABELOS

Cabelos! Quantas sensações ao vê-los!
Cabelos negros, de esplendor sombrio
Por onde corre o fluido vago e frio
Dos brumosos e longos pesadelos...
Sonhos, mistérios, ansiedades, zelos,
Tudo que lembra as convulsões de um rio
Passa na noite cálida, no estio
Da noite tropical dos teus cabelos.
Passa através dos teus cabelos quentes,
Pela chama dos beijos inclementes,
Das dolências fatais, da nostalgia...
Auréola negra, majestosa, ondeada,
Alma da treva, densa e perfumada,
Lânguida Noite da melancolia!

MÚSICA MISTERIOSA

Tenda de Estrelas níveas, refulgentes
Que abris a doce luz de alampadários,
As harmonias dos Estradivarius
Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluídicos, diluentes
Dos astros, pelos trêmulos velários,
Cantam Sonhos de místicos templários,
De ermitões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos
Fluir parecem dos Azuis etéreos,
D'entre os nevoeiros do luar fluindo...

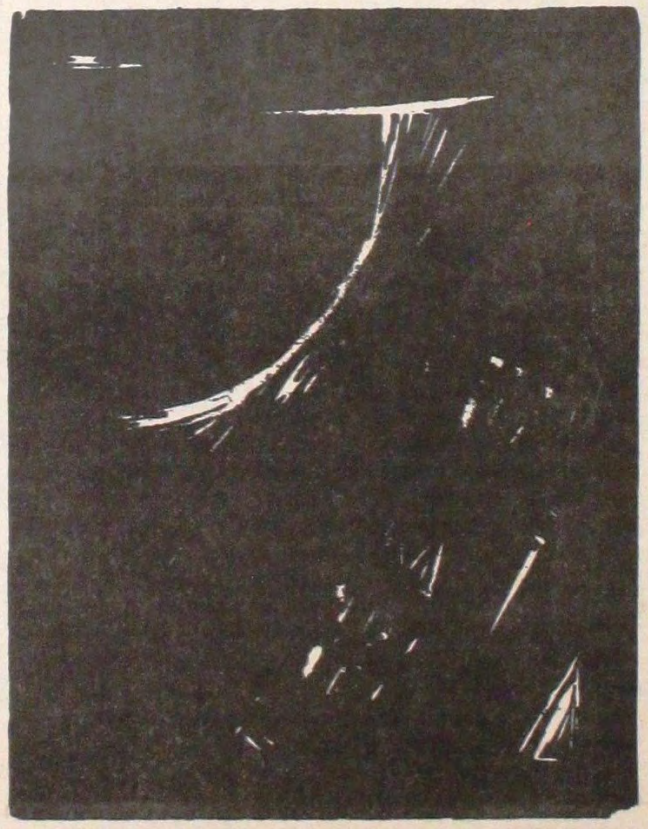
E vai, de Estrela a Estrela, à luz da Lua,
Na láctea claridade que flutua,
A surdina das lágrimas subindo...

A MORTE

Oh! Que doce tristeza e que ternura
No olhar ansioso, aflito dos que morrem...
De que âncoras profundas se socorrem
Os que penetram nessa noite escura!
Da vida aos frios véus da sepultura
Vagos momentos trêmulos decorrem...
E dos olhos as lágrimas escorrem
Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados
Os que na terra vagam suspirando,
Com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando
Báratro abaixo, aos ecos soluçados
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...



SEXTA-FEIRA SANTA

Lua absíntica, verde, feiticeira,
Pasmada como um vício monstruoso...
Um cão estranho fussa na esterqueira,
Uivando para o espaço fabuloso.
É esta a negra e santa Sexta-feira!
Cristo está morto, como um vil leproso,
Chagado e frio, na feroz cegueira
Da Morte, o sangue roxo e tenebroso.
A serpente do mal e do pecado
Um sinistro veneno esverdeado
Verte do Morto na mudez serena.
Mas da sagrada Redenção do Cristo
Em vez do grande Amor, puro, imprevisto,
Brotam fosforescências de gangrena!

MONJA

Ó Lua, Lua triste, amargurada,
Fantasma de brancuras vaporosas,
A tua nívia luz ciliciada
Faz murchecer e congelar as rosas.

Nas floridas searas ondulosas,
Cuja folhagem brilha fosforeada,
Passam sombras, angélicas, nivosas,
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,
Parece que abres para mim os braços.
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

Especial

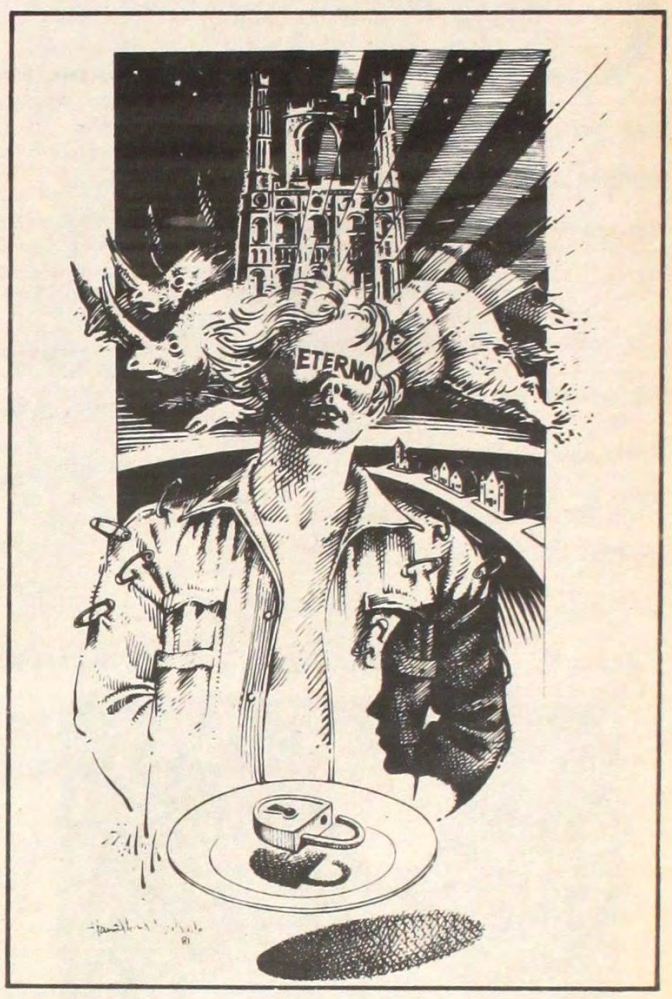
Artistas de SC pintam a poesia de Cruz e Sousa

ALDO NUNES

De linho e rosas brancas vais vestido,
sonho virgem que cantas no meu peito!...
Sonho Branco

MEYER FILHO

Que é feito dos teus risos cristalinos?!
Caveira! Caveira!! Caveira!!!
Caveira



HAMILTON MACHADO

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
que povoas o mundo despovoado.
O Assinalado

HASSIS

Ó Cristo humano, estético, bizarro,
amortalhado nas fatais injúrias...
Cristo de Bronze

MARTINHO DE HARO

Pois que um veneno de áspide vorace
deve ser morto com igual veneno...
Lubricidade

PLÉTICOS

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto,
mundos de Inferno e Céus, de Judas e de Cristo?!
Alucinação

Especial

Bibliografia do poeta negro

Leda Maria D'Avila da Silva Prazeres

Especial/DC

ALVES, Henrique L. **Cruz e Sousa**; o Dante negro. São Paulo, Associação Cultural do Negro, 1196_1. 94p.

_____. Cruz e Sousa; o Dante negro. **A Gazeta**, 11 ago. 1961. p.3.

APÓSTOLO, Nicolau. Da impossibilidade de Cruz e Sousa ter sido aluno de Fritz Mueller. **A Gazeta**, Florianópolis, 25 nov. 1961.

BASTIDE, Rober. O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, Florianópolis (1):127-40, jan./jun. 1943.

BOITEUX, Lucas Alexandre. Cruz e Sousa, o aedo negro. **A Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 nov. 1961.

BORBA, Helena Caminha. Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 22 nov. 1961. p.3.

CORREA, Carlos da Mota Azevedo. **Cruz e Sousa**. Florianópolis, 24 nov. 1941. (Conferência no Club XII de Agosto)

CORRÊA, Nereu. **O canto do cisne negro e outros estudos**. 2. ed.rev.e aum. Florianópolis, FCC, 1981. 136p.

COSTA, Firmino. Cruz e Sousa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, Florianópolis (8):17-18, 1919.

COSTA, Mâncio da. Três poetas e um soneto elegíaco. **Anuário Catarinense**, Florianópolis 8 (8):60-62, 1955.

DAEÇA, Othon et alii. **Centenário de Cruz e Sousa**; interpretações. Florianópolis, Ed. da Comissão Oficial de Festejos. 1962. 109p.

ECKERT, Ivo. Cruz e Sousa; um simbolista que marcou época. **A Gazeta**, Florianópolis, 01 out. 1961. p.6.

FLORES, Altino. O artista negro. **Terra Livre**, Florianópolis, 6 nov. 1918.

_____. Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 19 mar. 1923.

_____. Cruz e Sousa. **O Tempo**, Florianópolis, 19 mar. 1925.

_____. Cruz e Sousa e a crítica nacional. **O Dia**, Florianópolis, 16 mar. 1916.

_____. Cruz e Sousa, desconhecido. **O Tempo**, Florianópolis, 15 fev. 1925.

_____. Cruz e Sousa incompreendido. **O Dia**, Florianópolis, 24 mar. 1916.

_____. A mocidade de Cruz e Sousa. **A Gazeta**, Florianópolis, 1961.

FONTES, Henrique da Silva. **A Companhia Dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense**. Florianópolis, 1961. (mimeografado)

_____. **O nosso Cruz e Sousa**. Florianópolis, Ed. do Autor, 1961.

_____. **Temas catarinenses**: Florianópolis, Ed. do Autor, 1962. 30p.

JOSÉ, João. Cruz e Sousa. **O Dia**, Florianópolis, 18 mar. 1917.

JUNKES, Lauro. Cruz e Sousa; da vida obscura ao triunfo supremo. In:_____. **O mito e o rito**. Florianópolis, UFSC, 1987. p.17-29.

JUVENAL, Ildefonso. Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 22 nov. 1961. p.2.

_____. Cruz e Sousa e a sua gloriosa via-crucis. **A Gazeta**, Florianópolis, 25 nov. 1941.

_____. Fritz Mueller e seu discípulo Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 5 nov. 1961.

_____. A gloriosa memória de Cruz e Sousa vulto extraordinário da história da literatura nacional e digno filho de Santa Catarina. **O Estado**, Florianópolis, 24 nov. 1961. p.1.

_____. O monumento de Cruz e Sousa na terra do seu nascimento. **O Estado**, Florianópolis, 19 nov. 1961. p.7-8.

_____. **Nestor Victor e Cruz e Sousa**. Florianópolis, Escola Artífices, 1923. 8p.

LOPES, José Lupercio. O poeta João da Cruz. **A Gazeta**, Florianópolis, 3, 7, 9 e 10 mar. 1956.

MELO, Oswaldo Ferreira de. **Introdução à história da literatura catarinense**. 2.ed. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1979.

MIGUEL, Salim. O pretinho da antiga Desterro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1961.

NEVES, Gustavo. Aos descendentes de Cruz e Sousa. **A Gazeta**, Florianópolis, 10 dez. 1961. p.8.

_____. Cruz e Sousa; o preto de alma branca. **A Gazeta**, Florianópolis, 12 nov. 1961. p.1.

_____. O que diz do poeta catarinense o escritor cearense. **A Gazeta**, Florianópolis, 19 nov. 1961. p.1.

PAULI, Evaldo. **Cruz e Sousa**; poeta e pensador. São Paulo, Ed. do Escritor, 1197_1. 191p.

PINTO, Edmundo da Luz. O túmulo de Cruz e Sousa. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1943.

REGIS, Maria Helena C.. Cruz e Sousa, poeta em prosa e verso. **Pantanal**, Florianópolis, ago. 1987.

_____. **Linguagem e versificação em Broquéis**. Porto Alegre, Ed. Movimento/Florianópolis, Ed. da UDESC, 1976. 91p. (Coleção Santa Catarina, 9)

ROMERO, Sílvio. Cruz e Sousa. **Anuário Catarinense**, Florianópolis 7 (7): 168-70, 1954.

SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 1979. 291p.

SANTOS, Anibal Gonçalves dos. Cruz e Sousa; o poeta negro. **A Gazeta**, Florianópolis, 29 maio 1946.

SÃO THIAGO, Arnaldo de. **História da literatura catarinense**. Rio de Janeiro, 1s.ed.1, 1957. 1Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina1.

SEIXAS NETTO, Amaro. Cruz e Sousa; poeta ou gênio na poesia? **A Gazeta**, Florianópolis, 18 maio 1961. p.8

_____. **O Estado**, Florianópolis, 11 jul. 1961.

SOARES, Iaponan. Componentes autobiográficos em "Evocações". **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 fev. 1988.

_____. Cruz e Sousa e a abolição da escravatura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 jan. 1988. p.6.

_____. Cruz e Sousa preso por Lauro Müller? **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 out. 1987. p.6.

_____. Outros amigos de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 dez. 1987. p.t.

_____. Padre Paiva, uma admiração de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 jan. 1988. p.6.

_____. A prosa de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 ago. 1986. p.6.

_____. Os simbolistas catarinenses e os pseudônimos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 2 mar. 1987. p.6.

_____. Uma aventura de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 nov. 1986. p.6.

_____. Uma fotobiografia de Cruz e Sousa? **Diário Catarinense**, Florianópolis, 2 nov. 1987. p.6.

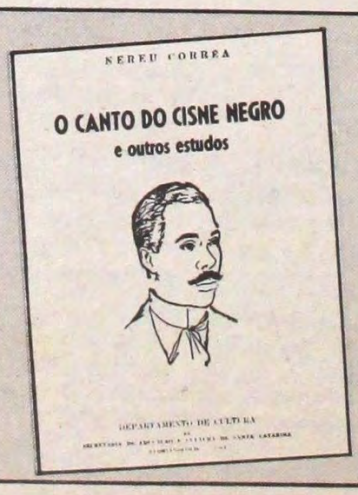
_____. Uma musa para muitos poetas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 7 set. 1987. p.6.

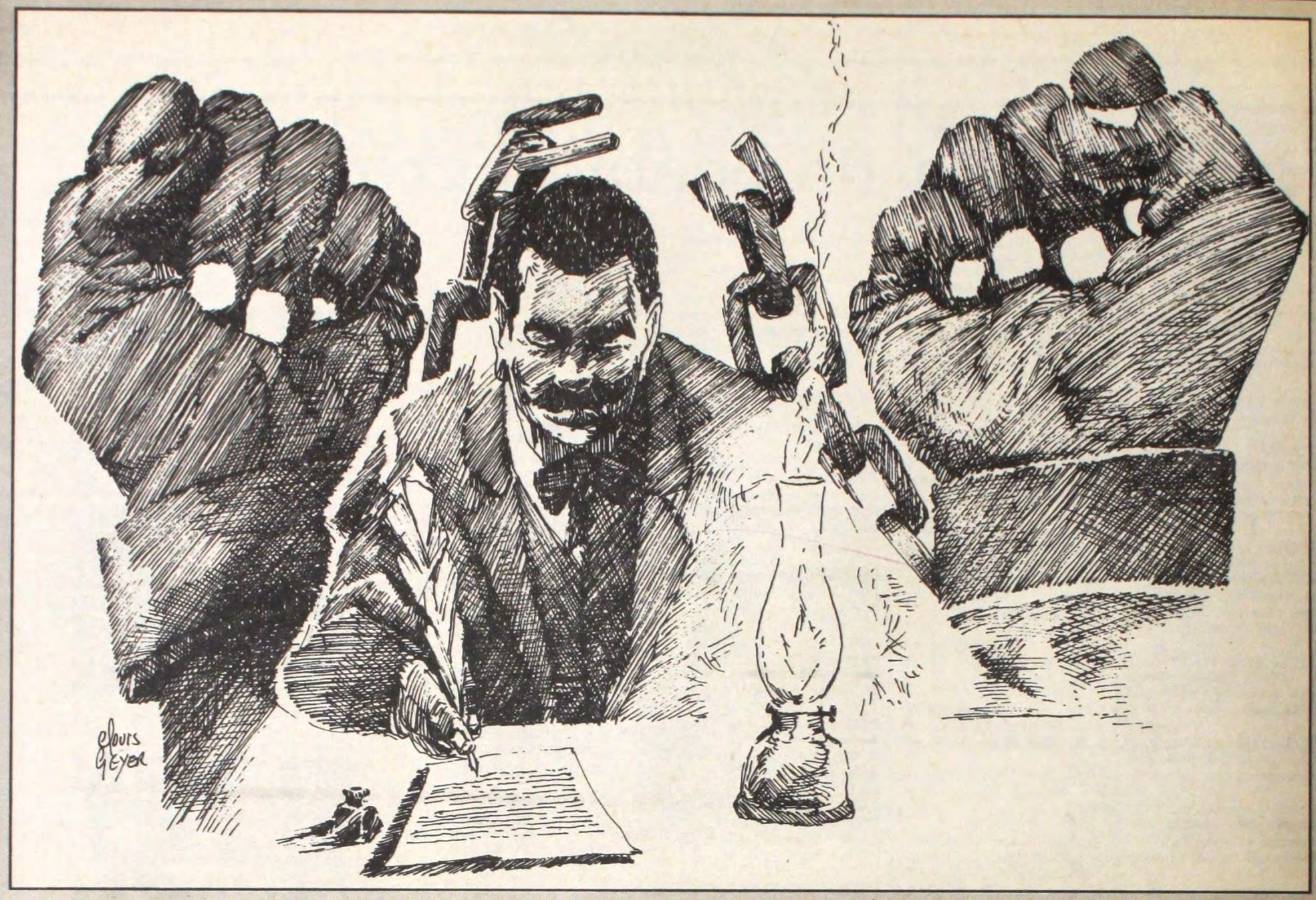
SOUZA, Silveira de. Cruz e Sousa e Schopenhauer. **A Gazeta**, Florianópolis, 12 jul. 1961.

TILL, Rodrigues. **Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul**. Florianópolis, FCC, 1981. 60p.

VÁRZEA, Afonso. O filho de Cruz e Sousa. **Anuário Catarinense**, Florianópolis 19 (9): 85-86, 1956.

VÁRZEA, Virgílio. A Tribuna Popular e a guerrilha literária Catarinense. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3, 10, 17, 24 e 31 maio, 2 jun. 1907.





O ABOLICIONISMO

Cruz e Sousa

A ação que o Abolicionismo tem tomado nesta capital é profundamente significativa. Nem podia ser menos franca e menos sincera a adesão de todos a esta idéia soberana, à vista dos protestos da razão humana, do patriotismo e do caráter nacional ante tão bárbara e absurda instituição - a do escravismo.

À onda negra dos escravocratas tem de ceder lugar à onda branca, à onda de luz que vem descendo, descendo, como catadura de sol, dos altos cumes da idéia, preparando a pátria para uma organização futura mais real e menos vergonhosa. Porque é preciso saber-se, em antes de se ter uma razão errada das coisas, que, o Abolicionismo não discute pessoas, não discute indivíduos nem interesses; discute princípios, discute coletividade, discute fins gerais.

Não vai unicamente por-se a favor do escravo pela sua posição tristemente humilde e acobardada pelos grandes e pelos maus, mas também pelas causas morais que o seu individualismo traz à sociedade brasileira, atrasando-a e conspurcando-a.

Não se liberta o escravo por **pose**, por chiquismo, para que pareça a gente brasileira elegante e graciosa ante as nações disciplinadas e cultas. Não se compreende, nem se adptando ao **meio** humanista a palavra escravo, não se adapta nem se compreende da mesma forma a palavra senhor.

Tanto tem esta de absurda, de inconveniente, de criminosa, como aquela.

Se a humanidade do passado por uma falsa compreensão dos direitos lógicos e naturais, considerou que podia apoderar-se de um indivíduo qualquer e escravizá-lo, compete-nos a nós, a nós que somos um povo em via de formação, sem orientação e sem caráter particular de ordem social, compete-nos a nós, dizíamos, fazer desaparecer esse erro, esse absurdo, esse crime.

Não se pense que com a libertação do escravo, virá o estado de desorganização, de desmembramento no corpo ainda não unitário do país.

Em toda a revolução, ou preparação de terreno para um progredimento seguro, em todo o desenvolvimento regulado de um sistema filosófico ou político, tem de haver certamente, razoáveis choques, necessários desequilíbrios, do mesmo modo que pelas constantes revoluções do solo, pelos cataclismas, pelos fenômenos metereológicos, descobrem-se terrenos desconhecidos, minerais preciosos, astros e constelações novas. O desequilíbrio ou o choque que houver não pode ser provadamente sensível, fatal para a nação. Às forças governistas competem firmar a existência de trabalho do homem tornado repentinamente livre, criando métodos intuitivos e práticos de ensino primário, colônias rurais, estabelecimentos fabris, etc.

A Escravidão recua, o Abolicionismo avança seguro, convicto, como uma idéia, como um princípio, como uma utilidade. Até agora o maior poder do Brasil tem sido o braço escravo: dele é que parte a manutenção e a sustentação dos indivíduos de pais dinheirosos; com o suor escravo é que se fazem deputados, conselheiros, ministros, chefes de Estado. Por isso no país não há indústria, não há índole de vida prática social, não há artes.

Os senhores filhos de fazendeiros não querem ser lavradores, nem artífices, nem operários, nem músicos, nem pintores, nem escultores, nem botânicos, nem floricultores, nem desenhistas, nem arquitetos, nem construtores, porque estão na vida farta e fácil, sustentada e amparada pelo escravo dos pais, que lhes enche a bolsa, que os manda para as escolas e para as academias.

De sorte que, se muitas vezes esses filhos têm vocação para uma arte que lhes seja nobre, que os engrandeça mais do que um diploma oficial, são obrigados a doutorarem-se porque se lhes diz que isso não custa e que poderão, tendo o título, ganhar mais facilmente e até sem merecimento, posições muito elevadas; e mesmo porque, ser artista, ser arquiteto, ser industrial, etc., é uma coisa que, no pensar acanhado dos escravocratas, dos retrógrados e dos egoístas, não fica bem a um nhonhô nascido e criado no conforto, no bem estar, no gozo material da moeda dada pelo braço escravo.

in Regeneração, Desterro, 22 de junho de 1887

24 REZENDE, Dorva. Homenagens ao poeta que marcou a história. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.

DIÁRIO CATARINENSE

Variedades

QUARTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 1997

24

Homenagens ao poeta que marcou a história

Solenidades marcam a abertura do centenário de Cruz e Sousa com sessão na Assembléia

Dorva Rezende
FLORIANÓPOLIS

Hoje é dia de homenagear o poeta. A Assembléia Legislativa de Santa Catarina, hoje às 18h30min, terá sessão solene para marcar a abertura do centenário da morte de João da Cruz e Sousa. Um interessante ato para comemorar o paradoxo do negro que só conheceu a glória depois de morto. Nos seus 37 anos de vida, o poeta Cruz e Souza penou para sobreviver, e acabou seus dias trabalhando como arquivista da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e padecendo de tuberculose ao lado de sua Gavita e dois dos quatro filhos que a miséria ainda não havia roubado.

Durante a solenidade, o professor de literatura brasileira Antônio Carlos Sechin, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também editor da revista *Poesia Sempre*, promete instigar o público presente com um tema polêmico a respeito de Cruz e Sousa. "Há muita unanimidade quanto ao poeta Cruz e Sousa.

Se fala que sua poesia é espiritualizada, transcendente. Mas o seu lado transgressor é pouco abordado. O lado que não quer dizer não ao mundo, ao corpo, à matéria. Cruz e Sousa utilizava da contradição, da ambigüidade, quando tratava da carne. E esse dado carnal é a projeção do dado erótico. É erótico o céu das poesias de Cruz e Sousa, seus anjos são eróticos. Até Cristo é erótico, como no soneto *Cristo de Bronze* (nos três versos finais: "Na rija cruz aspérrima pregado/Canta o Cristo de bronze do Pecado,/ Ri o Cristo de bronze das luxúrias!...).

MEDALHAS - E na segunda-feira à noite, na data do aniversário de nascimento do poeta, 10 personalidades receberam a Medalha do Mérito Cultural "Cruz e Sousa" por parte do governo do Estado, no Teatro Álvaro de Carvalho, na Capital. Os agraciados com medalha, por indicação do Conselho Estadual de Cultura, foram Alejandro Ahmed Lamela Aló (bailarino), Almiro Caldeira de Andrade (escritor), Carlos Jorge Appel (ensaísta, crítico literário e editor), Edino Krieger (compositor e maestro), Fernando Ferreira de Melo (professor), Harry Laus (escritor e crítico de artes plásticas, *in memorian*), Rodrigo de Haro (poeta e pintor), Sílvio Coelho dos Santos (antropólogo), Sylvio Back (cineasta) e Wander Weege (empresário).

Continua nas páginas 4 e 5

BANCO DE DADOS/DC

MEMÓRIAS: Cruz e Sousa recebe homenagem e vira comenda do Governo do Estado

LÚCIA KONDER REIS/DC

MEDALHAS: Agraciados receberam comenda com o nome do poeta em ato solene

SERVIÇO

★ **Solenidade de Abertura do Centenário de Morte de Cruz e Souza**

Data

☐ Hoje

Horário

☐ 18h30min

Local

☐ Assembléia Legislativa de Santa Catarina - Praça Tancredo Neves

Literatura

Blues e glória de Cruz e Sousa

Com Broquéis, catarinense revolucionou a poesia brasileira, mas foi incompreendido em seu tempo e morreu na miséria no Rio

Dorva Rezende
FLORIANÓPOLIS

"Seigneur, mon Dieu! acordez-moi la grace de produire quelques beux vers qui me prouvent à moi-même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inferieur à ceux que je méprise" (Senhor, meu Deus! me conceda a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que eu não sou o último dos homens, que eu não sou inferior àqueles que eu desprezo.)

Com esta epígrafe tirada de Charles Baudelaire, o poeta catarinense João da Cruz e Souza abre o seu livro *Broquéis*, lançado em 1893, no Rio de Janeiro, pela Magalhães & Cia. - Editores, que ficava na rua da Assembléa, 23, junto à Livraria Moderna. Era um tapa, de luvas de pelica (alvissimas, branquissimas), nos seus detratores. "Poucas epígrafes terão sido tão bem escolhidas. Dava a medida do justo orgulho de Cruz e Sousa, ferinda na alma os leitores com predisposições contra a sua poesia", afirma o professor Ivan Teixeira, da Usp, na introdução da reedição centenária dos *Broquéis*.

Segundo ele, Cruz e Sousa foi rigorosamente desentendido por quase todos os críticos da época, que se fiavam pelo feudo parnasiano dominado por Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. "Isso se deveu não só à novidade de sua poesia, mas também ao preconceito contra sua cor", escreve Teixeira, que cita que *Broquéis* introduziu no Brasil a "poesia pura", marcada pelo deliberado abandono do significado explícito e pelo apego à sugestão vaga e insinuante.

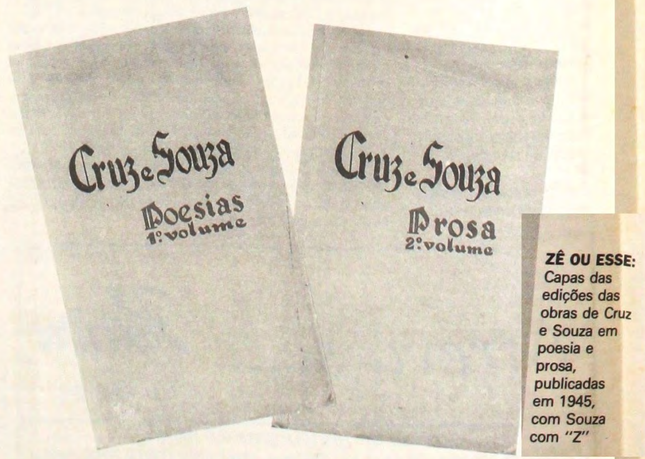
Para o falecido poeta paranaense Paulo Leminski (o retrato positivo de Cruz e Sousa, filho de pai polonês e mãe negra), o grande mérito dos simbolistas foi terem mudado o sentido da percepção da poesia: do olho para o ouvido. "O poeta simbolista é um músico. Músico de palavras, de sílabas, de vogais e consoantes. Seus poemas: baladas, sonatas, sinfonias. Mas, no Simbolismo, a entrada da música implica numa destruição do 'significado'. No massacre do sentido pelos sons", escreveu Leminski no livro *Cruz e Sousa - O Negro Branco*.

BANCO DE DADOS/DC

POETA: Cruz e Souza

BANCO DE DADOS/DC

DÂNDIS: Poeta entre os companheiros de ofício Virgílio Várzea e Horácio Carvalho



ZÊ OU ESSE: *Capas das edições das obras de Cruz e Souza em poesia e prosa, publicadas em 1945, com Souza com "Z"*

DENÚNCIA

"O Setor de Pessoal da Estrada de Ferro Central do Brasil vem, por meio desta, denuncia à Diretoria desta Empresa, que foi encontrado em poder de João da Cruz e Sousa, negro, natural de Sta. Catarina, funcionário desta Empresa, na função de arquivista, um poema de sua lavra, com o seguinte teor:

Tu és o louco da imortal loucura.
O louco da loucura mais suprema,
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura.
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco.

Na natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Pede-se providências."

CRUZ E SOUSA

BROQUEIS

Magalhães & Cª – Editores
23 Rua da Assembléa 23
LIVRARIA MODERNA

Anomalia do Cisne Negro na branca Casa Grande

Poucos compreenderam tanto Cruz e Sousa quanto Leminski. Em recente palestra na Academia Catarinense de Letras, o professor Miguel Sanches Neto, da Universidade de Ponta Grossa, ressaltou como ambos tratavam a questão racial. João da Cruz e Souza, o Cisne Negro, ou o Negro Branco. Leminski, o Branco Negro. É significativo também ser negro o pai da prosa brasileira, Machado de Assis. As brancas páginas da literatura da nação tupiniquim foram definidas por dois filhos de escravos, Machado na prosa e Cruz e Sousa na poesia.

Assim Leminski faz a cronologia do poeta: "Filho do escravo Guilherme da Cruz, mestre-pedreiro, e Carolina Eva da Conceição, ex-escrava, João da Cruz nasceu, sob Sagitário, em 24 de novembro de 1861, escravo, pelas leis do Império. Futuro que o esperava: ser pedreiro como o pai, carregador, estivador, carpinteiro, vendedor ambulante, como os de sua raça e condição social".

Até que aconteceu a anomalia, conforme as palavras de Leminski. O proprietário de seu pai, o marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa (os nomes coincidem) e sua esposa Clarinda (clara, alva) Fagundes, que não tinham filhos, tomaram-se de amores pelo menino. Na casa do marechal, João aprendeu a ler e a escrever (da Senzala à Casa Grande). Dali seguiu para o Ateneu Provincial (onde hoje funciona o Ipuf), sendo o aluno mais destacado e pupilo do professor e cientista Fritz Müller, onde adquiriu o currículo branco (caligrafia, latim, aritmética, gramática, história, geografia, francês, inglês, ciências naturais). Depois, fundou no Desterro o jornal *Folha Popular* e foi redator de *O Moleque*, publicando os seus poemas que logo o tornariam conhecido e invejado na capital da província. A "fuga" para o Rio se deu por intermédio da companhia teatral Moreira de Vasconcellos (a cuja filha, Julieta dos Santos, escrveu uma ode junto com Virgílio Várzea e Santos Lostada), onde trabalhou como "ponto".

FRASES

"Sua influência, contudo, não cessou e não cessará tão cedo no Brasil. Quase toda a literatura que se pode chamar propriamente viva, no domínio da poesia, entre nós, vinda depois de Cruz e Sousa e sua geração, consciente ou inconscientemente ressente-se mais ou menos dos seus processos". - **Nestor Vítor (1945)**

"Creio que, literariamente, poucos poetas chegaram a igualá-lo. Uns terão melhor forma e filosofia; possivelmente em alguns será mais brilhante o estilo, as imagens mais modernas, os versos mais curtos ou mais longos...Mas tudo reunir, como reunia Cruz e Sousa: beleza, forma, elegância de estilo, pulcritude do léxico, paixão, tragédia, harmonia, ciência e coração, é muito difícil". - **Bráullo Sanchez-Saez (1945)**

"(...) carregará sempre consigo essa Sombra, que a África está colada à sua própria alma. (...) por uma transposição extraordinária, ver-se-á nele sob uma forma mais culta, um fenômeno análogo aos do sincretismo religioso afro-brasileiro entre os santos católicos e os orixás". - **Roger Bastide (1941)**

"Houvesse continuado a seguir as regras dos parnasianos, Cruz teria talvez composto poesia muito refinada, conquistando para si um lugar no *establishment* poético e granjeado amizades capazes de obter-lhe uma sinecura no governo. Mas *Broquéis* parecia tão revolucionário que provocou a zombaria de leitores despreparados para entendê-lo. *Missal* também era difícil e em nada contribuiu para melhorar a situação". - **Raymond Sayers (1978)**

"Em Cruz e Sousa, a poesia sonora é essencial. Tanto por imposição da escola, quanto porsua natureza sensorial e intuitiva. E não é só por isso, como também por uma aguda ciência para com a música das palavras, obtendo dela resultados de sofisticada inteligência construtiva". - **Ivan Teixeira (1994)**

"Fosse um negro norte-americano, Cruz e Sousa tinha inventado o *blues*. Brasileiro, só lhe restou o verso, o soneto e a literatura para construir a expressão da sua pena". - **Paulo Leminski (1984)**

PAULA RAMOS ESPORTE CLUBE
60 Anos
1937 - 1997

GRÁTIS CHINA IN BOX
OI YAKIMESHI.
Na compra de 2 Box Padrão.
224-8558

QUALIDADE em IMÓVEIS (048)
CAMPOS DE ALMEIDA ENGENHARIA 222-5643

SERVIDOR PÚBLICO [ESTADUAL - civil e militar]
* exceto servidor comissionado
• EMPRÉSTIMO com desconto em folha. Sem necessidade de consulta, nem avalista. Juros bem abaixo do mercado, pois não alteramos as taxas.
• LIBERAÇÃO AGORA É DIÁRIA. Documentos necessários: CPF, RG, Comprovante de residência e último contra cheque.
PLENA O BANCO DO SERVIDOR
Rua Durval Melquíades de Souza, 704 • Centro • Fpolis • Fone (048) 222-9544.

FAZENDA BARREIRO
TURISMO RURAL
FAZENDA DO BARREIRO
Comida típica - Charrete - Cavalos - Caminhadas
18 Aptos. c/ televisão - piscina com água mineral direto da fonte - Suíte c/ Hidromassagem
Diária de 2ª à 5ª c/ 20% de desconto
Reservas (049) 222-3031
SC 438 - Km 42 - Estrada Lages/São Joaquim

ARMAS PARA DEFESA E ESPORTE
115 MODELOS DIFERENTES
Armas & Munições
Fone (048) 224-1900
R. Felipe Schmidt, 51 - 1º andar - Centro
Em cima do "Ponto Chic" - Fpolis - SC
TAURUS
A aquisição de uma arma depende de registro concedido por autoridade competente. Sua utilização exige treinamento e equilíbrio emocional. Guarde sua arma em local seguro e fora do alcance de crianças.

CONVITE
A ACIB - *Associação Comercial e Industrial de Brusque convida a todos para o evento de encerramento das atividades do ano. Jantar/Palestra com Professor JOSÉ CARLOS BENVENUTTI. Um dos mais requisitados profissionais especialistas no fator humano das empresas. Sua atuação no Brasil e no exterior tem trazido proveitosos resultados às empresas.*
Data: **27/11/97**
Local: **Sociedade Esportiva Bandeirante**
Horário: **20 horas**
Informações e reservas: **(047) 351-1339**
Realização: ACIB Associação Comercial e Industrial de Brusque
Promoção: SEBRAE SC · RBS TV

25 CRUZ e Sousa. Encarte da Academia de Comércio de Santa Catarina. 24 de dez. de 1961.

CRUZ E SOUSA

24 - XII - 1861 — Uma contribuição da Academia de Comércio de Santa Catarina às comemorações do memorável evento cultural. — 24 - XII - 1961

JOAO DA CRUZ E SOUSA

(Moacir da Silveira)

Dos simbolistas brasileiros o mais notável foi João da Cruz e Sousa, que nasceu na antiga cidade de Destêrro, hoje Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina no dia 24 de novembro de 1861.

Filho de pretos escravos, seu pai chamava-se Guilherme e sua mãe Carolina, corriam-lhe nas veias o sangue dos sacrificados negros que serviram de base para a colonização do imenso território brasileiro.

Ainda criança foi tirado de junto do pai e levado para casa de um ilustre soldado do Império, o marechal Guilherme Xavier de Sousa, casado com Dna. Clarinda, de quem tomou o nome de família, sendo educado com todos os costumes aristocráticos dos imperalistas da época. Depois de ótima instrução primária, ingressou logo no Ateneu Provincial onde fêz com brilho o curso de humanidades. Neste estabelecimento recebeu do grande matemático Fritz Müller o honroso título de "Discípulo Amado", assim chamado pelo talento, aplicação e qualidade de que era possuidor. Cruz e Sousa quase sempre foi o melhor aluno em tôdas as materias, mostrando dêde a mais tenra idade o seu espiritualismo, procurando expressar o que sentia, em seus versos, o que o consagrou mais tarde como "o maior simbolista" que o Brasil possuiu, glorificando até a presente data a sua genialidade.

Os primeiros simbolistas surgiram na França, destacando-se Mallarmé, Verlaine, etc., sendo que mais tarde foi esta arte introduzida no Brasil, onde Cruz e Sousa foi e é o seu maior representante, chgando mesmo a ser o chefe da Escola Simbolista Brasileira.

O CENTENARIO DE CRUZ E SOUSA

Os trabalhos modestos que se reunem aqui são devidos a jovens que, entre os méritos de que podem orgulhar-se, figura o de não quererem alhear-se a um movimento de cultura, que empolga a inteligência catarinense neste fim de ano. Alunos do Curso Técnico de Contabilidade da Academia de Comércio de Santa Catarina, quase todos, aliás, diplomandos de 1961, oferecem êles o seu concurso às celebrações do Centenário de Cruz e Sousa.

(Publicação feita sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.)

Conforme escreveu Virgilio Várzea, referindo-se a Cruz: tinha uma estatura média, seu rosto cheio e oval com traços delicados, que formavam us conjunto atraente e simpático. Seus grandes olhos demonstravam um forte brilho intelectual, representando uma vaga expressão de tristeza e humildade, aparentando, no físico e no moral, a figura de seu pai que faleceu com 90 asos de idade.

Seus genitores não necessitavam de sua ajuda financeira.

Valendo-se disso, utiliza a maior parte de seu ganho em compras de boas roupas, para satisfazer o seu orgulho, já que gostava de andar sempre bem alinhado com gravata e colete.

Em 1887 estabeleceu seu primeiro contacto com o público, sendo que em 1880 tentou reerguer o teatrinho de amadores que funcionava em Destêrro no andar térreo do prédio do Maneco Moreira. Com a volta de Virgílio Várzea à província, passou com êste a dirigir o jornal "Tribuna Popular", fôlha literária que predominou entre 1881 e 1887. Nesse período, chegou à província a Cia. Teatral dos Santos, dirigida por Francisco Moreira de Vasconcelos, que notando as qualidade de Cruz e Sousa convidou-o para viajar com a Cia. como ponto-secretário.

Em 1883 foi nomeado para presidente da província de Santa Catarina, o Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa, que sendo amante das letras formou um grupo literário local, do qual fizeram parte, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Carlos de Farias, Horácio de Carvalho, Araujo Figueredo, e outros. Deixando uma forte influência social no grupo o Dr. Gama Rosa afastou-se da presidência em 1884, sendo que em seu testamento de administrador cometeu a imprudência de nomear Cruz e Sousa como promotor público de Laguna, não chegando êle a assumir o cargo devido à oposição criada pelos chefes políticos do momen que não aceitavam um preto como promotor.

Em 1885 fundou o jornal denominado "O Moleque" do qual foi proprietário e diretor. Em 1886 novamente de Destêrro foi em outra excursão artística para o Rio Grande do Sul, de onde voltou em 1888 ficando no Rio de Janeiro.

Já em 1889 voltou para a província, deixando no Rio a boa amizade de Oscar Rosas. Durante o tempo em que esteve no Rio aperfeiçoou a sua cultura pois lá era metrópole e o nivel de cultura era superior aos outros lugares que já conhecera.

É de se notar que Cruz e Sousa sempre preferiu a cultura por audição, por meditação e por comtemplação, mostrando menos interêsse pela cultura por leitura.

Em 1890 passou a residir definitivamente no Rio de Janeiro, onde percorreu três empregos, não ficando em nenhum deles.

Sua primeira obra, o "Missal", surgiu em 1893, quando os naturalistas e parnasianos andavam em luta contra os simbolistas. Com apreciável genialidade, conseguiu Cruz, quase que uma nova lingua, mais dócil e com maior combinação, no antigo idioma português, quando editou esta sua primeira criação.

Ao contrário de todos os seus outros livros, "Missal" foi escrito em grande parte no Destêrro. O que mais se salienta em Cruz e Sousa é a sua maneira de escrever uando de um verbalismo que até em certas vêzes no torna estranho. No ano da publicação deste seu primeiro livro, êle também editou o seu segundo, que tem o título de "Broquéis". Êste seu segundo livro foi escrito em grande parte quando o "Poeta Negro" já estava noivo.

Dia 9 de novembro de 1889 êle casou-se com Gavita Rosa Gonçalves. Tendo a mesma côr que Cruz e Sousa foi ela criada na casa do Dr. Monteiro de Azevedo.

Após 1893 a Casa Magalhães que publicava os livros de Cruz e Sousa fechou as portas.

Depois de casado, Cruz foi trabalhar como praticante na Estrada de Ferro Central, passando logo após para o cargo de arquivista. Do seu casamento nasceram a filhos, inclusive um póstumo.

No ano de 1896 sofreu um forte abalo, pois além de sua espôsa passar por uma crise de loucura, neste mesmo ano seu genitor faleceu, sendo que sua mãe já havia falecido em 1891. Com todos êstes acontecimentos, Cruz ainda encontrou inspiração para escrever as páginas de "Evocações" e "Faróis", que bem retratam a situação difícil por que passava o autor.

Em "Evocações" êle abandona todo o seu estilo provinciano e passa a escrever como poeta da metróple. Já em "Faróis" está expressa tôda a sua vida de escritor sacrificado, pela qual passou.

Em dezembro de 1897 veio a triste notícia; o "Poeta Negro" estava tuberculoso. Após 3 mêses de doença veio a falecer, no dia 19 de março, na localidade de Sítio em Minas Gerais, para onde tinha se retirado para tratamento de saúde.

Sua última obra, "Últimos Sonetos", bem demonstra com que serenidade êle aguardava a sua hora final.

Depois de sua morte, faleceram 2 filhos e logo após a sua estimada espôsa também deixou êste mundo. Passado algum tempo morreu mais um filho, ficando só o último, que era póstumo, vindo êste a falecer em 1915 quando estava com 17 anos e cursava o preparatório.

Desapareceram assim, todos os componentes da famªlia, aniquilados pelo terrível bacilo de Koch.

Ainda hoje se glorifica aquêle que é a figura magna do simbolismo no Brasil.

APRESENTAÇÃO

A Academia de Comércio de Santa Catarina presta, com a presente publicação, a sua homenagem à memória do poeta negro Cruz e Sousa, cujo primeiro centenário está sendo brilhantemente comemorado pelas nossas instituições de cultura.

Reunindo aqui trabalhos de alunos do Curso Técnico de Centabilidade, cuja terceira série, no seu programa de Português, inclui estudos de nossa evolução literária, pretende a Academia de Comércio de Santa Catarina associar às expressivas celebrações em honra do imortal simbolista catarinense, algumas tentativas de interpretação da obra e da personalidade de Cruz e Sousa, feitas por jovens que estimam as atividades culturais e especialmente pelos que compõem a Turma de Técnicos em Contabilidade de 1961.

Como se vê, não se oferecem aqui trabalhos de profundeza e que aspirem a maiores glórias do que constituir modesta, mas significativa adesão aos sentimentos que inspiram, nos círculos de cultura do Estado e do País, o movimento destinado a assinalar o centenário dum grande vulto das lêtras catarinenses.

COMENTÁRIO SÔBRE CRUZ E SOUSA

(Alberto João da Cunha)

João da Cruz e Sousa era o nome do grande poeta brasileiro, que nasceu na antiga Destêrro, hoje Florianópolis, no ano de 1861.

Já se tornara um autor brilhante, de feição entre realista e parnasiana, conhecido não só em Santa Catarina, como também em outros estados da federação que percorreu, agregado a uma companhia dramática nacional, funcionando como ponto. Até nas rodas literárias do Rio de Janeiro, onde êle esteve de passagem algumas vêzes e contava com alguns poucos, mas dedicados amigos, já começavam a discutir sôbre o seu tendo os jornais e as revistas cariocas estampado várias produções suas.

O motivo de Cruz e Sousa ser negro, filho de dois antigos escravos de sangue africano, muito concorreu para torná-lo singular, vitima dos que se deixavam levar pelo preconceito da côr, causando simpatia em alguns outros e curiosidade em quase todos os que chegavam a conhecê-lo. Porém, só depois que êle se fixou no Rio de Janeiro, em 1891, é que ganhou a forma definitiva por que veio a assinalar-se nas letras nacionais, sendo hoje considerado como a natureza de poeta mais rica e mais poderosa das que representam a corrente simbolista no Brasil.

Seu primeiro livro "MISSAL", publicado no Rio de 1893, livro de prosa, porém dêsses que só podem ser escritos por um verdadeiro poeta, causou grande alvorôço no mundo literário, movimento de que só, podem das pálida idéia, quer os poucos elogios que chegaram a publicar-se, quer as chacotas e ironias que vieram à estampa contra o autor. No "MISSAL" manifesta-se uma natureza heróica, disposta à luta pela arte, comparada às grandes disputas dos tempos medievais. Com êsse livro Cruz e Sousa criava um novo gênero literário e uma nova atitude no terreno intelectual brasileiro. MISSAL representa um livro de transição do naturalismo para o simbolismo.

Ao primeiro livro seguiu-se BROQUÉIS, em versos, mas êsse já inteiramente dentro dos novos cânones literários. Os BROQUÉIS colocaram em completa evidência duas qualidades eminentes em Cruz e Sousa — sua virtuosidade como poeta, cujas rimas raras e expressões inéditas nascem com facilidade estupenda, num estilo que ninguém ainda igualou no Brasil, e uma sutileza espiritual, também incomparável, que o leva à imprecisão e a própria obscuridade, quase que tornando os seus versos poemas sinfônicos altamente sugestivos, mas inaceitáveis para os que tudo exigem na escrita, isto é, clareza e precisão.

O "Poeta Negro", como ficou sendo conhecido, continuava a produzir abundantemente, quando exausto de tão exigentes trabalhos intelectuais e também por uma questão de hereditariedade, contraiu uma tísica pulmonar galopante, de que veio a morrer dentro em pouco.

Deixou inéditos, em mãos de um amigo, três livros, sendo um tm prosa — EVOCAÇÕES, e dois em versos — FARÓIS e ÚLTIMOS SONETOS. O livro EVOCAÇÕES é verdadeiramente dramático e nele Cruz e Sousa fala indiretamente das dificuldades que passou em sua existência. Estilo semelhante ao que foi revelado em MISSAL. Os ÚLTIMOS SONETOS representam o livro mais simples, normal e emocionante do notável poeta, porque nele são encontradas suas últimas palavras, repassadas de orgulho e intransigência, mas ao mesmo tempo de resignação, piedade e bondade. Nota-se também nos ÚLTIMOS SONETOS a dolência mórbida do autor, em que êle foi caindo aos poucos, a visão do círculo de sombra que sentia formar-se em tôrno de si, antes que o mal surgisse implacável e violento.

Faleceu em 1898, portanto com trinta e sete anos de idade, na localidade denominada Sítio, Minas Gerais.

CRUZ E SOUSA

(Clarice Farias)

João da Cruz e Sousa, poeta catarinense — Expressão máxima do Simbolismo no Brasil — Nasceu na antiga Desterro em 21 de novembro de 1861. Era filho de escravos. Foi criado como filho pelo seu Senhor: Marechal Xavier de Sousa, e sua espôsa.

Tinha êle grande complexo em relação à sua côr e, sendo descendente de escravos, conservava sempre a marca subjetiva da sua origem, que causava um grande ressentimento, o qual êle expressava nas suas poesias.

Casou-se no Rio de Janeiro com uma jovem, da qual teve quatro filhos.

Dirigiu em 1882 o jornal abolicionista "Tribuna Popular".

Em 1893 publicou "Missal" em prosa e "Broquéis" em verso.

Em 11 de março de 1898 morria afetado pela tuberculose, vítimado na cidade de Sítio, em Minas Gerais, aonde fôra à procura da saúde.

Escreveu outras obras como: "Faróis" e "Ultimos Sonetos", em poesia e "Evocações" em prosa.

CRUZ E SOUSA

(João Pedro Nunes)

VIDA: Filho de pais negros e escravos. Pertenciam êles ao Marechal Guilherme Xavier de Souza, de quem o poeta tirou o sobrenome. Quando aquêle foi convocado para servir na guerra do Paraguai, alforriou seus escravos. Cruz e Souza mais afeiçoado a casa, foi sempre muito bem tratado e inteligente como era fizeraram-no cursar humanidades.

Tôda a sua vida lutou com a pobreza. Fêz parte de uma companhia teatral, com a função de "ponto", tendo assim percorrido grande parte do país. Quando do seu regresso colcca-se òtimamente: foi nomeado oficial de gabinete do Presidente da Província. Mais tarde foi nomeado promotor da Laguna, não tendo assumido as funções porque não o quiseram aceitar por preconceito de côr. Transfere-se para o Rio de Janeiro. Percorre as redações da capital, sempre lutando com a miséria. Consegue um emprêgo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Casa-se e tem quatro filhos. A espôsa enlouquece e, tempo depois, atacado pela tuberculose falece o poeta. De igual moléstia faleceriam a espôsa e todos os filhos. E assim se extingue tôda a descendência do maior poeta simbolista brasileiro o "Cisne Negro".

CARACTERÍSTICAS: — Cruz e Sousa é o ponto alto de sua raça aqui no Brasil. Desde os oito anos já compunha versos. Foi, porém, a desventura, sem nenhuma dúvida, quem lhe fixou a inspiração, com aquêles versos característicos de sofrimento, de pessimismo, de quase desespêro. Condenado irremediavelmente ao vexame da côr, mas dono de reconhecido talento, alma afetuosa de africano, imaginação transbordante, foi malogrado pela mãe natureza que vitimou tôdas as suas liberalidade: — o preconceito da sua côr.

Dono de um temperamento artístico, escolheu a poesia para dar vazão às enormes lufadas de mágoas que lhe corroiam o íntimo. Parecia que o fantasma do abandono o perseguia:

> "Ah! como eu sinto compungidamente
> Por entre tanto horror indiferente
> Um frio sepulcral de desamparo!"

Figura curiosa em nossa história cultural a do nosso poeta Cruz e Souza. Procurando libertar-se das opressões da sorte, não buscou nem o alcool, nem desperdiçou os seus valiosos dotes mentais na devassidão ou na boemia, como naturalmente se poderia esperar de sua condição racial.

Buscou a poesia reacionária do simbolismo que possui as mais simples e belas formas da expressão espiritual Identificou-se plenamente com a estética adotada, e embora tímido que era, bateu-se com desassombro para conseguir implantar na sua terra a poesia sugestiva. Impugnado pelos contemporâneos, tem tido na posteridade a consagração dos seus legítimos valores.

ESTILO: — Cruz e Sousa tinha o dom dos vocábulos e manejou-os de maneira suntuosa. Seu rítmo é fogoso e sua forma é brilhante. Muitos têrmos, bem dispostos, com eloqüência inebriante. A sensibilidade de sugerir e de provocar inúmeras emoções, as possuiu como nenhum no Brasil. Percebe-se nêle um verdadeiro pendor pelas palavras "branca", "imaculada", "claro" "cristalino".

Têrmos arrojados aparecem constantemente. Não raro abusa das aliterações, pululando a sua virtuosidade artificialmente musical:

> Vagam nos velhos vórtices velozes
> Volúpias dos violões, vozes veladas,
> Vagam nos velhos v0rtices velozes
> Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas"...

Para compreender a intensidade da sua arte, torna-se necessário enquadrar-se dentro dos princípios da escola que o poeta abraçou e, principalmente, conhecer a sua vida.

Assim como Castro Alves realizou o condoreirismo, assim o Poeta Negro foi no Brasil o único a realizar com o seu gênio a plenitude da poesia de Verlaine.

Cruz e Souza está situado no ról dos nossos melhores poetas.

CRUZ E SOUSA

(Francisco Gregório Viggers).

A figura mais representativa do Simbolismo Brasileiro, foi um negro sem mescla: João da Cruz e Sousa. Filho do mestre-pedreiro Guilherme, escravo do marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa e da liberta Carolina, nasceu em 24 de novembro de 1861, na Capital Barriga Verde.

Com o início da guerra do Paraguai, o marechal alforriou seus escravos.

Como não tinham filhos, o negrinho ficou na propriedade dos patrões, vivendo e sendo educado como filho. Acostumou-se a bem comer e a bem vestir-se.

Aprendeu a ler e escrever com D. Clarinda, espôsa do M de Campo Guilherme Xavier de Sousa. Dada a grande inteligência do futuro poeta, matricularam-no para completar seus conhecimentos, no Ateneu Provincial de Santa Catarina

Teve ótimos mestres e amigos em Pe. Leite de Almeida, Dr. José de Rosas Ribeiro, Anfilóquio Nunes Pires e principalmente o naturalista e sábio alemão Fritz Müller que certa vez lhe vaticinou em seu "corretissimo" português: "João da Cruz, tu serrá na futurro uma homem ilustra da Brassil".

Os fatos demonstraram que o alemão era profeta. E os caminhos da glória do Cisne Negro foram tão pedregosos como a linguagem do mestre. João da Cruz e Souza era aluno atento e aplicado. Mereceu a amizade dos colegas, a confiança dos mestres e a inveja dos inimigos. Depois de formado, lecionou no Ateneu e particularmente. Gastava tudo, segundo um testemunho de Virgílio Várzea, seu amigo de mocidade, em trajes vistosos e bem confeccionados, andando sempre bem trajado, despertando ainda mais invejas e comentários. Conta-se que ao meio dia geralmente estava à porta dc um restaurante situado no atual Ponto Chic, palitando os dentes, fazendo os outros pensarem que já havia almoçado.

Apesar da situação fianceira que se tornou precária depois da morte de seus benfeitores, Cruz e Souza preocupou-se pelos problemas sociais da época.

Em 1881, começou junto com Virgílio Várzea, intensa campanha abolicionista na "Tribuna Popular". Dedicou-se à causa dos negros com ardor de apóstolo e paixão de fanático, defendendo a tese abolicionista na imprensa e em praça pública. Era nesta época líder da ESCOLA NOVA, acompanhando a estética do naturalismo e parnasianismo em voga na vida literária brasileira e no grupo barriga-verde, cujas reuniões presidia em sua casinha na Práia de Fora.

Em 1885, publicou TROPOS E FANTASIAS, produzido com a cooperação de Virgílio Várzea. São versos parnasianos com métrica rigorosa. Foi uma estréia que o projetou ainda mais nos meios literários e no coração dos amigos, como Luiz Delfino, Francisco da Gama Rosa, B. Lopes, Maurício Jubim, Gonzaga Duque, Silveira Neto e tantos outros sem esquecer seu maior amigo Nestor Vitor, que muito influiu no espírito do negro poeta e depois o revelou aos brasileiros num admirável trabalho crítico.

Em 1889, quando o poeta viu satisfeitos dois sonhos a abolição e a Republica, — já viagara todo o pais como secretário de uma companhia teatral.

Recebeu por esta época das mãos do Dr. Gama Rosa as obras de Poe, Huysmans, Sar Péladau, Baudelaire, Villiers de L'Isle-Adam e de outros, que Medeiros de Albuquerque trouxera ao Brasil. Ficou fascinado por aquêle novo conceito de arte: A Arte de sugerir idéias e sentimentos pela música do verso ou pela assonância e aliteração, a arte sem idéia clara, sem sentimento preciso, mas a arte pela expressão do **vago** e o **indeciso** dos estados d'alma, pelo rítmo do verso e pelo símbolo de certas palavras sugestivas. Nesta nova modalidade de arte, o prazer do Belo está em o leitor descobrir pouco a pouco as significações do poema. Segundo Mallarmé, o poeta coloca nas mãos do leitor as chaves com que deverá abrir as portas do mistério. No simbolismo o poeta se serve das imagens, não como ornamento mas como uma revelação da realidade profunda das coisas (Baudelaire).

Havia uma afinidade muito grande entre esta arte e a alma torturada do poeta. Só em versos simbolistas poderia sugerir aquela dor de ser negro desprezado, a dor da pobreza que lhe cortava os ideais. Quando em 1890, foi ao Rio ,já era simbolista consciente. Na então capital da República em meio a todos os sofrimentos, trabalhos e humilhações colaborou em vários jornais como "NOVIDADES", "FÔLHA POPULAR", "CIDADE DO RIO".

Casou em 1893, com Gavita. Ao lado dela e de 4 filhos passou as maiores misérias. Lutou contra a pobreza, contra incompreensões dos patrões, contra tudo. A morte dos pais, de dois filhos, o enlouquecimento de Gavita, influiram na alma e afetaram o corpo de Cruz e Souza. Em 1893 publicou MISSAL em prosa, e BROQUÉIS em verso.

Estas publicações o colocaram definitivamente no cenário dos grandes poetas.

Escreveu também nesta época: EVOCAÇÕES (prosa) — E FARÓIS — ÚLTIMOS SONETOS (em verso) publicadas postumamente por Nestor Vitor e amigos. Atacado de tuberculose, partiu para Sítio — Minas Gerais, onde faleceu no dia seguinte ao da chegada, em 19 de março de 1898.

Seu corpo veio num trem, num vagão de cavalos, fora de esquife, No Rio os amigos esperavam os despojos do Dante Negro. Ficaram muito sentidos com mais aquêle ultraje ao maior poeta da raça negra. Patrocínio imediatamente mandou fazer, por conta de sua bôlsa, um entêrro de primeira.

Depois da morte recebeu homenagens: deu nomes à ruas, edifícios, recebeu o reconhecimento dos críticos, ergueram-lhe um mausoléu, estátuas etc.

Mas o que mais vale de tudo o que vemos são as obras:

TROPOS E FANTASIAS (1885), MISSAL (Rio 1893), BROQUÉIS (1893 Rio), EVOCAÇÕES (1898), FARÓIS e ÚLTIMOS SONETOS (Paris 1905).

Temos ainda Obras Completas de Cruz e Sousa em dois volumes de 1904, e outra de Fernando Góis publicada em 1943 e Poesias Completas incluindo inéditos e dispersos, feita por Andrade Muricy em 1944, e ainda Poesiás de Cruz feita com uma introdução de Tasso da Silveira, publicada em 1944.

Um fato curioso na vida dêsse poeta é a dedicação total à arte. Não buscou no álcool, na boemia, e na devassidão o esquecimento de seus sofrimentos e amarguras. Desabafou-as na poesia. Vomitou em versos tudo o que lhe oprimia o consciente, tudo o que lhe dilacerava o coração... E não se exprimiu em versos frios de parnasiano... Buscou no misticismo simbolista a expressão de sua dôr. Em BROQUÉIS, o Poeta Negro exprime sua dôr de ser negro. A dôr de ver-se desprezado por brancos invejosos, que não reconheciam seus méritos e até o impeliam à miséria. Transparece nestes versos um conflito psíquico.

De um lado os problemas cruciantes de sua vida: o drama da côr escrava, o desprêzo dos brancos no caso da Laguna, sua situação econômica precária após a morte de seus antigos patrões. De outro lado o brio de homem, a fé nos seus próprios valores, o Machtrieb adleriano do seu inconsciente. Cruz e Souza encontrou na poesia a fuga de seu complexo de côr. Ela exerceu uma verdadeira função catártica na alma oprimida do poeta. Aqueles versos melodiosos foram a descarga emotiva e afetiva que o livraram momentaneamente dos problemas e angústias. Tôda a poesia de Cruz. BROQUEIS principalmente, vem saturada daquela quase obsessão do poeta por tudo que exprime Brancura, Pureza, Diafaneidade.

Ao ler os poemas dêsse livro, tem-se a impressão de entrar num mundo inteiramente branco. Vê-se claramente o anseio do Cisne Negro de esquecer sua condição de filho de escravos, sugerindo tudo que não lembre a côr de sua pele. Procurando uma expressão virginal. Assim o poema "Antífona" é uma demonstração de sua riqueza de têrmos para sugerir tudo o que exprime o contraste de sua côr; assim começça:

Ó Formas álveas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras... etc.

E assim em vários poemas de BROQUÉIS, o inconsciente do poeta transforma o complexo de ser negro em fascínio pelas coisas brancas da natureza, glorificando-as e resultando versos de um poder sugestivo admirável, como: no poema à Lua:

"Clâmides frescas, de brancuras frias,
Finíssimas dalmáticas de neve
Vestem as longas árvores sombrias,
Surgindo a Lua nebulosa e leve...

Ó Lua das magnólias e dos lírios
Geleira sideral entre as geleiras etc.

Em "Tuberculosa" são notáveis os versos:

"Alta, afrescura da magnólia fresca,
Da côr nupcial da flôr da laranjeira,
Doces tons d'ouro de mulher tudesca
Na veludosa e flava cabeleira".

(Continua na pág. seguinte)

(Conclusão da pág. anterior)

Aparecem nestes versos a idealização da mulher e a paixão pela mulher branca.

Amou Gavita, espôsa negra, e sonhou, esquecido do real, com a mulher branca.

Ainda no mesmo poema temos os seguintes versos:

"Mãos liriais e diáfanas, de neve,
Rosto onde um sonho aéreo e polar flutua,
Ela apresenta a fluida, a leve
Ondulação da vaporosa lua, etc".

Características semelhantes aparecem no livro "MISSAL" publicado no mesmo ano de 1893. É um livro em prosa profundamente simbolista.

Depois começou a quadra mais cruel da vida do poeta. Trabalhava àrduamente para manter a família aturando incompreensões e até desafôros de seus patrões. Dedicou as horas de sono para a arte. Teve que suportar além do cansaço físico e mental a dôr de ver Gavita enlouquecida, ver dois filhos morrer, sem nada para garantir a saúde dos que lhe restaram.

Todo êste quadro de miséria aparece em **"EVOCAÇÕES"**, publicado postumamente por Nestor Vítor em 1898. Principalmente no trêcho "Emparedado" (pg. 425-452) há um retrato quase perfeito da alma oprimida do poeta.

É a figura do autor"emparedado" entre os egoismo e invejas, entre os preconceitos de côr, entre a imbecilidade a ignorância com que a sociedade ocultava o talento do poeta. É uma obra em prosa, com tôdas as características da escola simbolista. Respira-se aquêle ar de mistério sugerido pela musicalidade de palavras sonoras, pela repetição e emprêgo de maiúsculas, com frases que mais falam ao coração que à inteligência. Eis o final de o "EMPAREDADO": "E mais pedras e mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras.... Pedras destas caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! Hão de subir, subir mudos, silenciosos, até as Estrêlas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e Emparedado dentro do teu Sonho..." (Evocações pg. 452).

Em FARÓIS, publicado em 1900, encontramos poemas de extrema ternura e trsteza inspiradas pelo amor filial e pela dôr de ver Gavita demente.

No poema "Meu filho" revela-se o amor filial do poeta e ao mesmo tempo a revolta e o desespêro por ver seus filhos ameaçados na existência pela miséria da vida. Há quase uma dôr de ser, uma preferência pela Nirvana onde voltamos ao Nada.

Há muita variedade nesta obra de Cruz e Sousa. Além da abundância de motivos poéticos, e poeta experimenta a variada técnica simbolista.

Temos versos à altura do satanismo de Baudelaire:

Em "TÉDIO"

Delírio contorcido, convulsivo
De finas serpentes
No silamento e no mover lascivo
Das caudas e dos dentes.

Sim! Bendita a cova estreita,
Mais larga que o mundo vão,
Que possa colher direita
a noite do teu caixão!

Porco lúgubre, lúbrico, revoso
Do tábico pecado,
Fuçando colossal, formidoloso
Nos lôdos do passado.

Há versos de um virtuosismo excepcional:

Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos vivas, vãs, vulcanizadas...

A sua derradeira obra, "ÚLTIMOS SONETOS" que veio a lume em 1905, marca a maturidade poética do autor. Defendendo o valor do Espírito, fez sua auto-afirmação como ser racional, superando em parte o complexo de ser negro. Êle que partira de uma filosofia negativista terminou sendo um dos fatores da revolução espiritualista no Brasil, avizinhando-se gradativamente do catolicismo como assinala Nestor Vítor em sua obra crítica sôbre Cruz e Sousa.

Em últimos Sonetos principalmente pululam têrmos religiosos, em assuntos que nada têm da terrenidade da filosofia que assimilou na mocidade.

A filosofia materialista foi sendo substituída As misérias incompreensões e sofrimentos da vida fizeram-no espiritualista. Últimos Sonetos está cheio de aspirações pelo infinito, pelo Nirvana, pela Amplidão.

A dôr do poeta se reveste agora de uma compaixão pelos que vivem no desamparo do espírito, compaixão pelos que não acharam o caminho que êle encontrou. Para exemplo vejamos o soneto: ALMAS INDECISAS.

Almas ansiosas, trêmulas inquietas,
Fugitivas abelhas delicadas
Das colméias de luz das alvoradas,
Almas de melancólicos poetas.

Que dôr fatal e que emoções secretas
Vos tornam sempre assim desconsoladas,
Na pungência de tôdas as espadas,
Na dolência de todos os ascetas?!

Nessa esfera em que andais, sempre indecisas,
Que tormento cruel vos nirvaniza,
Que agonias titânicas são essas?!

Por que não vindes, almas imprevistas,
Para a missão das límpidas
E das augustas, imortais Promessas?!

A obra do maior poeta catarinense não foi bem recebida pelos críticos daquela época Muito influiu a condição racial do poeta. Mas a maioria dos críticos não compreendeu a obra simbolista. Acostumados à objetividade e à técnica parnasianas, não deram valor àqueles versos difíceis e nem se deram ao trabalho de uma análise mais profunda. Nestor Vítor foi o crítico que o revelou aos brasileiros, apresentando-o como um de nossos maiores poetas. Ainda hoje se está estudando o grande poeta. A crítica nacional é unânime em confessar a glória do nosso Dante Negro, ou Cisne Negro, como foi justamente apelidado. Também grandes figuras literárias estrangeiras testemunharam sua admiração pela obra de Cruz e Sousa. Ventura Garcia Calderon, Juan Mas Y Pe, Júlio Noé, o Cardeal Cerejeira, e muitos outros estão no rol dos grandes admiradores de Cruz e Sousa Roger Bastide inclui nosso poéta na grande tríada harmoniosa do Simbolismo Mundial, ao lado de Stefan George e Mallarmé A postendade pagou com glória o desprêzo com que em vida foi atingido. Morreu o poéta, morreu sua espôsa, morreram seus quatro filhos, mas a obra do Cisne Negro ficará atestando que êle é um dos maiores poetas do mundo, em qualquer tempo e lugar.

Bibliografia Consultada:

Panorama do Simbolismo Brasileiro
Andrade Murici

Cruz e Sousa da Coleção Nossos Clássicos

Noções de Literatura Brasileira
Ébion de Lima

História da Literatura Brasileira
Sílvio Romero

DADOS BIOGRÁFICOS DE CRUZ E SOUSA

(Airton Cidade)

Em 24 de novembro de 1861, nasce na antiga Destêrro, João da Cruz e Sousa. Negro sem mescla, seu pai e sua mãe conheceram a agrura da escravidão, tendo êle mesmo, nascido escravo.

Criado e educado pelo Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Sousa e sua espôsa, além de obter uma bela educação, foi também criado como um filho.

Em 1882 Virgílio Várzea convidou-o para dirigir, juntos, o jornal abolicionista TRIBUNA POPULAR, fato esse que durou até meados de 1889. A hostilidade dos brancos impeliu-o a deixar o torrão natal. Correu o Brasil de norte ao Sul como secretário e ponto de uma companhia dramática.

Em 1885 também com Virgílio Várzea pública um volume intitulado **Tropos e Fantasias**, que foi seu poema de estréia.

Em 1886 vai ao Rio Grande do Sul, onde é recebido triunfalmente.

(Continua na pág. seguinte)

Dois anos mais tarde de passagem pelo Rio de Janeiro, conhece alguns amigos brancos Entre eles o amigo que mais se dedicou para a sua glória, Nestor Vítor, ao mesmo tempo que entra em contacto com os corifeus do simbolismo europeu.

— Instável nos empregos, não conseguiu mesmo firmar-se na imprensa O melhor que teve foi o de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil ganhando naquela época Cr$ 250,oo mensais.

— Casa-se com uma senhora de raça negra, da qual teve quatro filhos.

— Mais tarde a miséria bate a sua porta, morrem-lhe o pai e a mãe e dois de seus filhos. A espôsa fica por algum tempo louca.

—Apesar de tudo isso tinha alguns amigos brancos, que justamente nessa hora muito fizeram por João da Cruz e Sousa, conseguindo trabalhar. E em 1393, publica os livros Missal e Broquéis, o primeiro em prosa e o segundo em verso e com eles inspira deslumbramento e respeito.

Nos anos posteriores criou tôda a fascinante matéria de livros que só posteriormente apareceram.

Finalmente em 1897 apoderou-se dêle uma tuberculose violenta. Conduzido para o Estado de Minas, cidade de Sitio, para uma tentativa de cura, mas tudo foi em vão e falece a 19 de março de 1958, Veio o cadáver ainda fora do esquife, para o Rio, num vagão de cavalos, tendo um entêrro condigno, patrocinado por Patrocínio.

Estudo Crítico

Fato extremamente curioso e, aliás, de sentido profundo, é que filho de raça negra sem mescla, embora nascido no Brasil, venha sendo atribuida, por analistas de claro discernimento, inconteste primazia a Cruz e Sousa entre quantos em nossa pátria contaram. Sem dúvida, o canto em que mais fundamente pulsassem nossa alma de povo, com suas angústias, suas alegrias, seus sonhos peculiares, deverá ser esperado da bôca de um poeta de complexa metiçagem, se fôsse verdade a preponderância dos fatôres étnicos na condensação do milagre poético.

Pelo menos a priori seríamos levados a pensar que nosso canto total não poderia nascer de lábios que significassem uma só das muitas origens de nosso turbilhonário psiquismo rácico.

Ora o desmentido a essa conclusão apriorística, dá-no-lo exatamente Cruz e Sousa. O fenômeno é de interêsse tanto mais positivo quanto serve a fazer-nos penetrar um pouco mais a verdadeira excência da poesia.

O ponto de partida de surto em beleza e dor do poeta negro foi, é evidente, o drama de sua cor. De início, tôda a sua problemática se encerra nos estreitos limites desse drama. É o negro ferido pelo desprêzo dos brancos, e hostilizado, esmagado pelo orgulho do branco, impelido pelo branco a uma vida de aflição e miséria, e, no entanto, tomado de insofreável paixão pelo branco, pela mulher branca, sobretudo, que ergue os primeiros dolorosos clamores da poesia de Cruz, e procede às misteriosas transmutações que lhe transformam o mundo numa fulguração imensa, e inatingível, de gloriosas brancuras.

Acontece porém que a alma humana é um dom virginal de Deus a cada ser que surge para a grande aventura da vida. Nesse dom, como nos sugere Sciacca, nessa substância diferente algo se contém da infinitude divina, algo que é segura ponte de passagem entre o efêmero e o eterno. E, assim um toque mínimo de pura terrenalidade, como, no caso, foi em Cruz e Souza, aquêle drama referido, pode distender-se em repercussões de infinita ressonância No poeta de Faróis, a dor de ser negro e desprezado rebentou de certo ponto em diante em sofrimento metafísico, em puro clamor humano, em dor de "ser".

E eis porque sua voz, cristalizando-se em ritmos e músicas e sentidos de acuidade e originalidade impressionantes, pode dar corpo, não apenas ao nosso mais íntimo solução de povo diferenciado, como também ao que em nosso espirito palpita de transcedente universalidade.

Não são apenas críticos patrícios que chegaram a tal afirmação audaciosa. Mais veementemente do que eles nesse mesmo sentido já se manifestaram penas ilustres de críticos estrangeiros.

Cruz e Souza é considerado como o único introdutor do simbolismo no Brasil.

O simbolismo reagiu principalmente contra o espírito positivista na arte, e contra a prisão do espírito humano nos domínios estreitos de algumas normas que pretendiam explicar e organizar o mundo, afastando qualquer cogitação que se revestisse de mistério. O artista saía desencantado e pessimista, pois passou a descrer do alcance e resultado da aplicação científica na arte.

Cruz e Sousa, o "cisne negro" como foi chamado pelos seus contemporâneos, foi um fervoroso discípulo da "arte pela arte", Negro, pobre, infleiz em seu casamento pela série de desgraças que lhe aconteceram Cruz e Souza fêz dêsses sofrimentos físicos e morais um motivo patético que sua parte esplêndida nos traduz em acentos dilacerantes e suspiros profundos. Em seu soneto Vida Obscura revela-nos essa luta ínitma e altiva para vencer os preconceitos sociais que o isolavam, através de uma poesia compreensível a poucos pelo que trazia de inefável e hermética; uma poesia de elite.

"CRUZ E SOUZA — diz Roger Bastide — sentia nitidamente que a arte era um meio de abolir a fronteira que a sociedade colocava entre os filhos de escravos africanos e os filhos de homens livres: é por isso que foi logo ao tipo que lhe pareceu o mais ariano de todos".

Diz ainda que Cruz e Souza preferia os evocações dos brancos, que ele interpreta como a "Expressão de uma imensa nostalgia: a de se tornar ariano".

Já no primeiro poema de Broquéis aparece "Antifonia" que começa desta maneira:

"Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luares, de neves, de neblinas..."

Roger Bastide contou na obra do poeta 169 evocações dessa espécie.

Em seus livros que deixou por publicar "Faróis" e "Últimos Sonetos" nota-se uma maior profundidade e, principalmente, nos sonetos, uma acentuada influência de Antero de Quental na forma, uma vez que na idéia, a constante de Cruz e Sousa é a altivez heróica do lutador que foi, e das lutas que o bárbaro e o anjo travaram em sua alma.

Pouco a pouco sua alma foi adquirindo aquela serenidade cristã, "transbordante de piedade, soluçando de ternura, de compaixão, de misericórdia", que o levou a uma profunda e melancólica compreensão da vida e do homem. Pôde, então, escrever aquêle magnífico sonêto intitulado "ASSIM SEJA".

"Fecha os olhos e morre calmamente!
Morre sereno do dever cumprido!
Nem o mais leve, nem um só gemido,
Traia sequer o teu sentir latente"!

CRUZ E SOUSA

(Ione Ouriques)

João da Cruz e Souso nasceu em Florianópolis Estado de Santa Catarina em 24 de novembro de 1861. Faleceu em Minas Gerais em 19 de março de 1898. Era filho dos negros Guilherme e Carolina, que haviam sido escravos do general Guilherme Xavier de Sousa.

Poeta simbolista, de um lirismo banzo, instintivo e ocamente sonoro. A maioria de seus versos tem o brilho do ouro. Marcado no berço por um gênio adverso, a tragédia que viveu lhe sombreia todos os versos, mas não consegue insuflar neles essa fôrça criadora que é o sêlo das obras imperecíveis. A espôsa ficou louca, e seis meses depois morria tísica. Quatro filhos que teve foram vitimados pelo mal. Êle próprio morreu tuberculoso na mais triste e descladora penúria.

Cruz e Souza concluju o curso primário e secundário. Trabalhou, em várias companhias teatrais percorrendo assim diversos estados do Brasil. Mais tarde fundou um jornal "O Moleque", e colaborou em outras fôlhas.

A obra de Cruz e Souza não é, todavia, a maior expressão da poesia lírica no Brasil. Não há quase um verso que não seja um grito contra a opressão do ambiente que o cercava, grito nascicido mais do instinto da raça que da consciência da vida. Cruz e Sousa possuia um perfeito conhecimento da situação que à sua pretensa inferioridade étnica reservava o meio em que vivia. Seu individualismo, por vêzes atrevido, era o amargo fruto dos preconceitos que o comprimiam por todos os lados. A poesia de Cruz e Sousa resiste à mais penetrante análise. as incorreções que por ventura apresente, as obscuridades, a falta de transparência de alguns símbolos são amplamente compensados pela agudeza de sua emoção, pela honestidade da sua queixa imensa e humilhante. Escreveu: "Faróis", onde surgem, por vêzes, versos d ecunho filosófico; "Broquéis", obra com que ganhou a batalha do simbolismo e na qual surge uma particularidade: o encanto do poeta em relação à côr branca; Últimos Sonetos, onde há notas de desespêro e ressonâncias de Antero de Quental; Tropos e Fantasias, obra de estréia; Missal, trabalho em prosa.

Os simbolistas não seguem um estilo certo. Cada um pode criar a sua língua própria, dando aos vocábulos as significações que melhor lhe parecerem. Por isto é que a poesia simbolista se tornou confusa, embora muito sonora, muito harmoniosa aos ouvidos.

Por causa do seu simbolismo, Cruz e Souso tornou-se muitas vêzes obscuro. Recorre com muita frequência à onomatopéia, tão do gôsto da escola. Tem versos profundos e foi grande inspirado a quem os asares da sorte não permitiram maiores vitórias.

CRUZ E SOUSA

(Norval Antônio Arioli)

João Cruz e Souza foi o maior poeta catarinense, e considerado também como o maior simbolista do Brasil, pois era um fiel seguidor das normas ditadas pelo simbolismo. Nasceu em Destêrro, no Estado de Santa Catarina, no ano de 1863 e morreu em 1898 em Minas Gerais. Filho de escravos africanos. João Cruz e Souza foi vítima dos que se deixavam levar pelo preconceito da côr, o que muito o sensibilizava. Sua terra natal, sem possibilidades literárias, contribuiu para que fixasse domícílio na antiga capital da República em 1890, onde ingressou nas letras nacionais. No Rio de Janeiro escreveu seu primeiro livro intitilado "Missal", livro de prosa, que lhe deu grandes elogios. lhe deu nome, acompanhado de severas criticas.

Com êsse livro Cruz e Sousa criou um gênero literário diferente, uma nova atitude no terreno intelectual brasileiro. Após o "Missal", escreveu um livro de versos, que levou o título de "Broquéis", publicado em 1893, mas já dentro das regras literárias. Com "Broquéis", João Cruz e Souza demonstra sua virtuosidade como poeta com suas rimas raras e expressões inéditas, até hoje ainda não igualadas no Brasil.

Continuou a escrever até que, dado ao excesso de trabalho intetectual, veio a falecer em pouco tempo, na localidade de Sitio, no Estado de Minas Gerais, de uma tísica pulmonar galopante.

Deixou em mãos de amigos três livros "Evocações", "Faróes" e "Ultimos Sonetos". Sua família mais tarde veio também a falecer de tuberculose.

CRUZ E SOUSA

Roberto P. da Luz e
Reginaldo F. Simões

Foi em Santa Catarina, na cidade do Destêrro, atual Florianópolis, que em 24 de novembro de 1861, nasceu Cruz e Sousa. Batizado com o nome de João, Cruz e Sousa, era filho de dois negros; Guilherme, mestre-pedreiro, e Carolina, ambos ex-escravos do Marechal Guilherme Xavier de Sousa (motivo pelo qual João da Cruz acrescentou Sousa, ao seu nome). Ex-escravos porque o marechal alforriou todos os seus negros quando foi guerrear no Paraguai.

Nascido sob os tetos aristocráticos e opulentos do marechal, que foi um dos maiores amigos do poeta na sua mocidade, Cruz e Sousa foi criado com muitos mimos, como se fôsse mesmo um filho. Por isso pôde Cruz e Sousa receber excelente educação primária e frequentar o curso completo de Humanidades, que êle realizou no Ateneu Provincial, então dirigido pelo Padre Mendes de Almeida, que lecionou ao poeta latim, inglês e grego, matérias nas quais êle se distinguiu bastante. A aula de francês estava confiada ao Professor João José de Rosas Ribeiro, pai de Oscar Rosas, que foi outro dos melhores amigos e dos mais dedicados que Cruz e Sousa encontrou mais tarde, quando foi embora para o Rio de Janeiro. Mas, o professor mais importante do Ateneu era o sábio alemão Fritz Müller, naturalista conhecido em todo o mundo, colaborador de Darwin, e que tinha por Cruz e Sousa uma simpatia pessoal. Certa ocasião durante uma lição, êle disse. "João da Cruz tu está uma grande talenta e tua vais ser, na futurro, um home ilustra da Brasil".

Bem criado e educado, aluno estimadíssimo dos seus mestres, dêsde menino começou a fazer versos e com oito anos já escrevia poesias que eram muito aplaudidas quando recitadas. Decorreu assim sua infância muito feliz, tranquila e sem preocupações. A adolescência também foi assim, que nem os primeiros anos, e êle passou-a no ambiente provinciano do Destêrro. Vigílio Várzea, que conheceu Cruz e Sousa em 1882, quando êle estava com vinte anos, assim se expressou: "De um talhe espiègle e elegante, muito preocupado com sua pessoa, Cruz, como os pais não precisassem de seu auxílio para viver, gastava tudo o que ganhava nas lições particulares que tinha, em trajes variados, finos e bem feitos, pelo que andava sempre muito asseado e bem vestido". Retratando o poeta assim se expressa Virgílio Várzea: "Era um crioulo de compleição magra e estatura mãe. Não obstante, simpático. Nos seus olhos, grandes e bonitos, havia um forte brilho intelectual e uma vaga expressão de tristeza e humildade. "Por êste tempo, o jornalista catarinense Lopes Junior, que herdara do pai um jornal chamado o "Despertador", transformou êste jornal num bi-semanário moderno cujo título e era **A Tribuna Popular.** Inicia-se então a luta pela causa: as necessidades do século", por acharem êles que os versos clássicos eram muito lamurientos e acrósticos.

Por êsses anos de 82 e 83 andou Cruz e Sousa viajando com algumas companhias teatrais, que passando pelo Destêrro, o contratavam como ponto ou como secretário, às vêzes as duas coisas ao mesmo tempo. Com uma delas, a da atriz Julieta dos Santos, dirigida pelo ator F. Moreira de Vasconcelos, que também escrevia versos e se afeiçôou muito a Cruz e Sousa, foi êle até o Rio Grande do Sul, e depois na volta percorreu todo o litoral do Brasil indo até o Amazonas.

Em 1883 é nomeado presideste de Santa Catarina o Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa, espírito aberto e franco às idéias modernistas.

O novo presidente chamou Vírgilio Várzea para seu oficial de Gabinete. Apenas um ano após deixa o govêrno, não sem antes ter procurado amparar o seus jovens amigos que com êle lutaram para o propagação das novas idéias literárias, de que êle tinha sido grande animador e contribuinte. Cruz e Sousa é nomeado promotor público em Laguna. mas o preconcento racial o impediu de tomar posse do cargo, devido a terem os politicos da Laguna achado uma nomeação injuriosa.

Em 1885, em colaboração com Virgílio Várzea, é publicado seu primeiro livro conhecido como: **Tropos e Fantasias.** Sôbre esta obra assim se expressou Nestor Vítor· "Nada de melhor do que essas escassas páginas. Ainda sem côr segura, sem individualidade apreciável, sem rumo certo, meio querendo ser naturalistas, meio infantís ou sêcas na realidade, para revelar quanto vinha sendo ainda difícil aos dois esforçados provincianos terem valor ponderável fora do âmbito provinciano".

Em 87 êle escreve e publica dois artigos de crítica; um sôbre a Biologia e Sociologia do Casamento, do dr. Gama Rosa, então publicada, e outro sôbre um livro de Virgílio Várzea, Miudezas· Quanto às atividades abolicionistas de Cruz e Sousa são incertas, faltando-nos documentação para abordarmos o caso.

Quanto aos amôres do poeta, encontramos nas Evocações, quando êle fala em uma certa Ana, que Nestor Vítor informa ter sido uma môça "da família em cujo lar o poeta se criou, e que lhe tinha particular amizade".

Em fins de 1890 dá um adeus ao Destêrro e abandona Santa Catarina para sempre· Vai embora para o Rio. Estava com 28 anos e tinha mil ambições de glória na cabeça. Mais tarde, referindo-se a êsses tempos, assim se expressa Cruz e Sousa: "Eu estava na mocidade, na plena e na fortalecente mocidade. Desabrochavam em mim perigosas e viçosas flores de delírio juvenil. Eu aspirava o vago, o turbilhão das Quimeras. Palácios de fadas eram os meus dias. Uma saúde vital dava-me ações de intrepidez, envergaduras ousadas, fantasia e fôrça e frescura material de montanhês que vai galgando montanhas por alvoradas de ouro e aves". Agora Cruz e Sousa está no Rio. Trabalha numa redação, sai, trabalha em outra. Alguns jornais publicaram trabalhos seus, em prosa e em verso· Em 1891 e 1892 êle começa a ler Verlaine, Lilliers de L'Isle, Adam, Huysmans, o português. João Barreira, cujas Gouaches o impressionaram muito e principalmente Baudelaire, que êle citará sempre.

Em novembro de 1983, no dia 9, Cruz e Sousa casou-se. Gavita era o nome de sua companheira e era negra também. Assim a descreveu o poeta: "Beleza prodigiosa de olhos como pérolas negras refulgindo no tenebroso cetim do rosto fino; lábios médicos, tintos a sulferinos; dentes de esmalte claro; busto delicado, airoso, talhado em relêvo de bronze florentino, a Núbia lembra, esquisita e rara, êsse lindo âmbar negro, azeviche da Islância".

Inicia-se para Cruz e Sousa uma fase de privações, tendo êle que trabalhar como praticante na Estrada de Ferro Central do Brasil. Apesar de tudo o número de amigos e admiradores aumentava, ainda mais conhecedores de suas necessidades e privações. No entanto a família ia crescendo, os filhos estavam chegando e com êles as privações aumentavam para o poeta. Já não era mais o elegante de outros tempos· Vestia-se mal e pobremente. Em março de 1896 Gavita sua mulher enlouquece, e Cruz e Sousa vive com a louca em casa. Mêses depois, em agôsto dêsse mesmo ano falece seu velho pai. Já não é mais aquêle poeta exuberante. O que lhe vai no coração é uma revolta surda, insopitável. E êle grita, clama contra êsse estado de coisas, que o reduziu a um pobre diabo, abandonado e incompreendido·

Apesar de ter sido promovido na Central, agora é arquivista, Cruz e Sousa não melhorou nada. Ganha menos de trezentos mil réis e continua a mesma existência apagada e sofrida. Vive para a mulher e para os dois filhos, para a poesia e para o pequeno grupo de seus amigos, que ouvem, com admiração cada vez maior, os versos dolorosos que êle vai compondo.

Em dezembro, nos versos dos Broquéis êle fala da Tuberculose. A enfermidade vai-lhe palmo a palmo·

Ganhando o corpo como num terreno...
E com prelúdios místicos de salmo.
Cai-lhe a vida em um crepúsculo sereno.

Por determinação médica, precisa ausentar-se do Rio, procurar um clima melhor para os pulmões atacados. Vai. para o Sítio, uma estação mineira.

Estamos em Março de 1898. Dias antes de partir, entrega a Nestor Vítor todos os seus manuscritos. E separadamente manda ao amigo, com um bilhete em que declara serem os seus últimos sonetos, a coleção de versos que, sob êsse título foi editada em 1905.

Três dias depois de o poeta ter embarcado para o Sítio, aonde fôra em busca de saúde, uma notícia violenta e inesperada abalou os seus amigos. Cruz e Sousa morrera. Na estação da Central, para receber o corpo de Cruz e Sousa, apareceram sòmente quatro pessôas: Maurício Jubim, Tibúrcio de Freitas, Carlos D. Fernandes e Nestor Vítor· José do Patrocinio chegou depois e foi quem, generoso, mandou fazer o entêrro.

A obra de Cruz e Sousa é bem o reflexo de sua vida. Êle é um poeta que para ser compreendido, e êsse não é o maior desejo, não só dos poétas, mas de todos os artistas, pre-

(Continua na pág. seguinte)

CRUZ E SOUSA

(Conclusão da pág. anterior)

cisa ser olhado do ponto de vista de sua vida. Assim, a melhor introdução às suas obras, parece o conhecimento de sua existência. Existência dolorosa e amarba, onde quem mais não o compreendeu foi êle mesmo. João Alfonsus quando notou que era o seu orgulho que o emparedava, acertou.

Nestor Vítor, Tibúrcio de Freitas, seus amigos mais íntimos, também não viram isso E se tivessem visto e o dissessem aCruz e Sousa, êle não só não acreditaria como também cortaria relações com os dois. Que no fundo Cruz e Sousa foi um masoquista, que cultivou a dôr, cultivou o sofrimento, que êle achava necessários ao artista, como mais de uma vez escreveu. E nisso acertou porque tôda a sua enorme dor rebentou, floresceu em poesia. Mas no que não acertou, foi em não pensar que as amarguras que lhe estavam reservadas ultrapassariam a tudo o que êle pudesse imaginar em matéria de sofrimento, e a sua própria existência. Entocou-se na tôrre de marfim e êsse foi o seu grande mal, porque o homem precisa do homem.

Um provérbio árabe diz que muitas vêzes o homem é "o carrasco de si mesmo". E lembramo-nos dêle agora, porque estamos escrevendo sôbre Cruz e Sousa, que se sacrificou e se imolou à arte

Não foi êle, afinal, de contas, o carrasco de si mesmo?

CRUZ E SOUSA

(Leoní Santos)

João da Cruz e Sousa nasceu a 24 de novembro de 1861, na cidade de Destêrro, atual Florianópolis, capital da então província de Santa Catarina.

Filho de dois negros escravos, trazia nas artérias sangue sem mescla da A'frica, e no profundo psiquismo milenárias fôrças adormecidas de angústia e sonho.

Tiro a esta referência todo acento literário, pois que de fato significa um puro dado positivo, indispensável à compreensão do destino e do canto do Poeta Negro.

Morreu a 19 de março de 1898, na cidade de Sítio, Minas, para onde foi vencido pela tuberculose.

Nos seus trinta e seis anos de existência terrena, percorreu todo um cíclo de experiências tremendas de sofrimento.

Mas, umas tantas circunstâncias propiciatórias, entre as quais essas próprias experiências, salvaram para o Brasil, talvez mesmo para o mundo, tôda uma soberba florada de beleza que, sem elas, não se haveria produzido.

Essas circuntâncias foram a de haver sido amparado, na infância, por uma família de linhagem fidalga, que o mandou instruir e o educar num sentimento grave da vida, a de haver sido combatido, desprezado, humilhado, quando extremamente já se lhe condensara na alma a energia criadora, o que deu lugar a que esta não se dispensasse ao doce afago das alegrias do mundo, a de haver, no entanto, encontrado, no seio mesmo da universal hostilidade, o apôio de miraculosas mãos compreensivas, que lhe afastaram os passos do desespêro definitivo, a de haver sido perpétuamente pobre e não ter conhecido nunca senão a face trágica de tudo, o que serviu a dar estrutura e forma profundamente "funcionais" ao mundo de sonho, dôr e desejo que nesse "núbio contemporâneo de Davi" como que existia "desde tôda a eternidade".

Inútil longamente explorar, no sentido biográfico, uma vida que só pela sua repercussão numa alma antiga de poeta se revestiu de significação comovente.

A Cruz e Sousa, de fato, aconteceu apenas que, vindo para o Rio já homem feito, após uma peregrinação pelo norte e o sul do país como "ponto" de uma companhia dramática, nesta cidade lutou, casou, teve filhos, viu a mulher enlouquecer, sofreu miséria, amargou ultrajes e, por fim, entisicou, saindo à última hora para morrer sob o benigno céu mineiro, vida esta que se reproduz em milhões de exemplares no seio da população miserável do Brasil.

Havia, porém, essa "alma antiga".

Houve a conjunção de circunstâncias que resultaram no seu canto imortal.

Êsse canto é que, no fim de contas, nos importa.

A obra de Cruz e Sousa, afora alguns inéditos de importância mínima, se compendia nos seguintes volumes: Missal e Broquéis, publicados em 1893, o primeiro de prosa, o segundo de poemas, únicos livros aparecidos ainda em vida do poeta. Depois de sua morte, por diligência de amigos, principalmente de Nestor Victor, vieram a lume: Evocações, prosa, em 1898; Faróis, poemas, em 1900; Últimos Sonetos, em 1905.

"JOÃO DA CRUZ E SOUSA"

Altino Delambert de Oliveira Filho

O nome de João da Curz e Sousa está para sempre ligado ao simbolismo brasileiro, de que êle foi um dos iniciadores e o mais ilustre representante. Nascido em 1861 na cidade de Destêrro, (atual Florianópolis) capital da então província de Santa Catarina, era filho de escravos que receberam em 1865 cartas de alforria. A bondade do marechal Guilherme Xaxier de Souza, possibilitou ao menino exelentes estudos de humanidades, realizados no Ateneu Provincial. Desde muito jóvem, interessado na literatura e no jornalísmo, Cruz e Souza fundou, aos dezenove anos, com seu amigo Virgílio Várzea, a "Tribuna Pular", que floresceu longo tempo. Nos anos que se seguem, levado por seu amor à vida de teatro, excursionou pelo Brasil como secretário e ponto de uma companhia chegando até Manaus. De volta a Santa Catarina é nomeado oficial de gabinete do doutor Gama, Rosa, o novo presidente da Província. Impedido pelos preconceitos da sociedade local de ocupar o lugar de promotor para o qual fôra designado, volta Cruz e Souza à vida literária e de imprensa, publicado em 1865, seu primeiro livro "Trapos e Fantasias" de colaboração com Virgílio Várzea.

Depois de passar um ano no Rio de Janeiro, onde aderiu ao movimento simbolista que inflamava então os espíritos, fazendo surgirem da noite para o dia periódiros pró ou contra o novo credo, regressou a Destêrro. Voltou novamente à Capital do País, onde viveu obscura e penosamente do jornalísmo e de um emprêgo que obteve na Central do Brasil. Acendia polêmicas, empolgando um reduzido mas brilhante setor da inteligência brasileira. O poeta negro publica "Missal" (1893) seu primeiro livro de prosa, e no mesmo ano "Broquéis" — marco do simbolismo brasileiro, — que estarreceu a crítica oficial, quase tôda simpatisante do parnasianismo e portanto mal preparada para compreender e apreciar aquêles versos pouco cinzelados, mas de inigualável musicalidade e nobilíssima inspiração.

Tendo-se casado no mesmo ano, o pouco tempo de vida que lhe resta é ensombrado primeiro pela doença da espôsa e dificuldades financeiras, depois pela tuberculose que o acomete e o leva em poucos mêses. Falecido a 19 de março de 1898, deixou Cruz e Souza outro livro de prosa "Evocações" (publicado seis mêses após sua morte) e numerosas poesias, reunidas mais tarde nos volumes "Faróis" (1900) e "Últimos Sonetos" (1905).

CRUZ E SOUSA

(Nivaldo A. Collaço)

Natural de Santa Catarina, nascido no antigo Destêrro, a 24 de novembro de 1861, filho de escravos que pertenciam ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa, que ao partir para a guerra do Paraguai, alforriou todos os seus escravos, o que não impediu que continuassem ligados a tão bondoso senhor, do qual CRUZ E SOUSA recebeu o sobrenome.

Desde pequeno, tinha tendência para a arte, foi educado no Ateneu Provincial, onde encontrou bons mestres.

João da Cruz e Sousa trazia em seu peito a amargura de sua origem e assim, para compensar esta dor, Deus iluminava-lhe a mente, insprando-o para as belas poesias, nas quais desabafava a mágoa que lhe ia no íntimo.

Compôs inúmeras poesias e em quase tôdas se notam o complexo e o rancor de sua origem, sendo uma delas:

ÓDIO SAGRADO

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,
Meu ódio santo e puro e benfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os sêres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,
De minh'alma agitada no infinito,
Através de outros lábaros sagrados,

Ódio são, ódio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete tôrres dos mortais Pecados!

Em seu soneto "Caminho da Glória", vê-se que Cruz e Sousa, já está mais à vontade com a sociedade, não exprime tanto a complexidade, mas notam-se os louros do seu esfôrço, para a libertação da luta que travava consigo mesmo. A sua complexidade era tão grande, que o magoava tanto, pois tinha o ódio como a uma bandeira, um estandarte, a que chamava o BENDITO, O SAGRADO, E PURO E BENZAZEJO.

CRUZ E SOUSA

(Joel França)

João de Cruz e Sousa nasceu a 24 de novembro de 1861, iniciando os sete lustros de uma vida de amarguras mas, iluminada pelo espírito, nas manifestação da arte. Desde cedo teve a estima do marechal Guilherme Xaxier de Sousa de quem recebeu o seu sobrenome. Foi educado no Ateneu Provincial onde contou com a estima de seus mestres. De 1881 a 1883 percorreu todo o litoral do Brasil com Moreira de Vasconcelos em sua Cia. Teatral da qual Cruz e Sousa era secretário. Gama Rosa ao assumir, depois, a presidência da província, convidou-o para seu oficial de gabinete.

Em 1890 transferiu-se para a Capital da República, para exercer a profissão de jornalista; nesta época já havia publicado em colaboração com Vírgilio Várzea o primeiro livro, "Topos e Fantasias".

Casou-se em 1893 e neste ano lançou os dois primeiros livros que o puseram à frente do movimento de arte simbólica. Era, então, chamado o"negro de ouro" e reconhecido como chefe oracular da nova orientação artística.

Suas obras patenteiam a diretriz a que essa corrente literária cingia a manifestação dos pensamentos. São as seguintes: "Broquéis" (versos), "Missal" (prosa), "Evocações" (prosa), "Faróis" (versos), e "Ultimos Sonetos".

Em 1923 publicou o "Anuario do Brasil" e as "Obras completas de Cruz e Sousa".

Cruz e Sousa recebeu sempre a marca subjetiva de sua origem, causando-lhe grande ressentimento que êle expressava em sua poesia repassada de sofrimento mas dosada, também, com uma espiritualidade que sempre transpareceu nos seus versos de perdão, de fé e de esperança.

Nota-se, também, em seus cursos, certa influência africana, uma nota de selvagem violência harmonizada pela nostalgia característica do negro.

A tuberculose o levou no ano de 1898, e depois também sua espôsa e quatro filhos.

Agripino Griecco o classificou como o mais instintivo, o mais espontâneo dos poetas. Roger Bastide coloca o grande poeta catarinense ao lado de Mallarmé e Stefan George, preferindo-o, sobretudo.

Eram negros puros, ambos, e Cruz e Sousa, negro sem mescla (que tomou o nome da família do seu senhor), nasceu escravo.

Entretanto, sua situação doméstica foi, na infância, felicíssima.

O Marechal e sua espôsa D. Clarinda, que não tiveram filhos, como filho o educaram.

Habilitaram-no a um luxo e a um confôrto que lhe faltaram imediatamente após a morte de ambos e que o prepararam mal para vida.

Aprendeu a ler com D. Clarinda, e, depois de ter passado pela escola primária, cursou o Ateneu Provincial Catarinense.

O famoso sábio alemão Fritz Müller, amigo e colaborador de Darvin e Haeckel, prognorticou a glória do menino negro e lhe chamava de seu "discípulo amado".

Em 1881, estreitou relações com Virgílio Várzea, seu maior amigo da mocidade. Redigiam juntos, de 1882 a 1889, a "Tribuna Popular", onde Cruz e Sousa fez intensa e apaixonada campanha abolicionista.

Tinha uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um grande fanático, sem poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.

Quis, então o Dr. Gama Rosa proteger Cruz e Sousa, fazendo-o nomear promotor público de Laguna, porém não foi empossado no cargo, devido à oposição dos políticos locais, que não toleravam a idéia de um promotor negro. Era então Cruz e Sousa a figura central da vida literária catarinense.

Os adeptos da chamada "Escola Nova" reuniram-se na sua casinha da Práia de Fora. Em 1885 apareceu o primeiro livro de Cruz e Sousa, de colaboração com Virgílio Várzea, Tropos e Fantasias e logo após Cruz fundou um jornal intitulado desastradamente " O Moleque".

Em 1890 foi definitivamente para o Rio de Janeiro e as leituras anteriores Poe, Baudelaire, Huysmans, Pélladan, Villiers, o tornaram um simbolista consciente. Em 1893 publicou Missal, poemas em prosa, e Broquéis, poesias.

Mas não foram só glórias, muito ao contrário, a vida de Cruz e Sousa. As privações, que foram terríveis, as condições do seu trabalho funcional ingrato, os lusos com os chefes incompreensivos, o seu intenso trabalho literário, realizado geralmente, em altas horas da noite, e ainda o que

(Continua na pág. seguinte)

CRUZ E SOUSA

(Liliam S. de Castro)

A Perfeição é a alma estar so-
[nhando
Em soluções, soluços, soluçando
As agonias que encontrou na
[Terra!

Claramente se percebe, neste fim de "Perfeição", que faz parte de "Últimos Sonetos", uma elevação de alma, nobreza e delicadeza de sentimentos e uma dignidade de caráter excepcionais, que constituiram bases sólidas na formação da personalidade de Cruz e Sousa, que os tempos jamais apagaram.

Sem descrever ou narrar, o "Poeta Negro" possui o poder evocativo e o demonstra em muitas de suas poesias, apresentando frases vagas, indeterminadas, as quais nos levam o pensamento ao longe, fazendo-nos penetrar em mundos desconhecidos, de sonhos e sofrimentos.

Nota-se nas poesias daquêle que "nasceu com a noite sôbre a pele" —, tôda a transparência de seus sofrimentos; aflito, doloroso e por vêzes trágico, pois as suas aspirações estavam sob a mesquinha condição de negro sob as lutas com a pobreza, sob a sucessão das afetivas ocorrências em sua vida íntima e a ingratidão de falsos amigos. E é dêsse conflito, pungente para uma alma sensibilíssima, como a de Cruz e Sousa, que sua humilde condição se fez soberba e altiva e para defender-se dos desprezos do mundo e das próprias humilhações, fez nascer uma flôr singela de rara distinção e colorido, de perfume estravagante e delicioso, no jardim das nossas poesias.

Faz-se necessário esclarecer que Cruz e Sousa inaugurou com seu estílo, a maneira da "expressão indireta", a nossa poesia simbolista. Em sua obra "Broquéis", é que notamos mais pròpriamente a introdução precisa do simbolismo, na poesia nacional.

Poeta, essencialmente poeta, legou-nos obras que são bem nossas e grande inportância, cujas páginas resistirão ao tempo em sua beleza particular, as quais merecem mensão honrosa, pela alta representação do pensamento humano.

CRUZ E SOUSA E A ESCOLA SIMBOLISTA

Fernando Luis B. Moura

O culto exagerado da forma, que preocupava os parnasianos, foi combatido pelos simbolistas.

Aos poucos se iam êstes afastando dos parnasianos e abrindo caminho a um retôrno ao subjetivismo. As palavras adquiriam valor de símbolos representativos do sentimento e os versos revestiam-se de musicalidade, de maior sonoridade e de um caráter místico, perdendo a rigidez métrica. Os simbolistas procuravam aproximar, quanto possível, a poesia da música, a fim de tornar aquela uma representação direta desta.

A Escola Simbolista formou-se em França sob a influência da literatura e da música alemã e do pré-rafaelismo inglês.

Teve como inspiradores Paul Verlaine, Stéphane Mallarmé e Rimbaud, os dois primeiros antigos adeptos do Parnasianismo.

Seus principais discípulos entre nós foram: Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Félix Pacheco, Alphonsus de Guimarães, Silveira Neto e Mário Pederneiras.

João da Cruz e Sousa nasceu no Destêrro (Florianópolis), em 24 de novembro de 1861.

Seu pai, Guilherme, era escravo do Marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa, e de profissão mestre-pedreiro.

Sua mãe, Carolina, foi liberta para casar-se com Guilherme.

Êste por sua vêz foi alforiado, com todos os escravos que herdara o marechal, ao partir êste para a guerra do Paraguai.

CRUZ E SOUSA
ESCOLA SIMBOLISTA

(Conclusão da pág. anterior)

lhe feria fundo a sensibilidade "a dureza ou ingratidão de falsos ou impensados companheiros, de inclementes inimigos literários", tudo isso, segundo depõe Nestor Vitor, o predispôs para um fim prematuro. Em dezembro de 1897 a tuberculose declarou-se. Com grande sacrifício viajou para a estação de sítio, em Minas Gerais, a fim de obter melhora. No dia seguinte à sua chegada aí faleceu. Isso ocorreu a 19 de março de 1898. Só esteve declaradamente enfêrmo pouco mais de 3 meses. Às 9 horas da manhã do dia 20, o seu corpo, ainda não colocado no esquife, foi desembarcado, na Estação D. Pedro II, de um vagão destinado ao transporte de cavalos, um **horse-box**.

Nestor Vitor, Carlos D. Fernandes, Maurício Jubim e Frederico de Freitas receberam os despojos. Sentiam-se esmagados; e aquela impressão de humilhação última e trágica não os abandonou mais.

José do Patrocínio socorreu e estendeu a mão sempre generosa: — "Mande fazer o entêrro de primeira, por minha conta e uma harpa de lírios no Rosembald".

BIOGRAFIA DE JOÃO CRUZ E SOUSA

(Felipe Bazadona Dutra)

João da Cruz e Sousa, natural de Santa Catarina, em cuja capital nasceu a 24 de novembro de 1861.

Foi bem educado no Ateneu Provincial, onde encontrou bons mestres, que o prezaram.

De 1881 a 1883 percorreu todo o litoral do Brasil com Moreira de Vasconcelos, de cuja companhia teatral era secretário. Foi depois convidado pelo Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa, ao assumir a presidência da Província, a exercer as funções de oficial de gabinete.

Em 1885 publicou, em colaboração com Virgílio Várzea, o primeiro livro, **Tropos e Fantasias.**

Em 1890 assentou residência definitiva na capital da República, onde viveu dos escassos recursos do jornalismo e de um pequeno emprêgo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Casou-se em 1893 e deu a lume nesse ano as dois primeiros livros, que o puseram à frente do movimento de arte simbólica, rodeado pelos adeptos da escola, que levaram ao exagêro os méritos, aliás incontestáveis, do bardo. O poeta era o "negro de ouro", recnhecido pelos companheiros de campanha literária como chefe oracular da nova orientação artística.

Cruz e Souza sucumbiu em Minas, a 19 de março de 1898, vencido pela tuberculose, que lhe abateu também esposa e filhos.

Suas obras patenteiam a diretriz, a forma e a norma que essa corrente literária imprimia a manifestação dos pensamentos.

E são os seguintes: Broquéis, versos (1893), Missal, prosa (1893), Evocações, prosa (1898), Faróis, versos (1900) e Ultimos Sonetos (1905). Em 1923-1924, publicou o "Anuário do Brasil", as obras completas de Cruz e Sousa, em 2 volus. de 412 e 456 pgs.

CRUZ E SOUSA

(Maria Nely Silva)

João da Cruz e Sousa nasceu no Destêrro, Estado de Santa Catarina em 1861, e morreu na localidade de Sítio, em Minas Gerais em 1898.

Era filho de negros escravos, porém muito inteligente. Muito jovem, já mostrava tendência pelas letras, o que lhe valeu a simpatias de seu amo que o fêz estudar e o adotára como filho.

O poeta atormentou-se durante tôda vida com o complexo da côr e por desgraças de várias espécies. Tal circunstância muito concorreu para lhe dar singularidade suscitando generosa simpatia em alguns e viva curiosidade em quase todos os que chegavam a conhecê-lo. Só depois de se fixar no Rio de Janeiro em 1891, é que ganhou a afeição definitiva, por que veio assinalar-se nas letras nacionais, sendo hoje considerado como o mais instintivo, o mais espontâneo dos poetas, a natureza mais ricas e poderosa das que representam a corrente simbolista do Brasil.

Seu primeiro livro, "Missal", foi publicado no Rio de Janeiro em 1893, em prosa dessas que só podem ser feitos por um verdadeiro poeta, e provocou grande alvorôço no mundo literário. Em seguida, foi publicado um livro de versos "Broquéis", e êsse já inteiramente dentro dos cânones literários, que puseram em completa evidência duas qualidades eminentes do "Cisne Negro", sua virtuosidade como poeta a quem as rimas raras e as expressões inéditas afluem com facilidade e firmeza que ninguém igualou ainda, e uma sutileza espiritual também incomparável em nossas letras.

CRUZ E SOUSA

Ceres Caruso Mac Donald

Cruz e Sousa foi uma das principais figuras simbolistas do Brasil. Êle foi o mais instntivo e o mais espontâneo dos poetas.

Nasceu na antiga cidade de Destêrro, atual Florianópolis, no dia 24 de novembro de 1861 sendo batizado com o nome de João da Cruz.

Cruz e Sousa era filho de escravos e o seu senhor, Marechal Xavier de Sousa, homem de grande coração o adotou, dando-lhe o sobrenome de Sousa.

Ao contrário dos que se gabam de ter lido todos os livros, o poeta catarinense quase não leu, êsse plagiador de Deus tinha em casa um dicionário e sua alma a argila dos vocábulos e o sôpro vivificador de uma grande emoção.

O que nos seduz em Cruz e Sousa é o caráter de independência da sua vida. Aquêles que o viram sofrer e morrer na miséria, bem sabem que Cruz e Sousa viveu quase segredado do mundo.

Em 1890 partiu para o Rio de Janeiro, estabelecendo-se lá, trabalhando na Central do Brasil. Em suas horas vagas escrevia para jornais e algum tempo depois, fundou um jornal que chamou, de "O Moleque".

Cruz Sousa era muito apreciado por suas obras e porisso foi chamado de "O Negro de Ouro". Casou-se em 1893 e o casal teve 4 filhos.

Atacado de tuberculose, veio a falecer na localidade de sítio, em Minas Gerais em 19 de março de 1898.

Êste imortal poeta deixou grandes obras como: "Faróis", Broquéis", "Evocação", "O Caminho da Glória", "Tropas e Fantasias", Últimos Sonêtos" e "Missal".

CRUZ E SOUSA

(Rosa Maria A. Lima)

João Cruz e Sousa, poeta brasileiro de descendência africana. Nasceu na cidade de Destêrro, hoje Florianópolis, Estado de Santa Catarina, a 24 de novembro de 1861, iniciando os sete lustros de uma existência de sofrimentos e amarguras, iluminado, entretanto, pelo espírito nas expansões da arte. Teve o pequeno João da Cruz e Sousa a estima da família do Marechal Guilherme Xavier de Sousa, em cuja casa viveu, recebendo o sobrenome dêsse oficial, senhor que fôra dos genitôres do menino.

Foi por isso, educado no Ateneu Provincial, onde encontrou bons mestres que o prezaram.

De 1881 a 1883, percorreu todo o litoral do Brasil com Moreira de Vasconcelos, de cuja companhia teatral era secretário.

Foi, depois, convidado pelo Presidente da Província, Francisco Luiz da Gama Rosa, a exercer as funções de Oficial de Gabinete.

Em 1885, publicou, em colaboração com Virgílio Várzea, o primeiro livro, "TROPOS E FANTASIAS".

Em 1890, assentou residência definitiva na Capital da já então República, onde viveu dos escassos recursos do jornalismo e de um pequeno emprêgo no Estrada de Ferro Central do Brasil.

Casou-se em 1893 e deu a lume, nêsse ano, os dois primeiros livros, que o puseram à frente do movimento de arte simbólica, rodeado pelos adeptos da escola, que levaram ao exagêro os seus méritos aliás incontestáveis.

O poeta era o "O Negro de Ouro", reconhecido pelos companheiros da Campanha Literária, como chefe oracular da nova orientação artística.

Cruz e Souza foi o chefe do movimento simbolista no Brasil. Teve uma vida atribulada e dramática.

Experimentou os mais duros reveses, e não bastando o complexo da côr, foi Cruz e Sousa um amargurado, um infeliz.

Suas obras patenteiam a diretriz, a forma e a norma a que a corrente literária cingia a manifestação dos pensamentos .São as seguintes:

"Broquéis"; "Missal"; "Evocações"; "Faróis"; "Últimos Sonetos"; "A Caminho da Glória"; "Anuário do Brasil".

O mundo girava em tôrno de sua dor, e de tal maneira lhe pesava a alma insatisfeita e sofredora que êle não soube traduzí-la, senão com imprecauções desesperadas e alucinantes. "O amargo fruto dos preconceitos que o comprimiam por todos os lados".

O SIMBOLISMO E CRUZ E SOUSA

(Elí S. Vilela)

O simbolismo surgio como uma reação à poesia marmórea e impassível, de relêvo duro, de contôrnos precisos.

O simbolismo reagiu principalmente ao espírito positivista na arte, e contra a prisão do espírito humano nos domínios estreitos de algumas normas que pretendiam explicar e organizar o mundo, afastando qualquer cogitação que st revestisse de mistério.

Enquanto os poetas pernasianos se preocupavam com a natureza exterior, o simbolista voltou-se para o incognoscível pela intuição afinada, e exprimível através da sugestões de símbolos, por meios indiretos.

Com o símbolo estabeleciam correspondências estreitas entre os objetos dos diferentes sentidos, como formas, côres, perfumes, sons. O simbolista tinha necessidade de recorrer à música e de vagar todo o seu mundo no domínio do fogitifo, do mistério, do impreciso.

Como sempre, o movimento literário corresponde a um clima espiritual da época.

O simbolismo coincide com a reação idealista ao positivismo, que

(Continua na pág. seguinte)

O SIMBOLISMO E CRUZ E SOUSA

(Conclusão da pág. anterior)

admitia como única realidade o mundo de idéias, que afirma ser impossível conhecer o mundo exterior senão através das imagens que dêle recebemos.

Para expressar o mundo simbólico era evidente que o instrumento deveria ser muito diverso daquele de que se serviram os parnasianos. Os simbolistas se insurgiram contra a estreiteza das regras tradicionais da poesia e, como importantíssima inovação, introduziram o verso livre.

No Brasil ficamos num simbolismo unitativo, inadaptável ao nosso temperamento tropical, que à falta de elementos verificadores, apenas aparecido, definhou e desapareceu quase que por completo. Nosso simbolismo se caracterizou, pois, por ser passageiro e de reduzido âmbito. Indiscutìvelmente os dois maiores simbolistas são Cruz e Souza e Alflonsus de Guimarães.

Cruz e Sousa, o "cisne negro" como foi chamado pelos seus contemporâneos por ser filho de escravos, foi um fervoroso discípulo da "arte pela arte", e o iniciador indiscutido do movimento simbolista no Brasil, que êle revelou em seus dois livros: Missal, em prosa lírica e Broquéis, em versos. Negro, pobre, infeliz em seu casamento pela série de desgraças que lhe aconteceram, Cruz e Sousa fêz dêsses sofrimentos físicos e morais um motivo patético que sua arte esplêndida nos traduz em acentos dilacerantes e suspiros profundos. Em seu sonêto "Vida Obscura" revela-nos uma luta íntima e altiva de vencer os preconceitos sociais que o isolavam. Cruz e Sousa, diz Roger Bastide, sentia nìtidamente que a arte era um meio de abolir a fronteira que a sociedade colocava entre os filhos de escravos e os filhos de brancos livres.

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Ronaldo Polli

Nasceu em Santa Catarina, na cidade do Destêrro, que mais tarde veio a ser a nossa querida cidade de Florianópolis.

Negro, filho de escravos alforriados, foi tratado com todo o carinho na família do ex-senhor, proporcionando-lhe esta uma boa instrução secundária.

Mortos seus protetores, teve de lutar pela vida

Persistindo com seu espírito inquebrantável, de evolução, ânimo, e fé, e sua consciência de valor, entregou-se à luta pela sobrevivência. Militou na imprensa muitos anos.

Organizou na sua província, a grandiosa campanha abolicionista, que teve êxito.

Empregou-se como ponto de uma Companhia Teatral, conhecendo assim diversas capitais e cidades de nosso País

Em 1890 muda-se para o Rio de Janeiro, onde obtem um emprêgo ínfimo na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Da publicação dos seus livros "MISSAIS" e "BROQUÉIS", em 1893, data o início do movimento simbolista brasileiro

Em 1897 contrai uma tuberculose galopante e morre no ano seguinte, onde mais tarde morre sua família, vítima da mesma doença, deixando êle por publicar; "FARÓIS", "ÚLTIMOS SONETOS", "O CAMINHO DA GLÓRIA", "EVOCAÇÕES". É a figura central do simbolismo brasileiro.

ACRÓSTICO

Jornada breve teve pela vida
Obstruida pela negra côr
Aos céus choravam tôda a sua dor
Os versos cheios de paixão sentida
Cêdo aprendeu que a côr lhe era ferida
Ruim, maldosa, de cruel sabor,
Ulcera que, no seu interior,
Zombava ,ria, da ilusão contida.
Ele que em vida foi quase ninguém
Sereno foi que padeceu também
O mal terrível que lhe foi fatal
Unido à morte foi enfim viver
Zênite achou, e pôde enfim colher
A glória imensa de ser imortal.

Wilda Eltermann

CRUZ E SOUSA

(Édio Nunes de Sousa)

No dia 24 de novembro de 1861 vinha ao mundo, na antiga Destêrro, filho de escravos negros, um menino que mais tarde seria considerado o poeta símbolo dos simbolistas do Brasil: João da Cruz e Sousa.

Criado por uma ilustre família do Império, a do Marechal de Campo Guilherme de Sousa, recebeu êle uma educação fina e esmerada, tanto assim que já aos 8 anos de idade compunha seus próprios versos e recitava em teatrinhos paroiculares. Apesar disso nunca esqueceu suas condições de origem, vivendo mesmo bastante deprimido por esta causa.

Começou a tomar contactos com o público quando tentou reerguer o teatrinho de amadores de sua cidade e, juntamente com Virgílio Várzea, iniciou a redigir a folha literária da "Tribuna Popular". Colaborou também com outro jornalzinho. "O Colombo," onde de início demonstrou uma tendência de filiação ao naturalismo e ao parnasianismo.

Após uma viagem de dois anos por todo o litoral brasileiro, com uma companhia teatral, voltou a Destêrro quando, juntamente com outros jovens intelectuais, obteve ajuda e orientação literária do então Presidente da Província Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa.

Posteriormente Cruz e Sousa se transferiu para o Rio de Janeiro onde teve maiores possibilidades para desevolver-se litêràriamente, pois era o Rio o centro da vida intelectual do país.

No Rio,Cruz e Souza casou-se e dêste matrimônio nasceram 4 filhos. No entanto a fatalidade atingiu o lar do "Poeta Negro". Além dele, falecido no dia 13 de março de 1898, no estado de Minas Gerais, também sua mulher e filhos pereceram vítimas do mesmo mal, a tuberculose.

Suas principais obras são: "Evocações", "Missal", "Broquéis", "Faróis", "Últimos Sonetos".

CRUZ E SOUSA

(Lauro Luiz Lopes da Silva)

Aos vinte e quatro dias do mês de novembro de 1861, nasceu em Florianópolis, antiga Ilha do Destêrro, João da Cruz e Sousa.

Filho de pais escravos, teve o pequeno João da Cruz a estima da família do marechal Guilherme Xavier de Sousa, em cuja casa viveu, recebendo o sobrenome dêsse oficial senhor que fôra dos genitores do menino.

Cruz e Sousa teve o privilégio de estudar no Ateneu Provincial, onde encontrou bons mestres, que o prezaram.

De 1881 a 1883, percorreu todo o litoral do Brasil com Moreira de Vasconcelos, de cuja companhia teatral era secretário. Foi depois convidado pelo Dr. Francisco da Gama Rosa, ao assumir êste a presidência da Província, a exercer as funções de oficial de gabinete. Publicou em 1885, em colaboração com Virgílio Várzea, o primeiro livro, "Tropos e Fantasias".

Em 1890 assentou residência definitiva no Rio de Janeiro, onde viveu dos escassos recursos do jornalismo e de um pequeno emprêgo na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Casou-se em 1893 e nesse mesmo ano a influência dos seus primeiros livros o colocou à frente do movimento de arte simolista.

Cruz e Sousa se tornou o negro de ouro, sendo reconhecido pelos companheiros de campanha literária como chefe oracular da nova orientação artística.

Aos dezenove dias do mês de março de 1898, vencido pela tuberculose, que lhe abateu depois espôsa e filhos, sucumbiu em Minas Cruz e Sousa, deixando as seguintes obras literárias: Broquéis, versos (1893); Missal, prosa ..... (1893); Evocações, prosa (1893); Faróis, versos (1900); e Últimos Sonetos (1905).

CRUZ E SOUSA

(Arlete Molina)

Comemoramos prazerosos o centenário de nascimento do poeta catarinense, Cruz e Sousa.

Nascido na antiga cidade do Destêrro, hoje Florianópolis, no dia 24 de novembro de 1861, sendo batizado com o nome de João da Cruz, enfrentou vários desgostos em sua vida, sendo um dêles o sangue africano do qual era possuidor e filho de escravos. Mas teve a felicidade de possuir "um senhor" muito generoso, o Marechal Xavier de Sousa que o adotou e deu seu sobrenome, Sousa.

Dêsde muito jovem começou a percorrer cidades do Brasil como "ponto" de uma companhia teatral.

Em 1890 estabeleceu-se no Rio de Janeiro, trabalhando na Central do Brasil. Em suas horas vagas começou a escrever para jornais, sendo mais tarde o fundador do jornal, "O Moleque". Eram muito apreciadas por todos suas produções literárias, sendo êle chamado de "O Negro de Ouro".

As obras que lhe deram imortalidade foram:

Em verso: "Evocações", "Faróis", "Broquéis", Tropos e Fantasias, Últimos Sonetos.

Em prosa: "Missal" e "Evoca-"ções.

No ano de 1893 contraiu matrimônio e o casal teve quatro filhos.

Cruz e Sousa continuou sua carreira literária, escrevendo para jornais e fazendo livros com grande êxito; finalmente, atacado de tuberculose, veoi a falecer na localidade de Sítio, em Minas Gerais, aonde fôra fazer tratamento. Esse trágico fim do poeta ocorreu a 13 de março de 1898.

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Carlos Boabaid Filho

Nasceu o maior Simbolista na antiga Destêrro, capital da antiga província de Santa Catarina, aos 24 de novembro de 1861 e era filho de dois escravos negros, Guilherme e Carolina, pertencentes ao Marechal Guilher Xavier de Souza, o qual, antes de partir para a guerra do Paraguai, alforriou todos os escravos, o que não impediu que continuassem ligados a tão bondoso senhor.

Um destino diferente do dos demais escravos estava reservado a João da Cruz e Sousa, pois seu espírito inteligente e sensível logo fôra notado pelos seus donos, que não pouparam esforços para lhe oferecer uma esmerada educação e proporcionar todo o carinho, como se fora um filho, dando-lhe até o sobrenome de Sousa.

João da Cruz e Souza a isso correspondia plenamente.

Já aos oito anos compunha seus primeiros versos, indicando assim o seu pendor literário.

Com essa idade começa para João uma vida tortuosa, que o acompanharia até o fim.

Pouco depois, com a morte de seus pais adotivos, fica em situação de verdadeiro pária. Lembrêmo-nos de que era negro, condição que se refletiria sempre, em qualquer circunstância de sua vida, tornando-o um recalcado.

Passam-se os anos. Entre 1881 e 1889, juntamente com Virgílio Várzea, redige a "Tribuna Popular" e mostra-se um dos mais ardorosos adeptos de todos os movimentos liberais que se processavam no país.

Espírito em formação, era um apaixonado pelas coisas literárias, propenso a vôos altaneiros de imaginação.

Tentando por todos os meios expandir sua veia poética, mantinha relações com tôdas as compainhas teatrais que chegavam à cidade, sendo aproveitado como "ponto" ou secretário. Dentre as compainhas com as quais travou relações e conhecimento, recebe especial atenção do dirigente da Cia. Julieta Santos ,F. Moreira e Vasconcelos.

João parte com a companhia como ponto-secretário, ocasião em que percorre tôda a costa brasileira, desabrochando e amadurecendo o espírito.

Em 1883, foi nomeado presidente de Santa Catarina o Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa, homem cultíssimo, amigo e protetor dos intelectuais.

Por essa época João já se encontrava de regresso de suas peregrinações e recebe de Gama Rosa os maiores incentivos e carinhos.

Tão extremoso era com seus protegidos literatos o então presidente,, que deu a João o cargo de promotor público na cidade da Laguna, cargo êste que não chegou a ocupar devido à forte reação que fizeram os então chefes políticos locais, com referência à sua côr, mesmo em desobediência ao presidente, nessa época quase demissionário.

Em 1885 consegue publicar no Destêrro um jornal que com muita infelicidade denominou "O Moleque", servindo de instrumento para seus adversários, que ligavam o nome do jornal à côr do seu proprietário.

Problemas financeiros o afligem.

Entretanto, como seus pais não necessitassem de auxílio, gastava tudo quanto ganhava nas lições particulares que recebia, na compra de trajes finos, bem feitos e das mais variadas côres e feitios, despertando por isso maior odiosidade e inveja. Em 1886 deixa novamente o Destêrro, demonstrando assim seu constrangimento e a vida insatisfeita e irrealizada que levava até então.

Vai ao Rio de Janeiro, onde é melhor recebido por uma plêiade de jovens literatos que o ajudam e o animam.

Labuta na imprensa de maneira inconstante, pois convicções literárias o indispõem com todos — resultado, talvez, de seus recalques por demais extravazados.

Aos poucos vai escrevendo "Missais", "Broquéis", "Evocações", "Últimos Sonetos".

As duas primeiras indicam logo o rumo do Simbolismo brasileiro.

Criou-as quando estava em idílio com a sua Gavita, também negra autêntica.

Um dia, indo visitar um amigo e ao passar defronte de um cemitério, viu a mulher que para sempre o impressionou.

Namorou-a. Ficaram noivos. Houve amor no coração dêsses dois sêres paupérrimos, amor que faria brotar da alma do poeta versos imortais.

Gavita, assim como João, foi criada e educada com esmêro, na casa do Dr. Monteiro de Azevedo, médico dos mais ilustres do Rio de Janeiro.

Casaram-se a 9 de novembro de 1893.

Com o matrimônio, torna-se difícil ao extrêmo a vida de João, que consegue, a final, um emprêgo na Estrada de Ferro Central, com as funções de praticante.

Porém não terminam aí suas dificuldades, ao contrário, recrudescem, com maior intensidade.

Em março de 1896, vê a espôsa enlouquecer e êle se recusa a interná-la, servindo de extremoso enfermeiro até o seu completo restabelecimento, seis mêses após. Continuam suas privações. Não encontra quem publique suas obras. A mãe falecera em 1891 e perde o pai em 1896. Em ambos os casos não está junto dos pais na hora final. Chega agora ao climax o seu padecimento. Vendo a tuberculose avançar assustadoramente, procura encontrar melhoras no clima saudável de Minas Gerais. Porém, três dias após sua chegada, falece. Continua implacável a moléstia no seio da família. Sua dedicada viúva, três anos após, falece do mesmo mal. Antes de morrer, sepulta dois filhos, e dos outros dois, um sucumbiu logo depois dela. Restava o filho póstumo, que também morre do mesmo mal, ao sete anos de idade. Ao erguer a poesia do Brasil aos mais altos píncaros, ergueu-se êle próprio alto demais.

"Que angústia, mas também que orgulho" !

CRUZ E SOUSA

(Por Cláudio E. Amante)

João da Cruz e Sousa era seu nome. Nascido no dia 24 de Novembro de 1861 — fazendo êste ano o centenário de seu nascimento — na cidade de Destêrro, capital da então província de Santa Catarina.

Era filho de pais pretos (Guilherme e Carolina), e trazia em suas veias sangue africano.

Nasceu sob teto aristocrático, opulento, do lar de um soldado do Império, Marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem tomara o nome da família.

Dêste privilégio, recebera primorosa educação, bôa instrução primária, e o curso de humanidade, onde se saíu com brilho e eficiência.

Com a morte do boníssimo Marechal e sua espôsa, ficou reduzido a um verdadeiro pária, pelos estreitos preconceitos do meio.

Seja como fôr, atraído muito cedo para as lêtras, já aos oito anos se mostrava com grande tendência para a poesia.

Tinha grande paixão pelas idéias filantrópicas, daí não medindo esforços para realizá-las. Ora na tribuna ou em praça pública, ora no jornalismo.

Foi êle um dos primeiros a iniciar o movimento abolicionista em nossa terra. Daí a razão de ser benquisto por muitas pessôas, daquela época e de agora.

A côr inicialmente não o prejudicou quase nada, pois oportunidade para exibir-se não lhe faltavam.

Mais tarde Cruz e Sousa passou a sofrer e encontrar dificuldades, prevalecendo nesta oportunidade o preconceito racial, e ainda a inveja de outros.

Com 21 anos, foi companheiro do escritor Virgílio Várzea, com quem firmara férvida amizade. Passaram então a editar a "Tribuna Popular", que ficou sendo a fôlha literária mais notável de Santa Catarina.

Em 1889, fundaram juntos, outro jornal, o "Colombo", tendo-se salientado bastante.

Com o decorrer dos anos, Cruz e Sousa, firmando-se cada vêz mais nas letras, passou a ser invejado e combatido, pelos seus próprios, companheiros, inclusive o seu melhor amigo Virgílio Várzea.

F. Moreira de Vasconcellos, de passagem com a sua companhia dramática por aqui e vendo a penúria, em que se encontrava Cruz e Sousa e as hostilidades que sofria em sua terra, lhe proporcionou a ida, de Santa Catarina ao Rio Grande do Sul e depois, voltando, percorrer todo o litoral do Brasil, até o Amazonas.

Essa viagem lhe foi bastante benéfica, pois aprimorou muito o seu padrão de inteligência, conseguindo novas relações literárias a seu favor, e ao mesmo tempo colaborando com F. Vasconcellos, na imprensa provinciana de todo o país.

Quando voltou à sua terra o novo presidente da Província, dr. Gama Rosa simpatisou com o grupo de poetas aqui existente, e chamou Cruz para seu oficial de gabinete.

Em 1884, deixava a governança Gama Rosa, mas enquanto lá esteve, influiu poderosamente para o prestígio social do grupo a que

(Continua na pág. seguinte)

CRUZ E SOUSA

(Conclusão da pág. anterior)

Cruz e Sousa pertencia. Ao fazer seu testamento de administrador, nomeava Cruz e Sousa, contra os preconceitos do meio, promotor público da Laguna.

Cruz e Sousa nem chegou a tomar posse, por oposição dos chefes políticos e também por êle ser preto.

O fato é que ainda por êsse tempo, Cruz e Sousa e seus demais companheiros estavam ainda em fase de aprendizagem.

No ano de 1885 Cruz e Sousa conseguiu editar no Destêrro um jornal denominado "O Moleque". Pelo texto da fôlha, nota-se que êle se imiscuia em concursos de beleza, teatrinhos etc...

Em 1887, novamente deixa Destêrro, com rumo ao Rio Grande do Sul, pois continuava sentindo-se constrangido em sua terra.

Cruz e Sousa, não pode, nem deve ser esquecido, pois um ser humano excepcional, que sofreu como êle, torna-se inesquecível.

Passou por muitas adversidades, muitas injustiças, muitas perseguições, mas suplantou a tudo isto, vencendo e triunfando de tudo e de todos.

De todos os esforços dispendidos, veio-lhe a desgraça, caindo doente, doença esta que posteriormente o levaria à morte.

Nesta época já se tinha casado, tendo sua espôsa enlouquecido.

Cruz e Sousa faleceu em 19-3-1938, vítima de tuberculose, no interior de Minas Gerais, aonde foi levado para tratamento.

Seus herdeiros, inclusive a espôsa e quatro filhos, também faleceram da mesma doença.

Cruz e Sousa, figura luminosa, morará eternamente em nossos corações, pois foi um dos que souberam honrar o nome de nossa querida terra.

VINHO NEGRO

O Vinho negro de imortal pecado
Envenenou nossas humanas veias
Como fascinações de atras sereias
De um inferno sinistro e perfumado.

O sangue canta, o sol maravilhado
Do nosso corpo, em ondas fartas cheias
Como que quer rasgar essas cadeiras
Em que a carne a retém acorrentados

E o sangue chama o vinho negro quente
Do pecado letal, impenitente
O vinho negro do pecado inqueto.

E tudo nesse vinho mais se apura
Ganha outra graça, forma e formosura
Grave beleza d'esplendor secreto.

CRUZ E SOUSA

(Elisabeth Moellmann Gomes)

A 24 de novembro de 1861 nasceu na antiga Destêrro, João da Cruz e Sousa, filho de Guilherme e Carolina, dois escravos da fazenda do Marechal Xavier de Sousa.

Ao nascer, já seus pais estavam livres, pois antes de partir para a guerra do Paraguai, o Marechal os alforriou.

Cruz e Sousa foi criado como filho querido do senhor branco e de sua espôsa. Recebeu, êle, educação especial com grandes mestres, entre êles Fritz Mueller.

Já com oito anos fazia versos; sempre foi modesto e tímido de 1882-1889 — com Virgílio Várzea dirigiu o jornal abolicionista "Tribuna Popular" mas a hostilidade de alguns brancos, obrigou-o a deixar sua terra natal.

Percorreu o Brasil de sul a norte como secretário e ponto numa companhia dramática.

Em 1885 — com o apôio de Virgílio Várzea, publicou um volume intitulado Tropos e Fantasias, seu poema de estréia.

1888 — Aparece de passagem no Rio de Janeiro, onde faz amigos, entre êles Nestor Vítor. É aí que entra em contato com os corifeus do simbolismo europeu.

Cruz e Sousa era instável nos emprêgos. O melhor que teve foi o de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil, com o ordenado de Cr$ 250,00 mensais.

Casou-se no Rio com Gavita, moça de raça negra, da qual teve quatro filhos.

Morreram-lhe pai, mãe e dois filhos; a espôsa por algum tempo esteve louca.

Em 1893 publica os livros: Missal, em prosa e Broquéis em verso. verso.

Em 1897 é atacado de tuberculose violenta.

É levado para a localidade de Sítio, no Estado de Minas Gerais. Aí falece a 13 de março de 1838.

Cruz e Sousa foi poeta fulgurante, o maior dos nossos simbolistas.

Tendo vindo ao mundo com uma missão especial, deixou que um preconceito racial lhe amargurasse a alma.

Negro, pobre, infeliz em seu casamento, pela série de desgraças que lhe sucederam, Cruz e Sousa fêz dêsses sofrimentos físicos e morais um motivo para sua arte.

Personifica as coisas. Canta a dôr e faz deela uma figura humana. Canta a morte e faz dela vida.

Em seu soneto "Vida Obscura" revela-nos uma luta íntima e altiva para vencer os preconceitos sociais que o isolavam.

Em Broquéis exprime o complexo de ser negro; em Últimos Sonetos a dôr de "ser"; em Faróis a dor de ser homem.

Vítima de tuberculose, que também matou sua mulher e filhos, Cruz e Sousa deixou por publicar Faróis e Últimos Sonetos.

VIDA OBSCURA

Ninguém sentira o teu espasmo obscuro
Ó ser humilde entre os humildes sêres,
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
A vida prêsa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro, como foi profundo!

"CRUZ E SOUSA"

(ALDO JOSÉ PEIXOTO)

João Cruz e Sousa nasceu em Destêrro, atual Florianópolis, em 1861, e morreu na cidade mineira de Sítio, em 1893. Filho de escravos, negro retinto e paupérrimo, foi um predestinado para o sofrimento. Casando-se com Gavita, preta como êle, que, no período do noivado, lhe encheu a vida e a obra de brancuras ideais, teve, muito cedo, a dôr de vê-la enlouquecer.

Cruz e Sousa foi o único genuíno representante da sua raça na literatura brasileira. Daí a sua tragédia interior. Foi um isolado, apesar dos discípulos que, como Gonzaga Duque, Emiliano Perneta e Nestor Vítor, o cercaram, admiraram e viram na sua poesia musical e obscura, uma nova mensagem de arte." Mas a côr o "emparedava". A expressão é sua, e emprega-a num capítulo da prosa das "Evocações", que merece ser lido para esclarecimento do homem e da obra. Nele, o poeta se descreve infeliz e altivo, "a face escorrendo sangue, a bôca escorrendo sangue, o peito escorrendo sangue, as mãos escorrendo sangue", murmurando trêmulamente "o sagrado nome da arte", e vendo tôdas as paixões da terra proclamarem o seu "nefando crime". E, julgando-se isolado pela côr, quando o era talvez mais pela vaidade e o orgulho, exclamava: "Mas, que importa tudo isso? Qual é a côr da minha forma, do meu sentir? Qual é a côr da tempertade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre?"

Quando à obra, Cruz e Sousa deixou três pequenos livros de versos, que hoje formam as Poesias Completas: Broqueis, Faróis e Últimos Sonetos. É, de fato um poeta diferente dos da sua geração no Brasil, isto é, da geração parnasiana. Daí, os novos, que na época eram os simbolistas, verem nêle um mestre e um precursos. A sua obra é absolutamente pessoal. Alia o rigor técnico do parnasianismo à música e acertas obscuridades do simbolismo. Cruz e Sousa não teve as audácias rítmicas, que caracterizam a poesia simbolista, nem foi um criador de símbolos. Os seus versos são, não raro, obscuros, mas a obscuridade é menos um cânon de escola do que a expressão de um temperamento. Entretanto, é inegável que, lidando com os outros metros tradicionais, foi um descobridor de novas e ricas sonoridades.

A nossa crítica é muito divergente na apreciação da poesia do Cisne Negro. O certo é que não foi um gênio, como afirmaram alguns, e êle próprio pensava, nem uma nulidade, como outros julgaram e declararam. A obra, em conjunto, é demasiadamente informe, porém, encontram-se nela versos e estrofes de uma excepcional beleza rítmica, e um punhado de sonetos magníficos que podem formar entre os mais belos de nossa literatura. É o caso de Caminho da Glória, Cárcere das Almas, Supremo Verbo e, especialmente, de Vida Obscura, que é uma tocante autobiografia psicológica.

PRESENÇA DE CRUZ E SOUSA

(Sidnéya Fernandes Gaspar)

Cruz e Sousa é o legado de Florianópolis para o Brasil; de Santa Catarina para o mundo.

Na portentosa óbra Cruz-Souziana, as palavras se apresentam com sonoridade verbal, melodiosas e rítmicas, e com elas o poeta consegue efeitos "puramente auditivos, tornando difícil sua compreensão".

Por sua grandiosidade artísstica, reportamo-nos, imediatamente, para o mundo místico e irreal, onde Cruz conseguiu inspirar-se. pirar.

— Ouve-se aí, o lamento triste da lua, a carícia ardente do sol, e o aquecimento tênue das estrêlas, as quais formam uma canção sussurrante evocativa, sutil, que se apossa paulatinamente de nossos sentidos, e anestesia o âmago de nosso sêr: chegaremos assim, sòmente assim, a compreender êste sucessor de Baudelaire, Eugênio de Castro e Mallarmé, êste "magnífico cisne negro", e sentir integralmente a mensagem sonora, sentimental de suas obras, que nos escapam muitas vêzes à análise.

Na solidão vazia de sua alma torturada, há a plenitude de um **"Sorriso Interior"**, doce, glorioso, pois à glória de Cruz, é bem a irradiação de um túmulo".

O eterno drama de homem e artista, o seu "sonho Prateado", é um caráter confessional em tôda sua obra", onde as evocações ao "branco", "alvo" "lunar" "marfim", "espuma", são expressões características, do que lhe ia na alma.

Fêz da imagem e dos símbolos, que são etéreos, transparentes a sua fonte de inspiração.

Poemas belos e herméticos, linguagem sutil e sugestiva, onde o estilo é vigoroso e suave, fluente e musical, individual e livre, tendo o misticismo e a voluptuosdade como paradoxos. Na complexidade de seu vocabulário, há o rítmo simples e espontâneo, de suas idéias de gênio nato e preciso.

Existe nas obras de Jcão da Cruz e Sousa a suavidade e a vaporosidade das alturas, onde buscamos um minuto de silêncio, e nos sentimos reconfortados.

Suas produções, sem exacerbação do erotismo, são no entanto, um louvor constante às mulheres brancas, um apêlo de compreensão, um pedido de carinho, uma afirmação de bondade, e a consciência do sensual.

A tristeza marca suas poesias, e nelas "transsudam" as amargas lágrimas, cujas gotas formavam arabescos indecifráveis, na comicidade envolvente da vida, dêste humílimo **"Acrobata da Dor"**.

"Gargalha! Rí!"

— Não, não há risos, não há alegria...

Prantos!... Olhos vermelhos, transbordantes de lágrimas... mãos trêmulas, febrís, coração solitário e sofredor, arcado sob o pêso da injustiça e da indiferença, eis como, num cubículo frio, escuro e desconfortante, êle se iluminava, se acalentava, superava-se a si próprio, e escrevia...

Escrevia poemas sublimes, fervorosos, onde a bondade é uma afirmação. E a revolta?

"Crê"!

Implìcitamente, há na sua obra, tudo o que

"Tôda alma humana necessita"

De uma Esfera de Cânticos bendita

Para andar crendo, e para andar gemendo".

Sem véus, sem máscaras, sem disfarces, seu amor por Gavita, cunhou a obra grandiosa e magnífica de que hoje desfrutamos. A loucura da espôsa querida torturou-o profundamente... e o sofrimento lhe foi inseparável.

Na literatura Cruz-Sousiana, nota-se certa reserva nos sonetos intimistas, onde o autor "com aquêle amargurado sangue africano", é um homem triste e sonhador, que desvenda os dogmas simbólicos do infinito, mas cobre com um manto espêsso os mistérios vívidos e reais de seu coração incompreendido.

A arte era-lhe uma arte!

Em qualquer poesia de Cruz, há a magia artística do livremetrismo estilístico do jovem e do homem, que desfruta atualmente lugar de destaque, quer em nossa admiração, quer na nebulosidade prateada do Infinito.

...E a arte simbólica o imortalizou...

"Dai, ser-lhe a arte um instrumento de desabafo, destemeroso e audaz, a chaga por onde êle respirava o ar viciado, que os homens displicentemente lhe concediam".

E êle viveu "Só".

... Solitário e triste, "Emparedado" na "Vida Obscura, de um "sonho branco" demais.

Entretanto, a mensagem artística de suas obras, nos é um legado precioso, e sua presença uma eterna realidade...

CRUZ E SOUSA

(João Eduardo Souza Varella)

Sentindo o pêso da epiderme sôbre o próprio espírito, surge há quase um século o simbolista Cruz e Souza.

Nascido nesta cidade de Florianópolis, na época Destêrro, tornou-se o mais alto expoente do simbolismo poético, contrariando o magnífico Eça de Queiroz, que escrevera ser o interior a penitenciária do espírito".

Poeta dos mais cantados, abolicionista dos mais ferrenhos, era filho de escravos.

Apesar de ser um revoltado, trazia na personalidade a submissão característica dos de sua raça, sem no entanto, cair nos ademanes da servilidade.

Fizera do símbolo maravilhas, e parecia ter, na imaginação, um oceano repleto de formosas e lendárias mâiades.

Dandó combate ao Parnasianismo, escreveu entre outros: O caminho da Glória, Broquéis, Missal, Últimos Sonetos, etc., onde retrata flagrantemente o seu estado de espírito.

Ao contrário do complexado e fabuloso estilista Machado de Assis, que renegara sua côr, João da Cruz e Souza a cantava a mais não poder.

A obra dêsse sacrificado poeta deixa transparecer ainda além do terrível problema racial, a miséria a que se viu jogado.

Celebrado pelos maiores críticos, vemos atualmente a glória imortalizá-lo.

O crítico Goulart de Almeida, disse, e mui acertadamente, que se os cantos de sua piedade comovem até as lágrimas, se a voz de sua fé abre clareiras de crenças e de renúncias, o alto clamor de sua revolta enche o espaço, atroando como os trovões nas quebradas.

Assim, no nosso entender, era a pessoa de Cruz e Souza.

E, hoje, ha cem anos de seu nascimento, vemos êsse catarinense, nosso conterrâneo, considerado, sem sombra de dúvidas, figura máxima do simbolismo pátrio.

Ao encerrarmos este trabalho, prestamos nossa homenagem, não só ao poeta, mas a todos os que, como êle, nasceram do nada e, malgrado às adversidades, não se deixaram abater, porque nada é mais belo, mais digno e mais honroso, do que vencer na vida pelo próprio esfôrço.

Fizera do símbolo maravilhas, e parecia ter na imaginação, um sis, que renegara sua côr, João da Cruz e Souza a cantava o mais

---

. O POETA E SUA VIDA

(Maria Therezinha P. Collaço

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes sêres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para tí foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
A vida prêsa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento imquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu, que sempre te seguí os passos,
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

Neste soneto Cruz e Sousa exprimiu tôda a amargura, que lhe ia nalma. Descendendo de escravos, corria em suas veias o sangue que tanto o deprimia.

Ao freqüentar a escola, fêz amigos, ao mesmo tempo que experimentou a dôr profunda, motivada pela sua origem e agravada pelas convenções da época.

Quantas vêzes em seu leito de menino pobre, havia chorado desabafando a mágoa que trazia no peito. Escrevia poesias desde os oito anos; seu talento foi crescendo à medida que o espírito se desenvolvia, e enquanto também se lhe avolumava a consciência de seu destino racial.

Como tôda a alma humana, que necessita de um pouco de carinho, para continuar crendo na vida, que o destino lhe impusera, casou-se.

Desolado, vencido pela tuberculose, pereceu no mais completo abandono.

Cruz e Sousa morreu, morreu sim, mas continuará vivo em tôdas as suas obras, e nos corações daqueles que amam a poesia, e assim permanecerá por tôda a eternidade!

CRUZ E SOUSA

(Teresinha Maria Sabota)

João da Cruz e Sousa nasceu a 24 de novembro de 1861, na cidade do Destêrro, atual Florianópolis, capital da então província de Santa Catarina. Filho de dois negros escravos, trazia nas artérias sangue sem mescla das fôrças adormecidas de angústia e sonho. Tiro a esta referência todo acento literário, pois que de fato significa um puro dado positivo, indispensável à compreensão do destino e do canto do Poeta Negro. Morreu a 19 de março de 1898, na localidade de Sítio, Minas, para onde fôra transportado às pressas vencido pela tuberculose. Nos seus trinta e seis anos de existência terrena, percorreu todo um ciclo de experiências tremendas de sofrimento. Mas umas tantas circunstâncias propiciatórias, entre as quais essas próprias experiências, salvaram para o Brasil, talvez mesmo para o mundo, tôda uma soberba florada de Beleza que, sem elas, não se haveria produzido.

Essas circunstâncias foram: a de haver sido amparado, na infância, por uma família de linhagem fidalga, que o mandou instruir e o educou num sentimento grave da vida; a de haver sido combatido, desprezado, humilhado, quando extremamente já se lhe condensava na alma a energia criadora, o que deu lugar a que esta não se dispersasse ao doce afago das alegrias do mundo; a de haver, no entretanto, encontrado, no seio mesmo da universal hostilidade, o apôio de miraculosas mãos compreensivas, que lhe afastaram os passos do desespêro definitivo; a de haver sido perpètuamente pobre e não ter conhecido nunca senão a face trágica de tudo, o que serviu a dar estrutura e forma profundamente" funcionais" ao mundo de sonho, dor e desejo que nesse núbio contemporâneo de Davi "como que existia "desde tôda a eternidade".

Inútil longamente explorar, no sentido biográfico, uma vida que só pela sua repercussão numa alma antiga de poeta se revestiu de significação comovente. A Cruz e Sousa, de fato, aconteceu apenas que, indo para o Rio já homem feito, após uma peregrinação pelo norte e o sul do país como "ponto" de um companhia dramática, nessa cidade lutou, casou, teve filhos, viu a mulher enlouquecer, sofreu miséria, amargou ultrajes e, por fim, entisicou, saindo à última hora para morrer sob o benigno céu mineiro; vida esta que se reproduz em milhões de exemplares no seio da população miserável do Brasil.

Havia, porém, essa "alma antiga". Houve a conjunção de circunstâncias que resultaram no seu canto imortal. Êste canto é que, no fim de contas, nos importa.

A obra de Cruz e Souza, afora alguns inéditos de importância mínima, se compendia nos seguintes volumes: Missal e Broquéis, publicados em 1893, o primeiro de prosa, o segundo de poemas, únicos livros aparecidos ainda em vida do poeta; depois de sua morte, por deligência de amigos, principalmente de Nestor Victor, vieram a lume: Evocações, prosa, em 1898; Faróiss, poemas, em 1900; últimos sonetos, em 1905.

A visão branca e a luminosidade tornam-se os santos motivos de seus versos, representando o amor, a pureza e a escuridão no sentido de coisas imprestáveis.

O problema da expressão em Cruz e Sousa, como já dissemos, é excessivamente complexo, mas curioso, e fato de profundo sentido, é que vem sendo atribuido por analistas de claro discernimente, inconteste primazia a Cruz e Souza entre quantos em nossa pátria cantaram. E não apenas críticos patrícios chegam a tal afirmação. Roger Bastide, Júlio Noé e outros situam Cruz e Souza ao lado de Mallarmé e Stefan George, vendo neles a tríade suprema do movimento simbolista universal, e dando visível proeminência nessa tríade ao poeta dos "Últimos Sonetos".

Como simples indicação da obra do poeta, vejamos seu soneto "Triunfo Supremo", onde os dois versos finais, recortados em bronze, figuram hoje como legenda no monumento funerário erguido à memória do poeta no cemitério de São Francisco Xavier do Rio de Janeiro. Significam êles de fato, em violenta síntese, todo o destino de Cruz e Sousa, e exprimem sua total dignidade de espírito.

"TRIUNFO SUPREMO"

Quem anda pelas lágrimas perdido,
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos.

É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vícios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprendeu-se dos carnais anelos.

É quem entrou por tôdas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensanguentando,
Amortalhado em tôdas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre ráios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo, mas ficou sonhando.

CRUZ E SOUSA E SUA POESIA

(Neusa dos Santos Nunes)

A poesia de Cruz e Sousa destaca-se: pela nobreza de sentimentos, elevação da alma, delicadeza de afetos e completa sinceridade do poeta.

Podemos observar em sua poesia, em frases indefinidas a imaginação de um mundo desconhecido e sempre melhor do que aquêle em que vivemos. As palavras e as "imagens intuitivas" exprimem tudo quanto o artista queria quando escreveu seus versos. Notamos ainda na poesia de Cruz e Souza que êle criou em sua imaginação uma espécie de mundo transcendental.

Todo o simbolismo aliás postula a existência de um mundo transcendente; é o ponto de partida obrigatório de Mallarmé e Cruz e Souza.

Partindo embora desta origem comum divergiram de tal modo que os dois simbolismos nada têm em comum.

O ponto de partida do poeta negro foi evidentemente o drama de sua côr, e é em "Faróis" que se manifesta substancialmente a dôr de ser negro.

"É o negro ferido pelo desprêzo do branco, e hostilizado esmagado pelo orgulho do branco a uma vida de aflição e miséria, e no entanto tomado de infreável paixão pelo branco..."

"Broquéis", apesar da surprêsa que causou pela sua audácia de expressão torna patente a luta do simbolista pela exigência dos próprios anseios.

Em cada poema, vemos Cruz e Souza arrancar novos símbolos essenciais, ritmos e formas novas. Forma e fundo, substância e expressão não são realizadas diferentes.

Forma é fundo aparecendo. Mas nunca podemos saber ao certo o pensamento do poeta porque cada verso é feito simbòlicamente, dando margem a controvérsias quanto ao significado.

"CRUZ E SOUZA"

(Jaime Antunes Maciel)

João da Cruz e Souza nasceu na Ilha do Destêrro, hoje Florianópolis, em 1861 e faleceu em 7898, em Minas Gerais, na localidade do Sítio.

Filho de escravos, levou vida humilde, sempre em luta contra os preconceitos raciais, ansioso de liberdade. Foi jornalista no Rio, de vida atribulada e suas obras são:

a) Poesia:
   1 — Os Broquéis.
   2 — Os Faróis.
   3 — Últimos Sonetos.
b)) Prosa lírica:
   1 — Missal.
   2 — Evocações.

Cruz e Souza teve dolorosa peregrinação pela existência, à incompreensão de seus contemporâneos (rompeu com a disciplina pasnasiana) e ao sofrimento de sua côr. Amou a liberdade — a social e a do espírito; sua impressão era de viver "emparedado entre raios, pedradas e metralhas". Bem que reconheceu:

Ah ! Tôda alma num cárcere anda prêsa,
Soluçando nas trevas, entre as grades,
do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrêlas, tardes, natureza ...

Jamais cansou de clamar por liberdade. Não por essa liberdade bitolada e sim pela verdadeira liberdade total, da matéria e do espírito:

(...) livre! para sentir a natureza,
para jogar, na universal grandeza,
fecundas e ascangélicas preguiças.

Em sua obra estão a dôr, a revolta, a melancolia. O drama por que passou temo-lo no sonêto" Vida Obscura" ("O ser humilde entre os humilde sêres").

Cruz e Souza iniciou, no Brasil, o movimento simbolista. Há por vezes, certa obscuridade no que escreveu; torturou a obra com a odisséia de sua vida (filho de escravos, pobre, incompreendido, doentio), mas sentiu o infinito, arrojou-se em idéias elevadas e o verso é rico e sonoro, o que dá testemunho cabal Agripino Grieco:

"O mais instintivo, o mais espontâneo dos Poetas".

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

(Giselda Gallotti Tridapolli)

João da Cruz e Sousa, poeta brasileiro, nasceu em Destêrro, atualmente Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina em 24 de outubro de 1861.

Filho de escravos, exclusivamente africanos, foi criado na casa do Marechal Xavier de Souza de quem herdou seu sobrenome. Como este não tinha filhos adotaram João da Cruz e Sousa, onde teve uma infância muito feliz.

Recebeu ótima educação e fêz com brilho o curso de humanidades no Ateneu Providencial.

Com a idade de 8 anos já compunha algumas poesias. Concluindo o curso secundário, desprezado pelos brancos de sua terra natal teve de deixá-la e empregou-se em uma companhia teatral começando a percorrer diversas cidades do país.

De 1882 a 1889 em companhia de Virgílio Varzea dirigiu o jornal abolicionista "Tribuna Popular".

Em colaboração com este jornal publica em 1885 um volume intitulado Tropos e Fantasias, seu poema de estréia.

Viaja depois para o Rio Grande do Sul, onde foi muito bem recebido por seus amigos.

Não tinha emprêgo certo; o melhor que havia arranjado foi o de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Em 1891 fixou-se na Capital da República e ai então tudo começava a ter suas verdadeiras formas. A escada da fama que começava a galgar a passos largos desde os primórdios, estava chegando aos seus últimos degráus, sôbre o qual havia de pisar firme coroado de pleno êxito. Os sonhos de infância considerados irrealizaveis, iam agora tomando lentamente suas famas gerais. No Rio de Janeiro fez várias amizades, como Nestor Vitor, que muito fez pela sua glória.

João da Cruz e Sousa passou por várias escolas literárias, onde iniciou seus contactos de modo diréto com a literatura nacional e Internacional.

Filiou-se a Escola Simbolista com 21 anos de idade. As qualidades do potta já estavam repercutindo com sucesso não só em Santa Catarina, mas também em outras províncias brasileiras. Apesar de ser de origtm negra, o poeta não deixava de gozar de um grande prestígio e muita simpatia através daqueles que o cercavam.

Casou-se João da Cruz e Sousa em 1893, teve uma vida conjugal cheia de sofrimentos e infortúnios. Dêste casamento nasceram 4 filhos.

Cruz e Sousa lutou muito pela abolição da escravatura.

Entre as obras que escreveu temos como as principais: "Missal", "Broquéis", "Faróis", "Evocações", "Últimos Sonetos" e "Tropos e Fantasias", êste em colaboração com Virgílio Varzea.

Em "Broquéis" que é uma obra em versos, êle exprime a sua dor de ser negro, em "Faróis" a dôr de ser homem.

Tuberculoso, procurou melhorar sua saúde indo para a localidade de Sitio, Minas Gerais, onde veio a falecer a 19 de março de 1898.

Cruz e Sousa é considerado um dos maiores poetas brasileiros.

CRUZ E SOUSA

"Êsse plagiador de Deus tinha em casa um dicionário e sua alma; a argila dos vocábulos e o sôro vivificador de uma emoção. Está aí toda a gênese de sua arte". **Agripino Grieccto.**

"É em todo caso Cruz e Sousa um vulto à parte na nossa poesia, uma figura de exceção, pouco popular pela própria natureza de sua obra, como a certos respeitos, Antero de Quental, em Portugal". **Gilberto Amado.**

"Ninguém, por aqui, soube transmitir, como êle transmitia, em meia dúzia de palavras, aquela "quantidade de espírito sugestivo, qualquer coisa como uma corrente subterrânea do pensamento, não visível, indefinida", de que fala o sombrio Edgard Poe". **João Pinto da Silva.**

"Êle introduziu em nossas letras aquêle horror da forma concreta, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do século XVIII. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um país onde a poesia flui mais da ponta dos dedos do que do coração". **Ronald de Carvalho.**

"Sua influência, contudo, não cessou e não cessará tão cêdo no Brasil. Quase tôda a literatura que se pode chamar pròpriamente viva, no domínio da poesia, entre nós, vinda depois de Cruz e Souza e sua geração, conciente ou inconcientemente ressente-se mais ou menos dos seus processos". **Nestor Vítor.**

"Demais, em Cruz e Souza, o conceito é, muita vez, preciso, e de relêvo inconstestável. Vê como a dôr se transcendentaliza. Mas, que mais puro Debussy, do que aquela branca Antífona dos Broquéis? Música só, mas da melhor. Foi o único artista brasileiro, realmente CONTEMPORÂNEO dos impressionistas do fim de oitocentos". **Andrade Muricí.**

"Num meio literário que se aburguesava, que se tornava excessivamente prosaico, Cruz e Souza no Brasil, como os simbolistas da França, arrebentou como uma nova expressão, fazendo voltar a poesia às fontes puras da emoção e do sonho". **Vítor Viana.**

"Vejo em Cruz e Souza um poeta originalíssimo, de uma rara sensibilidade estética, sabendo compreender a Arte e respeitá-la, encarando a vida com a independência de quem só tem um ideal — a perfeição artística". **Adolfo Caminha.**

"A muitos respeitos o melhor poeta que o Brasil tem produzido". **Silvio Romero.**

(Extratos colhidos por Roberto P. de Luz e Reginaldo F. Simões).

CRUZ E SOUZA

(Pedro de Oliveira Mendes)

Nasceu em Florianópolis, antiga Destêrro, neste Estado. Simbolista famoso e conhecido no mundo inteiro, e, exceção de seu tempo, isto é, nasceu filho de escravos e foi alforriado por seu senhor e por êsse educado como um branco. Foi por isso que o mundo ganhou o genial Cruz e Souza. Escreveu Sonetos e Quadrinhas praieiras em Destêrro, que demonstram a pouca experiência de quando começou a escrever. Fazendo amizade com o presidente da província Dr. Gama Rosa, conseguiu tornar-se conhecedor de obras de autôres famosos até então desconhecidas para êle. Nota-se portanto em sua obra dessa época, que data de 1885, e que foi editada com o nome de Tropos e Fantasias, feita com a colaboração de seu grande amigo Virgílio Várzea, a grande influência que tiveram êsses autôres sôbre a obra Cruz Sousiana, e até podemos dizer que Cruz foi o continuador dêsses poetas (Baudelaire, Eugênio de Castro). Com auxílio de Gama Rosa, conseguiu ser nomeado promotor de Laguna. Por ser preto e filho de escravos, não conseguiu assumir a promotoria Lagunense, pois moradores dessa localidade não o permitiram. Cruz e Souza sofreu horrores devido à humilhação e foi por êsse motivo que deixou, depois de algum tempo, a província dirigindo-se para o Rio de Janeiro, onde pretendia esquecer as humilhações sofridas pelas mágoas que lhe causaram as mulheres brancas que amou em sua têrra natal.

Para viajar para o Rio de Janeiro empregou-se como ponto de um Teatro que estava fazendo "Tourneé", pelo Brasil, acabou apaixonando-se pela corista da companhia e não foi correspondido. Chegando ao Rio conheceu grandes literatos e trabalhou em jornais da cidade, escreveu pequenas notícias. Lá, conheceu o seu verdadeiro amor, depois de muitos amores platônicos, conheceu a sua Gavita, mulata de condição igual à dêle e criada como êle. No Rio de Janeiro escreveu em 1893 "Missal" e "Broquéis"; em 1898 escrevia "Evocações"; em 1900 "Faróis". "Os últimos sonetos" foram editados em Paris quando já havia falecido. Teve suas alegrias e tristezas. Querendo apresentar-se bem, perante o público, sofria fome e seu físico acabou abatido pela tuberculose. Aconselhado pelo médico mudou-se para Minas Gerais, onde morreu.

Cruz e Sousa foi empregado de estrada de ferro e, quando morreu, colocaram seu corpo esquelético dentro de um caixão de 3ª. classe e o remeteram para o Rio de Janeiro, onde foi sepultado por amigos, que fizeram entre si uma coleta para as despesas com o funeral do grande poeta catarinense que "entre raios, pedradas e metralhas, ficou gemendo, mas ficou sonhando".

"CISNE NEGRO"

(Volney da Silva Milis)

Ao se aproximarem os festejos do 1º centenário do nascimento de Cruz e Sousa, torna-se imperioso, para nós, estudantes e catarinenses, falarmos alguma coisa daquele que foi a expressão máxima do simbolismo Nacional.

Nascido em Florianópolis, (Destêrro, então no ano de 1861, teve sua existência pontilhada de dificuldades.

Descendente de escravos negros, pertenciam êle e seus pais ao marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem o poeta tirou o sobrenome.

Quando aquêle oficial foi convocado para a guerra do Paraguai, alforriou seus negros. João da Cruz, afeiçoado aos patrões, era por êles estimado e protegido.

Como mostrasse grande inteligência — aos 8 anos já compunha versos — foi mandado cursar humanidades.

Mais tarde, já de volta, foi nomeado promotor de Laguna. Não exerceu porém êsse cargo por ser de côr. Desgostoso, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde percorre tôdas as redações. Foi empregado da Estrada de Ferro Central do Brasil. Casou-se. Teve quatro descendentes.

João da Cruz e Sousa morreu tuberculoso. Desse mal morreu também tôda sua família: seu irmão, sua mulher e quatro filhos.

Em seus escritos nota-se uma extranha preferência por têrmos como: branco, alvo, alvidente, claro, que deixam transparecer o requalque que nutria pelo fato de ser preto.

Entre suas obras destacam-se: "Broquéis" "Faróis" "Missais" e "Últimos Sonetos".

Cruz e Sousa, abalado pela má sorte, entregou-se de corpo e alma à poesia, dando assim vazão à tristeza e ao desespêro que lhe transbordavam do coração.

Ó, tu negro poeta de alvíssimo pensamento. Se pudéssemos rasgar fundo o teu peito e para dentro dirigir a vista, veríamos o encaracolar ascendente, litânico de furação incontrolável e lá, no fundo dessa infeliz criação da natureza, escondida com um mêdo tétrico de aparecer, a descença que, por muitas vêzes mostrasses, veladamente, e com razão, no elemento humano. E hoje, ao olhares entre nuvens brancas o negro mundo que, aqui em baixo, mais do que antes sossobra, sem dúvida dirás: "Ah! como eu sinto compungidamente!" e entre soluços teu bondoso coração chorará em tormenta.

CRUZ E SOUSA

(Marlí Santos)

Negro, filho de escravos exclusivamente africanos, era João da Cruz e Sousa: — A expressão máxima sem dúvida alguma do simbolismo no Brasil.

Nascido no Destêrro, então Província de Santa Catarina, em 1861 e falecido em 1898, num sítio no Estado de Minas Gerais. Sua descendência negra concorreu para lhe dar singularidade, tornando-o vítima dos que se deixavam levar pelo preconceito da côr e suscitando generosa simpatia e curiosidade,nos que o conheciam.

Fazia funções de Ponto, agregado a uma Companhia Dramática Nacional e assim ficou conhecendo outros Estados e adquirindo a simpatia dos povos.

Assinalou-se nas letras nacionais, quando em 1891 se fixou na Capital da República.

João da Cruz e Sousa é considerado hoje como poeta de natureza rica e mais poderosa dos que representam a corrente simbolista no Brasil. Seu primeiro livro, um livro de prosa (Missal) e calorosos elogios foram publicados em seu louvor.

Continuava a produzir abundantemente, o Poeta negro, como ficou conhecido. Exausto de tão exigentes trabalhos intelectuais, contraiu uma tísica pulmonar galopante, de que veio a morrer em pouco.

Seus "Últimos Sonetos" representam o livro mais simples, mais espontâneo e em algumas das suas produções mais emocionante de Cruz e Sousa; nele se encontram suas palavras finais, ainda repassadas de orgulho, de intransigência, mas ao mesmo tempo de bondade, piedade e resignação.

CRUZ E SOUSA

(Ivanilde Pereira)

Cruz e Sousa, um dos nossos maiores poetas, foi o primeiro a fazer o movimento simbolista brasileiro. Nasceu no dia 24 de novembro de 1861, na antiga Destêrro, hoje em dia Florianópolis, Capital de Santa Catarina.

Era filho de escravos, e filho adotivo do Marechal Xavier de Souza, de quem herdou seu sobrenome.

Cruz e Sousa recebeu primorosa educação, bôa instrução primária e fêz com brilho o curso de humanidades no Ttheneu Provincial.

Foi atraido muito cedo pelas letras, pois desde de 8 anos, já fazia versos, recitando produções suas com muito entusiasmo.

Foi um dos lutadores pela abolição da escravatura. Aos 21 anos de idade , Cruz e Sousa e Virgílio Várzea passaram a dirigir a "Tribuna Popular", naquela época a fôlha popular mais importante em Santa Catarina entre 1881 e 1889.

Em tôda parte do Brasil fazia relações literárias e por tôda parte era celebrado o seu nome.

Escreveu obras como: "Broquéis", "Faróis", "Missal", "Evocações", "Últimos Sonetos", "Tropos e Fantasias". (Esta em colaboração com Vírgilio Várzea.

Em "Broquéis" êle exprime a dor de ser negro; em "Faróis", a dor de ser homem; nos "Últimos Sonetos", a dor, mas também a alegria e glória de ser espírito, de comungar com o eterno, e heròicamente saborear os abismos e as sombras da pobre terra natal.

Florianópolis pode orgulhar-se de ser berço natal do maior poeta brasileiro: Cruz e Sousa.

CRUZ E SOUSA

(Ana Maria Luz)

João da Cruz e Sousa foi o expoente máximo da literatura simbolista brasileira. Ocupa lugar merecido, ao ser incluído, na Plêiade simbolista, ao lado de: Stephan George (alemão) e Mallarmé (frances). Cruz e Sousa nasceu a 21 de novembro de 1861 na antiga Destêrro, atual Florianópolis. Negro sem mescla, era êle descendente de escravos. Os senhores da fazenda, gente branca de coração generoso e sem filhos, criaram e educaram Cruz e Sousa como a um próprio filho. Sofrendo hostilidade devido a sua origem foi obrigado a deixar o torrão natal, viajando para o Rio. Em 1885, de colaboração com Virgílio Várzea, publica um volume intitulado "Tropos e Fantasias", seu poema de estréia. Sofreu muito com a enfermidade da espôsa, acometida de loucura. Sua família foi atingida pela miséria. Apesar disso, amparado por grandes e verdadeiros amigos, Cruz e Sousa consegue continuar a trabalhar na poesia. Em 1893 publica os livros "Missal" e "Broquéis", sendo o primeiro em prosa e o segundo em verso, e com êles Cruz e Sousa deslumbra o público, que passa a admirá-lo e respeitar. Nos anos posteriores consegue criar tôda a fascinante matéria da sua obra, que só mais tarde apareceria. Em 1897 fica tuberculoso. Veio a falecer a 19 de março de 1898 na cidade de Sítio, em Minas Gerais para onde fôra tentar a cura.

CRUZ E SOUSA

(Valdemar Antônio Dallagnol)

A vida e a personalidade. — João Cruz e Sousa nasceu em Destêrro, atual Flpolis., em 1861 e morreu na localidade mineira de Sítio, em 1898. Filho de escravos, negro retinto, paupérrimo, foi um predestinado para o sofrimento. Casando-se com Gavita, preta como êle, que, no período do noivado, lhe encheu a vida e a obra de brancuras ideais teve, muito cedo, o dor de vê-la enlouquecer. Tuberculoso com os filhos tuberculosos, foi nesta atmosfera de tristezas e revoltas que o Cisne Negro, escreveu a obra que alguns consideram genial, que tem, de qualquer forma, fulgurações verbais impressionantes.

Cruz e Sousa foi o único genuino representante da sua raça na literatura brasileira. Daí a sua tragédia interior. Foi um isolado, apesar dos discípulos que, como Gonzaga Duque, Emiliano Perneta e NestorVitor, o cercaram, o admiraram e viram em sua poesia musical e obscura, uma nova mensagem de arte. Mas a côr o emparedava. A expressão é sua, e emprega-a num capítulo da prosa das Evocações, que merece ser lido para esclarecimento do homem e da obra. Nele, o poeta se descreve infeliz e altivo, "a face escorrendo sangue, a bôca escorrendo sangue", o peito escorrendo sangue, as mãos escorrendo sangue" Murmurando convulsamente "o sagrado nome da arte", e vendo tôdas as paixões da terra proclamarem o seu "nefando crime". E, julgando-se isolado pela côr, quando o era talvez mais pela vaidade e o orgulho, exclamava: "Mas, que importa tudo isso? Qual é a côr da minha forma, do meu sentir? Qual é a côr da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre?

A abra. — Cruz e Sousa deixou três pequenos livros de versos, que hoje formam as suas Poesias Completas. Broquéis, Faróis e Últimos Sonetos. É, de fato um poeta diferente dos da sua geração no Brasil.

Daí, os novos, que na época eram os simbolistas, verem nêle um mestre e um precursor. O poeta que fôra, de início, um parnasiano entusiasta, acabou aceitando o papel que lhe atribuíam. Mas a sua obra é absolutamente pessoal.

Aliava o rigor técnico do parnasianismo à música e a certas obscuridades do simbolismo. Cruz e Sousa não teve as audácias rítmicas, que coracterizam a poesia simbolista, nem foi um criador de símbolos. Os seus versos são, não raro, obscuros, mas a obscuridade é menos um cânon de escola do que a expressão de um temperamento.

JOÃO DE CRUZ E SOUSA

(Danilo Cunha)

O grande poeta negro João de Cruz e Sousa nasceu na Ilha de Destêrro, em 24 de novembro de 1861.

Fiel à Poesia Simbolista fêz-se um de seus grandes mestres. Aqui, estudou, teve professôres de alta projeção no magistério, revelando, desde cedo, grande talento, e impondo, como líder de seu grupo literário, a "Idéia Nova", que movimentou a província.

Vemos êste poeta como símbolo de uma época. Época em que o racismo predominava, pois os negros ainda eram considerados como de raça inferior.

Conta-se que nosso poeta foi nomeado promotor da comarca de Laguna e quando lá chegou não o deixaram assumir o cargo, dizendo: "Êste cargo não é para negro".

Por motivos raciais era um homem complexado, como se pode notar em muitas de suas poesias.

Eram seus companheiros: Santos Lostada, Horácio de Carvalho, Araujo Figueredo, Oscar Rosas, Virgílio Várzea, Tibúrcio de Freitas, grandes nomes da história intelectual de Santa Catarina e do Brasil.

Se em vida não conseguiu vencer os preconceitos da época, triunfou depois de morto e é hoje uma das maiores figuras do simbolismo universal.

Deixou três pequenos livros de versos, que hoje formam as suas Poesias Completas: "Broquéis", "Faróis" e "Últimos Sonetos". No início de sua vida literária a sua casinha no Destêrro era como a sede de um grupo literário, do qual participavam as maiores expressões da inteligência catarinense, da segunda metade do século XIX. Nesta época todos os seus artigos, as suas crônicas, poesias e polêmicas se prendiam à vida literária, aos costumes e às belezas da terra catarinense. Criou um estilo pessoal, puramente original. Através de livros que lhe emprestara Gama Rosa, no Rio, iniciou-se nas obras de mestres como Poe, Baudelaire e outros. Sua obra chegou a tornar-se universal. Não foi um criador de símbolos, porém seus versos são bastante representados por símbolos obscuros, com novas e ricas sonoridades, que são uma verdadeira musicalidade. Seus versos também são místicos, com aquela sensibilidade tôda própria de encarar os problemas fundamentais do coração. Tudo nos põe diante de um verdadeiro simbolista, vigoroso, que pelo seu extraordinário talento foi igualado aos dois maiores do mundo.

Sim, Cruz e Sousa é o expoente máximo da literatura simbolista brasileira de todos os tempos. É o gênio poético de Santa Catarina. A sua obra, no conjunto, é uniforme; nela encontramos versos e estrofes de uma excepcional beleza rítmica, que formam entre os poemas e sonetos, os mais belos de nossa literatura.

26

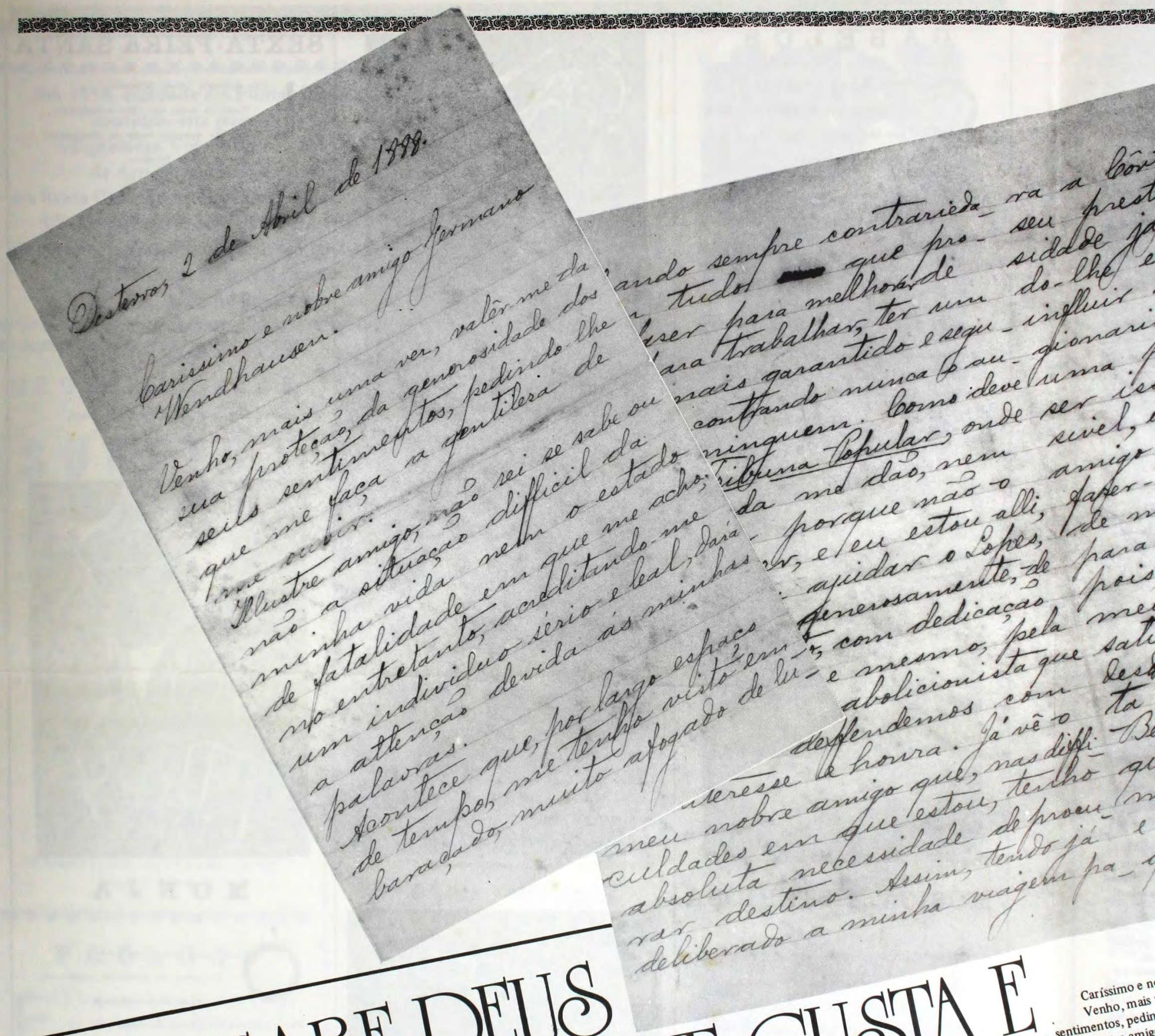
ESPECIAL · 1980 · CRUZ E SOUSA
BOI de MAMÃO

Desterro, 2 de Abril de 1[illegible]

Carissimo e nobre amigo Germano Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valêr-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir:

Illustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difficil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entretanto, acreditando-me um individuo sério e leal, dará a attenção devida ás minhas palavras. Cruz e Sousa

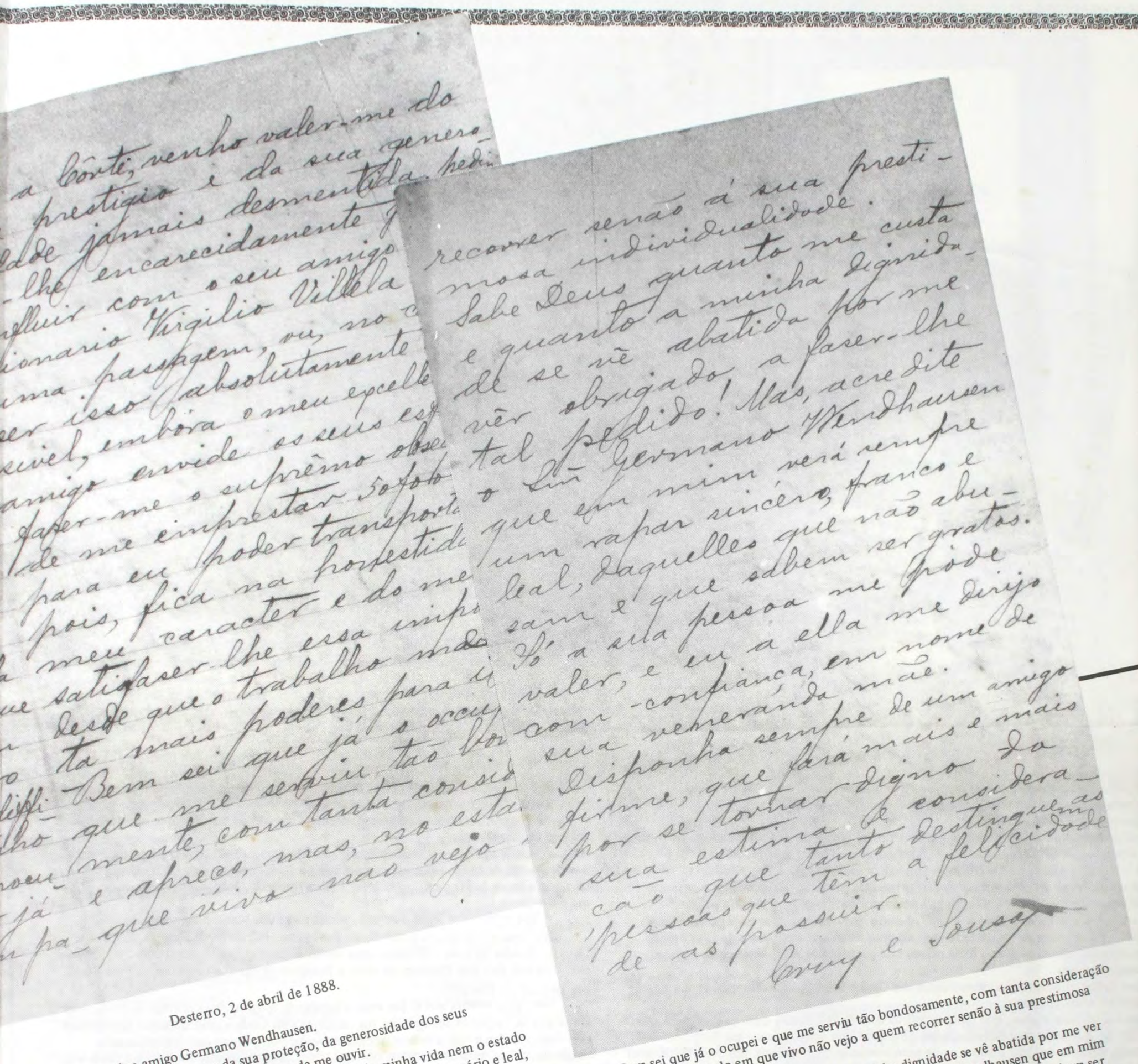


Desterro, 2 de Abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo Fernando
Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valer-me da
sua proteção, da generosidade dos
seus sentimentos, pedindo-lhe
que me faça a gentileza de
me ouvir. Ilustre amigo, não sei se sabe ou
não a situação difficil da
minha vida nesta o estado
de fatalidade em que me acho;
no entretanto, acreditando-me
um individuo sério e leal, daí-
a atenção devida ás minhas
palavras.
Acontece que, por largo espaço
de tempo, me tenho visto em
baraçado, muito afogado de lu-
ando sempre contrarie-
tudos — que pro-
ser para melhor de
ra trabalhar, ter um
contando sempre
ninguem. Como deve
Tribuna Popular, onde ser
da me dão, nem
porque não o amigo
, e eu estou alli, de fa-
ajudar o Lopes, de
generosamente, de para
com dedicação pois
e mesmo, pela
abolicionista que sa
meu nobre amigo que, nas diffi-
culdades em que estou, tenho
absoluta necessidade de procu-
rar destino. Assim, tendo já
deliberado a minha viagem

"SABE DEUS QUANTO ME CUSTA E QUANTO A MINHA DIGNIDADE SE VÊ ABATIDA..."



Desterro, 2 de abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo Germano Wendhausen.

Venho, mais uma vez, valer-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entretanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida às minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na **Tribuna Popular**, onde escrevo, nada me dão, nem eu o exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas, para ajudar o Lopes, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra. Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino. Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envide os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu caráter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso.

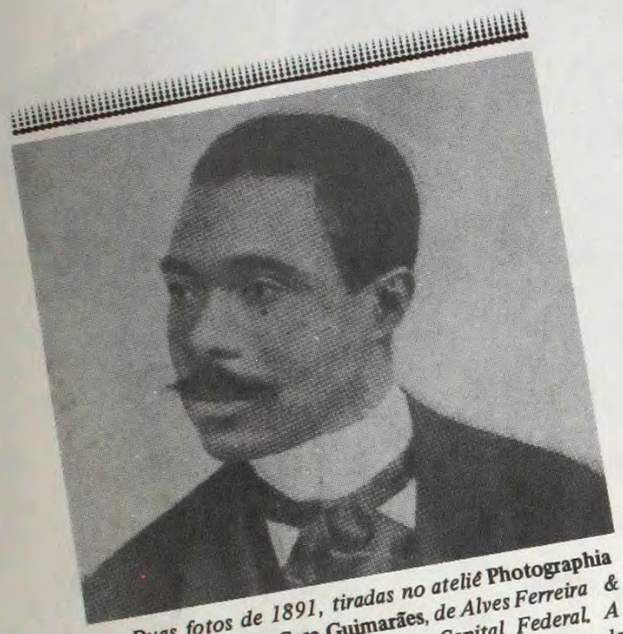
Bem sei que já o ocupei e que me serviu tão bondosamente, com tanta consideração e apreço, mas, no estado em que vivo não vejo a quem recorrer senão à sua prestimosa individualidade.

Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite o Sr. Germano Wendhausen que em mim verá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos. Só a sua pessoa me pode valer, e eu a ela me dirijo com confiança, em nome de sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo firme, que fará mais e mais por se tornar digno da sua estima e consideração que tanto distinguem as pessoas que têm a felicidade de as possuir.

Cruz e Sousa

(Carta pertencente aos arquivos da Academia Catarinense de Letras e cedida para esta edição pelo escritor Theobaldo Costa Jamundá).



Fotos do arquivo de Iaponan Soares

Duas fotos de 1891, tiradas no ateliê **Photographia Americana**, *antiga* **Casa Guimarães**, *de Alves Ferreira & Roltgen, à rua dos Ourives, 38, Capital Federal. A primeira, é um retrato de Cruz e Sousa. Na segunda vêem-se: à direita, sentado, Cruz e Sousa; no centro, de pé, Virgílio Várzea; e, à esquerda, encostado a uma cerca imitada em cimento, Horácio Carvalho.*

Um episódio pouco conhecido na vida de Cruz e Sousa

Iaponan Soares

São poucos os documentos que registram a adolescência do poeta Cruz e Sousa. Entendemos que há um espaço vazio a ser palmilhado, muito embora se saiba, de antemão, a aridez do terreno.

Acreditamos que o assunto será melhor entendido, à medida que a documentação pessoal do Poeta (e que ainda se encontra em mãos de terceiros), for tornada pública.

Até hoje os jornais da antiga Desterro tem sido a fonte principal dos estudos cruz-e-souseanos. As "Memórias" deixadas inéditas por Araújo Figueiredo, e cujo conhecimento muito serviu a R. Magalhães Júnior para ampliar a terceira edição do seu "Poesia e Vida de Cruz e Sousa", é outro documento importante no rol dessas fontes, embora deva ser examinada com algumas reservas, face o autor de "Ascetério" não esconder nessas páginas a forte mágoa que guardava do meio desterrense e de seus contemporâneos.

Quase todos os amigos que escreveram sobre Cruz e Sousa pouco disseram de sua vida anterior à estréia literária.

Mesmo o Virgílio Várzea, que tanto conviveu com Cruz e Sousa, quer na Província, quer no Rio de Janeiro, o que escreveu sobre o Poeta pouco acrescentou à sua biografia. Dos contemporâneos de Cruz e Sousa e que permaneceram na Província, um deles foi Manoel dos Santos Lostada, que também tomou parte do grupo que ficou conhecido como "Idéia Nova". Santos Lostada pouco colaborou na imprensa desse período, pois seus afazeres de empregado do comércio lhe tomavam quase todo o tempo, o que não impedia, entretanto, o convívio e a amizade com o grupo encabeçado por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. A sua participação nesse movimento está comprovada na imprensa, pois em mais de uma oportunidade foi alvo de sátira e epigramas daqueles que condenavam os seguidores da nova estética. Mais tarde, homem feito e melhor situado na vida, Santos Lostada colaborou com mais freqüência em nossos periódicos, divulgando pequenas crônicas e contos, com alguns desses textos encobertos sob o pseudônimo de Orlando de Castro. .

O jornal "A Página", aqui editado no início do século, sob a direção do paranaense Domingos Nascimento e redatoriado pelo goiano Henrique Silva, divulga, algumas colaborações de Santos Lostada. É nessa colaboração que descobrimos um texto, cujo personagem é, sem dúvida, Cruz e Sousa. O trabalho saiu publicado com o título "As Etapas de Herança – I", dando assim a entender que o assunto teria desdobramento em colaborações subseqüentes, o que não aconteceu. Pela curiosidade das informações nele contidas e, principalmente, por nos falar do Poeta ainda na adolescência, é que nos chamou a atenção para uma divulgação mais ampla, como faremos a seguir:

"Olá!. . . Ontem, aonde te meteste? Não te vimos todo o dia. . .

– Não lhes conto nada! Fui à Lagoa. Por isso é que não apareci. Mas, imaginem vocês, imaginem bem o que é esta minha vida! Aqui para nós: meu pai obrigou-me a ir à Lagoa para ser benzido!! Vejam lá, vejam lá a quanto chega a minha desgraça – a ser benzido por um curandeiro!!

Meu pai, coitado, vocês sabem. . . vê-se no desespero da fome. Isto em reservas, havia três dias que só se comia planta cozida, dos restos de mudas que minha mãe, doente como anda, rebusca pelo quintal. Vejam só isto!. . .

Anteontem foi uma tempestade medonha, quando eu lhe disse que não acreditava em feitiço. Agastou-se;

– Pois então o que é? Todos dizem que sabes tanto, tens tantos amigos, e porque essa gente não te dá um emprego que nos mate a fome, que nos tire desta miséria? Tu que lês tanto não vês logo que é "coisa feita"?! Está resolvido, João, hás de ser benzido, eu o exijo e ordeno.

– Mas então estes livros mentem, porventura estes homens mentem, meu pai?!

Oh! mas era a suprema ironia do seu destino cruel! Duvidar de Spencer, duvidar de Darwin, duvidar de toda a filosofia, para acreditar num embusteiro imbecil, "preto como nós, meu pai, mas que não tem, eu o sei, a brancura de sua alma ingênua, sincera e boa!" Oh! isto era um horror!!

Bem via a miséria que ia por casa, a tenebrosa epopéia deste cortejo da fome; bem sentia que os braços de seu querido pai, vencidos pela idade e pelo trabalho, não podiam mais com a trolha e com a colher pelos altos andaimes; que sua mãe por ali andava, cadavérica e fula, tossindo sempre, que mal podia consigo, quanto mais com a fonte e o ferro; bem via tudo, mas o que podia fazer senão calcar bem fundo todas estas amarguras, que tanto lhe afligiam o seu coração de filho?!

Os seus amigos! Tinha-os, era verdade, poucos e bons, mas esses, coitados, também só possuíam o talento e, por isso mesmo, eram os preteridos de sempre, os caluniados com inveja e rancor. E sabia por quê? porque este povo, modorrento e pesado, preferia fechar os olhos à luz e mergulhar nas crenças mais absurdas de benzeduras incongruentes, de bruxas e lobisomens.

Isto também era demais! Já tinha sentado na irmandade de N. S. do Rosário a pedido de sua mãe, mas. . . ter de benzer-se!. . . "Eu. . . eu sujeitar-me a benzeduras contra, feitiço!! Era a maior das provocações! O pai que lhe poupasse essa amargura. . .

Não houve meios, teve de obedecer. Apenas conseguiu que saíssem de noite e que voltassem na noite seguinte. Foi descalço para não gastar as botinas.

Duas léguas, ensangüentou os pés todos. "Mas vejam, vejam bem, se há quem tenha tragado tanto fel! Era em casa, era por toda a parte!"

E lá foi ele, genial e vencido, noite afora, na via dolorosa da Lagoa, botinas às costas, topada aqui, escorregão acolá, ensangüentados os pés todos, para ser benzido contra feitiço!!"

Iaponan Soares, *pesquisador, ficcionista, é autor dos livros "Marcelino Antônio Dutra, um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense", "A Poesia de Oscar Rosas" e "Três Narrativas da Insônia". Organizou a coletânea "Panorama do Conto Catarinense", já em segunda edição.*

O TRIUNFO DO POETA NEGRO

A João da Cruz e Sousa

Ó poeta, fecundo e negro poeta!
Muitos nem sabem ainda, nem de longe sabem
de ti, o emparedado, o cavador
do infinito. . . dos violões que choram.

Para muitos, agora, és um palácio.

Nesta ilha, neste coração vibrante e lascivo
noivo do mar, nasceste simples, pobre
e comum. Porém, menos João
e mais o Sousa, buscaste a sina
do cantor incomum; rebuscaste a rica linguagem
e entre símbolos arquitetaste a bela, porém
complexa, difícil poesia.

De repente, entre outros poetas, não
te prefiro. Prefiro, sim, o Solano Trindade
e até negros poetas de botequim.

Perdoa-me, João! Sei da dura dor
que curtiste, poeta intenso
pra cegos ouvidos; poeta preto em terra
não preta – de alvas formas,
de alvas almas, de alvos homens.

Foste então, alvo também. Porém, alvo
de luz! E com pólen de fino ouro
lavraste a rima clara e ardente! E
o som fizeste brilhar! E a própria luz
fizeste brilhar, rebrilhar!

Em vivos plurais, prolongaste as palavras;
prolongaste o teu gesto e o teu corpo
em formas sutis e suaves, mórbidas, radiantes. . .

Riu teu coração, tristíssimo
palhaço. Riu, acrobata, na canção negra
que mais era, em verdade, claridão
– a tua claridão: de ser
o imaculado verso
sobre o podre chão.

Se de dor foi teu suspiro e cruz
foram teus braços, enamoraste a morte, tua
noiva da agonia – como o mar
da tua ilha, este outro ainda vivo, lascivo coração.

Foi aí, nesta noiva morte e na universal
grandeza da poesia, da tua muita e tão
alta poesia, que ganhaste, melhor, que conquistaste
o vôo todo, a liberdade. . .

Foi aí, João, como um sonho sobre a dor,
o teu triunfo, o teu triunfo sumo, o supremo
palpitar do teu amor.

Perdoa-nos, João, quando não
te damos o verdadeiro sentido do teu nome.

ALCIDES BUSS

Hassis

CRUZ E SOUSA: OH! QUE DOCE TRISTEZA E QUE TERNURA

O tempo incontrolável e a angústia desta fatalidade feita destino do homem; a revelação do mundo como resultado das contradições e dos elementos que se antepõem, embora conseqüência do mesmo núcleo gerador situado no inefável; a tentativa de estabelecer um ritmo alicerçado na palavra e num código particular de revelações, a partir da realidade brasileiro-tropical; a aura de melancolia característica do povo e a ousadia de palavras nunca antes usadas na poesia nacional; a consagração da música no poema como elemento imortal da palavra, do verso, da poesia subjacente nos vocábulos: estas poderão ser algumas coordenadas para estudos em profundidade do mais importante poeta barriga-verde.

Não tem um país definido nem definitivo na carta geográfica do planeta terra. É um poeta e pertence ao mundo.

Mas forjado no silêncio catarinense, na solidão própria e inconfundível deste estado que tantas vezes se esquece de seus artistas e às vezes deixa transparecer o medo de assumir os próprios valores criativos, Cruz e Sousa sobrevive.

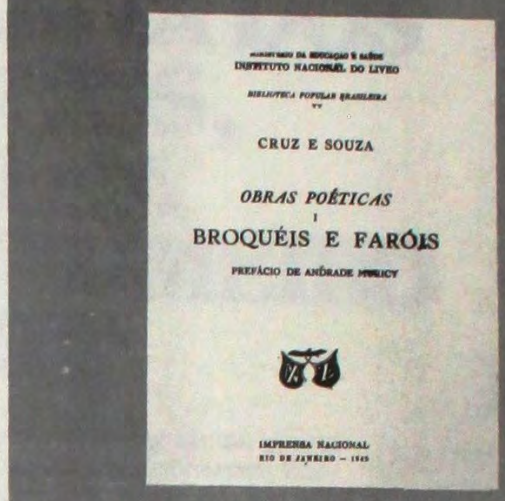
E sobrevive à falta de memória nacional; à falta da memória da crítica brasileira; à falta de memória das edições esgotadas e dos editores de best-sellers; à falta de memória da educação brasileira.

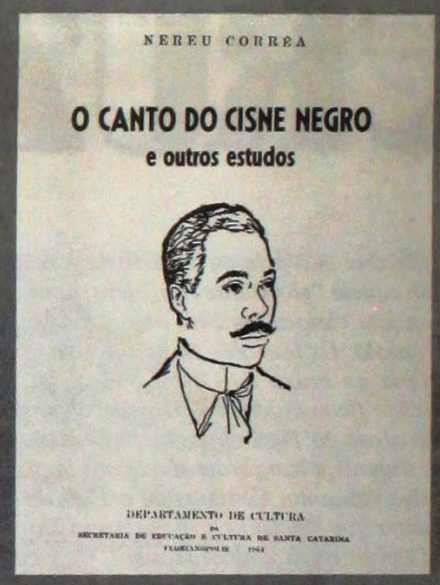
O que acho dele pessoalmente? Dediquei a Cruz e Sousa meu primeiro livro chamado OS PÓSTUMOS e AS PROFECIAS. Por afeto, respeito, reconhecimento.

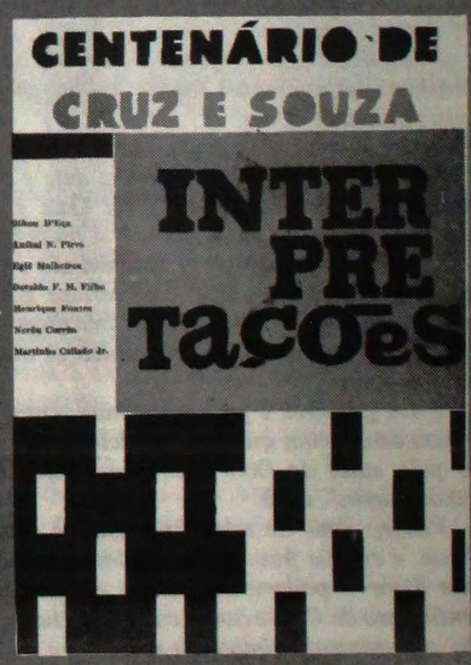
No mais, faço das palavras de Otto Maria Carpeaux, as minhas:

"A verdadeira poesia nacional começou com Cruz e Sousa e Alphonsus Guimarães. . ."

LINDOLF BELL







Dois poetas catarinenses dos mais conhecidos e autênticos rendem aqui o seu preito a Cruz e Sousa.
Lindolf Bell acaba de lançar *As Vivências Elementares*, livro de poemas, menção especial no Prêmio Fernando Chinaglia, Rio, 1978 e prêmio Luiz Delfino de Poesia, Santa Catarina, 1978, em edição da Massao Ohno e Roswita Kempf, São Paulo.
Alcides Buss autografa em Santa Catarina a sua mais recente coletânea de poemas, *O Homem e a Mulher*, edição do autor, 1980, aclamado pela crítica catarinense como um de seus mais belos trabalhos.
Ilustra a página um desenho de Hassis, motivado no soneto "Sexta-Feira Santa", de Cruz e Sousa. Em agosto passado, Hassis expôs pinturas e desenhos no Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

CRUZ X MACHADO

UBIRATAN MACHADO

Na vida literária de Machado de Assis nem tudo se resumiu em fruir aquela "glória que fica, eleva, honra e consola". O romancista carioca também encontrou alguns motivos de desconsolo. Os louvores eram a norma, quando alguém se referia ao bruxo do Cosme Velho. Mas isso não significa que ele ficou indene aos ataques, alguns de extrema violência. José do Patrocínio, inconformado com seu retraimento durante a campanha abolicionista, fulminou-o com um artigo virulento. Contam que o Tigre da Abolição costumava dizer que Machado, sob sua mansidão, escondia "uma hiena encarcerada e amordaçada". Os machadianos sabem com que rudeza ele foi atacado por Sílvio Romero e com que deselegância, pouco depois de falecer, sua memória foi achincalhada pelo professor Hemetério dos Santos. Mas nenhum destes ataques foi tão insólito quanto o triolé escrito por Cruz e Sousa.

Carlos D. Fernandes, que recolheu os versos do poeta negro no romance **Fretana**, *não esclarece a data e nem as razões porque eles foram escritos. Teria Cruz e Sousa qualquer ressentimento contra Machado? A tradição nada guardou. Os depoimentos da época também são omissos. Mas o melindre, recalcado, existiu, com certeza. Enxergaria o poeta catarinense em Machado um trânsfuga de sua raça, um mestiço que tudo fazia para ocultar os traços de sua ascendência negra?*

É possível e até provável, a julgar pela frase, entre irônica e condescendente, com que Nestor Victor traduzia sua admiração pelo autor do Dom Casmurro: "Nada tolo o pardavasco da Capitu", dizia.

Nestor Victor, como se sabe, foi o grande amigo de Cruz e Sousa, e em sua frase – principalmente na alusão depreciativa à cor – pode-se descobrir o eco de um possível ressentimento de Cruz e Sousa contra Machado.

Quando o movimento simbolista começou a se desenvolver, na década de 1890, a livraria Garnier desempenhava um importante papel na vida literária do Rio de Janeiro. Todas as tardes, com seu fraque, sua cartola e sua polidez, Machado ia à loja da rua do Ouvidor, conversar com os amigos. O local era uma espécie de refúgio da velha guarda. Vez por outra, porém, altivos e arredios, buquinando entre as imensas prateleiras, surgiam os simbolistas, com seus trajes extravagantes, polainas, gravatas de cores gritantes, capas espanholas e chapéus desabados sobre a testa. A intenção evidente era de estarrecer. Mas tudo ficaria aí. E ao que se saiba, nunca houve nenhum atrito entre os escritores das gerações mais antigas e os cavaleiros do símbolo. E, muito menos, entre Machado e Cruz e Sousa. Nada que motivasse o Cisne Negro a escrever estes versos:

Machado de Assaz, assaz
Machado de Assis, Assis;
Oh! zebra escrita com giz,
Pega na pena e faz – zaz.
Sai-lhe o **Borba** *por um triz.*
Plagiário de Gil Braz
que de Le Sage nos diz.
Pavio que arde sem gás,
carranca de chafariz,
Machado de Assaz, assaz,
Machado de Assis, Assis. . .

Como explicar essa agressão impiedosa? Acreditamos que ela deva ser compreendida como a explosão daquele recalque a que aludimos devendo, porém, ser encartado como um episódio marginal nos ataques de Sílvio Romero a Machado. Voltemos alguns anos atrás e vejamos como tudo começou.

Em 1879, em seu artigo **A Nova Geração**, *publicado na* **Revista Brasileira**, *Machado de Assis, analisando os* **Contos do Fim do Século**, *de Sílvio Romero, negava ao sergipano o dom poético. O crítico, de maneira polida e impiedosa, acrescentava que a forma do poeta era tão reversa e obscura, que "dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional."*

Temperamento inflamável, generoso e impulsivo, Sílvio nunca esquecia os elogios ou as restrições. A partir daquele artigo, Machado era uma figura marcada. A desforra viria, dependendo apenas da oportunidade. Três anos depois, Sílvio desfere um violentíssimo ataque a seu crítico. Entre outras coisas, Machado é chamado de "um burilador de frases banais, um homenzinho sem crenças", e o "mais pernicioso enganador que vai pervertendo a mocidade." O autor de **Iaiá Garcia** *seria apenas um "homem dúbio", "capacho de todos os Ministérios", "rábula de todas as idéias", "conselheiro da comodidade literária." As* **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, *recém-publicadas, não passariam de um "bolorento pastel literário."*

Machado não replicou, o que certamente frustrou o ardor polêmico de seu adversário. Mas Sílvio Romero não desistiria, voltando à carga e culminando seus ataques no livro **Machado de Assis**, *publicado em 1897.*

Bem diverso foi o tratamento dispensado pelo crítico sergipano a Cruz e Sousa. Romero nunca lhe regateou aplausos. Seus elogios arrebatados ao Cisne Negro poderiam ser resumidos na opinião famosa, escrita para o **Livro do Centenário**: *". . . nele, acha-se o ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência."*

Ora, com exceção dos membros de sua igrejinha, os simbolistas raras vezes eram elogiados. A incompreensão era quase hostil. Assim, diante de louvores tão rasgados, o poeta catarinense – mesmo reconhecendo seu próprio valor – ficaria grato, aguardando apenas uma oportunidade para retribuir. Essa oportunidade surgiria quando Romero lançou seu livro atacando **Machado de Assis**. *Pode-se supor que Cruz e Sousa, solidário com quem tanto lhe homenageara, tenha feito coro nos ataques ao velho mestre, perpetrando o seu triolé. Ao mesmo tempo, ele dava vazão ao seu ressentimento, longo tempo recalcado.*

Ubiratan Machado – *jornalista profissional, pesquisador, crítico literário com colaborações no Suplemento "O Livro" do Jornal do Brasil, jornal "O Globo" e revista "Ficção".*

Julieta dos Santos

HOMENAGEM

AO

Genio Dramatico Brazileiro

Sentimos o que escrevemos
(Pensamento de ALM. GARRET)

DESTERRO
TYP. COMMERCIAL—RUA DA CONSTITUIÇÃO
1883

JULIETA DOS SANTOS, A MUSA DO PRIMEIRO LIVRO

A menina-atriz Julieta dos Santos, que em maio de 1882 alcançou extraordinário êxito junto às platéias do Rio de janeiro, era empresariada por Francisco Moreira de Vasconcelos, ator, dramaturgo e poeta, de parcos recursos artísticos e literários, mas que "mambembava" pelo interior do Brasil com a sua companhia teatral.

A 26 de dezembro de 1882, a companhia estreava em Desterro, permanecendo aqui até fevereiro do ano seguinte.

Durante a permanência foram encenadas peças como *A Primeira Dor, Almas do Outro Mundo, A Corda Sensível, O Anjo do Lar* e *Georgeta, a Cega,* entre outras.

Escreveu R. Magalhães Júnior em *Poesia e Vida de Cruz e Sousa (2a. edição):* Em Desterro, a reaparição da precoce Julieta dos Santos provocou um delírio. Promoveram-lhe uma homenagem especial, na noite de seu benefício, a 18 de janeiro daquele ano (1883). A platéia levantou-se e aplaudiu freneticamente, de pé. A orquestra executou o "Hino Artístico", dedicado à menina-atriz pelo compositor local José Brasilício de Sousa. Ofereceram-lhe em cena aberta uma polca, uma valsa e um drama, cujo autor decerto sonhava ser por ela representado. E João da Cruz e Sousa recitou na Ocasião um soneto, exaltando o gênio da Gemma Cuniberti brasileira".

Sabe-se agora que as homenagens não ficaram aí. O pesquisador catarinense Élio Ballstaed, que reúne possivelmente a documentação mais completa existente sobre a vida de Cruz e Sousa, mostra-nos um livro editado em Desterro no ano de 1883, no qual se enfeixa uma coletânea de poemas datados e assinados por Santos Lostada, Moreira de Vasconcelos, Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, todos em homenagem a Julieta dos Santos.

Trata-se, com certeza, do primeiro livro impresso em que participou o nosso Cisne Negro.

"CRUZ E SOUSA"

apontamento de Rodrigo de Haro. 6.8.79

Árvores crispadas circundavam a praça em forma de triângulo. Eram árvores dramáticas, de folhas recortadas em serra, nem muito altas ou muito baixas. As tardes eu passava por ali considerando todas as coisas em meus sete anos de idólatra egocêntrico.

Lembro um céu intenso, rumoroso e denso como prata. Lembro os casarões parnasianos. É sempre por setembro na memória desta época. Então um dia, descobri sob um busto, o busto de um poeta, no pedestal bem levantado de arenito brilhante, a figura em relevo e de bronze, de uma jovem morta. Tinha os olhos naturalmente cerrados e as mãos que eram pequenas, cruzavam-se entre rosas, sobre os seios quase junto à garganta. E toda ela, dos ombros até os finos pés, os dois bem juntos, como a alçar vôo, rodeava-se de rosas, rosas que embora de bronze, me souberam a tristes rosas fanadas. E o vestido ondulava molemente em duas dobras de bronze. Estava vertical mas também estava deitada. Era graça juvenil e a morte despudorada. Eu ouvia, pisando algumas cravinas, meu coração disparado. Que fazia ela? Era tudo calado mas havia bem fina uma espécie de terror a escorrer da garganta partida. Quem ela era? Por que morrera e celebrá-la morta?

Havia uma contradição, uma violência, e repito, um despudor naquela imagem, – eu adivinhara, de beleza oferecida à morte, que entre terror e náusea eu pude fugir dali.

Foi somente bem mais tarde que vim a familiarizar-me com o poeta e a descobrir através daquele rosto tão levianamente europeizado e redimido de negritude, as linhas de uma paixão amarga e lúcida que um busto não me revelara mas a alegoria de seu pedestal acadêmico me fizera adivinhar.

Em torno do busto de Cruz e Sousa do largo Benjamin Constant, pelo final dos anos 50, atraídos por secreta luminosidade, vinham adejar agora alguns poetas. E muito naturalmente evocávamos a suntuosidade verbal, o tan-tan em câmara ardente e mais uma vez, simultaneamente em pé e deitada, eu tinha a belíssima cega, a jacente das rosas, entre violões, as estrofes do poeta. Entre violões, pianos e matracas. Pois Florianópolis era Desterro. E Desterro era a cidade do poeta. Uma noite em peregrinações surpreendemos para os altos da Esteves Júnior, antiga Rua do Príncipe do Grão-Pará, a última procissão noturna.

As linhas de uma obra estão intimamente ligadas, sobrepostas não ao rosto do artista mas, talvez, ao mapa da cidade, da Ilha que a criou:

Assim temos um poeta para Tebas e outro para Alexandria. Desterro deu-nos um poeta universal. Mas a baía com suas ondas de bronze foi parcialmente soterrada, as árvores tombaram, um quiosque tomou o lugar do mágico monumento e a estupidez e a avareza destruíram o quadro físico em que o poeta viveu sua obra.

No alto: *o escritor Nestor Victor falando junto à sepultura de Cruz e Sousa.*

Embaixo: *escritores e populares que foram em romaria ao túmulo do poeta negro, destacando-se à esquerda o ministro das Relações Exteriores.*

Nestor Victor, **O Paiz**, *Rio de Janeiro, 20 de março de 1898*

CRUZ E SOUZA

Falleceu hontem na estação do Sitio, Estado de Minas, o glorioso poeta cujo nome está aureolando lugubremente estas linhas.

Era um preto. Foi, no emtanto, um intellectual digno e puro, tanto quanto póde ser puro e ser digno um espirito na Arte.

Foi um humilde e foi um simples, sendo um intransigente e um altivo.

Sua maior força vinha da intensidade de seus sentimentos ao serviço de uma poderosa imaginação.

Pertencia á raça dos lutadores, desses que vêm rompendo caminho atravéz de metralhas, porque o que trazem para dizer ao mundo ainda não está dito, porque o que aspiram ainda não está feito, porque o que sentem é sentimento virgem, não é sentimento que já fosse sentido.

Dois livros que publicou— o *Missal*, um livro de prosa, e os *Broqueis*, um livro de versos, receberam á luz o signo de seu valor, tendo sido acolhidos por applausos calorosos de uns e tendo sido batidos fortemente por outros, como tudo o que vem para legitimamente conquistar um logar.

Além desses, porém, deixa ainda tres livros ineditos —um de prosa e dois de versos, que devem representar seu espirito n'um mais completo desenvolvimento, tendo sido escriptos dos trinta annos em diante, depois de 1893, data em que foram publicados os *Broqueis*.

Uma prova do respeito e da admiração que o cercavam, fosse qual fosse o modo de ver do publico á seu respeito, foi o movimento de interesse que levantou a noticia de sua doença, graças ao qual morreu elle a coberto da grande penuria de que o ameaçava o descuido emocionante em que vivcu sentindo, em que viveu pensando, em que viveu a trabalhar para a grandeza desta terra que hoje o vai receber em seu seio.

Não é uma miseria destas de que todo mundo está acostumado á ouvir falar essa que elle veiu atravessando pela vida e que só ás portas da morte deixou-o com um sorriso de travosa ironia. Elle é dos que já passaram dias e dias sem comer, nesta America, tendo talento como um millionario tem ouro; elle é dos que já soffreram frio nesta terra por que passa um tropico; elle é dos que soffreram todas as injustiças antes de ir para o tumulo.

As ultimas, principalmente, trouxe-lhe a sua côr.

Elle contava muitas vezes, a sorrir, entre intimos, injurias que soffrera por isso, insultos que recebera, tendo tido na vida, até certo ponto, o repudio que soffre um lazaro, e, menos na occasião em que se lhe ouviam as phrases desdenhosas, breves e cheias de *humour* com que elle ia espalhando sem querer sua lenda de intellectual proscripto, do que depois, um dia em que nos voltavam ao ouvido aquellas palavras cheias do soluço que elle então occultara, ficava-se com os olhos rasos de agua a pensar nesse tragico destino, na desgraça que póde vir com a propria superioridade e com a propria grandeza.

Por este lado principalmente os tempos irão dando ao perfil de Cruz e Souza qualquer coisa do perfil de Verlaine, cheio de seducção e compassivo.

Sua obra, essa ainda está por definitivamente julgar-se. A morte veiu tiral-o do Presente, veiu transportal-o para o Futuro na pura subjectividade de seu ser. Doce poeta, nobre poeta, talvez assim, talvez com esse outro estejas muito melhor.

Os restos mortaes de Cruz e Souza serão trasladados hoje para esta cidade, onde deverão chegar ás 6 horas da manhã.

Em capella ardente na estação Central da Estrada de Ferro Central do Brazil ficará o corpo até ás 11 horas, quando sairá o enterro para o cemiterio de S. Francisco Xavier.

27 GRUPO DE PESQUISA TEATRO NOVO DAC/UFSC. Vozes Veladas: Cruz e Sousa, uma voz viva de Eglê Malheiros. Ficha técnica e programa da peça.

27

Grupo Pesquisa Teatro Novo DAC/ UFSC
No centenário da morte do poeta simbolista João da Cruz e Sousa

apresenta :

VOZES VELADAS

CRUZ E SOUSA, UMA VOZ VIVA

de Eglê Malheiros

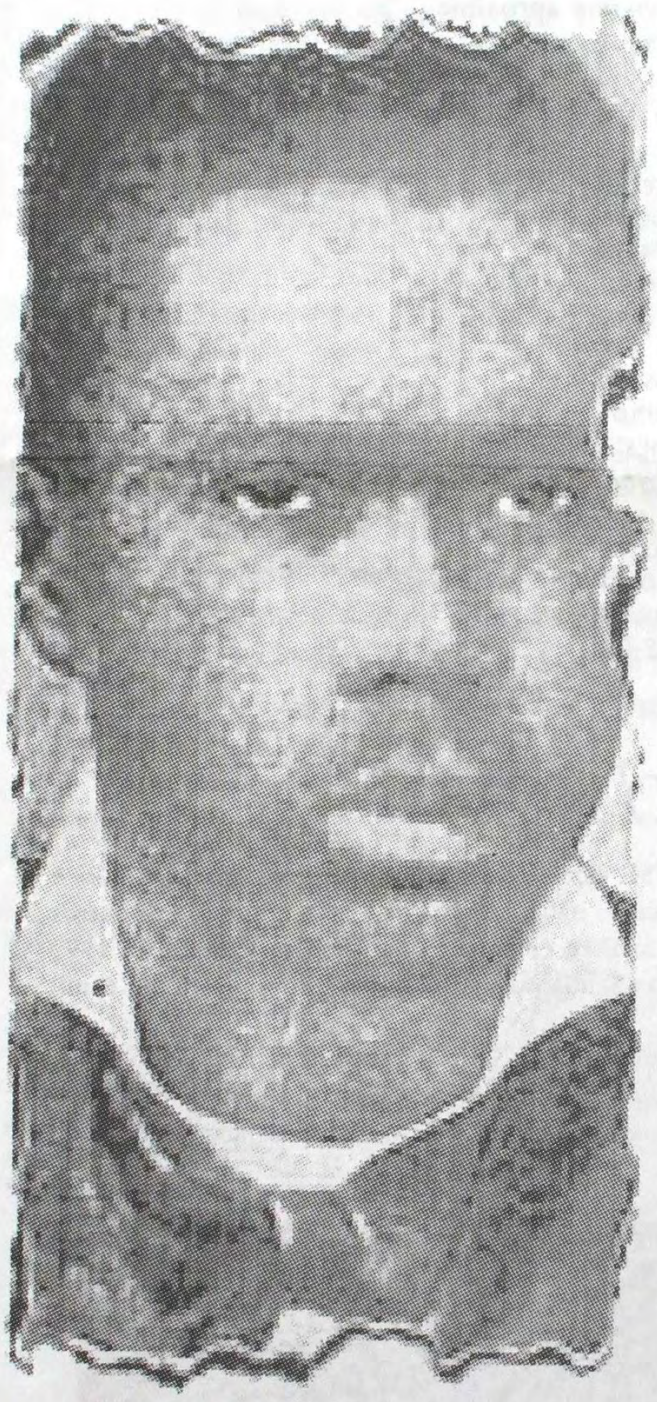


Imagem: Anexo/AN

PERSONAGENS	ATOR - ATRIZ
JOÃO DA CRUZ E SOUSA - PONTO	*ADRIANO DE BRITO*
GAVITA - CRUZ E SOUSA - ATRIZ - CORO	*SOLANGE ADÃO*
DIRETOR - CORO	*PAULO MENDES*
CANTOR - PROFESSORA VIRGÍLIO VÁRZEA - PAI DE JOÃO DA CRUZ - ATOR NESTOR VÍTOR	*CHARLES SILVA*
ARAÚJO FIGUEIREDO ATOR -CORO	*VINÍCIUS DELGADO*
MÃE DE SANTO	*MARLETE DUARTE*
MÃE de JOÃO DA CRUZ CAPOEIRISTA - ATRIZ CORO	*ADRIANA PATRÍCIA SANTOS*

Ficha técnica

Cenografia: MÁRCIO SERGIO TESSMANN- Esculturas - Anjos: GTPN - Figurino: LOU HAMAD - Assistente de Figurino: LOLY RIBEIRO - Sonoplastia: EVANDRO DA ROCHA GASPAR - Iluminação: IRANI APOLINÁRIO - Maquiagem: KATIA JUNKES - Cartaz: JOI CLETSON ALVES - Costura: IRACI MACHADO GOULARTE (ópera) e SALETE PEIXOTO - Marcenaria: VILSOM JOAQUIM SANTANA (coordenador) ARI PEREIRA DELFINO e LORI JOSÉ C. DE MELLO - Bilheteria: RAFAEL DE LUCAS, LEONARDO CARVALHO, LÍLIAN FLEURY - Fotografia e Vídeo : ZECA PIRES e JOI CLETISON - Programa: AGECOM - Assistente de Direção: MÁRCIO TESSMANN - Produção: GRUPO PESQUISA TEATRO NOVO - Projeto Cênico e Direção Geral: CARMEN LÚCIA FOSSARI

PALCO E VIDA

Por Eglê Malheiros

Penetrar no mundo poético de Cruz e Sousa é uma experiência ímpar, que nos revela novas paisagens a todo momento. Por outro lado, a vida do Poeta tem elementos próprios de uma tragédia, e nos coloca, desde logo, a discussão, tanto histórica quanto atual, daquilo que alimenta uma sociedade racista e excludente. Sempre me preocupou o fato de a poesia de Cruz e Sousa não chegar ao povo brasileiro, reforçando assim uma situação injusta, em que tanto os bens materiais quanto os artísticos e culturais se concentram nas mãos de uns poucos. Tal concentração não diz respeito apenas, como nos querem fazer crer, a especialistas em economia, mas sua reversão é do interesse direto de toda a sociedade, em especial dos excluídos. Os intelectuais e os artistas têm, nesta luta, especial responsabilidade, e a figura de Cruz e Sousa nos ajuda a discutir a questão. O pano sobe. Que a emoção provocada no palco nos aproxime do Poeta.

Autora premiada

Eglê Malheiros é natural de Tubarão-SC. Bacharel em Direito pela UFSC e mestre em Comunicação pela UFRJ, foi professora de História do Instituto Estadual de Educação e, no Rio de Janeiro, diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Participou do Grupo Sul (Florianópolis, 1947/57) e foi um dos editores da revista *Ficção* (RJ 1976/79). Tem trabalhos publicados no Brasil e no exterior. Foi argumentista e roteirista, ao lado de Salim Miguel, de *O preço da ilusão*, primeiro longa metragem feito em Santa Catarina. Foi roteirista, junto com Salim Miguel e Marcos Faria de *A cartomante e Fogo Morto*. Autora de *Manhã* - poesia, *Desça, menino* - infantil e *Vozes veladas* - teatro, Prêmio UBE-RJ de Melhor Peça publicada em 1996.

GRUPO PESQUISA TEATRO NOVO

Fundado em 1976, desde 79 tem sede no Teatro da UFSC (espaço que contou com a atuação do Grupo para efetuar-se enquanto teatro). O Grupo atua ininterruptamente, com espetáculos anuais em várias frentes cênicas: Teatro de Rua, Teatro de Bonecos, Teatro de Relâmpago e Teatro no Teatro. Participou em festivais estaduais e nacionais, 5 Circuitos de Teatro Universitário em Santa Catarina, no Projeto Mambembão 78 e 81 (temporada no Rio de Janeiro e São Paulo), no Festival Latino Americano de Arte e Cultura (1987 - Brasília). Já encenou autores catarinenses: Clécio Espezim; Almiro Caldeira de Andrade, Flávio José Cardoso, Franklin Cascaes, Joca Wolf e Fábio Brugmann, Carmen Fossari, Raul Caldas Filho, Argus Cirino e Gilberto Colzani, Ademir Rosa, Eglê Malheiros, Lindolfo Bell e Harry Laus. Encenou trabalhos dos dramaturgos Bertolt Brecht, Oswald de Andrade, Guilhaume Apolinaire, D. Juan Manuel, Jean Baptiste Poquelin de Moliére, Nelson Rodrigues e Garcia Lorca. O Grupo obteve vários prêmios nacionais para as categorias de Dramaturgia, Elenco, Sonoplastia, Iluminação, e Pesquisa de Cultura Popular.

Em 1995 apresentou-se no Chile, Argentina e México e, em 1996, no Chile e em Assunção (Paraguai).

No ano de 1996 coordenou,o 1° Entepola (Encontro de Teatro Popular Latino Americano), sob a promoção do Departamento Artístico Cultural - DAC/Pró-Reitoria de Cultura e Extensão - PRCE/Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/SESC e PMF/FMEFFC. Este evento reuniu quase 200 artistas de 10 países da América Latina, e contou com 30 apresentações de teatro, folclore e dança, na Passarela do Samba Nego Quirido. Todas as apresentações foram gratuitas ao público.

O ano de 196 marcou os 20 anos de existência do Grupo Pesquisa Teatro Novo da UFSC que ininterruptamente vem apresentando e representando espetáculos não só em Santa Catarina como em outros estados brasileiros e, mais recentemente, na América Latina. Em 1997 abriu o 11° Entepola (Santiago de Chile), para uma platéia de 6 mil pessoas.

O GPTN esteve ainda em Porto Rico (setembro de 1997) e no Chile, em 1997 (janeiro e agosto). No ano de 1998 estreou a obra de Brecht *Os Sete Pecados Capitais,* para uma platéia de 5 mil pessoas, em Santiago de Chile

Reprodução

Em 1997 o Grupo abriu o 11º Entepola (Santiago de Chile) para uma platéia de 6 mil pessoas

A ESTAÇÃO DO SONHO

Por Carmen Lúcia Fossari

Logo que Eglê Malheiros escreveu o texto , fizemos uma leitura dramática de *Vozes Veladas* com o Pesquisa Teatro Novo. Local do evento: Palácio Cruz e Sousa , cujo nome reverencia nosso maior poeta simbolista .

Passados alguns anos, eis o texto em nossas mãos, agora com o desafio maior: o palco, e todo o universo que envolve a encenação. Sempre preocupados com uma dramaturgia que emergisse do nosso universo literário e/ou cênico, o texto de Eglê, surge como um oásis neste deserto árido de dramaturgos catarinenses, tratando de resgatar a vida e dela a poesia que nasceu do gênio Cruz e Sousa. E, mais do que isto, chamar a atenção do público de como a etnia negra foi aviltada em sua dignidade quando roubada de seu universo cultural, e pela violência foi mantida sob o jugo da escravidão, para construir a riqueza dos " sempre senhores " do poder.

De dentro da senzala escura
e lamacenta aonde o
infeliz de lágrimas em fel
de ódio se alimenta...
não pode sair, não, um
homem de trabalho, um
senso, uma razão...
(Cruz e Sousa)

No ano de centenário de morte do poeta que mergulhou na alma humana e até hoje nos segreda que a vida é e deve ser mais, o texto traz a reflexão para questões fundamentais dos direitos humanos no Brasil. Diz o personagem Cruz: " para eles nada mudou, as crianças continuam sendo maltratadas ... e eles a fazerem negociatas colocando o país a serviço de interesses privados ... "

A exuberância barroca, opção para os cenário e figurino, nasce de uma emoção exacerbada deste convivência íntima com a obra e através dele com o poeta, ambas presentes em *Vozes Veladas.*

A peça resulta num espetáculo em que tanto o elenco quanto a equipe técnica foram tomados pelas viscerais palavras de Sousa. Foi como se o texto e as poesias e prosa de João da Cruz nos remetessem a uma viagem, num vagão de sonhos, amores e dores de um trem chamado onírico, cuja próxima estação está sempre chegando com outra matiz, num tempo não determinado: a estação da emoção.

Com esta encenação, o Grupo Pesquisa Teatro Novo, completa a sua terceira montagem consecutiva que se configura na "Trilogia dos poetas especiais" cujo centenário quer de nascimento ou morte acontecem neste 1998. Desta trilogia o Pesquisa encenou: Federico Garcia Lorca (também dramaturgo), através de uma releitura de *Bodas de Sangue*, intitulada *Bodas com Lorca, gotas de sangue* (temporada 1996 e 1997); Bertolt Brecht (além de dramaturgo, idealizador do Teatro Épico), com a obra *Os Sete Pecados Capitais dos Pequenos Burgueses* (estreiou em janeiro deste ano em Santiago do Chile) e completando a "Trilogia dos poetas especiais", João da Cruz e Sousa, através do texto de Eglê Malheiros *Vozes Veladas*.

Capa de *O Moleque* editado pelo jornalista Cruz e Sousa

DESAFIOS DO PALCO

Só mesmo uma diretora com a fibra da Carmen Fossari poderia levar adiante um espetáculo com as características de *Vozes Veladas*, enfrentando as inúmeras adversidades que pintaram na pré-produção do espetáculo. Ela e todo o seu Grupo Pesquisa Teatro Novo encararam os problemas com muita garra e uma boa dose de obstinação. Aliás, no contexto atual, só assim uma produção artística segue adiante.

Acredito, também, que parte desta força deve ter vindo da vontade do Grupo de mostrar uma faceta da obra de Cruz e Sousa. Uma literatura de eterno deleite. Quanto mais a conhecemos mais nos apaixonamos por ela.

A oportunidade de trabalhar com o texto da escritora Eglê Malheiros, premiado nacionalmente, é mais uma responsabilidade que o Grupo resolveu encarar.

Uma outra provocante curiosidade em torno do espetáculo é o figurino por Lou Hammad, que pela terceira vez trabalha com a temática do poeta.

Todos esses desafios, tenho certeza, estarão plenos e viscerais no palco.

Zeca Pires
Diretor do DAC/UFSC

Agradecimentos:

Maria Nazareth Sanchez
José Henrique Nunes Pires
Joi Cletson Alves
Irac Orsi
Albaneza Fogaça
Alcides Buss
Moacir Loth
Raquel Moysés
Valéria Torres Claro
Junara de Brito
Ida Stinger
Lorran Adão (por sua alegria)
e ainda :
PRCE - PRA - Imprensa Universitária - Marcenaria (UFSC)
Funcionários do DAC
TECSUL

Apoio:

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Editora da UFSC
Fundação do Ensino da Engenharia em Santa Catarina
Agecom

O ASSINALADO

Tu és o louco da imortal loucura
O louco da loucura mais suprema.

A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...
Na natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Cruz e Sousa

28 CENTENÁRIO de Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.

28

roteiro

Mensario de Divulgação, Cultura e Arte

centenário de cruz e souza

As expressivas homenagens que presta Florianópolis ao poeta do simbolismo brasileiro, Cruz e Souza, neste mês do centenário de seu nascimento, vêm expiar a injustiça da antiga Destêrro para com êle. A antiga Destêrro, que muito o ridicularizou e humilhou como homem e como artista. Na distância, vemos hoje que Destêrro foi um ponto negro de preconceito.

"ROTEIRO" se associa às homenagens ao grande poeta.

(Foto cedida pela Diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis).

roteiro
MENSARIO DE DIVULGAÇÃO CULTURA E ARTE

Ano III — novembro de 1961 — N. 5 Rua Bento Gonçalves, 18 Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

DIRETORES:
Silveira de Sousa
Péricles Prade
Silveira Lenzi

"ROTEIRO" acolherá tôda a colaboração enviada, se reservando porém, o direito de escolha para publicação.

As colaborações assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Não se devolvem originais.

Preço ..... Cr$ 20,00
Assin. anual .. Cr$ 200,00
Assin. registro Cr$ 260,00

noticiário

CORAL DE FLORIANÓPOLIS

Foi marcada de sucesso a nova apresentação da Associação Coral de Florianópolis, nos dias 10 e 11 do mês em curso. Além do repertório já conhecido pelo público, que marcou a fase inicial do conjunto, foi apresentado um bem escolhido e novo, do qual participaram 64 figuras.

Destacaram-se as composições, "Florianópolis", música de Osvaldo Ferreira de Melo e letra do poeta Aníbal Nunes Pires belíssima composição, assinale-se, e "Arataca", de autoria do maestro Krieger, com letra de Eglê Malheiros.

Pelo que soubemos, o Coral de Florianópolis, empreenderá uma excursão pelas principais cidades do Estado, com a audição inicial na cidade de Blumenau.

O PAGADOR DE PROMESSAS — Agir

Em prosseguimento às edições da excelente coleção TEATRO MODERNO, a Livraria Agir lançou a peça de Dias Gomes, o PAGADOR DE PROMESSAS, que marca uma nova fase na carreira teatral do autor, e a quem proporciona vários prêmios, o "Prêmio Nacional de Teatro", de 1960, entre outros. Encenado pela primeira vez pelo TBC, de São Paulo, em 1960, o PAGADOR DE PROMESSAS mereceu da Associação Paulista de Críticos Teatrais o prêmio conferido ao "Melhor autor brasileiro vivo", naquele ano. Sôbre a peça, assim se manifestou o crítico Sábato Magaldi:

"Aquêles que se comovem com a ternura de "O Idiota", de Dostoievski; aquêles que sentem o desamparo de Woyseck", de Büchner, aquêles que sabem como é difícil afirmar a pureza e a inocência num mundo dominado pelas maquinações da linguagem — vão sofrer com o destino de Zé do Burro e aplaudir a profunda humanidade da peça "O Pagador de Promessas". O dramaturgo baiano Dias Gomes impõe-se como um dos talentos mais legítimos do teatro brasileiro, anunciando sua revelação uma obra de rara qualidade".

RAINER MARIA RILKE — Globo

Num pequeno volume a Editôra Globo lançou as famosas "Cartas a um Jovem Poeta" e "A canção de amor e de morte do porta-estardarte Cristovão Rilke". As primeiras traduzidas por Paulo Ronai, e a segunda por Cecília Meireles. As "Cartas", dirigidas ao jovem poeta Franz Xaver Kappus, trazem a mensagem suave e inebriante das concepções filosóficas do poeta alemão. São temas e ensinamentos válidos para a eternidade: o bem viver, o amor, a solidão, a ironia bem aplicada, a crítica como anti-crítica, a devoção e admiração pelo belo, às vêzes inenarráveis. "A canção de Amor e de Morte", escrita num sôpro só, é peça literária exuberante. É uma jornada poética, onde o belo é descrito com a grandeza das pequenas e simples coisas. Vale o livro e vale muito mais o poeta. S. L.

DOCUMENTOS SÔBRE CRUZ E SOUZA: exposição

O Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, pelo seu Diretor, Prof. Osvaldo Ferreira de Melo, fará realizar no próximo dia 19, às 10 horas, no Salão Municipal, uma exposição de documentos sôbre a vida de Cruz e Souza.

Para o acontecimento, que faz parte da programação das comemorações do centenário de nascimento do grande poeta, o Prof. Melo Filho convidou o mundo intelectual florianópolitano, ao qual apresentará raridades em documentação, que dizem respeito à vida literária do poeta catarinense Cruz e Souza.

PRÊMIO CRUZ E SOUZA PELA ACL

Entre as diversas homenagens prestadas ao centenário de nascimento de Cruz e Souza, lançou a ACEDEMIA CATARINENSE DE LETRAS um concurso de ensaios, restrito ao tema "A Raça no Verbalismo de Cruz e Souza". Os originais, que deverão ter um mínimo de trinta páginas tipo ofício datilografadas em espaço dois, poderão ser remetidos à ACL, sob pseudônimo, até 31 de março de 1962

Prêmio: trinta mil cruzeiros.

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIO DE CRUZ E SOUZA — PROGRAMA

Dia 16-10 — palestra do Prof. Othon D'Eça, Presidente da ACL e da Comissão, proferida através da rádio Guarujá.

Dia 5-11- — Coral-Recitativo por alunos do Instituto de Educação e Colégio Estadual Dias Velho, no Teatro Álvaro de Carvalho.

Dia 14-11 — palestra do Prof. Aníbal Nunes Pires — na Casa de Santa Catarina.

Dia 16-11- — palestra da Profa. Eglê Malheiros — na Casa de Santa Catarina.

Dia 17-11 — inauguração da Exposição de Poesias Murais de Cruz e Souza — no Museu de Arte Moderna.

Dia 18-11 — palestra do Prof. Osvaldo Ferreira de Melo — na Casa de Santa Catarina.

Dia 19-11 — inauguração da exposição de documentos, organizada pelo Departamento Municipal de Educação e Cultura.

Dia 23-11 — inauguração da Exposição Filatélica, a cargo da Associação Filatélica de Santa Catarina, no Clube XV de Novembro.

Dia 24-11 — encerramento. Sessão solene a cargo da Academia Catarinense de Letras na Casa de Santa Catarina. Falarão: Presidente da ACL e da Comissão, abrindo a sessão; um orador da ACL (acadêmico Nerêu Corrêa); um orador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; e o titular da Pasta de Educação e Cultura, encerrando a sessão e as comemorações oficiais.

PALESTRA NO MUSEU DE ARTE MODERNA

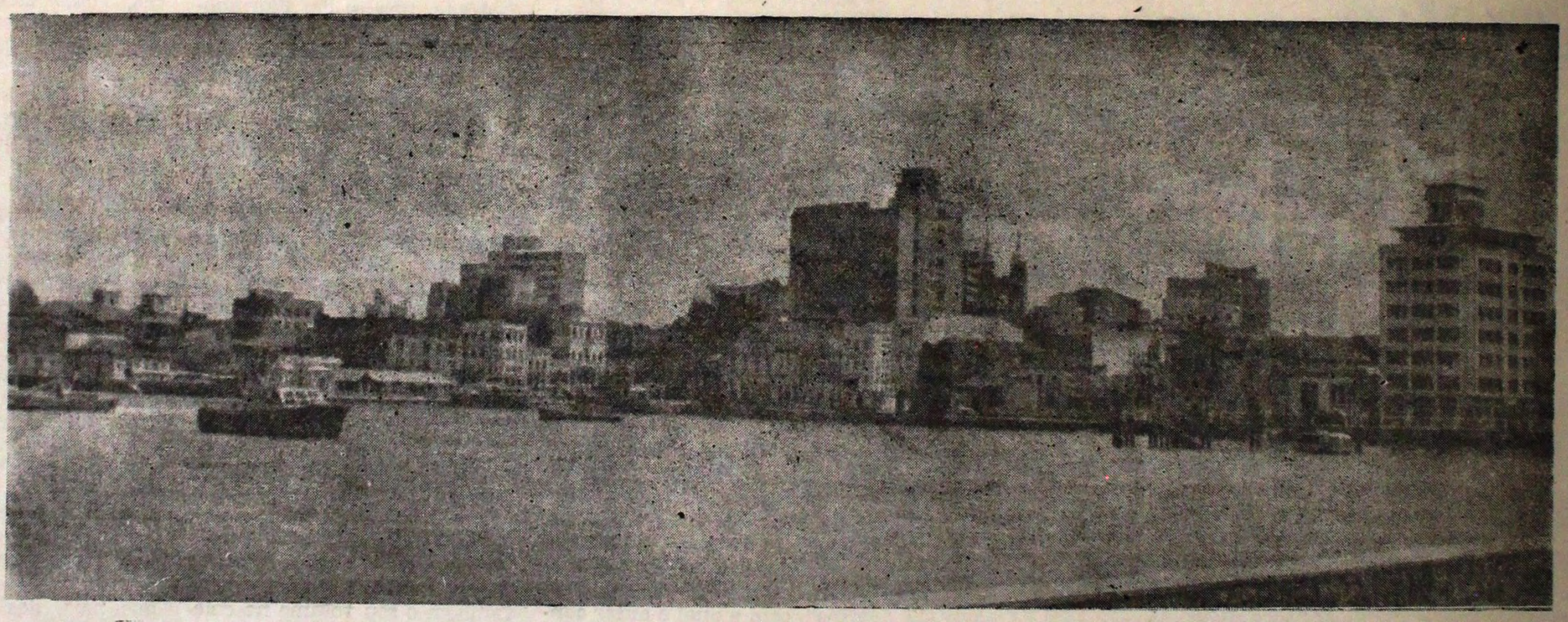
O professor Eudoro de Souza, da Faculdade Catarinense de Filosofia, realizou, a pedido de um grupo de jovens universitários, uma série de magistrais palestras no Museu de Arte Moderna de Florianópolis, sob os temas "Introdução à Filosofia" e "O conhecimento, o amor e a morte na obra de Platão". No seu próximo número, ROTEIRO apresentará, organizada pelo próprio prof. Eudoro de Souza, uma súmula da "Iutrodução à Filosofia".

roteiro
MENSÁRIO DE DIVULGAÇÃO CULTURA E ARTE

neste número, um suplemento especial sôbre o cinquentenário do nascimento do poeta catarinense, cruz e souza

Uns duzentos burróides, já andaram tentando escrever crônicas sôbre Florianópolis. Falharam redondamente e se conformaram, pensando que escreveram as melhores crônicas sôbre Florianópolis. Agora, êles dirão que somos pretenciosos, que desejamos acabar com a raça dêles; ficarão zangados, porque esta que estamos escrevendo, será sem dúvida, a melhor crônica sôbre Florianópolis. Ficarão espumando, os tais, porque esta é realmente a melhor crônica sôbre Florianópolis. Farão picadinhos de pensamentos, só porque estamos escrevendo a melhor crônica sôbre Florianópolis.

E êles que já encheram milhares de páginas sôbre Florianópolis, que já esgotaram a paciência dos leitores, na tentativa de explicar coisas que podem ser ditas em duas os três palavras, [illegible] e jurarão vingança. Dirão aos conspícuos dirigentes da Academia Catarinense de Letras, desta nossa iniciativa, e que nós dissemos, que estamos escrevendo a melhor crônica sôbre Florianópolis... e a Academia se reunirá para deliberar sôbre nós, só porque estamos escrevendo a melhor crônica sôbre Florianópolis.



Se Florianópolis é digna de um crônica, esta é, sem dúvida, a melhor crônica que se escreveu sôbre Florianópolis. E não adianta brabeza, e não adiantam as queixas. Jamais serão perdoados os burróides. Esta é sem dúvida meus senhores, a melhor crônica sôbre Florianópolis. Sejam intelectuais, sejam inteligentes, aceitem esta como a melhor crônica sôbre a velha e falada cidade de Florianópolis. Depois nós iremos bater um papinho embaixo da figueira, e tomaremos do café da rua Felipe Schmidt, cônscios de que esta é a melhor crônica sôbre Florianópolis. S. L.

roteiro
MENSÁRIO DE DIVULGAÇÃO CULTURA E ARTE

Ano III — Dezembro de 1961 e Janeiro de 1962 — Ns. 6 e 7 Rua Bento Gonçalves, 18 Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

DIRETORES:
Silveira de Sousa
Péricles Prade
Silveira Lenzi

"ROTEIRO" acolherá tôda a colaboração enviada, se reservando porém, o direito de escolha para publicação.

As colaborações assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Não se devolvem originais.

Preço ..... Cr$ 20,00
Assin. anual .. Cr$ 200,00
Assin. registro Cr$ 260,00

noticiário

O ARQUIPÉLAGO — EDITORA GLOBO

Grande sucesso está alcançando o último lançamento da Editora Globo O ARQUIPÉLAGO, vols. I e II, integrantes da trilogia o "Tempo e o Vento", de Érico Veríssimo. A primeira parte da trilogia, "O Continente", apareceu em 1949 e sua ação cobre o período entre 1745, época das guerras de fronteira e do estabelecimento das primeiras estâncias, e 1895, ano em que terminou a revolução federalista de 1893. A segunda "O Retrato" desenvolve a sua história entre os anos de 1909 a 1915. O ARQUIPÉLAGO, vem coroar a terceira parte de "O Tempo e o Vento". E foi concebido em três volumes. Dois dêles, como já informamos já estão nas livrarias. Em O ARQUIPÉLAGO, Érico Veríssimo narra a história de Santa Fé e da família Cambará, até o ano de 1945, e para o qual, teve a seguinte declaração: "Êste é o livro mais franco e mais livre de inibições que escreví em tôda a minha vida". É de se registrar para os leitores, que êste novo lançamento da Editora Globo, além do valor puramente literário, está alcançando recordes de vendagens nas grandes livrarias do Rio e de São Paulo.

ROCAMARANHA — GLOBO

Pela "Coleção Catavento" da Editôra GLOBO, acaba de ser publicada a novela ROCAMARANHA, do escritor catarinense Almiro Caldeira de Andrada. Embora escrita posteriormente à novela "Mão de Pilão", com a qual o autor conquistou em 1958 o Prêmio "Virgílio Várzea", instituído pela Academia Catarinense de Letras, ROCAMARANHA é todavia a sua primeira obra publicada. Vejamos, em rápidas linhas, os motivos que serviram de fundo para a construção e elaboração da história.

As caravelas de Frei Gonçalo Velho descobriram, em 1432, a primeira ilha açoriana. Em seguida a gente lusitana alcançou novas terras do arquipélago, colonizando-as com o elemento algarvio, a que se juntaram depois flamengos e castelhanos.

Por volta de 1746, porém, a penúria visitou os lares açorianos. E o povo das ilhas levou seu clamor ante o trono de D. João V, o Magnânimo, rogando-lhe que mandasse tirar delas o número de casais que fôsse servido e transportá-los à América. Atendendo ao pedido, o monarca pretendeu resolver a situação dos súditos ilhéus e, ao mesmo tempo, garantir os direitos da Coroa à faixa litorânea sul-brasileira através de um povoamento regular.

Assim, os editais de D. João V de Portugal ,proclamando a decisão real de embarcar 4.000 famílias açorianas para o sul do Brasil são o pretexto e fornecem o cenário e a época em que se movem as personagens de ROCAMARANHA.

O autor, Almiro Caldeira de Andrada, nasceu em Florianópolis a 6 de março de 1921. Militou por algum tempo no meio radiofônico, tendo produzido avultado número de programas e peças radioteatrais. Estudioso do folclore, procedeu a pesquisas na zona rural de Florianópolis, delas resultando trabalhos de interpretação demológica, dentre os quais se salienta "O Sentimento Açoriano na Poesia Popular da Ilha de Santa Catarina", tese aprovada pelo I Congresso de História Catarinense, em 1948.

CLÁSSICOS DA AGIR

RAUL DE LEÔNI — Textos Escolhidos — O poeta de "LUZ MEDITERRÂNEA" tem agora também o seu volume na coleção "Nossos Clássicos", da Livraria Agir Editôra, em seleção e introdução de Luiz Santa Cruz, que se propõe, no seu estudo crítico, a responder às seguintes indagações: Viveu realmente Raul de Leôni, considerado poeta de fim-de-século, em época de absoluta disponibilidade de espírito? Teve de fato Raul de Leôni alguma participação nos acontecimentos de seu tempo?

Além de cuidadosa seleção de poemas, inclui o volume trechos de prosa do autor de "O de a um poeta morto", entre os quais se destacam: "Marinetti", "Anatole France en pantoufles" e "Aurora e crepúsculo dos povos".

DOMINGOS OLÍMPIO — Romance — Por Hermann Lima — Volume n· 61 da coleção "Nossos Clássicos", da Agir. Êste volume foi preparado por Hermann Lima, conhecido em nossos meios literários por suas obras de criação e de pesquisa. Quanto a Domingos Olímpio, vejamos o que diz o crítico Antônio Sales do seu romance mais conhecido: "LUZIA HOMEM" é um dêsses livros que servem de colunas ao edifício literário nacional. Romance regionalista, há nêle vida universal bastante para não interessar sòmente ao rincão que o inspirou, mas para dar-lhe foros de romance nacional, e, como tal, refletir a vida humana sob a forma que lhe deram as tradições, o clima e as condições econômicas, como elementos componentes da gênese brasileira.

OS SEIS MIL CONTOS — MARTINS

Em "Os seis mil contos", Cid Franco reúne, com simplicidade e encanto, episódios reais e educativos da vida brasileira, compondo assim um volume de rara oportunidade para a juventude. Obedecendo o mesmo critério das suas "Histórias Brasileiras para a Juventude", já em segunda edição, para "Os seis mil contos" se podem atribuir as palavras de Fernando Góes com referência àquêle primeiro livro de Cid Franco escrito para a mocidade brasileira: "Merece a atenção, o carinho especial dos pais, dos professôres, de todos nós que vivemos, de um jeito ou de outro, lidando com livros e com jovens". — Livraria Martins Editôra, 1961.

TRINTA POEMAS

Rodrigo de Haro, artista e poeta catarinense, apresentará em breve ao público o seu livro de estréia. "Trinta Poemas" será o título do volume, que se encontra na fase final de impressão.

28a D'EÇA. Othon. Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.

Contribuição do Gabinete de Relações Públicas do Palácio do Govêrno ás comemorações do centenário de nascimento de Cruz e Souza

cruz e souza

othon d'eça

Iniciamos hoje, através da radiodifusão Guarujá, as comemorações do 1º centenário de nascimento de João da Cruz e Sousa, que todo o Brasil festeja com altissonante expressão nacional.

Santa Catarina, pelo seu Govêrno, pelos seus homens de letras, pelas suas instituições literárias, trabalhadoras e estudantis, celebra êsse magnífico evento, que a coloca entre as terras privilegiadas pela inteligência, pela arte, pela cultura e pelo aprêço aos seus altos valores intelectuais.

Nêste dia, e daqui por diante, por tôda a Pátria comum, hamens de pensamento, aquêles homens que ainda compreendem que nem tudo pode ser trocado por um prato de lentilhas, pensarão no grande poeta e na sua obra, glorificada pelo que ela é na sua substância e pelo que representa no panorama universal do sentimento e da arte.

Poderíamos nós, da Comissão de Festejos, começar as comemorações cruzesousianas em Florianópolis, no ambiente restrito da Casa de Santa Catarina Mas, entendemos que melhor seria levar a todo o Estado, e, mesmo, ao Brasil, diretamente, pelas ondas sonoras do rádio, a nossa palavra inicial, porque o nosso intuito é dar às solenidades a ampla magnitude que elas devem ter, tornando-as não apenas uma festa de Santa Catarina e do Brasil, mas, sim, uma exaltação universal do Negro admirável que está carreando para a sua terra as grandes admirações do mundo.

Na verdade, a obra do artista insigne que ultrapassou as suas origens anônimas para se vincular às nobres e rutilantes estirpes da intelectualidade universal, não é nossa tão sòmente, porque se constitui num patrimônio de tôdas as raças, de todos os povos onde a cultura se não confina aos estreitos limites de uma tôrre de marfim!

Cruz e Sousa — nasceu em Florianópolis, na antiga cidade de Nossa Senhora do Destêrro, a 24 de novembro de 1861 e faleceu a 19 de março de 1893, em Sítio, Minas Gerais, para onde fôra em busca de melhoras para os seus pulmões. Morreu na extrema miséria, deixando sem nenhum amparo os filhos pequeninos.

Obras em prosa: MISSAL e EVOLUÇÕES; em verso: BROQUEIS, FAROIS e ÚLTIMOS SONETOS. É patrono da cadeira número 16, da Academia Catarinense de Letras. Outras academias do Brasil também prestaram ao poeta catarinense idêntica homenagem.

A vida dêsse negro incomparável foi íngreme e longo caminho através de preconceitos rudes e de íntimos desapontamentos.

Conheceu a acidez de tôdas as taças e os desdens de todos os medíocres, que o vieram ferir e bater no fundo de sua sensibilidade exquisita e singular.

Seus versos, como a sua prosa, apesar de tudo, tiveram um claro e sonoro cunho de bondade, uma ornamental abundância de pensamentos espiritualizados pelas correntes de beleza que dentro dele livremente circulavam.

Mau grado aquêle desinterêsse intencional que cercou, durante muito tempo, o artista inigualável — a obra de Cruz e Sousa está seduzindo, pela grandiosa expressão plástica dos seus contornos e a intensidade emocional dos seus refolhos, os sociólogos atilados como Bastide e os críticos serenos como Andrade Muricy.

Foi Cruz e Sousa o príncipe dos simbolistas brasileiros; quem melhor entendeu aquêles pedaços musicados de verbo e emoção que Rimbaud, Verlaine, Rodenbach, jogavam aos ares da Europa que o frio hieratismo parnasiano cristalizara. Foi o admirável poeta dos "Últimos Sonetos", quem deu à língua e à rima as esculturações mais perfeitas, os coloridos mais quentes e as ressonâncias mais sonoras e sinfônicas.

Era áspero, intratável, de um desdem agressivo — diziam alguns de seus críticos ou os seus adversários de porta de livraria — aquêles críticos lambusados de retórica e de falsos arianismos!

Sim... êle era tudo isso, na verdade, porque o Grande Negro tinha, justamente, os recalques dos artistas escorraçados pelo crime do seu pigmento e o orgulho vingativo dos gênios incompreendidos forçados a viverem entre a mediocridade agrupada em aldeolas literárias.

NR. — Abrindo as comemorações do centenário de nascimento de Cruz e Sousa, o Prof. Othon Gama D'Éça, Presidente da Academia Catarinense de Letras e da Comissão Oficial de Festejos, proferiu, no dia 16 de outubro, através de uma cadeia de 20 emissoras, lideradas pela Rádio Guarujá, a palestra que damos, acima, na íntegra.

A partir dessa data, várias foram, além do programa oficial organizado pela Comissão, as manifestações e homenagens que se promoveram ao grande simbolista negro catarinense, mostrando assim que o Estado Natal de João da Cruz e Sousa esteve presente ao que, no resto do País, se fez pelo maior vulto da escola simbolista brasileira, nesta oportunidade.

programa das comemorações roteiro

MENSARIO DE DIVULGAÇÃO CULTURA E ARTE

dia 16-10 — Palestra do Prof. Othon D'Éça, Presidente da ACL e da CF, pronunciada para uma cadeia de 20 emissoras, lideradas pela rádio Guarujá

dia 5-11 — Apresentação, no Teatro Álvaro de Carvalho, do Coral-Recitativo com poemas de Cruz e Sousa, por alunos do Instituto de Educação e Colégio Estadual Dias Velho

dia 14-11 — Palestra pelo Prof. Aníbal Nunes Pires, na Casa de Santa Catarina

dia 16-11 — Palestra pela Profa. Eglê Malheiros, na Casa de Canta Catarina.

dia 17-11 — Inauguração da exposição de Poesias Murais de Cruz e Sousa, a cargo do Museu de Arte Moderna, na Casa de Santa Catarina

dia 18-11 — Palestra pelo Prof. Osvaldo Ferreira de Melo, na Casa de Santa Catarina

dia 19-11 — Inauguração da Exposição de Documentos, organizada pelo Departamento Municipal de Educação e Cultura, na Prefeitura Municipal

dia 23-11 — Abertura da Exposição Filatélica, a cargo da Associação Filatélica de Santa Catarina, no Clube XV de Novembro

dia 24-11 — Encerramento. Sessão solene a cargo da Academia Catarinense de Letras. Na Casa de Santa Catarina. Falaram: o Presidente da ACL e CF, abrindo a sessão; um orador da ACL (acadêmico Nereu Correa); um orador do Instituto Hist. e Geográfico de Santa Catarina; (Prof. Henrique Fontes) e o titular da Pasta de Educação e Cultura, encerrando a sessão e as comemorações oficiais.

Ainda, como parte das comemorações, paralelamente ao programa da Comissão Oficial nomeada pelo Govêrno, várias outras solenidades foram realizadas por diversas instituições, que assim trouxeram sua colaboração aos festejos do centenário do grande simbolista negro catarinense. Cumpre destacar, especialmente, as iniciativas da Diretoria de Cultura, que não só colaborou efetivamente com a Comissão através do seu Diretor, como também: expediu circular a todos os Estabelecimentos de Ensino do Estado, solicitando que se desse a devida atenção ao grande acontecimento cultural; juntou à circular dados biográficos e poemas de Cruz e Sousa para que fôssem divulgados; manteve em rádios e jornais noticiários relativo ao poeta; organizou exposição itinerante, preparada pelo Museu Didático, a qual percorreu nossas escolas, mostrando através de documentos vários e slides, com explicações objetivas e claras, aspectos da vida e da obra do grande simbolista negro; e, por fim, promoveu, entre alunos de estabelecimento de ensino da Capital, concurso de composição, com medalha como prêmio para os primeiros colocados, tendo sido distribuídas 11 medalhas.

suplemento especial organizado por salim miguel

CRUZ E SOUZA

Soneto

Nas formas voluptuosas o Soneto
Tem fascinante, cálida fragrância
E as leves, langues curvas de elegância
De estravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto
Recebe a original intolerância,
Tôda a sutil, secreta extravagância
Que transborda terceto por terceto.

E como um singular polichinelo
Ondula, ondeia, curioso e belo,
O Soneto, nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a purpura vetusta
E na mais rara procissão augusta
Surge o sonho das almas dolorosas...

O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma desventura extrema
Faz que tua alma suplicando gema
E rebente em estrêlas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado
De belezas eternas pouco a pouco

Na Natureza prodigiosa e rica
Tôda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Emparedado

(fragmento)

Ah! noite! Feiticeira noite! Ó noite misericordiosa, coroada no trono das Constelações pela tiara de prata e de diamante do Luar, Tu que ressuscitas dos sepulcros solenes do Passado, tantas Esperanças, tantas ilusões, tantas e tamanhas saudades, ó Noite! Melancólica! Soturna! Voz triste, recordativamente triste, de tudo o que está morto, acabado, perdido nas correntes eternas dos abismos bramantes do Nada. Ó Noite meditativa! fecunda-me, penetra-me dos fluídos magnéticos do grande Sonho das tuas Solidões panteístas e assinaladas, dá-me as tuas brumas paradisíaca, dá-me os teus cismares de Monja, dá-me as tuas asas reveladoras, dá-me as tuas auréolas tenebrosas, a eloqüência de ouro das tuas Estrêlas, a profundidade misteriosa dos teus sugestionadores fantasmas, todos os surdos soluços que rugem e rasgam o majestoso Mediterrâneo dos teus evocativos e pacificadores Silêncios!

.....

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, acumulando pedra sôbre pedra, pedra sôbre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça.
Se caminhares para direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para esquerda, outra parede, mais alta que a primeira, de Ciências e Críticas, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotencias, tremenda, de granito, broncamente se elevará ao alto! Se caminhares, em fim, para trás, aH! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo, — Horrível! — parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num espasmo de terror absoluto...
E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, — longas, — longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrêlas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho..."

Comissão de festejos

Para organizar o programa das comemorações do centenário de nascimento do Poeta, o Govêrno do Estado, por intermédio da Secretaria de Educação e Cultura, nomeou a seguinte comissão:

Prof. Othon Gama D'Éça — Presidente da Academia Catarinense de Letras e Presidente da Comissão de Festejos.

Prof. Henrique Fontes — Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Prof. Osvaldo R. Cabral — Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina.

Prof. Balbino Martins — Diretor de Cultura da Diretoria de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura.

Prof. Osvaldo Ferreira de Melo — Diretor do Departamento Municipal de Educação e Cultura.

Jorn. Tito Carvalho — Diretor da Biblioteca Pública.

Jorn. Salim Miguel.

Caveira

Olhos que foram olhos, dois buracos,

Agora, fundos, no ondular da poeira...

Nem negros, nem azuis e nem opacos.

Caveira!

Nariz de linhas, correções audazes,

De expressão aquilina e feiticeira,

Onde os olfatos virginais, falazes?

Caveira! Caveira!

Bôca de dentes límpidos e finos,

De curva leve, original, ligeira,

Que é feito dos teus risos cristalinos?

Caveira! Caveira! Caveira!

CRUZ E SOUSA

Páginas provincianas

Em 1885 ,editado pela Tipografia da Regeneração, Destêrro, saía o pequeno volume "Tropos e Fantasias", de Cruz e Souza e Virgílio Várzea. Assisnada por ambos, tinha o volume uma curta introdução, também justificação, sob o título "Casos e Cousas", que iniciava assim: "As ilusões são como as cerejas. Se estas se desprendem uma a uma, quando a tentamos apanhar juntas, também aquelas".

Tôdas as páginas de Cruz e Souza, nesse livrinho, trazem dedicatória, sendo E. Lopes, o poeta dos "Cromos", o dedicado mais ilustre literàriamente... São páginas de prosas provincianas, nas quais já e mais do que nunca se derramava Cruz num pomposo linguajar, cheio de comparações altissonantes, tendo muito de ingênuo e medíocre. O "maneirismo", se assim podemos dizer, da prosa cruz-e-souziana, que o acompanharia vida afora e que se cristalizaria em duas jóias do patético em nossa literatura: "O emparedado" e "Consciência Tranqüila". (1)

Nessa época, 1885, envolvia-se Cruz e Souza nas campanhas pela "Idéia Nova" e pró abolicionismo. Também nessa eano, 1885, um ano após o grotesco episódio da promotoria na Laguna, assumia êle a direção de "O Moleque". Alguns trabalhos de "Tropos e Fantasias", bem como sonetos publicados em "O Moleque", dão-nos amostras do jargão "científico" a que se aventurava o poeta:

"Tôda essa luz que bebe-se de um hausto
nos livros sãos, todo êsse enorme fausto
vem das verduras brandas que reluzem!

Êsse da idéia esplêndido eletrismo,
o forte, o grande, audaz psicologismo,
os organismos naturais produzem...

(Natureza)

Estas risadas límpidas e frescas
que Pan trauteia em cálamos maviosos
nesta amplidão dos campos verdurosos,
nestas paisagens flóreas, pitorescas;

aguarda o poeta sacerdote augusto,
para cantar no seu missal robusto,
a nova Missa da razão que pensa...

.....

(Estas Risadas)

"Sabiá-Rei" é outra crônica poética de "Tropos e Fantasias". Tem por motivo um sabiá que trinava numa gaiola e que, u mdia, por descuido de seu dono, consegue fugir. Um caçador "ingrato", que rondava pelos arredores, dispara um tiro e o sabiá cai morto. É de se ver, porém, como cantava o sabiá:

"Quando o sol, gloriosamente tranqüilo, numa fartura de luz benéfica, numa refrangibilidade prismática, atirava os venábulos cintilantes pelas janelas da luxuosa saleta, fazia bem ouvir-se consorciados á colaboração vermelha, rubra, os artísticos concertos do incomparável maestro das sinfonias selvagens, do empório largo da natureza criadora".

"E... o deslumbramento da harmonia e da luz".

Ao morrer o sabiá, "nos seus olhos havia ainda os derradeiros lampejos do tropicalismo da raça. E o sangue a rebentar-lhe da ferida aberta, como que parecia também salmodiar a nênia sombria da ingratidão dos homens pelas Aves da Luz".

xxx

Muitos dos defeitos de "Tropos e Fantasias", que são muitos, não os corrigiu nunca Cruz e Souza, mesmo após 1891, quando os seus trabalhos sofrem profunda transformação formal e a experiência lhes dá maior densidade humana. Renovadora da poesia brasileira e, no entanto, a obra de Cruz e Souza desuniforme, uma seqüência de grandiosidades e ridicularias. Estas, as ridicularias, os puros jogos de palavras, a suntuosidade oca, se nos afiguram como a herança de uma formação cultural eivada de idéias e conceitos artificiosos, a bem dizer inevitável no bacharelismo desterrense... e da época. A grande pedra no caminho artístico do poeta negro, superada em alguns momentos, suficientes contudo para o imortalizarem.

(1) Veja-se "Consciência Tranqüila" em "Outras Evocações", **Cruz e Souza, Obra Completa,** de Andrade Muricy, Editôra José Aguilar Ltda., 1961.

Silveira de Sousa

Em "Tropos e Fantasias" encontraremos a página abolicionista e "idéia-novista" intitulada "O Padre":

"Um padre, — escreve Cruz e Souza — o apóstolo da Igreja, que deveria ser o arrimo dos que sofrem, o sacrário da bondade, o amparo da inocência, o atleta civilizador da cruz, a cornucópia do amor, das bênçãos imaculadas, o reflexo de Cristo... Um padre escravocrata!... Horror!

E profetiza, após um transbordamento de invectivas, que a abolição há de fazer-se malgrado os exorcismos crus dos padres escravocratas; depende de um esfôrço moral e os esforços morais são, quase sempre, para a alta filosofia, — mais do que os esforços físicos — o fio condutor da restauração política de um país!...

Uma beleza, aquela "alta filosofia"! Mas Cruz e Souza continua a os ensinando:

"Não é com a ênfase dogmática do didatismo ou com a fraseologia tecnológica dos cinzelados folhetins de Teófilo Gautier que o trabalho da abolição se fará".

"Mas com a palavra educada, vibrante — essa palavra que fulmina — profunda, nova, salutar como as teorias de Darwin".

E, a seguir, usando imagens que aproveitaria mais tarde, apropriadamente, no soneto "Acrobata da Dor".

"A palavra que ri... de indignação; um riso convulso... de réprobo, funambulesco... de jogral".

Termina o poeta dizendo que "é tempo de zurzirmos os escravocratas no tronco do direito, à vergastadas de luz..."

xxx

EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS

Como contribuição aos festejos, o Departamento Municipal de Educação e Cultura de Florianópolis, organizou uma Exposição de Documentos, procurando dar uma idéia geral da tragetória de Cruz e Souza.

Planejado com critério, o trabalho não só trazia à luz importantes documentos a respeito da vida e obra do grande simbolista catarinense, como também mostrava primeiras edições, iconografia, bibliografia, recortes de jornais e revistas com artigos e transcrições de poemas do poeta, etc.

Nosso flagrante é um aspecto da exposição, vendo-se alguns dos documentos apresentados.

CORAL RECITATIVO APRESENTOU POEMAS DE CRUZ E SOUZA

Apresentado no Teatro Alvaro de Carvalho, no dia 5 de novembro, o Coral Recitativo do Instituto de Educação e Colégio Estadual Dias Velho, se constituiu num autêntico sucesso e que entusiasmou uma casa inteiramente lotada, a qual vibrou com os diversos números.

Foi, dentro do programa de comemorações do centenário de nascimento de Cruz e Souza, uma das homenagens mais significativas e curiosas. O Coral representou a soma do esforço, da boa vontade e do entusiasmo de um grupo de jovens alunos daquele nosso estabelecimento de ensino, todos admiradores de Cruz e Souza, os quais, orientados pelos Professores Osvaldo Ferreira de Medo, catedrático de literatura do Instituto e Anibal Nunes Pires, velho mestre da Casa e atualmente responsável pela cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, durante mêses ensaiaram os versos do grande simbolista negro catarinense.

Foram apresentados: "Acrobata da Dor", "Velho Vento" (fragmentos), "Rir", "O Emparedado" (fragmentos), "Caveira" e "Violões que Choram" (fragmentos). O Coral foi organizado a quatro vozes, agrupando sopranos, contraltos, tenores e baixos, explorando as nuances dos timbres assim distribuidos e procurando dar ênfase a momentos culminantes da obra de Cruz e Souza, penetrando-lhe alma a dentro.

Êste é um flagrante da apresentação do Coral Recitativo.

28b CORREA, Nereu. Presença de Cruz e Souza. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.

Cruz e Souza

Barreiros Filho

Cruz e Souza, meu poeta emparedado,
Nascente pária, em casa de um patrão,
E o leite maternal, por ti sugado,
Foi um sôro letal de escravidão!

Cresceste, e no teu sangue rebelado
Ferveu a raça negra, em convulsão:
— Há dôres retransidas no teu brado,
— Soluços de senzala em aflição!

Teu pai foi carne negra de um senhor,
Tua mãe, negra e escrava, que amargura!
Tu foste — a flor dos cardos dêsse amor,

E és agora uma flor de eterna dura:
Flor da raça maldita em sua côr,
Flor da glória nos hortos da tortura!

ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES

Na noite de 24 de novembro, na Casa de Santa Catarina, eram encerradas as comemorações do centenário de nascimento de Cruz e Souza, com uma sessão a cargo da Academia Catarinense de Letras, dentro do programa organizado pela Comissão Oficial de Festejos. Presentes, além do representante do Governador Celso Ramos, outras altas autoridades civis, militares e eclesiasticas, acadêmicos, escritores e jornalistas, membros da comissão e admiradores do vate negro, o Prof. Othon Gama D'Eça, presidente da Academia Catarinense de Letras e da Comissão de Festejos, abre a sessão. Foram oradores da solenidade: Prof. Henrique da Silva Fontes, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; acadêmico Nereu Corrêa, em nome da Academia Catarinense de Letras; e Jorn. Martinho Callado Jr., Secretário da Educação e Cultura, em nome do Govêrno. Nosso flagrante é um aspecto da solenidade, quando o Prof. Othon Gama D'Eça abria a sessão.

Presença de Cruz e Souza

Nereu Corrêa

Comentando, há dias, com um amigo, êsse doloroso espetáculo a que tôda a Nação assiste, da incapacidade dos nossos homens públicos para resolver os problemas nacionais, dizia-me êle que, apesar de tudo, o político ainda é o personagem de maior evidência na vida brasileira, o que conquista maior soma de popularidade, de tal maneira que a sua presença sobresce de a do poeta, sobreleva a do escritor, supera a do cientista. E justificava que essa vantagem decorre da circunstância de o político dispor, todos os dias, de uma tribuna, ou de uma rêde de jornais e de rádio que discutem os seus atos, as suas palavras, os seus acertos ou desacertos, trazendo-o sempre na crista dos acontecimentos. Mas essa popularidade, — comentei eu — é como a do jogador de futebol: só perdura enquanto o jogador está no campo driblando o adversário e fazendo gol. Quando os seus músculos se aposentam êle volve à sombra do anonimato e do esquecimento. Poucos são os que, na vida política, escapam a essa regra. Já a popularidade do artista se projeta além da sua vida. E muitas vêzes êle só passa a viver realmente depois que morre. A história literária está cheia de exemplos. Exemplos de poetas e escritores que só romperam a cortina de silêncio que os envolvia, depois da sua morte. Não lograram a admiração dos seus coetâneos, mas conquistaram a posteridade. Cruz e Sousa pertence a êsse número e compartiu, de certa forma, do mesmo destino que tiveram os grandes mestres do Simbolismo, como Baudelaire, Verlaine e Mallarmé. Para os juízes que condenaram Baudelaire, no famoso processo movido contra o poeta, as "Flôres do Mal" só exalavam cheiro de carniça. Verlaine e Mallarmé foram banidos das páginas do "Parnasse Contemporain". Um soneto do autor de "Sagesse", recusado pela direção da revista, teve esta sentença de Anatole France: "Não, o autor é indigno e os versos são os piores que eu tenho visto".

Não seria de espantar que Cruz e Souza, um provinciano, filho de uma cidade que tinha o estranho nome de Destêrro, e ainda por cima homem de côr, encontrasse pela frente as muralhas da incompreensão e do despeito: "Tôdas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida", queixava-se o poeta a Virgílio Várzea, em carta dirigida da Côrte, com data de 8 de janeiro de 1889. E acrescentava, em outro trecho: "Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! Procurar ser elemento entre o espírito humano? Para que? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspido de todo o lar como um leproso sinistro! Pois, como! Ser artista com esta côr! Vir pela hierarquia de Eça ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística ou verve, com esta côr? Horrível!"

Além das circunstâncias já mencionadas, que lhe eram flagrantemente adversas, êle tinha de enfrentar, ainda, outro grande inimigo: o Parnasianismo. De fato, a Escola Parnasiana estava no auge do seu esplendor. Parnasianos eram os grandes poetas do momento — Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa — a tríade gloriosa que catalizava a admiração e os louvores do público. Eram os donos da praça.

Os românticos, quando empunharam o facho que Gonçalves de Magalhães trouxera da França, não encontraram resistência da parte dos árcades, que ainda remanesciam. Muitos dêstes, e entre êles o próprio Magalhães, abandonaram o cajado e as ovelhas para entoar loas aos Perís e às Iracemas. É que o Classicismo já se havia esgotado nas suas fórmulas e nada mais tinha a oferecer depois de três séculos de reinado, de sorte que, em vez de reação, houve uma entrega com apertos de mão, com estampilhas e firmas reconhecidas em cartório. Durante mais de quarenta anos os poetas dedilharam o soluço das suas endechas na lira romântica, irrigando de lágrimas e povoando de sonhos o coração adolescente das moçoilas da época.

Quando não houve mais lágrimas, surgiu o Realismo. Também aqui não ocorreu agressão, porque não se agride um moribundo. Houve igualmente uma entrega, mansa e pacífica, como nas revoluções brasileiras, incruentas, graças a Deus, tanto na vida civil como na literária...

Já com o Simbolismo a coisa se passaria de modo diferente. O Parnasianismo ia muito bem de saúde, obrigado, e não estava disposto a entregar o terreno sem luta. Era uma praça forte rigorosamente guarnecida e comandada por grandes generais. Portanto, tinha que ser tomada de assalto. E quem ia fazê-lo, quem seria o herói dessa façanha ousada e temerária? Um homem de côr, filho de escravos, um provinciano recém chegado da sua terra? Seria lá isso possível? Seria, e foi. Repetia-se a luta de David contra o gigante Golias. Era um desconhecido enfrentando os medalhões da época. Mas os jovens logo sentiram "un frisson noveau" em sua mensagem e procuraram acercar-se do Poeta Negro, que em breve se tornou o ídolo dessa nova geração. Entre os seus amigos mais dedicados estavam Oscar Rosas, Nestor Vitor, Tibúrcio de Freitas, Virgílio Várzea, Saturnino Meireles, Maurício Jubim e Carlos Dias Fernandes. Saturnino Mereles lançou uma revista a que deu o título de "Rosa Cruz", em homenagem ao poeta. Outros foram aderindo ao grupo: Felix Pacheco, B. Lopes, Emiliano Perneta, Gonzaga Duque, Lima Campos, Artur de Miranda e muitos outros.

Cruz e Sousa não chegou a sentir a ressonância da sua mensagem em tôda a gloriosa plenitude com que ela se irradiou pelo Brasil. Morreu pobre e só, na localidade de Sítio, em Minas Gerais, aonde fôra buscar melhoras para a saúde. Mas teve a graça de possuir amigos dedicados e fiéis, que lhe suavisaram o martírio. E conquistou admiradores e fêz discípulos, aos quais passou o facho sagrado Entre o sprimeiros estava outro grande simbolista, Alphonsus de Guimaraens, o poeta mineiro que foi ao Rio uma única vez, e assim mesmo "com o fim especial de conhecer o grande Cisne Negro", como êle próprio confessou. Maior homenagem não poderia receber o autor de "Broquéis" que a do seu irmão de Ideal, nessa visita especial que lhe fêz. Aélm do sonêto "Poetas Exilados", que Alphonsus dedicou a Cruz, escreveu esta trova:

"Ao encontrar esta lousa
Abandonada no val,
Eu pensei em Cruz e Sousa
Mais Antero de Quental."

Se a visita do poeta seria uma honra, maior seria ainda a companhia de Antero de Quental, no pensamento do poeta. Entre os amigos de Cruz e Sousa, — e tantos foram, dedicados e zelosos da sua glória — vale lembrar Nestor Vitor, grande coração, crítico de talento, a quem devemos a publicação das obras póstumas de Cruz e os primeiros estudos que se escreveram sôbre a sua poesia. Estudos de crítica, de análise literária, compreensivos e justos, e não apenas apologéticos. "E essa amizade de exemplar — diz Peregrino júnior — tão docemente nutrida de devotamento e entusiasmo, não tinha como objetivo um homem rico, nem poderoso, nem tampouco célebre, mas um simples poeta — e um poeta negro, doente, pobre, negado e desdenhado por tôda a gente, e que para muitos não era apenas desprezível, mas também um pouco ridículo e triste. Nestor Vitor fêz dêsse homem um ídolo — o grande ídolo do seu espírito, e devotou ao culto dêsse poeta tôda a sua vida, sem pausas e sem delíquos. Por fim, ao morrer, já conseguira a vitória por que tanto batalhara: o Brasil unânime reconhecia em Curz e Sousa um dos maiores poetas de todos os tempos. E Nestor Vitor, já velho e alquebrado, mas contente dessa comovente vitória, limitava-se a repetir a sua frase conhecedíssima:

— Coitadinho do Cruz!"

É Nestor Vitor quem deve sentir-se mais feliz, na mansão dos justos, com a coroa de mirtos e louros com que o Brasil, no centenário de Cruz e Sousa, cinge a fronte iluminada do seu glorioso poeta. O poeta que está mais presente, hoje, no espírito das novas gerações, que muitos daqueles medalhões do passado...

28c MIGUEL, Salim. O Fim. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.3

o fim (*)

salim miguel

Existiam, em português, de Anna Seghers, dois livros. Bastante típicos e que davam uma medida precisa da capacidade da autora, da sua maestria no erguer suas histórias e criar seus personagens, integrando-nos naquele seu mundo. Trata-se de "A Sétima Cruz" e "Os Mortos Permanecem Jovens", ambos jogando com problemas da guerra e com a luta contra os nazistas.

Com o terceiro livro, há pouco lançado entre nós, a A. nos dá uma série de trabalhos sôbre o após guerra e suas consequências.

O primeiro destes livros foi muito justamente aliás, o que tornou conhecido e famoso o nome de Anna Seghers, não só entre escritores e críticos, mas também entre o público ledor.

A história, dramática, de George Heisler e seus companheiros, as sete árvores decepadas e transformadas em cruz à espera dos sete fugitivos, era pungente e era realizada com rara qualidade artística, sendo, além do mais e acima de tudo, um grito de revolta, autêntico, desenrolando-se num crescendo constante de emoçao.

No livro existia um personagem menor porém íntegro em sua maldade — se assim nos podemos exprimir Tratava-se de Zillich, sargento em Westhofen, um mero acidente numa engrenagem nefasta adentro da pungente história de George Heisler. Cônscio contudo do que representava, Zillich se movimenta, imassível, acreditando no que fazia e ignorando os mais comesinhos princípios de humanidade. Espécie de robot, com uma idéia fixa. Tanto que, muito mais tarde, tudo aquilo, para êle, é mera sombra, não conseguindo diferenciar nem identificar com facilidade as figuras da hecatombe.

Zillich surge logo no início da história de George Heisler, dando ao chefe do campo de concentração a notícia da fuga dos sete prisioneiros. E escuta, em silêncio, os berros do Comandante Fahrenberg.

Pouco mais adiante, a A. nos fornece alguns esclarecimentos sôbre Zillich e o porque de seu comportamento. Aos poucos, lentamente, vai se construindo esta figura. Mas os dados são sempre suscintos, porque é êle pequena e insignificante peça da engrenagem.

Assim, vamos ficando sabendo que recebeu êle, na primeira guerra, um ferimento de bala; mais tarde perdeu o seu sítio; mais tarde ainda, uma marafona, a quem apunhalara, reconhece-o 6 meses depois. Agora, há dois anos trabalhava no campo de concentração de Westhofen, tomando conta dos prisioneiros que deveriam ser tratados com rudeza especial.

E em todo o desenrolar da trama, jogada em contraponto, por onde quer que fôsse passando em sua dramática fuga, tendo atrás de si os perseguidores para nós simbolizados pelo Sargento Zillich, ia encontrando George Heisler apôio e solidariedade na sua difícil caminhada para a liberdade, contra a horda de nazistas. Naquela diabólica engrenagem, Zillich era um mero peão, embora transformado em símbolo de todo um sistema, e que cumpria sua sinistra tarefa com gana, com ânsia. E cada prêso que retornava à cruz predeterminada, era uma vitória de todos, da máquina montada para a caça dos homens.

Em todo o decorrer do livro, são sempre incidentais as suas aparições, sempre em função de sua tétrica tarefa, não se parecendo preocupar, a A., muito com êle. Mas o certo é que, pelo menos para nós, Zillich fica como personagem. Tanto que, anos mais tarde, ao lermos "O FIM", logo nos recordamos do sargento de Westhofen e de uma frase da autora "— O simples nome de Zillich agia como agente catalítico."

Prender os sete fugitivos não era só uma questão de honra — era também e especialmente uma lição, mostrando que ninguém escaparia àquêle braço longo e inflexível.

Os fugitivos vão retornando, mas a engrenagem já não está funcionando com a mesma perfeição. E Zillich, quem diria, sente mêdo. Sòzinho, reflete no que fôra: crescera em uma das remotas aldeias de Werthein, camponês pobre abandonara terra, mulher, familia; a espôsa, na última carta que lhe escrevera, perguntara se êle não queria voltar para casa, libertando o sítio do arrendatário. Continua caminhando só e lembra-se agora de tudo isto. E do que é no momento, guardião de presos. Se caisse com o amo, que mais lhe restaria fazer? O que seria? Voltar para a miséria, a fome, a espôsa "sêca e murcha como pão amanhecido."

E um dos prisioneiros, justamente o mais procurado, George Heisler, consegue escapar, prenunciando a derrocada da máquina, muito embora todo o cêrco que lhe é feito e que se vai fechando em tôrno dele.

Agora, perdida a guerra, a A. retoma, na mesma técnica anterior porém com maior contenção, o tema. Mas desta vez o personagem principal é o Sargento Zillich e sua dramática escapada entre uma população hostil e amargurada, que não o quer. Que não o quer porque o considera inimigo, ou que não o quer porque êle relembra os que a levaram a derrota Tudo, em tôrno, lhe parece ameaçador. Mesmo quando não o observam, mesmo quando está passando desapercebido entre a multidão anônima e igual êle imagina que todos o estão notando e apontando, centro de tudo que o cerca e que todos, contra êle, procuram caçá-lo. Fera acuada, personagem de um mundo que acabou. Mundo caduco, velho, ultrapassado. Sente-se, à medida que o tempo passa, mais e mais deslocado, sem apôio, vendo surgirem, indistintas, de todos os recantos as sombras de suas infindáveis vítima s.

Perdida a guerra, voltará para sua mulher, voltará à lavoura, procurando refúgio, amargurado, escondendo-se, temeroso de que alguém o reconhecesse.

Sabendo-se condenado, procurado, caçado, Zillich reflete: "Por que estou preso em minha própria pele? Não me agrada estar dentro dela, gostaria de abandoná-la". Não tendo remorços, nem consciência dos crimes que praticou, busca não uma nova personalidade, pois está, continua satisfeito com a que possui, mas uma nova pele, uma nova fisionomia, que não o marque e identifique.

Depois de pervagar sem rumo, chega a uma triste conclusão, expressa nas seguintes palavras: "O melhor para mim seria desaparecer agora, de uma vez". Mas o simples pensamento faz despertar tôdas as fibras do seu ser, numa reação violenta e irracional.

Na novela "O FIM" acompanhamos a história do ex-sargento Zillich, a quem ninguém quer. E sua caminhada em busca do esquecimento e da paz impossíveis. E que termina, tràgicamente, sem encontrar uma saída, acuado, desesperado, se enforcando melancolicamente, num quarto de hotel. A notícia, dada a mêdo, traz alívio até ao próprio filho, que, assim, poderá partir em busca de uma vida nova — quem sabe se mais tarde não o ligarão àquêle pai?

"Teu pai morreu" — diz o Prof. Degrief ao pequeno Zillich. E experimenta uma sensação de pavor e repugnância que logo reprime ao ver o rosto do menino iluminar-se, tomado de alegria.

Zillich, abandonado, odiado, só, morre num quarto de hotel, enforcando-se. Embora aqui também a história se desenvolva em contraponto, o clima é outro, diferente daquele de George Heisler.

Em "A Sétima Cruz", são os homens em busca da liberdade, contando com a simpatia de todos para a sua causa; em "O Fim", são os nazistas, derrotados e acusados, execrados, em busca de um refúgio impossível.

Acuados externamente, acuados internamente. Acuados de fora, pelo meio ambiente que não mais os tolera; e acuados de dentro, não por uma consciência que não possuem, já embotada, mas por um mêdo pânico que os vai dominando e pela compreensão lenta porém inexorável de que a época deles passou e que os sobreviventes da hecatombe são uma excrescência num mundo novo que procura se afirmar pelos valores positivos da vida. Por tudo que êles negavam e conspurcavam.

Tudo isto Anna Seghers nos relata com precisão com compreensão humana, com exatidão artística, numa linguagem e num clima que vão se afirmando sempre mais num crescendo. E isto, em ambas as obras, que, muito embora independentes entre sí e de épocas diferentes quanto à realização, se completam e fundem, para nos dar um panorama amplo, que abarca a pré guerra, a guerra e após guerra.

Sabe ela, com poucas linhas, num flagrante rápido e fugidio, criar uma figura, dar-lhe vida e autenticidade artística e humana, levantar uma paisagem, tornando-a precisa e vivida; reviver uma situação, que nós vemos e sentimos.

Mas neste volume das "Histórias Vividas", não é só esta peça literária que se destaca entre as selecionadas e traduzidas por James Amado, que também, num ótimo prefácio, coloca e situa muito bem a autora e sua importância na moderna literatura alemã.

Outros trabalhos mereceriam atenção demorada, em especial "O Passeio das Meninas Mortas", flagrante dos mais precisos de uma geração imolada e que nos é narrado com raro poder de contenção e clima poético acentuado. Nêle, a A., agora com seu nome real Netty, e não o pseudônimo com que se tornaria famosa, reconstitui o passado, recompõe o passado, quando era menina, e o que aconteceu a tôdas aquelas amigas que o mundo separou.

Mas nosso desejo, foi, especialmente, chamar a atenção para aquêle trabalho que retomando um personagem, vem agora conduzí-lo até o amargo fim.

"Histórias Vividas", que se completa com histórias "imaginadas", merece ser lido por todos os que se interessam pelas boas obras literárias e mais ainda por aqueles que, tendo lido "A Sétima Cruz", certamente se interessarão em acompanhar o diabólico sargento Zilich.

(*) ("O FIM", novela inclusa no volume "Histórias Vividas" de Anna Seghers, publicado pela Editora CULTRIX na serie "Os Melhores Escritores de Todos os Tempos")

(SM — Caixa Postal, 384 Florianópolis — Santa Catarina).

artes plásticas

1º SALÃO DE ARTE MODERNA DE BLUMENAU — Na sede da Associação Atlética Banco do Brasil, de 14 a 27 de outubro, realizou-se na cidade de Blumenau, o 1º Salão de Arte Moderna, organizado pelo diretor cultural daquela Associação, sr. Rogério Bergonzoni. A mostra apresentou trabalhos em guache, baixo--vidrado, lápis-cêra, cafénanquim, têmpera a ovo e em tapeçaria, dos seguintes artistas catarinenses: Alberto Luz, Edison Mueller, Edith Poener, Ernesto Meyer Filho, Jair Platt, Adão Quintanilha, Pedrô Paulo Vecchietti, Roberto M. Galo e Tércio da Gama.

PALESTRAS NO IBEU — Por iniciativa do diretor cultural do IBEU, dr. Orlando Borges Schroeder, realizou-se naquele Instituto, durante o mês de outubro, com boa assistência, uma série de palestras sôbre arte abstrata, proferida pelo prof. João Evangelista de Andrade Filho, atual diretor do Museu de Arte Moderna de Florianópolis e professor de História da Arte da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina.

DOAÇÃO — Uma pintura de Saldanha Coelho foi doada ao acêrvo do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, pela sra. Iná Moelmann. O ato da entrega verificou-se em sessão solene do Clube das Soroptimistas realizada no próprio Museu e com a presença de grande número e com a presença de grande número de pessoas.

CONCURSO EXPOSIÇÃO — Por ocasião do Centenário de nascimento de Cruz e Souza, a Diretoria de Cultura da SEC de Santa Catarina, organizou concurso-exposição de poesias murais do poeta catarinense, oferecendo prêmios de 30 e 15 mil cruzeiros.

ARTISTAS MINEIROS NO MAMF — Prosseguindo com o seu programa de exposições — intercâmbio, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis apresentou, com sucesso, de 1 a 15 de novembro, pintura e desenho de artistas mineiros.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS — No período de setembro e novembro expuseram individualmente: **Mund Júnior,** com desenhos e aquarelas, na Biblioteca Nacional do Rio; **Hassis,** com trabalhos em guache, na loja Eletro-Técnica de Florianópolis; **Meyer Filho** apresentou desenhos no Museu de Arte de Belo Horizonte; **Tércio da Gama,** em exposição inaugural da Galeria de Arte "Baú", com quadros a óleo; **J. Platt,** também na "Baú", com trabalhos em lápis-cêra.

MOVIMENTO

Museu de Arte Moderna de Florianópolis — rua Tenente Silveira 69 — Acêrvo.

Galeria de Arte "Baú" — rua Tenente Silveira 29, sala 2 — Desenho e pintura de Tércio da Gama, Meyer Filho, Vecchietti e J. Platt — Cerâmica vidrada de Pomerode.

Casa Vitor Meirelles — rua Vitor Meirelles — Acêrvo.

Livraria Anita Garibaldi — Praça 15 — Desenho e pintura do Grupo de Artistas Plásticos.

variações em tôrno de uma conferência

silveira lenzi

"Se tudo o que há é mentira,
É mentira tudo o que há.
De nada nada se tira
A nada nada se dá.
Se tanto faz que eu suponha
Uma coisa ou não com fé,
Suponho-a se ela é risonha,
Se não é, suponho que é.
.....
....."

(Fernando Pessoa, "Poesias Inéditas" — Edições Ática)

Eu nada sabia da religião do candomblé. E não sabia que o conferencista, ao dizer que nada sabia da religião do candomblé agarrando-se na negativa, afirmou que fôra escolhido como "Pai de Santo", com tôdas as honras, no "terreiro da Olga da nação Keito". Eu nada sabia da sua experiência junto daquela gente baiana, adeptos da religião do candomblé... e de outras.

Fiquei sabendo, que para se pensar em reverenciar o deus Olorum, é necessário que não se pense: êle é tão oniscinte, tão onipresente, e tão deus, que os felizes praticantes da religião do candomblé, simplesmente "despem-se espiritualmente" e não pensam em nada, para pensar em Olorum.

A gente pobre do candomblé baiano, descendentes de africanos, fazem de "territórios como o da nação Keito", a sua pátria sem desprezar a brasileira. No ritual, se transportam montados nas dansas coloridas, cheias de rítmo, evocando os Orixás que podem ser santos e diabos, que podem significar céu e inferno; não falta a alimentação de bons quitudes de milho, uma espécie de planta sagrada. A respeitosa Olga, fala com os pássaros e com a própria natureza, explicando que uma cerimônia iria demorar a começar, os sacerdotes ainda não haviam chegado. E dansa candomblé, e reza candomblé nas suas festas anuais, de acôrdo com o ritual.

O homem precisa ter fé para viver. A fé não exige discriminação, ela rompe as barreiras do convencional, e dá ao homem o que o seu espírit necessita. Por isto, parece, que quando a gente d candomblé é também cristã, frequentando a religião católica — e os sacerdotes católicos da Bahia sabem que aquela gente que está na igreja, é a gente do candomblé —, a sua fé diminui ou aumenta, na proporção de uma confissão ou de uma co-

poemas

rodrigo de haro

I
Consultei os anjos sôbre a paz
e minha alma caiu
como um jarro de vidro.
Caiu das mãos
pela bôca entreaberta.
Cada anjo era uma luta
feita de duas asas
dois braços e dois rostos.

II
Animais vinham pela tarde
Interrogavam-me dos sêres e das coisas
misteriosamente suspensas.
— Que poderia eu responder ao cão
senão afagar-lhe a cabeça ?

III
Uma árvore cresce desta semente
em silêncio
outro ser dêste ventre
misteriosamente.
Súbito lírio
brota do natal
em segrêdo.
Outras sementes
as estrêlas cantam e rolam

a quarta lua de ramadã

edson nelson ubaldo

Na quarta lua do mês de Ramadã
a vida será nova.

Na quarta lua do mês de Ramadã
um segrêdo abrirá a terra
e tudo será branco.

As areias desfilarão sob meus pés
e um oásis acampará em mim.
Três huris descerão seus véus
à sombra das palmeiras nuas
e adormecerá em nós
a quarta lua do mês deRamadã.

munhão. Se a gente do candomblé, não comunga, é porque os padres não o permitem. Às procissões êles vão, vão ao culto e enterram os seus mortos no ritual católico, e no do candomblé.

Esta gente é tão feliz, que encontra Deus em tôda parte, não pensando em Deus é claro, mas sentindo Deus sem pensar. Amando a Deus sem amar, adorando-O sem adorar, êles amam e adoram os homens, crituras e a natureza.

A não observação das fronteiras religiosas, dá a gente do candomblé, um sentido de universalidade. Filosofam sem querer filosofar, acreditando na imortalidade da alma negra e da branca, sem reparálas, dando um sentido de puro e espontâneo nas ações: gozando os turistas, que pedem demonstrações fora do calendário do candomblé, e que nem por isto se amofinam ou se negam; vivendo o que um asceta encarquilhado não vive, mas que vivem como um asceta mesmo ogstaria de viver, desejando com tôda a devoção e tôda a penitência dias melhores para os homens.

Talvez tenham sido êstes laços de humanismo de elevação e grandiosidade, que possibilitaram a ligação do conferencista, Professor George Agostinho da Silva, a boa gente do candomblé, à inefável Olga da nação Keito, aos passes e às mágias do rígido ritual. Talvêz êle seja o próprio "Pai de Santo", respeitado, reverenciado e amado pela boa gente do candomblé, sem se encarnar; talvêz êle seja um Orixá dos bons, mal compreendido pelos "orixázinhos" miúdos, bitolados, malamados, que se encarnaram pelos "terreiros" de cá, sem se encarnarem, porque nestes, a vergonha não encarna, azula, arde e espuma.

poema a cruz e souza

péricles luiz de medeiros prade

Strawinsky penetra sua música de pássaroleve e vio-
[lento
nesta noite morna em que o momento é dor.
O noturno de Florianópolis é menos noturno
sem tua presença Cruz e Souza.
Procuro-te no branco que me cerca
para sentir o grito côr-angústia procurada
e ouço sòmente o ritmo de couro de tua origem afri-
[cana.

Tua dor de sêda brotou no sol e na sombra
e como um peixe de escamas noturnas
fizestes da noite o eterno mar profundo.
Ó negro profeta, a espada branca
cortou o dragão em tua pele.
Sei que no teu interior de neve
o segrêdo da abertura do infinito
mostra-se puro como o símbolo.
(símbolo do fruto-angústia
que floresceu no escuro)

Há no interior das coisas
a flor que plantastes para o mundo.
Flor enorme com pétalas de abismos
que se desmancham na procura do nada e do tudo.
Flor terrìvelmente flor
sempre flor noturna
que nasceu contigo.

o morto

silveira de sousa

O mato era uma mancha úmida entre o nevoeiro, quando abriu a porta. Há uma semana que, nesta hora, quando êle se inquietava na cama a pensar coisas ruins e por fim levantava, via o nevoeiro entre manchas escuras. As manchas que ia reconhecendo mais com o esfôrço da memória que da vista, como o monte de lenhas, as varas da horta de feijão, o mato. Levou da cozinha uma caneca com água e, no terreiro, molhou os olhos, esfregando a mão calosa no rosto, para espertar. Como sempre, surgiu o cachorro, sacudindo-se, sacudindo o rabo, baixando as orelhas, fuçando-lhe as pernas, os pés descalços.

Desde menino que muito cedo, noite ainda, se acordava, pressentindo qualquer coisa, que se não realizava, imaginando acontecimentos tristes. Gostava então de caminhar na praia, ou acocorar-se na ponta de um barranco, a grossa japona às costas, à espreita de uma invisível manta de peixes.

Seguiu a trilha de capim molhado. Afastou os bambus da porteira. Enquanto ia entre arbustos que lhe roçavam as calças, ouviu o rumor do mar, o cantar de galos, os rosnidos do cachorro a correr na sua frente, afastando-se e aproximando-se.

Antes, examinou a casa de veraneio, fechada, que haviam entregue aos seus cuidados. Experimentou as portas e janelas, tôdas cerradas. O cachorro deitara-se enroscado no varandão de cimento, e êle se afastou sòzinho.

Depois, permaneceu longo tempo em pé, na beira do barranco, indeciso se andaria pela praia. O nevoeiro cobria as montanhas, do outro lado. Vazante, o mar vinha ter à larga praia em pequenas ondas espumosas, num marulho demorado e monótono, que parecia vir de muito longe e aumentando, aumentando de intensidade e ir morrendo também na distância.

Não compreendia. Apenas tinha certeza, por sentí-la, da existência daquela coisa que o deixava triste, quando pensava no dia igual que se estenderia a sua frente. Igual Como a montanha que êle sabia a sua frente, que se emendava noutra montanha, que se emendava noutra montanha sem fim. A rêde. A roça. A rêde. A roça. Trabalho sem rendimento. A mulher grávida e impertinente. A mulher que o atormentava como um diabo, alimentando exigências intermináveis, recriminando-o todos os momentos, como um diabo. Tratando-o como uma criança ou um boneco. Um boneco.

Às vêzes, imaginava outras situações, outra vida. Já pensara em morar na cidade, fugir da incerteza do mar para um trabalho qualquer, na cidade. Que lhe desse pouco, mas certo. Fim do mês, o certo. Era, no entanto, difícil. Políticos se aproximavam, prometiam, negociavam votos, nada se realizava. A esperança, apenas, teimava em ficar, como uma môsca. Visitava-o freqüente, em forma de imagens, enganando-lhe os olhos como as histórias de um sonho; como um esquecimento. Mas, logo então, com uma careta, afastava as imagens ridículas. Não. Aprendera que o trato com as pessoas necessitava jeito, imaginação. Ele não sabia insinuar-se, armar situações favoráveis, simpatizar. Irritava-se contìnuamente, ofendia as pessoas. Ou se colocava em posição humilhante, a balbuciar misérias, ante olhares tolerantes e falsamente penalizados. Nada se realizaria. Não sairia dalí. Marisco grudado na pedra.

Do bôlso da calça tirou o cachimbo e o maco de fumo num gesto semi-inconsciente. Prendeu o cachimbo entre os dentes, enquanto picava o fumo no dedo, com a faca que sempre trazia sob a cinta. Depois, amassou o fumo cortado, esfregando as palmas das mãos, unidas transversalmente. Foi então que alertou os ouvidos, porque pensara ter ouvido, nalgum ponto distante, à direita, o som da buzina de um pombeiro.

Foi andando, depois, pela praia, a cachimbar, maquinalmente. A areia, lisa e dura da vazante, gravava sòmente o calcanhar e os dedos dos pés, deixando para trás uma seqüência de arabescos irregulares de vestígio pouco profundo. Esforçava-se por olhar mais adiante, atravessar a cortina de nevoeiro. Via uma parte do mar e, para os lados do barranco, a mancha escura do mato. Então, escutou a buzina, o som agora prolongado e triste da buzina do pombeiro, que parecia vir lá do centro da vila. Naturalmente era o Doca da Dorvalina. Isso mesmo. Era o Doca da Dorvalina, que vinha de Ponta das Canas.

Mais tarde, quando rememorava o acontecimento, deitado em casa, a olhar as paredes de grossos bambús tapadas com barro e cal, cheias de fendas, não podia explicar-se como achara o morto. Sabia que, de repente, encontrara-se a poucos passos dêle e sùbitamente estacara, a olhar, sem compreender bem, à princípio. E que em seguida um choque sacudira-lhe o peito e o coração começara a bater apressada e surdamente, embora não fizesse movimento algum que denunciasse agitação, apenas que se aproximara de vagar do morto. Lembrava-se também que dissera para si mesmo, com uma curiosidade sem emoção, tal como se observasse um fato comum e já esperado: "Olha só, olha só! Um morto!"

O corpo jazia de través na praia, as pernas mergulhadas nágua. Jazia de costas contra a areia e os braços acompanhavam paralelamente o tronco, retos. Estava inchado, apresentava uma côr cinzento-esbranquiçada; tinha uma órbita funda e vazia, o ôlho esquerdo entreaberto e vidrado, o rosto mordido pelos peixes. Também roídos estavam os lábios, rendilhados de fina escuma, deixando entrever duas fileiras de dentes fortemente cerradas.

— Um morto!

E, no entanto, quem seria? Nenhum sinal que revelasse pessoa conhecida. Uma cinta de couro prendia os trapos do que fôra calça. A coxa direita tinha uma cova; terminava num osso. Mais tarde, em casa, sentado no banco de madeira da cozinha, enquanto via os filhos brincarem, amontoados no chão batido, e a mulher, baixota e prenha, que fritava uns peixes no fogão, recordara-se que o morto não tinha sexo. Espantara-se, até, por não ter dado muita atenção a êsse fato, quando o encontrara. Mas assim o encontrara, limpo o osso da bacia, sem sexo, o morto.

Nisto, ao levantar os olhos, lobrigou no nevoeiro a silhueta negra de alguém que se aproximava, montado num cavalo. "É o Nèzinho", pensou. Imediatamente, curvou-se sôbre o cadáver e arrastou-o pelos ombros para o meio da praia, ficando, em pé, e a cachimbar, na espera do cavaleiro. A silhueta se foi delineando, tomou formas conhecidas. Breve, envôlto numa capa negra de pano grosseiro, prêsa ao redor do pescoço, Nèzinho estacava o animal junto do cadáver. Fitou o corpo, alguns instantes, do alto do cavalo, sem dizer palavra, com os olhos sérios e espantados. Saltou, depois, chegando-se mais, examinando o morto. Era um indivíduo pequeno, ruivo, de rosto gretado. Usava uma correia de couro no pulso esquerdo.

— Como foi?

— Topei na praia, agora.

Nèzinho fixava o morto. Súbito, os sulcos do rosto distenderam, a bôca se repuxou, umedeceram-lhe os olhos, êle estremeceu o corpo, numa ânsia de vômito.

— Arre! — disse êle,, cuspindo na praia.

O cavalo, muito manso, permanecia no lugar, imóvel, a cabeça abaixada os olhos sonolentos. Conversaram os dois homens sôbre o morto. Nèzinho tornou a montar, deu meia volta, saiu em busca de providências.

Sòzinho, pensou coisas esquesitas. Pensou que êle estava alí porque as árvores também nasciam e secavam nos seu lugares, como o mar estava sempre alí e a praia e as montanhas e os galos e os cachorros, alí e em todos os lugares, e que êle estava ali como outros estavam em outros lugares. O morto não tinha importância. Êle também não, nem os peixes, nem o mar. A árvore secava, vinha outra árvore, outra. E lembrou histórias impiedosas, malvadezas profundas que em criança lhe contaram de Pedro Malazarte. O vagabundo vendendo o cadáver da mãe; o vagabundo entrando no céu e ludibriando a São Pedro. E vieram-lhe em seguida recriminações da mulher: "morre e não arranja nada". "É preciso arranjar?", pensou. E lembrou que em pequeno uma vez encontrara um búzio na praia e ouvira por horas o seu zumbido lamentoso, como a voz perdida de um mundo fantastico no fundo do mar. E súbito, reconfortou-se com a idéia de que os filhos cresceriam e o ajudariam na velhice.

"— Daí, sim — quase sussurrou, sem saber porquê. — Daí, sim."

Em parte, já se tinha dissipado o nevoeiro, quando os homens trouxeram a carreta. O sol era uma roda enorme e clara, acima das montanhas, do outro lado, no céu tapado de nuvens. A praia enchera-se num instante de curiosos. Mulheres descalças ou usando tamancos, os cabelos arrepiados; crianças pálidas e barrigudas; rapazes magros, os braços pintados de tatuagens; velhos de cara escovada pelo mar. Agitaram o ar com os seus palpites, as suas exclamações e gritos. O morto foi depositado na carreta, um lençol cobrindo-lhe o corpo. Logo, o cortêjo se pôs em andamento, com lentidão, para o centro da vila.

Mais tarde, êle voltava para casa e revia as marcas de seus próprios pés gravadas na areia. Inexplicavelmente, sentia o coração leve; qualquer coisa semelhante à alegria faziam-no colorir de modo mais otimista os arbustos sêcos que via além do barranco. Iniciava o inverno e êle pensou: "Vai começar o tempo da taínha".

Cardumes férteis sulcavam o mar, no seu pensamento. Antes de chegar a casa de veraneio, avistou de longe o cachorro, sentado no varandão de cimento, a cabeça levantada, as orelhas em pé, o olhar alerta na sua direção. Depois, latiu e se aproximou, fuçando-lhe os pés, pulando-lhe nas pernas, encolhendo o rabo, baixando as orelhas. Seguiram então para casa, enquanto êle, de repente, foi assaltado pela agradável mas inútil sensação de que estava vivo.

mund junior: A seriedade do fazer e o desenho da alma

joão evangelista

No atual panorama das artes plásticas catarinenses, os dois artistas mais significativos, Hugo Mund Júnior e Ernesto Meyer Filho situam-se num universo oposto. Por todos os títulos são antípodas: desde as formações (pois Meyer é um autodidata renitente), até o próprio lirismo poético, que é de teor divergente em ambos. Diferentes no que pensam, em como pensam, no que sentem, na forma de sentir; há um só ponto em que se encontram: o da autenticidade criadora. Em outras ocasiões falamos em Meyer Filho. Procuremos hoje dizer alguma coisa sôbre Hugo Mund.

Desde muito cedo Mund descobriu que queria desenhar e estudou, primeiro cursando com honestidade a Escola Nacional de Belas Artes e depois, percebendo que quando a escola não deforma só pode dar — e nem sempre bem — os instrumentos para resistir ao material, foi bater em outra freguesia. Guiado por um gôsto certeiro e por finalidade, encontrou em Goeldi alguém com quem muito tinha a aproveitar e, não perdendo tempo, tendo aproveitado, poude depois preparar-se sua autêntica "maneira". Está conseguindo. Veremos como pareceu-me ser ela pela demonstração que nos deu ao expor, pela última vez, em Florianópolis, no Querência Hotel.

Naquela exposição, Mund Júnior reuniu apenas quinze desenhos e cinco gravuras, executados entre 1957 e 1959. Havia dentro da unidade evidente entre êles, três maneiras distintas de ver, ou melhor, três etapas de um medo de ver que se ia afirmando imperceptìvelmente, sem nunca voltar para trás, conquistando pouco a pouco de modo seguro, uma linguagem formal e expressiva que era, ao mesmo tempo, seriedade técnica e resistência antimecânica. Mas havia desenhos bons em tôda a sequência desta evolução. Por exemplo, JARDIM EM SANTA TEREZA, dos primeiros da série, tem todos os elementos qualitativos dos últimos: a mesma compreensão do material, a mesma recusa da facilidade, a mesma economia que faz pensar em simplicidade de meios mas que está longe disto, a mesma capacidade de dar vida às coisas e de evocar estados de alma; de fazer a gente pensar que alguma coisa está acontecendo; a capacidade de dar atmosfera. No que consiste então a mudança? Os desenhos da nova série tinham mais vigor e neste sentido eram mais ACABADOS, já que por acabado se entende não o retoque exaustivo dos pormenores mas a fôrça e conclusão emocionais, a verdade com que estas ressaltam. Êles tinham ainda maior energia direta, por onde os símbolos, cada vez menos, se obscurecem com o supérfluo; êles tinham, por fim, maior amadurecimento, que se ia fixando na persistência e na coesão. Nos seus desenhos, Mund Júnior abre uma porta sôbre uma vida e nos constrange a levá-la em conta; a participar dela. A aguada, técnica empregada, se presta por sua própria qualidade a uma larga variação de impressões coloristicas; mas aquêle mundo, aberto pelo desenhista, contemplado por êle numa dimensão em que a melancolia, a semi-consciência e o susto se juntam, é sempre branco e prêto como o mundo dos sonhos. Tudo ali se passa depois do escurecer. Como no mundo de Dostoiewski ou Fellini cujas esferas e dimensões se animam pelas sombras. Nos desenhos em que o artista se pôs a olhar para o dia (FUNDO DE CASAS, ARRABALDE), vê-se a insegurança nervosa que sentem os sêres motivagos diante do sol. As linhas perdem a sua profunda marcação que não era feita apenas de contôrnos e se diluem, perdendo em verdade a energia expressiva. Já no entardecer, a hora crepuscular tão amada por Leonardo, o desenhista começa a deixar-se tomar pela vida das coisas e a mostrar, ao mesmo tempo, a inquietante solidez de que é capaz. Assim: O JARDIM DE SANTA TEREZA. Este desenho está tratado num ritmo envolvente de meias-tintas que cria uma luz difusa, de fina harmonia. As meias-tintas das árvores enlaçam o quadrado por cima e, em baixo, como um rodapé psicológico, a calçada completa a envoltura, num esquema um tanto convencional mas inteiramente persuasivo. Na claridade do centro evanecente, aflora uma janela de casa, atrás de um jardim. Tudo aquilo nos fala de passado, de um passado, do seu passado, do nosso passado, do passado das coisas, das pessoas que não somos, das que somos. O sentimento é confuso como a claridade imersa e incerta da luz e o arabesco que a rodeia. De resto, todo o ritmo do trabalho faz-se com envolvência: não se percebe o toque; o pincel parece ter ido deslisando esfregado em pequenos círculos que se enredam uns aos outros, cobrindo-se com a tinta pouco generosa, até formar largas zonas mantidas sob a mesma tonalidade. Estas, por sua vez, enrolam outras, um quase nada rebaixadas ou alteadas na escala tonal. A evocação nostálgica não nos leva ali a uma valsa de esquina de Mignone como seria de prever, porque Santa Tereza é Santa Tereza só para constar. Nada há de preciso e não se nota nacionalismo ou casuismo de forma alguma. O desenho é europeu e, se teimássemos em achar um símile musical para o seu clima teríamos de fazer apêlo, provàvelmente, aos noturnos de Chopin. De resto, predominou em Hugo Mund Júnior o sangue alemão. No romantismo, no pessimismo, na intransigência. Predominou também na seriedade artesanal que o impele desde a escôlha do papel, sempre adequado à fatura do momento e ao tipo do trabalho e ainda predominou no gôsto pela xilogravura, técnica, por assim dizer, ontològicamente germânica. Sua disciplina permite-lhe conseguir desenhos imediatos e leves quando se acha sob efeito emocional. Por isso não parecem trabalhados nem cozidos. Afasta qualquer possibilidade hedonística mas, ao mesmo tempo, a disciplina salva-o do perigo escolástico e cerebral no momento da criação. Mund Junior é todo honestidade: só desenha depois de ter concebido dentro de si. Daí o caráter inteiriço de seus desenhos que brotam não como amostras reunidas de momentos, uns felizes e outros laboriosos, mas como coisas que nascem completas. Nisto também êle é o antípoda de Meyer Filho, que vai conquistando como uma multiplicação, o resultado final de cada trabalho.

Hugo Mund é um artista identificado com seu tema. Aliás, o repertório é pequeno em quantidade: casas, estradas, luas, carros de cavalos e, muito raramente, personagens enigmáticos e noturnos. Aproveita ao máximo a significação emocional das formas e, acentuando e selecionando valores, transmite-nos a influência física de que êles são capazes, porque êle próprio, como já dissemos, ao desenhar, deve sentir o desenho como uma entidade física, percebendo quando escorre por seus dedos o mundo interior no qual o tema já se havia transfigurado. Seria com surprêsa que o vemos resistir ao abstracionismo, pois como ocorre em muitos momentos de Marcel Gromaire, êle resiste pelo absoluto amor ao assunto como assunto, se bem que nada tenha do sensualismo carregado do artista francês e o seu vigor seja de outro tipo, de um tipo oposto. Verifica-se uma luta entre as retas e as curvas e a polêmica atinge maior organicidade quando estas últimas se impõem, criando ritmos plenos, mais vibratórios e, diríamos, mais barrôcos, inventando escorços novos e profundidades; atmosfera física onde há atmosfera moral, pode mais livremente circular. Exemplos típicos são NUVENS ESCURAS e NOTURNO, mas especialmente o primeiro. Nêle há um céu que, como me chamava a atenção FLÁVIO DE AQUINO, vale pelo simples valor abstrato. Está certo, mas o céu não se pode separar da significação que assume no conjunto e, onde tudo contribui, pelas formas fugidias conseguidas através das diferentes direções lineares, para dar a inquietação do momento escuro e tormentoso. A gente olha para alí e sente-se também misterioso, triste e profundo, como aquêle tempo; sente o pêso das nuvens carregadas e tem-se a sensação de ser tão pesado como as nuvens. Sente que es pode tocá-las. Como se vê, grande campo para a aplicação da EINFÜHLUNG. Diante de outro desenho: CASAS JUNTO AO MORRO, estremecemos por saber que está ocorrendo algo que desconhecemos mas que pressentimos. O morro se desprega, em cima, negro como a asa aberta de um morcêgo e, embaixo, o telhado das duas casas, gêmeas em tudo, frontais e "presentativas", heráldicas no lúgubre isolamento, repete o duplo triângulo do morro. E se não há personagens algum, tanto mais está o desenho cheio de vida, de vida de gente; quanto mais nua e ameaçadora a paisagem, quanto mais sòzinho, mais cheia de presença. O NOTURNO, menos que os demais não é desenho linear mas de massas, todo concebido sob um ponto de vista visual.

A concepção decorativa é mínima em Hugo Mund. Êste revela-se expressionista por temperamento; não por deformação mas por síntese. É sua nota original. Nada perdendo-se ou escapando, a composição é perfeitamente jogada, resultando uma unidade que não esgota as sugestões da emergência. O claro-escuro, arbitrário mas convincente, apresenta por vêzes uma dialética violenta e especialmente eficaz, como no desenho: A CIDADE, onde há claridades mais cruas, menos veladas e onde ela se une à plena afirmação das retas e à uma construção geometrizada. Tem-se a impressão que a aspiração tôda de Hugo Mund Jr. flutua entre TINTORETTO e PIERRO DELLA FRANCESCA e as admirações do artista balançam entre MUNCH e ROUALT. Mas suponho que é no REMBRENDT das aguadas que é preciso buscar a origem de sua técnica e que, por outro lado, se começasse a pintar a óleo pelo menos no momento atual — êle partiria de uma pintura muito parecida com a de CHARLES BURCHFIELD. É pois, bem menos dramático que ROUALT e GOELDI e mais se aproximaria ao sentimento dos gravadores que devem ter impressionado o nosso maior gravurista quando, há quarenta anos, na Suiça, achou que devia tornar-se artista: NOLDE e HECKEL especialmente. Os alemães tiveram sempre aquela fôrça literária. Esta, em Mund. Jr. às vêzes é um pouco diluida e superficial como no desenho LAMPIÃO, onde os símbolos não chegam a se tornar verdadeira abstração estilística. As concepções linearistas são acentuadas por uns traços finos e periféricos à bico de pena que, enfraquecendo o contôrno, nada acrescentam à expressão do conjunto, já comprometido em sua unidade por um excesso de pontos de interêsse e de centros morais: — O Lampião, a Carroça, as personagens da direita —, que, dando um caráter ilustrativo um tanto evidente, concede demais ao episódio. Tudo isto desaparece no coerente desenho intitulado LUA E CASA SOLITÁRIA, possìvelmente o melhor trabalho exposto na ocasião e no menos háptico e mais visual de todos, O NOTURNO, que aparenta ser feito inteiramente de dentro para fora, expandido em manchas largas, desenvoltas, numa espacialidade impregnada de vida. Segundo parece, e as duas últimas Bienais de São Paulo dão impressão de provar, fechou-se o ciclo da que foi batizada "ARTE MODERNA". Algo muito mais moderno iniciou-se como adverte Lourival Gomes Machado falando exatamente a propósito da Bienal de 1959, e parece que o mundo da arte já está dividido entre o mundo de lá e o de cá e que os esquemas do antigo já não servem para compreender os do novo. Mund. Jr. embora muito jovem, está no outro mundo, no de lá, no antigo. Não haverá lugar para êle no novo cuja expressão somos obrigados a aceitar? Temos de desaprová-lo pelo que está fazendo? De forma alguma. Arte não é ciência, onde bomba de hidrogênio aposenta definitivamente bomba atômica. No mundo da arte não há "Nós" e (êles), os que abrem o novo ciclo, a não ser talvez no grau da nossa incompreensão ou reação para com êles. Porque arte é, de frente para trás ou de trás para frente. Nunca me esqueço de um desenho egípcio representando um cavalo. Aquilo nada tem haver com o Egito e a sua arte; mais parece uma anotação rápida de MARQUET, e no entanto é um verdadeiro desenho. O tempo deixa intocável o fundo da arte. Êle é no máximo, o palco no qual o sagrado faz suas aparições, mudando as máscaras. Um dia, talvez, vá ser necessário ao homem desenhar tão bem quanto ao artista das cavernas. Também não me posso esquecer da frase que COCTEAU soltou um dia: "O futuro não pertence a ninguém. Não há precursores; só existem retardatários".

28d MIGUEL, Salim. O pretinho da antiga Desterro. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.

O pretinho da antiga Destêrro

Salim Miguel

"O negro conciente de si representa-se a seus próprios olhos como o homem que assumiu tôda a dôr humana e sofre por todos, mesmo pelo branco".

J. P. Sartre in "Orfeu Negro"

O pretinho João da Cruz e Sou-Souza, surgido na antiga cidade de Nossa Senhora de Destêrro, elevou-se com fôrça, com ímpeto, vencendo todos os contratempos e preconceitos, muito embora em sua época e seu meio fôsse relegado e diminuido.

Hoje, apenas cem anos passados de seu nascimento, é um dos mais altos expoentes da poesia brasileira e o mais importante vulto da corrente simbolista. Roger Bastide vai além: considera-o um dos três grandes do simbolismo universal, dizendo estar assim constituida a grande tríade harmoniosa: Mallarmé, Stefan George e Cruz e Souza.

Cruz e Souza, sem deixar uma obra grande, em quantidade, deixou-a enorme, qualificativamente. E realizada numa curta vida de 36 anos, prenhe de lutas, doenças, miséria, fome e sofrimentos.

Quem, em sua terra, compreendeu sua obra, o sentimento trágico da vida que a povoava e o sentido de renovação de que vinha carregada Uns poucos: um Gama Rosa, um Santos Lostada, um Virgílio Várzea, um Araújo Figueiredo, um Oscar Rosas, que quase nada podiam fazer por êle, a não ser incentivá-lo e admirá-lo.

Fora de sua terra, para onde se atira com tantas esperanças, a mesma incompreensão. De início, a perceber-lhe a genialidade e a visão intuitiva da coisa poética, apenas um Nestor Victor, que tornou-se desde logo o amigo de tôdas as horas.

E durante bastante tempo, mesmo depois da morte do poeta, permanece êste estado de coisas...

Lúcido, capacitando-se do seu próprio valor naquele meio, deve ter sido doloroso a Cruz e Souza observar, em derredor, gravitando empafiosa, a mediocridade triunfante e bem pensante da época. Nomes que a posteridade não guardou, mas que dominavam a literatura de então.

Sua visão introspectiva e dolorida das coisas, se contrapunha à visão exterior e periférica, dos parnasianos, que dominavam "o mercado poético".

Como lutador porém? A poesia dele não só era mais difícil, mais inteletualizada, obra solitária e longe do consagrado, gerada de uma grande dor e uma grande sensibilidade ferida. Era muito mais era êle um preto, filhos de escravos libertos, querendo se impor numa sociedade de brancos. Tudo isto contava, por certo. Contava e conta. Ainda hoje conta. muito embora se afirme o contrário.

Ronald de Carvalho observa e anota muito lùcidamente o fato:

"— Corria-lhe — diz o ensatsia — nas veias, aquela gota amargurada de sangue africano que o nosso prurido de arianismo regeita com intolerância ou sòmente admite com uma reserva condescendente e superior".

O pretinho, que aos aito anos ensaia seus primeidos versos, terá, dai até a morte, um viver conturbado e contraditório.

Lê desordenadamente; como todo autodidata, sua cultura é informe, à mercê de multiplas influências.

Enquanto isto, problemas internos e externos se acumulando em sua vida.

Tudo se refletirá, certamente, em sua obra.

Instintivo, começa como um indiferente; evolui para um materialismo, ou melhor, um paganismo, assinalando que tudo termina na cova, fixado num poemeto satírico de boa contextura ("Caveira"); e busca, bem mais tarde, mercê dos profundos sofrimentos, das dôres, da loucura de Gavita, um misticismo que já era latente na incipiência de sua obra e que, evoluindo. culmina nos derradeiros poemas esparsos, como consequência de tôda aquela carga que é a sua dolorosa vida. Junte-se a isto a sua carga ancestral, as gerações de sofrimento escravo que pululavam nele; mais o que a sua sensibilidade captava no entrevisto ao seu redor — e teremos uma possível síntese de sua poesia.

Nuance, rítmo, melodia difusa e nevoenta que vem de dentro para fora, "impressão impressiva", como anota João Pinto da Silva, tudo, naquele grande criador de imagens e sugestões, de onomatopéia e aliterações, vem íntegro e puro, porém sem uma única concessão de qualquer espécie ao gôsto da época ou à moda vigente.

Fechado em si mesmo e no seu orgulho, faz então uma obra que se ergue, solitária, quer nos seus méritos, quer nos seus deméritos.

Não tem nem terá verdadeiramente seguidores, muito embora se possam anotar e apontar leves influências em alguns poetas. O outro grande poeta do nosso simbolismo, Alphonsus de Guimarães, não pode ser considerado um seu igual na escola, mas um seu admirador, com uma poesia feita em outras condições e de um outro temperamento.

Abelardo F. Montenegro observa que a poesia de Cruz parecia "escrita por branco de classes dominante e não negro pobre". Isto se deve, talvez, a um complexo trabalho de alquímia interior, lenta elaboração e auto-sugestão de quem, sabendo-se superior pela capacidade e inteligência, pelo saber e sensibilidade de ver e transmitir o mundo, tinha que se sujeitar a uma ordem injusta de valores, onde a côr contava mais do que o talento. Talvez por isso mesmo até, inconcientemente, a escolha, como instrumento para a sua mensagem, do simbolismo, que é uma casta, para iniciados, para poucos — e por êle, pelo simbolismo, Cruz e Souza se alçava e isolava. Não o compreenderem mesmo os brancos, não seria uma arma, maneira de, quem sabe infantilmente, se vingar?

Mas tudo isto é nebuloso. Mereceria estudos mais acurados, embora êle mesmo dê fontes, dê indicações precisas e preciosas de referência para o esclarecimento de suas completa psicologia. Aqui um exemplo bastante esclarecedor:

"— Seigneur, mon Dieu! acordez-moi la grâce de produire quelques beaux vers que me prouvent à moimême que je ne suis pasle dernier des hommes, que já ne suis pas inferieur à se que jê méprise — Baudelaire".

Esta epígrafe às suas obras é um grito de afirmação de quem, num meio hostil, sabendo-se superior, quer se afirmar. Quer se afirmar para si mesmo primeiramente, e, também, depois, se isto for possível, para os outros, para os que o desprezam e ignoram e a quem êle retribui na meesma moeda.

Em seu importante estudo intitulado "Orfeu Negro — introdução à antologia da nova poesia negra e malgache", Sartre tem outra anotação que vem a calhar para o grande simbolista catarinense:

" — Notemos desde logo que não se trata de modo algum de uma dôr de resignação".

Isto serve para Cruz e Souza. Sua dôr não é de resignação: Não! É antes e muito mais uma dôr de revolta, de inconformismo diante da incompreensão de um mundo injusto.

Não serão, certamente, os sofrimentos e a côr de sua pele que vão dar carta de autenticidade à sua obra. Ela vive pelo que é — e poderia mesmo ser estudada, de um ponto de vista meramente estilístico e de valoração artística, ignorando-se até aquêles aspectos. Uma obra artística qualquer deve viver por si mesma, pelos suas qualidades intrínsecas, independente do autor. Caso contrário todos os sofredores e todos os homens de côr seriam artistas. Mas é inegável que, no caso específico de Cruz e Souza, tudo isto conta, tudo isto vai se amalgamando até formar êste complexo que é a sua arte.

R. Bastilde, no seu estudo que vem colocar Cruz e Souza, definitivamente, no lugar que lhe compete adentro da nossa poesia, esclarece:

" — O drama de Cruz e Souza vai ser mais patético do que o de Mallarmé, e sua posição vai ser de outra originnalidade, pois para êle não se tratará ùnicamente de achar uma expressão possível do inefável, de criar para si uma experiência psicológica, mas essa experiência psicológica, para se constituir, terá de lutar incessantemente com uma primeira educação absolutamente oposta a ela e que, a cada momento, a porá em risco de ser aniquilada."

E mais adiante:

"— Cruz e Souza constituiu, só com seu cérebro, o seu mundo poético, e elaborou, isento de qualquer influência, a sua própria experiência simbólica".

Conciente do seu poder, da fôrça e autenticidade de sua mensagem, da importância de seu verso, num movimento incontido de desabafo, o poeta exclama:

"Ó meu verso, ó meu verso ó meu orgulho!"

E tinha razão para assim falar; tinha razão para o seu orgulho, que era uma couraça com a qual êle se defendia do mundo.

Porque, conforme a observação de Manuel Bandeira, "à onda de sarcasmo com que foi recebida essa arte a um tempo espiritual e bárbaro, num meio deminado pela cautelosa lógica parnasiana, contrapôs o poeta o seu bravo orgulho e a persistência febril no trabalho noturno".

Sua contribuição para a forma poéetica é valiosa, inclusive preparando a vinda do verso livre, fugindo ao excesso de rigidez formal do parnasianismo. Eleva o verso como coisa autônoma, dando-lhe uma vida própria, uma vivência funda e dorida, onde tudo se transfunde numa linguagem áspera que lhe é específica e não isenta de acentos ancestrais que lembram a cadência de "tan-tans" africanos.

Neste sensual ("Que anelos sensuais de monjas belas/nas ciliciadas carnes tentadoras"), neste revoltado ("Ah! Tôda alma num cárcere anda prêsa/Soluçando nsa trevas entre grades"), neste impregnado da dor pungente, tristeza e saudade de si mesmo e dos outros humildes ("Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro/Ó ser humildes entre os humildes seres"), neste que amava as onomatopéias ("Vozes veladas, veludosas vozes/volúpias, vozes veladas"), neste que era ìntimamente penetrado e compreendia as sensações tôdas, o som, o olfato, o tato, coisas perceptíveis e imperceptíveis atingindo o mais fundo em sua sensibilidade exacerbada, neste que exprimia suas idéias quer evocando os objetos que as representavam, quer através de uma imprecisão de contôrnos e vocábulos, quer por um penumbrismo e verbalismo por vêzes exagerado, várias constantes podem ser anotadas.

Mas a constante matriz, a idéia fixa, o que volta sempre, claramente enunciado ou veladamente subentendida ou dificilmente perceptível, é o branco. O branco em tôdas as suas nuances e suas mil variações.

Preto-branco não significa apenas as duas faces de uma mesma moeda. Tem, sim, implicações muito mais profundas na alma do poeta que é um dominado pela côr, utilizando-se, simbòlicamente, de tôdas as côres na criação de imagens e sugestões. Tudo, afinal, como numa versão mental do disco de Newton, em síntese harmoniosa, termina por ser branco. Tudo é branco na sua raiz — e manipulado, volta ao que era, por mais diferente que seja: volta a ser branco.

Embora mais acentuada nos primeiros tempos, esta constante perpassa tôda a sua obra e penetra a sua vida, alvo inatingível a atingir. Exemplos são superfluos, desnecessários — e teríamos que citar indefinidamente.

Seria talvez fuga, essa tentativa de integração total num todo harmonioso; seria uma maneira de resolver as suas contradições íntimas de "emparedado?"

Quem o saberá!

O certo é que, o pretinho da antiga Destêrro, legou ao Brasil e ao Mundo, páginas de imorredoura beleza, numa mensagem prenhe de significados, onde a contradição forma-conteúdo se funde para nos transmitir, una e íntegra, o artístico e o humano de uma obra plenamente realizada.

Nesta fotografia vemos Cruz e Sousa acompanhado de dois velhos amigos de lutas literárias: Virgílio Várzea e Horário de Carvalho

Poesia Ilustrada

ejos, o Museu de Arte Moderna
concurso de Poesia Ilustrada.
presentar dois trabalhos: um,
so Interior", escolhido pela
e escolha do artista. Concor-
plásticos: Hassis, Jair Platt,
eyer Filho e Hugo Mund. Jr.

punha-se do Prof. João Evan-
Eudoro de Souza, da Facul-
Diretoria de Cultura da SEC
scolhido pelos artistas exposi-

nanimidade, com respectiva-
primeiro e segundo lugar, os
sto Meyer Filho não havendo
as.

premiados que ficaram expos-
guir, percorrer alguns muni-

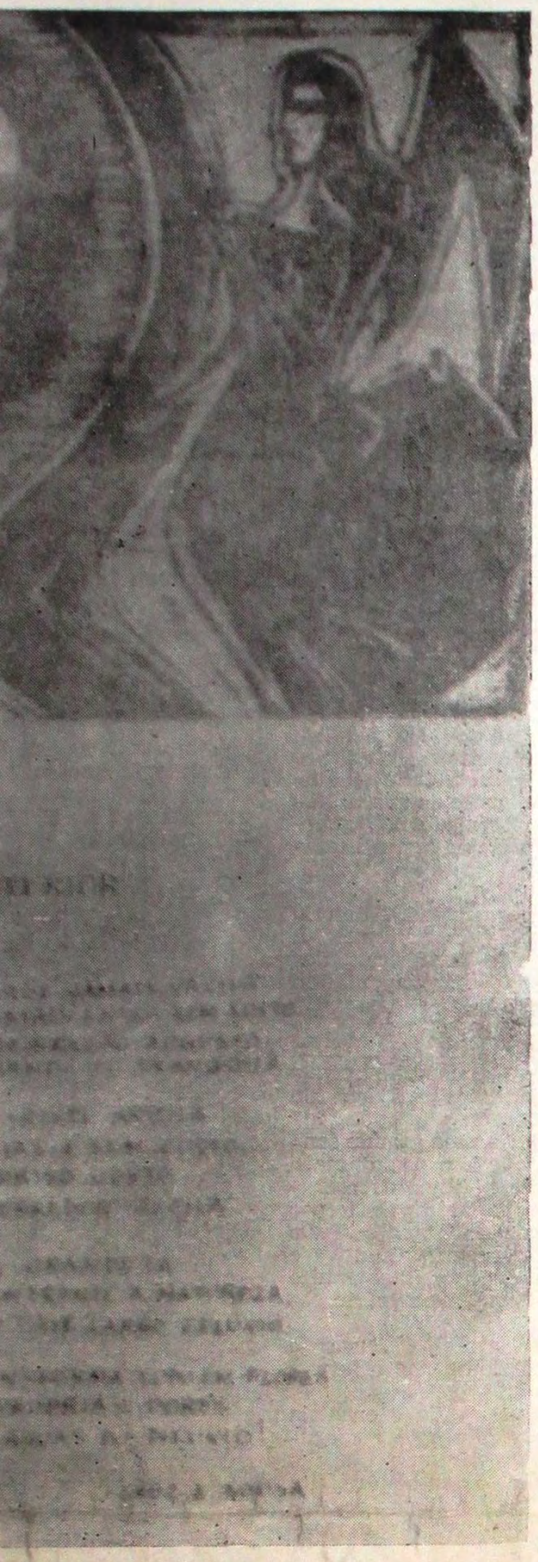
lógicos:

mento;
ibuna Popular";
Publicação depts;1óõ .. ....
S E PHANTASIAS";
nde do Sul e outros Estados;
neiro;
to de sua mãe;
L" e "BROQUEIS"
ento com Gavita Rosa Gon-

to de seu pai;
herculose);
to;
ÇÕES";
ES";
OS SONETOS".

2º PRÊMIO

E. MEYER FILHO



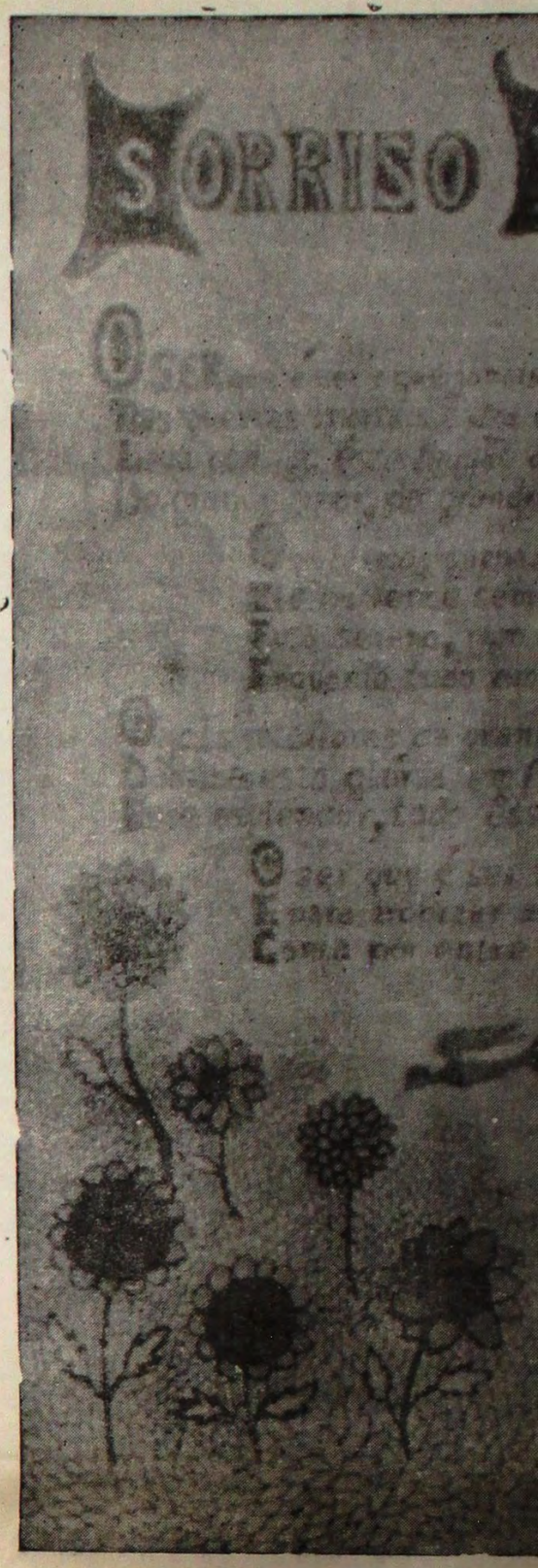
Cruz e Souza — Poesia Ilustrada

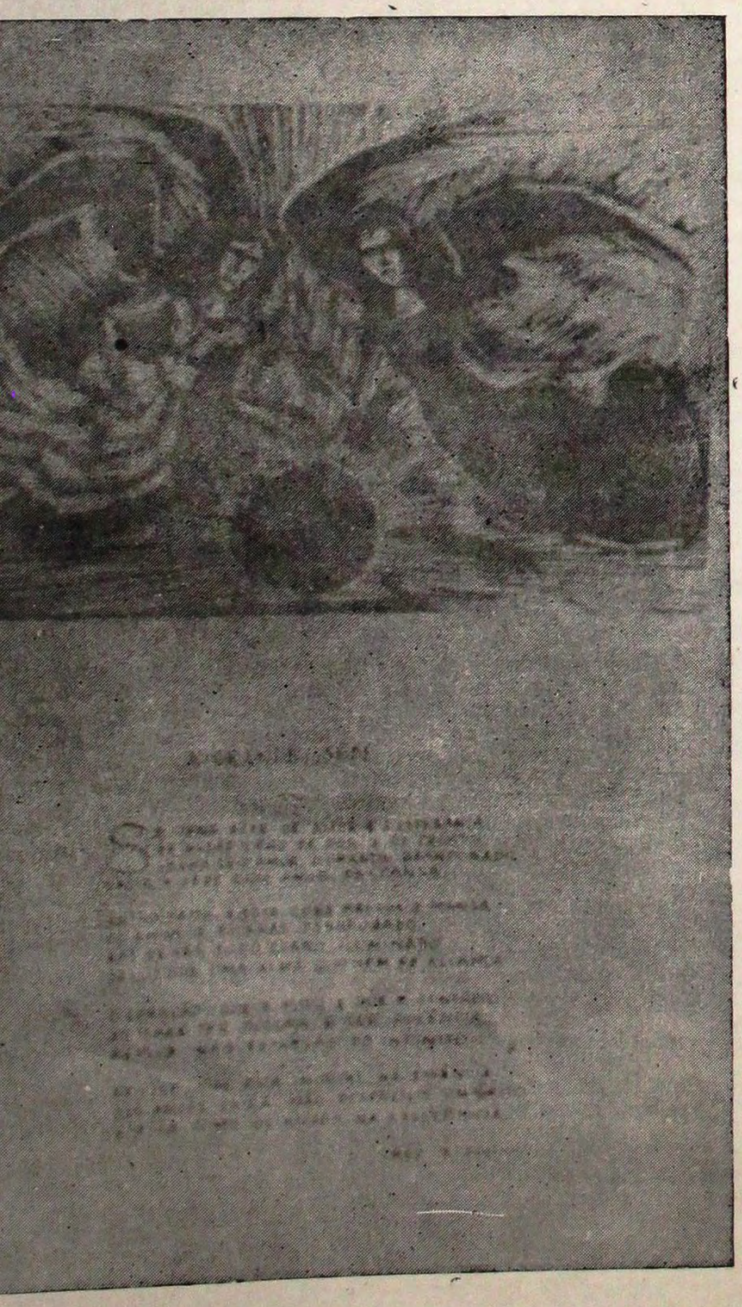
Como colaboração aos festejos, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis organizou um concurso de Poesia Ilustrada. Os concorrentes teriam que apresentar dois trabalhos: um, a ilustração do soneto "Sorriso Interior", escolhido pela Comissão e o segundo, de livre escolha do artista. Concorreram os seguintes artistas plásticos: Hassis, Jair Platt, Vechietti, Susana Mentz, E. Meyer Filho e Hugo Mund. Jr.

A comissão julgadora compunha-se do Prof. João Evangelista, Diretor do MAM, Prof. Eudoro de Souza, da Faculdade de Filosofia, indicado pela Diretoria de Cultura da SEC e escritor Silveira de Souza, escolhido pelos artistas expositores.

Foram premiados, por unanimidade, com respectivamente Cr$ 30 e 15 mil, em primeiro e segundo lugar, os pintores Hugo Mund Jr. e Ernesto Meyer Filho não havendo sido conferidas mensões honrosas.

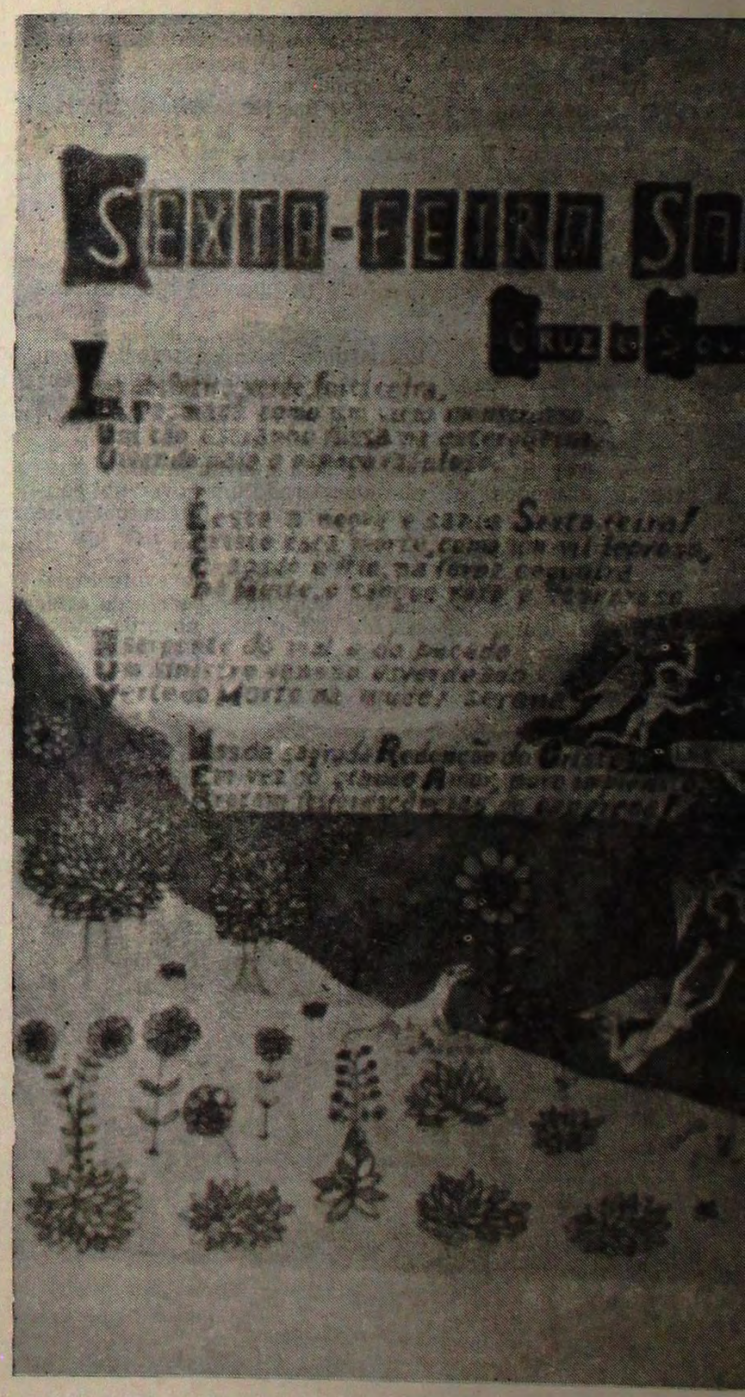
Reproduzimos os trabalhos premiados que ficaram expostos até o dia 24, devendo, a seguir, percorrer alguns municípios do interior catarinense.

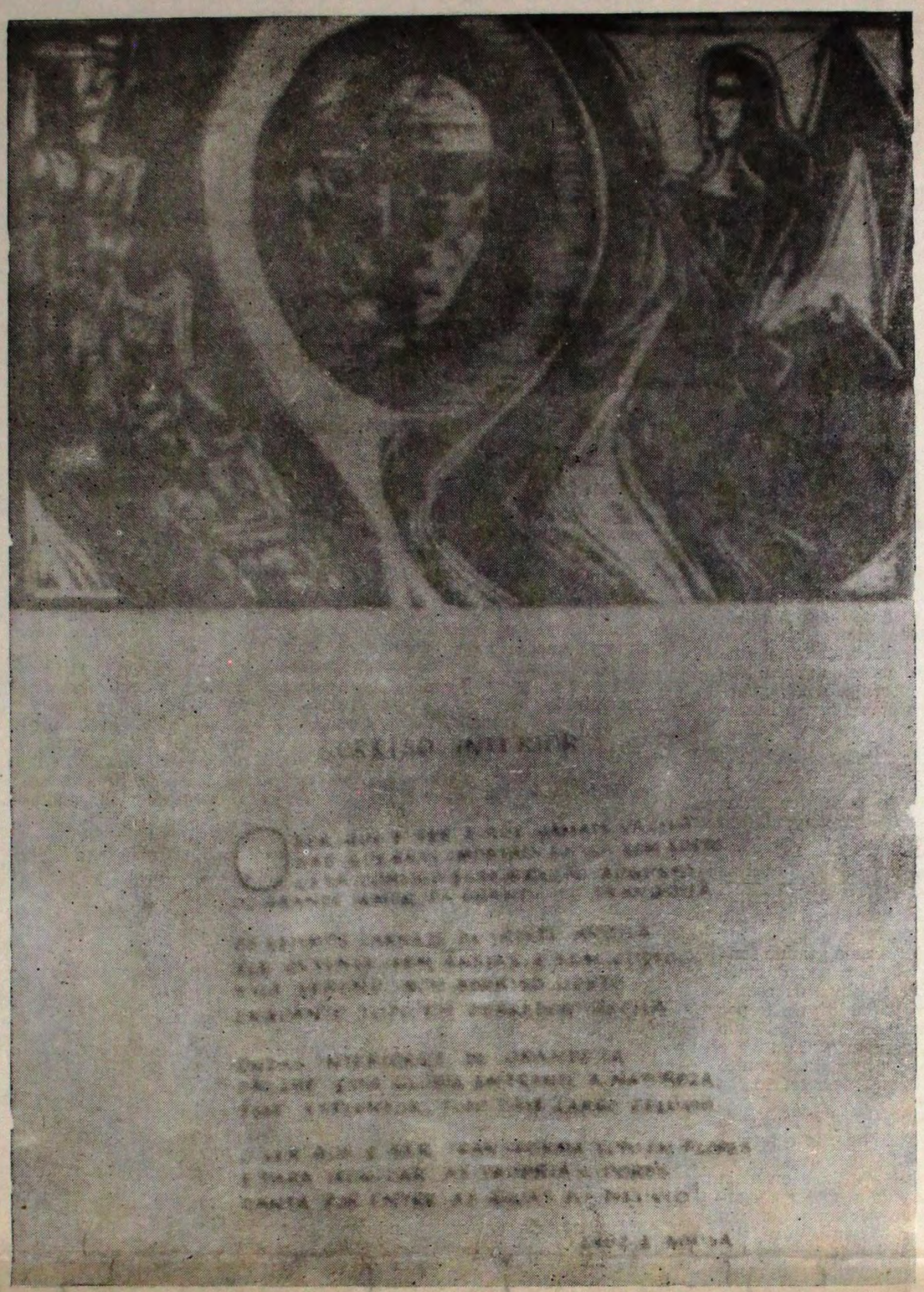




Dados cronológicos:

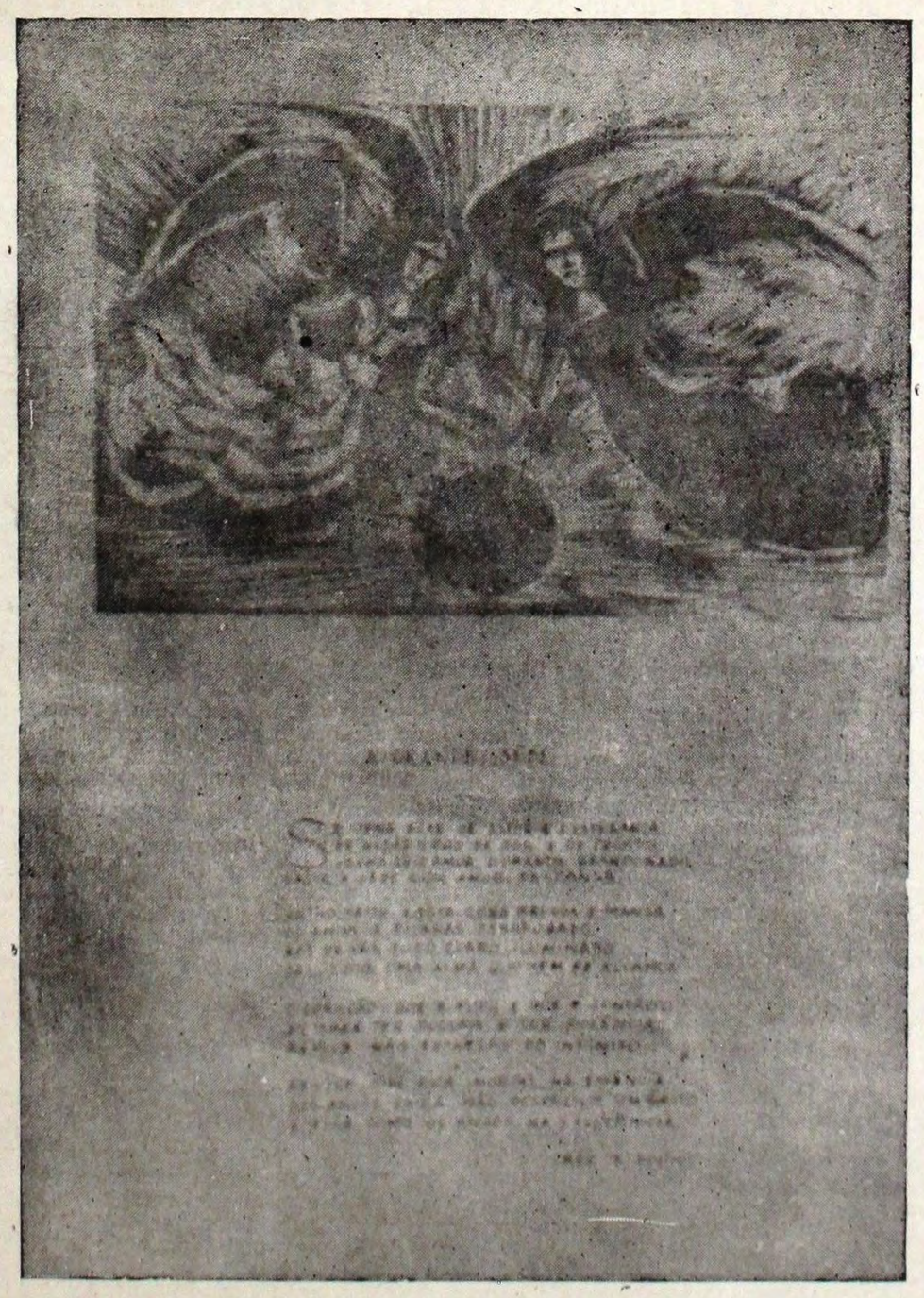
1861 — 24 de novembro, nascimento;
1882 — Aparecimento de "A Tribuna Popular";
1885 — Publicação de1885 — Publicação depts;1óõ .. ....
1885 — Publicação de "TROPOS E PHANTASIAS";
1886 — Excursão pelo Rio Grande do Sul e outros Estados;
1890 — Foi morar no Rio de Janeiro;
1890 — 24 de agôsto, falecimento de sua mãe;
1893 — Publicação de "MISSAL" e "BROQUEIS"
1893 — 9 de novembro, casamento com Gavita Rosa Gonçalves;
1896 — 29 de agôsto, falecimento de seu pai;
1897 — Adoece gravemente (tuberculose);
1898 — 19 de março, falecimento;
1898 — Publicação de "EVOCAÇÕES";
1900 — Publicação de "PHAROES";
1905 — Publicação de "ÚLTIMOS SONETOS".





1º PRÊMIO

H. MUND. JR.



Cruz e Souza —

Como colaboração aos fest
de Florianópolis organizou um
Os concorrentes teriam que a
a ilustração do soneto "Sorr
Comissão e o segundo, de liv
reram os seguintes artistas
Vechietti, Susana Mentz, E. M

A comissão julgadora con
gelista, Diretor do MAM, Pro
dade de Filosofia, indicado pel
e escritor Silveira de Souza,
tores.

Foram premiados, por
mente Cr$ 30 e 15 mil, em
pintores Hugo Mund Jr. e Err
sido conferidas mensões honro

Reproduzimos os trabalho
tos até o dia 24, devendo, a
cípios do interior catarinense.

Dados cronc

1861 — 24 de novembro, nasc
1882 — Aparecimento de "A T
1885 — Publicação de1885 —
1885 — Publicação de "TROP
1886 — Excursão pelo Rio Gra
1890 — Foi morar no Rio de Ja
1890 — 24 de agôsto, faleceme
1893 — Publicação de "MISSA
1893 — 9 de novembro, casan
çalves;
1896 — 29 de agôsto, faleceme
1897 — Adoece gravemente (t
1898 — 19 de março, faleceme
1898 — Publicação de "EVOCA
1900 — Publicação de "PHARO
1905 — Publicação de "ÚLTIM

Três palestras

Na Casa de Santa Catarina, nos dias 14, 16 e 18, de novembro foram proferidas três palestras, respectivamente pelos Prof. Aníbal Nunes Pires, Profa. Eglê Malheiros e Prof. Osvaldo F. de Melo, abordando aspectos da vida e da obra do grande simbolista catarinense. Damos, a seguir, trechos dêstes trabalhos, os quais, juntamente com o do acadêmico Nerêu Corrêa, pronunciado na sessão solene, serão reunidos em volume a ser editado pela Comissão encarregada das comemorações, conforme resolução numa das reuniões, para que assim tenham uma divulgação maior, como contribuição às comemorações, não ficando restritos ao ambiente de uma sala de conferências, mas levem, a todos os interessados em Cruz e Souza, a palavra dos catarinenses a respeito do maior vulto literário de Santa Catarina.

"O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente"

(Fernando Pessoa)

Em quase tôdas as nações, sòmente um pequeno número de indivíduos, se preocupa com êsses sêres predestinados que, com sentimento do mundo e com sua visão cósmica, conciente ou inconcientemente, lutam para libertar Prometeu. Mito que na mão dos gregos se converteu na encarnação dos sentimentos mais elevados, na encarnação das esperanças mais firmes

Cruz e Souza é um deles e tão poucos o conhecem. É por isso que o seu processo de canonização como poeta ainda não está concluído. Verdade que também na Igreja, para que os santos sejam oficializados santos, o processo deve ser demorado e bem estudado.

A canonização de Cruz e Souza como poeta ainda não se efetivou exclusivamente por nossa culpa.

Num país em que a percentagem de analfabetos é alarmante, onde a arte é considerada um luxo para enfeitar as fachadas de gente bem, onde o livro é inadquirível em virtude do prêço exorbitante, onde o estudo é dispendioso e ineficazi onde os problemas da cultura são adiados ou relegados; onde se prefere a repetição das idéias à tomada de uma atitude crítica, é evidente que opovo não pode se aproximar da Arte. É que tanto a criação como a apreciação da obra de arte, a sondagem dos seus mistérios, demandam esforço, persistência, luta e sobretudo um estágio de preparação cultural: De um lado o exercício do espírito criador e do outro a intenção séria ou, pelo menos, a boa vontade do ouvinte ou leitor ou espectadr. Que dizer dêsse último, na sua preparação para arte? Da captação precisa e completa da obra de arte que exige, por parte do contemplador uma intensa concentração espiritual? Para os cegos que prazer poderá haver a apresentação de poemas escritos e para os surdos que proveito há em ouvir poemas? Quando digo cegos refirome aos analfabetos e quando digo surdos refiro-me aos que nem ouvem a própria voz interior. E falando em termos do Brasil, é avassaladora a quantidade de cegos e surdos, acrescente-se ainda aqueles que não são surdos nem cegos, porém não querem ouvir, nem ver! O povo, com a sensibilidade e a intuição, pode e sempre se emociona com a Arte, mas, no que toca à poesia-palavra, **onde a oportunidade** de ouvir ou ler os poemas dos nossos valores literários?

Anibal Nunes Pires

Há nele, em primeiro lugar, uma viva e atuante curiosidade, uma vontade de saber, uma tendência cognoscitiva que é comovente. Ferido pelos preconceitos, êle precisa explicar. Querendo se afirmar como homem, e não como besta de carga, parece querer fazer suas as palavras de Terêncio: "nihil humanum mihi alienum puto, ergo homo sum". Se não adquiriu cultura mais profunda e sólida foi por falta de condições: o ambiente restrito de Destêrro, a árdua luta pela vida no Rio. Por outro lado deve-se esclarecer o argumento seu tanto acadêmico de que a Cruz e Souza falta base cultural. Em primeiro lugar: êle é Poeta, transmite-nos o mundo reconstruído através sua sensibilidade e explicado segundo sua inteligência, não lhe compete tratados de filosofia; em segundo lugar: no Brasil, como em outras nações jovens, o auto-didatismo é quase regra geral, e a formação universitária a exceção, a menos que se queira tomar por formação universitária a permanência por um determinado número de anos entre as paredes de uma Faculdade. Não nos sintamos inferiorisados por isso: o povo há de conquistar nossa libertação econômico social e o aprimoramento de nossa cultura será uma decorrência; lembremo-nos também que muitos são os que, comparando-nos com o ambiente muitas vêzes mofado e estático de universidades européias, invejam-nos o arroubo e a coragem criadora.

Apesar dos precalços, há um rumo definido nas buscas de Cruz e Souza. Êle não aceita a sociedade tal como se apresenta, quer transformá-la. Não aceita os valores decrépitos de uma sociedade escravista, busca novos, porém não encontra satisfatórios. A êle se adaptam bem as palavras que Antônio Gramsci escreve sôbre Leopardi, em suas cartas da prisão: — "Em Leopardi a crise de transição em direção ao homem moderno se encontra de maneira extremamente dramática; é o abandono crítico das velhas concepções transcendentais sem que no entanto setenha encontrado um novo "ubi consistam" moral e intelectual que dê uma certeza igual ao do que se abandonou".

Há na aceitação do evolucionismo não sòmente o desejo de estar em dia com o mais novo da Europa, mas também um desejo de transformação. Fôsse a teoria retrógrada é quase que João da Cruz não seria seu paladino. Ora, se desde criança lhe apresentaram o saber e as coisas de espírito como apanágio dos brancos, seria deles também a possibilidade de encontrar uma solução. Levando em conta que seus estudos filosoficos não são profundos, êle vai justamente aproveitar das filosofias européias as facetas que mais se combinam co msua maneira de sentir. Segundo Engels, a grande idéia de Hegel consiste em que "o mundo não pode ser concebido como um conjunto de **objetos** terminados, mas como um conjunto de **processos,** em que as coisas parecem estáveis, bem como seus reflexos mentais em nossas cabeças, os conceitos, passam por uma série ininterrupta de transformação, por um processo de gênese e caducidade".

Para João da Cruz e Souza tais principais deveriam representar um anúncio de libertação.

Eglê Malheiros

Talvez não haja maior fonte estilistica em sua obra, do que a sublimação dos impulsos sexuais, do erotismo, dos desejos de mobilidade e ascenção social. Cruz e Souza, quando moço, desejou ardentemente a mulher branca e como não a possuiu, transferiu na poesia e na prosa de sua primeira fase, esses impulsos a todos os seres e a tôdas as coisas. A lua era a monja branca da cela constelada. Ia à igreja, em sonho, e a Virgem lhe falava na "ideal resignação de ascetas que a febre dos desejos aquebranta." À mulher que o encantava, fazia elevarem-se "incensas que trescalam as luas virgens dos seios brancos". As flôres tinham "momentos de luxúria, aromas secretos e graças femininas".

Não precisamos chegar ao exagêro de Carlos Dantes de Morais e afirmar que no poeta "as manifestações artísticas decorrem tôdas do impulso sexual". Inegáveis, contudo, tais influências. A sua tendência, porém, para a transsubstanciação de tôdas as coisas, levou-o a sublimar os impulsos eróticos e de tal forma que, ao contrário do que se pense e se tem afirmado, em vez de no seu simbolário abastardar a religião com o sexo, quando, da cristalização de sua obra, elevou o sexo a dignidades até hoje poucas vêzes conseguidas na poesia brasileira.

Através de jogos fonéticos, Cruz incorporaria à sua técnica estilística, elementos de sublimação dos impulsos eróticos. Antônio de Pádua observou com argúcia que as bilabiais **b, p** e **m,** serviriam para a expressão velada das idéias nevróticas e de excitação sexual, e nos apresenta, entre outros, os seguintes exemplos:

Braços nervosos, brancas opu-
[lências,
Brumais brancuras, fúlgidas
[brancuras;
.....
Pureza hostil e púbere das po-
[mas...
.....
As mormas e magas magnólias
[embriagantes dos seios

Os seus anseios de classificação social, levaram-no, como já se salientou, a uma linguagem aristocratizante. Haja visto que os neologismos, não raros em sua obra, são sempre requintados: cirial, alvoral, tesourial, rubinoso, relicàriamente, etc.

A sublimação de seus desejos de mobilidade para melhor "status" social verifica-se nas **escadarias,** nos **vôos,** nas **asas**... "Na segunda fase de sua vida, a asa, como símbolo poético, expressa o desejo de ascenção social ou artística. O poeta decola sempre à noite: ruflar de asas que significa uma fuga ao esmagamento do dia" — acentua Abelardo F. Montenegro.

Osvaldo Ferreira de Mello

"quem tem um sorriso para a rosa do abismo"?

Há um universo de flôres e estrêlas no interior em farpas do poeta que se chama Carlos Felipe Moisés. E entre a **flor** e a **estrêla** um enorme abismo com cheiro de sonhos, noites, sóis e procura de sorrisos. Pertencendo ao grupo dos novíssimos de São Paulo, publicou recentemente pela Massao Ohno Editôra, "A POLIFLAUTA DE BARTOLO", com extraordinárias ilustrações abstratas de Cyro del Nero. Livro contendo quinze poemas, todos êles formando um espaço delicioso de mundos, ventos, rostos, mãos, noites, flôres, cantos, estrêlas, sóis, abismos, caminhos, olhos, sonhos, lágrimas, sorrisos, fantasias, corações e pedras. A profundidade de suas emoções é intensa, estendendo em todos os poemas um calor vivencial espontâneo que brota dos canteiros mais íntimos de sua alma de artista. Compreendemos seu amor às flôres, na maioria dos versos, onde encontramos ora a flor azul, ora a rosa, com a exuberância de suas côres, sempre misturadas em meio de abismos, cavernas e subterrâneos:

"Até que a flor azul
Ah! a flor azul —
transforma-se outra vez em noite
e cai sôbre Bartolo e a flauta".

As rosas giram em tôrno dêle, no seu "estar sòzinho", na sua verdade. Psicològicamente poderemos dizer que a procura de flôres seja talvez uma fuga para o maravilhoso, para o indefinido, para o indecifrável. Que as pétalas, nas variações de seus tamanhos, sejam as caminhantes mais puras para o levar até as regiões inatingíveis do ser. "DE MINHA BÔCA INÚTIL NASCEM ROSAS BRANCAS", condensa o verdadeiro sentido do conhecimento de seu "eu". A escolha do azul, do verde, do branco, do rosa, ressalta o conteúdo de seu procedimento manso. São côres que se entrechocam sòmente com o vivo-brasa da "Cirandola Vermelha", do sol que gira em sua temática, trabalhado com espírito de visualização. Mas o que realmente nos penetra em seus ângulos mais profundos é o seu devotamento pela noite, com todos os mistérios, esquinas e fantasmas:

"A noite veio, dispersou meu corpo
e os ventos me passearam pelo campo".

O noturno reflete seu coração imenso, borbulhando em São Paulo, com seu vozerio, com seus gritos estridentes. É a noite bandeirante ("CIDADE! CIDADE! MINHA DEUSA ENORME, OUÇO TEU CANTO FEROZ") com seus abraços vêsgos e loucas aventuras. Aventuras líricas e épicas, percorrendo os musgos das pedras antigas os músculos de concreto armado dos edifícios modernos. Mas o poeta também tem sua aventura e felizmente finaliza o que principia, dentro da noite ou dentro da tarde (a condução é a poesia). Lembra-nos SARTRE: "Alguma coisa começa para acabar; a aventura não admite prolongamentos artificiais" ("A NÁUSEA"). E Carlos Felipe Moisés não é artificial e muito menos artificializa suas tentativas, aventuras e vigílias poéticas. Hogg dizia para o universal poeta inglês Shelley que as criaturas grosseiras ignoram que as noites são os únicos momentos em que a alma se sente verdadeiramente livre. E o autor de "A POLIFLAUTA DE BARTOLO" sente-se livre na noite, na espontâneidade de suas criações, nos movimentos de suas aventuras. O que mais sensibiliza os sentidos não é ùnicamente sua preocupação pelas flôres, pelas estrêlas, pela noite ou pelo vento. É a temática do SORRISO E DO ABISMO, encontrada em tôda sua potencialidade e vivência no verso "QUEM TEM UM SORRISO PARA A ROSA DO ABISMO?". Cremos conter nesta expressão, o centro e a periferia de sua busca poética. A palavra sorriso é empregada constantemente, sempre num sentido demonstrativo de tristeza:

"Não haverá ninguém no mundo, meu Deus, que sorria sem os dentes brancos?"

A procura é de indagações infinitas. Precisa de um sorriso. Não importa que parta de um Oficial de Justiça, de um ateu, de um leitor de Kant, Schopenhauer, Papini ou Kafka, de um pintor, prostituta ou professor de Esperanto. O essencial é que haja um sorriso, principalmente para sua rosa, a rosa eterna-flor dos seus abismos. Sua única verdade é permanencer "só", para compreender a si mesmo e ao mundo. O **"ficar só"** dá maior unidade ao seu tédio. Êste mesmo tédio que constrói o vazio, seu "Cântico ôco". E continua a pesquisar as estradas para a aproximação de alguém que possa sorrir, desde que não seja o menino que foi:

"Que será do sorriso-menino que se espalhou pelo mundo".

Ao lado da **rosa** (que pode ser êle) e do **sorriso** (seu "menino interior") devemos concluir seu **abismo** como o estado em que vive, o "estar afundando sempre". Os novos poetas têm realmente a impressão de existirem entre abismos, isto talvez como fruto desta época de gargalhadas estranhas, de existência coroada por explosões e violências. E êle vive esta atmosfera de sensações, numa cidade plena de febre, de cansaço, dinamismo e saúde poética. Não pretendemos estudar aqui se há ou não influência de Fernando Pessoa, principalmente no que diz respeito ao ritmo. A originalidade é o coração de sua poesia tão pura de sentido. Tendo para mim que a maior qualidade de Carlos Felipe Moisés é **"falar quando tem alguma coisa para dizer"**, como Jacob P. Stein, personagem de um conto de G. K Chesterton. E o poeta sabe transmitir sua sensibilidade, seus sonhos estampados nos cantos, nos seus caminhos de flôres e estrêlas, sorrisos e abismos.

péricles luiz de medeiros prade

a "oratória patética" de svirídov

edson nelson ubaldo

Um dos nomes mais conceituados nos meios musicais eruditos da atualidade é o do compositor soviético George Sviridov. Sua fama teve início em 1935, quando contava apenas 20 anos, ao compor um ciclo de romanças baseado em versos de Pushkin. Daí por diante, durante um quarto de século, sua obra passou por diversas fases, sempre em busca da perfeição. Compôs comédias musicais, uma sinfonia, concertos para piano, músicas para cinema e espetáculos e vários quartetos para cordas. Mas foi na música de câmera que Svirídov conseguiu o aprofundamento do conteúdo e preparou o terreno para a sua consagração definitiva, que se deu com o poema sínfono-vocal "Recordação de Sérgei Esenin" e a grandiosa "Oratória Patética", sua obra máxima.

As composições instrumentais de Svirídov têm uma linguagem harmônica peculiar e são dotadas do mais típico e original desenvolvimento. Cada uma de suas últimas produções possui marcante imparidade e independência das demais. Porém, há um traço que as une: o cunho autênticamente revolucionário.

"Oratória Patética" traz à tona o dramático panorama do choque de dois mundos e a titânica imagem do povo revolucionário que triunfa. Embora se situem em planos diferentes, podemos comparar esta obra à sinfonia "Heróica" de Ludwig von Beethoven.

Os meios de expressão utilizados por George Svirídov, são simples e lapidários, baseados numa completa liberdade de escrituração musical e porisso atuam de modo enérgico e vivo. Há um significado especial no tocante à narração melódica, ao canto, às árias dos bailados, à canção lírica popular e às músicas do folclore. A "Oratória Patética" reune ainda os acordes das canções revolucionárias e dos hinos da guerra civil, que lhe conferem uma singular fôrça convincente. Outro grande mérito de Svirídov é o de ter sido o único compositor que conseguiu musicalizar à plena voz os versos de Vladimir Maiakovski (um dos mas celebrados poetas russos desta época), cuja pujança épica é um desafio a qualquer compositor. Svirídov conseguiu fazê-lo porque soube encarnar a beleza de pensamento do poeta, seu elevado idealismo e o fervor apaixonado de seus sentimentos.

Na "Oratória Patética" os versos do grande poeta soviético soam como um brado de heroismo que levanta e sacode a massa. O ardente discurso do orador, a narração melódica e o canto dos solistas e do côro, os interlúdios e postlúdios da orquestra, lacônicos, são pontos altos da monumental oratória. O desenho da paisagem, fugaz mas cheio de inspiração poética, é enriquecido pelo também breve, mas luminoso, quadro fônico da edificação popular. O resplandecente final possui um verdadeiro poder mágico, que nos impregna de incontível tensão interior, capaz de levar-nos aos maiores heroísmos.

Enfim, a "Oratória Patética" de George Svirídov é um dos grandes marcos da música atual, que impressiona pelos deliciosos contrastes dinâmicos e pela magnitude encantadora e subjugante, fruto de um grande talento, cujas características revolucionárias lhe conferem um lugar destacado no mundo tão complexo da música elevada.

vecchietti — TAPEÇARIA

avançamos, subindo um pequeno outeiro coberto de capim gordura e vassouras. Seguíamos ràpidamente, compenetrados, dando-nos a mão. No alto da colina recebemos o vento em cheio e avistamos tôda a costa, já tomada pela sombra. Amara ria alto abrindo o cortejo e tropeçamos. Era um caminho tortuoso e Leonel exclamou: — "Falta muito?". Era de todos o mais impaciente. Amara parecia divagar: "Na época de meu avô, o governador, tinha um caminho largo, de lajes, feito pelos condenados. Devia começar por aqui".

Mais ao longo já branqueava o solar, com suas doze janelas numa simetria inquietante. E às sete em ponto, assinaladas por um doce relógio, penetramos na casa. Tôda ela parecia suspirar por nós: a cortina inflada, o grande lampião aceso e a mesa posta, os quatro lugares .Não era o aspecto de uma casa abandonada há muito tempo o que ali tínhamos e tamanho aconchego nos emudeceu· A noite de carnaval chegava em ondas, amortecida, ritmada pelo vento.

Os olhos de Amara brilhavam:

— Êle preparou tudo! Nunca esquece nada!

Os cristais faiscavam e havia gêlo num balde. Começamos logo a beber e tudo decorria tranquilo, màquinalmente, e nos pusemos a falar das habituais loucuras. Nem Clóvis, o iniciado, parecia nervoso — isto nos agradava — e quase com ciúmes ví que nossa musa lhe apertava os dedos sob a mesa. E foi sem gravidade alguma que Leonel se dirigiu a êle, saudando-o:

— Porque os dogmas se transformam em cadeias e porque diante dos mistérios, qualquer proceder coedificado é orgulho, porque diante do mestre nos basta fé e aquilo que se nos exigem é sòmente sacramento, é com a maior simplicidade e sem qualquer cerimônia que o declaramos nosso quarto irmão, com o qual fechamos o círculo.

Dito isto bebeu um copo de vinho· E do interior da casa ouvimos um grito tão terrível que o vidro em minhas mãos estremeceu. Indiferente porém Leonel continuou:

— Foi um sinal imperceptível ao vulgar que nos revelou com segurança o nome dêste que a partir de hoje, anualmente, nos encontrará à mesa do nobre repasto.

Outro grito. Êste, rouco, prolongado, agonizante, se fêz ouvir e em seguida foi como se uma pilha de pratos houvesse caído e o orador não pôde evitar uma pausa. O silêncio por um momento nos dominou e a batucada chegava quase soprada, inclusa nos ruídos da noite.

— ...Uma vez ao ano em qualquer parte de nossa terra, por ocasião do carnaval celebraremos com júbilo essa fraternidade e o nome daquêle que todos os dias nos traz tanta consolação!

Uma aragem mui leve invadia o salão como a dilatá-lo e começamos a nos sentir zonzos. Uma hora se tinha passado desde que alí estávamos a beber. E Leonel ergueu a taça para o brinde final:

— Amara, a você, que êste ano nos forneceu o sítio tranquilo de nossa habitual ceia.

Lânguidamente agradeceu· Depois não se contendo mais, numa atitude grave, molhou os dedos na champanha e os agitou em direção de seu interlocutor. Tinha o rosto pálido, o sinal na face parecia saltar negro e a perna apoiada numa marqueza deu um piparote no balde de gêlo, que entornou. Pusemo-nos todos a riri e a cordialidade reinou. Alcancei a porta. Desci as escadas e o luar precisava os arredores. Minha cabeça rodava. Um cheiro forte de coisa queimada vinha dos fundos. Caminhamos ràpidamente, dei volta a casa, encontrando os mesmos homens do barco que tratavam de incinerar alguma coisa. Debruçados sôbre a chama, o velho do lábio cortado remexia as brasas, o rosto coberto de suor· A fumaça densa o fazia tossir e lacrimejar. Eram peças de roupa que se recusavam a arder. O segundo criado embebeu um par de sapatos de tênis em gasolina, atirando-o sôbre a lenha. A chama espoucou e subiu, viva, alegre, mas alguma coisa chiava no braseiro.

Voltei. Todos estavam à mesa e à esquerda de Amara sentada à cabeceira, o homem altivo folheava uma pequena caderneta escolar e pareciam divertir-se muito olhando a fotografia inexpressiva de um menino louro de seus quatorze anos. Leonel e Clóvis balançavam as cabeças com aspecto grave de crianças constipadas. Auxiliado pelo mesmo acólito, o eterno velho pôs-se a servir o jantar·

— Pescaram uma sereia!

— Amara não perde tempo de fazer espírito!

Abriram a enorme sopeira e um vapor agradável encheu o ar. Grandes vidros repletos de frutas foram colocados nos extremos da mesa e a toalha alva fosforecia de tão clara. Fiel a sua profissão de evitar tôda atitude grave, entre ríspido e brincalhão Leonel advertiu:

— Agora depressa! A baleeira não tarda. E não devemos perder o baile.

O homem altivo voltou-se e apontou-me o mar: — Lá.

A pequena ilha reverberava ao crepúsculo e saltamos para a baleeira: Clóvis, Leonel, Amara, ainda envergando suas fantasias e eu. Seguimos em linha reta dentro da baía e era meio assustador ver como a cidade se afastava, mudando de aspecto como um rosto que se enfurece. O ruído da embarcação nos fazia silenciosos e as duas figuras na prôa também ocultavam-se em mudez. O mais velho tinha o lábio rasgado e sorria sempre. O mar encrespava e quando atracamos escurecia e as sêdas de nossa amiga brilhavam penosamente fôscas. Ficamos sós, os quatro. O barco se afastou da praia e

a noite

rodrigo de haro

Florianópolis

29 CRUZ e Sousa teria hoje 137 anos. **O Estado**, 24 de nov. de 1998. Cultura

Cruz e Sousa teria hoje 137 anos

O poeta Cruz e Sousa estaria completando hoje 137 anos, se fosse possível viver todo esse tempo. Nascido na Ilha de Nossa Senhora do Desterro em 24 de novembro de 1861, filho de escravos, ele se tornaria não só o maior poeta catarinense, mas um dos expoentes da poesia brasileira de todas as épocas.

Negro numa sociedade escravagista e preconceituosa, somente o formidável talento e a grandeza da obra lhe permitiram esgaçar os estreitos limites da elite local, sempre agarrada aos confortáveis e covardes pretextos segregacionistas. Cruz e Sousa viveu apenas 37 anos e morreu, por coincidência, no mesmo ano em que a Princesa Isabel assinaria a abolição da escravatura no Brasil. Mas, falecido em março, por pouco deixou de ver seu sonho realizado.

Escapando do destino comum que esperava as crianças negras no Brasil colonial, Cruz e Sousa teve a sorte de freqüentar a escola e de se alfabetizar pelas mãos de dona Clarinda Fagundes de Souza, em cuja a casa a família do futuro poeta vivia e trabalhava. Muito jovem, já se dedicava aos polêmicos embates do jornalismo dos fins do império, engajado com as lutas do seu tempo.

Enquanto viaja pelo país buscando apoios para a campanha abolicionista, escreve poesia. Seguidor da vanguarda francesa, Cruz e Sousa inaugura o simbolismo no Brasil. Já foi dito que sua obra é feita de "pranto e luar, sangue e sensualidade, lágrimas e terra". Aliou genialidade a um rigor meticuloso. Celebrado só depois de morto, o Poeta do Desterro foi um homem apaixonado, autor de versos transcendentais que ganharam a admiração do mundo.

Comparado a Mallarmé, Rimbaud e Verlaine, Cruz e Sousa desafiou o mundo com sua escrita contundente. Crítico lúcido e corajoso, rejeitava a conduta de certas elites brasileiras, adeptas da abolição da escravatura apenas para parecer civilizada. "Não se liberta o escravo por pose, para se mostrar elegante frente às nações cultas".

A data do centenário da morte do poeta, em março deste ano, foi fartamente comemorada na Ilha que já foi do Desterro. Mas não custa lembrar que hoje ele estaria de aniversário.

30 MUZART, Shaidé. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva**, n. 366, 13 de jun. de 1996.

30

Vozes Veladas, Vozes Sufocadas

Zhaidé Lupinacci Muzart
professora/UFSC

De autoria de Eglê Malheiros, a peça *Vozes Veladas*, cujo título transcreve famoso verso de Cruz e Sousa (quem não se lembra dos exemplos para o estudo da aliteração?), além de revelar a estreita ligação com o poeta de *Violões que Choram*, já demonstra parte da temática: vozes veladas, vozes sufocadas - a do poeta, as de seus pais e amigos, apresentando, em *off*, as vozes da crítica e da historiografia literária.

Nesse peça, vamos encontrar um diálogo cerrado com os textos de Cruz e Sousa: poemas, textos em prosa poética e textos de combate, publicados no seminário *O Moleque*, no tempo em que ele foi o editor-chefe (1885). O trabalho de Eglê Malheiros revela a leitora apaixonada pelo poeta. Recriando a vida de Cruz e Sousa, nos principais fatos - suas ligações familiares com o pai e a mãe, sua amizade com Juvêncio Figueredo e Nestor Victor, seu amor por Gavita, as dificuldades de vida no Rio de Janeiro, a loucura da mulher, a última viagem a Sítio, em Minas Gerais e a morte -, a peça toca nos problemas enfrentados pelo poeta sendo, o *leitmotiv*, a questão do racismo que o acompanhou toda a vida. Esse motivo da peça o é também da vida, não mais do poeta mas da autora. Apaixonada defensora dos injustiçados, Eglê Malheiros foi sempre uma batalhadora pelos direitos das pessoas, pelo direito de ser gente num país de injustiças tão flagrantes, tão ostensivas!

Na peça, Eglê aborda, principalmente, do ponto de vista de Cruz e Sousa, o sentimento profundo de injustiça decorrente do racismo. Tal tema, apesar da influência da escola simbolista, sempre transpareceu em sua poesia. Injustiça por ser considerado um *fenômeno* com tantos dons "apesar de negro", injustiça por não ver valorizada sua obra, em vida, injustiça por morrer tão jovem em decorrência da miséria. A autora extrapola da vida de Cruz e Sousa para levar-nos a pensar a questão do racismo com relação a todos aqueles que não puderam, mesmo tendo os dons, ser outros cruz e sousas, aqueles que marginalizados pela cor, morreram silenciados.

A questão que se poderia colocar, lendo *Vozes Veladas*, é até que ponto a linguagem da arte pode/deve ser engajada.

Conforme o dramaturgo e professor de teatro Aldomar Conrado (V. A Notícia, 24/outubro/93), que aqui esteve para o Festival Isnard de Azevedo, em 1993, o teatro *tem de ser revolucionário, na medida em que deve insistir em dizer para a platéia o que é feito para as pessoas pensarem. As pessoas precisam saber que estão no teatro, opondo-se ao ilusionismo burguês*. Sobretudo, na nossa época de pseudo-modernidade neoliberal, um trabalho de resistência, que despreze a corrente dominante merece louvor.

A peça faz pensar no problema da injustiça social, em nosso país. Saindo da época de Cruz e Sousa, a peça nos coloca seriamente a questão do racismo e da miséria, no Brasil. Enquanto nossos governantes salvam bancos e banqueiros, as escolas caem em pedaços e a infância brasileira fica cada vez mais abandonada, entregue às ruas e aos traficantes.

PROGRAMAÇÃO DE CINEMA

Esta é a programação do Centro Integrado de Cultura (CIC). Eletricitário paga meia entrada, mediante apresentação de carteira do sindicato.

13 e 14 de junho

19 horas **- Quando a Noite Cai**

21 horas **- O Outro Lado da Nobreza**

sábado - 15 de junho

19 horas **- O Balão Branco**

21 horas **- Se Ficar Pior Você Morre**

domingo - 16 de junho

17 horas **- O Carteiro e o Poeta**

19 horas **- O Balão Branco**

21 horas **- Se Ficar Pior Você Morre**

Artes Plásticas

Estão abertas, até 10/07, as inscrições para a 3ª Mostra Coletiva de Artes Plásticas que o Sinergia está promovendo, com o apoio da Elase e Abecelesc. Podem participar eletricitários e seus dependentes. Maiores informações pelo fone: 222-3866. Se você deseja integrar a comissão organizadora do evento, entre em contato conosco.

Música

A cantora Cibele Oliveira, que já ministrou oficina no Sinergia, estará apresentando seu show "*Quem Canta, Seus Males Espanta*" no dia 18/06, às 21 horas, no TAC e dia 27/06, às 19 horas, no auditório do Centro de Convivência da UFSC. Ingressos a R$ 8,00. Sócios do Sinergia, com apresentação da carteirinha, pagam R$ 4,00.

31 SANTA Catarina promove romance com Prêmio Cruz e Souza. **Jornal de Brasília**, 6 de jun. de 1982. Jornal de Domingo.

LITERATURA

Santa Catarina promove romance com Prêmio Cruz e Souza

Para os poetas, Cr$ 1 milhão é um prêmio tentador. Foi o que ofereceu, no ano passado, o governo do Estado de Santa Catarina, ao instituir o Concurso Nacional de Poesia — Prêmio Cruz e Sousa.

Este ano chegou a vez dos romancistas. E o prêmio foi duplicado. Serão Cr$ 2 milhões.

Mas além da premiação, da promoção em caráter nacional, há ainda um outro atrativo: a edição da obra vencedora, numa edição da Fundação Catarinense de Cultura e com distribuição nacional.

Para o concurso de poesia compareceram 2.300 concorrentes, de todos os estados brasileiros e de brasileiros residentes no exterior.

Ao final de meses de trabalho, foram classificados: Ruy Espinheira Filho, baiano, com **As sombras luminosas**, 1° lugar; Yone Gianetti Fonseca, mineira residente em São Paulo, com **Mulher**, 2° lugar; Osmar Pisani, melhor original de autor catarinense, com **As paredes do Mundo**.

Se Ruy Espinheira Filho já era um nome de boa projeção, com vários outros livros publicados; e Osmar Pisani, conhecido por sua obra poética e sua atividade de crítico de artes plásticas, Yone embora com dois livros de poesia publicados e bem recebidos pela crítica, não tinha a divulgação que seu trabalho merecia. Uma poesia forte e lírica ao mesmo tempo, marcando sua presença como uma das vozes mais expressivas da moderna poesia brasileira. **Mulher** é um longo poema formado por poemas independentes, mas interligados pelo clima e pela preocupação com o dizer poético e com a situação da mulher na sociedade. Eis como ela inicia seu livro:

"Quando nasceu a menina,
Seu deus-pai-dono do mundo
E sua mãe de espinha curva
Decretaram seu destino:
Serás flor amordaçada,
Cama e mesa de marido,
Terra de frutos futuros
E depois canteiro murcho."

E mais adiante:

"Meu dia de tristeza é quase sempre,
Meu dia de alegria é quase um crime
Meu dia verdadeiro é sal na língua
Meu dia de beleza é onde me esqueço".

Diante do resultado, da aceitação do concurso e do seu, significado, o governo catarinense, resolveu instituí-lo. Mas vai, a cada ano, dedicá-lo a um gênero diferente. Assim, se neste ano será a vez dos romancistas, o próximo será dos contistas, seguindo-se um de ensaios. E certamente, de ano para ano, os prêmios irão sendo aumentados. Mas as condições para participação continuarão as mesmas:

Basicamente o regulamento é o seguinte: 1° prêmio, Cr$ 1 milhão e a edição do livro pela Fundação Catarinense, de Cultura; 2° prêmio, Cr$ 500 mil e opção de edição para a Fundação Catarinense de Cultura; prêmio especial para melhor original de autor catarinense, Cr$ 500 mil e edição do livro.

As inscrições já estão abertas e irão até 15 de agosto. Os originais, inéditos, com pseudônimo, um mínimo de 49 laudas, datilografadas a espaço dois, deverão ser remetidas para a Fundação Catarinense de Cultura, R. Victor Konder 71, Caixa Postal, D-71, Cep 88.000, Florianópolis, Santa Catarina.

A divulgação, no todo ou em parte, do original, por qualquer meio, eliminará automaticamente o candidato.

A entrega dos prêmios, numa festa em Florianópolis, que contará com a presença de escritores brasileiros de todo o país, além dos vencedores, está marcada para o dia 30 de outubro.

E se a comissão julgadora do concurso de poesia contou com nomes da expressão de um Adonias Filho, Armindo Trevisan, Fausto Cunha, Ferreira Gullar e Marcos Konder Reis, e deste ano, de romance, terá os nomes dos escritores Antônio Houaiss, Guilhermino Cesar, Hélio Pólvora, Nereu Correia, e Otto Lara Rezende.

Quando se sabe da dificuldade que encontram os escritores, sejam eles novos ou conhecidos, para conseguirem editar seus livros, o que vem sendo feito através deste como de outros concursos que proliferam pelo país, e das outras possibilidades para o escritor brasileiro. Além de incentivá-lo, abre-lhe as portas do mercado editorial, permitindo, muitas vezes, que outros livros seus, ou de participantes dos concursos, sejam também editados.

32 COSTA, Cristiane. Surpresas de Cruz e Sousa. **Jornal do Brasil,** 13 de jan. de 1996.

Jornal do Brasil 13/1/96

32

Surpresas de Cruz e Souza

Pesquisador descobre textos não incluídos em edição das obras completas do poeta

CRISTIANE COSTA

Aranhas, traças e cupins foram, durante quase meio século, os únicos interessados naquelas dezenas de envelopes cheios de papéis velhos, empilhados no fundo de um armário, num subúrbio do Rio de Janeiro. Com letra desenhada a bico-de-pena, ou datilografada numa primitiva máquina de escrever, foram retirados da poeira 64 poemas inéditos de Cruz e Souza, considerado pela crítica contemporânea como um dos maiores poetas simbolistas do mundo — Roger Bastide o coloca no nível de Mallarmé. Em março, estes *Poemas inéditos* serão publicados pela editora Papa-Livro, de Santa Catarina, terra natal do poeta negro que, em sua vida trágica, nunca teve a genialidade reconhecida.

Estes 64 textos inéditos, passados de pai para filho na família de Araújo Figueredo — também escritor e grande amigo de Cruz e Souza —, aparecem num momento de revalorização do poeta, com a publicação de *Obras completas de Cruz e Souza* pela Nova Aguilar (900 páginas, R$ 58), já acrescidas de 100 poemas e cartas inéditas. Para se ter uma idéia do esquecimento a que Cruz e Souza estava relegado, suas obras completas estavam esgotadas há nada menos que 34 anos. A descoberta de tantos inéditos vai garantir uma nova fonte para estudos sobre Cruz e Souza às vésperas de seu centenário de morte, daqui a dois anos.

Desconhecidos até mesmo pelo responsável pela edição das obras completas, Alexei Bueno, os manuscritos pertencem à Biblioteca Nacional desde 1991. Nesta época, por interferência do pesquisador Uelington Farias Alves, a família Araújo Figueredo vendeu o pequeno tesouro, até então guardado no canto do armário, por 4 milhões de cruzeiros. "Publicar uma obra completa é um trabalho que não acaba nunca", justifica Alexei. "Principalmente se o autor em questão é uma pessoa como Cruz e Souza, que viveu em mais de um estado e tem uma obra muito dispersa", acrescenta, antes de remeter a um trecho da apresentação do livro: "A presente edição não esgota a totalidade de textos a aparecer(...) Seria temerária, no entanto, a coleta ou a reprodução apressada desses textos antes da publicação cuidadosa por parte dos pesquisadores responsáveis por sua descoberta, única maneira de se estabelecer um texto fidedigno e com garantias de atribuição (...)"

Para chegar aos 64 manuscritos, que datam do período entre 1883 e 1889, o pesquisador Uelington Farias teve que fazer um verdadeiro trabalho de detetive.

Sessenta e quatro poemas ficaram, durante quase meio século, relegados à poeira e ao esquecimento

Autor de *Reencontro com Cruz e Souza* (Prêmio Sílvio Romero de 1991) e *O abolicionista Cruz e Souza*, Uelington fez uma lista com o nome das pessoas que conviveram mais de perto com o poeta e partiu para Santa Catarina em busca de seus descendentes. Descobriu, além dos inéditos que a família Araújo Figueredo zelosamente guardou todos estes anos, a correspondência entre o governador Gama Rosa e o imperador Pedro II, pedindo autorização para nomear Cruz e Souza promotor de justiça. O problema: poderia um negro julgar um branco?

Apesar da concordância do imperador e da indiscutível cultura do poeta, um filho de escravos analfabetos que dominava o inglês, o francês, o latim e o grego, a nomeação foi impugnada pelos políticos locais. Vítima do feroz preconceito racial que fez com que o Brasil fosse o último país a abolir a escravidão, Cruz e Souza morreu na miséria, aos 37 anos, nomeado apenas para o cargo subalterno de praticante de arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil. A doença que o matou, a tuberculose, levou logo depois a mulher (que ficou louca) e os quatro filhos.

Em títulos como "Cantiga da miséria" (Que angustiosa e comprida/a luta que me asfixia,/Que negra vida sem vida,/Virgem Maria!), Cruz e Souza já antecipa, nestes poemas e sonetos inéditos, o destino de uma vida sempre marcada pelo estigma racial. Escritos numa fase intermediária de seu trabalho — antes da ruptura total com o parnasianismo e a materialização dos ideais simbolistas, que ocorreria no Rio de Janeiro a partir de 1891 — os textos revelam um bucolismo exacerbado e uma importação acrítica dos ideais estéticos da poesia européia.

Apesar de ter se casado com uma negra, e desde cedo lutado pela abolição da escravatura, Cruz e Souza não ficou imune aos encantos das alvas musas, como revela em "Idealizações": "Os meus desejos perdem-se de manso/Nesse teu colo alvíssimo e celeste/Que eu de adorar nunca os meus olhos canso." Em "Cabelos e olhos", o negro Cruz e Souza também celebra a beleza branca. "Na escura treva espessa de uns cabelos/No loiro sol doirado de umas tranças,/Que de amorosos e profundos elos,/Quanta ilusão e quantas esperanças." Aparentemente, esta paixão pelas mulheres diáfanas não ficou só no plano poético. Segundo seu mais conhecido biógrafo, Andrade Muricy, consta que Cruz e Souza apaixonou-se uma vez por uma pianista alemã, mas não foi correspondido.

Outros escritos revelam um ativismo semelhante ao de Castro Alves na exibição dos tormentos nos navios negreiros. Em "Trovas", Cruz e Souza fala de 40 cativos que são trazidos para o Brasil "Todos à roça, ao trabalho,/Doentes ou não doentes,/Sob o maldito espantalho/Dos chicotes reluzentes." O paradoxo entre os dois temas reflete a divisão na alma de um homem negro, mas livre, dividido entre o ódio ao sistema escravagista e o amor à cultura européia. Um personagem complexo simbolizado por Cruz e Souza.

Quatro poemas inéditos de Cruz e Souza

Águia do ideal

A arte!?...a arte!?...O sentimento, a estética,
Todo o conjunto de paixões estóicas,
— Sérias paixões — originais, heróicas
E acentuadas pela luz elétrica;

Esse vigor alevantado e novo,
Forma o brazão de quem trabalha e gera
No seu talento em claro sol que impera ...
— Sol triunfante que deslumbra o povo!

E tu que és, excepcional criança,
D'um povir belo a delicada esp'rança,
A estrela d'alva de arrebóis cingida;

Do palco, em meio, a genial coorte,
Segues na vida sem pensar na Morte ...
Foges da morte ... procurando a Vida!...

Trovas

Um brigue de velas pandas,
E bandeirolas nos mastros,
Andou por aquelas bandas,
Rutinado pelos astros.

Rutinou sempre p'ra Leste,
Com marujosos portugueses,
E ao cabo de muitos meses
Voltou com vento Nordeste.

E o que trouxe ele no bojo?
— Trouxe quarenta cativos;
Peitos tristes, aflitivos,
No mais tristíssimo apojo.

E assim que foram chagados
Batizou-os o vigário.
E depois de batizados,
Que suplício extraordinário!

Todos à roça, ao trabalho,
Doentes ou não doentes,
Sob o maldito espantalho
Dos chicotes reluzentes.

E quem, triste, se queixava
De não ter força e saúde,
Incontinente apanhava
A chicotada mais rude.

Abstração

Cava, investiga a fonte dos instintos,
Da grande Ciência prodigiosa e viva...
Busca na escura Idade primitiva,
Desce aos antigos, fundos labirintos.

Que nunca mais como apertados cintos
De aço, tu tragas a razão cativa;
Que sintas cada vez mais expressiva
A luz, e os erros para sempre extintos.

Porém por mais que tanto te aprofundes
Que a humanidade, os séculos inundes
Com toda a ciência que o teu crânio encerra;

Sempre terás, homem moderno, a mágoa
Do princípio de tudo — como o da água
Que livre sai do coração da terra.

Lágrimas

Lágrimas tu! mulher encantadora!
Não te bastara então essa pobreza,
Era mister pagar à natureza
O tributo da dor esmagadora?

Era preciso à luta vencedora
Dar um quinhão de sangue de pureza
Cristalizado em lágrimas, na acesa
Voragem de uma vida aterradora?

Sim, todos nós andamos por calvários,
Deixando as almas, castos relicários,
Entre as brumas chorosas do desgosto.

Chora! e eu que beba, humílimo de rastros,
As lágrimas que choras, como uns astros,
Como estrelas no céu desse teu rosto.

33 CRUZ e Sousa: o louco da mortal loucura faz aniversário. **A Notícia**, 24 de nov. de 1998. Anexo

Anexo

TERÇA-FEIRA • 24 DE NOVEMBRO DE 1998

HIRIO SEGUROS
A GARANTIA DE UM BOM SEGURO
Fone/Fax: 425-2620

No dia do nascimento do poeta, programação do centenário chega ao fim refletindo a vida do homenageado: sucessos e fracassos

Cruz e Sousa

o louco da imortal loucura faz aniversário

MAURÍCIO OLIVEIRA

Florianópolis — Hoje, dia em que se completam 137 anos de nascimento do poeta catarinense João da Cruz e Sousa, é também o encerramento oficial da programação que lembrou o centenário de morte do simbolista, vitimado pela tuberculose em 19 de março de 1898. O Ano Cruz e Sousa foi instituído em 24 de novembro de 1997, durante solenidade na Assembléia Legislativa. De lá para cá, alguns projetos relacionados ao tema foram efetivados, enquanto outros ficaram só na intenção.

Um dos que foram levados adiante é a peça "Vozes Veladas", do Grupo Pesquisa Teatro Novo, baseado em texto de Eglê Malheiros, que estréia hoje no Teatro da Igrejinha da Universidade Federal de Santa Catarina. Estão previstas apresentações diárias até o dia 30, sempre às 21 horas. O cenário da peça inclui um palco dentro do palco, já que Cruz e Sousa chegou a exercer a função de "ponto" em espetáculos teatrais (ponto é a pessoa que fica no fosso do palco, dizendo as falas não decoradas pelos atores). Os figurinos, criados por Lou Hamad, são inspirados no estilo barroco. "Tanto o elenco quanto a equipe técnica foram tomados pelas viscerais palavras do poeta", elogia a diretora Carmen Fossari.

Quem também conseguiu cumprir o planejado foi o cineasta Sylvio Back. Com duração estimada de 70 minutos, o filme "Cruz e Sousa, o Poeta do Desterro" deve estrear em março. A primeira exibição está assegurada a Florianópolis, que, além de berço do poeta, teve seus principais prédios históricos e praias transformados em cenários do filme. Foram nada menos que 30 locações na Ilha.

Sem diálogos, "O Poeta do Desterro" estrutura-se em 34 trechos de diversas obras de Cruz e Sousa, selecionados com a intenção de revelar ao espectador a trajetória do filho de escravos que desde cedo demonstrou vocação para a poesia. O título lembra tanto o antigo nome de Florianópolis como a situação de extrema pobreza enfrentada pelo poeta.

Para o artista plástico Rodrigo de Haro, responsável pela direção de arte do filme, Cruz e Sousa sofreu preconceito sobretudo pela ideologia do movimento simbolista, contrárias à tendência política da época. "Mesmo que não fosse negro, ele seria destruído e morreria na miséria", deduz.

O balanço do ano do centenário de morte de Cruz e Sousa é positivo, na avaliação do presidente da comissão responsável pelos eventos relacionados à data, o escritor Iaponan Soares. "Mesmo sem verbas, conseguimos motivar as discussões sobre Cruz e Sousa", diz. A Comissão editou nove livros e trocou informações com entidades de outros Estados interessadas na obra do poeta. "Acredito que Cruz e Sousa está um pouco mais conhecido em todo o Brasil", avalia Iaponan.

Mesmo assim, houve insucessos e decepções. Uma delas partiu da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, além de extinguir a disciplina Literatura Catarinense do Curso de Letras, transformou Cruz e Sousa num mero figurante do vestibular. Ele foi citado apenas de passagem em duas questões, cujo foco eram as obras de outros autores.

Para o Governo Federal, a prioridade foi o centenário de nascimento de Monteiro Lobato. Até a criação de um selo pelos Correios, em homenagem a Cruz e Sousa, foi complicada e precisou da intervenção de políticos catarinenses junto ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

NOSSO BARDO **Retrato do poeta quando jovem: consciência sobre as dores do mundo**

Condição social empurrou poeta ao Simbolismo

MARLI RUDNIK

Blumenau — Cruz e Sousa começou a se revelar na poesia como um romântico, mas seu destino estava traçado pelos deuses e sua condição de negro filho de escravos fatalmente o levaria pelos caminhos dos versos amargurados, trágicos. Para estudar o estilo do poeta na fase mais amadurecida de sua obra, a professora Eglê Malheiros, da Universidade Federal de Santa Catarina, vai buscar referências na sociedade escravista que regia o Brasil no final do século passado. Um país que, na contramão do resto do mundo, onde o iluminismo marcava o início da modernidade, ainda mantinha a escravidão, convencionando que negros eram apenas "bens semoventes".

Se no Desterro, terra onde tinha amigos e referências, Cruz e Sousa já representava a negação de tudo o que a sociedade da época acreditava, sua trajetória teve inflexão definitiva quando resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro. Lá esperava mais compreensão e liberdade de expressão, mas encontrou sua pior barreira, sofrendo mais forte o sarcasmo e o preconceito. Por outro lado, conquistou sua realização pessoal no encontro com Gavita. "Numa época em que era impensável ao homem negro se relacionar com mulher branca, Cruz e Sousa descobriu em Gavita a síntese de que amor e sexo não se distinguem", analisa Eglê Malheiros.

A desilusão do Rio de Janeiro motivou o poeta. Foi lá que produziu a maior parte de sua obra, e a mais densa, tanto na poética como na prosa, bebendo na fonte amarga da discriminação. Poemas com um jogo de contradições, entre palavras estranhas e versos de sete pés, em redondilha maior, que são familiares a todos os ouvidos. Para Eglê há uma mensagem poética nesta forma, como se o poeta abrisse uma porta e oferecece um mundo. "Este mundo estranho, tétrico, enigmático, é o mundo que nos diz respeito. Em que vivemos e fazemos outros viverem", compara.

Outra característica deste período é a repetição sem culpa de certas palavras-chave, usadas de acordo com a necessidade do poeta. "Sonho" era sua preferida, como uma redoma de que precisava para continuar a existir. "Há um limite que a pessoa pode sofrer, antes de enlouquecer ou morrer. Como não queria enlouquecer nem morrer, o sonho era seu ponto de recuperação para poder continuar a lutar", explica a professora. Mas sonho também era a projeção de um poeta que esperava pela mudança em seu país, com a República e a abolição da escravatura.

Anexo recebe hoje Medalha do Mérito Cultural

NILSON BASTIAN

DIVERSIDADE **Caderno abre espaço para arte**

O jornal **A Notícia** recebe hoje a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa pelos serviços prestados, através do caderno *Anexo*, ao desenvolvimento da cultura catarinense e à defesa do patrimônio histórico do Estado. Esta é a primeira vez que um órgão de imprensa recebe tal prêmio, instituído pelo governo do Estado em 1994 para condecorar pessoas ou entidades que tenham se destacado na área artística de modo geral.

Outras nove medalhas serão entregues na solenidade programada para as 10 horas no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. Vão ser condecorados Danilo Cunha, Gilberto Gerlach, Darcy Brasiliano, Aldo Nunes, Doralécio Soares, Elke Hering (in memorian), Eglê Malheiros, Lindolf Bell e Grupo Atormenta.

Criador do prêmio durante seu gestão na Fundação Catarinense de Cultura, o escritor Iaponan Soares disse que a escolha do *Anexo* cumpre uma justa homenagem: "A Notícia é dos poucos jornais do País, e único do Estado, que mantém um caderno cultural. Hoje, a tendência dominante é o estilo variedades, que não se aprofunda em nada". Para Iaponan, o *Anexo* "espelha a atividade cultural do Estado, refletindo esse mosaico de inquietações". O escritor vai além: "Mesmo os povos mais desenvolvidos, para se legitimarem, investem no substrato cultural, que é só o que permanece".

O atual presidente da FCC, Paulo Arenhart, justifica a premiação com um argumento parecido: "O jornal apresenta um diferencial em relação aos demais. Além de publicar o noticiário do dia-a-dia, ele dá um passo à frente e abre espaço para a manifestação artística propriamente dita. O *Anexo* apresenta o produto cultural, abre-se para a crítica, e isso é fundamental para o Estado". Arenhart diz que o caderno consegue mostrar a principal característica da cultura catarinense, que é a diversidade. "Leitores, empresários e governo precisam atentar para a importância de termos um veículo com essa qualidade, que estimula a circulação das idéias, forma novas gerações e fixa nossa identidade como povo", concluiu.

♦ **Leia mais sobre Cruz e Sousa na página C-3**

DROGARIA CATARINENSE.
TAMBÉM NO NATAL FAZENDO FORÇA PARA SUA ECONOMIA.

A rede de farmácias da Drogaria Catarinense está sempre ao seu lado. E também neste Natal, está fazendo força para a sua economia. Além dos 700 itens em promoção diária com até 50% de desconto, você encontra as mais variadas opções de presentes. Mas agora, a Drogaria Catarinense está oferecendo mais: toda a linha de perfumes e cosméticos em até 5 pagamentos sem juros. Isso mesmo, perfumes e cosméticos das mais renomadas marcas, com 1 entrada e 4 pagamentos iguais e sem um centavo de juros. Se preferir, use seu cartão de crédito. Neste Natal compre seus presentes na Drogaria Catarinense. Com Papai-Noel dando uma força, presentear vai ser moleza.

DROGARIA Catarinense

EM BALNEÁRIO CAMBORIÚ NA AVENIDA BRASIL PRÓXIMO AO HOTEL BLUMENAU.

✓ Reuniões
✓ Coquetéis
✓ Seminários

Consulte o depto. de eventos.
Fone: (047) 433-8011

HOTEL TANNENHOF OTHON

34 GRUPO de teatro relê vida e obra de Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.

CULTURA

Coral da Áustria se apresenta hoje no CIC

Canções folclóricas e obras clássicas da literatura coral estão no programa

A Pró-Música de Florianópolis promove hoje às 21 horas apresentação do Coral da Áustria no Centro Integrado de Cultura.

Formado por um coro misto de 36 cantores o Coral foi criado em 1967 com a finalidade de cultivar as canções folclóricas da Áustria, em especial da região da Caríntia. Desde 1975 os cantores fazem turnê pela Europa, América, Ásia e Austrália, recebendo o apelido de "Coral de Embaixadores da Áustria".

O repertório atual inclui canções folclóricas da Caríntia, obras clássicas da literatura coral de todas as épocas, missas, músicas religiosas e canções modernas e folclóricas do mundo inteiro. Também são formados grupos menores, como trios femininos, quintetos masculinos e quartetos mistos. Com sede no castelo de Seltenheim, que significa felicidade, o Coral realiza todos os anos concertos nos pátios de diversos castelos antigos. Na época do Natal, realizam-se as já famosas Cantorias de Advento, uma das principais atividades do grupo.

Com quase 30 anos de existência, o Coral da Áustria conta com um currículo invejável. Em 1975 participou da comemoração dos 30 anos das Nações Unidas em Nova Iorque. Em 1979 fez uma turnê pela América do Norte, passando novamente por Nova Iorque e também pela Filadélfia, Washington, Los Angeles e San Francisco. Sempre se apresentando pela Europa, em 1983 o Coral foi a Bangkok, Singapura, Filipinas, Israel, e em 1987 passou pelo Havaí, Fidji, Austrália e Nova Zelândia.

O Coral da Áustria é comandado pelo maestro Karlhein Wultsch, participante do grupo há mais de 20 anos. Inicialmente comerciante, desde 1965 é professor profissionalizante em uma escola de Klagenfurt, sua cidade natal. O maestro é um dos principais responsáveis pelo reconhecimento mundial do Coral, que aproveita a vinda a Florianópolis para conhecer também Blumenau. Os convites estão à venda na bilheteria do CIC ao preço de R$ 10,00.

Divulgação

O coro, de 36 vozes femininas e masculinas existe desde 1967. No programa de hoje, Strauss e Schumann

Badesc 19 anos: um novo espaço cultural

Hermínio Nunes

Lâmpadas alógenas e teto levantado: mais qualidade nas exposições

O governador Antônio Carlos Konder Reis participa hoje às 17h30min de solenidade em comemoração dos 19 anos do banco de fomento de Santa Catarina. A exposição "Badesc conta sua História", organizada pela biblioteca do banco com apoio do Arquivo Público do Estado, mostra através de fotos e documentos a trajetória do terceiro banco de desenvolvimento do país.

Mas o aniversário Badesc não marca apenas uma vitória política, econômica e social do estado. Investindo há alguns anos na área cultural, o Badesc reformulou inteiramente seu espaço cultural. Hoje o "Espaço Cultural Fernando Beck" possui uma das melhores atmosferas para exposições de arte do estado. O teto foi levantado e a iluminação adequada às atividades de exposição. Luminosidade, segurança, espaço e bom planejamento fazem parte da rotina cultural do banco.

Um ciclo de palestras voltadas para a família faz parte das comemorações. As palestras têm acontecido diariamente no auditório do Badesc.

Hoje quem encerra a solenidade é o Grupo Coral da ASBadesc, formado por funcionários do banco, que se apresenta pela primeira vez em público. No repertório estão várias pérolas da música brasileira.

Grupo de teatro relê vida e obra de Cruz e Sousa

O Grupo Pesquisa Teatro Novo, da Universidade Federal de Santa Catarina, promove hoje no Museu Cruz e Sousa uma leitura dramática do texto inédito de Eglê Malheiros "Vozes Veladas", que resgata a vida e a obra do poeta catarinense Cruz e Sousa.

A leitura começa às 20h30min e a entrada é franca. A direção do espetáculo é de Carmen Lúcia Fossari. No elenco estão Ismar Medeiros, Luís Cútolo, Osmar Gomes, Ivânia Maria Fossari e a própria Carmen Fossari.

"Vozes Veladas" é um dos textos mais conhecidos de Cruz e Sousa, um dos maiores expoentes da poesia simbolista tanto no Brasil quanto na França. Eglê Malheiros é escritora, poeta, tradutora e dramaturga. Foi uma das criadoras do movimento cultural "Grupo Sul", que teve grande importância nas artes do estado entre 1947 e 1958. Carmen Fossari é atriz e diretora de teatro, com grande expressão dentro e fora de Santa Catarina. O Museu Cruz e Sousa fica na Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis. Era a antiga sede do Executivo catarinense.

35 DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Cultura, p. 12.

Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa

Texto sai em livro da Editora Movimento. No Rio, Stepan Nercessian prepara a encenação

Carlos Damião

A escritora Eglê Malheiros lança hoje, às 20 horas, no Museu Cruz e Sousa, o livro "Vozes Veladas", uma peça em dois atos, sobre a vida e a obra do poeta catarinense Cruz e Sousa, editada pela Movimento (de *Porto Alegre*). Durante a noite de autógrafos haverá apresentação de leitura dramática de trechos da peça, pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, com direção de Carmem Fossari.

O texto de Eglê está sendo montado no Rio de Janeiro, com direção de Stepan Nercessian e com Zezé Motta e Irving São Paulo no elenco. A estréia, marcada para março, será no importante Teatro João Caetano.

"Vozes Veladas" é o título de um dos poemas de Cruz e Sousa e é declamado em um trecho do primeiro ato da peça. A obra da escritora catarinense aproveita não só a beleza da criação poética, mas também toda a carga dramática contida na literatura - e na vida - de Cruz e Sousa. O poeta, negro, discriminado, pobre, destacou-se como o introdutor do simbolismo no Brasil e é reconhecido internacionalmente pelo talento de seu trabalho.

A autora utiliza características da metalinguagem na elaboração da peça, destinando a Cruz e Sousa o "papel" de ponto — uma figura que, no teatro clássico, sempre orientou os atores, a partir de sua posição privilegiada (ficava no fosso do palco).

Em "Vozes Veladas" o ponto não só tenta "conduzir" os outros personagens — entre eles Nestor Vitor, o amigo, e Gavita, a esposa de Cruz e Sousa —, como também desenvolve um papel crítico. Veja-se este trecho: "Basta! Cansei de ser, minha vida e minha obra, objeto de manipulações e leituras redutoras. Só eu sei o que vivi e o sei agora, porque, por ocasião em que as coisas vividas eram presentes, havia muita névoa das idéias feitas tudo confundindo. Só eu sei o que significa aquilo que escrevi; se bem que muito do que escrevi para mim próprio era nebuloso e ambíguo, por vezes estranho mesmo, como se outros eus que me habitavam se pusessem a falar (...). Para quem falei? Para amigos, amigos verdadeiros, por certo. Hoje me pergunto, para quem falo? Para quem for capaz de comigo sentir. Então, basta! Sou eu quem dirige o espetáculo".

A autora — Eglê Malheiros é uma das mais importantes intelectuais catarinenses do século XX. Ativa criadora cultural desde a década de 40, foi uma das fundadoras do Grupo Sul, o movimento artístico que iniciou o modernismo em Santa Catarina. Com o marido, Salim Miguel, escreveu argumento e roteiro de "O Preço da Ilusão", primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina.

Bacharel em Direito pela UFSC, mestre em comunicação pela UFRJ, professora, escritora, tradutora e especialista em literatura infanto-juvenil, Eglê também teve participação de destaque na militância política — o que lhe causou a prisão em 1964, durante o golpe militar. Em conseqüência da perseguição acabou perdendo a cátedra de História no Instituto Estadual de Educação e mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, de onde voltou apenas em 1979.

MIRO

Decidido

Oficialmente ainda não foi divulgado, mas o governo do estado apoiará o deputado federal Edison Andrino para concorrer à prefeitura da capital.

Ele passa assim a contar com a simpatia "oficial" de Paulo Afonso Vieira.

Nova loja

Irmãs e empresárias de sucesso com a sua Toque de Pé, Ana, Cíntia e Luciana Medeiros são as novas proprietárias da Petit Gosse do Beiramar Shopping.

Até janeiro a loja passará a ser a segunda Toque de Pé da capital.

Closed

Zeca Petry chega de uma viagem pelos Estados Unidos, e decide fechar as portas do Baccarat no final do mês, para uma grande reforma, modernizando e reequipando a casa.

A intenção é reabri-la em março, depois do verão.

Fechando as portas

Dona Marita Córdova, mulher do ex-governador Henrique Córdova, está fechando nos próximos dias as portas da sua loja Empório Serrano, com produtos da Serra de Santa Catarina.

Ela diz que falta mão-de-obra para trabalhar na loja. É uma pena, porque o frescal vendido era uma "loucura".

Nota 10

No almoço oferecido pelo presidente das organizações Sadia, Zoé Ávila, na última terça-feira, aos secretários estaduais de Agricultura que participavam, em Concórdia, da etapa final da reunião do Fórum Nacional, dois momentos foram aplaudidos de forma intensa pelos participantes. Quando ele afirmou que a agroindústria precisa ser prestigiada pelas ações governamentais, pois o Brasil tem condições de alimentar o mundo, e quando se referiu

Flexados

Agora é para valer. Ado Guimarães e Aninha Carvalho estão mesmo namorando, e apaixonados. Estão vivendo a fase do champanhe e dos bombons

O amor é lindo

Na próxima segunda-feira, no canal 20 da TV Cabo, a partir das 22 horas você poderá acompanhar todos os lances do lançamento do livro "Rap do Real", do cronista Sérgio da Costa Ramos, que aconteceu na Refinaria 227. Entre uma das muitas pessoas que entrevistei, a "sensual" Roberta Pereira. Vale a pena

36 CRUZ e Sousa. **Diário Catarinense,** Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Variedades, p. 7

36

LUIZ CARLOS PRATES

O Brasil é moda

Dia destes assisti na tevê a algumas notícias sobre a China. Santo Deus, pintaram o paraíso. A China faz, a China acontece, a China será, e isto e mais aquilo. Ocorre, leitor, que não foi enfatizado, e isso é o que importa, que o trabalhador chinês é um escravo. Ou não é escravo um sujeito que trabalha num parque industrial sem salário mínimo, sem qualquer lei trabalhista que lhe assegure direitos de reclamação, sem décimo terceiro, sem estabilidade de qualquer tipo, ganhando por produção - quer dizer - burros de carga, e ainda correndo o risco de ter o salário...rebaixado. E não me desminta, leitor. Desminta o Fantástico, da Globo, onde assisti aos fatos contados.

O que quero dizer com essa história? Antes de mais nada que a proverbial filosofia chinesa, assentada sobre humanismos de inteligência superior, nunca passou de uma basófia, filosofia sem prática de cotidiano extensiva ao povo não passa de dissimulação de inteligência. Ademais, qual a razão de todo esse rapapé aos chineses? Simples, leitor, simples como respirar. Os chineses são 1 bilhão e...3, 4, 5, 6, 7, cem mil, duzentos mil, setecentos mil, etc, etc, etc. E isso, leitor, significa mercado potencial, mercado de consumo e de exportação. É só isso. A China não tem nada, seus produtos são ruins, mas ficamos por aqui com o veso estúpido de que tudo o que fazemos não é bom e tudo o que vem de fora é excelente. Até quando esse atraso e essa negação do que temos de bom? Até quando vamos ficar alheios às nossas riquezas? Mercado potencial? Mercado potencial é o Brasil, com clima ameno, com terra rica, com rios fartos, com povo alegre, basta-lhe um pouco mais de educação e estaremos na dianteira de todos os outros povos... Fanatismo? Patriotismo barraco? Nacionalismo estéril e histérico? Nada, consciência, leitor. Consciência. Os pilantras do mundo querem saquear o Brasil. Querem as riquezas do nosso jardim, o jardim do planeta, a Amazônia.

Querem saquear o Brasil, querem as riquezas do nosso jardim, do nosso planeta, a Selva Amazônica

Dia destes eu lia na revista Veja que o Brasil começa a entrar na moda. Aparecem nos automóveis os adesivos do Brasil, as camisetas começam a trazer o Cristo Redentor de braços abertos, a música popular brasileira começa a ser pedida no Rio de São Paulo, pela gurizada. Cristina Franco, a modista da TV Globo, não se constrangeu em dizer que o verde e o amarelo já não são mais apenas cores berrantes e de gente sem gosto, não. Verde e amarelo começam a aparecer na moda do cotidiano. É isso, moçada. O mundo quer o nosso jardim, as nossas riquezas, o nosso jeito, o nosso clima, as nossas matas, rios e cascatas. Fora com eles, fora com os entreguistas de "radares", fora com os que estão negociando a soberania da Pátria sob o pretexto de proteger a Amazônia. Fora com essa gente, fora do Governo e fora do País. O Brasil está na moda. A China não. A China é para os que não respeitam direitos humanos.

▼ DANÇA

Alma Negra no CIC

***Os bailarinos** do Instituto Estadual de Educação fazem espetáculos hoje e amanhã com coreografias sobre a formação cultural do país*

A Companhia de Dança Alma Negra, do Instituto Estadual de Educação, vai se apresentar hoje e amanhã, às 20h30min, no teatro do Centro Integrado de Cultura (CIC). O grupo vai mostrar o espetáculo de dança *Brasil Brasileiro*, que traz em seu contexto a contribuição da cultura africana na formação da do Brasil e o caos em que o país se encontra hoje.

Um retrato do Brasil revelado através de coreografias afro, maculelê, capoeira e street dance com imagens nem sempre muito positivas. Afinal de contas, atrás da alegria da música baiana está a loucura de quem governa e daqueles que são governados, a realidade do sistema penitenciário, os menores de rua, a corrupção e o narcotráfico.

O grupo de dança do Instituto de Educação conta com 250 participantes que tem como diretora e coreógrafa a professora Xuxu. Este espetáculo no CIC pretende sugerir uma reflexão sobre o atual momento sócio-político-econômico-cultural por que passa o Brasil. O *Brasil Brasileiro* é composto por 10 coreografias que terminam, porém, com uma mensagem de esperança. Para tanto, a banda de pagode Gospel Geração Brasil se apresenta para encerrar 1995 com muita animação.

Brasil Brasileiro

DIVULGAÇÃO/DC

O grupo mostra dança afro, maculelê, capoeira e street dance

Cruz e Sousa

Vozes Veladas é o título do livro de estréia de Eglê Malheiros, na área de dramaturgia, a ser lançado hoje, às 20h, no Museu Cruz e Sousa. Uma peça em dois atos sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa - que nasceu em Nossa Senhora do Desterro no século passado e inaugurou a poesia simbolista no Brasil com as obras *Broquéis* e *Missal*. *Vozes Veladas* é uma publicação da Editora Movimento, com tiragem de mil exemplares e à venda por R$ 8,00. No lançamento em Florianópolis, o grupo Pesquisa Teatro Novo da UFSC, sob a direção de Carmen Fossari, fará leitura dramática de trechos do livro de Eglê Malheiros.

Livro de aventuras

O jornalista Paulo Rollo lança hoje, às 18h, na Livraria Alemã, o livro *Até os Confins do Mundo* editado pela Best Seller. É o relato de uma grande aventura do autor que, durante oito anos consecutivos, percorreu sozinho 65 países, guiado por sua maior paixão e loucura: viajar, conhecer novos luares, fazer de todo o planeta sua casa e família. Paulo Rollo, paulista de 35 anos, deixou a escola aos 13 anos e transformou o sonho de ser viajante em profissão. Tornou-se turista, fotógrafo, repórter e piloto de provas. Juntou dinheiro, fez contatos e seguiu para a Europa, mochila nas costas. Depois dessa grande aventura, resolveu reunir as suas experiências num livro cheio de fotos coloridas. Interessados podem adquiri-lo por R$ 27,50, com direito à autógrafo.

Obras de proteção

O prédio do Museu Histórico e Arquivo Municipal de Rio do Sul, localizado ao lado da rodoviária, passa por obras de proteção. Desde agosto, quando foram iniciadas as modificações no terminal rodoviário, a edificação da antiga Rede Ferroviária Federal de Santa Catarina sofreu investidas de ônibus, carros e caminhões, o que acabou por comprometer a sua estrutura. O prédio é um dos raros depoimentos arquitetônicos da época da extração da madeira no Alto Vale do Itajaí, segundo a historiadora e superintendente da Fundação Cultural de Rio do Sul, Neide de Souza Areco.

Com a desativação da RFFSC, em 1971, o edifício passou a abrigar ora a Biblioteca Municipal, ora a Casa da Cultura, ou o Museu Arqueológico. Localizado exatamente onde estão centradas as obras do Terminal Rodoviário, este ano, abrigando o Museu Histórico e o Arquivo Munmicipal, o prédio chegou a sofrer quatro abalroamentos de ônibus em 15 dias. Artistas da cidade e outras pessoas manifestaram-se e a Assessoria de Planejamento deu início às obras de proteção.

Feira na Alfândega

Acontece hoje e amanhã, no Largo da Alfândega, em Florianópolis, a 1ª Feira Artístico-Cultural de Articulação Comunitária de 1995. A promoção é da Prefeitura de Florianópolis dentro do programa Casa da Liberdade que pretende criar condições para a participação dos trabalhos comunitários. Este programa pretende também envolver entidades e instituições da Grande Florianópolis para uma socialização e integração através de exposições e comercialização de trabalhos artísticos. A programação inicia hoje às 15h e encerra amanhã às 21h. Entre as atrações estão as apresentações culturais de capoeira, coral, dança, grupos musicais, teatro e bandas.

37 A INTELECTUALIDADE rejeita o passado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 3 de set. de 1994. Diário de Cultura.

37

A intelectualidade rejeita o passado

O período de administração de Gama Rosa foi um dos mais importantes na campanha da extinção da escravatura em Santa Catarina, principalmente Desterro. A bandeira era aceita por todas as cores partidárias, inclusive pelos conservadores, cujo jornal oficial diariamente publicava alvarás de alforria de escravos. O movimento centralizava-se, na capital, no Clube Doze de Agosto, que foi o grande baluarte contra a escravidão. Sociedades em prol da extinção eram fundadas freqüentemente, havendo mesmo concorrência entre elas. O presidente Theodureto Carlos de Faria Souto, ao deixar o governo para Gama Rosa, foi amplamente aplaudido quando, já a bordo do navio que o levava de volta à Corte, assinou o alvará de soltura de uma escrava de sua propriedade.

Em Santa Catarina o Partido Liberal estava no poder desde os fins de 1879, o que coincidiu com as tendências políticas dos presidentes nomeados para o mesmo período, se bem que as influências de um sobre o outro eram mínimas. De 1872 a 1879 o Partido Conservador teve posição de destaque na Assembléia Provincial, não permitindo que os presidentes administrassem de acordo. Se bem que os presidentes nunca conhecessem as realidades locais pois vinham de outras regiões e não tinham tempo suficiente para aprender as manhas da política local, nas mãos dos representantes do Legislativo, era sempre mais fácil administrar com o partido com maioria na Assembléia, para apoiá-lo.

Em 1879, houve a reforma eleitoral com a chamada "Lei Saraiva" que ampliou o quadro de eleitores nas províncias e as dividiu em distritos eleitorais. A Assembléia provincial passou a ser constituída de 24 deputados, eleitos igualmente pelos dois distritos que compunham o universo catarinense. Pela mesma Lei que reformou a composição do poder legislativo, cada eleitor deveria ter renda líquida anual igual ou superior a 200$000 réis, devidamente comprovada.

Em 1881, houve nova eleição para eleger o representante catarinense à Assembléia Geral Legislativa, sendo eleito o conservador Alfredo d'Escragnolle Taunay, que já havia governado a província, e o liberal José da Silva Mafra. Este também já havia experimentado o poder executivo catarinense, se bem que por pouco tempo, quando da proclamação da indepedência do Brasil, quando participou de uma Junta Governativa composta de cinco membros. Eram, portanto, dois políticos experientes. Taunay foi eleito pelo primeiro distrito, que incluía Desterro e todo o litoral Norte da província; Mafra, por sua vez, foi eleito pelo segundo distrito, que compreendia a serra e o litoral Sul.

REPRODUÇÃO ARQUIVO DC

ADESÕES Horácio de Carvalho (E) cedo ligou-se a Gama Rosa, de quem Virgílio Várzea (D) foi o mais entusiasmado seguidor

O representante da capital na Corte no início do período administrativo de Gama Rosa era, portanto, conservador, bem como a maioria da Assembléia Provincial, com 12 conservadores, oito liberais e dois "classistas". Em outubro de 1883, logo depois da chegada de Gama Rosa a Santa Catarina, nova eleição para o período legislativo seguinte foi realizada, tendo aumentado o número de liberais para 11 e reduzido os conservadores para o mesmo número, permanecendo duas cadeiras vagas. A situação melhoraria para Gama Rosa, não tivesse aquela sessão legislativa um período tão curto de somente dois meses (6). A oposição conservadora, portanto, não tendo a tribuna legislativa às suas mãos, dispunha dos jornais *Correio da Tarde* e *Jornal do Comércio* para combater a administração provincial.

O *Correio da Tarde* publicava folhetins de Horácio Nunes Pires, poesias de Santos Lostada, Carlos de Faria, Francisco de Salles Brasil e Luiz Delfino, contos do visconde de Taunay e outros românticos literários e membros do Partido Conservador. Os nomes conhecidos e respeitados do pensamento e da literatura internacional eram Garret, Alexandre Herculano, Castilho, Latino Coelho, Victor Hugo, Lamartine, Cousin, Chateaubriand e outros. A intelectualidade catarinense desconhecia Darwin, correspondente e amigo de Fritz Müller já na década de 60, Spencer, Hartmann, Taine, Emile Zolá, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, além de dar pouca importância a brasileiros como João Capistrano, Raul Pompéia e outros. Nas artes plásticas, como em geral toda a elite dominante brasileira, seguia rigidamente as regras da Escola de Belas Artes e seu academicismo romântico, cujo maior expoente era, lógico, o catarinense Victor Meirelles. A revolução estética do impressionismo na França e suas ramificações posteriores eram, senão desconhecidas, ao menos não aceitas.

Quando Gama Rosa chegou a Santa Catarina já veio precedido da fama de homem inteligente e intelectual, conhecedor das mais novas correntes literárias e estéticas surgidas na Europa. Mais tarde, foi reconhecido como um dos precursores da sociologia no Brasil, de acordo como a criou Auguste Comte, tendo obras traduzidas para várias línguas, e uma em especial, *Biologia e Sociologia do Casamento*, para o francês por Max Nordau (7), e posteriormente para o inglês e alemão. Entretanto, na sua síntese biográfica elaborada por Virgílio Várzea, a mais completa, por sinal, quer pela amizade que os unia e pela contemporaneidade com que foi escrita, servida de prefácio do livro de Rosa intitulado *Sociologia e Estética* (8), nenhuma referência existe a respeito de qualquer viagem do sociólogo à Europa, antes de vir a Santa Catarina. Conforme acertadamente diz Celestino Sachet, os conhecimentos de Gama Rosa a respeito do mundo europeu da época eram teóricos e aquilo que ele passou a seus discípulos catarinenses nas seguidas noites de sarau no Palácio do Governo, era *"pouco, difuso e atrapalhado: embaralham doutrinas; misturam nomes; confundem Naturalismo com Parnasianismo. E, se numa noite elogiam o Positivismo, na outra, criticam Comte"* (9).

Mas, tudo era motivo para mudanças, para novas idéias, renovação e rejeição ao passado e às teorias até então dominantes. Além de Várzea, Lostada e Cruz e Sousa, que já havia voltado de sua viagem ao Norte e Nordeste, onde fez campanha abolicionista e trabalhou com a companhia teatral "Julieta dos Santos", aderiam Araújo Figueiredo e Horácio de Carvalho. Mais tarde, continuaram o grupo Diniz Júnior, Altino Caldeira, Alfredo Luz, Romeu Ulisséa, Renato Flores, José Collaço e Joaquim Gama D'Eça. Ainda de acordo com o próprio Várzea, como prolongamentos mais ou menos acentuados, o líder do movimento catarinense cita os nomes de Emiliano Perneta, Gonzaga Duque, Lima Campos, Mário Pederneiras, Nestor Victor, Carlos Fróes, Emílio de Menezes, Maurício Jubim, Saturnino Meirelles e outros nomes de repercussão nacional (10).

Entretanto, os intelectuais românticos e conservadores não aceitavam as novas tendências ou "Idéia Nova", como chamou Virgílio Várzea em seu soneto-manifesto intitulado *Alerta*, e dedicado a Santos Lostada:

"Alerta, meu amigo! - E vamos batalhar
à luz da Idéia Nova: à linha da vanguarda!
O forte alexandrino façamos rebrilhar,
Valentes derrubemos a douda e Velha Guarda.
Alerta! que já oiço o toque do clarim,
Alegre, tão vermelho como é uma alvorada!
E tenho minhas armas mais brancas que o marfim
E o pulso inda mais rijo que a folha d'uma espada.
Batamos fortemente o velho Romantismo,
Que o séc'lo é puramente do Evolucionismo
De Hartmann, de Spencer, Zola e Letourneau.
Batamos rijamente os tontos pessimistas,
Que o séc'lo é de Gigantes, d'assombro e conquistas
E não de Augusto Comte, de Dumas ou Hugo. (11)

■SEGUE

VOLTA ÀS AULAS CULTURA: COMPROMISSO DE TODOS
LIVRARIAS LUNARDELLI
* LIVROS DIDÁTICOS * CURSO BÁSICO - MÉDIO E SUPERIOR
* LITERATURA E TODOS OS ASSUNTOS
Rua Victor Meirelles, 28 - Fone: (0482) 22-4637
Rua Deodoro, 02 - Florianópolis
PREÇOS PROMOCIONAIS

38 CRUZ e Sousa: peça inédita é mais uma homenagem a escritor. **A Notícia**, 16 de ago. de 1994. Variedades, p.29.

Jornais se tornam o campo de batalha

O soneto-manifesto *Alerta*, de Virgílio Várzea, foi a primeira referência ofical dos intelectuais catarinenses a respeito da "Idéia Nova". Contra este Manifesto o *Correio da Tarde* lançou um protesto: *"Ultimamente o Chico das Rosas, arvorado em sacarrolha, tem por aí desengarrafado uma porção de mentalidades, que, juntas a ele em perfeita e inteira união, trabalham para estragar a mais formosa e a mais opulenta das línguas - o português, dando todos de si provas da mais crassa ignorância (...).* (12)

Chico das Rosas era outro dos apelidos pelo qual a oposição tratava o presidente Francisco Luiz da Gama Rosa.

Mas, afinal o que era a "Idéia Nova"? De início, além do poema *Alerta*, de Virgílio Várzea, pouco se sabia do pensamento dos novos intelectuais, a não ser a adesão de filosofias esdrúxulas e absurdas que aceitavam princípios estéticos mal formulados e embaralhados ensinados por Gama Rosa. A influência do presidente foi incontestável.

Nestor Victor, contemporâneo de Gama Rosa e incluído por Virgílio Várzea na relação daqueles que seguiram o movimento, se bem que do Rio de Janeiro, ao estudar Cruz e Sousa, assim se refere ao presidente: *"Afinal de contas, a passagem deste homem pelo governo daquela terra tornou-se menos célebre pelos seus atos de administrador do que pelo fato de instituir-se ele como que um Sócrates entre esses moços, dando-lhes orientação filosófica, científica e estética um tanto* sui-generis, *de acordo com a singularidade do seu espírito, mas em linha geral dentro dos cânones do evolucionismo spenciano (ele correspondia-se com Herbert Spencer, Haeckel, etc.), e o naturalismo, sobretudo o naturalismo português."* (13)

Se bem que nada havia sido definido em termos estéticos, além do poema de Várzea, o primeiro grito de independência contra o romantismo vigente, coube à oposição aos moços, liderada por Eduardo Nunes Pires e pelo *Jornal do Comércio*, de Desterro, o ataque inicial para que o inimigo se expuzesse. Nunes Pires era respeitado há mais de 20 anos, quando, já em 1861, ainda aluno do Liceu Provincial, escrevia sonetos em latim, língua que dominava melhor do que ninguém. (14)

A partir de 5 de março, o *Jornal do Comércio* começou a publicar "Fantasias sobre o Estilo", ensaio extraído de *Cenas e Fantasias Portuguesas*, do escritor romântico português Pinheiro Chagas. O texto era contra o estilo moderno, defendido por Eça de Queiroz e, conseqüentemente, pelos jovens da Idéia Nova. Para Chagas, o estilo era um amontoado de palavras pomposas que nada exprimiam; era a diluição de idéias banais em frases; a repetição, milhares de vezes, de um pensamento (15). No fim da publicação, que durou três números seguidos, o jornal concluiu: *"Não parece que Pinheiro Chagas escreveu esta fantasia em 1865 expressamente para nós em 1884?"* Ao mesmo tempo, o co-irmão *Correio da Tarde*, também da oposição, repetiu a expressão: *"Parece que o Sr. Pinheiro Chagas escreveu aquilo expressamente para o nosso Desterro: oxalá pudesse alguém aproveitar a lição"* (16).

Estava formada a polêmica tão esperada, que passou a ter o escritor português ridicularizado por Eça de Queiroz como alvo das pontarias dirigidas contra os dois grupos de intelectuais catarinenses.

Coube ao próprio presidente Gama Rosa, sob pseudônimo, responder às claras insinuações dos românticos, combatendo o escritor português. Os românticos reagiram imediatamente ao texto de Rosa, que, através do jornal *A Regeneração*, chamou Chagas de *"crítico atrazadíssimo"*, desconhecedor dos processos modernos e *"um chapista afrontoso"*.

> Ao voltar do Nordeste, Cruz e Sousa integrou-se à "Idéia Nova", como forma de opor-se ao romantismo vigente. Mas os conceitos do movimento eram muitas vezes expostos por Gama Rosa de maneira precária

Disseram os românticos, em defesa do escritor português:

"(...) Ninguém, que esteja no pleno gozo de suas funções intelectuais, se animará a tanto; por isso julgamos que aquele parto monstruoso só podia ter origem em uma imaginação pervertida. Quem sabe se não é nada disto, e que só por espírito de contradição e malvadeza, ou refinada inveja, se escreveu aquelas linhas, que são uma nódoa vergonhosa para a nossa terra! (17)"

Mais tarde, a 12 e 14 daquele mês, o mesmo Gama Rosa voltou à crítica aos argumentos de Pinheiro Chagas, o que parece ter encerrado a discussão, valendo a pena sua transcrição pois, finalmente, conceituou a Idéia Nova:

"A Idéia Nova não obscurece o mérito de escritor algum, nem a influência que ele poude exercer no seu tempo. Somente, sabendo que a intelectualidade evolue, como evolue o mundo biológico, não permite que as idéias e a linguagem de uma escola do passado venham perturbar a eclosão e o desenvolvimento da concepção estética e científica atual. Pinheiro Chagas desenvolveu-se e preponderou no Romantismo, em sua fase mais exagerada; e eis porque todas as suas obras acham-se saturadas dos defeitos e ridículos dessa escola: o sentimentalismo piegas, o ar tôlo e choramingas, o lirismo afetado de almanaque e de recitativo, o idealismo falso contrário às realidades da vida, as banalidades, os lugares comuns, tudo isso acompanhado e expresso por uma enxurrada de chapas que tornam absolutamente impossível a leitura de tais produções (18)".

Finalmente, o articulista concluiu dois dias mais tarde, através do mesmo jornal: *"O Naturalismo ou Idéia Nova não é uma opinião individual, mas uma escola, hoje, preponderante em todo o mundo civilizado, e sobre o qual, o que já existe publicado, daria uma biblioteca. Pedir explicações sobre (...) é manifestar desconhecimento total de todas as coisas, absoluta ignorância e cretinismo* (19)".

Se devemos conceder ao presidente Francisco Luiz da Gama Rosa o mérito de proteger os jovens literatos de Santa Catarina, mostrando-lhes novos caminhos e concepções estéticas e filosóficas, se bem que muitas vezes de forma precária e confusa, coube a ele, também, a defesa final dos novos conceitos. Virgílio Várzea, o líder do grupo dos jovens, sempre enalteceu sua personalidade e sua ação em Santa Catarina. Logo ao publicar, com Cruz e Sousa, o livreto *Tropos e Fantasias*, em 1885, já anunciava um perfil biográfico de Gama Rosa. Mais tarde, em 1901, em *Contos de Amor*, anunciou um estudo literário sobre o presidente, repetindo, três anos depois, em *O Brigue Flibusteiro*, a notícia sobre uma próxima publicação, desta vez já intitulada *Um Filósofo Brasileiro - ensaio científico sobre o Dr. Gama Rosa*. Toda a edição de *Nas Ondas* é dedicada *"Ao Dr. Gama Rosa, Eminente Pensador, Amigo e Mestre"*. Entretanto, parece mesmo que o único estudo de Várzea sobre Gama Rosa foram os "Comentários" e as "Notas Biográficas" inseridas em *Sociologia e Estética* (20), do sociólogo.

Saindo de Santa Catarina, Gama Rosa foi mais tarde nomeado presidente da Paraíba, onde ficou de julho a novembro de 1889, tornando-se o último governante daquela província, durante o Império. Retornando ao Rio de Janeiro, voltou a dedicar-se à clínica, ao jornalismo e à literatura, escrevendo crônicas diárias em jornais cariocas e inúmeros livros sobre temas sociológicos variados.

Dos escritores, Cruz e Sousa foi para o Rio de Janeiro, e lá foi descoberto literariamente; Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e Santos Lostada ficaram em Santa Catarina, escrevendo, todos mostrando a nova literatura aos catarinenses e ao Brasil.

☐ NOTAS

(1) - *Correio da Tarde*, Desterro, 18 de fevereiro de 1884, p.2.
(2) - *Correio da Tarde*, Desterro, 4 de março de 1884, p.3.
(3) - *Correio da Tarde*, Desterro, 18 de fevereiro de 1884, p.2.
(4) - *Correio da Tarde*, Desterro, 14 de março de 1884, p.2.
(5) - *Correio da Tarde*, Desterro, 9 de abril de 1884, p.2.
(6) - Sobre o assunto, ver PIAZZA, Walter F., *O Poder Legislativo Catarinense: das suas Raízes aos Nossos Dias, 1834-1989.*
(7) - MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, vol. 1, Rio de Janeiro; Instituto Nacional do Livro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952, p. 98 -
(8) - ROSA, Gama, *Sociologia e Estética. Comentários.* Comentários e Notas Biográficas de Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, 1914.
(9) - SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense.* Florianópolis; Lunardelli, 1985; p 55.
(10) - ROSA, Gama. *Sociologia e Estética.* Comentários e Notas Biográficas de Virgílio Várzea. Op. Cit., p.22.
(11) - *A Regeneração.* Desterro; 10 de janeiro de 1884, p.3. Para chamar a atenção do leitor, o poema foi publicado transversalmente à coluna.
(12) - *Correio da Tarde.* Desterro; 7 de março de 1884, p.2.
(13) - VICTOR, Nestor, in *SOUZA, Cruz e. Obras Completas.* I. Poesias. Introdução e anotações de Nestor Victor. Rio de Janeiro; Edição do Anuário do Brasil, 1923, p.14.
(14) - SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina.* Florianópolis; Editora Lunardelli, 1979; p.57.
(15) - *Jornal do Comércio.* Desterro, 6 de março de 1884; p.3.
(16) - *Correio da Tarde.* Desterro, 7 de março de 1884; p.3.
(17) - *Jornal do Comércio.* Desterro, 11 de março de 1884; p.3.
(18) - *A Regeneração.* Desterro, 12 de março de 1884; p.3.
(19) - *A Regeneração.* Desterro, 14 de março de 1884; p.3.
(20) - ROSA, Gama. *Sociologia e Estética. Cometários.* Op. Cit. ■

VOLTA ÀS AULAS
CULTURA: COMPROMISSO DE TODOS
LIVRARIAS LUNARDELLI
* LIVROS DIDÁTICOS * CURSO BÁSICO - MÉDIO E SUPERIOR
* LITERATURA E TODOS OS ASSUNTOS
Rua Victor Meirelles, 28 - Fone: (0482) 22-4637
Rua Deodoro, 02 - Florianópolis
PREÇOS PROMOCIONAIS

39 MENEZES, Cacau. Para Escolher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.

Morango e Chocolate, de Cuba, leva Kikito 94 de melhor filme

☐ *Produção ficou com os principais prêmios distribuídos em Gramado*

Adão Cassiano
Especial para A Notícia

Gramado - Com a entrega dos Kikitos aos filmes vencedores nas categorias longa-metragem, curta-metragem brasileiro em 35mm e curta e média-metragem em 16mm, o 22º Festival de Gramado - Cinema Latino, que terminou no último domingo, soube distribuir os prêmios de forma a reforçar a integração entre os países de língua latina. Isto se deve, talvez, a um certo padrão de qualidade apresentado pelas obras concorrentes, uma novidade em termos deste festival.

Na categoria de longa-metragem, assim, Gramado reforçou o êxito de Morango e Chocolate (Cuba), o grande ganhador da noite, laureado nas categorias de melhor filme, melhor ator (prêmio dividido entre os protagonistas Jorge Perugorría e Vladimir Cruz) e melhor atriz coadjuvante (Mirta Ibarra). O mesmo filme ainda recebeu os prêmios do júri popular e da crítica, como melhor filme. Mario Brenta, diretor de Barnabo da Montanha (Itália), presente em Gramado, além do kikito de sua categoria, recebeu ainda a menção especial da crítica, pela qualidade de construir uma obra autoral de extremo apuro cinematográfico e acabamento humanístico perfeito. Cotada para o prêmio desde a exibição de Batidas na Minha Porta (Venezuela), Veronica Oddo confirmou as expectativas, sendo premiada na categoria de melhor atriz. Tobba Pelletier, ator de O Sexo das Estrelas (Canadá), levou o kikito de melhor ator coadjuvante, ao interpretar um jovem prostituto. Já Os Náufragos (Chile), Ovos de Ouro (Espanha) e Intruso (Espanha), ficaram com prêmios técnicos. Suzana Morais, do brasileiro Mil e Uma, fez jus ao Prêmio Especial do Júri, pela linguagem pessoal e obstinação em fazer cinema.

Amor, de José Roberto Torero, ficou com a maior parte dos Kikitos destinados a curtas-metragens brasileiros em 35mm, recebendo os prêmios de melhor filme (júri oficial e popular), roteiro, montagem e direção, dividida com André Pompéia Sturm, de Domingo no Campo. Osmar Prado, muito emocionado, recebeu o Kikito de melhor ator nesta categoria, saudando o curta-metragem. Denise Assunção levou o Kikito de melhor atriz, pelo filme Lumpet, Herbert Vianna, o prêmio de melhor música, na animação El Macho, de Ennio Torresan Jr., que também recebeu o Prêmio Especial do Júri. Quanto a Atheos, talvez o melhor curta do festival, mereceu o prêmio da melhor fotografia, ficando como um dos filmes injustiçados desta mostra.

DIVULGAÇÃO MARCOS VIANNA

Atores Fernando Continentino, Mauricio Branco, Patricia Sabrit e Roberto Marconi integram elenco da comédia "Se Você me Ama""

Bom humor para abordar conflitos

☐ *"Se Você me Ama" está em cartaz em Joinville e depois segue para 7 cidades catarinenses*

Joinville - O público adolescente de Santa Catarina terá a oportunidade de assistir "Se Você me Ama", a partir de hoje. A peça mostra como Juliana (Patricia Sabrit), uma adolescente de 17 anos, conduz suas relações com o namorado, a família e os amigos, com texto de Miriam Bevilacqua. Fazem parte do elenco o também global Maurício Branco, o Felipe de "Corpo e Alma", Roberto Marconi, Luciana Migliaccio e Fernando Continentino.

Produzida e dirigida por Franccis Mayer, "Se Você me Ama" conta a história de quatro adolescentes e seus problemas com relação ao sexo, família, namoro, transa, entre outros. A mãe foi viajar, a empregada está com hepatite e o mundo desaba sobre a cabeça de Juliana. Arrumar a casa, controlar o machismo do irmão, driblar o assédio sexual do namorado, conversar seriamente pela primeira vez com o pai, são algumas das árduas missões de uma jovem de 17 anos.

SERVIÇO

JOINVILLE: Data: hoje e amanhã. Local: Sociedade Harmonia-Lyra
FLORIANÓPOLIS: Data: 19, 20 e 21. Local: teatro do Centro Integrado de Cultura (CIC)
LAGES: Data: 24 e 25. Local: Teatro Tamoio
RIO DO SUL: Data: 26. Local: Teatro do Colégio Dom Bosco
BRUSQUE: Data: 27 e 28. Local: Teatro Real
BLUMENAU: Data: 30 e 31. Local: Teatro Carlos Gomes
CRICIÚMA: Data: 2 e 3 de setembro. Local: Teatro Elias Angeloni
TUBARÃO: Data: 4 de setembro. Local: Centro Cultural Unisul.
☐ *Horário: sempre às 21 horas e os ingressos custam R$ 10,00. R$ 8,00, 24 horas antes do início do espetáculo.*

AMARILDO FORTE

Christina e Alexandrinha montam exposição em homenagem a artista

Exposição "Acervo" lembra o artista Hamilton Machado

Joinville - "Acervo" é o nome da mostra, que abre, hoje, às 20h30, no Queen's Restaurante, do Prinz Suite Hotel, em homenagem ao artista plástico Hamilton Machado, morto em 1992. Integram a exposição 10 obras do acervo da família em diferentes técnicas, como óleo sobre tela, óleo sobre eucatex, bico de pena e lápis de cor.

Irreverente, questionador e gozador são as palavras que definem o artista para Izabel Christina Machado, mulher de Hamilton Machado. Ela é quem organizou a mostra, que caracteriza várias fases da carreira do artista, com a ajuda da curadora e amiga Alexandrina Couto. "Hamilton era muito chegado à natureza, aos animais e ao ser humano. Elementos que estão sempre integrados em seu trabalho", comenta Christina.

Machado gostava de ler e procurava estudar a fundo o que lhe despertava interesse, conta. "Amante da música, não dispensava de ouvir Vivaldi ou Mozart enquanto trabalhava". Ele não guardou seus conhecimentos somente para si. O artista foi professor na Escola Fritz Alt, na Casa da Cultura.

Há planos futuros por parte de Izabel para que o nome do marido não seja esquecido. No próximo ano, Izabel quer divulgar o nome Hamilton Machado no Rio de Janeiro, onde viveu vários anos de sua vida. "Enquanto eu e Joana (filha do artista) estivermos vivas vamos fazer tudo para divulgar o trabalho de Hamilton", afirma.

SERVIÇO

"Acervo". Abertura: hoje, 20h30. *Local*: Queen's Restaurante, do Prinz Suite Hotel (Otto Boehm, 525). *Visitação*: até o dia 23 de agosto.

Cruz e Sousa

Peça inédita é mais uma homenagem a escritor

Florianópolis - Cruz e Sousa é o poeta mais comemorado em Santa Catarina, onde nasceu, em Desterro, no século passado. No ano passado, recebeu homenagens póstumas quando foi lembrado o centenário de suas obras "Missal" e "Broquéis". Em 1994, os restos mortais do poeta simbolista serão trasladados do Rio de Janeiro para Florianópolis e a cineasta Maria Emília de Azevedo apresentará o curta-metragem "Alva Paixão", com interpretação do protagonista feita pelo ator Breno Mello.

Mas não só através do cinema Cruz e Sousa será registrado. A escritora Eglê Malheiros acaba de finalizar o texto teatral "Vozes Veladas", uma dramaturgia contemporânea que funde passado, presente e futuro.

"Vozes Veladas", conforme a intelectual, foi preparada em quatro anos. É uma peça em dois atos, conta. A leitura dramática do inédito texto será apresentada, a convite de Malheiros, pelo Pesquisa Teatro Novo, grupo dirigido por Carmen Fossari, nos próximos dias 25 e 26, no Museu Cruz e Sousa, instalado em Florianópolis. A forma teatral da pesquisa realizada por Eglê foi conquistada em seis meses de seleção difícil do amplo material que tinha em mãos a respeito do escritor.

A intenção de criar dramaturgia, conforme Malheiros, esposa do escritor e jornalista Salim Miguel, surgiu de sua paixão pela obra e vida do poeta negro. Nascida em Tubarão, mas residente em Florianópolis, desde quando tinha quatro anos, ela lembra que na infância foi despertada com muito interesse a ler Cruz e Sousa.

Essa é a primeira peça da escritora, embora observe que leia teatro e estude dramaturgia "há muito tempo". "Eu quis fazer uma discussão sobre arte e o artista e uma discussão sobre a exclusão do artista. Vivemos em uma sociedade em que os dominadores excluem para dominar, sendo que considero uma sociedade democrática a que incorpora e não exclui", comenta Eglê Malheiros.

Cruz e Sousa, para Malheiros, foi uma pessoa tão rica que introjetou na literatura os pontos de vista dos opressores. "Machado de Assis fez o retrato mais contundente da sociedade escravista. Cruz e Sousa também abordou os sentimentos e as emoções desse trituramento. Ao uni-los, você tem um panorama da época", comenta.

Malheiros lembra que durante a seleção não incluiu na peça "Vozes Veladas", onde são apresentados poemas de Cruz e Sousa, "O Emparedado". "Vi que a própria obra teatral era, por si só, o 'Emparedado' ", observou.

AUTOMECÂNICOS — JOINVILLE

Grupo de Empresas Automecânicas, que através do Associativismo, busca o constante aperfeiçoamento de seus serviços.

FUNCIONAMENTO

As empresas do núcleo reúnem-se quinzenalmente para troca de experiências, realização de treinamentos e visitas a feiras e fabricantes.

CASA DO CARBURADOR
Rua Ricardo Stam Gomes, 234
Centro — Fone 22-3297
Limpeza e Regulagem de Carburador, venda e colocação de Escapamentos.

MULTICAR ELETROMECÂNICA
Rua Helmuth Falgather, 140
Boa Vista — Fone 33-3277
Mecânica e elétrica p/carros. Amortecedores

ROVILLE
Rua Blumenau, 874
América — Fone 33-3476
Regulagem eletrônica de motores, alinhamento e balanceamento de rodas, serviços de mecânica

MECÂNICA FELICE
Rua Dr. João Colin, 2.803
Centro — Fone 35-1985
Importados e Mecânica Geral

AUTOMECÂNICA J.A.
Rua Professor Teodoro Lauer, 46,
Bom Retiro — Fone 35-3236
Mecânica Geral FORD, GM, VW e FIAT

AUTOMECÂNICA ROMEU
Rua Santa Catarina, 3.240
Floresta — Fone 36-0791
Mecânica, Lataria e Pintura em Geral

AUTOMECÂNICA MIERS
Rua Nacar, 136 (esquina Graciosa),
Guanabara — Fone 26-2656
Regulagem eletrônica de motor, freios, embreagem e suspensão

RETÍFICA DE MOTORES A.H.P.
Rua da Fraternidade, 268
Nova Brasília — Fone 26-1174
Retífica de motores

ESCAPAMENTO CATARINA
Rua Dr. João Colin, 2.037
América — Fone 35-3705
Escapamentos, suspensão, freios, limpeza e regulagem de carburador

AUTOMECÂNICA ADELINO MEIER
Rua Frederico Schlemm, 58
(lateral da rua Xanxerê)
Bom Retiro — Fone 25-1193. Mecânica Ford, VW, Chevrolet e Fiat

MECÂNICA OLEGÁRIO
Rua Tico Tico, 160.
Aventureiro — Fone 37-2322
Mecânica FORD, GM, VW e FIAT

OFICINA MECÂNICA ARY
Rua Santa Catarina, 1.183
Floresta — Fone 36-0612. Mecânica Volks e Ford

MECÂNICA MADRI
MECÂNICA EM GERAL ESPECIALIZADA EM REGULAGEM DE MOTORES
FONE: 22-0819
Rua: Campos Salles — 971 — Glória

AUTOMECÂNICA ROBY CAR
Rua Nilo Peçanha, 342
Floresta — Fone 26-3725
Mecânica Geral Chevrolet, Volks e Fiat. Regulagem de motor, freios, suspensão e câmbio.

MECÂNICA MONZA
Rua Professor Ricardo Busse, 141
Saguaçu — Fone 22-9973
Especializada Chevrolet

OFICINA MEC. ROLF MEYER LTDA.
Rua Prudente de Moraes, 357
Santo Antonio — Fone 25-3665
Mecânica Geral — Automóveis e caminhões

MECÂNICA SASSE
Rua Palmares, 284
Atiradores — Fone 38-6134
Mecânica especializada em Volkswagen, lataria e pintura

LARUS TURBO
Rua Rio Grande do Sul, 500
ATIRADORES Fone 22-1590
Kit's e equipamentos para todas as marcas, mecânica geral, carburador, injeção eletrônica

AUTOMECÂNICA ADELINO MEIER
Rua Frederico Schlemm, 58
(lateral da rua Xanxerê)
Bom Retiro — Fone 25-1193. Mecânica Ford, VW, Chevrolet e Fiat

S.J. AUTO

Tufão
Pizza p/2 pessoas R$ 5,00
Lazanha p/2 pessoas R$ 6,00
Alcatra p/2 pessoas R$ 9,00
(salada mista, maionese, arroz)
XV de Novembro, 2876 — 22-4719
Aberto diariamente a partir das 17:30hs.
Música ao vivo de 4ª a sábado

NÃO DEIXE SEU COMPUTADOR PARADO TENHA ASSISTÊNCIA TÉCNICA IMEDIATA
✓ TODA LINHA DE COMPUTADORES PADRÃO PC
✓ IMPRESSORAS (MATRICIAL,LASER,JATO DE TINTA)
✓ DEMAIS PERIFÉRICOS
✓ REDE LOCAL (NOVELL,WINDOWS WORKGROUPS)
SOLUÇÕES - (0474) 25-4007

P&A BONÉS

ENCORPORY
EM CONFECÇÃO E QUALIDADE JOINVILLE É UMA DAS MAIORES FILIAIS DE SÃO PAULO. A ENCORPORY, LINHA

39 MENEZES, Cacau. Para Escolher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.

CACAU MENEZES

Repensar conduta

☐ De Alberto Dines, em *O Jornalista e as Eleições*, li, gostei muito, e dou de graça a vocês:

☐ "Por absoluta falta de devoção aos seus próprios atributos, com o apoio dos patrões, quadros superiores e inferiores, nossos principais veículos abdicaram do verbo Ser, preferem Estar, emblema de sua transitoriedade. Desistiram de diferenciar-se, abriram mão dos estilos, marcas e personalidades. A imprensa homogenizou-se, perdeu o dom de individuar-se - totalizou-se e, com o perdão pelo neologismo, 'totalitarizou-se'. Por baixo, que em nosso País ninguém aposta e aponta para cima".

Artistas

☐ O que mais se vê no momento político catarinense é cara de pau com telhado de vidro.

Novo espaço

☐ Florianópolis ganha um novo espaço cultural num centenário e simpático casarão da praça Getúlio Vargas, com a inauguração, nesta quinta-feira, da Galeria Di Arcos.

☐ A idéia dos irmãos Adriano e Raquel Borges, há mais de 20 anos no setor de molduras, é criar um ambiente voltado para cursos, mostras de vídeo, lançamentos literários, workshops, performances e, é claro, muitas exposições de obras de arte.

☐ O vernissage inaugural, traz Vera Sabino, Semy Braga, Átila Ramos, Neri Andrade, Beti Trevisan e Mauricio Muniz.

Despontando

JOYCE MUSSI GONÇALVES/DIVULGAÇÃO/DC

Josaine Maldaner, que tremenda gata, heim?

Party

☐ Alexandre Frota e um dos DJs da Limelight, boate maneira de Sampa, estão na terra.

☐ Ontem participaram da *The Man's Party*, na Chamonix, em Joinville, e amanhã repetem a dose na Baturité, de Balneário Camboriú.

☐ Alexandre, aliás, vez por outra costuma dar canja no som. É entendido.

Pra escolher

☐ Carmem Lúcia Fossari, do grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, volta a cena hoje à noite para apresentar, às 20h30min, no Museu Cruz e Sousa, uma leitura dramática de *Vozes Veladas*, da escritora Eglê Malheiros.

☐ Imperdível, assim como Carlos Vereza no TAC a partir de sexta e Arnaldo Antunes no CIC.

Nova geração

☐ Se Michael Jackson pisar no Pântano do Sul periga construir no local uma filial da Disneyworld, para não parar de brincar.

☐ Encontrará ali, com certeza, uma garotada extremamente bonita, na idade e no estilo que gosta, de 11, 12, 13 anos e com brincos e bonés.

☐ A novíssima e moderníssima geração do Pântano do Sul está mais pra Los Angeles do que pra Beira-mar Norte.

Gordinha sexy

☐ Além dos inúmeros bons nomes musicais, a 6ª Produsul, que acontece de 1° a 11 de setembro, em Tubarão, terá uma edição especial, no sábado, dia 3, do Jornal do Almoço, com entrada grátis; uma noite de solidariedade, com alimentos valendo como ingresso; e um concurso, que já desperta interesse na região: a gordinha mais sexy.

☐ A vencedora, veja só que prêmio, vai visitar o rei Roberto Carlos, no seu camarim, com direito a poster para a eternidade.

Nome

☐ Sem se ater a um gênero específico, o show de Arnaldo Antunes, amanhã, no CIC, contém elementos de rock, samba e reggae, além de algumas inserções experimentais-performáticas.

☐ Os instrumentos de percussão tocados por Peter Price foram construídos especialmente para o show, a partir de peças adquiridas num ferro velho.

☐ O cenário também é outra loucura: todo com imagens em movimento.

Cama nele

☐ Se depender de suas últimas atuações no Criciúma, o ponta Jairo Lenzi pode continuar na cama, que no campo não faz diferença.

☐ Dormindo um sono tranqüilo.

Fome de bola

☐ Chico Buarque de Holanda lidera o elenco de artistas do Rio e São Paulo que o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, escalou para jogar em Florianópolis, dia 10 de setembro, um sábado, provavelmente no estádio Orlando Scarpelli. É a *Caravana de Fome de Bola*, que vem percorrendo o Brasil.

☐ Dado Vila-Lobos, do Legião Urbana; Léo Jaime e Ângelo Antônio reforçam o time de estrelas, que vai enfrentar um combinado local, posso garantir, igualmente bem armado: Lico, Paulo César Caju, J.B.Telles, Carlos Eduardo, Renato Sá, Oberdan, Roberto Alves, seu criado, obrigado são nomes certos num time.que terá ainda outros reforços da própria universidade, professores.

☐ O ingresso será dois quilos de alimentos não perecíveis.

☐ A presença de Chico na Ilha, em outro palco que adora, o campo, será motivo de festa, sem dúvida.

☐ Professor José Francisco Fletes é o coordenador local do evento.

Hotel Fazenda JOMAR
DESCANSE NUM HOTEL FAZENDA
Venha se hospedar e se divertir pra valer num autêntico Hotel Fazenda, com todo o conforto, junto à natureza!
Consulte nossos pacotes promocionais!
Reservas: (0482) 45-1514 - Sto. Amaro da Imperatriz-SC

Procura-se

☐ A Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, que já definiu a programação até o final do ano, realizando mais três concertos, continua em busca de aperfeiçoamento e volta a anunciar que está admitindo músicos nos naipes violino, viola, violoncelo, contrabaixo, oboé, fagote, trompa e trombones.

☐ O maestro e regente, José Nilo Valle, vem fazendo verdadeiros milagres com a estrutura que dispõe, contando com o talento e o esforço dos componentes atuais.

☐ Contudo, uma orquestra só se consolida com a atuação em todos os naipes.

☐ Agora, pelo menos, conta com uma sala de 140 metros quadrados, no CIC, para os ensaios e para acomodar os músicos com algum conforto.

O limite de mídia

☐ Muita gente com poder de influência fica nessa de avaliar debates, achando que certo candidato foi melhor do que aquele, se credenciando pelo desempenho diante das câmeras a ser o melhor para o povo.

☐ Collor foi sempre o melhor em todos os debates. Se comunicava magistralmente, era jornalista, poliglota e bonito. Se expressava como um mauricinho de primeiro mundo, com berço.

☐ Não é por ser bom de vídeo, bem arrumadinho, de comunicação fácil, que se julga um bom candidato. Idéias, atos, passado, muito mais.

☐ A arte de governar é bem diferente dessa de se comunicar, prova a história. Nem sempre, ou quase nunca, o que mais fala é o que mais faz.

☐ Até porque, um telespectador preparado sabe relevar exageros, entende as relações entre as várias interpretações.

☐ Se debate ganhasse eleição, Esperidião Amin e Leonel Brizola já estariam no segundo turno.

Estoril Moda Masculina
A LOJA DO HOMEM PREFERIDA PELAS MULHERES
LIQUIDAÇÃO DE INVERNO
Rua Felipe Schmidt, 119 - Beiramar 249

Toques

★★ **REPERCUSSÃO** positiva na comunidade da nova campanha da RBS, valorizando o trabalhador honesto, anônimo, que ajuda a tocar e a limpar o Brasil.

★★ **PREFEITO** Renato Vianna convidando para o lançamento oficial da 11ª edição da Oktoberfest, amanhã, 26, às 20 horas, no Grande Hotel Blumenau.

★★ **JORGE** Bornhausen e Esperidião Amin continuam bem cotados junto à grande imprensa. Enquanto Bornhausen é tido como certo no ministério de Fernando Henrique Cardoso, Esperidião Amin recebeu anteontem de Boris Casoy, no Telejornal Brasil, os maiores elogios pela campanha de alto nível que vem fazendo. É tido com nome forte para 98. Só recebe críticas é no seu próprio Estado.

★★ **UM** dos destaques da bonita exposição de alunos portadores de deficiência fisíca que acontece até sábado no Beiramar Shopping são redes para pesca de camarão. Estão à venda, bem como outros 250 trabalhos. Para quem gosta de uma guloseima, há também docinhos fabricados na Apae da Capital.

COTTON
SPORTGEAR
PRAIA-AERÓBICA-NATAÇÃO
Pronta Entrega em todo o Estado
COTON&CO.
(0482) 46-6014

Os móveis são lindos, mas o que mais vai impressionar você são os preços.

10 anos de garantia
CONHEÇA A LINHA PARA HOTÉIS E RESTAURANTES
THONART
VANGUARDA DESDE O SÉC. XIX
20% DE DESCONTO NA CADEIRA BALANÇO VOVÓ.
Av. Rio Branco, 632 ☎ 233.893
AD&D

40 ÁLBUM de família. **O Cruzeiro**, 5 de nov. de 1995. Arquivos implacáveis de João Conde.

ARQUIVOS IMPLACÁVEIS DE JOÃO CONDÉ

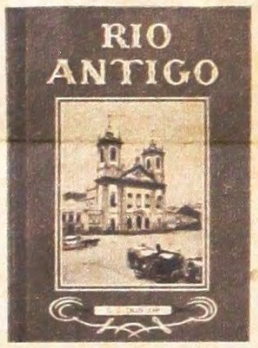
"Se um dia eu rasgasse os meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé." — *Carlos Drummond de Andrade*

BIOGRAFIA DO LIVRO

Meu caro e implacável João Condé,

Pede-me Você a "biografia" do meu "Rio Antigo". Aí vai um pequeno esbôço, por onde se verá que nasceu por acaso.

Não me recordo de quando comecei a coligir, ordenar e classificar informações de caráter histórico sôbre os serviços de utilidade pública no Rio de Janeiro. Sei que foi há mais de 20 anos, quando me interessei por reunir em volume tôda a nossa legislação social-trabalhista. Concluída esta tarefa (felizmente, com êxito, pois a coisa chegou à quarta edição, com 1.200 páginas), tomei gôsto pela letra de fôrma.



Passei, então, a ajuntar a legislação e atos oficiais relacionados a certos serviços de utilidade pública. Rebuscando, sequiosamente, êsses dados, disponho hoje de um bom punhado de notas e achegas obtidas em fontes fidedignas e inéditas (livros de atas, relatórios de diretoria das emprêsas, copiadores de cartas e ofícios, etc.).

Como resultado dessas pesquisas, publiquei, em março de 1940, o primeiro livro — "Eletricidade e Gás" — com aproximadamente 900 páginas, contendo tôda a legislação e contratos firmados pela atual concessionária e suas antecessoras, desde 1828; em outubro do mesmo ano, lancei o segundo livro — "Ônibus" — com 200 páginas, contendo a legislação municipal e as autorizações para êsse serviço no Distrito Federal; em novembro, o terceiro — "Estrada de Ferro do Corcovado" — com 70 páginas, desde a primitiva concessão em 1882; e, em outubro de 1941, o quarto livro — "Tramways" — com 850 páginas, contendo os atos oficiais e concessões referentes ao serviço de bondes no Rio de Janeiro desde 1856.

Com base nesses massudos repositórios de leis e contratos, escrevi, em 1949, os "Apontamentos para a História da Iluminação no Rio de Janeiro", abrangendo o período de 1763 a 1905, e os "Apontamentos para a História da E. F. Corcovado", de 1882 a 1910; e, em 1952 e 1953, os "Apontamentos para a História dos Bondes no Rio de Janeiro" (volume I e II), de 1856 a 1910. Edições particulares, de tiragem reduzida, em breve se esgotaram.

O acesso às fontes, em busca dêsses dados, forneceu-me enorme cabedal de informações interessantíssimas, relativas não só a êsses serviços especialmente, como também, de um modo geral, a outros fatos relacionados com a evolução da nossa metrópole.

Daí as croniquetas sôbre o "Rio Antigo", agora reunidas em livro. Daí, também, a explicação por que, em quase tôdas, aparecem o bondinho de burro, o lampadário a azeite de peixe, as gambiarras a gás, as locomotivas a vapor, as diligências puxadas por muares, os bondes "ceroula", os de casamento e de entêrro, etc. É a prata de casa...

Com um abraço muito cordial do amigo e admirador

Charles Julius Dunlop.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Velha fotografia do grande poeta Cruz e Souza acompanhado de dois amigos: Virgílio Várzea e Horácio Carvalho.

CASTRO ALVES, VISTO POR JORGE DE LIMA

Se a mocidade quer um modelo altíssimo para imitar, que ela imite esse poeta de vinte e poucos anos, glorioso, imortalmente glorioso — Castro Alves. Que ela o imite em suas várias feições de acão e lirismo: o poeta dos escravos, dos proletários, da pátria, da república e pois da democracia brasileira; dos nossos derrames sentimentais, da nossa feição romântica e da nossa vocação prosopopeica.

Ó Paulicéa, ó Ponte-Grande! Ó Glória!

Jorge de Lima

41 PRÊMIO. Diário **Catarinense**, Florianópolis, 5 de mar. de 1995. Visor

JORNAL D.C
DATA 5/3/95
PAGINA Visor

VI

Prêmio

Quinta-feira, a poeta catarinense Eglê Malheiros receberá o prêmio "Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores/94", pelos serviços prestados à cultura brasileira e pelo conjunto de sua obra. A homenagem será realizada na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

42 VOZES veladas. **O Estado**, 13 de dez. de 1995.

JORNAL O. Estado
DATA 13/12/95
PAGINA Inf. Geral

Vozes veladas

Será lançado amanhã, no Palácio Cruz e Sousa, a partir das 20 horas, o livro "Vozes Veladas" da escritora catarinense Eglê Malheiros, editado pela Movimento (Porto Alegre). Trata-se de uma peça teatral, em dois atos, sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa. Um grupo carioca, com o comando do ator Stepan Nercessian, prepara a montagem da peça para apresentação no Teatro João Caetano, a partir de março.

42

43 VOZES veladas. **O Estado**, 13 de dez. de 1995. Roteiro.

JORNAL O Estado
DATA 13/12/95
PAGINA Roteiro

Vozes Veladas — Acontece amanhã, a partir das 20 horas no Museu Cruz e Sousa, no centro de Florianópolis o lançamento do livro Vozes Veladas. Trata-se de uma peça em dois atos de Eglê Malheiros, sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa. Na ocasião haverá leitura dramática de trechos da peça, pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, da Universidade Federal de Santa Catarina, dirigido por Carmem Fossari.

44 CRUZ e Sousa. Diário **Catarinense**, 14 de dez. de 1995. Variedades

JORNAL Do
DATA 14/12/95
PAGINA Variedades

44

Cruz e Sousa

Vozes Veladas é o título do livro de estréia de Eglê Malheiros, na área de dramaturgia, a ser lançado hoje, às 20h, no Museu Cruz e Sousa. Uma peça em dois atos sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa - que nasceu em Nossa Senhora do Desterro no século passado e inaugurou a poesia simbolista no Brasil com as obras *Broquéis* e *Missal*. *Vozes Veladas* é uma publicação da Editora Movimento, com tiragem de mil exemplares e à venda por R$ 8,00. No lançamento em Florianópolis, o grupo Pesquisa Teatro Novo da UFSC, sob a direção de Carmen Fossari, fará leitura dramática de trechos do livro de Eglê Malheiros.

45 EGLÊ Malheiros estréia a peça "Vozes Veladas". **AN Capital**, 14 de dez. de 1995. Geral

JORNAL ANcapital
DATA 14/12/95
PAGINA geral

45

Eglê Malheiros estréia a peça "Vozes Veladas"

A escritora Eglê Malheiros oficializa sua estréia na área da dramaturgia hoje, às 20 horas, com o lançamento da peça "Vozes Veladas", que está sendo montada no Rio de Janeiro. Nem bem publicou uma, já prepara outra para sair depois do verão. A nova peça terá abordagem sobre o papel da mulher na sociedade. Sem título ainda, apenas está confirmada na trama que uma mulher escritora será a protagonista, mas isso não significa autobiografia. "Vozes Veladas", finalizada no final de 1993, resgata a memória do poeta Cruz e Sousa, escritor nascido em Nossa Senhora do Desterro-nome anterior de Florianópolis-no século passado e inaugurador do Simbolismo no Brasil com as obras "Broquéis" e "Missal".

A peça de Eglê apresenta dados biográficos e vários trechos da poética de Cruz e Sousa. O próprio título da peça refere-se a um poema, pois vozes veladas é a base da sonoridade do poema "Violões que Choram". A pesquisa da escritora catarinense durou cinco anos. A recompensa foi imediata: além da edição da peça pela Editora Movimento, de Porto Alegre, com tiragem de mil exemplares, a montagem no Rio de Janeiro, com produção de Marcelino Buru, direção de Stephan Nercessian e Zezé Mota e Irving São Paulo no elenco, tem estréia marcada para abril do próximo ano, no importante Teatro João Caetano.

Durante o lançamento do livro, o grupo Pesquisa Teatro Novo-UFSC, com direção de Carmen Fossari, fará leitura dramática da peça.

46 DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, 14 de dez. de 1995.

JORNAL O Estado
DATA 14/12/95
PAGINA cultura

46

Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa

Texto sai em livro da Editora Movimento. No Rio, Stepan Nercessian prepara a encenação

Carlos Damião

A escritora Eglê Malheiros lança hoje, às 20 horas, no Museu Cruz e Sousa, o livro "Vozes Veladas", uma peça em dois atos, sobre a vida e a obra do poeta catarinense Cruz e Sousa, editada pela Movimento (de Porto Alegre). Durante a noite de autógrafos haverá apresentação de leitura dramática de trechos da peça, pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, com direção de Carmem Fossari.

O texto de Eglê está sendo montado no Rio de Janeiro, com direção de Stepan Nercessian e com Zezé Motta e Irving São Paulo no elenco. A estréia, marcada para março, será no importante Teatro João Caetano.

"Vozes Veladas" é o título de um dos poemas de Cruz e Sousa e é declamado em um trecho do primeiro ato da peça. A obra da escritora catarinense aproveita não só a beleza da criação poética, mas também toda a carga dramática contida na literatura - e na vida - de Cruz e Sousa. O poeta, negro, discriminado, pobre, destacou-se como o introdutor do simbolismo no Brasil e é reconhecido internacionalmente pelo talento de seu trabalho.

A autora utiliza características da metalinguagem na elaboração da peça, destinando a Cruz e Sousa o "papel" de ponto — uma figura que, no teatro clássico, sempre orientou os atores, a partir de sua posição privilegiada (ficava no fosso do palco).

Em "Vozes Veladas" o ponto não só tenta "conduzir" os outros personagens — entre eles Nestor Vitor, o amigo, e Gavita, a esposa de Cruz e Sousa —, como também desenvolve um papel crítico. Veja-se este trecho: "Basta! Cansei de ser, minha vida e minha obra, objeto de manipulações e leituras redutoras. Só eu sei o que vivi e o sei agora, porque, por ocasião em que as coisas vividas eram presentes, havia muita névoa das idéias feitas tudo confundindo. Só eu sei o que significa aquilo que escrevi; se bem que muito do que escrevi para mim próprio era nebuloso e ambíguo, por vezes estranho mesmo, como se outros eus que me habitavam se pusessem a falar (...). Para quem falei? Para amigos, amigos verdadeiros, por certo. Hoje me pergunto, para quem falo? Para quem for capaz de comigo sentir. Então, basta! Sou eu quem dirige o espetáculo".

A autora — Eglê Malheiros é uma das mais importantes intelectuais catarinenses do século XX. Ativa criadora cultural desde a década de 40, foi uma das fundadoras do Grupo Sul, o movimento artístico que iniciou o modernismo em Santa Catarina. Com o marido, Salim Miguel, escreveu argumento e roteiro de "O Preço da Ilusão", primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina.

Bacharel em Direito pela UFSC, mestre em comunicação pela UFRJ, professora, escritora, tradutora e especialista em literatura infanto-juvenil, Eglê também teve participação de destaque na militância política — o que lhe causou a prisão em 1964, durante o golpe militar. Em conseqüência da perseguição acabou perdendo a cátedra de História no Instituto Estadual de Educação e mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, de onde voltou apenas em 1979.

Tibúrcio de Freitas

Luís Tibúrcio de Freitas – "Depois de onze anos de labor nesta terra mudou-se para o Rio de Janeiro o ex-diretor e ex-proprietário desta folha" – diz o "*Novidades*", de Itajaí, de 23 de janeiro de 1910, n. 295, ano VI.

Tibúrcio, após curta estada na capital e em Laguna, fixou residência em Itajaí, abrindo um colégio de crianças. Foi professor em Itajaí durante os cinco primeiros anos de sua residência naquela cidade.
"Com a aquisição do material da antiga tipografia "Progressso" fundou em 05 de junho de 1904 o *Novidades.*

No *Novidades* de 08 de outubro de 1905, Tibúrcio de Freitas comenta::

Últimos Sonetos

Apareceu e foi posto à venda, no dia 28 de setembro findo, na Capital Federal, o livro "Últimos Sonetos", das que deixou a última obra que faltava ser dada à publicidade do genial poeta negro, do mais peregrino temperamento literário que já se revelou em o nosso país – Cruz e Sousa.
"Últimos Sonetos" é a obra culminante que produziu o genial rebelado, é um dos livros de mais intensa e estranha espiritualidade que possuímos, um como misto de ânsia dolorosa de Antero de Quental e do misticismo de Paul Verlaine.
"Últimos Sonetos" vai se tornar o devocionário, o livro das Horas de quantos no Brasil contemporâneo amam a arte de que Cruz e Sousa foi um dos Supremos Sacerdotes."
E encerra a notícia com a poesia *Triunfo Supremo.*

No *Novidade* de 19 de março de 1905 refere Tibúrcio de Freitas:
"Quando conhecemos Cruz e Sousa já ele havia dado ao público Missal e Broquéis, livros que pelas surpresas da fantasia e audácia de estilo provocaram, de par com sinceras e grandes admirações, ódios e despeitos mesquinhos."

"De então, até a data de sua morte, o seu espírito passou por uma evolução notável."

Na edição de Domingo, 25 de março, Tibúrcio lembra que na Segunda-feira última, 19 de março, fez oito anos que morreu Cruz e Sousa, de quem foi grande amigo e admirador, e cujo calvário que foi sua existência acompanhou de perto, quotidianamente. E publica um inédito do poeta que não foi incorporado à "Poesia Completa"

SERENATA
(INÉDITO)

É luar! Chega à janela
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bela
E fria...

Ó monja de áureo convento
Surgindo no peristilo,
À tona do firmamento
Tranqüilo...

Dentre as celas aparece
Nas tuas vestes talares,
Vem ver dos fluidos luares
A prece...

Essa látea claridade
Da noite profunda e vasta,
Mais casta que a Castidade,
Mais casta...

Entre os trêmulos nevoeiros
E os magnetismos da Lua,
Ofélia à flor dos salgueiros
Flutua!

Entre as poesias de Cruz e Sousa que não foram incluídas na "Obra Completa" organizada por Andrade Muricy, há um soneto, bastante curioso, publicado na *Regeneração* de 8 de fevereiro de 1884, e que só não se tornou famoso porque os políticos, se o leram, não conseguiram entendê-lo.
Vivia Santa Catarina um momento crucial de sua política partidária. Em 1881, estando no poder, os liberais perderam a eleição de deputado geral, no 1° distrito, para o conservado Alfredo de Taunay, que pretendia repetir a façanha. Mas como Presidente de Santa Catarina estava Francisco Luís da Gama Rosa, um homem de partido, que arregaçava as mangas para dar a vitória ao seu candidato. Com este homem no poder, as chances de Taunay , apesar de seu forte contingente eleitoral na zona de colonização alemã, eram bastante problemáticas, se tivesse que enfrentar a máquina do governo. Seu objetivo, portanto, era fazer com que para Santa Catarina o governo liberal mandasse um presidente que , como Rodrigues Chaves, na eleição de 1881, deixasse a eleição correr por conta dos partidos, mantendo-se imparcial. Para conseguir este fim, e Taunay era assíduo freqüentador dos corredores e antecâmaras palacianas, grande amigo do Conde d'Eu, seu primeiro passo seria desmoralizar politicamente o presidente Gama Rosa, acoitador da camarilha liberal, para forçar a sua demissão. E começou por financiar largamente a aparição de um jornal fortemente de oposição, o que em Santa Catarina no momento não havia, impresso em tipografia própria, o *Correio da Tarde,* folha diária, que apareceu em 01 de janeiro de 1884, o ano da eleição. O propósito da folha era criticar sem tréguas a Gama Rosa, desacreditando-o politicamente, para que, repercutindo na Corte os "descalabros governamentais", fosse demitido. O ministério Dantas batia-se pela aprovação da lei que concedia liberdade aos sexagenário. Taunay, abolicionista, era voto seguro em favor do projeto, mas como declarou da tribuna da câmara, não ia contribuir com o seu voto a favor do ministério Dantas, que persistia em manter na presidência de Santa Catarina um energúmeno. De fato, no dias da votação, ficou em casa, doente.
E nada escapava aos redatores do *Correio*, o mais inexpressivo ato administrativo, a mais banal ocorrência, tudo era distorcido, se necessário, para dar motivo a críticas descomedidas.
Só porque o presidente, numa conversa informal, entre amigos, num momento de irritação com as críticas de que vinha injustamente recebendo, deixou escapar que os catarinenses não tinham patriotismo, nem civismo, e que os jornalistas da oposição, verdadeiros pasquineiros, eram imorais em suas verrinas, recebeu em troco esta descomunal descompostura:

> "Imorais são aqueles que, Como V. Ex., em alta posição, franqueiam suas habitações, noite e dia, a meretrizes, e com elas se pavoneiam à janela, afrontando o pudor dos transeuntes.
> Imorais são aqueles que, como V. Ex., caluniam a inocência, e que podres de vícios e misérias, usando do poder imerecidamente obtido por proteção, atiram, contando com a impunidade, lama à face de uma população honesta e laboriosa, que os recebeu de braços abertos.
> Imorais são aqueles que , como V. Ex., Sr. Visconde de Grama Cravo, praticam atos infames que aviltam o homem e o tornam inferior ao bruto!! (*Correio da Tarde de 19-01-84).*

Eis até onde chegava a deturpação dos fatos. Gama Rosa, na verdade, andava de amores com uma francesa, mulher de beleza muito decantada na ilha. Sendo, porém, solteiro, não tomava cuidados em esconder seu romance, permitindo que a linda modista, vez por outra, discretamente, freqüentasse o palácio do governo, onde Gama Rosa residia.
Corria tudo mais ou menos em segredo quando em certo dia , para apreciar alguma cena inesperada na praça, a francesa e Gama Rosa chegaram à janela. Um fotógrafo, de nome Osório, teve a sorte de fixar o momento. E, feliz da vida, prevendo bom lucro , estava a vender em seu vistas da sacada do palácio, com a francesa e o presidente à janela. Bem poucas na verdade chegou a vendê-las, pois, chamado à presença do Chefe de Polícia prontamente concordou em dar fim ao material..

Outra diatribe, para expor Gama Rosa ao ridículo:
"Ontem de manhã apareceu no Largo do Palácio um fenômeno digno de admiração. Uma mentalidade sociológica, vestida de casaca, com dois chapéus, um debaixo do braço e outro, de aba levantada, na cabeça.
Forte animal, se não é doido, parece mentecapto.
É o homúnculo dos dois chapéus!!!
E que esquisito estava.
Adivinhem quem foi o cujo que assim se expôs à irrisão pública.
Todos riam a bom rir, porque, realmente, só um biológico estapafúrdio poderia ter coragem de apresentar-se assim na rua." (*Correio da Tarde* de 13-03-84)

Insultos infamantes, caluniosos, indignos de um jornal que tinha Ramos Jr. na redação, professor laureado, poeta de livro publicado, também não faltaram, como este, aparecido em 02 de junho de 1884, ao chegar a notícia de que o

ministério Sousa Dantas, que acabara se subir em substituição ao de Lafaiete, pretendia manter Gama Rosa na presidência.
"S. Ex. permanece e permanecerá para maior glória dos saltedores dos cofres públicos, dos engolidores de comissões indevidas, de ajudas de custo idem , da maior ladroeira de quinino, e também da ... pederastia."

Justus

E sendo assim tão descomedida a oposição, que não passava dia sem ter o que criticar, por que o soneto de Cruz e Sousa, oferecendo bons motivos para a oposição deblaterar, estampado no órgão que publicava os atos oficiais, e defendia a administração da província, passou em brancas nuvens?

Em 1883, Cruz e Sousa era republicano e abolicionista. Em aplaudida conferência que no ano seguinte pronunciou na Bahia, disse, fazendo suas as palavras de Assis Brasil, que a república é a única forma de governo compatível com a dignidade humana. E vergastou, naturalmente, o cancro social da escravidão.
Pouco mais tarde, no Maranhão, comentando o livro de versos, "*O Espectro do Rei*", de Moreira de Vasconcelos, cujo título já denuncia o caráter antimonárquico das poesias, acentua que nelas foram "apanhadas na sua síntese toda a gestão do Rei, a figura lendária a que todos os fatos do movimento político superior exprobram e invectivam"
Considerava Cruz e Sousa, jovem então de 22 anos, pelo que expendeu neste comentário, que, de acordo com o evolucionismo spenceriano, a monarquia era forma ultrapassada de governo.
Assim, só lhe podia causar desgosto a cena que presenciou em outubro de 1883. Estava na Corte, de passagem para o norte, com a cia. teatral em que trabalhava. E presenciou o imponente cortejo, que todos os anos se repetia, na sessão de abertura e encerramento do parlamento, do Imperador saindo do paço de São Cristóvão, aparatosamente vestido, em trajes majestáticos, envergando sua murça de papo de tucano, em direção ao Senado, para ler a mensagem imperial. Grande séquito de carruagens , dos grandes do Império, acompanhavam o imponente coche real. A guarda dos alabardeiros vestia uniforme verde com galões dourados, chapéu armado e lança Arqueiros, lacaios e mais criadagem . em seus trajes para os dias de gala vinham ao lado das carruagens. O povo se comprimia nas calçadas, impedido de invadir as ruas pelos *toma-larguras*..

Ao presenciar o rolar das carruagens e o tropel dos ginetes ajaezados, não pôde Cruz e Sousa deixar de lembrar-se das poesias de Fontoura Xavier em "*O Régio Saltimbanco*", que punha em ridículo cenas como aquela, e lhe veio o desejo de escrever, talvez ali mesmo, um soneto a propósito.

Do Trapézio Real

A Virgílio Várzea

A cavalgada aperta-se na praça
A se agitar nuns tons funambulescos
Como uma velha e sórdida devassa
Em risos torpes, largos e grotescos

Rodam os coches áureos, majestosos,
Alas abrindo entre a multidão bruta....
Pela multidão, em giros sinuosos,
Anda uma paragem morna e impoluta!

Passa o histrião com o papo de tucano,
Lançando o olhar brejeiro e soberano,
Por sobre o povo – em êxtase real...

Enquanto s sol – o tema iluminado
Cai no poente – rubro, ensangüentado,
Como um enorme mancha tropical!...

Cruz e Sousa

(*Regeneração* de 08 de fevereiro de 1884).

A mancha tropical é a escravidão

Sorte de Gama Rosa que os redatores do *Correio da tarde* nem de longe tivessem imaginado que o histrião com o papo de tucano era o Imperador em pessoa.; e que o jornal oficial se atrevera a publicar este acintoso crime de lesa-majestade. .

Mas o soneto ficou esquecido nas páginas do jornal, sem ser entendido, não se tornando a peça chave que, devidamente explorada, sem dúvida passaria para a história como tendo apressado a tão desejada queda de Gama Rosa.

Em 06 de junho deste ano sob um novo ministério liberal, presidido pelo Senador e Conselheiro de Estado Manuel Pinto de Sousa Dantas, que traz idéias muito definitas sobre o apressamento da extinção gradual do elemento servil. Entende que para aumentar o fundo de emancipação, que tem girado num círculo acanhadíssimo deve ser chamada a concorrer toda a massa de contribuinte e não apenas, como até agora, as classes proprietárias. Considera indispensável uma lei geral que fixasse nas províncias a população escrava, impedindo de ser exportada para outros centros. E propôs, como medida oportuna, e de inteira eqüidade a libertação dos escravos que já tivessem, ou atingissem a idade de 60 anos.

Jamais imaginou Sousa Dantas – e nem mesmo o Imperador, que deu seu assentimento ao projeto – que tão prudentes medidas pudessem revoltar os escravocratas.

Sessão de 11 de junho de 1884 da Câmara dos Deputados. Ia discursar Taunay. Todos esperavam que , embora conservador como Severino Ribeiro Carneiro Monteiro, deputado pelo Rio Grande do Sul, Antônio Pinto de Mendonça e Álvaro Caminha Tavares da Silva, deputados cearenses, apoiasse, ao lado deles , o projeto Dantas.
Ninguém punha em duvida suas convicções abolicionistas, pois sua teoria, compartilhada publicamente pelo Conde d'Eu, que em 02 de outubro de 1869, comandando as forças brasileiras, libertou os escravos no Paraguai, era a de que, enquanto vigorasse a escravidão no país, não haveria emigração em larga escala do colono europeu. E a imigração européia, a par da grande naturalização, de direitos iguais para os protestantes, secularização dos cemitérios, e casamento civil, eram as grandes bandeiras de Taunay, contra as quais o reacionarismo conservador se opunha . Cotegipe chegava mesmo a considera-lo, por suas doutrinas, um elemento estranho , e chegou mesmo, em 1887, quando presidente do conselho de ministros, com a sua habitual ironia e mordacidade, a dar-lhe passaporte para sair do partido. Na sessão do senado, de 04 de julho de 1887, agastado, Taunay chamou Cotegipe de atrasado, tresloucado, inimigo do progresso, coluna da escravidão.

Considerava-se pois, como certo, o apoio de Taunay ao projeto Dantas. Mas Taunay pretendia reeleger-se por Santa Catarina nas eleições deste ano de 1884, e temia que Gama Rosa, homem de partido, usasse e abusasse de toda a força que o poder dá para eleger o candidatos liberal.. A substituição deste presidente por um outro que se comportasse com isenção, era o sonho de Taunay, e era isto o que pedia a Dantas para dar-lhe o voto.
Diz neste seu discurso de 11 de junho de 1884:

> "Que o gabinete atual é por enquanto, prolongamento do outro ministério, verifica-se pela conservação de todos os presidentes de província. Desejo e preciso saber qual o pensamento do governo a este respeito. Se o nobre e atual diretor da situação tiver em vista cumprir as suas

promessas [de realizar eleições livres]e desobrigar a sua palavra, há de cuidar que o pessoal administrativo, tão preponderante em épocas eleitorais, seja escoimado de toda a suspeição de parcialidade. Como conservar administradores que já fizeram liga a mais íntima com os chefes do partido liberal na prática de toda a sorte de tropelias contra os direitos dos conservadores? Na bela e generosa província, que tenho a honra de representar, acha-se um administrador novel, bisonho e a deixar praticar, como que sem consciência, arbitrariedades dignas da maior profligação e censura.

Aquele administrador, pesa-me dizê-lo, não está à altura de sua elevada posição. Pedantesco em sua linguagem, alardeando teorias que desmente na prática, pueril em múltiplas ocasiões, não tem o prestígio devido para se fazer respeitar, nem talento para se impor aos outros e provocar adesões. Usa mal das leituras que fez, à maneira de um espírito desequilibrado que não pode assimilar convenientemente aqueles conhecimentos que procurou colher e a esmo apregoa com entono (,,,) É impertinente em documentos oficiais. Isto mostra quanto aquele moço é novato."

Taunay punha as cartas na mesa, votava com Dantas na questão do elemento servil, mas queria a cabeça de Gama Rosa.

Na sessão de 20 de junho, quando Almeida Nogueira punha em dúvida a promessa de Dantas de reprimir a fraude eleitoral e a violência, em ordem a que a eleição fosse verdadeira e livre, Taunay aparteou:

> "Eu não considero assim. Vamos ver. Já tenho escrito neste sentido para Santa Catarina. A primeira medida é a demissão do presidente, que é energúmeno."

x-x-x

Em janeiro de 1884 começou a circular um vespertino de oposição, o *Correio da Tarde*, que se dizia largamente financiado por Taunay e que tinha como principal redator Ramos Jr.

O Correio da Tarde, de 12-01-84, assinada pelo "*Conde da Modéstia*" publicou *Carta* ao Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Grama Cravo.

Contaram-lhe que Gama Rosa dissera "que os catarinenses não tinham patriotismo, que em Santa Catarina não há civismo, que os homens não tinham hombridade, que nesta província só se via imoralidades", e ripostou:

"Imorais são aqueles que como V. Ex. em alta posição, franqueiam suas habitações noite e dia a meretrizes e com ela se pavoneiam à janela, afrontando o pudor dos transeuntes.

Imorais são aqueles que como V. Ex. caluniam a inocência, e que podres de vícios e de misérias, usando e abusando do poder imerecidamente obtido por proteção, atiram, contando com a impunidade, lama à face de uma população honesta e laboriosa, que os recebeu de braços abertos.

Imorais são aqueles que como V. Ex. Sr. Visconde de Grama Cravo, praticam atos infames que aviltam o homem e o tornam inferior ao bruto "

Respondeu-lhe a Regeneração de 18 de janeiro de 1884.

Ao Corsário

podem inventar toda a casta de mentiras, calúnias, idear anedotas, lançar mão enfim de todos os recursos cediços de oposição; mas o que não poderão jamais fazer é abater a reputação de uma das mais bem constituídas mentalidade do Brasil."

<u>Publicações a Pedido</u>

Ao corsário

A súcia do "corsário" procura intrigar S. Ex. com a população desterrense, mas, com certeza, perde o seu tempo; porquanto ninguém, que possua espírito de justiça e dignidade, deixará de reconhecer a alta moralidade do ilustre cavalheiro a quem a <u>súcia</u> atira pedras e que, além dos elevados dotes intelectuais que o recomendam como administrador, tem muita afeição a esta província, tão explorada pelos intrigantes."

Bem ao contrário do que escreveu R. Magalhães Jünior, a primeira viagem por mar de Cruz e Sousa não foi em 1881 como ponto da Cia. Simões. Foi bem antes, em 1878, quando contava 17 anos, completados dia 24-11, e já trabalhava como ponto teatral.

"Para Laguna – Uma companhia dramática organizada nesta capital pela inteligente artriz D. Francisca Deolinda Leal Ferreira seguiu ontem no Itaperobá para a cidade da Laguna, onde tenciona passar alguns meses. Almejmos à sra Deolinda e seus companheiros todas as venturas. *(Conservador de 28 de novembro de 1878, n. 506).*

No *Conservador* seguinte, de domingo, 1° de dezembro, informa-se:

Passageiros – Seguiram para a Laguna no Itaperobá em sua última viagem os seguintes:
Antônio Setembrino de Andrade
Henrique Fuchiette
Manuel Pinto da Fonseca
José da Silva Araújo
João da Cruz e Sousa
D. Eudóxia Nascimento
D. Teresa Alvarenga
D. Jesuína Leal Ferreira
D. Francisca Leal
Joaquim Teodoro Leal Ferreira
Irineu Manuel dos Santos..

Mâncio da Costa e o soneto à memória de Juvêncio Costa

Mâncio da Costa em "Três poetas ilhéus e um soneto elegíaco", publicado no Anuário Catarinense – 1955, falando sobre Juvêncio Martins da Costa, João da Cruz e Sousa e Juvêncio de Araújo Figueiredo, diz de Cruz e Sousa: "Nado e criado na casa patriarcal e fidalga dos Fagundes e instruído por mestres tais como Grant, Sílvio Pélico de Freitas Noronha, e o sábio tudesco Frederico Müller, o genial nefelibata dessedentara-se na literatura alemã, na inglesa e na francesa, donde lhe advieram o pathos schoupenhaueriano, o empirismo científico britânico e a forma e os símbolos franceses."

E reproduz o soneto de Cruz pela morte de Juvêncio Costa:
"Em **A Regeneração**, periódico do partido liberal, de Quinta-feira, 12 de outubro de 1882, exemplar n. 79, ano 14, há um soneto elegíaco de Cruz e Sousa, dedicado à memória de Juvêncio Costa, seu velho companheiro nas lides jornalísticas.
Traz a data de 10 de outubro, dia em que faleceu Juvêncio.
Ei-lo:
"À Memória de Juvêncio Martins da Costa"

SONETO

"E a ti que sentias como poeta, a quem talvez o gênio matou num beijo de fogo, a quem Deus daria na existência a coroa mística dos amores, a glória suas visões, as noites seus perfumes, as luas suas lâmpadas de ouro – Boa Noite!

Álvares de Azevedo, Orações Fúnebres

A alma de Juvêncio foi suspensa
Da tarde no arrebol...suavemente
Perdendo-se veloz, alistridente
Nos páramos azuis, na esfera imensa.

Após tardo viver em sombra densa
E sempre a burilar no crânio ardente,
Depôs o alvião, a pena ingente
O nobre lutador. Fatal sentença.

Enquanto o corpo seu na sepultura
Dos vermes jaz enfim, já carcomido,
Fartando-se de horror, de noite escura,

Sua alma, seu espírito, fundido
Dos gênios imortais na luz que apura,
Altivo há de passar soberbo, erguido."

47a ALVORDA da indústria

Desterro dependia inteiramente de seu porto. Viajar por terra, só a cavalo, ou em lombo de burro, pois estradas para carroças e carruagens simplesmente não as havia. Uma esperança nova porém surgia. A linha férrea ligando Desterro a Porto Alegre, "The D. Pedro I Railway, sonho de 20 anos do engenheiro Sebastião Rodrigues Braga, ia finalmente concretizar-se. Em dezembro de 1883 chegou a notícia de que o governo referendara o decreto dando garantia de pagamento de juros ao banco financiador inglês. Desterro alvoroçou-se com a boa nova e prorrompeu em festas. Música, foguetório, reuniões, discursos, passeatas. Um partido político , o partido das classes, chegou a ser fundado, para eleger pessoas que defendessem o interesse da empresa. Os trilhos, é claro, viriam trazer o progresso, a circulação de riquezas, o intercâmbio fácil de idéias. Havia porém um problema, um conflito de interesses com a cidade do Rio Grande, para a qual a projetada estrada de ferro poderia significar o abandono quase total de seu porto, com sua perigosa barra e seus traiçoeiros bancos de areia sempre a mudar de lugar. Rio Grande iria perder muito de seu movimento comercial, pois a praça de Porto Alegre passaria a despachar e receber suas mercadorias por via férrea. Em resumo, ao Rio Grande e a toda a região que florescia com o movimento de seu porto, não interessava a construção da estrada de ferro Pedro I. Resultado: Pedro I acabou ficando na festa de inauguração, sendo rescindido o contrato com a companhia inglesa que iria construí-la. Mas enquanto durou o sonho, enquanto os catarinenses acreditaram que ela seria uma realidade , um poeta desterrense em começo de carreira, Cruz e Sousa, usando de propósito o metro alexandrino, com sílabas gramaticáis bem compridas para lembrar uma locomotiva com seus vagões, celebrou os benefícios que dela se esperava num soneto publicado no Despertador de 09 de janeiro de 1884 e não incluído na coleção da "Obra Completa", nem nas "poesias completas"

ALVORADA DA INDUSTRIA

Ao engenheiro Sebastião Braga

Entreabre a natureza o místico pulmão,
Lembrando que se ergue, aos tombos, dum letargo
E sente o latejar do rubro coração,
O musc'lo a distender, hercúleo, bronzeo, largo!

Uivando - O Trem de ferro - estende a cauda enorme...
Enquanto nuns estranhos, íntimos vocábulos
Os pássaros gazis, nos bons conciliábulos
Orquestram pelo ar, em bandos multiformes!...

Os seios tropicais, se abalam da floresta
E a amena capital, pressente, toda em festa
Que apagam-se das trevas as nódoas e os estigmas!...

Irrompe a exuberância audaz da natureza,
E as almas patrióticas, ébrias de surpresas,
Decifram do porvir os rútilos enigmas!!...

O Despertador, de 9 01-84

47b SOUSA, Cruz. Cabellos e olhos. **A Fé:** órgão da Associação Irmão Joaquim. Florianópolis, 1908.

salas do Conselho Municipal.

Limpeza. — O sr. superintendente municipal mandou proceder nova limpeza no leito do rio da Ponte do Vinagre.

Convém que os moradores das suas margens concorram para a conservação desse serviço, a bem da hygiene da cidade, deixando de utilisarem-se do rio para lavagem de roupas e despejos de aguas servidas.

Parece-nos até de bom aviso que fôsse prohibida a lavagem de roupas nesse rio, de tão longo curso, á vista das condições do terreno que atravessa, as quaes tornam difficil á municipalidade evitar que n'elle depositem até materias em decomposição.

A embarcar.—Para o Rio, o prestimoso sr. senador Dr. Felippe Schmidt, e para Corumbá, o sr. 2º tenente Antonio Guilhon, nomeado ajudante d'ordens do commando d'aquelle districto.

—«»—

Cabellos e olhos

Na escura treva espêssa de uns cabellos,
No loiro sol doirado de umas tranças,
Que amorosos e profundos zelos,
Quanta illusão e quantas esperanças.

Se a noite ou o claro dia das madeixas
Tivesse vóz e com ardor fallasse,
Que turbilhão de desoladas queixas,
Talvez por muito tempo nos contasse.

E os beijos quentes, os supremos beijos
Cheios do coração dos que se adoram
Cantariam de amor e de desejos
Os sons que nuns cabellos se evaporam...

Repetiriam toda a cavatina
Em que os amantes vivem doidamente:
Alma com alma em região divina,
Labios unidos n'um fervôr latente.

E os olhos que traduzem quasi tudo
Do nosso apaixonado sentimento
Que mundo de affeições, gelado e mudo,
Não nos disiam, sôlto já ao vento...

Que virginaes, que candidos mysterios,
Que ventura serena e luminosa
Uns olhos doces, limpidos, ethereos
Não contariam, n'uma luz saudosa.

Que impenetraveis, tristes aventuras,
Que desesperos tragicos, infindos,
Quantas chiméras ideaes e puras
Não dos diriam tantos olhos lindos.

De uns olhos quanto sonho e quanta crença,
Que passaros de affagos e carinhos
Não teriam de abrir sua aza immensa
Como de dentro da maciez de ninhos.

Cabellos e olhos!—A alma indifinida
E' presa da emoção destes cuidados,
De uns olhos e cabellos, que na vida
Servem de talisman aos desgraçados.

Cruz e Souza

1889.

ANNUNCIOS

Anacleto D. Silva

Venda de xarque e outros artigos de seccos.

Rua Altino Corrêa

testinos das crianças.

Pelo effeito que tem produzido o VERMIDOL podemos garantique não existe medicamento algum que lhe possa ser comparado. Para seu uso não é necessario purgante Muitos attestados provam o seu effeito seguro.

As bichas são expellidas e tambem toda a sorte de lombrigas.

Vidro 1$500. Duzia 16$000

Fabricantes e vendedores

ELYSEU & FILHO

DROGARIA

—E—

Pharmacia Central

Especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras

OLIVEIRA FILHO & C.

RUA ALTINO CORREIA 38

Em frente ao Mercado

Santa Catharina — DESTERRO

Constantino Garofallis

COMMISSÃO, CONSIGNAÇÃO E CONTA PROPRIA

Rua Jeronymo Coelho n. 2

Esquina da Altino Correia

FLORIANOPOLIS

VERMIFUGO RAULIVEIRA

«Poderoso medicamento puramente vegetal contra toda a sorte de vermes ou lombrigas intestinaes.—Unico approvado pelo Instituto Sanitario Federal.—O «Vermifugo Rauliveira» tem a vantagem, além de outras, de não só destruir todas as lombrigas como tambem produzir uma acção salutar do estomago e intestinos, alliviando, deste modo, muitos males que resultam do desarranjo dos orgãos digestivos.—A sua prompta operação em todos os ataques repentinos, taes como: Covulsões, tosses, colicas ou espasmos—dá-lhe uma superioridade sem rival. —RAULINO HORN & OLIVEIRA, unicos proprietarios e fabricantes. S. Catharina-Florianopolis.

Reis & Souza

COM ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS POR

ATACADO E VAREJO

Rua Altino Correia, 40

Tem sempre generos de superior qualidade e baratissimos

48 BARBOSA, Lydio. Cruz e Sousa, **Novidade,** 22 mar. [1905]

Anno IV — Itajahy—Domingo, 22 de Março

NOVIDA

Orgam noti

lender
resentações
or Feijó 27
LO
ra S. Paulo e Rio de
er productos do
atharina.

crianças!
AULIVEIRA
sse. medalha de ouro, na Expo-
Catharina.
. Adoptado na clinica medica de
tivos.
Vegetal
ra toda a sorte de ve
lombrigas
A sua prompta operação e
todos os
ataques repentinos, taes co
convulsões, colicas ou
espasmo—dá-lhe uma
superioridade sem rival
10 annos de continuas e
satisfatorias
experiencias—garantem
a sua efficacia
como o unico remedio
capaz de
expulsar as lombrigas, s
resultar
damno algum ás creanç
VIDRO 1$000
Oliveira
S FARICANTES

Cruz e Souza

Talvez porque o seu espirito, rebelde ás situações constrangidas, não pudesse ajustar-se ao meio a que se via chumbado, Cruz e Souza habituara-se a resistir, victoriosamente, pela ironia expontanea, pelo epigramma facil e scintillante, aos inutels, aos sornas, como dizia elle, em que porventura tropeçava no seu caminhar de illuminado.

Por isso mesmo, entre os seus intimos, era frequente vel-o, irreductivel, superior, destruir e fulminar, a um simples golpe de phrase, as investidas de quantos o malqueriam, porque não sabiam ou não queriam comprehendel-o.

Recordo uma dessas manifestações de revolta necessaria e perenne do poeta insigne, que só agóra começa a viver na admiração e justiça da geração que vem chegando.

Alma feita das maiores bondades, sem eclypses de malquerenças e de odios, Cruz e Souza vinha fazendo a abolição,sem a preocupação subalterna de ferir nomes. Nessa phase aurea do seu tempo de imprensa, teve de registrar a perseguição que, em certo lugar da provincia, movia-se contra um abolicionista, e apreciando esse facto em fortes projecções de luz sobre a causa a que elle se prendia, atirou á rua, na *Tribuna Popular* do Desterro, um artigo de grande successo.

Soube, depois, o ardoroso batalhador, que isso lhe custara uns remoques vomitados sobre o seu nome limpo por um medalhão dos melhores cotados na epoca, de quem nunca a chronica da cidade registrou, ao menos, um bom movimento d'alma, visto que do seu espirito, reduzido ao circulo de perú, seria tolice esperar alguma cousa.

E não tinham passado muitos dias que isso occorrera, conversavamos, eu e elle, nas immediações do antigo quartel de policia, sob uma bellissima arvore, que ainda hoje lá existe, no jardim Oliveira Bello, e appareceu, subindo a praça em direcção que passaria perto de nós, o tal figurão, deixando advinhar-se, de longe, pela cartola em destaque, que vinha gozando a felicidade de uma hora solemne de visita em alta roda.

De subito, levanta-se Cruz e Souza cortando assim a palestra:

Vamos andar. Sinto desejo de ir dizer áquelle *coisa*, que alli vem, que elle é muito distincto e muito nobre dentro da sua puita e das suas roupas, mas deve lembrar-se que a praça é grande e a cidade tem muitas ruas e fazer-nos,porisso, a caridade de ir passeiar a sua burrice em outra parte...

E sahiu d'alli,mão esquerda no bolso e a sopesar no index direito a bengala inseparavel, modo que lhe era caracteristico e commum na sua.

LYDIO BARBOSA.

faceis e pueris de muitos que hoje a multidão ignara aclama de «grandes poetas»,a suprema espiritualidade que alimentou a pyra de sua exotica e maravilhosa inspiração.

O evangelho de ineditas bellezas e intellectuaes harmonias, de que elle foi o hierophante obscuro e tenebroso, neste recanto occidental do planeta, labora ainda no seu atormentado periodo de iniciações.

Poucos são até agora os proselytos; mas das abobadas das catacumbas já nos vem chegando um cantico soluçado,como vozes de catecumenos que se dealbam e purificam para o baptismo da relegião nova.

Das baudas do burgo tranquillo e bucolico onde se azylou a obscuridade de seu berço, já começa a soprar uma aura de consagração e justiça.

Num recanto florido de praça da patricia cidade insular, vae a devoção dos discipulos perpetuar na rigeza augusta do marmore a egregia figura do amado e immortal Rhapsodo.

Honremo-nos com este culto: homenagens assim a quem como o torturado das «Evocações», só viveu para o Ideal são apanagio seguro da grandeza intima de quem as presta.

Concedamos tambem um pouco da nossa affeição e carinho, para que floresça e dê seus fructos a planta milindrosa do sonho.

Como o sol, quando ganha o occaso, mais avulta em esplendor e grandeza á nossa embevecida contemplação, assim o nome de Cruz e Souza, sob o influxo do affecto de todos nós, cresça com a distancia do dia em que seu corpo desceu á noute sinistra do tumulo.

Na passagem de mais um anno da sua morte, saudemol-o na posse da sua gloria de Redivivo.

T. de F.

Echos de toda a parte

Importação de S. Paulo em 1907.—São curiosos os algarismos seguintes, dando o augmento de uns artigos e a diminuição de outros na importação de S. Paulo, no anno de 1907, comparativamente com a de 1906. Attestam augmento:

	1906	1907
Algodão	6.500:000$	10.800:000$
Lã	3.000:000$	5.300:000$
Juta	5.437:000$	9.919:000$
Ferro	10.990:000$	15.291:000$
Carvão	3.530:000$	5.475:000$
Machinas	6.695:000$	12.670:000$

Augmentaram ainda em 1907 as importações de bacalhau em 865:000$, trigo 2.000:000$, vinho 3.000.000$, objectos de papel 800:000$.

Uma notavel diminuição teve a importação do arroz, porquanto sendo, em 1906, de 2.400:000$, em 1907 foi apenas de 321:000$.

Se nos dous annos apenas que S. Paulo co-

«Uma
tado.—E
30 moços
visitarem
nhecerem
Santa Ca

A mor
gar Salsa
occorreu,
caso impr
filhos e n
de repres
filho. Co
um dos s
e o outro
mente,
tirar as
ão opport
papel, de
era repre
tantaneam

Nascl
não tem
occupar.
de estatis
saber qua
segundo.
guinte:
um anno
mundo e
que em
Se se po
dos aque
serie cap
mos faze
nossa fre
to 20, os
lugar já

Facil
Brasileir
«Lloyd A
ano Linh
de naveg
qualquer
nosso co
Brasileir
portos
muito ac
menau.

Um
annos es
ba elle
conta do
nosso pa
menau.
opinião
jornal de
offensas
vem par
existente
temos o
defesa,
tendem
do ataca
cobras e
menor p
tivistas!

Anno II — Itajahy—Domingo, 25 de Março de 1906—E.

NOVIDA

Orgam noticioso

Cruz e Souza

Eis-no segunda-feira ultima, 19 de Mar-
dia an oito annos que morreu Cruz e
desprete
E' no m como nós viveu quotidiana-
manifestar
, nos te om elle na mais intima das con-
ntida gr s intellectuaes, gozou o encanto
ssuidos. affeição de tal sinceridade e
Com s que só a seres previlegiados co-
e o No lle è concedido ter para com
corrido
e, se n quem como nós assistiu, dia a
de se gedia que foi a sua vida, saben-
riodico lle fez holocausto, no altar da
ue para elle mais do que ninguem amou
grand o, de tudo que lhe foi dado sa-
ramente o seu repouso e bem-estar ma-
r onde, pão de sua familia, a saude e
luz da p pria existencia; quem como nós
Propria
os tudo s vinculos do coração, par-
to pela dos obscuros sacrificios de
lo bem eve cheia aquella vida e foi tes-
Achame dos martyrios que assoberbaram
nossa m e ao mesmo tempo quem co-
mos, ma teve presente aos radiantes tri-
conhecida mos de sua possante espiri-
rzinho ha arrebatamentos de sua
, mais de u a e fascinadora phantasia;
ses pessoae ós o acompanhou em tan-
blico. ssaltos ao Ideal; quem co-
E de outro e tantas vezes com elle at-
, compenetr alto e inaccessivel da infi-
mpre fomos Sonho, só pode ser com
ser um gan magoada nevoa no coração
para aquelle s dolorosas horas marcadas
verdadeiro do dia 19 de Março de
mo tempo
dos sacerdo
Felizmente
ando estadi
tencia jorn
s para o inhas e tristes preoccupações
que tem tual viver nos não permitti-
amento sã tape de seu trespasse, uma
para triste capaz de sua augusta e altissi-
ordamos a
Successiva.
cresce velando, assim, de nossa sau-
ando e e sbotadas palavras que ahi dei-
que o onsolemo-nos ao menos re-
desde do os acordes sempiternos e im-
não sciveis de sua sumptuosa e estra-
lyra.

SERENATA
(INEDITO)

E' luar! Chega á janella,
Vai alta a Lua erradia,
Ondulam Sylphos e Amores,
Rendas, sedas e vidrilhos
De immaculados alvôres
E brilhos!

Do fundo dos claustros raia,
Hostia de ouro, monja doente!
Envolva-te essa cambraia
Fulgente!

Que a Ceres de alta seara
De uma auréola te circumde,
E na luz ideal e clara
Te inunde...

Que a Lua è loura entre as louras,
Virginal entre as mulheres
E das ethereas lavouras
A Cères!

Trilha os limpidos caminhos,
As celleiras luminosas,
De velludosos arminhos,
E rosas!

A todos abre da altura,
A Biblia dos vagos ritos,
Da Chimera e da Ternura
Dos Mythos...

Vem, oh monja, entre as neblinas
Dos lyrios, das assucenas,
Das volatas peregrinas,
Serenas!

Como o luar do Sonho alaga,
Vem vogar do Sonho agora,
Na dôce, na branda vaga
Sonora...

Núa e soltos os cabellos,
Monja branca dos Mysterios,
Resurge atravez dos gelos
Sidereos.

Teu corpo eburneo e perfeito,
De belleza intemerata,
Tem no luar um niveo leito
De prata....

E' luar! Chega á janella,
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bella
E fria...

CRUZ E SOUZA

NOTICIAS

Quarta-feira ultima, chegou felizmente ao Rio o patacho *Emilia*, da casa Bruno Malburg & C., depois de uma longa viagem de vinte dias.

Consta-nos que o *Emilia* soffreu uma pequena avaria nos pannos.

sendo duas em cada bordo.
gotamento das bombas que
A força ascensivel das boia
por meio de carbureto de
15.000 metros cubicos de gaz
O sr. João Gonçalves Fe
ra confiança no exito do Asc
vido a diversas experiencias
que com um trabalho de 4
fara fluctuar o couraçado su
Jacuecanga, visto o peso do
rior a 6000 toneladas, o que
apparelho sará uma grande
Todavia, vêr para crêr.

—

O espectaculo que
tico infantil ia dar hoje
ciedade *Estrella*, por ca
po que tem feito, ficou
o proximo domingo.

—

Fomos distinguidos
tendente municipal de
remessa do Relatorio q
vereiro ultimo, apresen
Conselho. No proximo
as impressões que a le
lho nos deixou.

—

Um falso Fritz Steinhau
A 14 deste mez foi pres
viduo que se dizia Fritz S
protogonista do incidente d
delegado de policia que fôr
marinheiros e quatro offi
Panther e preso até o Rio
mandante lhe deu 130$, m
tevideo. Disse que só cont
co o que houve a bordo d
vez de seguir para Monte
vapor argentino para Para
pè até Santos.
Bastaram, entretanto, al
ra que ficasse averiguado
hauf não passava de um
gado no jury de Santos, h
no Brazil desde 1890, semp
rou tambem que em um
condemnado. O pretenso St
que o gatuno Malfeld, velh
A 9 de Agosto passade fo
em seu poder 400 fichas d
esterlinas. No dia 23 de
preso. O pseudo Steinhauf
nome de Alfredo Malfeld,
ão Malfeld e Mathilde Ma
Catharina, com 29 annos
gnaes physicos são: côr br
corpo, testa larga, pouco
nariz grande.
A canhoneira *Panther*
guir a Santos.
E fica reduzido a isso
Santos, a um roles passad
preso como gatuno conhec
Por tanto ainda não fo
encantou o mysterioso h

—

O lúgre *Natal* n
conforme noticiamos,
cial desta praça Ass
pelo sr. Felix Busso
Outra rectificação

Industria communicou aos presidentes dos Estados de Matto Grosso e Parahyba e aos governadores de Santa Catharina, Maranhão, Piauhy, Pernambuco e Paraná, que pelo presidente da commissão encarregada de representar o Brasil na Exposição Universal de S. Luiz, já foram remettidos os diplomas conferidos aos expositores desses Estados que concorreram áquella exposição.

Baptisado.— Sabbado proximo será levado á pia baptismal o menino Newton, filhinho do estimado collega, sr. Firmino Costa, sendo padrinho o negociante, sr. André Wendhausen Junior.

P. Ramos.—O deputado sr. Dr. Victorino de Paula Ramos, foi convidado pelo sr. presidente da Republica para desempenhar o importante cargo de chefe do serviço de colonisação, na Europa.

Congressistas.— Seguiram para o norte do Estado os srs. congressistas, Dr. Bonifacio Cunha e outros.

Noticias militares.— Ficou sem effeito a transferencia do 1º tenente Justiniano Wanderley Lins, do 6º de cavallaria para o 11º.

— Foram propostos para servir no quartel general do 1º districto militar os seguintes officiaes: 2os tenentes do 25º batalhão de infanteria, Jacundino Ferreira Baptista e Francisco Vieira Telles; 1º tenente do 33º, Alfredo Baptista Jardineiro e 2os tenentes, tambem do 33º, Francisco Alvaro Sodré Pereira, Salustiano Amorim Lima e João Alves d'Araujo Rego.

—Foi considerado ausente o major graduado da arma de cavallaria Ladislau dos Santos, por ter concluido a licença que foi concedida e não ter-se apresentado.

—Foi autorisado o commandante do collegio militar a passar o titulo de agrimensor ao 1º tenente José da Silva Texeira, que concluiu o curso geral da extincta escola militar do Brasil, pelo regulamento de 1898.

—Foi mandado concluir no asylo de invalidos da Patria o capitão honorario Pedro José de Alcantara.

—Foi desligado da escola de engenharia o aspirante Newton Braga, incurso no art. 162 do respectivo regulamento.

—Segundo dados officiaes e de accordo com os mappas enviados pelos commandantes dos districtos, o effectivo das praças, actualmente em serviço no exercito, é de 16.300.

A Peregrinação a Kewlaar

(HEINE)

I

A mãe está á janella e o filho deitado no leito.

—Tu não te levantas, Guilherme, para vêr a procissão?

—Ah! mamãe, sinto-me tão doente que não ouço nem vejo. Penso na minha querida morte, e isto me dilacera o coração.

—Ergue-te, toma o teu rosario e as tuas *Horas,* e vamos a Kewlaar. A mãe de Deus ha-de curar-te o coração ferido...

As bandeiras da Cruz fluctuam ao vento. E' em Colonia, sobre o Rheno, que desfila a procissão.

Mãe e filho sáem e acompanham o prestito, ambos cantando.

—Gloria a ti, Maria!

as lagrymas dos olhos e estas palavras do coração:

—Faze-me a graça de ouvir-me, gloriosa Maria, Serva Immaculada, Rainha do Céo e Mãe de Deus! Eu moro com minha mãe Colonia, cidade que conta por centenas as capellas e egrejas. Junto a nós vivia a joven Margarida, que morreu ultimamente e que eu muito e muito amava...

—Maria, offereço-te este coração de cêra. Digna-te, pois, misericordiosamente sarar a ferida do meu coração! Cura, implorote, o meu coração cheio de dôr... E eu te bemdirei de manhã á noite, rezarei e cantarei com fervor:

—Gloria a ti, Maria!

III

Mãe e filho regressam á casa já noite, e recolhem-se a seus aposentos. Dormem.

Altas horas, a Mãe de Deus apparece e penetra, em ponta de pés, no aposento de Guilherme. Acerca-se da cabeceira do leito. Olha-o, inclina-se sobre elle, pousa de leve a mão sobre o lado esquerdo do seu peito, sorri e desapparece...

A mãe de Guilherme vê tudo isto como atravez de um sonho, e vê mesmo alguma coisa mais. Levanta-se e corre aturdida. No pâteo, látem os cães desesperadamente...

Entra no quarto do filho e encontra-o deitado sobre o leito, morto. Amanhecia. E os primeiros rosados do sol, coando-se pelos vidros da janella, banhavam-lhe as faces lividas.

A mãe de joelhos e, unindo piedosamente as mãos, baixinho e piedosamente exclama:

—Gloria a ti, Maria!

Virgilio Varzea

BORBOLETA AZUL

No alegre sol de então
De uma manhã de amôr
A borboleta sôlta do fulgôr
Da luz lembrava um leve coração.

Ia e vinha a voar
Gentil e trefega, azul,
Sonoramente a percorrer pelo ar,
Como um sylpho tenuissimo e taful!

Sobre os frescos rosaes
Pousava, debil, subtil,
Dourando tudo de um risonho—Abril
Feito de beijos e de madrigaes

Que doce embriaguêz
O vôo assim seguir
Da borboleta azul, cantando, a rir
Do espaço pela etherea candidez.

Fazendo, tal e qual,
O mesmo gyro assim,
O mesmo vôo limpido, sem fim,
Nos mundos virgens de qualquer ideal.

Ir com ella, tambem,
Em busca das loucãs
E tropicaes e fúlgidas manhãs,
Cheias de colibris e astros, além...

Ir com ella na luz,
De mundos atravez,
Sem abrólhos nas mãos, cardos nos pés,
Sem os martyrios ásperos da Cruz.

No alegre sol de então
De uma manhã de amôr,
Tal qual a borboleta, no fulgôr,
Voar, como um errante coração.

1888. *Cruz e Souza*

tas linhas tendentes
nossa admiração pelo
entado.

Antes de entrarmos
sumpto a que nos de
licito dizer algumas p
os quatroze annos do

Fundado logo depoi
volução do sul, consci
temente os seus prim
á reconcilliação da nu
desunida pela memori
currencias que tivera
ritorio catharinense.

Lutando embora co
mais ou menos enra
sistir aos embates dos
intervindo opportuna
ziguação de contendas
var odios latentes, tran
usando de apparente
saria em taes situaçõe
rectorias do Centro t
volver os sentimentos
quasi 5.000 individuos
o amor á terra distan
lucto succedaneo das

Tres annos depois
do sul, os factos occor
rante aquella época de
brados no Centro env
mysteriosa que torna
verosimeis as cousas
desnecessario dizer qu
grande alcance moral
tia beneficamente no
a acção de uma boa
liação, cujos fructos fo
da actual unidade de v
tharinense. Eis, a um
serviço e a primeira vi

Aquelles que conh
humanas avaliarão os
dessa benemetra assoc
victção ao espirito de u
leidades de outros, mi
destes, arranjar empre
proteger e transigir so
e isto durante muitos
vallos de só um dia.

Confraternisada a
guiado sempre pelo D
co de Almeida, preside
rectorias, candidato
julgou chegado o mon
lisação do seu segund
lioso serviço: a educaçã
illustrados. Ora em pub
ferencias, ora em mani
que trabalhavam e tra
mente pelo Estado, os
seus socios resaltavam
e intellectuaes dos auc
vimento da terra que ll
E assim, amando o Br
mento de alguns dos s
a colonia ama o Estado
na pelo conhecimento
nomica, e possue hoje
de trilhar nas pegadas
sados, de influir benefi
to dos seus contempora
nhal-os mesmo, como
ao encontro da riqueza

Continuando na rea
gundo ideal, as directo
curavam meios para de
do que entre os seus
individualidades que d
auxiliando aos adminis
Catharina, que desejav
senvolvimento da sua

...me é concedido ter para com ... quem como nós assistiu, dia a ... gedia que foi a sua vida, saben... lle fez holocausto, no altar da ... elle mais do que ninguem amou ... o, de tudo que lhe foi dado sa... o seu repouso e bem-estar ma... pão de sua familia, a saude e ... pria existencia; quem como nós ... vinculos do coração, par... dos obscuros sacrificios de ... eve cheia aquella vida e foi tes... dos martyrios que assoberbaram ... e ao mesmo tempo quem co... eve presente aos radiantes tri... mais de unos de sua possante espiri... arrebatamentos de sua ... a e fascinadora phantasia; ... ós o acompanhou em tan... ssaltos ao Ideal; quem co... e tantas vezes com elle at... alto e inaccessivel da infi... Sonho, só pode ser com ... magoada nevoa no coração ... s dolorosas horas marcadas ... do dia 19 de Março de ... inhas e tristes preoccupações ... tual viver nos não permitti... tape de seu trespasse, uma ... capaz de sua augusta e altissi... Successiva. ... velando, assim, de nossa sau... sbotadas palavras que ahi dei... onsolemo-nos ao menos re... do os acordes sempiternos e im... sciveis de sua sumptuosa e estra...

SERENATA

(INEDITO)

E' luar! Chega á janella,
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bella
E fria...

O' monja de aureo convento
Surgindo no peristylo,
A' tona do firmamento
Tranquillo...

D'entre as cellas apparece
Nas tuas vestes talares,
Vem ver dos fluidos luares
A prece...

Essa lactea claridade
Da noite profunda e vasta,
Mais casta que a Castidade,
Mais casta...

Entre os tremulos nevoeiros
E os magnetismos da Lua,
Ophelia á flôr dos salgueiros
Fluctua!

O luar por tudo transborda
E tudo alaga e prateia...
Bandolins gemem na corda,
Sereia!

Na corda feita dos fios
Das estrellas palpitantes,
Dos raios, dos amavios
Radiantes!

Te inunde...

Que a Lua é loura entre as louras,
Virginal entre as mulheres
E das ethereas lavouras
A Ceres!

Trilha os limpidos caminhos,
As cellsiras luminosas,
De velludosos arminhos,
E rosas!

A todos abre da altura,
A Biblia dos vagos ritos,
Da Chimera e da Ternura
Dos Mythos...

Vem, oh monja, entre as neblinas
Dos lyrios, das assucenas,
Das volatas peregrinas,
Serenas!

Como o luar do Sonho alaga,
Vem vogar do Sonho agora,
Na dôce, na branda vaga
Sonora...

Núa e soltos os cabellos,
Monja branca dos Mysterios,
Resurge atravez dos gelos
Sidereos.

Teu corpo eburneo e perfeito,
De belleza intemerata,
Tem no luar um niveo leito
De prata....

E' luar! Chega á janella,
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bella
E fria...

CRUZ E SOUZA

NOTICIAS

Quarta-feira ultima, chegou felizmente ao Rio o patacho *Emilia*, da casa Bruno Malburg & C., depois de uma longa viagem de vinte dias.

Consta-nos que o *Emilia* soffreu uma pequena avaria nos pannos.

—

A eleição para a nova directoria da Sociedade *Guarany*, deve ser hoje impreterivelmente, ás 11 horas da manhã.

—

Domingo vindouro que é o Domingo de Passos realisa-se, na villa visinha de Porto Bello, a tradiccional procissão do Senhor dos Passos. Como nos annos anteriores, muita gente desta Cidade e da redondeza irá tomar parte naquella comovente e santa commemoração.

—

Noticia *O Paiz*, do Rio, que o sr. João Gonçalves Ferreira Tito vae apresentar ao sr. Ministro da Marinha uma proposta para suspender o *Aquidaban*, por meio de um apparelho de seu invento. Esse apparelho que se denomina *Ascensor Submarino* é composto de seis boias cylindricas com dimensões sufficientes para terem a força de 7.144 toneladas, cada uma.

Duas boias serão collocadas uma á pròa e a outra á pôpa, descendo por meios de cabos de arame até o ponto do navio onde tem de ser apoiadas e presas por correntes nos escovens.

Descem cheias d'agua, sendo esta depois esgotada por meio de um apparelho electrico que possuem. Terminado o esgotamento das boias, o navio começará a deslocar-se do logar em que estiver assentado. Suspenso assim o navio, os escaphandros descerão para passar os assentes debaixo da quilha, ligando as duas extremidades. Feito esse trabalho, descerão mais quatro boias,

O espectaculo que ... tico infantil ia dar hoj... ciedade *Estrella*, por c... po que tem feito, fico... o proximo domingo.

—

Fomos distinguidos ... tendente municipal de ... remessa do Relatorio q... vereiro ultimo, apresen... Conselho. No proximo ... as impressões que a le... lho nos deixou.

—

Um falso Fritz Steinhau...

A 14 deste mez foi prese... viduo que se dizia Fritz St... protogonista do incidente da... delegado de policia que fôr... marinheiros e quatro offic... *Panther* e preso até o Rio ... mandante lhe deu 130$, ma... tevideo. Disse que só conta... co o que houve a bordo da... vez de seguir para Montevi... vapor argentino para Paran... pè até Santos.

Bastaram, entretanto, alg... ra que ficasse averiguado qu... hauf não passava de um re... gado no jury de Santos, ha... no Brazil desde 1890, sempre... rou tambem que em uma ... condemnado. O pretenso Stein... que o gatuno Malfeld, velho ... A 9 de Agosto passade foi p... em seu poder 400 fichas de j... esterlinas. No dia 23 de Set... preso. O pseudo Steinhauf d... nome de Alfredo Malfeld, filh... ão Malfeld e Mathilde Malfel... Catharina, com 29 annos de ... gnaes physicos são: côr bran... corpo, testa larga, pouco cab... nariz grande.

A canhoneira *Panther* tev... guir a Santos.

E fica reduzido a isso o p... Santos, a um roles passador d... preso como gatuno conhecido.

Por tanto ainda não foi de... encantou o mysterioso homem...

—

O lúgre *Natal* não ... conforme noticiamos, pel... cial desta praça Assebur... pelo sr. Felix Busso Asse...

Outra rectificação que ... fazer áquella nossa noticia... dida arrematação foi feita...

—

Terça e quarta-feira d... sada funccionou, sob a pre... Juiz de Direito da Comar... do Jury.

Foram submettidos a ... réus Jacintho Nogueira, p... graves e José Marangoni... de homicidio, sendo ambos...

Foram patronos do pr... Francisco Ezequiel Tavare... do o quartannista de direit... der, servindo de promoto... dia o quartannista de di... Konder e no segundo dia ... Eugenio Luiz Müller.

Da sentença que absolv... rangoni o promotor interpo...

—

De Camboriú informam-... te facto:

A ponte sobre o rio Ga... mente d'onde foi dado com... de rodagem para Itajahy, e... do urgentes reparos. A m... alli sendo a encarregada ...

49 SOUZA, Cruz e. Na Romaria da Trindade. **Regeneração**, n. 122. 7 de jun. de 1887.

N. 123

EGENERAÇÃO

IA, NOTICIOSA, COMMERCIAL, E FILIADA ÁS IDEAS LIBERAES

DESTERRO—TERÇA-FEIRA 7 DE JUNHO DE 1887

ASSIGNATURA
CAPITAL. . .(semestre) . . 5$000
PELO CORREIO » . . . . 6$000
NUMERO AVULSO 40 RS.

m inimigo ou desaffeiçoado, e é ste o melhor dos seus elogios.

Quando ainda, cheio de vida, sforçava-se em pról dos interes- es do partido liberal, vê-se vi- tima de uma cruel enfermidade, ue em breves dias transforma- ne em leito da morte, e dos mais ruciantes soffrimentos, zomban- o dos c idados e zelos da fami- a, e da propria sciencia.

Cahio em meio da jornada da ida;—mas, o seu nome perdura- i sempre como uma lembrança iva,—como verdadeira reliquia a inditosa familia, de que foi istincto membro.

Acompanhando a esta nos seus ezares, associamo-nos á tão cru- ntas dôres, e em nome do parti- liberal enviamos-lhe, e espe- almente aos nossos distinctos nigos Srs. Francisco Vieira da osa e Marcellino José da Rosa. ho e irmão do finado, as nossas ais sinceras condolencias.

A festa do Divino Espirito nto, que todos os annos se mmemora na freguezia da SS. ndade, esteve na vespera e a muito concorrida, não se ten- dado o menor disturbio que terasse a ordem publica.

Coroou este anno o Sr Roberg, ndo o imperador e pagem filhos nosso amigo Joaquim Caeta- da Silva.

Bando Precatorio

Continuação das respostas dos icios dirigidos pela sociedade iabo a Quatro».

—

COPIA.—1ª Escola Publica do sexo enino do 1º Districto da Capital, 2 de Junho de 1887.—Illms Srs. Em resposta ao officio de VV. SS. ado de 20 de Maio p. f. cumpre- declarar-lhes que, applaudindo a ndiosa idéa da redempção dos ca- vos, a qual eu não podia ser ex- nha, me não é possivel assegurar VV. SS. o meu comparecimento n as alumnas porque isso depende só da equiescencia dos senhores s de familia, como tambem, e ncipalmente das determinações da ectoria da Instrucção Publica, sob edade «Diabo a Quatro».—A Profes- sora, FELICIDADE LYDIA FERREIRA E SILVA.

—

COPIA.—Provincia de Santa Catharina, Secretaria da Policia.—Cidade do Desterro, em 6 de Junho de 1887.—Illms. Srs.— Agradecendo a attenção, que tiveram, em communi- car-me a resolução que tomou a di- gna sociedade, a que pertencem, de constituir-se em bando precatorio, afim de agenciar donativos para se- rem applicados a emancipação dos escravos deste municipio, desvane- ço-me, como filho desta provincia. em ter assim mais uma prova do quanto è generosa a sociedade catha- rinense, em cujo seio se animam tão elevados sentimentos. Cumpre-me todavia declarar aos dignos cava- lheiros, que fazem parte da Directo- ria da respeitavel sociedade carnava- lesca *Diabo a Quatro*, que bem pouco poderei ainda fazer em pról da idéa, que pretendem realizar, pela qual já tenho empregado os esfórços compa- tiveis com os meus fracos recursos. — Deus Guarde a VV. SS.— Illms. Srs membros da Direitoria da Digna Sociedade *Diabo a Quatro*.— JOSÈ FERREIRA DE MELLO.

A Romaria da Trindade

(*NO DOMINGO*)

A. F. Moreira de Vasconcèllos

O Tradicionalismo é a philosophia do povo e fáz accordar em nossas almas, como o écho de uma ballada longinqua e saudosa, perdida na distancia azul dos montes cobertos de neblina, tudo o que viveu de esperanças, tudo o que viveu de sonhos e felicidades.

Esta romaria que se fáz á Trindade é tradicional e festiva.

A' certa hora do dia, começa a affluir gente: carróças de mólas pêrras e gas- tas, enfeitadas de fazendas de côres vi- brantes e fòrtes onde sobresáe o escar- late, com grandes pennachos colori- dos de flôres e fitas, radiantes de ban- deirolas, conduzindo dentro toda uma ra- paziada ávida de tróça, de pandega, gar- galhando alto no ar calmo e illumina- do o seu bom humôr de romaristas, cascaquinando ditos, n'uma algazarra franca de consciencias despreoccupadas e jovens, aos estridentes sons metalli- cos da banda fanfarrona que atira os seus agudos de requinta e os seus abér- tos e rasgados de trombone pela estra- da adiante.

Depois, já na trindade, uma agglomera- ção ruidosa de povo, de todo o colorido e de toda a casta, como uma aquarélla immensuravel feita a largos traços quentes de verde-pariz, de amaréllo e de uma grande porção de borrões esti- rados e gróssos de tinta encarnada. Ao ar livre, ou debaixo das larangeiras co- bertas de fructo que os raios do sol um tanto já perpendiculares mais enlouré- cem e douram, ou nas barracas de lôna e de aniagem, nas velhas barracas tra- dicionaes, come-se á fartadella, n'uma deglutição furiosa, bebendo-lhe em ci- ma um pessimo vinho picante tempera- do a páo campéche e á canna miúda, o bello farnél querido que se leva em cabazes ou acondicionado nas maxam- bombas ou no *char-á-bancs*: o farnél chronico e frugal da gallinha assada, da mortadèlla, da sardinha e do aperi- tivo lombo de pôrco, tostado e porè- jando gordura.

A seu tempo, os sinos bimbalhantes vibram no ar, abrindo n'aquella ath- mosphéra de festa e de rumôr, um vivo clarão de alegria, e os foguêtes estourantes e estrepitósos, com a mar- cha brava e pomposa da musica, pôem em tudo aquillo espalhafatos e murmu- rios, como o eterno zumbir de cem col- méas trabalhadôras e amigas.

Então, n'uma gala de purpura e de arminho, saem da igreja, SS. MM., in- fantis e ingenuas, n'um sorriso feliz de creanças festejadas, comendo as balas ou as massas, em fórma de boisi- nhos e bonécas, que a bôa mamãi ou o festeiro lhes trouxéra todo expansivo e contente.

Dá-se por concluida a festa da igre- ja e, no mesmo instante, veem-se gru- pos que altercam, individuos avinha- dos e congéstos que questionam, que gritam, fazendo estourar murros sobre as pequenas mezas tóscas das barracas, alvoroçando a policia que apita e chega sempre tarde e as cavalgaduras que rincham e dão pinotes correndo algu- mas á reda solta pela planura relvosa do ádro.

Mais tarde, ao descambamento lento do dia, o regresso á cidade, em grupos, aos pares, trôpegos, cançados e frouxos como quem vem em debandada, carre- gados, mulheres e homens, de laranjas, de cannas, de flôres, de preguiça e de tédio da viagem que deixa de ter ago- ra toda a satisfação e todo o prazer, por se ter já acabado toda a graça e todo o contentamento da romaria com a festa extincta que a gente sente vêr acabar no domingo pachorrento e tranquillo como um Domingo de Paschoa.

Desterro, Junho, 5 de 87.

CRUZ E SOUZA

Tipographia mechanica

50 SOUZA, Cruz e. A Vida nas praias.

gislativa Provin-
ina, decreta:
o presidente da
do a mandar o
l emittir apolices
al de Caridade
importancia de
de completar a
000, para forma-
onio, vencendo
juro de 6% an-

disposição não
tivo de . . . . .
retado em Lei
do patrimonio,
pletado com o
s dos predios e
mandade.
da do Imperial
de, cobrada de
Lei n. 423 de
fica especial-
trar para o co-
fazer a impor-
de que trata o
que terá a ap-
no § unico do

os das apolices
e se emittirem
gos pelo cofre
res e applicados
al Hospital de
manutenção e

revogadas as
rio.
, 18 de No-
. á R.).—*Ma-*
Ernesto de Oli-
lentino V. de

nissão de Fa-
o do Sr. Pe-

ptoma

olicista fran-
começou ul-
ondres, uma
das arbitra-

perpetua e na
os pensa que
aterra lhe dá
dever e um
das invasões,
ular. ser-lhe
nte d'um mo-
a no futuro
erra dos con-

não deve im-
armar e de
as surpre-
de ser uma
orecida.
esmo. colheo
com quanto
almente pre-

imos tempos
r corpo sob
163 deputa-
memorial re-
Bright e que
presidente
péde-se-lhe
estabeleci-
l d'arbitra-
ra se dicidi-

glaterra e a America.

Entre dous paizes de raça ingleza, fallando a mesma lingua separados pelo Oceano e no entretanto ligados por inumeros interesses, a proposta póde trazer seus fructos.

Seria um primeiro passo; é, em todo o cazo um feliz symptôma.

A VIDA NAS PRAIAS

Ah! a vida nas praias! a vida nas praias!

Pela manhan a claridade etherificada e igual que avelludece as perspectivas convida-nos aos bellos passeios pittorêscos sobre a areia clara das praias—passeios que têm tanto de artistico como de scientifico. Artistico porque nos dão a firmesa da linha esthetica na imaginação que recórda viagens sobre mares calmos, horisontes novos, largos jôrros de vida saudavel e de frescura matinal nas tóldas de navios transatlanticos, quando em antes do almoço de bórdo se estuda e se observa a binoculo os pontos affastados da naturêsa que se illuminam pouco a pouco com o dia. Scientifico porque se estuda tambem um modo pratico, intuitivo e gracioso de insuflar azote no sangue, de tornar temperada a extravagante temperatura do corpo, de oxigenar o cérebro cujo phosphoro se accende de atticismo e de bom humôr.

A vida nas praias é uma especie de educação physica dos nêrvos que gymnasticam e ficam preparados para todas as evoluções musculares que dão á rijeza das fórmas essa apparencia da fortaleza seivosa dos troncos das arvores. E as ondas esfarellando-se n'uma espumarada branca de champagne ao longo das praias, têm o ingenuo ar de candidêz do desenho d'A Natividade, de Wagrez, sob uma nitida gravura de Baude. E os temperamentos asperos e montanhosos como que se docilizam, como que se amaciam, recebendo as emanações de saúde e força vital que as marés lhes infiltram; emquanto que as epidérmes anemicas, mordidas pela chlorose enervante das grandes paixões que gelaram, tornam-se sanguineas, tomam côr, da mesma fórma que o fructo amadurece e se ruborisa aos ardentes clarões solares.

O sentimento vegetal que vem da existencia passada em prados, entre seáras e campos agricolas, tem um que de correlativo e harmonico com a vida nas praias. Ha em ambas as vidas uma completa afinação de detalhes, o mesmo tom geral quasi.

A vida nas praias é a vida na natureza livre, no vastissimo lar de todos nós, cujo tecto azul, lá no alto, se arredônda concavo sobre as nossas cabeças. A vida vegetal, a vida dos prados, das seáras e dos campos agricolas, é a vida primitiva, a vida livre tambem, a vida pagan, a vida das vinhas carregadas de uvas maduras e saborosas, como de amethystas, a vida dos primeiros israelitas que iam ao morrer abrir e armar as tendas floridas das suas almas nuas e chans no doirado territorio da gloria eterna onde uma alluvião de pombinhos alvos, emissarios do Espirito-Santo, os havia de receber e arrulhar em redôr das suas frontes venerandas coroadas e sagradas pelo resplendôr dos cabellos brancos.

E, por um desses dias que amanhécem ennevoados, cerrados dos reposteiros das neblinas, e que depois surgem resplandecentes, vertiginosos de sol, com um azul muito intenso brunido no céo; n'um desses dias que parécem emergidos de um banho de ouro fluido, dá um consolo e uma satisfacção tamanha passeiar á beira das praias, com os altos socegos da voz, contem-

rinha, quando na lactea transparencia casta do ar vôam as aves em circumvoluções pela paysagem toda e que a gente as ségue demoradamente com a vista, lembrando-se de viajar assim como ellas, de prender nas suas azas a alma como a fita verde da esperança uma vez que não póde prender o corpo pesado chumbo que mais tarde a terra ha de achar tão leve como uma penna destruindo-o sem exforços nem piedade.

E o nosso espirito artistico, batido pelas impetuosidades hygiénicas das aragens frescas do mar, sente-se rejuvenescido, vitalisado, n'um renascimento e n'uma efflorescencia de rosas brancas, como um viajante electrisado no forte ambiente de luz de uma purpureada aurora dos trópicos.

Pela exuberancia da côr e pela placidêz da hora matinal a vida nas praias identifica-se com o systhema nervoso e applica ás expontaneas e disciplinadas organisações litterarias uma ducha salutar de verve e de critica—dessa critica e dessa verve que nasce da retina e da idéa muito passeada pelo grandioso panorama da natureza, sob uma rigorosa lente de observação e de analyse em ordem.

E, quando chêgam as amenissimas tardes deliciosas, de branda calma, tardes enriquecidas pelas accêsas e flammejantes pedrarias do accaso, e que o tenue filó das nuvens leves e volantes se rarefaz e se adelgaça, é agradavel á viva percepção dos sentidos, é doce a delicadesa material do olfacto e dos olhos, vêr passar para o banho as mulheres côr de jambo e côr de pérola, cujos perfis, movendo-se em flexões suaves e balanceadas, lá se vão mergulhar na onda clara, surgindo d'ella frêscos, palpitantes e macios como a carne polposa, rosada e tenra das creanças cheirosas de vida e babadas de leite suspensas ao collo protector e tépido das mães.

CRUZ E SOUZA.

A linguagem das flores

Não é somente entre nós que o «Diccionario das flores» traduz linguagem para os namorados ou serve para se aprender a tirar d'ellas os presagios. O mesmo acontece no Japão.

Alli, pelo anno novo, ornam-se as casas com galhos de larangeiras, de ameixeiras, de bambús de pinheiros, dispostos á porta das janellas, tendo em cada posição significação symbolica.

A larangeira, que elles chamam «dai-dai» (valha a verdade do jornal francez que dá esta noticia), quer dizer perpetuidade, com os seus galhos procura-se manifestar votos pela perpetuidade da familia.

O bambú significa constancia, o pinheiro alegria perpetua; a ameixeira, que floresce em tempo de frio, anima o homem a supportar as contrariedades e desgostos, aguardando dias melhores.

Tudo isto é muito bonito, mas querer manifestar com «galhos» os votos pela felicidade domestica é que achamos um pouco forte...

Tunnel entre a França e Inglaterra

Na ultima sessão da assemblea *Bristish Association* para o

Manchester, o professor Dawkins leu aos membros ção de geologia um notave do sobre o projecto do tur mar da Mancha.

N'este estudo collabo dous geologos distinctos.

M. Boyd Dawkins e seus boradores declararam plena em favor do tunnel; suas c sões foram as seguintes: ponto de vista technico, a é relativamente facil, e a ção da metade que cabe á terra custaria 1,527,000 esterlinas.

Sob o ponto de vista mil tunnel pode ser submergid cinco ou seis minutos, por da abertura de uma porta acharia em communicação cta com as forteficações de

Entrariam no tunnel, po porta, cem mil pés cubicos zes d'agua por minuto.

Finalmente, sob o pont vista commercial, o tunnel cessario, porque o commerci tannico se acha em condiçõe ticas.

Emquanto que a Europ teira, para facilitar o tra tornou-se por assim dizer unico paiz», a Inglaterra se isolada cada vez mais.

Se tem havido demora na cução d'esta obra a culpa da França porque quer a rea ção da mesma, mas o parlam inglez até agora tem feito o sição, com receio de uma i são.

Balancete da caixa beneficente Empregados do Commercio:

RECEITA

Saldo na caixa economica atè Setembro p. p.	437
Mensalidades recebidas de Outubro findo.	48

DESPEZA

Talões-recibos . . . 9$000	
Saldo em ser na caixa economica. . . 476$000	
485$000	485

Desterro, 15 de Novembro de 188
O Thesoureiro, *Saldanha*.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

O Verdádeiro Remedio seu verdadeiro tempo

Jamais se deverá fazer pouco da tosse e das constipações, e nem pouco, esperar até que, os pulmões flammados e ulcerados, não deix mais esperança alguma.

Logo ao primeiro e mais leve sy ptoma, acuda-se immediatamente e l ce-se mão do mais delicioso e mell remedio pulmonar conhecido.

O *Peitoral de Anacahuita*, é sem duvida alguma o remedio mais deroso e efficaz para combater as aff ções da garganta e pulmões que a s encia tem encontrado, a experien comprovado, e o testemunho huma perfeitamente approvado.

A sua composição é inteiramen inoffensivo, conservando-se inaltera mente em todos os paizes, adaptan

51 SOUZA, Cruz e. Entre Cypréstes (no dia de finados)

ommendação que

, a sua belissima
applaudida pelo
o contra quem foi
á o caracter de
e inquinou em
ocesso em ques-

ra na promoção
ertação dos 370
e se acham nas
s dos do Sr. co-
crime, em que
ir o Sr. Dr. Bar-

s factos.

partida de mez o
o.

que o corpo do
Osorio, será en-
tal da estatua
rigida.

ubro recebeu a
aulo, 3189 im-
classificados se-
dade: italianos
es 180; belgas
hespanhóes 4.
immigrantes

la agricultura,
com a compa-
vapores, esta-
ção de fazer es-
Santos.

lenriques

stas e muito
sou-se, no dia
Guimarães, a
atua do funda-
portugueza.
tica festivida-
toda familia

ah

naharajá ma-
tro primeiros
ias Inglezas:
Rao Gaikwar.
ado por sua
inceza Chim-
de comitiva.
e etatta com-
e quatro mil

a que o go-
olvêra não a-
França para
na exposição

es da India

de Fatorda
iduo do po-
hydrophobi-
tres mezes,
mas as feri-
mordeduras
amente sara-
tamente são.
a ladrar co-
va morder a

ptomas de hydrophobia.

Deitou a correr em uma occasião, qual louco, e introduzio-se em uma casa visinha, onde, ignorando o mal de que elle soffria, e como para lhe debellar a excitação cerebral de que o julgara tomado, entornaram-lhe sobre a cabeça dous calões d'agua fria.

Alguns momentos depois o pobre homem cessava de existir.

ENTRE CYPRÉSTES

(No dia de finados)

Viva a Morte ! Aqui estão sob estes cypréstes, nas geladas cryptas sombrias dos vermes as mulheres louras, esses pallidos luáres de neve que deliciam; as mulheres morenas, esses ardentes sóes tropicaes que matam. Aqui estão. Quanta vêz nas lagôas brancas da alma d'ellas a alva-garça do sonho não vagueiou e ruflou as azas. Quanta vez as vermelhas rosas da chiméra, como flôres de aurôra, não perfumaram a religiosa eucharistia mystica do seu coração ! Quanta vez ! E agora ! Agora aquellas esperanças não florescem nem abrem mais, os lyrios purissimos d'aquelles olhos não rescenderão mais de arômas immaculados e doces, não estrellarão mais de affectos o cèo agora vasio da existencia de muitos homens. Tudo acabou, tudo gelou desapiedadamente nesta crúa treva da terra, aqui, lá em baixo, no profundo Nirvana para onde se désce hirto, de dentes cerrados, n'um resfriamento material que dóe.

Foi-se tudo nestas paragens da eterna noite incoercivel, entre estes cypréstes que grásnam o *pulvis est* no tremendo responso lugubre dos môchos: Viva a Morte ! Viva a Morte !, e que vão echoando funebremente.

E além, sob os chorões desgrenhados como immensas cabelleiras vêrdes, estende-se a galeria dos mortos de luxo, bellos mortos aristocratas cheios de anneis nos dêdos e reluzentes crachats no peito: principes, cavalheiros da legião de honra, e duques, que ostentam os seus pompôsos exilios mortuarios onde se exiláram para sempre, vindos do paiz da vida, entre lagrimas ignoradas desmentidas em jornaes communistas e demagógicos, desses que gritam contra o conforto e a suprêma felicidade dos reis que as mais das vezes andam errantes e loucos de tédio e de dôr nas imponencias da côrte emquanto lá fóra nas praças o populacho se alvoróça e exalta fazendo resoar nas pedras de pateos de palacios os seus grôssos sapatos revolucionarios.

E os môchos repetem: Viva a Morte ! Viva a Morte ! E a galeria dos mortos continúa: Cá estão as mães soffredoras, as mães que choraram, que gemêram, que soluçaram, que endoidecêram, de amor e pezar na existencia dos filhos; e cá estão tambem os filhos, homens uns, já responsaveis na vida, com a idade da luta, esboroados de soffrimentos, martyrisados até e desespero; creanças outros, como botões de rosa em antes de abrir, como beijos que petrificaram tão cêdo, tão de madrugada, tão nos translucidamentos e na ineffavel paz da kermesse da vida infantil na qual os sorrisos são as joias preciosissimas, as delicadas prendas adoraveis e estremecidas.

Mas, viva Deus ! a este soturno e convulso chorar de mágoas e de saudades dos cyprestes esguios respondem ainda assim, victoriosamente, como um clarim de batalha, as rosas que rebentam como corações perfumados pelos arômas do céo, as vermelhas rosas que ao menos cantam nestas regiões tristes a canção alegre do sangue que lembra a vida, a vida escorrendo em grandes

seiva fortalecente das arvores. Viva Deus !

CRUZ E SOUZA.

Um novo emprego da dynamite

O poder detructor da dynamite é conhecido de todos e de ha muito utilisado.

Mas actualmente, o terrivel explosivo se presta a um papel bem inesperado, isto é um auxiliar directo dos constructores.

Foi M. Bonnefont, capitão de engenharia, que teve a idéa de recorrer à força d'expansão da dynamite para seccar instantaneamente as infiltrações do sólo no qual se quer estabelecer alicerces.

Este processo está sendo empregado nas novas fortificações de Lyon.

Fura-se, no terreno inundado, com o ferro que serve para se fazer a mina, um buraco de tres ou quatro metros de profundidade e de quatro centimetros mais ou menos de diametro; introduz-se n'elle um rosario de cartuchos de dinamite e faz-se rebentar.

A agua d'infiltração das camadas do terreno acha-se instantaneamente repellida pela explosão longe das paredes da excavação de 1 metro 10, mais ou menos cavada pela dynamite e só volta de novo a suár ao cabo de meia hora pelo menos.

Quando a agua reaparece já não pode ser nociva ao alicerce.

Conseguio-se, por esta fórma, n'um trabalho de déz horas pôr em obra vinte e quatro metros de comprimento d'alicerce em poços de dous metros mais ou menos de profundidade e distante de seis metros de axe a axe.

Nos Estados-Unidos, um tal David Knght, deixou sua mulher e 12 filhos que tinha, para fugir com sua sogra de quem se apaixonou perdidamente, apesar d'ella contar uns 50 janeiros!.

VOLTAIRE

Ha pouco *le Petit Bourguingon* noticiava que os clericaes havião tentado derribar a estatua de Voltaire, em Saint-Claude.

Um dia deste recebeu-se da mesma localidade a seguinte noticia:

«A estatua da Virgem, que tinha sido elevada entre Ravilloles e Sant-Lupicin, acaba de ser quebrada em partes. Tem a cabeça e um braço partidos. Não se sabe quem é o autor deste acto, mas crê-se que sejam represalias em razão do que se passou com a estatua de Voltaire.»

Thesouro Provincial

3ª Secção

De 1 á 18 de Novembro

Geral	5:039$222
Especial	610$847
	5:650$069

METEOROLOGIA

Observações meteorologicas feitas no dia de 18 Novembro na estação telegraphica do Esta

HORAS	BAROMETRO	THERMOMETROS min.	THERMOMETROS max.	Sec.	Hum.	VENTOS		OBSERVAÇÕES
5	762,8	19,2		20,6	20,7	0	0	Céo, limpo
2	765,2		24,8	24,1	19,8	N. E.	1	nublado

PUBLICAÇÕES A PEDI

Cuidado com as cabeç

As folhas teem o seu temp
cahir e as flores teem um só ve
existencia; porem o cabello u
judiciosamente cultivado deverá
toda a vida.

Nutrido cuidadosamente com
co Oriental elle durará para sem

Não pode perder sua vitalidad
mosura, com tanto que se applíq
te estimulante suave as raizes e
que o absorvem.

As Senhoras n'elle acharão o
de todos os preventivos contra
e a calvice orthogando-lhes alem
um formoso brilho as suas tra
madeixas; e para as suiças e b
dos cavalheiros, é de todas as pr
ções a mais admissivel e agradav

Tosse ! Toss

O Peitoral de Cambará, impo
descoberta do sr. Alvares de S. S
do Pelotas, approvado pela exma.
ta de Hygiene Publica do Rio de
ro, autorisado pelo governo impe
premiado com duas medalhas de
cura de uma forma admiravel
se por mais grave que seja, como
vam os valiosos attestados não
respeitaves medicos, como de inn
ras pessoas curadas n'esta provin

O Peitoral de Cambará, cura a
provada por cocegas na trachea,
panhada de defluxos, espirros, re
ção curta o dôr de cabeça,

Cura a tosse espasmodica, rouc
ca, com symptomas febris

Cura a tosse, que augmenta dep
comer até fazer o enfermo lançar

Cura a tosse catharral com exp
ração de muncosidades brancas an
lantas, mescladas de sangue.

Cura a tosse que augmenta á no
ar frio, com rouquidão e dôr no pe

Cura a tosse semelhante á do c
com vomitos, a tosse asthmatica

52 SOUZA, Cruz. A Saleta de floricultura.

IA, NOTICIOSA, COMMERCIAL, E FILIADA ÁS IDEAS LIBERAES

DESTERRO--QUARTA-FEIRA 15 DE JUNHO DE 1887

ASSIGNATURA
CAPITAL. . .(semestre) . . 5$000
PELO CORREIO » . . . . 6$000
NUMERO AVULSO 40 RS.

Fomos obsequiados com uma rcular, pelos Srs. Leite & Nues, vestimenteiros da capella mperial, estabelecidos á rua da uitanda n. 97, na côrte

Do catalogo que temos a vista recommendamos esta importante casa aos Srs. vigarios, dectores de sociedades carnavaescas, festeiros e juizes de irmandades, para o completo sormento de tudo quanto possam maginar para taes mysteres, como sejam: Ornamentos e alfaias roprias para igrejas, sacristias, pellas, oratorios e devoções, bjectos de religião e artigos prios para festeiro, presentes e natividos e outras confecções e se apromptam nas suas offinas de armador, vestimenteis e batineiro.

O catalogo illustrado acha-se nosso escriptorio a disposição qualquer pessoa que o queira nsultar.

Notas telegraphicas

Pariz, 5.

Principiou hontem na camara deputados a discussão do proto da lei militar apresentado o ministro da guerra general ron.

A discussão promette ser longa animada, as duas questões que idem os oradores são a reduc, para todos os cidadãos, do viço militar a tres annos e a pressão do voluntariato de um no.

—Buda Pesth, 6.

São desastrosas as noticias reidas de Szegedin.

As aguas do Theis romperam cessivamente todos os seus dis e inundaram não só o campo no a parte da cidade, destruindo tudo na sua passagem. Os esgos materiaes são immensos, e eia-se muito que o numero das timas seja avultado. Grande te dos habitantes acham-se recursos.

As auctoridades das cidades nhas apressam-se em organicomboios de viveres; o goverabriu um crédito especial, e nerosas subscripções estão se anisando para auxiliar os desçados.

—Londres, 6.

tratado assignado por Sir ry Drumond Wolf e o repretante da Turquia, a respeito do Egypto e do canal de Suez, encontra grande opposição por parte da França e da Russia. Estes dous governos recusam dar-lhe a sua approvação, e o sultão, aconselhado pelos representantes d'estas duas potencias, recusa actualmente ratifical-o.

—Pariz, 7

Continúa na camara dos deputados a discussão da lei militar apresentada pelo governo. A suppressão do voluntariato de um anno encontra grande opposição por parte da direita.

A imprensa moderada approva geralmente a attitude tomada pelo ministro dos negocios estrangeiros, Sr. Flourens, na questão do Egypto.

—Constantinopla, 7

Consta que o sultão, certo do apoio da Russia e da França, recusa terminantemente ratificar o tratado proposto por sir Drumond Wolf, sendo por conseguinte annullado o artigo, que reconhecia a soberania na Inglaterra sobre a ilha de Chypre.

—Londres, 7

Os boatos, que circulam a respeito do estado de saude do principe herdeiro Frederico Guilherme são inteiramente contradictorios; não parecem justificadas as noticias de melhoras dadas pelos jornaes allemães.

—Vienna, 8.

Consta que S. M. a Imperatriz Elisabeth, visitará proximamente o rei e a rainha da Roumania.

Dizem alguns jornaes que essa viagem terá um fim politico.

—Londres, 8.

A imprensa commenta a recusa da França e da Russia de approvar o tratado sobre o Egypto, negociado por Sir Henripue Drumond.

Os orgãos conservadores, sobre tudo, mostram-se muito irritados e chegam até a ameaçar o Sultão.

A saleta de Floricultura

DO SR. ANASTACIO SILVEIRA

Quem visita pela primeira vez a saleta de floricultura do Sr. Anastacio Silveira, sente, antes de tudo, não ferir-lhe o orgão do olfacto o perfume das flôres, mas, ferir-lhe a retina a forte e matinal onda de luz das commoções artisticas.

De facto, organisada como está a pequena saleta, de um caracter fresco de estufa, pittoresca e saudavel, não póde a nossa meridional imaginação de *touriste* de Arte, deixar de observar que um desconhecido phenomeno psychológico entrou, como factor principal, na execução da idéa do Sr. Anastacio Silveira: abrir aos olhos das naturezas commovidas e sensibilisadas artisticamente, uma pequenina mas elegante exposição de flôres.

Os traços geraes de uma obra dão a feição e a physionomia do author. Assim, a saleta de floricultura prova o apreciavel bom gosto de um homem, a fina e delicadissima qualidade technica do botanico que trata de flôres como de preciosas almas vegetaes.

A regularidade e a distribuição dos bellos e exquisitos exemplares floriculturaes que o Sr. Anastacio expõe na sua saleta, como organismos animados, consubstanciam um principio superior, uma theoria de sciencia: a grande theoria da adaptação ao meio.

Agrada-nos vêr como esse digno senhor transplantou para alli toda aquella quantidade de sêres, como procurou desenvolvel-os, oxigenal-os, vivifical-os, como lhes estudou a conformação dos pistillos. Pois a preparação dos elementos artificiaes para a melhor germinação e floréscimento das plantas, como cultura de terreno, réga, mondagem, etc., é perfeitamente conhecida pelos perseverantes estudos praticos do Sr. Silveira.

Na verdade, quem vê a franqueza, o bom humor, o largo albretão, nú e montanhez com que elle distribue luz e éther ás suas plantas, collocando-as no meio proprio, dando-lhes meia sombra ou toda a sombra, meio sol ou todo o sol, conforme o caso do phenomeno do desenvolvimento d'ellas, descontagiando-as dos insécios venenósos, certifica-se de haver n'elle mais de uma alma, uma personalidade distincta influenciada pela corrente sympathica das artes que chamaremos artes naturaes.

Mas, o que resalta de mais prompto n'essa gentil exposição de sentimentos affectivos vegetalisados, como da téla de

um pintor a tinta primordial da commoção, o toque harmonioso da verdade, da expressividade, o colorido emfim do individualismo, não são as nuances das côres, os tons cambiantes do vêrde, do amarêllo, do rôxo, do escarlate, do branco, do azul, e sim o tom geral de *ménage*, de familia, a côr ideal do amor que canta triumphante e resplandecente pairando sobre a saleta como uma benção mysteriosa e celeste.

Realmente ha alli um encanto de lar, uma doce paz de filhos, um mavioso conforto de mulher, e, isso tudo explica claramente essa ordem e expansão dos vegetaes.

Ha o cuidado do jardineiro que córta á thesoura as fôlhas seccas das rosas e os pezares da familia, que purifica aquellas de orvalho e esta de carinhósos affectos serenos.

Por isso, ninguem estranhará se um dia, o Sr. Anastacio Silveira, cheio de um intimo alvoroço, radioso, n'uma exaltação, na sua nevróse amorosa pelas plantas, quizér transplantar a sua excellentissima senhora ou a sua filhinha Julieta para algum vaso dourado como aquelle em que ellas já se acham—o seu coração—dizendo-lhes convulsivamente, n'um atrapalhamento leal, facêto e espontaneo de phrase: Desculpem meus queridos e adorados bens, distrahi-me, suppuz que vocês fossem... genérias ou fuchsias!

Desterro, 15 de Junho de 1887.

CRUZ E SOUZA.

Bando Precatorio

Continuação das respostas dos officios dirigidos pela sociedade *Diabo a Quatro*.

—

COPIA.—Illms. Srs.—Respondendo ao officio que VV. SS. tiveram

COPIA.—Collegio Santa Philomena, 12 de Junho de 1887.—Illms. Snrs.—Summamente penhorada pelo officio que de VV. SS. recebi em data de 17 do passado, cabe-me o prazer de responder que comprehendo perfeitamente os nobres sentimentos de que VV. SS. se acham possuidos pela redempção dos captivos, farei o quanto for possivel em pról de uma tão justa causa; não me compromettendo, com tudo, á acompanhar com minhas alumnas o bando precatoric, por não depender isso de minha vontade unicamente.

Entretanto, faço votos para que os louvaveis esforços da simpathica S. C. *Diabo a Quatro*, sejão côroados de um exito tão immenso como immensa é a gratidão que ella acaba de conquistar.—Deus Guarde a VV. SS.—Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt e mais membros da Directoria da distincta S. C. *Diabo a Quatro*.—AMELIA AUGUSTA DE SOUZA FAGUNDES.

—

COPIA.—Desterro 11 de Junho de 1887.— Illms. Srs.— Peço mil desculpas de não haver respondido com mais antecedencia a respeitavel carta de VV. SS. convidando-me para tomar parte na patriotica festa que a sociedade carnavalesca *Diabo a Quatro* pretende realizar a 24 do mez vigente em favor da redempção dos captivos. Sinto immenso prazer em assegurar a VV. SS. a minha sincera e fervorosa adhesão à tão generosa idéa, digna de ser ardentemente acolhida por todos aquelles que desejam de coração o engrandecito da nossa querida patria.

A aurora de 28 de Setembro de 1871 sorrio propicia, assignalando um dos factos mais notaveis que registra a historia do segundo reinado, e que veio associar o Brazil ao espirito regenerador das nações mais civilisadas do globo. Foi o illustre Eusebio de Queiróz o precursor do eminente visconde do Rio Branco, para quem serão sempre poucas as manifestações de gratidão dos brasileiros as datas de 4 de Setembro de 1871

Observações meteorologicas feitas no dia 14 de Junho na estação telegraphica do Estado

METEOROLOGIA

HORAS	BAROMETRO	THERMOMETROS min.	THERMOMETROS max.	Sec.	Hum.	VENTOS		OBSERVAÇÕES
9	766,7	11,5		12,2	10,2	0	0	Céo encoberto
2	767,8		22,1	17,0	12,8	0	0	limpo

O empregado,
Nicoliche.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Senado

SESSÃO DE 7 DE JUNHO DE 1887

(3ª discussão do projecto sobre pagamento de congruas aos vigarios estrangeiros.)

O Sr. Taunay declara que votará pela emenda substitutiva, muito embora reconheça os seus defeitos e perigos,

Sabe que a obstinação dos bispos póde trazer sérias difficuldades. Os vigarios, emquanto não se refizer a defeituosa legislação do paiz, exercem muitas funcções civis. Se os bispos não qui-

tiva seriã o uteis, se
paiz os projectos do
casamento civil. En
vigarios as festas d
orador é infenso,
gem de escandalos.

Nestas condições
minha para a separa
Estado, providencia
tar o catholicismo
facto que elle se erg
ricana, onde não viv
tado.

Protesta o orador
ca a religião cathol
abusos do clero: e as
pezar vê a reciproca
nios espiritual e têmp
sentantes de um e out

Respondendo a apar
nandes da Cunha, que
são do espiritual pel
orador cita a prohibiçã
a qual vai acabando c
giosas. Não ha maior
que essa de impedir
saturado de amarguras
sa acolher-se ao silenci
do claustro.

O SR. FERNANDES DA C
ta, dizendo que não ha pa
direito do suicidio.

O SR. TAUNAY pensa qu
ção do noviciado de mu
ma, pois que pelas nossas
lheres são tuteladas; ma
para os homens; é eviden
coarcta a liberdade.

Em seguida procede á le
aviso de 29 de Dezembro d
ca em que o regente pad
sentir a inconveniencia
de vigarios encommendad
ros, sob pretexto de falt
nacionaes habilitados. As
produzidas nesse notavel
verno bem demonstrão a
providencia desse adminis
aliás era saçerdote.

Termina declarando que
emenda substitutiva porq
ma, desorganisação que in
relações entre a Igreja e
de apresentar a separação
dor almeja.

Fica a discussão adiada

Tornam a v

E' facil reconhecer a
curativas do *Peitora*
contra os catharros.

53 GONZAGA, Sergius. O simbolismo brasileiro e a obra de Cruz e Sousa. **Zero Hora**, 05 de nov. de 1997.

ZERO HORA
05 NOV 1997

07

Página 2

O Simbolismo brasileiro e a obra de Cruz e Sousa

53

Conhecer a linguagem metafórica e musical do movimento simbolista pode auxiliar o candidato na hora da prova de literatura

Prof. Sergius Gonzaga – Curso Pré-Vestibular Unificado

Nas vésperas do centenário de sua morte, um rápido esquema sobre aquele que foi um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Um homem que transformou sua tragédia pessoal e o racismo de que foi vítima em poesia refinada e aristocrática. Como disse um crítico, vingou-se pela sofisticação poética. Sua revolta antes de tudo é uma revolta estética.

Na próxima semana, publicaremos material de química.

CRUZ E SOUSA (*1861 – †1898)

Vida

Silvio J. Macedo – Cruz e Sousa - Poesia Completa (capa)

João de Cruz e Sousa nasceu em Desterro (hoje Florianópolis), filho de escravos libertos pelo marechal Guilherme de Souza, que adotou o menino negro e ofereceu-lhe a chance de estudar com os melhores professores de Santa Catarina. Foi seu mestre, inclusive, o sábio alemão Fritz Müller, correspondente de Darwin. Apesar da morte de seu protetor, conseguiu terminar o nível intermediário e, com pouco mais de dezesseis anos, tornou-se professor particular e militante da imprensa local. Aos vinte anos, seguiu com uma companhia teatral por todo o Brasil, na condição de "ponto". Durante estas viagens, entregou-se à conferências abolicionistas. Em 1883, foi nomeado promotor público em Laguna, no sul da província, mas uma rebelião racista na pequena cidade impediu-o de assumir o cargo. Voltou a viajar e a cada regresso sentia a ampliação do preconceito de cor. Mudou-se então, definitivamente para o Rio de Janeiro. Lá se casaria com uma moça negra (Gavita) e conseguiria modesto emprego de arquivista na Central do Brasil, já no ano de 1893. Às inúmeras dificuldades financeiras somavam-se o desprezo dos intelectuais da época, que viam nele apenas um "negro pernóstico", o período de loucura mansa vivido pela mulher, durante seis meses, e a tuberculose que atacou toda a sua família: ele, a mulher e os quatro filhos. Numa carta ao amigo e protetor, Nestor Vitor, deixou registrado seu infortúnio:

"Há quinze dias tenho uma febre doida... Mas o pior, meu velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada! Minha mulher diz que sou um fantasma que anda pela casa!"

Obras principais

Broquéis (1893) – Missal (1893) – Evocações (1899) – Faróis (1900) – Últimos Sonetos (1905)

A obra de Cruz e Sousa é a mais brasileira de um movimento que foi, entre nós, essencialmente europeu. *Nela opera-se uma tentativa de síntese entre formas de expressão prestigiadas na Europa e o drama espiritual de um homem atormentado social e filosoficamente*. O resultado passa, às vezes, por poemas obscuros e verborrágicos, mas, na maioria dos casos, a densidade lírica e dramática do *"Cisne Negro"* atinge um nível só comparável ao dos grandes simbolistas franceses. O primeiro aspecto que percebemos em sua poética é a linguagem renovadora.

A linguagem metafórica e musical

Ainda que sua formação tenha sido dentro do Parnasianismo - e desta escola ele guarde o cultivo da perfeição e o gosto pela métrica e pelo soneto - Cruz e Sousa foge da objetividade lingüística e dos lugares-comuns verbais de seus antecessores. Nos seus poemas, abundam substantivos comuns com iniciais maiúsculas e palavras raras. A linguagem denotativa quase desaparece na quantidade de *símbolos, aliterações, sinestesias, esquisitas harmonias sonoras*. Ao contrário do texto parnasiano, o simbolista exige do leitor um esforço de decifração, de "tradução" da realidade sugerida para a realidade concreta. A todo momento, o poeta apela para a linguagem metafórica:

"O demônio sangrento da luxúria..."
"Punhais de frígidos sarcasmos..."
"Ó negra Monja triste, ó grande soberana." (A lua)
"As luas virgens dos teus seios brancos..."
"O chicote elétrico do vento..."

ZERO HORA
05 NOV 1997

Página 7

"Para as Estrelas de cristais gelados
as ânsias e os desejos vão subindo,
galgando azuis e siderais noivados
de nuvens brancas a amplidão vestindo."

O sofrimento da condição negra

Em *Faróis* e *Evocações* (poemas confessionais em prosa), Cruz e Sousa produzirá *textos dolorosos e noturnos*. A escuridão da noite – sempre associada à idéia de morte – substituirá o culto do branco e do erotismo. Estes dois livros correspondem à época da loucura de sua mulher, das maiores dificuldades financeiras, do preconceito de cor e do descaso dos intelectuais por sua obra. Como que lhe traduzindo a agonia interior, o estilo torna-se mais obscuro e tortuoso do que normalmente. O seu sentimento dominante é o de opressão, como se percebe em *O emparedado*:

"Se caminhares para a direita, baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira. Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeito e Impotências, tremenda, de granito, broncamente se elevará do alto! Se caminhares, enfim, para trás, há ainda uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo – horrível! – parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará n'um frio espasmo de terror absoluto. (...) E as estranhas paredes hão de subir – longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até as Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho..."

O sofrimento da condição negra não se transforma em protesto racial, e sim em isolamento, solidão, aristocratização amarga. *O Simbolismo é para ele uma forma de revolta contra a sociedade e contra suas próprias origens africanas, pelas quais sente, ao mesmo tempo, orgulho e pesar*. O "*emparedado*" vinga-se das "*paredes*" que o asfixiam com a sua criatividade poética. É uma revolta estética, raramente quebrada como nesta *"Litania dos pobres"*:

"Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas (...)

Faróis à noite apagados
por ventos desesperados(...)

Bandeiras rotas, sem nome,
das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
Das sangrentas barricadas."

A espiritualização

Jayro Schmidt – Cruz e Sousa - Poesia Completa

A tuberculose veio culminar o processo trágico de Cruz e Sousa e sua família. Os tormentos atingem agora a plenitude, e a morte paira sobre tudo com sua túnica negra. Em *Últimos sonetos*, a linguagem parece se despir dos excessos anteriores e chega à perfeição. O poeta está diante do grande abismo e procura decifrar seu formidável mistério. Já não se trata apenas da angústia de um homem proscrito por causa de sua raça. *O sofrimento, de fato, é inerente à condição humana*. E, diante do fim, o artista experimentará sensações diversas, desde o desejo de dissolução na "*Noite redentora*" até a expectativa de ressurreição em outra vida.

Seu processo de espiritualização é difusamente católico: dá a impressão de que acredita na sobrevivência dos mortos, que estes serão restituídos a sua "verdadeira pátria", isto é, a pátria das almas e das essências platônicas, onde reina o *"Transcendente"*, o *"Absoluto"* e onde, por fim, encontrará a paz:

"Sorrindo a céus que vão se desvendando,
A mundos que vão se multiplicando,
A portas de ouro que vão se abrindo!"

A *religiosidade filosófica* permite-lhe – apesar de todos os dramas de sua vida – declarar-se um vencedor, como verificamos no seu derradeiro poema, o antológico *"Sorriso interior"*:

"O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo este brasão augusto
Do grande amor, da grande fé tranqüila.

Os abismos carnais da triste argila
Ele os vence sem ânsia e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta glória em frente à Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!"

ZERO HORA

05 NOV 1997

Página 7

A musicalidade se dá através de aliterações, sejam em **v**:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas..."

Sejam em **m**:

"Mudas epilepsias, mudas, mudas,
mudas epilepsias
Masturbações mentais, fundas, agudas
negras nevrostenias."

Os exemplos são infinitos. Em **s**: *"Surdos, soturnos, subterrâneos desesperos..."* Em **f**: *"Finos frascos facetados"* E assim por diante, sempre a "música antes de qualquer coisa". Vale a pena lembrar também que o escritor não ignorava a sinestesia, utilizando-a com freqüência: *"vozes luminosas" – "aromas mornos e amargos" – "claridade viscosa" – "vermelhos clarinantes"*, etc.

Temas

No entanto, a poética de de Cruz e Sousa vai além destes procedimentos estilísticos inovadores. A junção da linguagem estranha com três ou quatro temas recorrentes e profundos é que lhe garantiu o lugar privilegiado em nossa literatura. A rigor, seus temas são poucos: a obsessão pela cor branca, o erotismo e sua sublimação, o sofrimento da condição negra, a espiritualização.

A obsessão pela cor branca

Roger Bastide desvela nos primeiros livros de Cruz e Sousa uma imensa nostalgia de se tornar ariano. O poeta parece ocultar as suas origens numa louvação contínua da cor branca. O branco em seus diversos tons, o branco da neve, do luar, da neblina, da bruma, do cristal, do marfim, da espuma, da pérola, das luzes e dos brilhos. O crítico contou em *Broquéis* cento e sessenta e nove referências a este universo de brancuras. (Roger Bastide e outros. *Cruz e Sousa.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.) O primeiro poema do livro, *Antífona*, já é indicativo do que virá depois:

"Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó formas alvas, fluidas, cristalinas,
Incensos dos turíbulos das aras..."

A lua, *"fantasma de brancuras vaporosas"*, surge a todo instante:

"Clâmides frescas de brancuras frias
finíssimas dalmáticas de neve
vestem as longas árvores sombrias,
surgindo a Lua nebulosa e leve...

Névoas e névoas frígidas ondulam
Alagam lácteos e fulgentes rios
Que na enluarada refração tremulam
D'entre fosforescências, calafrios..."

Também as mulheres que estimulam sexualmente o poeta, em sua maioria, são brancas:

"Braços nervosos, brancas opulências
Brumais brancuras, fúlgidas brancuras
Alvuras castas, virginais alvuras,
Lactescências das raras lactescências."

Se existe uma vingança de Cruz e Sousa contra o preconceito de cor, ela não se dá exatamente através de uma aproximação com seu mundo étnico. Ele buscou na aristocratização intelectual, no *hermetismo*, na imitação do *dernier cri* parisiense e no desprezo pela vulgaridade, sua diferença em relação aos escritores brancos vinculados ao Parnasianismo. Como diz Roger Bastide, *"criando uma arte de reticências e sutilezas"*, ele quis mostrar que o negro não era um materialista, preso à terra e ao prazer dos sentidos.

Daí também o *platonismo* contínuo de sua poesia, na qual o universo concreto não passa de um reflexo sombrio de Essências e Idéias supraterrestres. Assim a poesia fica imaculada, limpa das impurezas da vida. E a obsessão pelo branco ganha uma dimensão filosófica, que poderia ser representada da seguinte maneira:

Mundo platônico > Mundo das Idéias e Formas Puras > Mundo alvo e nevoento

Este é o mundo a que o poeta aspira: uma libertação, uma comunhão. Para tentar atingi-lo, destruirá a concepção parnasiana onde se formara: as coisas materiais se enevoarão, se diluirão. Os corpos femininos, no entanto, procurarão puxá-lo para a luxúria da vida terrena, atrapalhando a sua trajetória rumo às Essências.

Erotismo e sublimação

As mulheres surgem na obra de Cruz e Sousa como um símbolo de sensualidade. Mas ao contrário das figuras femininas de Olavo Bilac – descritas minuciosamente em sua graça corpórea, como esculturas belas e frias – as mulheres do catarinense aparecem, com freqüência, sob a forma de *"cruel e demoníaca serpente"* arrastando o poeta para convulsões, espasmos, anseios, desejos obscuros. Estamos longe daqueles retratos parnasianos, emoldurados por um erotismo convencional. Cruz e Sousa prefere mergulhar nas sensações despertadas pelas *"carnes tépidas"*:

"Carnais, sejam carnais tantos desejos,
Carnais, sejam carnais tantos anseios,
Palpitações e frêmitos e enleios,
Das harpas da emoção tantos arpejos..."

Estes *"sentimentos carnais"* exasperam o poeta em *"febres intensas, ânsias mortais, angústias palpitantes"* impelindo-o à necessidade de sublimar as *"flamejantes atrações do gozo"*. É necessário transportar estes espasmos e desejos para o reino ideral e assim desmaterializá-los:

54 GOMES, Osmar. Cruz e Sousa homenageado em todo Brasil. **AN Capital**, 31 de out. de 1997.

Cruz e Sousa homenageado em todo Brasil

Poeta simbolista será assunto de debates, mostras e seminários

OSMAR GOMES

O ano do centenário da morte do poeta Cruz e Sousa, o mais importante simbolista da língua portuguesa, deve ser comemorado em todo o País. A comissão estadual, formada por uma série de instituições, mantém contato com secretarias de cultura de vários Estados e municípios para concretizar uma principal meta: levar o nome do poeta e de suas obras a todos os cantos do País, ao reconhecer a sua importância e deixar a marca histórica dos 100 anos guardada em bibliotecas e arquivos de jornais.

Alguns contatos, de acordo com o presidente da comissão, o ex-diretor geral da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) do governo do Estado, escritor, intelectual e um dos especialistas da poética sousseana, Iaponan Soares, produziram efeitos imediatos.

O Senado, por exemplo, agendou uma sessão especial dedicada à memória de Cruz e Sousa. Será no dia 19 de março e como porta-vozes do evento foram sugeridos os senadores Abdias Nascimento, Esperidião Amin e Ronaldo Cunha Lima. O Senado pretende também incentivar o estudo literário e criou o Prêmio Cruz e Sousa voltado a importantes análises dos textos do poeta, negro, nascido em Desterro, nome anterior de Florianópolis.

A Fundação Biblioteca Nacional, presidida por Eduardo Portela, promoverá exposições, debates e mesas redondas e pode financiar a elaboração de um catálogo. A Casa de Rui Barbosa, sediada no Rio de Janeiro e presidida por Mário Machado, planeja eventos também, de acordo com Iaponan. O presidente da Fundação Nacional das Artes (Funarte) — vinculada ao Ministério da Cultura (Minc) —, Márcio de Souza, mostrou-se empolgado com a possibilidade de reedição de livros, em contato com o ex-superintendente da Fundação Franklin Cascaes-Prefeitura de Florianópolis, escritor e intelectual Salim Miguel.

As secretarias de Cultura do município e do Estado de São Paulo já foram contatadas e a intenção é promover em conjunto com os catarinenses exposições no Memorial da América Latina (estadual) e no espaço de cultura Mário de Andrade. "Queremos mostrar as passagens e influência de Cruz e Sousa nestes lugares", destaca Iaponan.

FILME

Há um trabalho de fôlego neste final de ano e várias pessoas e entidades, dos mais diferentes pontos de vista, estão reunidas para promover a homenagem a Cruz e Sousa. Iaponan lembra que o cineasta Sylvio Back produzirá um filme com exibição desde já garantida na TV Cultura. O compositor erudito catarinense Edino Krüger prepara um CD com músicas relacionadas com as imagens dos poemas das principais obras, entre as quais "Missal" e "Broquéis".

O Ministério da Cultura, de acordo com o diretor geral da FFC, Paulo Arenhart, poderá financiar a criação de cartazes de divulgação do centenário em todo o País. A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC) produz livro com poemas de Cruz e Sousa traduzidos para o francês. "Isso é importante porque cada vez mais o nome do poeta é conhecido fora do País, principalmente na Europa. Cruz e Sousa é expressão tão grande que Santa Catarina deve mostrá-lo a todos", observa Iaponan.

REPRODUÇÃO

Centenário de morte de Cruz e Sousa estimula diversas publicações

ROSANE LIMA 9/12/96

Iaponan, presidente da comissão estadual que organiza eventos em SC

Publicações planejadas no Norte, Nordeste e Sul

Livros importantes podem ser publicados pelas secretarias de Cultura de alguns Estados, de acordo com informações repassadas a Iaponan Soares. Alguns exemplos são "Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista Brasileiro", de Abelardo Montenegro, Ceará; "Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul", de E. Rodrigues Till, no Rio Grande do Sul; "Fretana", que conta a história da geração de poetas conterrâneos de Cruz e Sousa, escrito por Carlos de Fernandes, no Rio de Janeiro; além de uma pesquisa de Jomar Moraes a respeito da importância do poeta no Norte e Nordeste do País, no Maranhão.

FURO DOS CORREIOS

A Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos (EBCT) pisou na poesia, entretanto, conforme denúncia de Iaponan. O selo comemorativo aos 100 anos não foi aprovado, embora a comissão tenha enviado a proposta antes de 28 de agosto, data limite para avaliação dos projetos de homenagem através de selos. "Não aprovaram, deram uma resposta marota e isso se tornou um contratempo porque não analisaram a importância de Cruz e Sousa para a literatura brasileira. Não podiam se omitir assim. Temos certeza de que isso será revertido. Fazem selo de banana, melancia, melão e não querem fazer um sobre um grande poeta?", desabafou Iaponan.

AUDÊNCIA ADIADA

Embora a audiência com o ministro da Cultura, Francisco Weffort, mais uma vez tenha sido adiada — aconteceria ontem, mas a justificativa do ministro foi "agenda esgotada" —, o presidente da comissão das comemorações alerta que não é mal sinal. "Estão muito interessados em participar das homenagens", argumenta. Nova data para reunião com Weffort está acertada, dia 20 de novembro. Vão participar do encontro, além de Iaponan e Arenhart, o presidente da comissão municipal, o vice-prefeito Péricles Prade, senadores e deputados catarinenses. Querem garantir apoio do governo federal aos projetos do centenário, que será deflagrado no dia 25 de março do próximo ano.

31 OUT 1997 AN Capital 31 OUT 1997 5

Fronte Cultural

Abril de 1998 - n. 002
Responsável: Silvério Ribeiro da Costa
Endereço: Caixa Postal n. 262 - Chapecó - Santa Catarina - CEP 89801-970

55

CAVEIRA

I

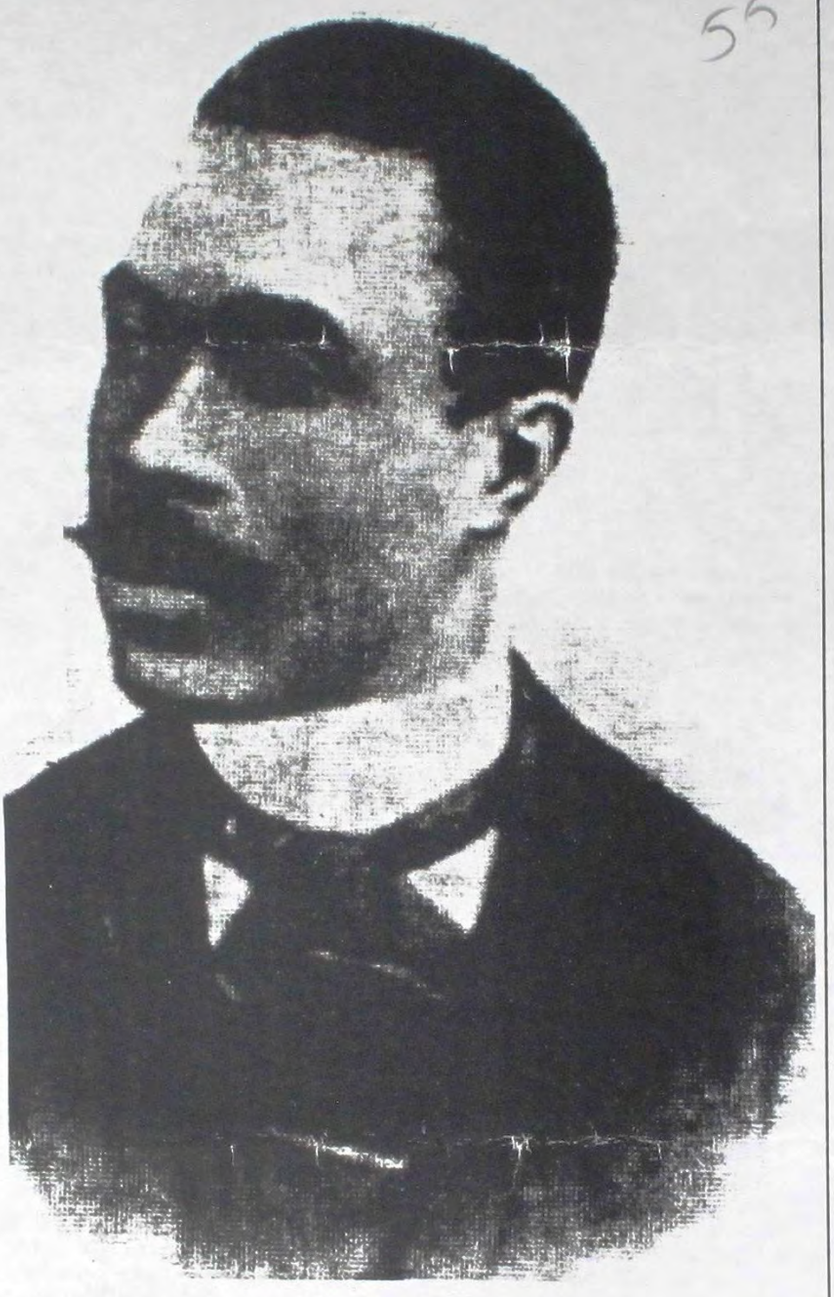
Olhos que foram olhos, dois buracos
agora fundos, no ondular da poeira...
Nem negros, nem azuis e nem opacos.
Caveira!

II

Nariz de linhas, correções audazes,
de expressão aquilina e feiticeira,
onde os olfatos virginais, falazes?!
Caveira! Caveira!!

III

Boca de dentes límpidos e finos,
de curva leve, original, ligeira,
que é feito dos teus risos cristalinos?!
Caveira! Caveira!! Caveira!!!



CEM ANOS SEM CRUZ E SOUSA

Já lá vão mais de cem anos que Cruz e Sousa, o maior poeta catarinense de todos os tempos, o maior poeta Simbolista do Brasil e um dos três maiores do mundo, segundo o francês Roger Bastide, ao lado de Mallarmé e Stephan George, nos deixou.

Ele nasceu em Santa Catarina, mas os restos mortais estão no Rio de Janeiro, onde moram os seus descendentes. A polêmica quanto ao lugar em que as cinzas do imortal vate devem descansar, para sempre, continua, agora com mais intensidade, por causa do centenário de sua morte, transcorrido este ano, mais precisamente no dia 19 de março passado.

Eu penso ser justo e oportuno que os seus restos mortais sejam transladados para Santa Catarina, já que o seu berço foi e continua sendo aqui. Entretanto, o que precisa mesmo, independente de qualquer coisa, é estudar e divulgar mais a obra do Cisne Negro, para que as futuras gerações não nos chamem de omissos e até de relapsos.

Central Equipamentos Comerciais Ltda.
Parceria com Lucratividade
BALANÇAS • EQUIPAMENTOS • MÁQUINAS
Rua Fernando Machado, 1778-D • Cx. Postal 734 • Fone/fax: (0491) 722-3023
CEP 89803-000 • CHAPECÓ • Santa Catarina

almasty
HOTEL
(049) 723-3028 - Av. Nereu Ramos, 155-D - 89807-150 - Chapecó/SC

56 TEIXEIRA, Ivan. Para uma leitura de Broquéis. 03 pag.

PARA UMA LEITURA DE *BROQUÉIS*

Ivan Teixeira

1. Poesia pura

Poesia sem referente: densidade do significante e rarefação do significado. Poesia do sentido e não do significado: o sentido equivale a conotação, sugestão, com imagens plurisensoriais:

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume....
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a dor da luz resume...

("Antífona")

2. Verso harmônico / Polifonia poética

Justaposição de frases nominais sem nexo lógico, como se fossem notas musicais. Mário de Andrade reinvindica para si a invenção do processo, como renovação modernista. Mas, em *Broquéis*, Cruz e Sousa já o sistematizara. Comparem-se os textos:

Inspiração

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Trajes de losangos... Cinza e ouro...
Luz e Bruma... Forno e inverno Morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América.

Ângelus

Ah! lilases de ângelus harmoniosos,
Neblinas vesperais, crepusculares,
Guslas gementes, bandolins saudosos,
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,
De salmos evangélicos, sagrados,
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,
Névoas de céus espiritualizados.

Ângelus fluidos, de luar dormente,
Diafaneidades e melancolias...
Silêncio vago, bíblico, pungente
De todas as profundas liturgias.

3. Reiteração

O procedimento reiterativo é uma das principais chaves para o entendimento de *Broquéis*. Manifesta-se, também, na enumeração adjetiva. Há casos de adjetivação binária, ternária, quaternária e até de cinco ou mais membros como se vê em "Incensos" e em "Tuberculosa":

Rolos d 'incensos alvadios, finos
E transparentes, fúlgidos, radiantes,
Quem elevam-se aos espaços, ondulantes,
Em Quimeras e Sonhos diamantinos.

*

Tísica e branca, esbelta, frígida e alta
E fraca e magra e transparente e esguia,
Tem agora a feição de ave pernalta,
De um pássaro alvo de aparência fria.

Redundâncias dessa natureza são freqüentíssimas em *Broquéis*. Devem ser interpretadas como *redobres musicais*: unidades significantes que geram o fato estético. Não são meros portadores de conteúdos ou sentimentos:

Braços nervosos, brancas opulências,
Brumais brancuras, fúlgidas brancuras,
Alvuras castas, virginais alvuras,
Lactescências das raras lactescências.

4. Percepção metafórica

Transfiguração dos sentidos, envolvimento sensorial com a realidade, associação, no texto, de elementos díspares da vida. Poesia é um espelho que reflete o mundo de maneira destorcida. No soneto "Luz dolorosa...", uma mínima variação da luz no espaço é representada como conseqüência da ação de serpentes abocanhando o ar:

> Como que ocultas áspides flexíveis
> Mordem da luz os gérmens invisíveis
> Com o tóxico das cóleras sombrias...

5. Alegoria das cores

Nas experiências expressionais de Cruz e Sousa, nota-se o constante abandono da lógica aristotélica em favor de uma lógica do absurdo, de feição onírica e freudiana, como meio de engendrar imagens que representassem lampejos do inconsciente. Esse foi o real motivo da incompreensão do livro à altura do lançamento, pois não se concebia então um verso sem imediata referência à vida aparente dos fatos ou das emoções identificáveis. Devia, portanto, ser difícil a assimilação de seqüências como a seguinte, do soneto "Dilacerações", que não se distancia muito da estética surrealista:

> Carnes virgens e tépidas do Oriente
> Do Sonho e das Estrelas fabulosas,
> Carnes acerbas e maravilhosas,
> Tentadoras do sol intensamente...

6. Sete principais motivos de *Broquéis*

I. Esboços de atmosfera vaga (14 textos)
II. Metalinguagem (10 textos)
III. Erotismo sensual (10 textos)
IV. Erotismo espiritual (6 textos)
V. Retratos extravagantes (7 poemas)
VI. Visões místicas (5 textos)
VII. Alegorias pessimistas (2 textos)

57 MACEDO, Dimas. Inéditos de Cruz e Souza. 02 pag.

INÉDITOS DE CRUZ E SOUSA

Dimas Macedo

Pretendo refletir sobre um acontecimento e um assunto que julgo relevantes: os cem anos de morte de Cruz e Sousa, que se completam em 1998, e a vitalidade da sua escritura literária, que é luminosa e que a cada dia mais e mais se plenifica.

Com efeito, pertinente a este último tópico, poucos poetas brasileiros com Cruz e Sousa foram tão reeditados nestes últimos anos. E poucos os brasileiros, igualmente, que poderão aspirar como ele um lugar na literatura universal neste final de século.

As reedições da sua POESIA COMPLETA (1994), pela Fundação Catarinense de Cultura, e de sua OBRA COMPLETA (1995), pela Editora Aguilar, com introdução de Alexei Bueno; o estabelecimento do texto e as sucessivas reedições dos ÚLTIMOS SONETOS, chanceladas pela Casa de Rui Barbosa e a Universidade Federal de Santa Catarina; a histórica edição de MISSAL e de BROQUÉIS (1933), em um único volume, pela Editora Martins Fontes, de São Paulo; a luxuosa reedição deste último livro de poemas, de responsabilidade da EDUSP (1994), a republicação das suas POESIAS COMPLETAS (1997), pelas Edições Ediouro; e bem assim a edição fac-similar de FARÓIS (1998), pela Ateliê Editorial, de São Paulo, com estudo crítico de Ivan Teixeira - são acontecimentos que se somam para remarcar a importância e a necessidade desse grande poeta simbolista, uma das vozes mais altas da literatura universal na metade do século dezenove.

Neste ano em que se comemora o centenário do seu falecimento, a expectativa que se tem com relação à sua obra é a de que ela atingiu a sua plenitude, é a de que ela se elevou como poucas e dificilmente perderá prestígio, especialmente em face da função artística e cultural que vem realizando..

No entanto, nada melhor neste ano de comemorações, que a leitura de achados ou de produções perdidas ou extraviadas do grande poeta simbolista. Refiro-me, é claro, à nova garimpagem de Iaponan Soares, intitulada DISPERSOS - POESIA & PROSA (1998), vinda a lume pela Editora UNESP, de São Paulo, como parte da Coleção Memória da Editora de Cláudio Giordano, que assina a Nota Editorial e o belíssimo projeto gráfico do volume.

A Iaponan Soares devemos, não apenas a pesquisa do material coletado, mas também o esforço para transformar Cruz e Sousa num poeta cada vez mais atual e redivivo. Foi ele o responsável, em 1994, pela reedição fac-similar de TROPOS E FANTASIAS, isto depois da publicação, em 1988, do livro AO REDOR DE CRUZ E SOUSA e de haver revelado, de forma pioneira, as HISTÓRIAS SIMPLES do maior dos nossos simbolistas, as quais, por sua vez, tiveram o mérito de evidenciar, de forma certamente clara e inequívoca, a participação do poeta negro na campanha abolicionista.

A publicação de DISPERSOS - POESIA & PROSA, como quer o seu editor, "ajuda-nos a compreender a formação do poeta, no meio cultural acanhado da desterro da década de 1880, e as trilhas pelas quais imaginava abrir sua carreira intelectual".

Trata-se, pois, de um livro de indiscutível valor cultural e histórico e que tem o fito de colocar Cruz e Sousa diante das suas vacilações formais e estéticas, já que os DISPERSOS agora divulgados referem-se à primeira fase da sua formação, a que antecede a publicação de MISSAL e de BROQUÉIS, com exceção do poema "Serenata", o texto mais plenamente realizado de todo o conjunto dos DISPERSOS e um dos mais altos, talvez, da poesia que Cruz e Sousa deixou de publicar em vida.

A pesquisa de Iaponan Soares, que agora se entremostra em DISPERSOS, por certo se insere entre as descobertas mais importantes sobre Cruz e Sousa e por certo também provocará novos cortes e novas interpretações sobre o Cisne Negro da nossa poesia, abrindo clareiras no entendimento de que Cruz e Sousa foi um poeta excepcional. E de que o seu espólio literário continua a nos tentar de forma assustadora.

O prefácio de Ivone Daré Rabello é todo ele gravado de lucidez e de erudição exemplar, assim como muito proveitosa e esclarecedora a apresentação de Iaponan Soares, que mostra à sociedade, mais uma vez, o quanto o seu devotamento a Cruz e Sousa (e também à causa literária) pode render em termos de contribuição à literatura brasileira, como um todo, e ao melhor da nossa tradição cultural.

DIMAS MACEDO, poeta e crítico literário cearense, é autor de ESTRELA DE PEDRA (1994) e LITURGIA DO CAOS (1996).

58 CASTRO, Sílvio. **Cruz e Souza, poesia e centenário**. Rio de Janeiro: Associação Bras. Do Congresso Pela Liberdade da Cultura, 1961.

SÍLVIO CASTRO

CRUZ E SOUZA, POESIA E CENTENÁRIO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO CONGRESSO
PELA LIBERDADE DA CULTURA
1961

CRUZ E SOUZA, POESIA E CENTENÁRIO

SILVIO CASTRO

a Afrânio Coutinho
a Eduardo Portella

O CENTENÁRIO de nascimento de Cruz e Souza serve para a comemoração não só de uma etapa de determinada existência individual, mas igualmente para o levantamento da transformação mais substancial por que passou a poesia brasileira, em sua evolução estética.

Em Cruz e Souza encontramos a origem de um novo tempo poético brasileiro. Ultrapassando a fase germinativa da poesia horizontal, caracterizada pela fórmula conceitual do verso — ou se não totalmente e sempre conceitual, rìgidamente lógico-formal —, o poeta encaminha-se para a renovação da sintaxe poética, servindo-se da palavra e não da oração, apegando-se à linguagem sugestiva, contra o conceito rígido, elidindo sujeito, verbo e objeto, no enlouquecimento que vem dar a sua admirável e nova forma poética.

Se os neo-clássicos ou árcades do século XVIII, principalmente em Minas Gerais, trazem-no significativo amadurecimento de temática, de realização do poema, êste mesmo poema continua com aquela língua portuguêsa clássica e nobre, amadurecida e estabilizada, mas-e-por isso sem autenticidade e correspondência com a vida do poeta e de seu meio ambiente. Será a formação lingüística clássica que fará com que o primeiro estágio vigoroso da evolução poética do artista brasileiro se mantenha num plano de poesia fria, formal e rígida. No mais consciente plano de linguagem conceitual.

Veja-se a exemplificação:

Êste é o rio, a montanha é esta,
Êstes os troncos, êstes os rochedos;
São êstes ainda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suavíssimos enredos
Foi cena alegre, e uma é já funesta.

Oh quam lembrado estou de haver subido
Aquêle monte, e às vêzes, que baixando
Deixei do pranto o vale humedecido!

Tudo me está a memória retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas espécies despertando". (1)

A revolução romântica, valiosa em tantas direções, não terá condições suficientes para quebrar e revolucionar a linguagem poética. Se encontramos um novo poema, fruto da conquista romântica, êle não é novo pelo surgimento de uma outra e moderna linguagem. As construções lingüísticas se alteram, as semânticas sofrem va-

(1) CLAUDIO MANUEL DA COSTA, **Obras Poéticas**, Rio, 1903.

riações; no entanto, quanto ao sentido da linguagem poética, da direção dessa linguagem, nada se modifica. O conceito ainda se mantém como referência. Talvez não tanto como no movimento anterior. Já podemos encontrar uma atmosfera poética diferente. Mais emocional que intelectual. Entretanto, ainda neste emocional vigora o sentido lógico de linguagem, dando o resultado do narrativo no poema.

Exemplificando:

"Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sôbre o leito de flôres reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens de amor ela dormia!

Era a virgem do mar! na escuna fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela!! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo! (2)

No parnasianismo, as conquistas românticas se perdem, e o verbo conceitual, muito próximo da prosa, da linguagem formal da prosa, ganha predominância. É o grande momento da logicidade dos elementos sintáticos dos versos e do poema. A poesia chega à inteligência, e o conceito predomina acintosa e berrantemente, atingindo até mesmo ao prosaísmo das definições, em orações de ordenação lógica.

Como se vê em exemplo específico e clássico do movimento:

"O musgo mais sedoso, a úsnea mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente estêve
Com o destro bico a arquitetar o ninho.

Da paina os vagos flocos côr de neve
Colhe, e por dentro o alfombra com carinho;
E armado, pronto, enfim, suspenso, em breve,
Ei-lo balouça à beira do caminho.

E a ave sôbre êle as asas multicores
Estende, e sonha. Sonha que o áureo pólen
E o nectar suga às mais brilhantes flôres;

Sonha... Porém de súbito a violento
Abalo acorda. Em torno as fôlhas bolem...
É o vento! E o ninho lhe arrebata o vento". (3)

Em 1893 com a publicação de dois livros de poesia, *Broquéis* e *Missal*, sendo que êste traz as grandes contribuições para o poema em prosa brasileiro, Cruz e Souza violenta a estrutura do poema convencional, vigente desde os árcades.

Sua contribuição, então, é radical e revolucionária. Repele o conceito e a logicidade, mutilando o encadeamento sintático e abandonado as soluções clássicas, que antes serviam à prosa que à poesia. O poema recebe um novo vigor nascido da consciência revolucionária em poesia que a compreende como um fenômeno sem ordem lógica, e o toma a partir do absurdo contido na palavra isolada. Do encontro das palavras sem semântica, apriorísticamente considerada, surge o verso. O verso é novo porque resultou de palavras que não estavam antecoladas e antecipadas ao verso. O verso torna-se contemporâneo das palavras, e com isso se mostra novo. Novo no sentido de não necessitar de uma inteligência formal para sua apreensão, e por esta mesma inteligência não ser movimentada por uma fisionomia formal do verso. O verso não tem mais a fisionomia estrita tão vigente e que resultava da ordenação rígida e fria dos têrmos do verso. Agora, o verso criado por Cruz e Souza mostra uma nova inteligência para o fenômeno poético, e o poema se faz com palavras que as mais das vêzes se elidem. Mas, por sabedoria poética, o poeta cria o poema de tais elementos. Elementos absolutamente absurdos se os considerarmos pela norma da linguagem formal, mas perfeitos se criticados e recebidos em razão da compreensão estética para o fenômeno da linguagem cabível na criação poética.

Cruz e Souza quebra a horizontalidade do verso brasileiro. Rompe com um

(2) ALVARES DE AZEVEDO — **Obras Completas**; Co. Editôra Nacional; S. P.; 1942.

(3) ALBERTO DE OLIVEIRA — **Poesias**; Garnier; 1912.

mesmismo centenário, e leva o poema à sua verdadeira direção do emprego da linguagem ilógica e sugestiva, sem conceitos e comparações estreitas. Sem definições. Dá, finalmente, ao nosso verso a linguagem boa para a poesia.

Seu ponto de partida para a revolucionária convicção poética é a audácia de uma disponibilidade em face da sensibilidade poética. Audácia que não teme posições loucas, e que as aceita e elege como convincentes regras de criação. Assim disponível diante do mundo e das palavras, o poeta está pronto para todos os impossíveis, e os versos nascem de tais impossíveis. Sem vacilação, sem qualquer posição cínica para com os seus elementos de trabalho: mundo e palavras. Disponibilidade serena e consciente. Diante do mundo mesmo desventuradamente diante do mundo, amargamente e gementemente diante do mundo, sempre nas condições de ternura para com o mundo. Diante das palavras, plàcidamente diante das palavras, sempre pronto a utilizar a mais absurda, ou criá-la.

Assim como um assinalado:

"Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema,
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrêlas de ternura.

Tu és o poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado
De belezas eternas. pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica
Tôda a audácia dos nervos justifica
Os teus espanos imortais de louco! (4)

A importância dessas renovações para a cultura brasileira é de excepcional valor. Temos no marco de 1893 o ponto fronteiriço de dois mundos-momentos, inconsciente e consciente, na evolução de nossa mentalidade poética. Dá-se, naquela hora, a transferência de um plano de desconhecimento dos fatos estéticos (e, por conseqüência, dos não positivos resultados nascidos de tal desconhecimento), para o domínio e sabedoria da realidade do poema. Os poetas já, a partir de então, se encaminham verdadeiramente para a sua natureza própria e específica. Fato que leva à plena maturidade de criação em poesia no Brasil.

Cruz e Souza alcança tal resultado debaixo de verdadeiras transformações de mentalidade. Ainda que mantendo ilusòriamente formas poéticas anteriores (e êle é admirável no domínio da velha forma do sonêto), mesmo em tais formas conservadoras, êle transforma e revoluciona. Seus sonetos têm apenas a arquitetura dos sonetos árcades ou parnasianos, não citando as ocasionais incidências da forma nos românticos. Seu decassílabo aparentemente o usual, apenas tem a ver com o decassílabo pétreo dos parnasianos naquilo em que versos constantes de dez sílabas se confundem ou parelham. O que importa está na linguagem nova, na expressão nova. Os sonetos não parecem com os antepassados, pois seus quatorze versos explodem em criações inusuais para a língua literária brasileira. São outros substantivos, outros adjetivos, outros verbos, outros adjetivos-substantivos outros substantivos-adjetivos.

"Desencadeou a ventania rouca
Surda, tremenda, desvairada, louca,
Que a tu'alma abalou de lado a lado". (5)

"Velhas chagas do sol, ensangüentadas chagas
De ocasos purpurais de atroz melancolias". (6)

"Ah! bas encher, eternamente basta
Encher, encher tôda esta Esfera vasta
Da convulsão do teu soluço aflito!" (7)

"Florescimentos e florescimentos!" (8)

"Prende, arrebata, enleva, atrai, consola" (9)

(4) CRUZ E SOUZA — Poesias Completas; ed. de Andrade Murici, INL. 1945.

(5) Ibidem, v. II, p. 2.
(6) Ibidem, p. 8.
(7) Ibidem, p. 10.
(8) Ibidem, p. 11.
(9) Ibidem, p. 31.

"Mundo de peste, de sangrenta fúria
E de flôres leprosas de luxúria
De flôres negras, infernais, medonhas!" (10)

"É um grito infernal de atroz luxúria.
Dor de danados, dor de Cháos que almeja,
A tôda alma serena que viceja,
Só fúria, fúria, fúria, fúria, fúria!" (11)

As inovações de linguagem que, já na forma algo rígida do sonêto, mostra-se tão convincente, encontra afirmação maior nos poemas em prosa. Cruz e Souza leva o poema em prosa para uma expressão correspondente verdadeiramente ao "poema". A sua sintaxe não tem a ver com a prosa, mas se dirige para a poesia-linguagem. As execuções de *Missal*, principalmente, e *Evocações* revelam um poeta que não necessita mais dos limites do verso. A "prosa" é violentada pela natureza do poeta e, através de elementos de linguagem, com alicerces principalmente na individualização da palavra, chega-se ao poema. Não é o poema em prosa de linguagem trivial, de conceitos retos e formais, nem o poema em prosa de pura sugestão poética, com divórcio da questão de linguagem poética. Cruz e Souza faz os seus poemas em prosa com a mesma estrutura lingüística dos versos, e dêsses os poemas em prosa não têm apenas e tão-sòmente os elementos intrínsecos externos.

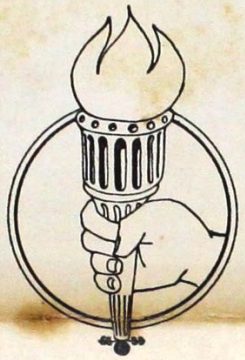
A contribuição de Cruz e Souza para a poesia brasileira e a sua posição na vida nacional têm marcantes notas de importância para tôda nossa realidade cultural. Mais do que isso (se fôsse possível dissociar os dois conceitos), para nossa nacionalidade.

Cinco anos apenas depois da abolição da escravatura no Brasil, em 1893 é um poeta brasileiro negro que altera a direção de nossa cultura. Cruz e Souza é um poeta, é um poeta negro, é um poeta brasileiro e é um poeta brasileiro negro. As condições ambientais aparecendo propícias para que surgisse assim um poeta de côr negra, pouco após a abolição da escravatura, um poeta com uma formação cultural madura, alimentando a hereditária propensão estética, e tais condições ambientais permitindo o surgimento de um inovador cultural, isto é o mais admirável sintoma da tendência e predisposição brasileiras para uma democracia racial.

Cruz e Souza torna-se, pela importância de sua poesia e pelo sentido de sua estatura cultural, o bom símbolo da aptidão brasileira para o universalismo, e se coloca como o traço perfeito de tradução do espírito nacional em procura de soluções humanas e gerais, sem qualquer vinculação com angústias nascidas dos conflitos entre indivíduos por seus valores mais externos. É o poeta negro que, saído sem mescla da raça escravizada, propõe e implanta uma nova visão cultural para o seu país e para tôdas as classes, raças e opiniões dêste país. Elevando-se, da raça antes escravizada (elevação aceita universalmente por seu grupo social), à condição de poeta nacional e representante de tôda a cultura brasileira nova. Com isso, derrubando todos os possíveis existentes ou sobreviventes falsos valores sociais.

É nesta revolução e nesta aceitação de valor pelo valor que principia o processo de estabilização cultural do Brasil. Por isso, pela consciência da existência vigorosa e prodigiosa da obra e da personalidade do poeta catarinense, que não seria ir muito longe se disséssemos que a comemoração do centenário de nascimento de Cruz e Souza, neste 1961, leva-nos igualmente à comemoração do centenário da *causa próxima* do fenômeno de estabilização da cultura brasileira.

(10) Ibidem, p. 64.
(11) Ibidem, p. 68.



Gráfica Tupy Ltda., Editôra — Barão de São Félix, 42 — Rio

59 SOARES, Iaponan, CARDOZO, Flávio José, MUZART, Zahidé L. **Cruz e Sousa**. Florianópolis: FCC, 1991. (Escritores Catarinenses, n.3)

12

ESCRITORES CATARINENSES

SÉRIE 3 RESGATE

CRUZ E SOUSA

FCC EDIÇÕES

Volumes publicados:

Série "Hoje"
1. Flávio José Cardozo
2. Lindolf Bell
3. Alcides Buss
4. Enéas Athanázio

Série "Resgate":
1. Virgílio Várzea
2. Luís Delfino

FCC
IOESC
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Santa Catarina
ESTADO DE TRABALHO

O presente fascículo — o terceiro da Série "Resgate" da Coleção ESCRITORES CATARINENSES — assinala a passagem dos 130 anos de nascimento do poeta Cruz e Sousa. Seu propósito básico é possibilitar a nossos jovens estudantes um primeiro contato com a vida e a obra do grande poeta.

Filho de pais libertos, Cruz e Sousa fez seu curso de humanidades na Desterro natal e, levado por enorme inquietação intelectual, conseguiu transcender as limitações do meio, pondo-se em sintonia com o mundo e seus maiores escritores. Foram conquistas de sua tenacidade, pois a tônica mais forte da vida do poeta era a precariedade de recursos até para a própria sobrevivência. A despeito de todas as dificuldades, ele elevou sua voz, uma voz própria, inconfundível, nela imprimindo os aspectos dramáticos da existência e refletindo a condição do homem.

A obra de Cruz e Sousa, constituída de seis livros (um em parceria com seu conterrâneo Virgílio Várzea), tem a marca da perenidade. Digna de leitura e releitura, ela vem sendo cada vez mais objeto de estudo de especialistas brasileiros e estrangeiros.

Desenho de Rodrigo de Haro

J62 João da Cruz e Sousa, 1861-1898 : antologia / organização Iaponan Soares e Flávio José Cardozo e estudo crítico de Zahidé L. Muzart. -- Florianópolis : FCC, 1991.
24p. il. ; fotos. -- (Escritores catarinenses, "Resgate", nº 3)

1. Literatura brasileira — Antologia 2. Cruz e Sousa, João da, 1861-1898 — Estudo crítico I. Soares, Iaponan, 1936- II. Cardozo, Flávio José, 1938- III. Muzart, Zahidé L.

CDU: 82.1(186.4)

Desenho de Maurício Jabim

DEFESA E LUTA: A POESIA DE CRUZ E SOUSA

ZAHIDÉ L. MUZART

"Ó rio roxo e triste, ó rio morto,
ó rio roxo, amargo. . .
Rio de vãs melancolias de horto
caídas do céu largo!
Rio do esquecimento tenebroso,
amargamente frio,
amargamente sepulcral, lutuoso,
amargamente rio!

(Esquecimento)

1. Algumas Constantes na Crítica de Cruz e Sousa

Na fortuna crítica de Cruz e Sousa, há constantes, que é preciso destacar. Essa crítica, muito volumosa, tem sido, em grande parte, uma crítica repetitiva — um reafirmando, com poucas variações, o que seu antecessor dissera.

O primeiro marco, e que praticamente norteou todos os demais críticos, foi a importantíssima crítica de Araripe Jr. Com rara compreensão do movimento simbolista, ele publica em "A Semana" uma série de artigos sobre o *"movimento literário de 1893"*.

Na crítica de Araripe Jr.[1], vão aparecer algumas linhas desenvolvidas (ou não) mais tarde. Sua crítica é presa ainda a teorias de caráter racial e individual salientando ser Cruz e Sousa o primeiro negro "sem mescla que se torna notório pelo talento". Ironiza, com uma certa crueldade, e fantasia o processo de criação do poeta "maravilhado" com a Corte! Mas retirando tudo o que há de velhusco e circunstancial na sua crítica, salientam-se as ligações do poeta com a África e o primitivismo. Em *Missal*, livro singular, teríamos "o sentimento de um africano engastado em linguagem fim de século". Outro ponto que me parece de notável sensibilidade é a ligação que o crítico estabelece entre Cruz e Sousa e Edgar Poe e entre Cruz e Sousa e H. Heine.

Um último ponto da crítica de Araripe Jr. é a constatação da sonoridade da poesia de Cruz e Sousa. Afirmou ele que o poeta seria dos "nossos poetas mais sonoros".

A partir de Araripe, cristaliza-se o tema do poeta negro "puro" *talentoso*.

Importante salientar os artigos de Nestor Victor, o grande amigo de Cruz e Sousa, artigos cheios de fidelidade e amizade. Pode-se arriscar a hipótese de que, *sem* Nestor Victor, a obra de Cruz e Sousa estaria fadada ao esquecimento, apesar de sua importância. A crítica desse autor é de louvação. Crítica de impressões que visa a enobrecer o nome do poeta e torná-lo conhecido de seus pares.

Por causa de Nestor Victor, temos a conversão de Sílvio Romero em admirador do poeta chegando a dizer que Cruz e Sousa é "o ponto culminante da lírica brasileira em quatrocentos anos de existência"!

Ao lado desses, aparece a nota dissonante da severa crítica de José Veríssimo (Cruz e Sousa — "um parnasiano que leu Verlaine") transformada, mais tarde, em sóbrios elogios. Não há nada de mais notável nessa crítica finissecular. Vê-se, em todos os artigos e ensaios a importância conferida à vida do poeta e ao fato de ser negro.

O segundo marco, talvez o mais importante e que mudará a direção da crítica, derivando daí muito do que se diz ainda hoje sobre o poeta são os quatro estudos do professor francês, então lecionando na USP, Roger Bastide [2], em 1943. A base de seus estudos apóia-se na psicanálise e na sociologia. A idéia-chave do ensaio "A nostalgia do branco" é de que a arte sempre foi um meio de classificação social. Ele desenvolve essa idéia contrapondo a raça do poeta, num país de escravidão, aos temas preferidos pelo simbolismo. Vê o uso da cor branca na poesia de Cruz e Sousa como o desejo de mudar mentalmente de cor (vontade de arianização). Apesar disso, todos os estudos de Bastide são valorativos, seja comparando-o com Baudelaire, ou talvez, com muito exagero, ligando-o a Stefan Georg e Mallarmé formando a chamada tríade simbolista.

A crítica de Bastide é a mais comentada e a mais estudada, pois vem associar o poeta catarinense aos grandes simbolistas. Impõe-se um bom estudo comparativo para provar a validade dessas afirmações.

A partir de Bastide, cristaliza-se a idéia do negro desejoso de ser branco. Daí sucederem-se artigos cujos títulos já traem sua filiação, por exemplo, "o poeta negro", "o poeta negro que tinha a poesia branca", "o cisne negro", "o papa negro", "o Dante negro" e, assim por diante, infindáveis vezes aparece a palavra "negro" nos títulos, qualificando o poeta. Não estaria aí um resquício de racismo disfarçado?

O terceiro marco é o de estudos mais ligados à linguagem como o de Antônio de Pádua "À margem do estilo de Cruz e Sousa" [3], que estuda a expressividade fonética.

Há estudos importantes sobre a linguagem. Saliento o do escritor Nereu Corrêa [4] e o da Professora Maria Helena C. Régis [5] que estuda detalhadamente a linguagem de *Broquéis*.

O quarto marco é o das abordagens mais recentes da obra de Cruz e Sousa que se dedicam, em geral, a estudar pontos específicos. Destacam-se o estudo de Affonso Romano de Sant'Ana em *O Canibalismo Amoroso* [6], onde analisa o erotismo e o de Paulo Leminski no livro *Cruz e Sousa: o negro branco* [7] que aponta o erotismo como um dado importante na poesia de Cruz e Sousa e estuda, de maneira original, alguns poemas. Ambos os críticos destacam a Dor

na base da criação do poeta, aliando Eros e Thanatos a aspectos biográficos que continuam a ser a grande constante na crítica de Cruz e Sousa.

2. "Humilhados e Ofendidos" na Poesia de Cruz e Sousa

Há poetas que são muito festejados, muito falados — pouco lidos. Não há catarinense que, tendo ido à escola, não conheça de nome o poeta Cruz e Sousa, que não saiba que era negro, filho de escravos. Destacam-se os problemas do poeta, citam-se opiniões já cristalizadas de certos críticos. Mas sua obra é bem pouco lida.

Por ser uma poesia de grande originalidade, é necessário acercar-se dela paciente e constantemente. O leitor deste tempo apressado precisa aprender a ler para ganhar em beleza. Ler várias vezes é a chave. A poesia vai penetrando, lentamente, na gente. Ler em voz alta é uma maneira de compreendermos melhor o poema. Nessa leitura, salienta-se toda a musicalidade criada pelo poeta: o crescendo de vogais, o uso de sons expressivos e combinados, verdadeiros acordes como, por exemplo na poesia "Lua" (em *Broquéis*) [8] — "E fria, fluente, frouxa claridade/flutua como as brumas de um letargo". A combinação das sílabas fri-, flu-, fro-, flu-, cria uma espécie de polifonia. E nisso, Cruz e Sousa foi um mestre. Esta é uma maneira de acercar-se da poesia de Cruz e Sousa: pela música, pelo som. Uma outra maneira é o estudo dos temas.

Existe um poema belíssimo que se chama "Litania dos pobres", em *Faróis*, um poema que é preciso ler e reler, um longo e estranho poema. Há interpretações que o ligam à revolta, à preferência pelos miseráveis, a um certo engajamento no social.

Como uma ladainha (daí, o título), vai desencadeando, em estrofes de dois versos, longa série de enumerações onde predominam substantivos e adjetivos. Podemos ver, no poema, duas partes. Na primeira, o poeta fala dos pobres: "os miseráveis, os rotos/são as flores dos esgotos." As imagens vão se tornando cada vez mais soturnas, mais sombrias, os pobres já são condenados, mortos, fantasmas. Todos os pobres, os torturados, os perseguidos formam um "bando tremendo". Essa parte mais descritiva formaria um primeiro segmento. Depois, as enumerações diminuem de força, suavizam-se e chegamos à segunda parte onde vai aparecer a idéia central: os pobres do poema não são pobres de meios materiais. São os pobres de quem fala o Cristo, os eleitos, os pobres de espírito, ou seja, os inocentes e puros. Para o poeta, esses pobres são os artistas, os poetas, aqueles que não agem movidos por interesses materiais. Esse são os vencedores. Como vemos, idéias românticas perpassam o poema. Cruz e Sousa, que pertenceu por toda a sua vida ao "bando" dos pobres, errantes e perseguidos, ironiza, ao final do poema, chamando a esses marginalizados de "belos sonhadores".

Outro tema dos mais importantes, na poesia de Cruz e Sousa, é o do "emparedado". É um tema antigo, medieval e que nos remete quase imediatamente ao Poe dos contos de terror, especialmente, ao conto "O gato preto". Mas, em Cruz e Sousa, este belíssimo texto em prosa poética, o último de *Evocações* não traz o tema do terror (não desse tipo de terror). O texto é uma autobiografia e, por meio de muitas imagens e comparações, Cruz e Sousa nele descreve suas angústias, desenganos e desesperos — em suma, sua própria vida.

Nesse texto, vamos encontrar temas já tratados em outros, tais como a idéia de que a iniciação do artista se faz pela dor. Esse tema aparece em "O Assinalado", poema de *Broquéis* e "Iniciado", primeiro texto de *Evocações;* além de vários outros.

O conceito de arte é também abordado — uma constante na obra do poeta. A arte, para ele, é libertação, é liberdade. O artista deve libertar-se de moldes consagrados, a arte não pode ter fórmulas.

"O emparedado" é sobretudo um texto contra os preconceitos. Cruz e Sousa nele deixa transparecer mágoas profundas ligadas ao fato de ser artista e *negro*. A "maldição da raça de Cã". O papel do artista na sociedade seria o de lutar contra a hipocrisia, os preconceitos sociais. Cruz e Sousa castiga, com sua crítica, os artistas medíocres que "faziam da arte um jogo capcioso, maneiroso, para arranjar relações e prestígio". O texto vai criticando cada vez mais a sociedade até os últimos parágrafos onde, então, aparece o tema do "emparedado". As quatro "paredes" que fecham o poeta no seu sonho são: a parede dos egoísmos e preconceitos, a das críticas, a dos despeitos e a última, a parede da imbecilidade e da ignorância.

Durante muito tempo, Cruz e Sousa foi estudado como o simbolista nefelibata, alheio aos problemas sociais. Pelos exemplos de apenas dois textos, verificamos que é uma idéia errônea e um mito. Para entender o poeta, é preciso não ficar preso a certas cristalizações da crítica. Cruz e Sousa não ficou fechado na famosa "torre de marfim". As suas visões simbolistas contêm, igualmente, pobres e perseguidos, deserdados, humilhados e marginalizados. Por isso, é um poeta completo. Alia à perfeição da forma, buscada com cuidado e obsessão, os temas do vivido e do artista participante e engajado numa luta inglória contra o preconceito, as idéias recebidas, as hipocrisias.

3. A Vingança de Calibã

Segundo Zilá Bernd [9]: "A principal característica da cultura brasileira, como da latino-americana, consiste em devorar a cultura dos colonizadores e reempregá-la de maneira criativa, isto é, introduzindo nesta cultura os elementos do patrimônio cultural autóctone. O canibalismo cultural vai caracterizar a busca de identidade nacional dos povos latino-americanos e se traduz pela tentativa de revisão da dualidade colonizador-colonizado. É através desta ação clandestina, de insular o colonizador com sua própria língua, de combatê-lo com suas próprias armas, que Calibã vinga-se de Próspero".

Muito antes de qualquer movimento de negritude, de reivindicação da beleza e do valor da raça já um negro brasileiro cantou, com força e lirismo invulgares, o negro.

Diz Zilá Bernd que com a poesia "I too sing America" é a primeira vez que um texto poético exprime o orgulho de ser negro. É a idéia do "black is beautiful" que depois tomará conta dos Estados Unidos".

Cruz e Sousa cantou a negritude — a raça, a África, a mulher negra e já contestava, em seus textos, cheios de revolta, as teorias etnológicas ultrapassadas que consideram a raça negra incapaz de "desenvolver altos níveis de pensamento lógico".

Apesar do estudioso inglês David Brookshaw [10] propor o nome de Luiz Gama e de Lima Barreto como iniciadores de uma literatura de protesto negro, o verdadeiro iniciador, para mim, foi Cruz e Sousa.

Para provar que Cruz e Sousa foi paradoxalmente simbolista e escritor engajado na luta pela abolição, basta ler seus textos abolicionistas. A maioria deles é da produção juvenil, de antes da abolição, no "calor da hora", digamos. Cruz e Sousa, ao organizar sua obra, para publicação, elimina-os, considerando-os superados visto já terem acontecido a *Abolição e a República* (88 e 89). Segundo Andrade Muricy [10], depois desses acontecimentos o poeta "chegou à fase morna do conformismo, da desilusão, apenas percorrida de vagas inquietações de dor socialista e até anarquista."

No entanto, é estranho, e mesmo surpreendente, que Cruz e Sousa tenha deixado de incluir, em sua obra, peças de grande valor literário, e que não eram documentos, tais como o poema "Crianças negras" e o texto em prosa "Consciência tranqüila".

Em "Consciência tranqüila" é notável o sentimento de ódio, que aparece com singular veemência. É uma narrativa que apresenta também grande dramaticidade. Não esqueçamos que Cruz e Sousa foi *ponto* de uma companhia de teatro. Isso vai transparecer aqui, pois há neste texto muito da carpintaria teatral com indicações dos movimentos cênicos, diálogo e um longo monólogo de tom francamente teatral.

"O senhor de escravos agoniza, rodeado de parentes e interesseiros. Há lamentos vagos e hipócritas. E entre esses sussurros, ergue-se uma *tremenda voz* que evoca atrocidades, mescladas a uma luxúria feroz" [11].

Segundo Muricy "é uma página shakespeariana a sugerir uma espécie de Rei Lear do crime no último grau de abjeção, do *absoluto do mal*".

A voz é a do agonizante que, na hora da morte, tem um assomo de forças e faz uma espécie de confissão às avessas (uma anti-confissão?) pois não pede perdão de nada, e não há nela nenhum arrependimento. Só o vemos deplorar o passado por já ser passado e não poder recomeçar seus crimes.

Há muito de sadismo no texto e aquela atmosfera lúgubre finissecular. As mulheres negras são violadas, estupradas, assassinadas; as grávidas, torturadas e mortas com seus fetos. E, por todo o texto, o leit-motiv do *ouro* que a tudo e a todos compraria!

A ler as torturas infundidas aos negros escravos, o texto aparece-nos como o mais forte libelo já escrito no Brasil contra a escravidão, libelo literário, bem entendido. Negros enforcados, torturados, queimados em fornos em brasa (a

lembrar o holocausto judáico), arrastados, violados (a lembrar as torturas no Brasil de 64), envenenados, degolados. . . Até hoje, em mais de cem anos de Abolição, o texto de Cruz e Sousa conserva uma força candente e viva.

Tal como em outros textos do poeta, este tem também uma construção em crescendo. Inicia-se com um ritmo mais lento e vai aumentando de força expressiva usando dos recursos tão empregados por Cruz e Sousa, que são os de reiteração — de sons (aliterações), de palavras, de imagens. O ritmo vai-se acelerando, sobretudo quando explora o tema do terror, central no conto. Ao final, decrescendo termina com a figura da ironia (que diga-se de passagem não é usada nunca com veemência). Com esse final tranqüilo, depois do vendaval de acusações e lembranças, a serenidade da hora da morte. A última frase diz: ". . . o ilustre homem rico, o abastado e poderoso senhor de escravos expirou com a sua consciência tranqüila, completamente tranqüila" (p. 677).

Podemos dizer que há também em outros textos como, por exemplo, "O Emparedado", uma nota abolicionista, pois neles a revolta também aparece, a revolta do homem negro face às injustiças da sociedade branca.

A Abolição fez cem anos. Cruz e Sousa, filho de escravos não conheceu a escravidão da senzala mas viveu-a intensamente, seja no pequeno burgo do Desterro, vendo os escravos e conhecendo a vida dos pais (o pai foi alforriado quando Cruz tinha quatro anos), seja em sua vida mais tarde. Na realidade, a Abolição não aboliu os senhores e os escravos. Só, aparentemente, eles ficaram livres. Cruz e Sousa, homem livre, viveu as contradições desta abolição que, renegando a escravidão, não deu condições de vida aos ex-escravos ou filhos de. Cruz e Sousa viveu e morreu na miséria.

Essas contradições vão se refletir na obra do poeta que, aspirando ao transcendente, como em geral os simbolistas, não deixa de ligar-se a aspectos e lutas sociais.

4. Mosaicos

A poesia de Cruz e Sousa estabelece linhas intertextuais com escritores e artistas de vário tempo e vário lugar. Assim percorrem sua poesia e sua prosa, autores confessados explicitamente, ou já incorporados conscientemente ao texto, maneira mais sutil e elaborada.

São as linhas mais difíceis de detectar, as não confessadas, nem mesmo reconhecidas. As apropriações, muitas vezes, inconscientes. Essa relação com outros escritores foi sempre valorada pelo próprio poeta em textos de prosa poética. É sobretudo em "Espelho contra espelho", de *Evocações*, onde encontramos maiores comentários do processo. Há um curioso ar de parentesco entre esse texto e a teoria da intertextualidade.

Segundo essa teoria, "todo texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos, a intertextualidade desmistificando a virgindade original de qualquer obra" (J. Kristeva).

Em "Espelho contra espelho", aparecem chaves de leitura dadas pelo próprio Cruz e Sousa e, mais interessante ainda, aparece, na base, a idéia do intertexto: "Sempre sol contra sol, sempre sombra contra sombra, sempre espelho contra espelho."

Temos aí a metáfora do espelho, que reproduz ao infinito. No caso, a reprodução será de idéias, de formas. Cruz e Sousa vai colocar como primeiro espelho Homero e, contra este, Virgílio. Em seguida, Shakespeare, influenciando Balzac, Victor Hugo e Flaubert dialogando com Zola ou com os Goncourt, Baudelaire com Poe, Villiers e Verlaine. . . Para Cruz e Sousa, esses são os autores primeiros com seus "diálogos".

Desses autores, há alguns que aparecem muitas vezes, seja na poesia ou na prosa poética, citados, ora seus nomes, ora nomes de personagens de suas obras, ora motivos ou espaços que lembram suas obras.

Shakespeare é um dos autores prediletos de Cruz e Sousa e, aparentemente, um dos que mais o influenciou.

Podemos ver, como exemplo dessa influência, o belíssimo poema "Pressago" (in *Faróis)*, um dos mais belos de Cruz e Sousa. Nele, o diálogo com Shakespeare se apresenta desde o primeiro verso: "Nas águas daquele lago/dormita a sombra de Iago. . ."

Iago, da tragédia *Otelo:* os dramas do ciúme, da paixão, da traição sobretudo. O poema *Pressago* cria uma atmosfera de mistério e, se posso usar as próprias palavras do poema, uma atmosfera "funérea". As seis primeiras estrofes estabelecem o espaço mítico: "nas águas do lago. . . luar. . . meia-noite na ermida. . .". É uma atmosfera onírica a lembrar contos infantis de bruxas e fadas. Lembra, igualmente, a atmosfera misteriosa de um pacto a ser cumprido sendo este um velho tema da literatura. Porém no poema, são só sugestões, analogias, lembranças.

A partir da sétima estrofe, começam a aparecer personagens variadas: bruxos, espectros, demônios, almas penadas, lobisomens, feiticeiras, enforcados. . . Todas essas figuras passam, erram no céu, no mar, nas eiras. . . Todas sem descanso, sem paz, agoniadas e sofridas.

Pesadelos, presságios, remorsos são os principais motivos temáticos. E, desde o início do poema, o diálogo com dois

poetas de língua inglesa: Shakespeare — com *Otelo*, *Macbeth* e *Hamlet* — e Poe, com seus contos de terror, mistério e morte e sua poesia. Vale a pena lembrar que Cruz e Sousa foi excelente aluno de inglês, no Desterro, e que lia muito bem nessa língua.

Além da atmosfera sombria, é do poema famoso de Poe, "O Corvo", a apropriação final de Cruz e Sousa:

"No lago morto, ondulado,
dentre o luar noctivagando,
o corvo hediondo crocita
da sombra d'Iago maldita!"

No "corvo hediondo" temos a clara reminiscência do corvo agourento de Poe, a "ave do medo", "ave ou demônio" na tradução de Machado de Assis.

O poema "Pressago" é um poema nitidamente construído, não havendo nele lugar para o espontâneo. Podemos ligá-lo, desse modo, às idéias de Poe [12] de construção, que aparecem no texto "A filosofia da composição", onde expôs os alicerces do poema "O Corvo" e onde afirma que "nenhum ponto da composição se refere ao acaso ou à intuição. Que o trabalho caminhou passo a passo até completar-se com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático."

Em Poe, para haver beleza, o tom deve ser de tristeza: "A melancolia é o mais legítimo de todos os tons poéticos". Em "Pressago", vamos encontrar a atmosfera fantástica do poema "O Corvo", e o tom dominante é o melancólico. Temos um quadro impressionista, onde os vários dísticos são manchas de cor a compor amplo mosaico de sonho onde vai dominar a melancolia e a desesperança do eu lírico. Em ambos os poemas, a presença do mistério, do sobrenatural, do clima onírico: visões de pesadelo, de maus presságios.

5. África Triunfante

Outro aspecto que desejo destacar na obra de João da Cruz e Sousa é o do erotismo.

A ler Affonso Romano de Sant'Anna em *O Canibalismo Amoroso*, os simbolistas ficaram sempre no umbral do desejo — amadas mortas ou encasteladas, monjas inacessíveis, múmias — o desejo nunca realizado! Ao ler Cruz e Sousa, procurando por essas imagens, nós as encontraremos, certamente. Porém, sem nenhum preconceito estabelecido, vamos encontrar também um erotismo mais ligado ao bárbaro do que ao civilizado, ao africano do que ao ariano, à África de suas origens e não ao branco de sua formação, à vida e não à morte. O exemplo melhor é o poema em prosa "Tenebrosa" *(Evocações)* texto erótico de grande beleza, mesmo se o compararmos a outros da literatura brasileira. Verdadeiro hino de amor à negra.

Todo o texto mostra o anseio da vida livre e bárbara em largas paisagens africanas. A mulher assemelha-se a uma "noturna e carnívora planta bárbara" com olhos "cheios de tropical sensualismo africano". O amor dessa mulher "deve ser como frondejante árvore de sangue". Um amor "de ímpetos de fera nas brenhas e nas selvas". A amada é sol, é luz, é terra.

Aqui, contrariamente a poemas de *Broquéis*, é esquecida a mulher branca e só louvada a beleza da negra. Diz Bastide que é a mulher branca que predomina na obra do poeta. Porém, não conheço texto dedicado a ela que seja tão longo e de tanta tensão. Em geral, quando o poeta cede aos preconceitos e pinta uma mulher branca de olhos azuis, atribui-lhe qualidades de virgindade e pureza. Exemplo: Sonho Branco

"De linho e rosas brancas vais vestido,
sonho virgem que cantas no meu peito!. . .
És do luar o claro deus eleito,
das estrelas puríssimas nascido."

O poeta cede aos estereótipos que estabelecem o branco para o puro, o negro para o impuro. O branco seria o ideal, o negro, o pecado, o inferno, o caos.

No entanto, neste texto "Tenebrosa", vemos o negro ou melhor, a negra, como a vida, a força criadora, o amor, a construção, a paixão. Representa, igualmente, numa volta à África, o mundo do instinto pagão, uma volta às origens. Cruz e Sousa faz aí uma reversão do estereótipo com relação ao negro e glorifica-o, pois trata-se de uma glorificação do amor com a negra. Enquanto os seus textos eróticos com mulheres brancas levam à esterilidade e à morte, ao inferno, à solidão, no poema à negra o poeta vai alcançar um verdadeiro orgasmo com as palavras, e a ter, segundo Leminski, uma "linguagem em ereção":

> *"Assim amar-te e assim querer-te — nua, lúbrica, nevrótica, como a magnética serpente de cem cabeças da luxúria — os olhos livorescidos, como prata embaciada; a fila rútila dos rijos dentes claros cerrada no deslumbramento, no esplendor animal do coito; os nervos e músculos contraídos e os formosos seios de cetinoso tecido elevados como dois pequenos cômoros negros, cheios de narcotismos letais, impundonorosamente nus — nus como todo o corpo! — excitantes, impetuosos, tensibilizados e turgescidos, na materna afirmação sexual do leite virgem da procriação da Espécie! E que a tua vulva veludosa, afinal! vermelha, acesa e fuzilante como forja em brasa, santuário sombrio das transfigurações, câmara mágica das metamorfoses, crisol original das genitais impurezas, fonte tenebrosa dos êxtases, dos tristes, espasmódicos suspiros e do Tormento delirante da Vida; que a tua vulva, afinal, vibrasse vitoriosamente o ar com as trompas marciais e triunfantes da apoteose soberana da Carne!"*

Na poesia de Cruz e Sousa, o desejo tem uma expressão bem clara — é o desejo sexual. E como se expressa este desejo? De um lado, desejando a branca que é a classe dominante, por ser a classe dominada, mas mostrando esse desejo com morbidez, com cores sombrias e sem erotismo real. E de outro, vivendo gloriosamente o desejo com a mulher negra. "Tenebrosa" é um texto erótico mas texto igualmente de combate, pois ousa gritar ao mundo a existência negra, a beleza negra, o amor negro e não a servidão.

Estamos aqui na última fase (para um estudo da poética de Cruz e Sousa) do percurso do poeta. A primeira é a da alienação, da aceitação do branco, a imitação do branco no Desterro, aceitação de suas leis, inclusive a lei do Parnasianismo *(Broquéis)*. É a fase onde a cor branca é muito importante e a mulher branca é a mais celebrada.

A segunda fase, a da revolta contra tudo e contra todos, é também uma fase de auto-piedade, que dá origem aos textos mais amargos. É "O Emparedado", "O Assinalado".

A terceira fase é a da África triunfante. A tomada de consciência de si próprio, a maturidade, a aceitação da raça negra. Não mais devoração, a antropofagia com naturalidade e escolha. É a fase de "Nebulosa", "Afra" e outros poemas e é também, a meu ver, a fase de uma intertextualidade mais livre onde há um diálogo de culturas e não imitação (como títulos e versos de Baudelaire).

Conclusão:

Lançamos uma série de pistas que tentam levar a uma maior compreensão do poeta Cruz e Sousa, não o *poeta negro*, mas simplesmente POETA com maiúsculas, um dos maiores que a poesia brasileira já teve e, seguramente, o melhor em "400 anos de poesia", no dizer de Sílvio Romero.

O poeta trilhou um caminho inverso. A não aceitação da raça leva-o a optar pela cultura branca e até pelo Parnasianismo. Com a capitulação, advinda somente na maturidade, o poeta aceitará o primitivo como arte e já que arte e vida estão intimamente ligadas, pelo amor à mulher negra, Cruz e Sousa reencontra suas raízes verdadeiras e alia a esse sentimento do primitivo, do bárbaro, a apropriação da cultura branca agora transformada. Não mais ele, negro, a serviço da cultura branca mas esta dominada agora pelo poeta e livremente admitida por ele como linhas íntimas de seu texto. Na sua busca para escapar às origens, haverá um reencontro com essas origens o que, nos seus poemas noturnos, nitidamente os mais belos de sua obra *(Faróis)*, vão lhe propiciar o encontro com a liberdade.

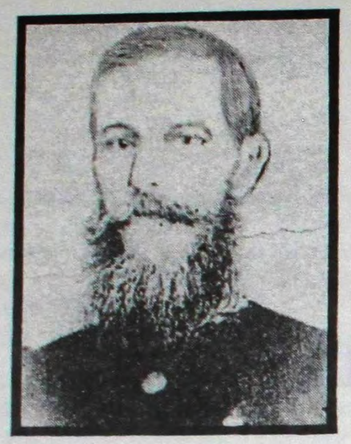
Notas:

1. Araripe Júnior. "Movimento literário do ano de 1893". In: *Obra Crítica* de Araripe Júnior, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1963, v. 3.
2. Roger BASTIDE. "Quatro estudos sobre Cruz e Sousa". In: *Cruz e Souza*, col. Fortuna Crítica, org. Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1979.
3. Antônio de PÁDUA. "À margem do estilo de Cruz e Sousa". In: *Cruz e Souza*, col. Fortuna Crítica, org. Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1979.
4. Nereu CORRÊA. *O Canto do Cisne Negro e Outros Estudos*. 2. ed., Florianópolis, FCC Edições, 1981.
5. Maria Helena de Camargo REGIS. *Linguagem e Versificação em Broquéis*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1976.
6. Affonso Romano de SANT'ANNA. *O Canibalismo Amoroso*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
7. Paulo LEMINSKI. *Cruz e Sousa — o negro branco*. São Paulo, Brasiliense, Col. Encanto Radical, 1983.
8. Todas as citações da obra de Cruz e Sousa são retiradas de *Obra Completa*, edição do centenário, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1961.
9. Zila BERND. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
10. David BROOKSHAW. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
11. ANDRADE MURICY. "Atualidade de Cruz e Sousa", in: Cruz e Sousa. *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1961.
12. Edgar Allan POE. "A filosofia da composição", in: *Ficção completa, poesia e ensaios*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1981.

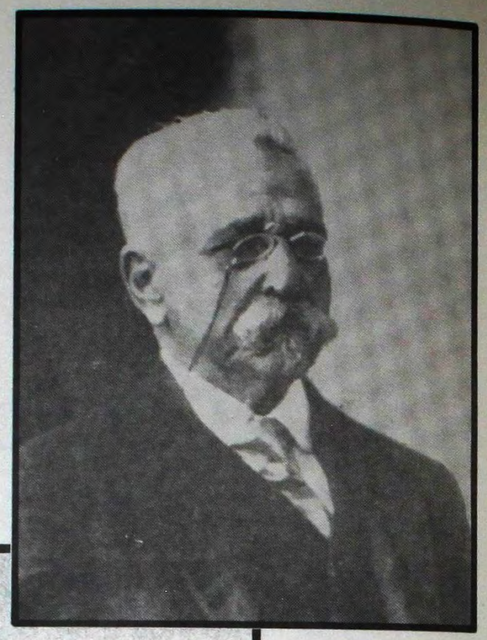
ZAHIDÉ L. MUZART

CRONOLOGIA

1861 **1898**



Marechal Guilherme Xavier de Sousa, em cuja casa CS passou parte da infância.



Francisco Luís da Gama Rosa, presidente da Província, incentivador do poeta.

CS (à direita) com Virgílio Várzea e Horácio de Carvalho

1861
24 de novembro. Nasce na antiga Desterro, hoje Florianópolis, João da Cruz e Sousa, filho de Guilherme de Sousa e de Carolina Eva da Conceição.

1874
30 de junho. Ganha bolsa para estudar no Ateneu Provincial, junto com o irmão Norberto.

1876
Dezembro. Conclui o curso do Ateneu e começa a ministrar aulas particulares. Mais tarde abre um curso noturno para adultos, mas sem nenhum sucesso.

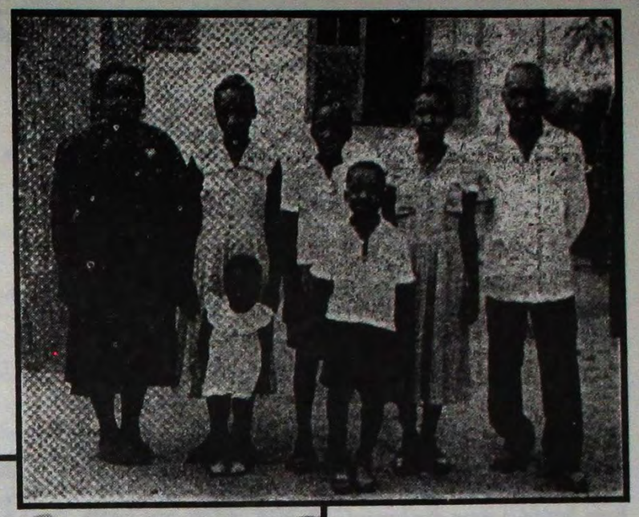
1881
7 de maio. Inicia a publicação do jornalzinho "Colombo", fundado por ele e Virgílio Várzea.

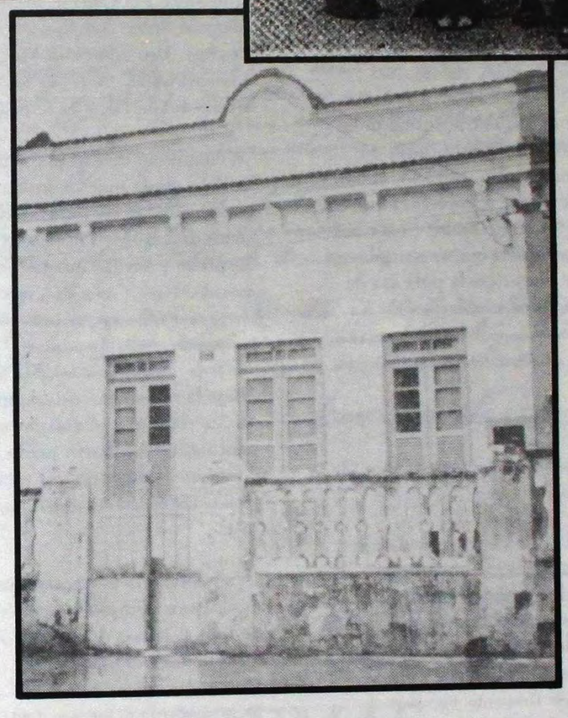
1882
Funda com outros companheiros o jornal "Folha Popular".

1883
Janeiro. Publica com Virgílio Várzea e Santos Lostada a poliantéia *Julieta dos Santos*, em homenagem à atriz mirim do mesmo nome. Segue como ponto da companhia dramática de Moreira de Vasconcellos, rumo ao Rio Grande do Sul. Ainda como ponto da mesma companhia, incursiona pelo Brasil.

1885
17 de maio. Retorna a Santa Catarina e assume a redação de "O Moleque". No mês seguinte publica com Virgílio Várzea o livro de prosa *Tropos e Fantasias*.

Julieta dos Santos, a pequena atriz, em cuja companhia teatral CS trabalhou.





Casa em que viveu Cruz e Sousa nos últimos tempos, no Encantado, Rio de Janeiro, Rua Cruz e Sousa, 172

1890
Dezembro. Após algumas viagens pelo Brasil, decide instalar-se definitivamente no Rio de Janeiro.

1891
Falecimento de Carolina, a mãe do poeta.

1892
Conhece Gavita. Colabora nos principais jornais do Rio de Janeiro.

1893
Lança simultaneamente os livros *Missal* e *Broquéis*. A 9 de novembro casa-se com Gavita Rosa Gonçalves. Nesse mesmo ano é nomeado funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

1896
Morte de Guilherme de Sousa, seu pai.

1897
Fevereiro. É acometido de tuberculose. Conclui a elaboração de *Evocações* e *Faróis*.

1898
19 de março. Falece na estação de Sítio, Minas Gerais. No final desse ano sai publicado *Evocações*.

1900
Sai publicado o livro de poemas *Faróis*.

1901
13 de setembro. Falecimento de Gavita.

1905
Aparece em Paris o livro *Últimos Sonetos*.

EXCERTOS DE ESTUDOS SOBRE O POETA

"Cruz e Sousa é repelido pela sua raça e condenado, felizmente, a ser muito mais do que um grande poeta simbolista, o mais admirável cantor de seu povo."
Roger Bastide. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.

"Destruição das formas (no plural) nas cerrações da noite, cristalização da Forma (no singular) ou solidificação do espiritual numa geometria do translúcido, tais são, afinal, os dois grandes processos, antitéticos e complementares ao mesmo tempo, que permitiram a Cruz e Sousa trazer aos homens a mensagem da sua experiência e apresentá-la em poesia de beleza única, pois que é acariciada pela asa da noite e, todavia, lampeja com todas as cintilações do diamante."
Roger Bastide. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.

"A verdadeira poesia nacional começou com Cruz e Sousa e Alphonsus . . ."
Otto Maria Carpeaux. "A literatura brasileira vista por um europeu". In Homero Senna. *República das letras*. 1957.

"Em *Últimos Sonetos*, a morte é visão central, realidade puramente interior, plenitude trágica em concentração. E também por efeito de grandeza do espírito, sabedoria, conceito, síntese. O poeta vive a sua morte mesma, instalada no próprio peito, a roer-lhe os pulmões. A sua poesia adquire uma grandeza, simplicidade, uma secreta força."
Henriqueta Lisboa. *Convívio poético*. Belo Horizonte, Secretaria de Educação, 1955.

"Em Cruz e Sousa, dos *Últimos Sonetos*, encontramos a mesma decisão de agarrar o destino pela garganta, a mesma força indomável e vontade de vitória. Como o Beethoven dos últimos anos, o Cruz e Sousa do terceiro período tinha também muito que suportar, e suportava melhor."
Franklin de Oliveira, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1957.

"Mas o que ele tem de mais admirável é a sensibilidade auditiva, ao mesmo tempo de bárbaro e de civilizado. É o terceiro dos grandes estímulos, aliás estreitamente associado ao verbalismo, que lhe oferece a estética simbolista. As suas centelhas verbais desfecham na prosa em frases redundantes, que se prolongam em música, em sonoridades gementes e longas . . ."
Carlos Dante de Moraes. "Simbolismo: variações sobre um poeta negro". In *Três fases da Poesia*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, 1960.

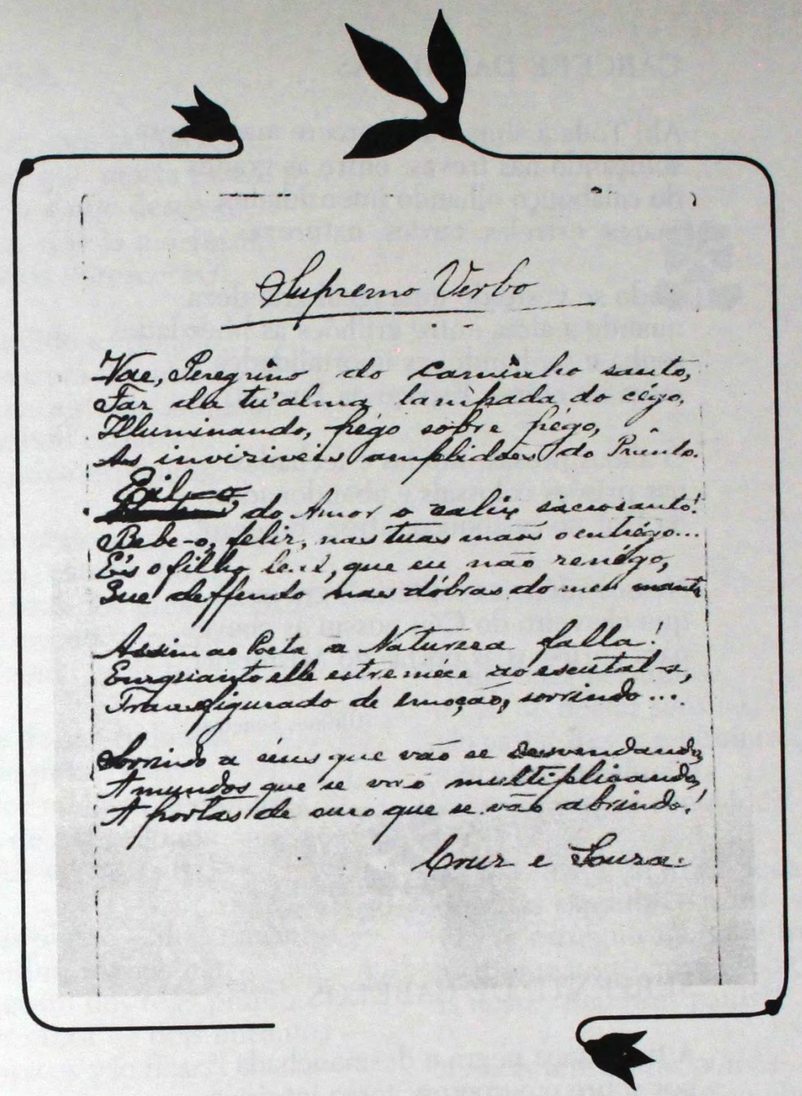
"Encontro em Cruz e Sousa o antecessor distante dos Léopold Sedar Senghor, dos Nicolás Guillén, dos Aimé Cesaire. Um antecessor sem dúvida mais trágico."
Eduardo Portella. "Nota prévia a Cruz e Sousa".
Anuário da Literatura, Rio de Janeiro, 1961.

"A convulsão de sua poética proveio da consciência, do instinto ainda mais, também de leituras numerosas, mas também de se ter defrontado com a decepção, com a amargura, com a miséria, com a guerra implacável, o desprezo e surdas invejas."
Andrade Muricy. "Atualidade de Cruz e Sousa". In Cruz e Sousa. Obra completa. Edição comemorativa do centenário. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1961.

"Bajo la obligación de seguir modelos literarios europeos escribe también el más importante poeta lírico brasileño, para algunos el mayor poeta sin más paliativos: João da Cruz e Sousa, de ascendencia totalmente agisymbia."
J. Jahn. *Las litetaturas neoafricanas*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1971.

"Na poética de Cruz e Sousa, encontramos realizado do modo mais completo o pressuposto teórico do Simbolismo de que as coisas devem ser insinuadas, muito mais do que formuladas claramente."
Maria Helena Régis. "Introdução". In Cruz e Sousa. *Obra Completa*. Florianópolis, FCC Edições, 1981.

"O importante é que ele não tenha sido um simples apresentador de quadros luminosos e cromáticos, porém, o criador de uma lírica requintada e mística, que rivaliza com os maiores poetas europeus do movimento, conforme o próprio Roger Bastide reconhece. Sua vigorosa obra, de uma originalidade pouco comum em toda a literatura universal, constitui um extraordinário patrimônio da nossa cultura, que nunca deveria ser esquecida, independente das constantes renovações da arte e do sentido eminentemente social dos novos tempos."
Delton de Mattos. "Raízes do simbolismo de Novalis a Cruz e Sousa."
Humanidades nº 16, 1988, Universidade de Brasília.


Supremo Verbo

Vae, Peregrino, do Caminho santo,
Far da tu'alma, lampada do cêgo,
Illuminando, prégo sobre prégo,
As invisiveis amplidões do Ponto.

Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrégo...
Ês o filho de Deus, que eu não renégo,
Que desfendo nas dôbras do meu manto

Assim as leis da Natureza falla!
Energia infinita alli entre nós se escuta!...
Transfigurado de emoção, sorrindo ...

Sorrindo a céus que vão se desvendando,
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo!

Cruz e Sousa.

POEMAS

CÁRCERE DAS ALMAS

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
soluçando nas trevas, entre as grades
do calabouço olhando imensidades,
mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
quando a alma entre grilhões as liberdades
sonha e sonhando, as imortalidades
rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
nas prisões colossais e abandonadas,
da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

(Últimos Sonetos)

SERPENTE DE CABELOS

A tua trança negra e desmanchada
por sobre o corpo nu, torso inteiriço,
claro, radiante de esplendor e viço,
ah! lembra a noite de astros apagada.

Luxúria deslumbrante e aveludada
através desse mármore maciço
da carne, o meu olhar nela espreguiço
felinamente, nessa trança ondeada.

E fico absorto, num torpor de coma,
na sensação narcótica do aroma,
dentre a vertigem túrbida dos zelos.

És a origem do Mal, és a nervosa
serpente tentadora e tenebrosa,
tenebrosa serpente de cabelos!. . .

(Broquéis)

INEXORÁVEL

Ó meu Amor, que já morreste,
ó meu Amor, que morta estás!
Lá nessa cova a que desceste,
ó meu Amor, que já morreste,
ah! nunca mais florescerás?!

Ao teu esquálido esqueleto,
que tinha outrora de uma flor
a graça e o encanto do amuleto;
ao teu esquálido esqueleto
não voltará novo esplendor?!

E ah! o teu crânio sem cabelos,
sinistro, seco, estéril, nu. . .
(Belas madeixas dos meus zelos!)
E ah! o teu crânio sem cabelos
há de ficar como estás tu?!

O teu nariz de asa redonda,
de linhas límpidas, sutis
oh! há de ser na lama hedionda
o teu nariz de asa redonda
comido pelos vermes vis?!

Os teus dois olhos — dois encantos —
de tudo, enfim, maravilhar,
sacrário augusto dos teus prantos,
os teus dois olhos — dois encantos —
em dois buracos vão ficar?!

A tua boca perfumosa,
o céu do néctar sensual,
tão casta, fresca e luminosa,
a tua boca perfumosa
vai ter o cancro sepulcral?!

As tuas mãos de nívea seda,
de veias cândidas e azuis
vão se extinguir na noite treda
as tuas mãos de nívea seda,
lá nesses lúgubres paúis?!

As tuas tentadoras pomas
cheias de um magnífico elixir,
de quentes, cálidos aromas
as tuas tentadoras pomas
ah! nunca mais hão de florir?!

A essência virgem da beleza,
o gesto, o andar, o sol da voz
que iluminava de pureza,
a essência virgem da beleza,
tudo acabou no horror atroz?!

Na funda treva dessa cova,
na inexorável podridão
já te apagaste, Estrela nova,
na funda treva dessa cova,
na negra Transfiguração!

(Faróis)

OLHOS DO SONHO

(Jan. 1897)

Certa noite soturna, solitária,
vi uns olhos estranhos que surgiam
do fundo horror da terra funerária
onde as visões sonâmbulas dormiam. . .

Nunca da terra neste leito raso
com meus olhos mortais, alucinados. . .
Nunca tais olhos divisei acaso
outros olhos eu vi transfigurados.

A luz que os revestia e alimentava
tinha o fulgor das ardentias vagas,
um demônio noctâmbulo espiava
de dentro deles como de ígneas plagas.

E os olhos caminhavam pela treva
maravilhosos e fosforescentes. . .
Enquanto eu ia como um ser que leva
pesadelos fantásticos, trementes. . .

Na treva só os olhos, muito abertos,
seguiam para mim com majestade,
um sentimento de cruéis desertos
me apunhalava com atrocidade.

Só os olhos eu via, só os olhos
nas cavernas da treva destacando:
faróis de augúrio nos ferais escolhos,
sempre, tenazes, para mim olhando. . .

Sempre tenazes para mim, tenazes,
sem pavor e sem medo, resolutos,
olhos de tigres e chacais vorazes
no instante dos assaltos mais astutos.

Só os olhos eu via! — o corpo todo
se confundia com o negror em volta. . .
Ó alucinações fundas do lodo
carnal, surgindo em tenebrosa escolta!

E os olhos me seguiam sem descanso,
numa perseguição de atras voragens,
nos narcotismos dos venenos mansos,
como dois mudos e sinistros pajens.

E nessa noite, em todo meu percurso,
nas voltas vagas, vãs e vacilantes
do meu caminho, esses dois olhos de urso
lá estavam tenazes e constantes.

Lá estavam eles, fixamente eles,
quietos, tranqüilos, calmos e medonhos. . .
Ah! quem jamais penetrará naqueles
olhos estranhos dos eternos sonhos!

(Faróis)

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

(Últimos Sonetos)

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta *clown*, varado
pelo estertor dessa agonia lenta. . .

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço. . .

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(Broquéis)

O poeta em 1883.

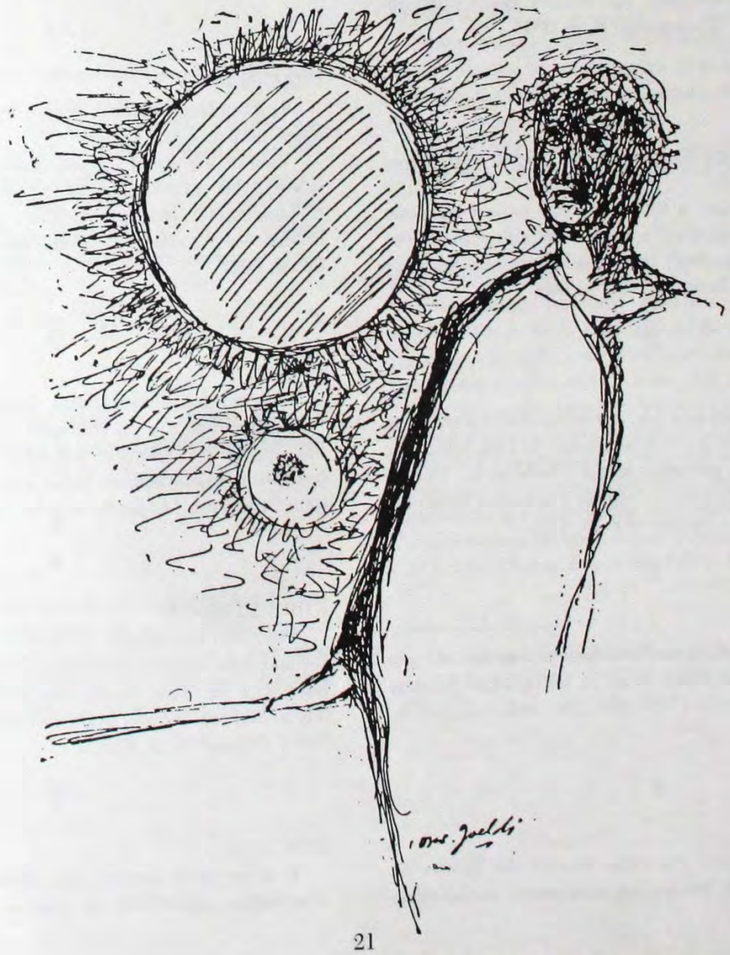
SONHADOR

Por sóis, por belos sóis alvissareiros,
Nos troféus do teu sonho irás cantando,
As púrpuras romanas arrastando,
Engrinaldado de imortais loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,
Das idéias as lanças sopesando,
Verás a pouco e pouco desfilando
Todos os teus desejos condoreiros. . .

Imaculado, sobre o lodo imundo,
Há de subir, com as vivas castidades,
Das tuas glórias o clarão profundo.

Há de subir, além de eternidades,
Diante do torvo crocitar do mundo,
Para o branco sacrário das saudades!



PEQUENO DICIONÁRIO DE CRUZ E SOUSA (*)

A

ARTISTA

. . . O Artista é um predestinado!

Quanto a mim ele é como uma ave estranha que já nascesse com as suas asas poderosas e gigantescas, ainda retraídas embora por algum tempo, mas que depois as fosse abrindo aos poucos, abrindo, abrindo, até que se distendessem de todo pelos espaços fora, projetando então a sua grande e consoladora sombra de Amor sobre o velho mundo fatigado. ("Intuições"/*Evocações*/OC p. 560).

B

BAUDELAIRE

Ó Baudelaire! Ó Baudelaire! Ó Baudelaire! Augusto e tenebroso Vencido! Inolvidável Fidalgo de sonhos de imperecíveis elixires! Soberano Exilado do Oriente e do Letes! Três vezes com dolência clamado pelas fanfarras plangentes e saudosas da minha Evocação! Agora que estás livre, purificado pela Morte, das argilas pecadoras, eu vejo sempre o teu Espírito errar, como veemente sensação luminosa, na Aleluia fúlgida dos Astros, nas pompas e chamas do Setentrião, talvez ainda sonhando, nos êxtases apaixonados do Sonho. ("No Inferno"/*Evocações*/OC p. 584).

C

CAROLINA (a mãe)

Esta, Carolina, uma flor infernal de sangue e treva que a Angústia fecundou.

Esta, a harpa maior, a harpa da Dor, cujas cordas são mais puras, mais admiráveis e onde mais alto e majestoso chora todo o incomparável Intangível da minha Saudade ("Abrindo Féretros"/*Evocações*/OC p. 609).

D

DOR

Se és vitalmente um homem, e trazes o cunho prodigioso da Arte, vem para a Dor, vive na chama da Dor, vencedor por senti-la, glorioso por conhecê-la e nobilitá-la. Tira da Dor a profunda e radiante serenidade e a solene harmonia profunda ("Iniciado"/*Evocações*/OC p. 471).

E

ESTILO

Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita. ("O Estilo"/*Outras Evocações*/OC p. 678.

F

FEIO

Não houvesse dentro em mim, através das Ilíadas do Amor, das Bacanais do Sonho, um sentimento melancólico ao qual o pensamento dá uma expressão de enfermidade psicológica, e eu não arrastaria a tua sombra, não andaria preso ao teu esqueleto, ó soturno, ó triste, ó desolado Feio! ("Fulgores da Noite"/*Missal*/OC p. 413).

G

GUILHERME (o pai)

O que importa a Vida e o que importa a Morte, obscuro velhinho que te foste, operário humilde da terra, que levantaste as torres das igrejas e os tetos das casas, que fundaste os alicerces delas sobre pedra e areia como os teus únicos Sonhos. ("Abrindo Féretros"/*Evocações*/OC p. 610).

H

HAMLET

Não é louco, não é doente, não é epilético, conforme o *veredictum*, as investigações e cogitações dos críticos, dos fisiologistas e psicólogos de todos os tempos.

Hamlet é o zênite da alma humana, nos seus momentos augustos e tremendos, nos seus estados soberbos e soberanos de laceração ("Intuições"*Evocações*/OC p. 547).

I

IMAGINAÇÃO

Se a tua Imaginação é virgem, reverdece agora nos luminosos pomares da Fantasia | . . .|

Vida do eu visual, do eu olfativo, do eu mental, do eu sensível, faz vida original, faz vida de temperamento, portanto, vida ingenitamente particular e nova, dirás tu na perfectibilidade da tua visão. ("Espelho contra Espelho"/*Evocações*/OC p. 602).

J

JESUS

— Jesus dos Amargurados, Jesus dos Tristes, Jesus dos Desamparados! A mim roubaste a filha, a minha idolatrada filha; e, tão sem piedade o fizeste, que não foi até mesmo um castigo que mandaste pelos meus pecados, foi um crime que cometeste ("Anjos Rebelados"/*Evocações*/OC p. 572).

K

KIRIE ELEISON

Pelo teto abobadado, dentre as melífluas harmonias, as melancólicas sonoridades dos violinos, das flautas, dos violoncelos e do órgão pianíssimo, ecoam majestosas as vozes que irrompem do coro, beatíficas, no **Kirie Eleison.** ("Artista Sacro"/*Missal*/OC p. 432).

L

LUA

E é por isso, artista, que abres a tu'alma, como um solar antigo, à luz lirial da Lua — apaixonada sultana que vaga à noite, que vigia e vela pelas Religiões incomparáveis do Pensamento, seguida do fulgurante cortejo das estrelas odaliscas. . . ("Ritos"/*Missal*/OC p. 443).

M

MISSAL

. . . Ó Mar! guarda nos recônditos Sacrários d'esmeralda as Idéias que este Missal encerra, dá-o, pelas noites, a ler às meditadoras Estrelas, à emoção dos **Angelus** espiritualizados e, majestosamente, envolve-o, deixa que Ele repouse, calmo, sereno, por entre as raras púrpuras olímpicas dos teus ocasos. . . ("Oração ao Mar"/*Missal*/OC p. 465).

N

NOITE

Ah! como eu te amo, Noite! Como a tua eloqüência muda me fala, me impressiona e me chama, Aparição seráfica, fabulosa irmã do Caos e das Legendas! ("A Noite"/*Evocações*/OC p. 493).

O

OTELO

Imagine isso, uma dessas paixões, trágicas, apunhalantes, que queimam, incendeiam, devoram tudo — bárbara paixão selvagem de Otelo por uma Desdêmona fria, de luar gelado, mas formosa; indiferente mas altivamente olímpica, onipotente no esplendor cinzelado, como os mármores coríntios ou os bronzes celinescos, do alabastro do corpo. ("Je dis Non"/*Outras Evocações*/OC p. 682).

P

PALAVRA

Para mim, as palavras, como têm colorido e som, têm do mesmo modo sabor.

O cinzelador mental, que lavora períodos, faceta, diamantiza a frase; a mão orgulhosa e polida que, na escrita, burila astros, fidalgo entendimento de artista, deve ter um fino deleite, um sabor educado, quando, na riqueza da concepção e da forma, a palavra brota, floresce da origem mais virginal e resplende, canta, sonoriza em cristais a prosa. ("Sabor"/*Missal*/OC p. 403).

Q

QUIMERA

Desabrochavam em mim perigosas e viçosas flores de delírio juvenil. Eu aspirava o Vago, o Turbilhão das Quimeras ("Abrindo Féretros"/*Evocações*/OC p. 606).

R

REVELADORES DA DOR

Ah! benditos os Reveladores da Dor infinita! Ah! soberanos e invulneráveis aqueles que, na Arte, nesse extremo requinte de volúpia, sabem transcendentalizar a Dor, tirar da Dor a grande Significação eloqüente e não amesquinhá-la e desvirginá-la! ("Emparedado"/*Evocações*/OC p. 658.

S

SHAKESPEARE

É a Vida por camadas densas, chamejando e clamando, polarizada no abismante Infinito do Sonho.

Shakespeare é o Grandioso do Belo-Horrível, do Trágico-Sublime e do Trágico-Grotesco, do Riso-Lúgubre, do Sarcasmo de lama, estrelas e ais — é o Deus infernal e o Diabo divino. ("Intuições"/*Evocações*/OC p. 550-1).

T

TARTUFO

Vem, Tartufo, rir ao pé de mim a tua risada de fel.

O sol, em cima, ri a sua risada de aurora, que tudo aclara e resplende.

Mas é em vão para essa risada de luz, que jorra d'alto sobre tudo, que tudo ilumina e floresce.

Quero-te a ti, risada de fel, Tartufo! Quero-te a ti, risada do crime, risada da noite, risada da treva. ("Obsessão da Noite"/*Outras Evocações*/OC p. 740).

U

UMBRA

Instintivamente, diante dessas enormes bocas escancaradas na treva, ali, na rigidez do solo, sentindo na espinha dorsal, como numa tecla elétrica onde se calca de repente a mão, um desconhecido tremor nervoso, que impressiona e gela, pensa-se fatalmente na Morte. . . ("Umbra"/*Missal*/OC p. 439).

V

VÍTOR HUGO

Ninguém mais franca e lealmente se colocou do lado dos pequenos da sombra para ferir os miseráveis da luz, ninguém tanto abençoou os pequenos da luz para estigmatizar os miseráveis da sombra.

Vítor Hugo foi mais do que um revolucionário, foi uma revolução. ("Vítor Hugo"/*Dispersos*/OC p. 751).

Z

ZOLA (seus livros)

São naturais, humanos, plenos de natureza esses livros. Apresentam as faces mais lógicas da existência. Tais livros palpitam em cada um de nós, saíram de nós, dos nossos pensamentos, dos nossos usos, das nossas paixões; falam da direção do nosso espírito, da nossa idiossincrasia — segundo o nosso temperamento, o nosso meio, os elementos climatológicos e etnográficos, a perspectiva das paisagens, tristes ou doentes, alegres ou saudáveis, e todos os princípios gerais estabelecidos e acentuados pela ciência e que influenciam direta e racionalmente em toda educação física e intelectual. ("O Estilo"/*Outras Evocações*/OC p. 678).

(*) — A numeração de página corresponde à edição da *Obra Completa de Cruz e Sousa*, publicada pela Editora José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1961. I. S.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Julieta dos Santos (em colaboração com Virgílio Várzea e Santos Lostada). Desterro, Tip. Comercial, 1883.

Tropos e Fantasias (em colaboração com Virgílio Várzea). Desterro, Tip. da Regeneração, 1885.

Missal. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.

Broquéis. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia., 1893.

Evocações. Rio de Janeiro, Tip. Aldina, 1898 (com fac-símile da assinatura, um retrato de C. e S., por Maurício Jubim, e outro de C. e S., morto, do mesmo autor).

Faróis. Rio de Janeiro, Tip. do Instituto Profissional, 1900 (com uma "Nota" de Nestor Vítor).

Obras Completas. I — *Poesias: Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos*. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923 (com introdução e anotações de Nestor Vítor, um fac-símile de autógrafo e um desenho de Maurício Jubim). II — *Prosa: Missal, Evocações*. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924 (com fac-símele de autógrafo e retrato de C. e S. reproduzido de fotografia).

Obras. Tomo I — *Versos: Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos, Poemas Avulsos*. São Paulo, Edições Cultura, 1943 (com uma "Síntese Bibliográfica" e uma "Introdução" de Fernando Góes). Tomo II — *Prosa: Missal, Evocações*. São Paulo, Edições Cultura, 1943.

Poesias Completas, Rio de Janeiro, Editora Zélio Valverde, 1944 (com Introdução de Tasso da Silveira).
Obras Poéticas. I — *Broquéis e Faróis*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com Prefácio, Biografia e Fontes para estudo, por Andrade Muricy). II — *Últimos Sonetos/Inéditos e Dispersos*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945 (com "Nota" de Andrade Muricy).

Sonetos da Noite. Seleção de Silveira de Souza. Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 1958 (com xilogravuras de Hugo Mund Jr.).

Obra Completa. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1961 (Organização geral, Introdução, Notas, Cronologia e Bibliografia por Andrade Muricy).

Poemas Escolhidos. São Paulo, Editora Cultrix, 1961 (com Apresentação de Massaud Moisés).

Poemas. Lima, Peru, Centro de Estudios Brasileños, 1980 (com Presentación de Carlos Germán Belli e traducción de Javier Sologuren).

Poesia Completa. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981 (com Introdução de Maria Helena Camargo Régis).

Últimos Sonetos. Florianópolis, Editora da UFSC/Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Catarinense de Cultura, 1984 (Texto estabelecido pelo manuscrito autógrafo e notas por Adriano da Gama Kury, com um estudo literário de Julio Castañon Guimarães).

Evocações. ed. em fac-símile. Florianópolis, FCC Edições, 1986 (com Apresentação de Esperidião Amin Helou Filho e lançada por ocasião da reabertura do Palácio Cruz e Sousa).

Julieta dos Santos. ed. em fac-símile. Florianópolis, Editora da UFSC, 1990 (com Apresentação de Ubiratan Machado e Iaponan Soares).

SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR

ALVES, Henrique. *Cruz e Sousa — O Dante Negro*. São Paulo, Associação Cultural do Negro, 1960.

BASTIDE, Roger. *O lugar de Cruz e Sousa no Movimento Simbolista*. Florianópolis. Imprensa Oficial do Estado, 1943.

COUTINHO, Afrânio (org.). *Cruz e Sousa — Fortuna Crítica*. Rio, Civilização Brasileira; Brasília, INL; 1979.

CORRÊA, Nereu. *O canto do Cisne Negro e outros estudos*. Florianópolis, FCC Edições, 2ª ed., 1981.

LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa — O Negro Branco*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/MEC, 3ª ed., 1975.

MIGUEL, Salim (org.). *Centenário de Cruz e Sousa — Interpretações*. Florianópolis, Ed. da Comissão Oficial de Festejos, 1962.

MONTENEGRO, Abelardo. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. Florianópolis, Edições FCC, 2ª ed., 1988.

MURICY, José Cândido de Andrade. *Para conhecer melhor Cruz e Sousa*. Rio, Bloch, 1973.

PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa, poeta e pensador*. São Paulo, Editora do Escritor, 1973.

RÉGIS, Maria Helena Camargo. *Linguagem e Versificação em Broquéis*. Porto Alegre, Movimento; Florianópolis, UDESC; 1976.

SOARES, Iaponan. *Ao Redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1988.

TILL, E. Rodrigues. *Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

ESCRITORES CATARINENSES — SÉRIE 3 RESGATE

ESCRITORES CATARINENSES é uma publicação da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto, através da Fundação Catarinense de Cultura.

Redação: Gerência de Letras

Coordenação: Iaponan Soares e Flávio José Cardozo.

Pesquisa e Texto: Iaponan Soares e Zahidé L. Muzart

Planejamento Gráfico: Jayro Schmidt
(Oficinas de Arte do Centro Integrado de Cultura).

Capa: "Uma rua na cidade do Desterro" (detalhe), quadro de Vítor Meireles.

Quarta capa: Desenho de Yara Souza.

Arte-final: Paulo Silveira.

Tiragem: 6.000 exemplares.

Composto e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC).

FCC EDIÇÕES

Fundação Catarinense de Cultura
Av. Rio Branco, 154 — 4º andar
88015 — Florianópolis, SC

CRUZ E SOUSA
Yara Souza

60 DOSSIÊ Cruz e Sousa: 100 anos. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, mar. de 1998.

60 DOSSIÊ Cruz e Sousa: 100 anos. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, mar. de 1998.

NA PONTA DA LÍNGUA

"Tudo vale a pena"

▶ Pasquale Cipro Neto

Existem certas expressões que caem no uso comum, na linguagem do dia-a-dia, e, depois de certo tempo, repetimos quase mecanicamente. Uma delas é a famosa "Vale a pena", em expressões como "Vale a pena ver esse filme", ou "Não vale a pena ir ao estádio".

Que diabo significa isso? Ora, é muito fácil. Basta verificar no dicionário o que significa a palavra "pena". Entre outros sentidos, encontramos no Aurélio: "s.f. 1. Castigo, punição. 2. Sofrimento, padecimento, aflição.". Muito bem. Quando se diz que uma coisa vale ou não vale a pena, o que se quer dizer é que essa coisa vale ou não vale o castigo, a punição, o sofrimento.

"Castigo" talvez seja um exagero. Na vida, nada cai do céu. Tudo tem um custo. Tudo dá um certo trabalho. O que se quer dizer, na verdade, é que a tal coisa vale o trabalho, o "sacrifício" necessário para realizá-la.

Por falar nisso, vale a pena relembrar aquele magistral poema de Fernando Pessoa ("Mar português"), em que o poeta pergunta: "Valeu a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena."

Superada a fase do entendimento do significado da expressão, vem outra pergunta: esse "a" recebe acento indicador de crase? De novo, basta pensar um pouco. O que representa a forma "à"? O acento grave (sim, acento grave!) é usado para indicar a ocorrência do fenômeno da crase. Crase é palavra de origem grega. Significa "fusão, mistura". Para que ocorra o acento, é necessário que realmente ocorra a fusão de um "a", normalmente preposição, com outro "a", normalmente um artigo.

Como você já deve ter deduzido, esse "a" de "Vale a pena" não passa de mísero artigo. Por quê? Mais uma vez, basta pensar. Substitua a palavra "pena", feminina, por uma masculina, como "trabalho, sacrifício". O que acontece? O artigo feminino "a" passa a "o", masculino. Isso é sinal de que não existe preposição. Se houvesse, na troca do substantivo feminino por um masculino, surgiria a forma "ao" como em "O livro pertence à ministra / O livro pertence ao ministro".

É óbvio, então, que esse bendito "a" de "Vale a pena" é artigo. De uma vez por todas, o que se quer dizer é que fazer determinada coisa (ver o filme, ir ao estádio, comprar um disco) vale, compensa, paga, justifica o trabalho, o sacrifício, o castigo. Então nada de acento indicador de crase, isto é, acento grave.

Nem é preciso dizer que muitas e muitas vezes essa expressão aparece por aí com o indevido acento. Não embarque nessa.

Outra expressão que dá trabalho a muita gente é "à custa de", quase sempre trocada erroneamente pela expressão "às custas de". Em bom português, deve se dizer "Ele vive à custa do pai"; "Ela conseguiu a vaga à custa de muito sacrifício".

A palavra "custas" é usada em linguagem de tribunal, quando alguém é obrigado, por decisão do juiz, a "pagar as custas", ou seja, as despesas feitas em processo judicial. No caso, o "as" é mero artigo e, obviamente, não recebe o acento indicador de crase. Basta pensar num substantivo masculino equivalente, como gastos: "pagar os gastos".

Para quem quer enriquecer o vocabulário, lá vai uma pérola: em vez de "à custa de", pode-se empregar a eruditíssima expressão "a expensas de". Sim, "a expensas de", sem acento indicador de crase. Por quê? Por que "à" equivale a "a" + "a". E ninguém vai conseguir encontrar um artigo no singular antes de um substantivo no plural. Esse "a" de "a expensas" não passa de preposição, portanto nem pensar em acento indicador de crase.

O fato é que, pela velha história da contaminação lingüística, ocorre uma grande confusão, e as pessoas acabam trocando tudo. Aparecem as expressões "às custas de", "às expensas de" etc. Cuidado! É bom repetir: "à custa de", "a expensas de".

Expressões como essas valem um bom e interminável papo. E muita confusão. Um dia, voltamos ao assunto.

Até a próxima. Um forte abraço.

Pasquale Cipro Neto
professor do Sistema Anglo de Ensino, idealizador e apresentador do programa Nossa língua portuguesa, *da TV Cultura, autor da coluna* Ao pé da letra, *do* Diário do Grande ABC *e de* O Globo, *consultor e colunista da* Folha de S. Paulo.

DOSSIÊ

Cruz e Sousa

100 ANOS

60a TEIXEIRA, Ivan. Metafísica do exílio. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.46-53, mar. de 1998.

Metafísica e exílio

Ivan Teixeira

Há cem anos morria Cruz e Sousa, o escritor que encarnou no Brasil o satanismo romântico-simbolista e que, como filho de escravos, transformou a figura do "poeta maldito" em expressão metafísica da condição do negro

Uma das primeiras noções para a leitura de Cruz e Sousa talvez consista em entendê-lo como um poeta pós-romântico, e não necessariamente como um simbolista, etiqueta que não o caracteriza com amplitude nem com precisão. Sabe-se que, no Setecentismo, período em que se cristaliza a poética do Antigo Regime, a poesia era basicamente integradora, pois se subordinava à celebração da hierarquia. Nela, o eu era entendido antes como um lugar na ordem social do que propriamente como uma individualidade psicológica.

Subordinada à retórica e à filosofia moral, a poética neoclássica encarava o poema como canto de louvor à virtude e aos virtuosos, o que se constitui numa espécie de incentivo teórico ao encômio versificado, tomado como a construção de um modelo da virtude civil, que erigia o bem como padrão desejável de ação política. Mesmo nos poemas tidos como os mais líricos do período – como *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e *Glaura*, de Silva Alvarenga –, predomina essa visão arquetípica da poesia de louvor. Poemas como esses diferem do encômio propriamente dito sobretudo por causa da escolha da matéria: em vez de exaltar as virtudes cívicas, exaltam as virtudes do amor e dos amantes. De fato, nenhum desses livros adota o gênero lírico como expressão de conteúdos singulares do indivíduo. Entendem-no como elogio de idéias associadas ao bem, ao justo e ao belo. Por isso é que se diz que a poesia do Antigo Regime, genericamente chamada clássica, se caracteriza pelo racionalismo e pelo universalismo.

O que se entende hoje por poesia lírica decorre das *Lyrical ballads*, de 1798, escritas conjuntamente por William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. Fugindo das tópicas consagradas pelo bucolismo neoclássico, os criadores da poesia romântica inglesa programaram imitar as emoções desencadeadas pelo contato do poeta com a paisagem sensível e particularizada, entendendo o poeta como um demiurgo, um criador de verdades, emanadas da capacidade em perscrutar as próprias emoções e os desejos. Segundo essa teoria, o poeta deve ser dotado de energias superiores e poderes excepcionais para captar a essência, não só das coisas e situações, mas das próprias pessoas a quem se dirige.

Se se pensar na sensibilidade romântica como aquela caracterizada pelo ímpeto e tempestade, tem-se que voltar um pouco mais no tempo, em direção aos anos 1770 na Alemanha, quando os jovens Goethe e Schiller empenharam-se na busca de uma expressão violenta dos sentimentos, em franca oposição ao equilíbrio neoclássico dos franceses. De qualquer forma, as sugestões vinham da Inglaterra (Shakespeare, Ossian), associadas ao espírito popular das canções populares regionais alemãs. Nessa ocasião, os irmãos Schlegel geram a grande teoria do *eu romântico*, segundo a qual nas profundezas do indivíduo se encontram as verdades absolutas do Não-Eu ou Eu-Absoluto, que projeta em todos os "eus" individuais uma fagulha de sua infinitude. Pela introspeção, o poeta, ser especialmente dotado, tinha a função de encontrar em si as revelações do cosmos.

Depois de Victor Hugo, na França, consolida-se a retórica da inspiração, da emoção espontânea e imprevisível. Não obstante, sabe-se que essa retórica também será regida por uma disciplina rigorosa, só que voltada para um sentido diferente dos padrões neoclássicos, pois procura disfarçar seus liames e constrangimentos em nome de uma suposta liberdade, que, em última análise, funciona como ideologia de liberdades sociais que jamais se configuraram como tal. É o que se observa no Brasil, por exemplo, onde o índio encarna o princípio de liberdade ética e da integração irrestrita com a natureza, enquanto as relações urbanas se regiam pelas leis do escravismo, associado a uma rigorosa hierarquia de títulos nobiliárquicos e posses materiais. Como quer que se encare a questão, pode-se admitir que poetas como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo ou Castro Alves impõem à sensibilidade popular uma poética da expressividade do indivíduo, em que valores como liberdade, rebeldia, independência se tornaram emblemas inquestionáveis.

Embora sejam poetas empenhados em perscrutar a emoção, nenhum dos românticos brasileiros atingiu o nível de rebeldia e auto-investigação de Cruz e Sousa. Ele é o primeiro poeta metafísico

Dispersos traz inéditos de Cruz e Sousa

Os poemas "Alvorada da indústria" e "Serenata", reproduzidos neste Dossiê, são dois inéditos de Cruz e Sousa que estarão incluídos no volume *Dispersos – Poesia & Prosa*, co-edição das editoras Giordano e da Unesp (lançamento previsto para este mês). Organizado por Iaponan Soares e Zilma Gesser Nunes, o livro traz textos que permaneceram inéditos ou que tinham sido publicados em jornais em vida ou logo após a morte do escritor. A obra é dividida em três partes: "Serenata & Outros poemas", "Histórias simples" (textos em prosa que foram incorporados à edição de 1995 das *Obras completas* de Cruz e Sousa, da editora Nova Aguilar, a partir do livro *Ao redor de Cruz e Sousa*, de Iaponan Soares, editora da UFSC) e "Últimas evocações" (pequenas novelas e crônicas publicadas em jornais catarinenses). Dispersos é o décimo nono volume da coleção "Memória", da editora Giordano.

Alvorada da indústria

Ao Engenheiro Sebastião Braga

Entreabre a natureza o místico pulmão,
Lembrando quem se ergue, aos tombos, dum letargo
E sente o latejar do rubro coração,
O músculo a distender, hercúleo, brônzeo, largo!

Uivando – o Trem de Ferro – estende a cauda enorme...
Enquanto nuns estranhos, íntimos vocábulos
Os passageiros gazis, nos bons conciliábulos
Orquestram pelo ar, em bando multiforme!...

Os seios tropicais se abalam da floresta
E a amena capital, pressente, toda em festa,
Que apagam-se da treva as nódoas e os estigmas!...

Irrompe a exuberância audaz da natureza,
E as almas patriotas, ébrias de surpresa,
Decifram do porvir os rútilos enigmas!!...

Serenata

É luar! Chega à janela,
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bela
E fria...

Ó monja de áureo convento
Surgindo no peristilo,
À tona do firmamento
Tranqüilo...

Dentre as celas aparece
Nas tuas vestes talares,
Vem ver dos fluidos luares
A prece...

Essa láctea claridade
Da noite profunda e vasta,
Mais casta que a Castidade,
Mais casta...

Entre os trêmulos nevoeiros
E os magnetismos da Lua,
Ofélia à flor dos salgueiros
Flutua!

O luar por tudo transborda
E tudo alaga e prateia...
Bandolins gemem na corda,
Sereia!

Na corda feita dos fios
Das estrelas palpitantes,
Dos raios, dos amavios
Radiantes!

Ondulam Silfos e Amores
Rendas, sedas e vidrilhos
De imaculados alvores
E brilhos!

Do fundo dos claustros raia,
Hóstia de ouro, monja doente!
Envolva-te essa cambraia
Fulgurante!

O poeta Alphonsus de Guimaraens

na poesia brasileira. A liberdade dos românticos fora a corrente que aprisionou sua raça. Apoiado sobretudo na experiência de Baudelaire (*Fleurs du Mal*, 1857), Cruz e Sousa conceituava o artista como um excêntrico, um desajustado e decaído. Encarnou como ninguém entre nós o grito da dilaceração redentora. Isso o fez sentir e expressar a realidade pelo prisma da surpresa, da imprevisibilidade, do lugar privilegiado de quem sente todas as forças contra si, sabendo-se idealmente superior. Trata-se de uma postura demoníaca, porém luciferante: cultuou ao mesmo tempo a perversão e a luz da consciência. Veja-se a seguinte passagem de "O emparedado", um dos muitos textos em que o poeta trabalha com singular eficiência a tópica do artista como um ser incompreendido (*Evocações*, 1898):

Desde que o Artista é um isolado, um esporádico, não adaptado ao meio, mas em completa lógica e inevitável revolta contra ele, num conflito perpétuo entre a sua natureza complexa e a natureza oposta do meio, a sensação, a emoção que experimenta é de ordem tal que foge a todas as classificações e casuísticas, a todas as argumentações que, parecendo as mais puras e as mais exaustivas do assunto, são, no entanto, sempre deficientes e falsas.

Criar uma dimensão de pesquisa metafísica do indivíduo, eis o primeiro grande significado histórico da poesia de Cruz e Sousa. Frontalmente oposto ao ideal do artista clássico, que buscava a integração, Cruz e Sousa lutava pela dissolução. Ao impedir a livre expansão do indivíduo, a sociedade de seu tempo destruía a unidade do ser. Assim, esse poeta encarna, no Brasil, a tópica européia do "poeta maldito", expressão com que Paul Verlaine procurou caracterizar Rimbaud e Mallarmé. Nos Estados Unidos, Poe encarna o ideal romântico-simbolista do artista desintegrado, completamente perdido no espaço escuro da imaginação profunda, que se confunde com os desvãos da inconsciência e da loucura. Não obstante, quanto controle intelectual em todos eles! Também nisso, Cruz e Sousa emula com seus pares internacionais, apropriando-se de processos e fórmulas que lhe garantissem uma voz singular na poesia brasileira.

Considere-se agora o segundo significado essencial da poesia de Cruz e Sousa: ele era um negro no período da escravidão negra no Brasil, descendia de escravos, tinha um passado de favor, favor daqueles que, durante mais de três séculos, escravizaram seus pais e todos os antepassados. A partir desse particular biográfico, o poeta legitimou a tópica do desterrado, do perseguido, do maldito entre os malditos. Poucas vezes terá havido tamanha identidade entre uma tópica de natureza universal e um traço da condição individual. Retórica e existência fundiram-se perfeitamente nessa união, constituindo-se num caso singular na poesia brasileira. Essa fusão de categorias diferentes produziu um discurso em que

A obra de Cruz e Sousa corresponde à tópica poética do artista desintegrado, conforme a leitura que Verlaine fazia de Mallarmé e Rimbaud

Rimbaud em detalhe de quadro de Fantin-Latour

o fingimento poético se disfarça com perfeição na sinceridade emocional, transmitindo ao leitor a impressão de autenticidade expressiva. Os poemas de Cruz e Sousa que abordam a tópica do artista condenado ao exílio social e ao sofrimento individual conseguem, em sua maioria, aquilo que só as verdadeiras obras alcançam: transportar o leitor do texto para a vida, do discurso verbal para o discurso social, propiciando sempre o enlevo e o alumbramento, a revelação e o êxtase. Essas afirmações baseiam-se sobretudo na leitura de *Faróis* (1898) e *Evocações* (1898), livros em que o poeta conquista a maturidade metafísica para a poesia no Brasil, graças à fusão do discurso existencial (a condição do negro na América) com o discurso literário europeu (tradição da recente vanguarda européia).

Mais adiante, ainda no "Emparedado", lê-se a seguinte passagem, que fundamenta essa idéia:

Artista! pode lá isso ser se tu és d'África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuando de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leito amargo e venenoso da Angústia!

Inútil portanto buscar integração. Ao artista negro na América restavam apenas o auto-exílio e a hierarquia do espírito, o refúgio numa arte de requintes formais e sofisticações conceituais. Se andasse para a direita, encontraria a parede do preconceito; se andasse para a esquerda, a parede da crítica. Como saída, apenas o autosepultamento em vida, em que pedras se sobrepõem a pedras, separando para sempre o poeta da incompreensão de um mundo supostamente civilizado. Essa é a forma espiritual de *Faróis* e *Evocações*, livros essencialmente marcados pela metafísica do sofrimento, lugar retórico que incorpora a viagem pelo subterrâneo de um passado que dilacera o presente: os filhos amados que serão odiados, a velha mãe escrava arrastando sua angústia nos pesadelos do poeta, a esposa subitamente conduzida à morte moral pela loucura, a própria *persona* que aspira à perfeição celestial e esbarra nas imperfeições do corpo e da vida social.

Há muita cor escura nesses poemas, ao contrário de *Broquéis*, em que predomina a euforia do branco e do vermelho. Há ainda um Cruz e Sousa combativo, absolutamente empenhado na luta contra a escravidão, momento juvenil em que se encontram poemas fortemente políticos, mas que o poeta jamais reuniu em livro. Talvez o melhor exemplo dessa fase embrionária seja o soneto "Escravocratas", em que a *persona* satírica, depois de comparar os escravistas a animais rastejadores (crocodilo, cágado), promete castrá-los como a um touro, para se deliciar com seus urros de dor.

A terceira noção para a leitura de Cruz e Sousa reside no fato de se tratar de um escritor que trabalha tanto o verso quanto a prosa poética. Nessa dicotomia, ele procura o equilíbrio da arte, comum

Que a Ceres de alta seara
De uma auréola te circunde,
E na luz ideal e clara
Te inunde...

Que a Lua é loura entre as louras,
Virginal entre as mulheres
E das etéreas lavouras
A Ceres!

Trilha os límpidos caminhos,
As celeiras luminosas
De veludosos arminhos,
E rosas!

A todos abre da altura,
A Bíblia dos vagos ritos,
Da Quimera e da Ternura
Dos Mitos...

Vem, oh monja, entre as neblinas
Dos lírios, das açucenas,
Das volatas peregrinas,
Serenas!

Como o luar do Sonho alaga,
Vem vogar do Sonho agora,
Na doce, na branda vaga
Sonora...

Nua e soltos os cabelos,
Monja branca dos Mistérios
Ressurge através dos gelos
Sidéreos.

Teu corpo ebúrneo e perfeito,
De beleza intemerata,
Tem no luar um níveo leito
De prata...

É luar! Chega à janela,
Vai alta a Lua erradia,
Alta e branca a Lua bela
E fria...

Cruz e Sousa pertence à família de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé, que Edmund Wilson denominou de "sério-estética", em oposição à família "coloquial-irônica" de Jules Laforgue e Tristan Corbière

a diversos romancistas brasileiros, mas muito raro nos poetas. Ainda em *Evocações*, encontra-se uma revelação importante para uma possível classificação do poeta segundo um critério retórico, que considera o enunciador, o enunciado e a elocução, isto é, o artista e sua circunstância. Trata-se de um trecho de "Intuições", longo poema dominado por pulsações dissertativas sobre poética:

Um ser artístico, assim é como uma harpa exótica de duas cordas: – uma corda para a prosa, outra corda para o verso, formando os sons de ambas essas cordas uma igual harmonia.

A absoluta maioria dos estudos acerca de Cruz e Sousa concentra-se nos versos, essencialmente reunidos em três livros: *Broquéis* (1893), *Faróis* (1898) e *Últimos sonetos* (1905). Todavia, parece que a integração dos versos com os poemas em prosa (*Missal*, 1893; *Evocações*, 1898) revelaria aspectos essenciais para uma compreensão interativa da produção do poeta. De fato, os poemas em prosa, sobretudo os de *Evocações*, além de valerem como soberbas representações dos espaços escuros do sofrimento e da inconsciência dos delírios e dos desejos, funcionam como agenciadores da doutrina poética de Cruz e Sousa. Em alguns deles, há inúmeros impulsos para a teorização, à maneira de Edgar Allan Poe e dos simbolistas franceses, sempre preocupados com a investigação crítica do processo criativo. Esse aspecto tem sido praticamente desdenhado, mas constitui-se num dos traços significativos do poeta, para quem a prosa poética era tão importante quanto os versos.

O quarto princípio para uma possível leitura de Cruz e Sousa consiste na investigação de sua relação com a estética simbolista. Apropriando-se da poesia inconformada dos românticos, Cruz e Sousa incorpora também as conquistas do Simbolismo francês, tais como o transbordamento dos sentidos, a mistura de sensações, a investigação das nevroses, a reiteração das harmonias, o jogo intenso das cores, a violação da sintaxe, a representação deformada dos objetos, a rarefação do referente, o contato sensorial com os astros e a pesquisa de seus efeitos sobre a sensibilidade, o satanismo pessimista (que se biparte em devorações carnais do sexo e em êxtases de vitória diante da igualdade aniquiladora dos vermes) e a preocupação constante com a teoria da expressão e da construção do texto (veja-se o poema "A flor do Diabo", em que a poesia é representada como invenção demoníaca). Além disso, há a percepção metafórica das coisas, o apego ao enunciado oblíquo.

Assim, a construção do mundo em Cruz e Sousa dá-se sobretudo através da transfiguração dos sentidos, através do envolvimento sensorial com a realidade. Nessa relação, os elementos mais díspares das coisas poéticas se associam em poderosas transformações. Sua poesia é uma espécie de espelho no qual a imagem do mundo sempre se reflete distorcida. Sua sensibilidade parece uma lâmina delicada que se exacerba ao mais tênue estímulo exterior. A simples harmonia dos violões de rua desencadeia no poeta um desesperado acúmulo de imagens acerca do fluxo da existência, do fluir dos desejos e da permanência da dor ("Violões que choram", *Faróis*). A chegada da noite, inevitável sempre, inaugura um cortejo de visões extraordinárias, com gemidos de fantasmas e movimentos de cova ("Flores da lua", *Faróis*):

Da noite a tarda e taciturna trova
Soluça, numa trêmula dormência...
Na mais branda, mais leve florescência
Tudo em Visões e Imagens se renova.

O Simbolismo, repita-se, não define perfeitamente o poeta, mas é preciso salientar que o próprio conceito do movimento não se limita a traços constrangedores. Ao contrário, pressupõe direções diversas, às vezes opostas. Com certeza, é essencial ao conceito de Simbolismo a recusa da objetividade realista e a restauração da transfiguração imaginosa dos românticos, abrindo-se em conquistas formais e temáticas que anunciam o dilaceramento das vanguardas do século XX. Essa parece ser a condição de Cruz e Sousa, cuja experiência foi, de fato, incorporada por quase todos os poetas renovadores de 22, conforme se verá mais adiante. Edmund Wilson classificou os simbolistas franceses em duas grandes famílias: a sério-estética (Baudelaire, Verlaine, Mallarmé) e a coloquial-irônica (Tristan Corbière e Jules Laforgue). Cruz e Sousa

O poeta simbolista Paul Verlaine

pertence à família sério-estética, na qual se pode vislumbrar a existência de dois ramos: a vertente construtivista, de inspiração mallarmaica; e a vertente neo-romântica, de inspiração baudelairiana e verlainiana. *Broquéis*, considerado o primeiro livro simbolista brasileiro, partilha da tendência construtivista, pois, além da melopéia do tipo da de Verlaine, apresenta uma extrema preocupação formal, da qual resulta a criação do verso harmônico, correlato da concepção de que o significado do poema é inseparável de sua estrutura verbal e de que suas unidades significantes devem antes se unir por justaposição sensorial do que pelo nexo lógico-sintático. Essa concepção musical da construção do texto (palavras são notas) pode ser entendida como inequívoca filiação ao construtivismo de Mallarmé, cuja divulgação se consagrou no Brasil, a partir de 1890, com Oscar Rosas, no jornal carioca *O Novidades*, de cujo grupo Cruz e Sousa fazia parte.

O traço mais típico do Simbolismo em Cruz e Sousa corporifica-se no lirismo voltado para o esboço de atmosferas vagas, em composições muito próximas do estilo impressionista. Presentes sobretudo em *Broquéis*, tais composições são dominadas pelas harmonias imitativas, pela alegoria das cores, pela vagueza, pela abstração, pela configuração ondulante e volátil dos elementos e pela fusão dos sentidos (sinestesias), como se observa nestes versos de "Cristais":

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
Na dolência velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.

Os poemas desse tipo realizam as propostas de "Antífona", poema-manifesto que abre o livro *Broquéis* e cristaliza a noção de Simbolismo no Brasil. Esses poemas buscam a dissolução dos limites espaciais e empenham-se no efeito da meia-luz, da penumbra, sempre cortada por fúlgidos clarões de astros, de cristais e círios. Não só suprimem os limites entre sujeito e objeto, entre indivíduo e cosmos, como também captam as sugestões encantatórias da Lua, do Sol e das Estrelas, a cuja magia se misturam perfumes, cores e sons. Compõem o que se poderia chamar de lirismo estelar em Cruz e Sousa, no sentido de exploração intensiva do lugar retórico do contato entre o homem e os astros.

Publicado logo após a morte do poeta, *Faróis* pode, em certos aspectos, ser interpretado como um avanço relativamente ao construtivismo de *Broquéis*, ainda preso a alguns estilemas parnasianos. Assim como *Evocações*, *Faróis* instaura um estilo mais livre, mais adequado à investigação de significados existenciais, sem perda da tensão estrutural. A fatura desse livro resulta da liberdade das mentes organizadas para a expressão contida dos grandes sofrimentos, o que se percebe sobretudo no longo poema metafísico "Luar de lágrimas", que lembra os melhores momentos de Drummond

Obras de Cruz e Souza

Veja abaixo algumas edições das obras do poeta disponíveis nas livrarias:

- *Obras completas*, org. de Alexei Bueno. Editora Nova Aguilar, 1995
- *Poesia completa*, org. de Zahidé Lupinacci Muzart. Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993
- *Missal, Broquéis*, edição de Ivan Teixeira. Editora Martins Fontes, 1993
- *Broquéis* (edição fac-similar), ensaio introdutório de Ivan Teixeira. Edusp, 1994
- *Evocações* (edição fac-similar), apresentação de Esperidião Amin. Fundação Catarinense de Cultura, 1986
- *Tropos e Fantasias* (edição fac-similar), apresentação de Lêdo Ivo. Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Catarinense de Cultura, 1994
- *Últimos sonetos* (edição fac-similar), edição crítica de Adriano da Gama Kury, apresentação de Júlio Castañon Guimarães. Fundação Casa de Rui Barbosa/Fundação Catarinense de Cultura, 1988

nesse tipo de poesia. A escavação surreal das crises do indivíduo persiste em "Olhos do sonho", que restaura a tópica romântica da permanência de vivências fortes mediante um sutil diálogo com "O corvo", de Poe, lido por Cruz e Sousa na tradução de Baudelaire. Além do lugar retórico da permanência, com suas variações em torno da solidão e da memória, "Olhos do sonho" apropria-se de vocábulos e expressões do poema de Poe, sobretudo na abertura e no desfecho da composição. O exercício de análise comparativa talvez pudesse se estender até a canção "Olhos", de Alphonsus de Guimaraens (*Pastoral aos crentes do amor e da morte*, 1923), com nítida ressonância dos processos compositivos de Cruz e Sousa. Além de "Olhos do sonho", há outros poemas de dimensões metafísicas em *Faróis*, sem os quais seriam impensáveis os estertores angustiantes de Augusto dos Anjos. Nesse sentido, merece leitura cuidadosa o poema "Ironia dos vermes". Apesar das evidências, parece que jamais foi associado ao transformismo tragicômico de inúmeras passagens do *Eu*.

Tornou-se hábito na crítica brasileira valorizar poetas do passado mediante associações com práticas consagradas no presente, mesmo que, com isso, se prejudique a historicização do fato literário. Cruz e Sousa vale por si, não precisa de associações enobrecedoras. Como poeta, situa-se muito acima da média dos modernistas, inclusive Mário de Andrade, cuja *Paulicéia desvairada* se funda, estilisticamente, no redimensionamento de alguns traços inaugurados pelo poeta negro, tais como a justaposição cumulativa de frases nominais, ao lado do uso abusivo da reticência, da rima interna, da aliteração e da maiúscula sem necessidade gramatical.

Cruz e Sousa foi considerado "um verdadeiro precursor do dadaísmo" por Mário de Andrade, que em *Paulicéia desvairada* redimensiona alguns traços inaugurados pelo poeta negro

Dentre as novidades propostas no "Prefácio interessantíssimo", Mário destaca a suposta criação do verso harmônico, definido como a combinação de palavras isoladas, que vibram sem nexo subordinativo. Na verdade, o verso harmônico de *Paulicéia desvairada* (polifonia poética) não passa da coordenação cumulativa simbolista, levada às últimas conseqüências pelo experimentalismo formal de *Broquéis*. No "Prefácio interessantíssimo", Mário não acusa consciência de sua afinidade com o universo estilístico de Cruz e Sousa. Todavia, em 1924, deixou algumas anotações sintomáticas à margem de seu exemplar das *Obras completas* do poeta, organizadas por Nestor Vítor em 1923. Nessa marginália, o grande leitor associa o Cisne Negro aos experimentos das vanguardas do século XX, afirmando que se tratava de "um verdadeiro precursor do dadaísmo".

Em meu prefácio à edição fac-similar de *Broquéis* (Edusp, 1993), procurei demonstrar a conexão entre os dois artistas, desenvolvendo a hipótese de que a polifonia poética do modernista se originava em Cruz e Sousa. Na mesma ocasião, Gilberto Mendonça da Silva Teles aplicava-se a uma leitura semelhante, conforme se pode observar em seu ensaio "Do Polichinelo ao Arlequim ou de Cruz e Sousa a Mário de Andrade", editado em *Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal*, organizado por Iaponan Soares e Zahidé L. Muzart (Fundação Catarinense de Cultura).

Na poesia européia, jamais se ocultaram as origens simbolistas do Modernismo, como se observa nos estudos acerca de Ezra Pound, T. S. Eliot, W. B. Yeats ou Paul Valéry. Todavia, no Brasil, o Modernismo costuma ser visto como uma espécie de ruptura absoluta com o passado, sendo pouco freqüentes as filiações com a tradição, exceto nos casos mais evidentes, como Manuel Bandeira ou Guilherme de Almeida.

Enfim, muitas das inovações de Mário de Andrade possuem origem mais caseira do que se pensa. Veja-se o caso de seu livro de estréia, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), assinado por Mário Sobral. Como se sabe, na edição original desse livro, todos os textos trazem um pingo de tinta vermelha. Ao se deparar com essa ousadia tipográfica, o leitor desprevenido pode ser induzido a pensar em apropriação consciente da visualidade cubo-futurista, o que conferiria flagrante atualidade ao jovem poeta. Todavia, é bastante provável que a gota de Mário provenha, não da vanguarda européia, mas do livro de poemas *Últimas cigarras* (1915), de Olegário Mariano, poeta de nítido recorte parnaso-simbolista e muito popular depois da morte de Olavo Bilac. Na obra de Mariano, cada página estampa o desenho vazado de um inseto verde sobre os poemas, tal como se observa com a gota de Mário. Assim como sucede com a lição da polifonia poética, aprendida em casa, é provável

Mário de Andrade, autor de Paulicéia desvairada

que a visualidade de *Há uma gota de sangue em cada poema* independa de estímulos estrangeiros.

Tornando ao caso específico de Cruz e Sousa, arremate-se o ensaio com a idéia de que *Últimos sonetos* (1905) representa a tentativa de uma poesia sapiencial, voltada para a síntese consagrada dessa espécie poética no Brasil. Dentre os textos do livro, há um intitulado "O soneto", em que se renova o apreço do artista pela forma lapidar e concisa, ainda que com inúmeras redundâncias e reiterações. Pouca coisa desse livro lembra a energia construtiva de *Broquéis*, embora possa ser valorizado por um fluxo sintático mais espontâneo, em que a palavra se torna escrava das idéias, e idéias nem sempre expressas com suficiente energia verbal. Mesmo assim, encontram-se aí alguns dos grandes espécimes da poesia brasileira, como "O assinalado", "Cavador do infinito" e "Cárcere das almas". O primeiro destes sonetos reitera a idéia do artista como um louco genial, mas o tom dominante do livro já não é o de revolta, e sim de resignação, em que se sobressai a tópica da modéstia, veiculada em estilo humilde. "Triunfo supremo" condensa uma idéia que assume força de *leitmotiv* em toda a obra do poeta: a noção de que o sonho, o ideal da arte e do dever cumprido compensam todas as derrotas e motivam todas as batalhas. À primeira vista, esses sonetos podem se confundir com glosas retóricas de certos lugares-comuns da reflexão de curto fôlego, mas pouquíssimas vezes tal impressão se confirma pela leitura crítica, marcada pela paciência e observação. O mesmo se pode dizer da aparente frouxidão dos versos, que, quando enfrentados com franqueza e intimidade, revelam-se ótimas construções, com algumas combinações exóticas que sempre lembram as origens baudelairianas do poeta:

Junto da Morte é que floresce a Vida!
Andamos rindo junto à sepultura.
A boca aberta, escancarada, escura
Da cova é como flor apodrecida.

Apropriando-se da tradição do soneto reflexivo de Antero de Quental, o último livro de Cruz e Sousa talvez seja o primeiro na adoção sistemática do estilo maduro na poesia reflexiva brasileira. Maduro no sentido de se associar ao outono e buscar soluções moderadas e naturais, que mais ocultam do que revelam os artifícios de linguagem. Nesse sentido, talvez se possa interpretar a atenuação da chave de ouro como um afastamento voluntário do efeito imediato do soneto parnasiano. Longe dos jogos primaveris e impetuosos do estilo florido de *Broquéis*, os *Últimos sonetos* buscam compor um perfil de sabedoria e mansidão. Sem a revolta enfurecida de *Faróis*, esses poemas procuram impor-se mediante a beleza dos próprios conceitos e das verdades que imitam. É como se a *persona* lírica demonstrasse cansaço em investigar maneiras novas de imitar, confiando mais no valor intrínseco da matéria imitada.

Ivan Teixeira

doutor em literatura brasileira e professor na ECA-USP, autor, entre outros, de Mecenato pombalino e poesia neoclássica, *a sair pela Edusp*

60b MIGUEL, Salim. O filho do Desterro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.54-55, mar. de 1998.

O filho do Desterro

Salim Miguel

Nascido na cidade de Desterro, atual Florianópolis, Cruz e Sousa passou a vida às voltas com problemas financeiros e de saúde, mas ainda em vida obteve o reconhecimento de críticos como Araripe Jr., José Veríssimo e Sílvio Romero

A cem anos de sua morte (19 de março de 1898) e cento e trinta e sete de seu nascimento (24 de novembro de 1861), permanece o enigma Cruz e Sousa. Muitos ficam ainda a se perguntar como teria sido possível o surgimento de tal vulto, em condições tão precárias e desfavoráveis. Se Cruz e Sousa jamais esteve no limbo, como outros, que às vezes por mero acaso acabam sendo redescobertos (Ernane Rosas é o exemplo mais próximo), não tem contudo o reconhecimento merecido. Embora sempre tenha tido fervorosos admiradores, que passaram uns para os outros a chama que ilumina seu nome e sua obra, ainda assim sua fortuna crítica, embora expressiva, não é substancial.

Nascido na bela e modorrenta ilha de Santa Catarina (onde se erguia Desterro, hoje Florianópolis), filho de escravos libertos, na primeira infância foi mimado pela família do marechal Guilherme Xavier de Sousa. Este, ao voltar da guerra do Paraguai, foi saudado com versos da lavra do menino de oito anos.

Logo (morte dos senhores?) são apenas seu pais que lutam e se desdobram para lhe dar todo o ensino e incentivo possível no lugarejo. Adolescente, Cruz junta-se a outros por igual insatisfeitos com a pasmaceira reinante. Funda, com Virgílio Várzea, o jornal *Colombo* (1881). No ano seguinte, a *Folha Popular*. A irreverência dos jovens suscita animosidades. Por esse tempo, aporta à ilha a companhia teatral Julieta dos Santos. Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Santos Lostada publicam um livro de poemas homenageando a atrizinha de doze anos. São versos imaturos, onde é difícil perceber algum indício da inigualável voz poética que se faria ouvir depois.

Quando a companhia deixa Desterro (1883), tem um novo ponto: Cruz e Sousa. Com ela percorre boa parte do país. Espalha seus versos, prega suas idéias renovadoras, luta pela abolição. Sempre abominou o escravismo, jamais aceitou que sua gente se considerasse inferior. Como poeta cantou para todos, para os que o ouviam em seu tempo, para os que o ouvem pelos tempos afora. Para os seres humanos, qualquer que seja a cor da pele.

De volta à terra natal (1885), participa do movimento Idéia Nova, que vai mexer com os valores estabelecidos. Edita *O Moleque*, jornal de combate, quase sozinho, escrevendo artigos, crônicas, sueltos, poesias, noticiário geral, desenhando, usando o próprio nome ou pseudônimos. Muito avançado para a época, esse jornal está a exigir uma edição facsimilar.

No ambiente cada vez mais fechado, Cruz e Sousa sufoca. Em 1890, muda-se para o Rio de Janeiro, com grandes sonhos e maiores ilusões. A essa altura, leitor insaciável e receptivo, já estava influenciado por nomes como Baudelaire, autor da epígrafe emblemática de seu primeiro livro, *Broquéis* (1893): "Seigneur mon Dieu! accordez moi la grâce de produire quelques beaux vers qui mi prouvent à moi même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise." Do mesmo ano é *Missal* (prosa).

Caricatura de Cruz e Sousa

Nestor Vítor, o amigo mais íntimo do poeta

A realidade que ele enfrenta é dramática. Mal consegue sobreviver com os empregos mesquinhos a seu alcance. As raras cartas que nos chegaram falam de incompreensão, doenças, dificuldades financeiras, falta de ressonância para os poemas que vem publicando em jornais. Sua última carta, pouco antes de morrer, é um desesperado e pungente pedido de ajuda financeira a um amigo.

Seu encontro com Gavita, em 1892, é um espaço de plena euforia, de paixão, de amor. Casam-se. À felicidade e à alegria do nascimento dos filhos se opõem a falta de recursos, a loucura temporária de Gavita, a tuberculose. Como ele diz no soneto "Vida obscura": "Ninguém sentiu teu espasmo obscuro/ Ó ser humilde entre os humildes seres./ Embriagado, tonto de prazeres,/ O mundo para ti foi negro e duro." Mas, contrapondo-se a esta visão, diz em "O assinalado": "Tu és o Poeta, o grande assinalado,/ Que povoas o mundo despovoado,/ De belezas eternas, pouco a pouco."

Seus amigos cercam-no de atenção, o principal deles Nestor Vítor; o poeta Alphonsus de Guimaraens vem de Minas para conhecê-lo; Araripe Jr. é o primeiro crítico a lhe exaltar o valor, e mesmo José Veríssimo e Sílvio Romero, embora com restrições a seu verso inovador, não podem negá-lo. Estranho é que não se tenha nenhuma referência de um encontro seu com Machado de Assis.

Apesar da implacável progressão da doença, colabora com jornais, prepara outros livros. Em 1897, conclui *Faróis* e *Evocações* (este numa prosa densa, ainda não devidamente avaliada). Em busca de melhora, vai para Sítio, em Minas Gerais. Inútil. Lá mesmo morre. Meia dúzia de amigos recebem seu corpo, que desce para o Rio num vagão de gado.

Salim Miguel

jornalista e escritor, fez parte do Grupo Sul (1948/58), movimento cultural que se propôs a renovar as letras e as artes em Santa Catarina; foi um dos editores da revista Ficção (RJ, 1976/79) e tem 16 livros publicados, entre eles Primeiro de abril *(narrativas da cadeia),* Onze de Biguaçu mais um *(ficções) e* Variações sobre o livro, *com dois estudos sobre Cruz e Sousa.*

O ano de Cruz e Sousa

A Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa programa para este ano uma extensa agenda de eventos e lançamentos em homenagem ao poeta.

No dia 19 de março (data de sua morte), a Fundação Catarinense de Cultura promove no Centro Integrado de Cultura de Florianópolis um recital de poemas de Cruz e Sousa. No mesmo dia, o escritor Carlos Nejar fala sobre Cruz e Sousa em palestra na Academia Catarinense de Letras.

De 19 a 23 de maio, a Universidade Federal de Santa Catarina realiza um seminário nacional sobre Cruz e Sousa. Simultaneamente, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina expõe o painel "Cruz e Sousa e o Desterro de seu Tempo".

Em agosto, o Museu de Arte de Santa Catarina abre a exposição "Leitura Visual da Poética de Cruz e Sousa", com obras em pintura, gravura e desenho a partir de poemas de Cruz e Sousa. Será editado um catálogo em cores com obras visuais e literárias.

Em novembro, a União Brasileira de Escritores realiza em Blumenau (SC) o III Encontro de Escritores Catarinenses, dedicado à poética de Cruz e Sousa. Durante o evento, serão lançados um CD-ROM sobre o poeta e uma edição bilíngüe português-francês de seus sonetos, traduzidos por Anasthasie Ajuona Angoran.

No mesmo mês será inaugurada uma exposição fotobiográfica sobre o poeta na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, juntamente com lançamento, em livro, da palestra "Cruz e Sousa – O desterro do corpo", que foi proferida pelo professor Antônio Carlos Secchin na abertura da programação do Centenário, em novembro de 1997.

Quem quiser maiores informações deve se dirigir à Comissão do Centenário (av. Governador Irineu Bornhausen, 5600, Florianópolis, SC, CEP 88025-202, tel. 048/234-9848).

60c RUFINONI, Simone Rossinetti. O Satã negro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.56-59, mar. de 1998.

O Satã negro

Simone Rossinetti Rufinoni

Os poemas em prosa de Cruz e Sousa evocam sua dívida com Baudelaire sem perder a fidelidade a um contexto histórico denunciado pela máscara de perversidade e dandismo vestida pelo poeta

O poema em prosa é um gênero fundado em um princípio anárquico; repugna classificações e busca na implosão dos limites formais a possibilidade de manifestação de uma revolta criativa. No entanto, ao lado do impulso destrutivo, surge a força construtiva que pretende criar um gênero autônomo. Daí a contradição interna, a tensão latente que marca essa nova forma de expressão. A revolta face às leis estéticas, aliada ao desejo de uma forma que pudesse dar conta das necessidades do lirismo moderno, são características que permitiram a afirmação do gênero durante o Simbolismo. O poema em prosa tem seu marco histórico com *Gaspar de la nuit*, de Aloysius Bertrand (1842). Entre seus continuadores modernos estão Rimbaud, *Une Saison en Enfer* (1873) e *Les Illuminations* (1886); Lautréamont, *Les Chants de Maldoror* (1869) e Baudelaire, *Petits Poèmes en Prose* (1868).

O poeta brasileiro Cruz e Sousa encontrou na leitura de autores franceses como Villiers de L'Isle Adam, Mallarmé, Baudelaire, Verlaine, Nerval, Huysmans e Rimbaud, além das traduções francesas de Edgar Allan Poe, a direção estética de sua produção rumo ao Simbolismo. De Verlaine, o poeta apreendeu a musicalidade, de Mallarmé o culto à arte e às formas transcendentes, de Villiers o apego à atmosfera decadentista, de Baudelaire os temas marginais e o satanismo. Particularmente na prosa, seus textos revelam as leituras e a transfiguração destas para outra realidade. Seu mais famoso texto em prosa, "O empalidado", evoca Poe, inserindo a especificidade da situação do poeta brasileiro: as paredes sobem e enterram o poeta, numa metáfora poderosa do processo de exclusão social do qual foi vítima.

O poema em prosa "No inferno" é um verdadeiro manifesto de louvor a Baudelaire. Cruz e Sousa encontra o mestre no inferno e lhe traça um retrato: a face insinuava calma; os olhos, domínio; a boca, revolta. Retrato alegórico, a descrição entrelaça ficção e realidade, delineando o poeta enquanto personagem de sua própria obra e da leitura de Cruz e Sousa. É nesse inferno que encontra a árvore das "flores de sangue, grandes flores acerbas e temerosas, flores do Mal...", imagem que surge como metáfora da obra de Baudelaire, onde os eleitos buscariam inspiração e acolhimento: "...onde as almas dos Meditativos e Sonhadores, tantalizados de tédio, ondulavam e vagavam insaciavelmente...".

De Baudelaire, além dos temas, a influência se faz notável na adoção do novo gênero poema em prosa, tomado aos *Petits poèmes en prose* do poeta francês. A tensão de contrários característica do novo gênero – poesia e prosa, destruição e construção, desejo de totalidade e urgência do fragmento – oferecem ao espírito a aventura do delírio e do sonho e a perspectiva de refletir sobre os limites da linguagem. O poema em prosa define-se como gênero metalingüístico por excelência. Ao insistir no imperativo da liberdade crítica, contamina também a abordagem dos temas e permite a transfiguração da experiência em matéria poética.

Dono de um verbo ágil e desesperado, Cruz e Sousa conseguiu imprimir à prosa a fúria e o desconcerto com o mundo que tanto inflamaram a sua poesia. A estréia literária do poeta deu-se como prosador, com *Tropos e fantasias* (1885), escrito em parceria com Virgílio Várzea. Em prosa poética são também *Missal* (1893), figurando como marco do Simbolismo no país, e *Evocações*, publicado postumamente em 1898.

A crítica à obra de Cruz e Sousa insistiu, e insiste, em ver os poemas em prosa como "produção menor". Apesar de irregular, a produção em prosa do poeta brasileiro oferece páginas primorosas que revelam, entrelaçados, o retrato do poeta perseguido pela sua cor – signo e testemunho de uma época – e a consciência de crise do final do século. Talhadas por um sujeito melancólico, as páginas em prosa de Cruz e Sousa descortinam um mundo em ruínas – idealismo e desencanto, procura de si e alienação – movimento pendular que só se compraz com a iminência da morte.

Acima, Cruz e Sousa na adolescência. Ao lado, o poeta francês Charles Baudelaire.

Apesar da contaminação da musicalidade, dos temas marginais, do satanismo revoltoso das *Flores do Mal*, da forma e do tom baudelairianos, a obra de Cruz e Sousa apresenta dissidências que dizem respeito à peculiar situação do poeta negro face à realidade de um país periférico. É assim que temas caros a Baudelaire, como o *flâneur*, a modernidade e o satanismo, apresentam-se transfigurados pela realidade da sociedade brasileira de fins do século XIX. A condição de poeta negro, num país onde a abolição da escravatura é recente, é responsável pelo tom confessional de muitos de seus poemas, possibilitando a entrevisão, proporcionada pelos símbolos, enigmas e fantasmagorias, da realidade de um país escravista.

Nos poemas em prosa de Baudelaire, o procedimento satânico, estudado por Dorf Oehler, consiste em utilizar as armas do inimigo para melhor atacá-lo. O narrador veste a máscara do burguês e escancara a violência que encobre as relações sociais. A ironia rasga a fachada da enunciação por parte dos dominadores e revela o potencial subversivo da estratégia. É o que ocorre no poema em prosa "Assommons les pauvres!" ("Aniquilemos os pobres!"), texto em que prega a violência aos pobres como dialeticamente necessária à emergência da energia revolucionária. No caso de Cruz e Sousa, o satanismo também apresenta essa face de inversão, ou "envenenamento" do ponto de vista. Em "Consciência Tranqüila", a voz é dada a um senhor de escravos; ao narrar com requintes de crueldade os castigos impostos às suas vítimas, o texto desnuda as relações de classes e os subterrâneos da esfera da produção. Em ambos os casos, há a substituição da representação realista e da compaixão pela perversidade. Esta a instância capaz de horrorizar a civilização e desnudar a violência que rege as relações de classe.

Mas o satanismo em Cruz e Sousa possui uma face mais abrangente, que é a do clamor às potências do mal e a das imagens negras articuladas à escravidão. O lado noturno de sua poética apela para enigmas que vislumbram o cotidiano da experiência da servidão. O poeta pede para que o anjo caído o auxilie na sua condição de excluído. Satã, o mesmo responsável pela "demonização" conferida aos negros durante o período colonial, figura como símbolo de resistência e revolta.

Baudelaire e Cruz e Sousa possuem duas crenças: a Arte e o Demônio. Ambos adquirem, para o poeta francês, caráter de culto, buscando minimizar a angústia frente às dúvidas que assolaram sua época. Cruz e Sousa abraça a mesma crença na arte, mas seu Inferno é o sistema

"Nem prosa nem verso!"

Para um espírito complexo da Arte, para o verdadeiro Clarividente, para o Poeta, na grande acepção de sensibilidade desse vocábulo, prosa e verso são teclas, órgãos diferentes onde ele fere as suas Idéias e Sonhos (...)

Nem prosa nem verso! Outra manifestação, se possível fosse. Uma Força, um Poder, uma Luz, outro Aroma, outra Magia, outro Movimento capaz de veicular e fazer viver e sentir e chorar e rir e cantar e eternizar tudo o que ondeia e turbilhona em vertigens na alma de um artista definitivo, absoluto. (...)

A prosa não pode ser sempre de caráter imutável, impassível diante da flexibilidade nervosa, da aspiração ascendente, da volubilidade irrequieta do Sentimento humano. Não há hoje, nesta Hora alta e suprema dos tempos, fórmulas preestabelecidas e constituídas em códigos para a estrutura da prosa, principalmente quando ela é feita por uma sensibilidade *doentia* e extrema. Há tantas maneiras de fazer cantar a prosa, de a fazer viver, radiar, florir e sangrar, quantas sejam as diversidades dos temperamentos reais e eleitos.

extraído do poema em prosa "Intuições", in *Evocações*

"Eu gosto de ti, ó Feio!"

Só eu, numa suprema hora de spleen, de esgotamento de forças psíquicas, em que me falte extensamente o humor – essa radiosa bondade hilariante do Espírito –, te idolatro e procuro, ó lascivo Feio! que na luxúria pantagruélica dos vermes devoras nas trevas os sonhos – porque não os podes alimentar, nem ver florir, nem crescer! sem que a diabólica verdade flagrante esteja a rir do teu amor e a pintar picarescamente caricaturas na quase apagada perspectiva da tua existência. (...) Entretanto, eu gosto de ti, ó Feio! por que és a escalpelante ironia da Formosura, a sombra da aurora da Carne, o luto da matéria doirada ao Sol, a cal fulgurante da sátira sobre a ostentosa podridão da beleza pintada. Gosto de ti porque negas a infalível, a absoluta correção das Formas perfeitas e consagradas, conquanto tenhas também, na tua hediondez, toda a correção perfeita – como o sapo, coaxando cá embaixo na lodosa argila, tem, no entanto, a repelente correção própria do sapo; – como a estrela fulgindo, lá, em cima, no precioso Azul, tem a serena e sidérea correção própria d'estrela.

extraído do poema em prosa "Psicologia do Feio", in *Missal*

De Verlaine, Cruz e Sousa apreendeu a musicalidade, de Mallarmé o culto à arte e às formas transcendentes, de Villiers de L'Isle Adam o apego à atmosfera decadentista, de Baudelaire os temas marginais e o satanismo

escravista e Satã é eleito o porta-voz dos filhos de Cam. Em páginas dilacerantes, de profunda angústia e crueldade, o poeta brasileiro oferece seu sofrimento como sacrifício: pela arte, pelos desvalidos e por si mesmo. O narcisismo sádico do poeta parece procurar na dor a possibilidade de redenção. Como um corpo, as marcas físicas do trabalho escravo e do labor artístico inscrevem-se em seus textos.

O culto à Arte e a Satã, acrescido da poesia que se volta para os submundos da matéria, abriu aos dois poetas as portas da estética do Feio. Em "Psicologia do Feio", de Cruz e Sousa, o poeta confessa que busca o "lascivo Feio" somente amado pelas "artísticas sensibilidades nervosas", pois ele é a instância capaz de negar a forma perfeita, símbolo de uma totalidade anacrônica, e fornecer a urgência poética da representação de um mundo em decomposição: "...eu gosto de ti, ó Feio! porque és a escalpelante ironia da Formosura, a sombra da aurora da Carne, o luto da matéria doirada ao sol (...). Gosto de ti porque negas a infalível, a absoluta correção das Formas perfeitas e consagradas...". Além de reflexão estética, em Cruz e Sousa o Feio é também imagem deformada do escravo.

As imagens negras, a perversidade, a putrefação, o sadismo e o drama, misto de ficção e confissão do artista negro, são temas que redimensionam as influências de Baudelaire no sentido da leitura específica de outro contexto social. Filiado aos temas baudelairianos, Cruz e Sousa não abandona a fidelidade de seu contexto histórico. Evidenciando uma espécie de dialética do local e do universal, a obra de Cruz e Sousa revela apreensão da tradição literária francesa e engendra uma forma capaz de apreender as condições próprias ao meio brasileiro. Se toda grande obra descortina uma certa imagem do seu tempo, as contradições da obra de Cruz e Sousa – próprias ao poema em prosa ou relativas ao conflito entre o ideal elevado da arte e a dura realidade de poeta negro – esboçam dualidades intransponíveis; luta de morte regida por Lúcifer.

Em sua reflexão sobre a modernidade, Baudelaire observou a situação marginal do poeta no mercado de trabalho, de onde adviria sua afinidade com aqueles que estão à margem do processo de modernização: o proletariado e os marginais de sua época. A realidade com que se depara Cruz e Sousa é outra. A embriaguês que experimenta não é da mesma ordem, os oprimidos da periferia são os escravos e é essa a peculiaridade do poeta negro: a modernidade na periferia conviveu com a escravidão. Baudelaire quer perder-se na multidão, o *flâneur* embriaga-se com a turba que o atrai e o repugna, e essa experiência lhe serve como meio de travejamento da alteridade. Frente a essa realidade hostil, a única possibilidade de redenção, ou heroísmo moderno, seria o suicídio ou o refúgio no dandismo, espécie de atitude introspectiva que o diferencia da multidão.

Na vida e obra de Cruz e Sousa, o comportamento recluso e a autonomeação do poeta como o "assinalado", o eleito da Arte, apontados pela crítica como desejo aristocratizante de ascensão social, são marcas do mesmo dandismo

Stéphane Mallarmé, em tela de Manet

de que fala Baudelaire. Individualidade diferenciada que encontra no sofrimento sua honra e glória.

Assim como para Baudelaire, sua situação de poeta marginalizado permite a afinidade com a massa de excluídos – através de si ele vislumbra o outro. Não só os negros surgem em suas páginas de prosa, a massa de marginalizados inclui o louco, a meretriz, o bêbado, o velho e o idiota. Como os personagens, na obra de Cruz e Sousa os símbolos e os enigmas também tateiam o espaço de constituição da alteridade. O poeta é o ser eleito, aquele capaz de transfigurar a realidade que observa em signo poético. Como um caleidoscópio que desfoca e deforma, o Simbolismo obriga a decifração de uma imagem em estilhaços.

No poema em prosa "Asco e dor", de Cruz e Sousa, a multidão surge numa cena de carnaval, onde a turba ensandecida de negros dança, confunde-se e desfigura-se. Marcados pela animalização, é como se a agonia figurasse na máscara da festa e do riso. Diferente de Baudelaire, para quem a multidão expressa uma face da modernidade, para Cruz e Sousa, ela serve como meio de observação da situação do negro: a inevitável desumanização destes homens reduzidos a objeto o afasta e o enfeitiça. Como um duplo, a imagem da "turba miserável" lembra-lhe a condição que deseja esquecer e, ao mesmo tempo, ata-o à ameaça voluptuosa da ruína e da destruição. Em Cruz e Sousa, o desejo de aniquilação contempla a face sádica do sacrifício.

O poeta negro, portanto irremediavelmente atado à condição histórica de mercadoria humana, oferece sua dor em solidariedade à dor de outros. "Dor negra", poema em prosa de Cruz e Sousa, é quase um grito que concentra o do outro. Manifesto que escancara o poeta dilacerado entre o idealismo da arte e a realidade aterradora, a percepção do poeta como ser elevado e as dificuldades de um poeta negro. Espécie de dissecação do sofrimento, de metafísica da dor, a um só tempo aniquiladora e glorificadora, comum ao escravo e ao poeta negro. A idéia do suicídio baudelairiano, observada por Walter Benjamin, encontra em Cruz e Sousa respaldo e prosseguimento. A morte, como tentação perversa, emerge de suas páginas. Ela é a única possibilidade de heroísmo e libertação.

A natureza do poema em prosa permitiu, com maior elasticidade, a transmissão de novos conteúdos. Gênero agônico, o poema em prosa repõe a urgência da liberdade de expressão através de contradições insolúveis. No caso de Cruz e Sousa, certas características de sua prosa chegam mesmo a contrariar os limites do novo gênero. Brevidade e gratuidade, dois imperativos do poema em prosa que são subvertidos: além de longos, seus textos em prosa, muita vez, destinam-se à discussão de valores estéticos.

A urgência da liberdade formal foi mais longe: ao configurar a realidade fugidia do Brasil em signo, em prosa poética, em contradição insuperável, o poema em prosa deu prova de sua mais premente modernidade.

Simone Rossinetti Rufinoni
mestranda em literatura brasileira na USP prepara dissertação sobre a prosa poética de Cruz e Sousa

"Ó Baudelaire, desolado!"

Charles, meu belo Charles voluptuoso e melancólico, meu Charles nonchalant, nevoento aquário de spleen, profeta muçulmano do Tédio, ó Baudelaire desolado, nostálgico e delicado! Onde está aquela rara, escrupulosa psicose de som, de cor, de aroma, de sensibilidade; a febre selvagem daqueles bravios e demoníacos cataclismos mentais; aquela infinita e arrebatadora Nevrose, aquela espiritual doença que te enervava e dilacerava? Onde está ela? Os tesouros d'ouro e diamante, as pedrarias e marchetarias do Ganges, as púrpuras e estrelas dos firmamentos indianos, que tu nababescamente possuíste, onde estão agora? (...) Ó Baudelaire! Augusto e tenebroso Vencido! Inolvidável Fidalgo de sonhos e imperecíveis elixires! Soberano Exilado do Oriente e do Leste! Três vezes com dolência clamado pelas fanfarras plangentes e saudosas da minha Evocação! Agora que estás livre, purificado pela Morte, das argilas pecadoras, eu vejo sempre o teu espírito errar, com veemente sensação luminosa, na Aleluia fúlgida dos Astros, nas pompas e chamas do Setentrião, talvez ainda sonhando, nos êxtases apaixonados do Sonho...

extraído do peoma em prosa "No inferno", in *Evocações*

60d MUZART, Zahidé Lupinacci. Cruz e Sousa e a crítica. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.60-63, mar. de 1998.

Cruz e Sousa e a crítica

Zahidé Lupinacci Muzart

Araripe Jr., Sílvio Romero, José Verísssimo e Roger Bastide estão entre os maiores leitores de Cruz e Sousa

A fortuna crítica de Cruz e Sousa é muito volumosa. Tem havido uma inflação de artigos, sobretudo em épocas de celebração e homenagens: cem anos de nascimento, cem anos de *Broquéis* e *Missal* e agora, nos cem anos de morte. E um certo silêncio no resto do tempo. Cruz e Sousa não se impõe com muita facilidade e ainda atordoa os jovens leitores de nosso tempo, cada vez menos afeitos à leitura e sobretudo a jogos preciosos de palavras, de imagens e repetições orquestrais como apresenta a poesia do poeta simbolista.

Curiosamente, *Missal*, ao ser publicado em 1893, apenas cinco anos depois da Abolição, e de autoria de um negro pobre e quase desconhecido nos meios literários do Rio, suscitou alguns artigos.

No jornal *O Figaro* do Rio de Janeiro, em 28/2/1893, portanto apenas editado *Missal*, foi publicado um pequeno artigo assinado por J. M. cujo texto nos surpreende por várias razões. Talvez seja o primeiro sobre o livro e as observações são ainda válidas nos dias de hoje. O que, em primeiro lugar, provoca o estranhamento do autor é o gênero que escapa às classificações. O livro, tal como seu autor, não se enquadra desde o início. O crítico compara *Missal* aos poemas em prosa de Baudelaire e de Banville. Não encontrando muitas semelhanças entre eles, porque lhe faltam "pensamentos conceituosos", decreta que "*Missal* parece escrito em sonho por um poeta. Escrito em sonho – pela incoerência das imagens e do estilo; por um poeta – porque desde a primeira à última linha sente-se a embriaguez do ritmo, da sonoridade, da música das palavras. É isto que domina tudo. Os termos, principalmente os adjetivos, perdem os seus significados exatos, ligam-se a outros diametralmente opostos, que os anulam, têm concordâncias imprevistas e paradoxais. Mas tudo isto mesmo, quando logicamente o trecho não tem significação alguma, tudo isto é arrastado pela cadência da frase, pela harmonia musical dos períodos onde as palavras vibram e cantam sonoramente."

Nesse artigo, transparece o espanto diante do novo, espanto que demonstra como foi a recepção do poeta no meio literário brasileiro. Mas, apesar deste estranhamento, desta admiração, há nele idéias interessantes. Parece-me que a sensibilidade do crítico em nota despretensiosa de jornal soube apreender as qualidades maiores de Cruz e Sousa e da nova escola que ele então iniciava. São justamente essas, as mais visíveis, trazidas pela nova estética: a musicalidade, na esteira de Verlaine, fluidez, vagueza, sonho. É surpreendente a percepção já neste primeiro artigo daquilo que viria Mário de Andrade a teorizar como o "verso harmônico": "espécie de combinação de sons simultâneos, de palavras isoladas que vibram sem conexão sintática, cujo sentido se completa com a ressonância de um outro termo isolado posto adiante, numa modalidade verbal semelhante ao 'acorde harpejado' em música" (ver a "Introdução a Cruz e Sousa", de Ivan Teixeira, em *Missal e Broquéis*, da editora Martins Fontes).

José Veríssimo

Na fortuna crítica de Cruz e Sousa, há algumas constantes que se transformam em balizas. Um dos primeiros marcos foi a crítica de Araripe Jr. em *A Semana*, uma série de artigos sobre o movimento literário de 1893, atrelada ainda a teorias de caráter racial e individual, que salienta o fato de Cruz e Sousa ser o primeiro negro "sem mescla" que se torna notório pelo talento. Em *Missal*, livro singular, teríamos "o sentimento de um africano engastado em linguagem fim de século". Cruz e Sousa seria dos "nossos poetas mais sonoros", afirmação que se repetiu desde então. A partir de Araripe, cristaliza-se o tema do "poeta negro puro" talentoso.

Depois dele, são muito importantes os artigos de Nestor Vítor, o grande amigo de Cruz e Souza, artigos cheios de amizade e, ao mesmo tempo, compreensão de sua poesia. Pode-se arriscar a hipótese de que, sem Nestor Vítor, a obra de Cruz e Sousa estaria fadada ao esquecimento, apesar de sua importância. Conta-se que por causa dele, e talvez seja anedótico, Sílvio Romero converteu-se em grande admirador do poeta, chegando a dizer que Cruz e Sousa seria "o ponto culminante da lírica brasileira em quatrocentos anos de existência"!

Ao lado desses, aparece a nota dissonante da severa crítica de José Verissimo (Cruz e Sousa – "um parnasiano que leu Verlaine"), transformada, mais tarde, em sóbrios elogios, tendo confessado então que havia matéria de poesia em Cruz e Sousa mas que, "além da música das palavras, do dom de melodia, que é comum nos negros, não sentia no poeta capacidade de expressão".

O segundo marco da crítica, talvez o mais importante e que mudará a direção dos estudos sobre o poeta, são os quatro ensaios do professor francês, então lecionando na USP, Roger Bastide. A idéia-chave de *A nostalgia do branco* é de que a arte sempre foi um meio de classificação social. Ele a desenvolve, contrapondo a raça do poeta, num país de escravidão, aos temas preferidos pelo simbolismo. Vê (e fundamenta por séria

Os livros do Centenário

Os seguintes livros de Cruz e Sousa e a respeito de sua obra estão com lançamento previsto para este ano:

- *Dispersos – Poesia & Prosa*, de Cruz e Sousa, edição crítica de Iaponan Soares e Zilma Gesser Nunes. Editora Giordano/Editora da Unesp
- *Faróis*, de Cruz e Souza, edição fac-similar organizada por Ivan Teixeira. Ateliê Editorial
- *Poemas de Cruz e Sousa* (edição paradidática), org. de Eglê Malheiros. Edição da Comissão Estadual do Centenário de Morte Cruz e Sousa
- *Cruz e Sousa e Baudelaire – Satanismo poético*, de Marie Hélène Torres. EDUFSC (Editora da Universidade Federal de Santa Catarina)
- *Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul*, de Rodrigues Till (reedição). Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul
- *Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense*, de Henrique da Silva Fontes. Fundação Catarinense de Cultura

leitura) o uso da cor branca na poesia de Cruz e Sousa como o desejo de mudar mentalmente de cor.

Essa idéia tem-se repetido desde então em quase todos os artigos e ensaios que se seguiram, embora este não seja o ponto mais importante da crítica de Bastide, mas sim os notáveis estudos comparativos. Bastide retirou o poeta catarinense da província e colocou-o no mundo. Todos os seus estudos são valorativos, seja comparando Cruz e Sousa a Baudelaire, ou talvez, com muito exagero, ligando-o a Stefan George e Mallarmé, formando a chamada "tríade simbolista".

Augusto de Campos duvidou da pertinência da comparação, no artigo *Simbolismo: retrato sem retoque* (*Correio da Manhã*, 27/4/1957): "... a tentativa de projetar o nosso simbolismo num panorama internacional, feita por Roger Bastide, ao situar Cruz e Sousa, ao lado de Mallarmé e Stefan George, na grande 'tríade harmoniosa da poesia simbolista', não passa de um *beau geste* de um bom amigo do Brasil. Não resiste a uma análise objetiva. É abismal a distância entre a consciência estética e crítica da obra de Mallarmé e a de Cruz e Sousa."

A partir de Bastide, cristalizou-se a idéia do negro desejoso de ser branco. Daí sucederem-se artigos cujos títulos já traem sua filiação, por exemplo, "o poeta negro", "o poeta negro que tinha a poesia branca", "o cisne negro", "o papa negro", "o Dante negro" e, assim por diante, infindáveis vezes aparece a palavra "negro" nos títulos qualificando o poeta. Não estaria aí um resquício de racismo disfarçado ou a sobrevivência das críticas do final do século de Araripe ou de Veríssimo?

Parece ter sido Mário de Andrade, além de Nestor Vítor, um dos primeiros a associar a poesia de Cruz e Sousa às vanguardas européias, aos vários "ismos" tal como o dadaísmo, vendo nele um precursor. Essas idéias de Mário vêm sob a forma de notas marginais no livro de Cruz e Sousa, *Obras completas* (Introdução de Nestor Vítor). A marginália de Mário foi selecionada e analisada por Nites Therezinha Feres em sua tese, *Leituras em Francês de Mário de Andrade* (USP, 1966). Reproduzo algumas dessas anotações que mais revelam, talvez, de seu autor, o poeta modernista, do que do próprio simbolista.

"Cruz e Sousa, sem intenção de fazer espírito, muito mais que perturbado por simbolismo, é um verdadeiro precursor do dadaísmo. Atingindo o impressionismo mais destrutivo, por meio de sucessões de idéias que se ligam não mais por meio de inteligência, mas muito mais por associações muitas vezes totalmente subconscientes e pessoais. A rima é um meio construtor definitivo dos seus poemas. As idéias nascem das rimas e daí muitas vezes um imprevisto delicioso, desconcertante, eminentemente lírico, mas eminentemente impressionista e destrutivo também."

Além dessa explicação mais longa, há pequenos e incisivos comentários ao lado dos poemas que mais o impressionaram. Por exemplo, ao lado do poema "Violões que choram", ele escreve: "Inegavelmente, uma obra prima, o *Bateau ivre* da literatura brasileira." Ao final de "Pressago": "Do mais legítimo dadaísmo. É como a minha página 'trágica', onde acumulei sem concatenação de idéias, idéias sinistras."

O que Mário chama de "dadaísmo" fundamentaria muitas das inquietações e estranhamentos sentidos pelo leitor atual de Cruz e Sousa. São tais estranhamentos que, desde 1993, ano do centenário de *Broquéis* e *Missal*, instigaram alguns ensaístas a escrever sobre a "modernidade" do poeta simbolista tais como Gilberto Mendonça Teles, no ensaio "Do Polichinelo ao Arlequim" *(A escrituração da escrita*, Vozes, 1996). Neste texto, Gilberto analisa a influência de Cruz e Sousa em Mário de Andrade, referindo-

Um dos primeiros marcos da recepção crítica de Cruz e Sousa foi a série de artigos escrita por Araripe Jr., que ainda está atrelado a teorias de caráter racial, cristalizando o tema do "poeta negro puro", mas que simultaneamente define o escritor como um dos "nossos poetas mais sonoros"

Araripe Júnior

se ao poema *Marche aux flambeaux*, salientando a sátira ao burguês e todo um sentido de carnavalização que anteciparia de muito "as preocupações de Manuel Bandeira com carnaval e bebedeira, toda uma situação de desvairismo."

Para Gilberto, o poema *Marche aux flambeaux*, só publicado em *O livro derradeiro*, recolha de dispersos, por Andrade Muricy, "é o cordão umbilical que liga o simbolismo à linguagem irônica e humorística dos primeiros tempos modernistas".

Outro analista que estudou a modernidade de Cruz e Sousa foi Ivan Teixeira na introdução à edição facsimilar de *Broquéis*, publicada pela Edusp, em 1994, lindíssima edição com capa dura em papel reciclado, de raro gosto. Em seu texto, Ivan Teixeira faz também minuciosa análise das diferenças entre *Broquéis* e a poesia de sua época, afirmando que Cruz e Sousa, com este livro "é o verdadeiro inventor do verso harmônico na literatura brasileira, verso teorizado e proposto por Mário de Andrade no *Prefácio interessantíssimo* (1922)".

Desse modo, a aproximação entre Mário de Andrade e Cruz e Sousa, segundo Ivan Teixeira, "não enfatiza tanto o alcance das inovações de *Broquéis* quanto relativiza o alcance das inovações de *Paulicéia desvairada*, que é efetivamente um livro de concepção conservadora, sem acrescentar muita coisa de essencial às conquistas do Simbolismo".

Entre os vários estudos sobre Cruz e Sousa, salientam-se aqueles que lançam balizas e que fazem, ao mesmo tempo, avançar o conhecimento do poeta, abrindo assim o caminho para os leitores. Além dos sérios estudos de Nestor Vítor, Roger Bastide, Andrade Muricy e dos que mencionei acima, salienta-se um estudo de feição despretensiosa do poeta Paulo Lemisnki, publicado na coleção *Encanto Radical* da Brasiliense nos idos de 1983. Um texto instigante, um dos melhores que já se escreveu sobre tudo o que de novo trouxe o poeta simbolista para a poesia brasileira. É também um dos textos que demonstram porque Cruz e Sousa foi mais um poeta do século XX, antecipando por suas iluminações e tendência ao expressionismo toda uma poesia posterior. Um verdadeiro profeta, sem o saber. Ou saberia??

Zahidé Lupinacci Muzart
professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), crítica literária, organizadora, ao lado de Iaponan Soares, de Cruz e Sousa: No centenário de Broquéis e Missal *Editora da UFSC/FCC Edições)*

61 IVO, Ledo. Sobre Cruz e Sousa. Conferência pronunciada no dia 14 de maio de 1998 na solenidade promovida pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o centenário de morte de Cruz e Sousa.

Sobre Cruz e Sousa

Quer por um imperativo de simplificação, quer pelo propósito de proceder ao aprofundamento dos atos e circunstâncias, somos sempre inclinados a conferir um sentido simbólico às cenas e ocorrências que, ao emergir da rotina dos dias, se deixam cercar por uma aura insólita. Dir-se-ia que o acontecimento ~~singular~~ inusual promulga uma singularidade que nos leva à interpretação correta e à leitura judiciosa. E, assim, ele nos aparece dotado de uma verdade e até de uma fatalidade que nos tranqüiliza e permite que nos apliquemos às dissertações mais vastas ou imaginosas.

Na história da literatura brasileira, nenhum acontecimento é mais denso e rico dessa nota extraordinária em que um episódio parece resumir e explicar toda uma jornada da existência, outorgando-lhe uma verdade final, do que a morte de Cruz e Sousa, há precisamente um século. Devastado pela tuberculose, ele morre em Barbacena e seu corpo, envolvido num saco de estopa, é trasladado para o Rio de Janeiro num vagão destinado ao transporte de cavalos.

Os temperamentos menos afeiçoados ao lado misterioso da vida não se recusam a reconhecer uma espécie de coerência cruel que impera em certas ~~vidas~~ existência até o desfecho. No caso de Cruz e Sousa é como se a própria morte se tivesse incumbido de punir uma de suas vítimas com uma humilhação derradeira, conferindo uma visibilidade inexorável a uma maldição.

A condição de negro puro o conduziu a uma notória marginalidade social, ora ostensiva, ora mascarada pela tolerância dos convívios inevitáveis. E, ao lado dessa separação, a qualidade de poeta simbolista terá criado em torno dele fronteiras e hostilidades mais intransponíveis ainda.

Quando da criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, uma ano antes da morte de Cruz e Sousa, o seu nome foi lembrado para ser um dos seus integrantes. O fato de o poeta ser negro não haveria de constituir obstáculo relevante para o seu ingresso na instituição. O mulato escuro Machado de Assis imperava na formação do novo cenáculo, respeitosamente rodeado de numerosos e entusiásticos mestiços claros. E, a propósito de Machado de Assis , vem a talho de foice relembrar que a majestade das letras, o seleto convívio social e a amizade que o unia ao aristocrático Joaquim Nabuco já o haviam praticamente embranquecido - e de tal modo que, no seu atestado de óbito, ele figura como pertencente à raça branca.

Também entre os fundadores da Academia trafegava, com o invejável desembaraço que ainda hoje confunde os seus biógrafos, o negro José do Patrocínio - amigo e companheiro de Cruz e Sousa, e que haveria de incumbir-se do sepultamento do poeta no Rio de Janeiro, vencida a humilhante etapa ferroviária do vagão de transporte de cavalos.

Foi o Simbolismo, esse movimento poético tão emparedado como o próprio poeta, que vedou a entrada de Cruz e Sousa na instituição que, em seu nascedouro, se tornou a grande fortaleza do Realismo, do Parnasianismo e do ~~Realismo~~ Naturalismo, sob a regência férrea de Machado de Assis,

Coelho Neto, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, e a vigilância crítica de José Veríssimo. Nesse ambiente que conferia à Arte um sentido quase religioso, e na qual os condores românticos tinham sido substituídos pelos buriladores e cinzeladores do verso e da prosa, não havia lugar para o branco cisne simbolista - e muito menos para o insólito, incômodo, indesejável e talvez inexplicável cisne negro.

A incompreensão crítica que rodeou o Simbolismo brasileiro pode ser aferida pela famosa critica de José Veríssimo que figura na 6ª série de seus Estudos de Literatura Brasileira.

Nela, o insigne crítico sustenta que a poesia de Cruz e Sousa decorre de sua condição de preto - e de "preto ignorante", para repetir aqui as suas duras palavras. Para José Veríssimo, todos os versos do poeta de Broquéis "Têm a monotonia barulhenta do tam-tam africano". A sua música, que enfeitiça o leitor de agora pelo seu mágico poder de envolvimento rítmico e verbal, ele a atribui ao "dom da melodia, que é comum nos negros". O grande crítico e historiador literário chega mesmo a condenar Cruz e Sousa pela sua "impossibilidade de exprimir o que acaso sentiria - ou talvez não sentisse, não vendo na poesia senão uma acumulação melodiosa de palavras". E completa: "É o que explica o seu processo, um verdadeiro cacoete, próprio dos primitivos, das repetições enfáticas, substituindo expressões que lhe faltam". Assim, para o grande crítico do nosso Realismo, a importância da poesia de Cruz e Sousa - desse "negro bom, sentimental, ignorante, de uma esquisita sensibilidade" - não passava de uma carinhosa invenção ou farsa de amigos, já que o poeta não possuía, a seu ver, "nenhuma concepção teórica de sua arte, nenhuma estética a comunicar, nem sequer, creio eu (isto é, crê José Veríssimo), consciência de sua arte".

Pessoalmente, prefiro o crítico que erra por convicção ao que acerta por acaso. Por isso, entendo que, embora esquálida, a crítica de José Veríssimo à poesia de Cruz e Sousa não deve ser condenada ou rejeitada. Ela marca um momento histórico, e até um momento estético; e este, magnificando uma doutrina, tende sempre a menosprezar ou excluir a diferença.

A leitura do universo poético de Cruz e Sousa, neste ano do centenário de sua morte, aponta evidentemente para uma direção contrária àquela que José Veríssimo tanto exaltou. Não a África dos batuques e ritos ancestrais, mas a civilizada e refinada Europa que produziu o Simbolismo e permitiu que um negro brasileiro, com o seu gênio singular, transplantasse para a língua portuguesa ritmos, imagens, analogias, metáforas, a sua festa de assoâncias, aliterações, enumerações ordenadas e caóticas, e toda uma retórica peregrina.

Os processos e exemplos de expressão lírica verberados por José Veríssimo e outros críticos do seu tempo não são africanismos, e sim musicalidades e europeísmos requintados.

Foi nela, nessa Europa que associou o Símbolo à criação poética, que Cruz e Sousa, leitor e admirador fervoroso dos parnasianos e simbolistas franceses, especialmente de Victor Hugo e Baudelaire, hauriu a lição magistral que haveria de firmar e afirmar a sua esplêndida marginalidade e genial diferença.

Em Cruz e Sousa ocorreu, por caminho diferente, aventura estética assemelhada à de Machado de Assis: a do embranquecimento pela cultura buscada nas mais requintadas e prestigiosas fontes ocidentais, com um extraordinário poder de assimilação do qual resultou o aprimoramento pertinaz dos dons nativos convertidos em suprema arte literária e poética.

Lembro, aliás, que essa operação, em que um talento ou um gênio nativos se apoderam antropofagicamente dos alimentos espirituais da Europa, transformando-os em pantagruélicos banquetes pessoais, nem sempre inspira aceitação ou simpatia. Assim, o sertanejo Graciliano Ramos costumava chamar Machado de Assis de "negro metido a inglês".

No trajeto do reconhecimento de Cruz e Sousa como um dos maiores poetas produzidos pelo nosso país, e pela nossa língua, devemos ao ensaista francês Roger Bastide uma consagradora fixação hierárquica. Ele colocou o nosso poeta ao lado do alemão Stefan George e do francês Stéphane Mallarmé, considerando-os os três grandes expoentes universais do Simbolismo.

A fina observação de Roger Bastide, exarada na década de 40, não foi empalidecida pelo tempo; e ainda hoje ela deve ser preservada, especialmente se levarmos em conta que a poesia é uma operação lingüística e etimológica, um encantamento produzido pelo agenciamento das palavras e estruturação da linguagem.

Nesse plano encantatório e musical, o nosso Cisne Negro não se secundariza. As suas penas escuras são tão pulcras e augustas como as dos preclaros cisnes brancos do outro lado do Atlântico. Uma aura lhe circunda a poesia - e eu diria, mesmo, que ela é profundamente europeizada, dotada de um clima de estrangeiridade que às vezes alcança o paroxismo. O leitor e assimilador dos clangores hugoanos está presente nos primeiros poemas, no parnasianismo que haveria de sustentar a sua expressão definitiva. E, ao lado de Victor Hugo, outras leituras e assimilações, e até paródias e empréstimos inevitáveis, atravessam e nutrem a sua arte poética, identificando-o como um leitor reiterado de Baudelaire, tanto de seus versos como de seus poemas em prosa, e até da teoria das correspondências. E ele ostenta ainda a musicalidade embaladora de Verlaine e um certo hieratismo ou marmorização do verso, procedimento haurido decerto em Théopnile Gautier.

Até mesmo o funambulismo do hoje esquecido Banville encontra adequação na poesia de Cruz e Sousa. E, finalmente, há a presença larga de Mallarmé. Não apenas os faunos o perseguiram. Em sua vida, Cruz e Sousa experimentou "le fouet d'um monarque rageur, Le Guignon" ("o chicote de um monarca enraivecido, o Azar").

Uma formação estética harmoniosa rege a trajetória do negro Cruz e Sousa, impondo-o como um dos poetas mais brancos de nossa história, no tocante aos seus meios de expressão e aos seus interesses e curiosidades culturais. Essa brancura, que se assenta nos processos poemáticos e versificatórios, e em sua auréola espiritual, não esconde, porém, as numerosas ilhas de negritude, em que o poeta alude à sua raça, à sua classe, ao amargurado e desamparado destino pessoal gerado pela sua cor humilhada e até amaldiçoada.

Num de seus sonetos, ele assim exprime:

Neste mundo tão trágico, tamanho,
Como eu me sinto fundamente estranho
E o amor e tudo para mim avaro ...

Ah! Como eu sinto compungidamente,
Por entre tanto horror indiferente,
Um frio sepulcral de desamparo.

Horror, estranheza, indiferença, desamparo - estes sentimentos percorrem toda a poesia de Cruz e Sousa, como o selo de sua condição. E, no poema "As devotas", ele alude

À raça que se amortalha
No horror que não se define ...

A condição pessoal se casa, visceralmente, ao estranhamento e marginalidade que o Simbolismo outorgou aos seus sequazes. Todo o empório estilístico da escola, inclusive a transição expressional em que o parnasianismo se endereça a uma nova estética, está em Cruz e Sousa, como um legado fulgurante. Uma estranheza existencial esplende na refinada arte poética dos sonetos de Faróis, que parecem buscar uma perfeição além da perfeição.

Numa vertigem imprecatória, o poeta protesta contra a sua ínfima situação terrestre. Na catadupa rítmica dos refrões, repetições e reiterações, a sua musicalidade arrasta uma soberba procissão de imagens e visualidades. Poeta extremamente sensível à transição e variação das horas e dos dias, Cruz e Sousa explora o cromatismo das paisagens que esvaecem e se eterizam como que musicalizadas, convocando assonâncias e dissonâncias para registrar essas mutações.

Desde os primeiros poemas até os derradeiros, uma queixa interminável se eleva rumo ao céu mudo, atrelada a um desfile de sinestesias perturbadoras. As palavras, prismáticas, fulguram como jóias da melhor água. Dotado desses sortilégios sucessivos, o poema de Cruz e Sousa se torna grávido de significados diversos ou numerosos. São dicções de um território difícil demarcação: da noite que é dia, do dia que é noite, da tarde que é manhã. A abolição do cotidiano abre a porta para todas as misteriosidades e impenetrabilidades, da mais chã à mais sideral. Em toda a poesia em língua portuguesa, ninguém alcançou, como Cruz e Sousa, esse poder de encantação que faz da poesia uma persistente alquimia do verbo, dentro da mais ortodoxa lição rimbaldiana.

A sua poesia não é apenas uma linguagem específica e pessoal dentro do vasto território da língua comum. É uma linguagem dentro da própria linguagem poética: uma lunaridade que confere clareza e pulcritude à escura noite da alma e uma solaridade atropelada de sombras e clamores. Numa fusão misteriosa, noite e dia ao mesmo tempo clareiam e ensombrecem a atormentada marcha do poeta em busca das brancuras cósmicas e espirituais dos mundos estelares e das almas aflitas, e das brancuras das carnes femininas que povoam os seus sonhos de negro sensual. E ele celebra tanto as "Brancuras imortais da Lua Nova" como as mãos e os seios e os corpos brancos:

Ó Mãos ebúrneas, Mãos de claros veios,
Esquisitas tulipas delicadas,
Lânguidas Mãos sutis e abandonadas,
Finas e brancas, no esplendor dos seios.

Em outro soneto, 'As hóstias", ele confere um sentido ao mesmo tempo religioso e sensual à união com uma mulher branca:

Como num templo, numa clara igreja,
Que o sonho nupcial gozado seja,
Que eu durma e sonhe nos teus níveos flancos.

Contigo aos astros fúlgidos alado,
Que sejam hóstias para o meu noivado
As flores virgens dos teus seios brancos!

Note-se que, nesse soneto, até a igreja é clara. Em sua poesia, Cruz e Sousa utiliza, com freqüência, vocábulos do glossário litúrgico ou eclesial. É um dos procedimentos estilísticos mais contumazes da escola simbolista, caracterizada pela luxuosidade da linguagem e adoção de palavras raras, como se pode verificar em Yeats, Mallarmé, Rubén Dario, Stefan George, J. K. Huysmans. O festival de brancuras e luminosidades que domina a sua poesia - uma brancura estilística de adepto fervoroso do Simbolismo, uma brancura obsessional ancorada no mais fundo de sua psicologia e de sua fisiologia de homem de cor - não o impede de cantar a beleza negra.

Em muitos dos seus poemas, a negra Gavita, - com quem se casou em 1893 - surge de forma ora ostensiva, ora alusiva ou metafórica; e o poeta partilha com ela os seus sonhos e desgraças, endereça-lhe a sua inquietação metafísica e os seus ambíguos anseios carnais, protesta contra as misérias que os rodeiam e exprime as nostalgias de uma vida mais alta e mais pura.

Gavita, como se sabe, deu-lhe três filhos, que morreram tuberculosos. E ela mesma morreu louca e tuberculosa, em 1901, o que acentua ainda mais a veemência do guignon mallarmeano, do mau olhado, do destino impiedoso que perseguiu Cruz e Sousa e sua família.

O negror da noite, dos corpos dos escravos nas senzalas, de certas cabeleiras, dos escuros vinhos embriagadores, remetem para os temas em que o poeta mergulha na treva, nela reconhecendo a sua pátria primitiva, a sua origem e a fatalidade do seu destino.

O encanto ou enfeitiçamento verbal, essa magia da linguagem que se torna clara à força de ser obscura e sibilina, levou Cruz e Sousa a criar, com o seu estranhamento, um território mágico em que o homem proclama a sua solidão e emparedamento, a impossibilidade de realizar uma comunicação ou uma comunhão com os seus semelhantes e, num tom imprecatório, de dor e revolta, lamenta a miséria de sua travessia terrestre, o seu emparedamento social e existencial. O alto e raro lavor poético desse lamento lancinante assegura ao poeta um lugar excelso na poesia brasileira.

Nesse páramo, ele se distingue pela sua estrangeiridade: cisne negro entre as águias e sabiás do Romantismo, os canários do Parnasianismo e os papagaios do Modernismo. Contudo, há regionalismo como que escondido ou disfarçado em Cruz e Sousa. As suas névoas e brumas, que uma leitura inocente poderá conduzir à conclusão de que ele transplantou para a nossa língua o clima dos simbolistas franceses e belgas, como Verlaine e Rodenbach, não destoam das névoas e brumas da cidade de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, onde ele nasceu, em 1861. No seu desamparo e deslumbramento cósmicos freme a contemplação do vasto céu brasileiro. As suas ilhas aparentemente imaginárias bem podem ser as de sua terra nativa, esse Estado de Santa Catarina que tão cedo e tão belamente soube reconhecer o gênio poético de seu filho negro e filho de escravos. E os pinheiros que se erguem airosamente em seus versos poderão ser menos europeus do que se pensa, desde que ornam as formosas paisagens catarinenses. Mesmo a obsessão de mulheres brancas e louras não se distancia do ambiente natal, do Brasil diferente colonizado por alemães e açorianos, poloneses e italianos. Assim, a alienação geográfica de Cruz e Sousa pode ser apenas o resultado de uma leitura parcial e preconcebida. Paira em toda a sua obra poética uma fulguração tropical que é o selo vistoso de sua natividade e brasilidade.

Um século transcorreu desde o dia em que um trem, vindo de Barbacena, trouxe o corpo de Cruz e Sousa, num saco de estopa, estendido num vagão destinado ao transporte de cavalos. Nestes cem anos a sua obra percorreu um itinerário consagrador,

Sorrindo a céus que vão se desvendando
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo!

O poeta maldito se tornou um dos nossos clássicos mais eminentes.

Cruz e Sousa é hoje um dos nossos poetas nacionais, ao lado de Castro Alves, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. A sua voz é uma das mais altas

No silêncio das noites estreladas.

Rendida a essa condição gloriosa de Cruz e Sousa, e associando-se às comemorações que assinalam o centenário de sua morte, a Academia Brasileira de Letras ora o festeja, reverente e arrependida por não ter feito dele um dos nossos.

Conferência pronunciada pelo Acadêmico Lêdo Ivo no dia 14 de maio de 1998, na Solenidade promovida pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o Centenário de morte de Cruz e Sousa.

2.1 DOCUMENTOS RELACIONADOS A CRUZ E SOUSA

01 – Convite lançamento do livro Vozes Veladas: peças em 2 atos de Eglê Malheiros. 14 de dez. de 1995
02 – Cruz e Sousa. I Shakespeare. Museu / Arquivo da Poesia Manuscrita
03 – Gravuras / retratos de Cruz e Sousa
04 – Folder da semana Cruz e Sousa. 18 a 22 de maio de 1998. – LLV-CCE-UFSC
05 – Folder's do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura
06 – Convite – Painel Cruz e Sousa e Desterro de seu tempo – 20 de maio de 1998. IHG/SC
07 – Folder – Peça Vozes Veladas – 25/08/94
08 - Programação do centenário de morte de Cruz e Sousa, proposta da Comissão Estadual do Centenário.
09 – Centenário de Morte de Cruz e Sousa 1898-1998 – Ante-projeto de Realização

1.

Convite

A Editora Movimento / Porto Alegre, tem a honra de convidar V.Sa. e Exma. Família, para o lançamento do livro VOZES VELADAS, peça em dois atos de Eglê Malheiros, sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa. Na ocasião haverá leitura dramática de trechos da peça, pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, direção de Carmen Fossari.

Local: Museu Cruz e Sousa - Praça XV
Dia: 14/12/95 (quinta-feira)
Horário: 20 horas.

2.

Cruz e Sousa

I

Shakespeare

MUSEU/ARQUIVO DA POESIA MANUSCRITA

Cruz e Sousa

I

Shakespeare

MUSEU/ARQUIVO DA POESIA MANUSCRITA

3.

Cruz e Sousa

4.

INFORMAÇÕES

1. Os interessados em apresentar uma comunicação deverão enviar ao Departamento de LLV, até o dia 8/5, a Ficha de Inscrição e resumo.

2. A exposição durará, no máximo, 20 minutos, e o texto final, que deve ser entegue à coordenação do evento, não poderá exceder a dez páginas papel A4, espaço 1,5, fonte Times New Roman, tamanho 12.

3. O pagamento da taxa de inscrição poderá ser feito no início do evento e dará direito a certificado quando a participação for superior a 75% das atividades.

Coordenação: Prof. Dr. Lauro Junkes
junkes@cce.ufsc.br
Informações e inscrições no Departamento
de Língua e Literatura Vernáculas
fones: (048)331 9293/9706
fax: (048)331 9988
www.cce.ufsc.br

001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

SEMANA CRUZ E SOUSA

(1861-1898)

Homenagem no centenário de morte do instaurador do simbolismo brasileiro

18 a 22 de maio de 1998
LLV/CCE/UFSC
sala 130 do CCE

"Tú és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado
De belezas eternas pouco a pouco"
Cruz e Sousa

Graças ao trabalho genial de um provinciano negro, nascido em Santa Catarina, João da Cruz e Sousa, um "louco da imortal loucura", projetou-se, em 1891, o Simbolismo na Literatura Brasileira, mesmo lutando contra todas as diversidades da opinião pública da época, controlada pelo Quarto Poder do Jornalismo e pelas proeminências do Parnasianismo.

Para Alceu Amoroso Lima, "Cruz e Sousa é um caso único na Literatura Brasileira e mesmo nas letras latino-americanas", tratando-se de "uma revelação para as letras universais".

Roger Bastide, um insuspeito francês, associou Cruz e Sousa à fina flor da poesia francesa - Baudelaire, Mallarmé, Verlaine e Valéry, afirmando: "Cruz e Sousa é uma experiência sofrida e vivida do simbolismo no interior de uma busca espiritual" e lhe conferiu "situação à parte na grande tríade harmoniosa: Mallarmé, Stephan George e Cruz e Sousa".

Prof. Lauro Junkes
*Prof. do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
Coodenador da Semana Cruz e Sousa

PROGRAMA

I. CURSO: ***"Cruz e Sousa - Um Canto à Margem - O Simbolismo e Suas Relações com a Modernidade"***
Ministrante: Profª Dra. Ivone Daré Rabello (USP)
de 18 a 22 de maio de 1998, das 9h às 12h

II. COMUNICAÇÕES
De 18 a 21 de maio, das 14h às 15h
Duração: 15 minutos. Enviar resumo até 8 de maio

III. PALESTRAS
Diariamente a partir das 15h30min

18/5 - ***"Metafísica do sofrimento em Cruz e Sousa"***
Prof. Dr. Ivan Teixeira (USP)

19/5 - ***"Sociedade e sublimação - Cruz e Sousa e o fim do século"***
Prof. Dr. Godofredo de Oliveira (UFRJ)

20/5 - ***"Cruz e Sousa, a exceção confirma a regra"***
Profª Dra. Zilá Bernd (UFRGS)

21/5 - ***"Prosa Poética de Cruz e Sousa"***
Simone Rossinetti Rufinoni (USP)

22/5 - ***"Cruz e Sousa: transcendência e participação"***
Prof. Domício Proença Filho (UFF)

FICHA DE INSCRIÇÃO

Inscrições no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, sala 223. Valor: R$ 10,00

Nome.....

Profissão.....

Endereço.....

Cidade.....UF.....

CEP.....

Fone.....

E-mail.....

Instituição de origem.....

.

Participação:

( )sem apresentação de trabalho

( )com apresentação de trabalho (enviar até 8/5, inclusive por e-mail)

título .....
.....
.....

05 - Folder's do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

João da Cruz e Sousa nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina, em 1861.

Muito cedo começou sua carreira jornalística e literária, tendo trabalhado em jornais da província catarinense e do Rio de Janeiro.

Engajando-se de corpo e mente na campanha abolicionista, percorreu várias províncias realizando conferências, do sul ao norte.

Residindo no Rio de Janeiro a partir de 1890, integrou-se ao movimento simbolista, do qual se tornaria a principal figura no país.

Casou-se em 9 de novembro de 1893, com Gavita Rosa Gonçalves, negra como ele, com quem teve quatro filhos, passando a viver modestamente com os parcos rendimentos de funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Num ambiente literário em que o parnasianismo dominava, restringia-se o espaço e, consequentemente, a importância do movimento simbolista e de seus seguidores, fato que, aliado às amarguras pessoais de nosso poeta, talvez explique a intensa morbidez presente em vários momentos de sua belíssima produção literária.

Em 19 de março de 1898, faleceu na estação de Sítio, Minas Gerais, de onde partiu seu corpo num vagão destinado ao transporte de animais engatado no trem mineiro. Foi enterrado no cemitério de São Francisco Xavier no Rio de Janeiro.

Suas obras publicadas em vida foram: MISSAL E BROQUÉIS (1893) e EVOCAÇÕES (1898). Postumamente, foram publicados: FARÓIS (1900) e ÚLTIMOS SONETOS (1905).

Em 1998, assinala-se o Centenário da Morte de Cruz e Sousa.

PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Gerência de Letras
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica
88.025-202 - Florianópolis - SC
Fone: (048) 234-9848
Fax: (048) 234-9850

PROJETO CULTURA VIVA

FCC Fundação Catarinense de Cultura

Secretaria da Educação e do Desporto

SC GOVERNO DE SANTA CATARINA

02

PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA

POESIA
CONTO
ROMANCE
ENSAIO

1 9 9 7

1998 - CENTENÁRIO DA MORTE DE CRUZ E SOUSA

REGULAMENTO

*O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, promove anualmente o "**PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA**", nas categorias de poesia, conto e romance, com o objetivo de distinguir obras inéditas de autores brasileiros, em âmbito nacional e estadual.*

*Nesta edição, inclui ainda a categoria ensaio, com a temática "**Vida e Obra de Cruz e Sousa**", como homenagem ao maior poeta simbolista brasileiro.*

1. DAS INSCRIÇÕES E PREMIAÇÃO

1.1 - Concorrem no âmbito nacional, obras escritas em língua portuguesa de autores brasileiros residentes no país.

1.2 - Concorrem simultaneamente nos âmbitos nacional e estadual, obras escritas em língua portuguesa de autores catarinenses e demais brasileiros residentes no Estado de Santa Catarina, há mais de 5 (cinco) anos.

1.3 - Cada autor poderá se inscrever em mais de uma categoria, com qualquer número de trabalhos inéditos.

1.4 - Para efeito de inscrição os concorrentes deverão apresentar:

1.4.1 - Os originais em 4 (quatro) vias, datilografados ou digitados em espaço 2 (dois), numa só face do papel ofício, com título, todas as páginas numeradas, rubricadas sob o pseudônimo e encadernadas com espiral.

1.4.2 - Um envelope anexo, opaco e rigorosamente fechado, contendo internamente o pseudônimo, nome completo do autor, currículo sucinto, endereço, telefone, naturalidade, data de nascimento, número da identidade e número do CIC; e externamente, o pseudônimo, o título da obra e a categoria em que concorre (poesia, conto, romance ou ensaio).

1.5- Os originais deverão ser inéditos, com um mínimo de 50 (cinqüenta) e um máximo de 250 (duzentos e cinqüenta) páginas, sendo que a divulgação dos mesmos por qualquer razão, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

1.5.1 - Os trabalhos de ensaio deverão ter no máximo 100 (cem) laudas.

1.5.2 - Os trabalhos de ensaio deverão ter como temática: "Vida e Obra de Cruz e Sousa".

1.6 - Os originais deverão ser remetidos até o dia 28 de novembro de 1997, impreterivelmente, para:

Prêmio Cruz e Sousa de Literatura
Fundação Catarinense de Cultura - Gerência de Letras
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica
Florianópolis/SC - CEP 88025-202.

1.7 - Os trabalhos enviados pelos correios deverão ser encaminhados por SEDEX, sendo considerada, para efeito de atendimento ao prazo de inscrições, a data de postagem.

1.8 - A Fundação Catarinense de Cultura não se responsabiliza por extravios ou danos causados durante o transporte dos originais.

1.9 - Os originais serão avaliados por uma Comissão Julgadora formada por 3 (três) membros de reconhecida competência, designados pela Fundação Catarinense de Cultura, para cada categoria.

1.10 - Os trabalhos das Comissões Julgadoras terão início após o término das inscrições e deverão estar concluídos no prazo de 90 (noventa) dias.

1.11 - Será premiada uma obra literária inédita, que possa dar origem a um livro, em cada uma das categorias - poesia, conto e romance - nos âmbitos nacional e estadual.

1.11.1 - Nas categorias conto, romance e poesia, haverá um prêmio único para o primeiro colocado, que receberá a quantia de R$ 10.000,00 (dez mil reais) no âmbito nacional e R$ 5.000,00 (cinco mil reais) no âmbito estadual.

1.12 - Na categoria ensaio, haverá um prêmio único nacional para o primeiro colocado, que receberá a quantia de R$ 10.000,00 (dez mil reais).

1.12.1 - Na categoria ensaio, a Comissão Julgadora levará em consideração os seguintes critérios: abordagem do tema; fundamentação em trabalho de pesquisa e/ou bibliográfica; consistência e desenvolvimento da argumentação.

1.13 - As decisões das Comissões Julgadoras são irrecorríveis, reservando-se o direito de não atribuir o prêmio e de conferir quantas menções honrosas julgar necessárias.

1.14 - Os resultados do PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA serão divulgados até o dia 5 de março de 1998, pela imprensa e por comunicação aos vencedores.

2 - DA PUBLICAÇÃO

2.1 - Cada autor premiado assinará contrato com a Fundação Catarinense de Cultura para a edição de um livro, ficando liberados os direitos para as posteriores edições, sendo que cada um receberá 30 (trinta) exemplares.

2.1.1 - A publicação dos textos vencedores ocorrerá no prazo de 1 (um) ano, a contar da data da divulgação dos resultados.

2.2 - A Fundação Catarinense de Cultura se encarregará da distribuição dos livros publicados para bibliotecas públicas de Santa Catarina e outras instituições culturais do país.

3 - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

3.1 - A remessa dos originais constituirá, por si só, a inscrição no PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA, dela se depreendendo a aceitação, por parte do concorrente, das normas contidas neste regulamento.

3.2 - Os originais inscritos não serão devolvidos e, após o julgamento, serão reciclados.

3.3 - É vedada a participação de funcionários ou servidores à disposição da Fundação Catarinense de Cultura.

3.4 - Os casos omissos serão decididos em conjunto pelas Comissões Julgadoras e pela Fundação Catarinense de Cultura.

CAMINHO DA GLÓRIA

Este caminho é cor-de-rosa e é de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremecem;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho,

Os seres virginais que vêm da Terra,
Ensangüentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

ESTADO DE SANTA CATARINA

Nossa poesia é nossa gente.

PRÊMIO CRUZ E SOUSA

CONCURSO NACIONAL DE POESIA

Desenho original de Cecília Meireles

REGULAMENTO

Em homenagem ao poeta catarinense Cruz e Sousa, e para incentivar a produção cultural, o Governo do Estado de Santa Catarina institui o Prêmio Cruz e Sousa - Concurso Nacional de Poesia, que será regido pelo seguinte

REGULAMENTO:

1º - O Prêmio Cruz e Sousa se destina a brasileiros residentes no País ou no exterior.

2º - Os originais do livro, em língua portuguesa, deverão ser enviados em seis (6) vias, em papel formato ofício, datilografados de um só lado, sem limite de páginas.

3º - Serão classificados três (3) originais:
1º lugar - Cr$ 500.000,00.
2º lugar - Cr$ 250.000,00.
Prêmio especial para autor catarinense -
Cr$ 250.000,00.

4º - Além dos prêmios em dinheiro, os autores receberão troféu com a efígie do poeta.

5º - As inscrições estarão abertas do dia 8 de outubro de 1980 até o dia 12 de janeiro de 1981.

6º - A entrega dos prêmios será feita em Florianópolis, na 1ª quinzena de abril de 1981.

7º - A Comissão Julgadora poderá conceder menções honrosas, recomendando-as para publicação.

8º - Os originais deverão ser inéditos, sendo que a divulgação dos mesmos, por qualquer meio, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

9º - O autor catarinense - assim considerado o nato ou residente no Estado há cinco (5) anos ou mais, ou, ainda, o que comprovadamente participou ou participe do movimento literário de Santa Catarina, a critério da Comissão Organizadora -, para concorrer também ao prêmio especial, deverá indicá-lo na face do envelope que conterá os originais, escrevendo a palavra "Catarinense".

10º - Os prêmios não poderão ser acumulados pelo mesmo autor.

11º - Nos originais deverão figurar apenas o título do livro e o pseudônimo do autor.

12º - Com os originais o concorrente enviará um envelope lacrado, em cuja face constará o título do livro e o seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações:
a) - Título do livro.
b) - Pseudônimo do autor.
c) - Nome completo do autor.
d) - Breve currículo.

13º - O envelope maior (contendo os originais e o envelope menor) deverá ser endereçado à Fundação Catarinense de Cultura - Rua Victor Konder, 71 - Caixa Postal D-31 - CEP 88.000 - Florianópolis - Santa Catarina, com a indicação: "Ao Prêmio Cruz e Sousa - Concurso Nacional de Poesia".

14º - Além do prêmio em dinheiro e do troféu, o primeiro colocado terá o livro editado, para o que cederá os direitos da primeira edição à Fundação Catarinense de Cultura.

15º - O prazo para a edição será de seis (6) meses a partir da divulgação dos resultados; findo este prazo, os direitos retornarão ao autor, que poderá negociá-los com qualquer editora.

16º - A Fundação Catarinense de Cultura terá, igualmente, opção para a edição do segundo colocado.

17º - A Fundação Catarinense de Cultura constituirá a Comissão Julgadora com cinco (5) nomes de reconhecido valor nacional.

18º - As decisões da Comissão serão irrecorríveis, reservando-se à mesma o direito de não atribuir qualquer dos prêmios.

19º - Será dado um prazo de sessenta (60) dias para que os autores retirem os originais não premiados; esgotado este período, todos os originais serão incinerados.

20º - A remessa dos originais constituirá, por si só, a inscrição no Concurso, dela se depreendendo a aceitação, por parte do concorrente, das norm contidas no presente regulamento.

21º - Os casos omissos serão decididos, em conjunto, pelas comissões Julgadora e Organizadora do Concurso.

Ó doce abismo estrelado, nirvana sonâmbulo, taça negra de aromas quentes, onde eu bebo o elixir do esquecimento e do sonho! Como eu amo todas as tuas majestades, todas as tuas estrelas, todos os teus ventos, todas as tuas tempestades, todas as tuas formas e forças! Como eu sinto os perfumes que vêm das grandes rosas místicas dos teus maios; os eflúvios vibrantes, cândidos e finos dos teus junhos; o grasnar dos teus abutres e o claro bater das asas dos teus anjos! Como eu aspiro sedento todos esses cheiros salgados do mar dominador, essa vida aromal das folhagens, das selvas reverdecidas com os teus orvalhos revigoradores, com a tua esquiva castidade misteriosa!

Ah! como eu te amo, Noite! Como a tua eloqüência muda me fala, me impressiona e me chama, Aparição seráfica, fabulosa irmã do Caos e das Legendas!

CRUZ E SOUSA

Evocações, "A Noite" (trecho)

SANTA CATARINA

GOVERNO JORGE BORNHAUSEN

PRÊMIO CRUZ E SOUSA

CONCURSO NACIONAL DE ROMANCE

REGULAMENTO

O Governo do Estado de Santa Catarina institui o Prêmio Cruz e Sousa – Concurso Nacional de Romance, que será regido pelo seguinte

REGULAMENTO:

1º – O Prêmio Cruz e Sousa se destina a brasileiros residentes no País ou no exterior.

2º – Os originais do livro, em língua portuguesa, deverão ser enviados em 6 (seis) vias, em papel formato ofício, datilografados de um só lado, sem limite de páginas.

3º – Serão classificados 3 (três) originais:
1º lugar – Cr$ 1.000.000,00
2º lugar – Cr$ 500.000,00
Prêmio especial para autor catarinense – Cr$ 500.000,00.

4º – As inscrições estarão abertas de 16 de abril a 15 de agosto de 1982.

5º – A entrega dos prêmios será feita em Florianópolis, em 30 de outubro de 1982.

6º – Os originais deverão ser inéditos, sendo que a divulgação dos mesmos, por qualquer meio, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

7º – O autor catarinense, nato ou residente no Estado há 5 (cinco) anos ou mais, ou, ainda,o que comprovadamente participou ou participe do movimento literário de Santa Catarina, a critério da Comissão Organizadora – para concorrer também ao prêmio especial, deverá indicá-lo na face do envelope que conterá os originais, escrevendo a palavra "Catarinense".

8º – Os prêmios não poderão ser acumulados pelo mesmo autor.

9º – Nos originais deverão figurar apenas o título do livro e o pseudônimo do autor.

10 – Com os originais o concorrente enviará um envelope fechado, em cuja face constará o título do livro e o seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações:
a – Título do livro.
b – Pseudônimo do autor.
c – Nome completo do autor.
d – Breve currículo.

11 – O envelope maior (contendo os originais e o envelope menor) deverá ser endereçado à Fundação Catarinense de Cultura
– Rua Victor Konder, 71
– Caixa Postal D–31
– CEP 88.000 – Florianópolis
– Santa Catarina, com a indicação: "Ao Prêmio Cruz e Sousa – Concurso Nacional de Romance".

12 – Além do prêmio em dinheiro, o primeiro colocado terá o livro editado, para o que cederá os direitos da primeira edição à Fundação Catarinense de Cultura.

13 – O prazo para a edição será de 6 (seis) meses a partir da divulgação dos resultados; findo este prazo, os direitos retornarão ao autor, que poderá negociá-los com qualquer editora.

14 – A Fundação Catarinense de Cultura terá, igualmente, opção para a edição do segundo colocado.

15 – A Fundação Catarinense de Cultura constituirá a Comissão Julgadora com 5 (cinco) nomes de reconhecido valor nacional.

16 – As decisões da Comissão serão irrecorríveis, reservando-se à mesma o direito de não atribuir qualquer dos prêmios.

17 – Será dado um prazo de 60 (sessenta) dias para que os autores retirem os originais não premiados; esgotado este período, todos os originais serão incinerados.

18 – A remessa dos originais constituirá, por si só, a inscrição no Concurso, dela se depreendendo a aceitação, por parte do concorrente, das normas contidas no presente regulamento.

19 – Os casos omissos serão decididos, em conjunto, pelas Comissões Julgadora e Organizadora do Concurso.

06

•5

INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DE SANTA CATARINA

Convite

Participando das homenagens alusivas ao
Centenário de Morte do
insígne poeta catarinense
Cruz e Sousa,
o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
realizará Sessão Comemorativa,
para a qual pede a honra de sua presença.

Programa

Painel: **Cruz e Sousa e Desterro de seu tempo**

Coordenador: Osvaldo Ferreira de Melo

Participantes:
Evaldo Pauli: Panorama sócio cultural de Desterro.
Carlos Humberto Corrêa: O movimento da Idéia Nova e suas conseqüências.
Leatrice Moellmann Pagani: A obra literária de Cruz e Sousa produzida em Desterro.

Haverá participação especial do Grupo Armação
que interpretará obras do poeta.

Hora: 17,00
Data: 20 de maio (quarta feira) de 1998
Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa, Florianópolis, SC

07

CRUZ E SOUSA

DIA : 25/08/94

Hora: 20:30

Local : MUSEU CRUZ E SOUSA

O GRUPO PESQUISA TEATRO NOVO / UFSC APRESENTA :

"VOZES VELADAS"

Uma Leitura Dramática do texto inédito de :

Eglê Malheiros.

* TEXTO QUE RESGATA A VIDA E OBRA DE CRUZ E SOUSA *

COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA
Criada pelo Decreto Estadual N° 2.111 de 05 de agosto de 1997
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica - 88025-202 - Florianópolis SC - Fone (048) 2349848

PROGRAMAÇÃO DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA

PROPOSTA DA COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO

A presente programação está sujeita a alterações, podendo ser acrescida de outras propostas e projetos idealizados por algumas das instituições que integram a comissão.

CRONOGRAMA PREVISTO

Mês de MARÇO/98

Dia 19 (data de falecimento do poeta)

- Recital de poemas de Cruz e Sousa ao som de piano, apresentados por ator e músico, de renome nacional. Os nomes dos artistas ainda não estão confirmados.
  Local: Centro Integrado de Cultura
  Promoção: Fundação Catarinense de Cultura

- Palestra proferida pelo escritor Carlos Nejar, na Academia Catarinense de Letras
- Sessão Solene no Senado Federal (Brasília).
- Divulgação do vencedor do concurso literário sobre a poesia de Cruz e Sousa e realização de recital com cenário premiado em concurso específico.
  Local da realização: Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma - SC.

- Ao longo do mês de março a Fundação Franklin Cascaes deverá lançar o projeto de poemas impressos de Cruz e Sousa nos ônibus de Florianópolis. Outra programação daquela Fundação: dar início, junto com a Secretaria Municipal de Educação, às atividades escolares destinadas a estimular e expandir o conhecimento sobre a obra de Cruz e Sousa na rede escolar do Município. A municipalidade da Capital estará promovendo também palestra do senador Ronaldo Cunha Lima, que falará sobre Cruz e Sousa e a influência de sua poesia entre os nordestinos.

Mês de MAIO

- A Universidade Federal de Santa Catarina programou para o mês de maio o Seminário Nacional sobre Cruz e Sousa. Serão realizadas palestras pela manhã e conferências e debates no período da tarde, com a presença de palestrantes e conferencistas catarinenses e de outros Estados do País.
  Data: de 19 a 23

COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA
Criada pelo Decreto Estadual N° 2.111 de 05 de agosto de 1997
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica - 88025-202 - Florianópolis SC - Fone (048) 2349848

- Cruz e Sousa e a Desterro de seu Tempo é o tema do painel que o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina programou para o mês de maio.

Mês de JULHO

Início das apresentações previstas pela UDESC:

- Exposição itinerante de artes plásticas: recital itinerante de música; espetáculos cênicos itinerantes (leituras dramáticas com vestuário da época); out-door comemorativo ao evento.
  Todas as atividades planejadas pela UDESC serão desenvolvidas pelos professores e alunos do Centro de Artes daquela Universidade, as quais cumprirão itinerância por diversas cidades do Estado de Santa Catarina.

Mês de AGOSTO

- Abertura da exposição Leitura Visual da Poética de Cruz e Sousa
  Local: Museu de Arte de Santa Catarina
  Artistas plásticas criarão obras em pintura, gravura e desenho a partir de poemas de Cruz e Sousa. Será editado um catálogo em cores com obras visuais e literárias.
  A exposição fará itinerância em seis cidades catarinenses e em três capitais: Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro. (A confirmar os locais onde será montada a exposição). Promoção da Fundação Catarinense de Cultura.
- Lançamento do CD de Edino Krieger. Promoção FCC/Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Mês de SETEMBRO

Apresentação da peça teatral Vozes Veladas, de Eglê Malheiros, no Teatro Álvaro de Carvalho.

Mês de OUTUBRO

- Estréia da Ópera, montada por grupo local, com encenações previstas para Florianópolis e outras cidades de Santa Catarina e outros Estados do país.

Mês de NOVEMBRO

A União Brasileira de Escritores/SC programou para o mês de novembro as seguintes ações:

- III Encontro de Escritores Catarinenses, dedicado à poética de Cruz e Sousa, em Blumenau; lançamento da edição bilingüe português-francês dos sonetos de Cruz e Sousa, traduzidos por Anasthasie Ajuona Angoran; lançamento de CD-ROM sobre Cruz e Sousa.

COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA
Criada pelo Decreto Estadual Nº 2.111 de 05 de agosto de 1997
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica - 88025-202 - Florianópolis SC - Fone (048) 2349848

- Abertura da exposição fotobiográfica, com textos e imagens sobre a vida do poeta, na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, juntamente com lançamento, em livro, da palestra Cruz e Sousa - o desterro do corpo, proferida pelo professor Antônio Carlos Secchin, quando da abertura da programação do Centenário, na própria AL, no dia 26/11/97.
  Data: 24/11/98 - Encerramento do Centenário.

Lançamentos de livros programados:

Cruz e Sousa e Baudelaire - Satanismo poético, de Marie Hélène Torres;

Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul, de Rodrigues Till (reedição);

Cruz e Sousa e o Movimento simbolista brasileiro, de Abelardo Montenegro (reedição);

Poesia e vida de Cruz e Sousa, de R. Magalhães Jr.;

Edição fac-similar de Faróis, de Cruz e Sousa;

Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense, de Henrique da Silva Fontes;

Poemas de Cruz e Sousa (edição paradidática), de Eglê Malheiros.

Os lançamentos das obras literárias mencionadas deverão ocorrer ao longo do ano, inseridos nos eventos previstos na programação geral do Centenário.

CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA

1898 - 1998

ANTE-PROJETO DE REALIZAÇÃO

COMISSÃO ESTADUAL DO CENTENÁRIO DE MORTE DE CRUZ E SOUSA
Criada pelo Decreto Estadual N° 2.111 de 05 de agosto de 1997
Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5600 - Agronômica - 88025-202 - Florianópolis SC
Fone (048) 2349848

INTRODUÇÃO

O ano de 1998 (a 19 de março) marca o centenário de morte do poeta ***Cruz e Sousa***. Consagrado como "um dos melhores poetas brasileiros de todos os tempos" (Zahidé L. Muzart, Poesia completa, 1993), este catarinense é autor de obra de expressão universal, como qualifica Roger Bastide, incluindo Cruz e Sousa entre os três maiores simbolistas do mundo.

Ainda que reconhecida e reverenciada nos meios literários, a grandiosidade da obra de ***Cruz e Sousa*** permaneceu pouco difundida para fora dessas fronteiras, não sendo muito conhecida do grande público catarinense e brasileiro.

O governo do Estado deseja romper essas barreiras. Por isso pretende que seja realizado um programa de atividades múltiplas, objetivando celebrar a memória do poeta e também tornar sua obra conhecida por todos os brasileiros.

A integração de entidades públicas e privadas na execução e financiamento das atividades alusivas às comemorações é fundamental para que o Centenário de ***Cruz e Sousa*** alcance o brilho e o destaque dos quais sua obra e sua biografia são merecedoras.

PROGRAMA DE ATIVIDADES

PROJETO I

NOVEMBRO/97

SESSÃO SOLENE NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

O que é?

As comemorações do Centenário serão iniciadas no dia 25 de novembro de 1997 (Dia de Santa Catarina - o nascimento do poeta se deu a 24/11), com sessão solene na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Como funcionará?

A sessão contará com palestra de um estudioso da Literatura Brasileira convidado pela AL. O nome do palestrante é sugerido pela Comissão Estadual.
Além da sessão parlamentar e da palestra, na ocasião será feito o lançamento e sessão de autógrafo do texto proferido, o qual será editado anteriormente pela própria Assembléia Legislativa.

Custo Orçado

Os custos deste projeto ficarão a cargo da AL.

PROJETO II

MARÇO/98

DIA 19 - DATA DA MORTE DE CRUZ E SOUSA

O que se planeja?

1. Evento no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, envolvendo artes cênicas e música.
2. Evento na Academia Catarinense de Letras.

Como funcionará?

- Realização de recital de poemas de ***Cruz e Sousa*** ao som de piano, apresentados por ator e músico de renome nacional.
- Exibição de ópera do Centenário montada e apresentada por artistas catarinenses com experiência na área.
- Realização de painéis, mesa-redonda, seminário e palestras na Academia Catarinense de Letras.

Custo orçado

R$ 79.000,00

PROJETO III

MAIO/98

SEMINÁRIO NA UFSC

O que se planeja?

Realizar um seminário na Universidade Federal de Santa Catarina sobre temáticas relacionadas à poesia de ***Cruz e Sousa***.

Como funcionará?

O seminário reunirá debatedores e estudiosos da obra de ***Cruz e Sousa*** oriundos de todo o Brasil e será promovido pelo Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

Custo orçado

R$ 20.000,00

PROJETO IV

JULHO/98

EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

O que se planeja?

Organizar a montagem da exposição de artes plásticas denominada ***Leitura visual da poética de Cruz e Sousa.***

Como funcionará?

Serão convidados 20 artistas catarinenses para execução de trabalhos na área de gravura, desenho e pintura para realizar obra baseada em poema de ***Cruz e Sousa***.
Será editado um catálogo em cores com as obras plásticas e literárias, acompanhadas de estudo elaborado por um especialista da poesia de ***Cruz e Sousa.***
A exposição será inaugurada no MASC, Florianópolis, e percorrerá três capitais brasileiras: Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro, além de outras seis cidades de Santa Catarina.

Custo orçado

R$ 75.000,00

PROJETO V

JULHO/98

PEÇA TEATRAL *VOZES VELADAS*

O que se planeja?

Montagem e apresentação da peça teatral de Eglê Malheiros, "Vozes Veladas", em Florianópolis, e itinerância por outras cidades do Estado.

Custo orçado de montagem

R$ 50.000,00

PROJETO VI

SETEMBRO/98

ATIVIDADES ARTÍSTICAS DA UDESC

O que se planeja?

1. Exposição itinerante de artes plásticas;
2. Recital itinerante de música;
3. Espetáculos cênicos itinerantes (leituras dramáticas, com vestuário de época);
4. Out-door comemorativo do evento.

Como funcionará?

As atividades serão desenvolvidas pelo Centro de Artes da UDESC e todas elas terão a participação de alunos e professores daquela Universidade.

Custo orçado

R$ 70.000,00

PROJETO VII

NOVEMBRO/98

ATIVIDADES DA UBE/SC

O que se planeja?

1. CD-ROM sobre ***Cruz e Sousa***;
2. III Encontro de Escritores Catarinenses, a ser realizado em Florianópolis e dedicado a ***Cruz e Sousa***;
3. Publicação da edição bilingüe português-francês dos sonetos de ***Cruz e Sousa***, traduzidos por Anasthasie Ajuona Angoran.

Como funcionará?

As atividades descritas serão desenvolvidas pela União Brasileira de Escritores - UBE/SC.

Custo orçado:

R$ 62.000,00

PROJETO VIII

EDIÇÃO DE LIVROS PELA FCC EDIÇÕES

O que se planeja?

Edições de livros, para distribuição às bibliotecas

Como funcionará?

O projeto será desenvolvido ao longo do ano do Centenário e propõe editar ensaios de especialistas e edição fac-símille de ***Faróis***; fotobiografia de Cruz e Sousa e reedição de ***Poesia e vida de Cruz e Sousa***, de R. Magalhães Júnior.

Custo orçado

R$ 45.000,00

PROJETO IX

CONSCIENTIZAÇÃO NACIONAL

O que se planeja?

Deslocamento dos integrantes da comissão

Como funcionará?

Ao longo do ano os integrantes da Comissão do Centenário precisarão se deslocar para participarem dos eventos que serão realizados fora de Florianópolis. Os deslocamentos ocorrerão também para organizar os eventos; contatos com autoridades e meios de comunicação.

Custo orçado

R$ 25.000,00

PROJETO X

RBS DEBATE

O que se planeja?

Realização do RBS Debates em cinco cidades catarinenses, para ampliar as discussões da obra de ***Cruz e Sousa***.

Como funcionará?

A RBS irá promover e divulgar o evento, que terá debatedores convidados procedentes de Santa Catarina e de outros Estados. A Comissão Estadual poderá indicar os nomes dos especialistas convidados.

Custo orçado

Os custos do presente projeto correrão por conta da promotora.

Qual o montante de recursos envolvidos?

O custo global dos projetos apresentados soma R$ 501.000,00

PROJETO	VALOR
Projeto I	AL
Projeto II - item 1 **item 2**	68.000,00 11.000,00
Projeto III	20.000,00
Projeto IV - item 1 **item 2**	75.000,00 50.000,00
Projeto V	70.000,00
Projeto VI	62.000,00
Projeto VII	45.000,00
Projeto VIII	promotora
Projeto IX	25.000,00
TOTAL	501.000,00

3 Índice por autor

Autor	Referência	Nº
ALVES, Uelinton Farias	ALVES, Uelinton Farias. Cruz e Sousa e a negritude. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.16.	18e
ASCHER, Nelson	ASCHER, Nelson. Tristeza do infinito. **Folha de São Paulo**, 15 de mar. de 1998. Mais!/Poesia, p.5	13
BACK, Sylvio	BACK, Sylvio. A luz preta. **Folha de São Paulo**. 15 DE MAR. DE 1998. Mais!/Poesia, P.11	12
BARBOSA, Lydio	BARBOSA, Lydio. Cruz e Sousa, **Novidade,** 22 mar. [1905]	48
CASTRO, Sílvio	CASTRO, Sílvio. **Cruz e Souza, poesia e centenário**. Rio de Janeiro: Associação Bras. Do Congresso Pela Liberdade da Cultura, 1961.	58
CORREA, Nereu	CORREA, Nereu. Presença de Cruz e Souza. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28b
COSTA, Cristiane	COSTA, Cristiane. Surpresas de Cruz e Sousa. **Jornal do Brasil,** 13 de jan. de 1996.	32
D'EÇA. Othon	D'EÇA. Othon. Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28a
DAMIÃO, Carlos	DAMIÃO, Carlos. Há cem anos, morria Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Cultura, p.15	06
DAMIÃO, Carlos	DAMIÃO, Carlos. Cruz e Sousa, lembrança de um poeta de vanguarda. **O Estado,** Florianópolis, 21 e 22 de mar. de 1998. Magazine/Poesia	10
DAMIÃO, Carlos	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Cultura, p. 12.	35
DAMIÃO, Carlos	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, 14 de dez. de 1995.	46
GOMES, Osmar	GOMES, Osmar. A cruz no nome e a noite. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. Capa - Anexo	04
GOMES, Osmar	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Sousa tem ambiguidades. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo.	07
GOMES, Osmar	GOMES, Osmar. Nenhum ensaio inscrito ao Prêmio Cruz e Souza. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo	08
GOMES, Osmar	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **ANCapital,** Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades/Ricardinho Machado, p.5	14
GOMES, Osmar.	GOMES, Osmar. Cruz e Sousa homenageado em todo Brasil. **AN Capital**, 31 de out. de 1997.	54
GONZAGA, Sergius	GONZAGA, Sergius. O simbolismo brasileiro e a obra de Cruz e Sousa. **Zero Hora**, 05 de nov. de 1997.	53
IVO, Ledo	IVO, Ledo. Sobre Cruz e Sousa. Conferência pronunciada no dia 14 de maio de 1998 na solenidade promovida pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o centenário de morte de Cruz e Sousa.	61
LIMA, Jeferson	LIMA, Jeferson. Vida e morte sob o signo da miséria.	05

	A Notícia, 24 de nov. de 1997. Anexo	
MACEDO, Dimas	MACEDO, Dimas. Inéditos de Cruz e Souza. 02 pag.	57
MALHEIROS, Eglê	MALHEIROS, Eglê. Lugar de poesia. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6.	18b
MENEZES, Cacau	MENEZES, Cacau. Para Escolher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.	39
MERTEN, Luiz Carlos	MERTEN, Luiz Carlos. Um simbolista para o ano 2000. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01a
MIGUEL, Salim	MIGUEL, Salim. O Fim. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.3	28c
MIGUEL, Salim	MIGUEL, Salim. O pretinho da antiga Desterro. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.	28d
MIGUEL, Salim	MIGUEL, Salim. O filho do Desterro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.54-55, mar. de 1998.	60b
MOURA JR., João	MOURA JR., João. Herdeiro de um céu vazio sem respostas. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2. D7.	01d
MUZART, Zahidé Lupinacci	MUZART, Zahidé Lupinacci. Um poeta do século XX. . **Ô Catarina,** Florianópolis, set./out. 1997. p.9.	17a
MUZART, Zahidé Lupinacci	MUZART, Zahidé Lupinacci. O moleque, um pasquim do século XIX. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.14.	18d
MUZART, Zahidé Lupinacci	MUZART, Zahidé Lupinacci. Resgates de Cruz e Sousa. **Ô Catarina,** n. 31, set/out. 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.7.	20
MUZART, Zahidé Lupinacci	MUZART, Zahidé Lupinacci. Cruz e Sousa e a crítica. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.60-63, mar. de 1998.	60d
NAME, Daniela	NAME, Daniela. Drama simbolista. **O Globo**, 19 de mar. de 1998. Capa, Segundo Caderno	02
PIZA, Daniel	PIZA, Daniel. As ambivalências de Cruz e Sousa. **Gazeta Mercantil,** 14-15 mar. de 1998. Caderno da Gazeta Mercantil, p. 7, Cultura.	11
RABELLO, Ivone	RABELLO, Ivone. A voz poética que desafina o coro. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01b
RAMOS, Claudio da Costa	RAMOS, Claudio da Costa. Um negro, um catarinense. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.17. Boletim da Comissão Estadual do Centenário de Morte do Cruz e Sousa, n.4.	18f
RAMOS, Sérgio da Costa	RAMOS, Sérgio da Costa. Cem anos de Escuridão: Cruz, o acrobata da dor. **Diário Catarinense**, memória, p. 4.	22a
REZENDE, Dorva	REZENDE, Dorva. Homenagens ao poeta que marcou a história. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.	24
REZENDE, Dorva	REZENDE, Dorva. Blues e glória de Cruz e Sousa.	24a

	Diário Catarinense, 26 de nov. de 1997. Variedades.	
RUFINONI, Simone Rossinetti	RUFINONI, Simone Rossinetti. O Satã negro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.56-59, mar. de 1998.	60c
SECCHIN, Antônio Carlos	SECCHIN, Antônio Carlos. A Cruz do corpo em Cruz e Sousa. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.4	18a
SILVA, Beatriz Coelho	SILVA, Beatriz Coelho. Para família poesia não é prioridade. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01c
SOARES, Iaponan, CARDOZO, Flávio José, MUZART, Zahidé L.	SOARES, Iaponan, CARDOZO, Flávio José, MUZART, Zahidé L. **Cruz e Sousa**. Florianópolis: FCC, 1991. (Escritores Catarinenses, n.3)	59
SOUSA, Cruz.	SOUSA, Cruz. Cabellos e olhos. **A Fé:** órgão da Associação Irmão Joaquim. Florianópolis, 1908.	47b
SOUZA, Cruz	SOUZA, Cruz e. Na Romaria da Trindade. **Regeneração**, n. 122. 7 de jun. de 1887.	49
SOUZA, Cruz	SOUZA, Cruz e. A Vida nas praias.	50
SOUZA, Cruz	SOUZA, Cruz e. Entre Cypréstes (no dia de finados)	51
SOUZA, Cruz	SOUZA, Cruz. A Saleta de floricultura.	52
SOUZA, Silveira	SOUZA, Silveira. Os sonetos da Noite. **Ô Catarina**, n.30, Florianópolis, jul./ago 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.5	19
STEGEMAN, Carlos	STEGEMAN, Carlos. Revelações do poeta simbolista. **Jornal do Brasil,** 01 de dez. de 1990. P.9	03
TEIXEIRA, Ivan	TEIXEIRA, Ivan. Para uma leitura de Broquéis. 03 pag.	56
TEIXEIRA, Ivan	TEIXEIRA, Ivan. Metafísica do exílio. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.46-53, mar. de 1998.	60a
TELES, Gilberto Mendonça	TELES, Gilberto Mendonça. Do polichinelo ao Arlequim: de Cruz e Sousa a Mário da Andrade. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.8.	18c
	CRUZ e Sousa: Poeta de canto próprio, de amor a vida. A Notícia, 19 de mar. de 1998. C-7 Especial.	04a
	Cruz e Sousa: Filho de escravos que se tornou o maior poeta catarinense. A Notícia, 15 de jan. de 1998. Especial, C-7,	09
	CRUZ e Sousa. A Notícia, 19 de mar. de 1998. Encarte Especial	15
	CRUZ e Sousa. [Encarte Especial sobre o Prêmio Cruz e Sousa, 1981].	16
	CRUZ e Sousa revisitado. Ô Catarina, Florianópolis, set./out. 1997.	17
	CRUZ e Sousa. Ô Catarina. Florianópolis, mar./abr. 1998	18
	100 anos sem o poeta negro. Diário Catarinense, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Especial	21
	O CENTENÁRIO do poeta transgressor. Diário Catarinense, memória, p. 4	22
	CRUZ e Sousa: 90 anos sem o gigante do simbolismo. Diário Catarinense, Florianópolis, 20 de mar, de 1988.	23

	Número Especial.	
	CRUZ e Sousa. Encarte da Academia de Comércio de Santa Catarina. 24 de dez. de 1961.	25
	ESPECIAL Cruz e Sousa. Boi de Mamão. 1980. Encarte Especial	26
	GRUPO DE PESQUISA TEATRO NOVO DAC/UFSC. Vozes Veladas: Cruz e Sousa, uma voz viva de Eglê Malheiros. Ficha técnica e programa da peça.	27
	CENTENÁRIO de Cruz e Sousa. Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28
	CRUZ e Sousa teria hoje 137 anos. O Estado, 24 de nov. de 1998. Cultura	29
	MUZART, Shaidé. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. Linha Viva, n. 366, 13 de jun. de 1996.	30
	SANTA Catarina promove romance com Prêmio Cruz e Souza. Jornal de Brasília, 6 de jun. de 1982. Jornal de Domingo.	31
	CRUZ e Sousa: o louco da mortal loucura faz aniversário. A Notícia, 24 de nov. de 1998. Anexo	33
	GRUPO de teatro relê vida e obra de Cruz e Sousa. O Estado, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.	34
	CRUZ e Sousa. Diário Catarinense, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Variedades, p. 7	36
	A INTELECTUALIDADE rejeita o passado. Diário Catarinense, Florianópolis, 3 de set. de 1994. Diário de Cultura.	37
	CRUZ e Sousa: peça inédita é mais uma homenagem a escritor. A Notícia, 16 de ago. de 1994. Variedades, p.29.	38
	ÁLBUM de família. O Cruzeiro, 5 de nov. de 1995. Arquivos implacáveis de João Conde.	40
	PRÊMIO. Diário Catarinense, Florianópolis, 5 de mar. de 1995. Visor	41
	VOZES veladas. O Estado, 13 de dez. de 1995.	42
	VOZES veladas. O Estado, 13 de dez. de 1995. Roteiro.	43
	CRUZ e Sousa. Diário Catarinense, 14 de dez. de 1995. Variedades	44
	EGLÊ Malheiros estreia a peça “Vozes Veladas”. AN Capital, 14 de dez. de 1995. Geral	45
	TIBURCIO Freitas	47
	ALVORDA da indústria	47a
	CEM anos sem Cruz e Sousa. Fronte Cultural, n. 02, abr. 1998.	55
	DOSSIÊ Cruz e Sousa: 100 anos. CULT: Revista Brasileira de Literatura. N.8, mar. de 1998.	60

4 ÌNDICE POR ANO

Ano	Referência	Nº
1887	SOUZA, Cruz e. Na Romaria da Trindade. **Regeneração**, n. 122. 7 de jun. de 1887.	49
[1905]	BARBOSA, Lydio. Cruz e Sousa, **Novidade,** 22 mar. [1905]	48
1908	SOUSA, Cruz. Cabellos e olhos. **A Fé:** órgão da Associação Irmão Joaquim. Florianópolis, 1908.	47b
1961	CASTRO, Sílvio. **Cruz e Souza, poesia e centenário**. Rio de Janeiro: Associação Bras. Do Congresso Pela Liberdade da Cultura, 1961.	58
1961	CORREA, Nereu. Presença de Cruz e Souza. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28b
1961	D'EÇA. Othon. Cruz e Sousa. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28a
1961	MIGUEL, Salim. O Fim. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.3	28c
1961	MIGUEL, Salim. O pretinho da antiga Desterro. **Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte**, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961. p.	28d
1961	CRUZ e Sousa. Encarte da Academia de Comércio de Santa Catarina. 24 de dez. de 1961.	25
1961	CENTENÁRIO de Cruz e Sousa. Roteiro - Mensário de Divulgação, Cultura e Arte, Florianópolis, Ano 3, n.5, nov. de 1961.	28
1980	ESPECIAL Cruz e Sousa. Boi de Mamão. 1980. Encarte Especial	26
[1981]	CRUZ e Sousa. [Encarte Especial sobre o Prêmio Cruz e Sousa, 1981].	16
1982	SANTA Catarina promove romance com Prêmio Cruz e Souza. Jornal de Brasília, 6 de jun. de 1982. Jornal de Domingo.	31
1988	CRUZ e Sousa: 90 anos sem o gigante do simbolismo. Diário Catarinense, Florianópolis, 20 de mar, de 1988. Número Especial.	23
1990	STEGEMAN, Carlos. Revelações do poeta simbolista. **Jornal do Brasil,** 01 de dez. de 1990. P.9	03
1991	SOARES, Iaponan, CARDOZO, Flávio José, MUZART, Zahidé L. **Cruz e Sousa**. Florianópolis: FCC, 1991. (Escritores Catarinenses, n.3)	59
1994	MENEZES, Cacau. Para Escolher. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.	39
1994	GRUPO de teatro relê vida e obra de Cruz e Sousa. O Estado, Florianópolis, 25 de ago. de 1994.	34
1994	A INTELECTUALIDADE rejeita o passado. Diário Catarinense, Florianópolis, 3 de set. de 1994. Diário de Cultura.	37
1994	CRUZ e Sousa: peça inédita é mais uma homenagem a escritor. A Notícia, 16 de ago. de 1994. Variedades, p.29.	38
1995	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Cultura, p. 12.	35
1995	DAMIÃO, Carlos. Eglê Malheiros lança sua peça sobre Cruz e Sousa. **O Estado**, 14 de dez. de 1995.	46
1995	CRUZ e Sousa. Diário Catarinense, Florianópolis, 14 de dez. de 1995. Variedades, p. 7	36
1995	ÁLBUM de família. O Cruzeiro, 5 de nov. de 1995. Arquivos implacáveis de João Conde.	40
1995	PRÊMIO. Diário Catarinense, Florianópolis, 5 de mar. de 1995. Visor	41

1995	VOZES veladas. O Estado, 13 de dez. de 1995.	42
1995	VOZES veladas. O Estado, 13 de dez. de 1995. Roteiro.	43
1995	CRUZ e Sousa. Diário Catarinense, 14 de dez. de 1995. Variedades	44
1995	EGLÊ Malheiros estreia a peça "Vozes Veladas". AN Capital, 14 de dez. de 1995. Geral	45
1996	COSTA, Cristiane. Surpresas de Cruz e Sousa. **Jornal do Brasil,** 13 de jan. de 1996.	32
1996	MUZART, Shaidé. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. Linha Viva, n. 366, 13 de jun. de 1996.	30
1997	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Sousa tem ambiguidades. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo.	07
1997	GOMES, Osmar. Nenhum ensaio inscrito ao Prêmio Cruz e Souza. **A Notícia,** 9 de dez. de 1997. Anexo	08
1997	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **ANCapital,** Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades/Ricardinho Machado, p.5	14
1997	GOMES, Osmar. Cruz e Sousa homenageado em todo Brasil. **AN Capital**, 31 de out. de 1997.	54
1997	GONZAGA, Sergius. O simbolismo brasileiro e a obra de Cruz e Sousa. **Zero Hora**, 05 de nov. de 1997.	53
1997	LIMA, Jeferson. Vida e morte sob o signo da miséria. **A Notícia,** 24 de nov. de 1997. Anexo	05
1997	REZENDE, Dorva. Homenagens ao poeta que marcou a história. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.	24
1997	REZENDE, Dorva. Blues e glória de Cruz e Sousa. **Diário Catarinense**, 26 de nov. de 1997. Variedades.	24a
1997	CRUZ e Sousa revisitado. Ô Catarina, Florianópolis, set./out. 1997.	17
1998	ALVES, Uelinton Farias. Cruz e Sousa e a negritude. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.16.	18e
1998	ASCHER, Nelson. Tristeza do infinito. **Folha de São Paulo**, 15 de mar. de 1998. Mais!/Poesia, p.5	13
1998	BACK, Sylvio. A luz preta. **Folha de São Paulo**. 15 DE MAR. DE 1998. Mais!/Poesia, p.11	12
1998	DAMIÃO, Carlos. Há cem anos, morria Cruz e Sousa. **O Estado**, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Cultura, p.15	06
1998	DAMIÃO, Carlos. Cruz e Sousa, lembrança de um poeta de vanguarda. **O Estado,** Florianópolis, 21 e 22 de mar. de 1998. Magazine/Poesia	10
1998	GOMES, Osmar. A cruz no nome e a noite. **A Notícia,** 19 de mar. de 1998. Capa - Anexo	04
1998	IVO, Ledo. Sobre Cruz e Sousa. Conferência pronunciada no dia 14 de maio de 1998 na solenidade promovida pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o centenário de morte de Cruz e Sousa.	61
1998	MALHEIROS, Eglê. Lugar de poesia. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6.	18b
1998	MIGUEL, Salim. O filho do Desterro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.54-55, mar. de 1998.	60b
1998	MUZART, Zahidé Lupinacci. Um poeta do século XX. . **Ô Catarina,** Florianópolis, set./out. 1997. p.9.	17a
1998	MUZART, Zahidé Lupinacci. O moleque, um pasquim do século XIX. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr.	18d

	1998. p.14.	
1998	MUZART, Zahidé Lupinacci. Resgates de Cruz e Sousa. **Ô Catarina,** n. 31, set/out. 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.7.	20
1998	MUZART, Zahidé Lupinacci. Cruz e Sousa e a crítica. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.60-63, mar. de 1998.	60d
1998	NAME, Daniela. Drama simbolista. **O Globo**, 19 de mar. de 1998. Capa, Segundo Caderno	02
1998	PIZA, Daniel. As ambivalências de Cruz e Sousa. **Gazeta Mercantil,** 14-15 mar. de 1998. Caderno da Gazeta Mercantil, p. 7, Cultura.	11
1998	RAMOS, Claudio da Costa. Um negro, um catarinense. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.17. Boletim da Comissão Estadual do Centenário de Morte do Cruz e Sousa, n.4.	18f
1998	RUFINONI, Simone Rossinetti. O Satã negro. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.56-59, mar. de 1998.	60c
1998	SECCHIN, Antônio Carlos. A Cruz do corpo em Cruz e Sousa. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.4	18a
1998	TEIXEIRA, Ivan. Metafísica do exílio. **CULT: Revista Brasileira de Literatura.** N.8, p.46-53, mar. de 1998.	60a
1998	TELES, Gilberto Mendonça. Do polichinelo ao Arlequim: de Cruz e Sousa a Mário da Andrade. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.6. **Ô Catarina**. Florianópolis, mar./abr. 1998. p.8.	18c
1998	CRUZ e Sousa: Poeta de canto próprio, de amor a vida. A Notícia, 19 de mar. de 1998. C-7 Especial.	04a
1998	Cruz e Sousa: Filho de escravos que se tornou o maior poeta catarinense. A Notícia, 15 de jan. de 1998. Especial, C-7,	09
1998	CRUZ e Sousa. A Notícia, 19 de mar. de 1998. Encarte Especial	15
1998	CRUZ e Sousa. Ô Catarina. Florianópolis, mar./abr. 1998	18
1998	100 anos sem o poeta negro. Diário Catarinense, Florianópolis, 19 de mar. de 1998. Especial	21
1998	CRUZ e Sousa teria hoje 137 anos. O Estado, 24 de nov. de 1998. Cultura	29
1998	CRUZ e Sousa: o louco da mortal loucura faz aniversário. A Notícia, 24 de nov. de 1998. Anexo	33
1998	DOSSIÊ Cruz e Sousa: 100 anos. CULT: Revista Brasileira de Literatura. N.8, mar. de 1998.	60
2000	MERTEN, Luiz Carlos. Um simbolista para o ano 2000. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01a
2000	MOURA JR., João. Herdeiro de um céu vazio sem respostas. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2. D7.	01d
2000	RABELLO, Ivone. A voz poética que desafina o coro. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01b
2000	SILVA, Beatriz Coelho. Para família poesia não é prioridade. **Estado de São Paulo**, Ano 19, n. 1018, 30 de abr. de 2000, Cultura, Caderno 2.	01c
	MACEDO, Dimas. Inéditos de Cruz e Souza. 02 pag.	57
	RAMOS, Sérgio da Costa. Cem anos de Escuridão: Cruz, o acrobata da dor. Diário Catarinense, memória, p. 4.	22a
	SOUZA, Cruz e. A Vida nas praias.	50
	SOUZA, Cruz e. Entre Cypréstes (no dia de finados)	51
	SOUZA, Cruz. A Saleta de floricultura.	52
	SOUZA, Silveira. Os sonetos da Noite. Ô Catarina, n.30, Florianópolis,	19

	jul./ago 1998. Folha do Centenário Cruz e Sousa 1898-1998, n.5	
	TEIXEIRA, Ivan. Para uma leitura de Broquéis. 03 pag.	56
	O CENTENÁRIO do poeta transgressor. Diário Catarinense, memória, p. 4	22
	GRUPO DE PESQUISA TEATRO NOVO DAC/UFSC. Vozes Veladas: Cruz e Sousa, uma voz viva de Eglê Malheiros. Ficha técnica e programa da peça.	27
	TIBURCIO Freitas	47
	ALVORDA da indústria	47a
	CEM anos sem Cruz e Sousa. Fronte Cultural, n. 02, abr. 1998.	55